

A rainha Margot

Alexandre Dumas

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A Rainha Margot

Alexandre Dumas.

Editora Planeta De Agostini, Lisboa, 2004.

Romance.

Esta obra foi digitalizada sem fins comerciais e destina-se unicamente =à leitura de pessoas portadoras de deficiência visual. Por =força da lei de direitos de autor, este ficheiro não pode ser =distribuído para outros fins, no todo ou em parte, ainda que =gratuitamente.

Digitalização: Fernando Jorge Alves =Correia

Correcção: Dores Cunha

A Rainha Margot

Original da tradução: Lello Editores, Lda.

presente edição:

Editora Planeta De Agostini, S. A.

Lisboa - 2004

ISB N: 989-G09-074-02

Depósito legal: 213827/04

Capa: Manuel Quina

Ilustrações: Paulo Meunier Viana

Revisão gráfica: Laurinda Brandão

Paginação: Maria Esther - Gabinete de Artes Gráficas, Lda.

Impressão e encadernação: Cay fosa - Quebecor, Santa Perpétua =de

Mogoda (Barcelona)

Printed in Spain - Impresso em Espanha

ÍNDICE

I

O latim do Sr. de Guisa 5

II - O quarto da rainha de Navarra... 13

III -

Um rei poeta

21

IV - A tarde de 24 de Agosto de 1572.

29

V

Do Louvre, em particular, e da virtude em geral...

35

VI - A dívida paga

. 43

VII - A noite de 24 de Agosto de 1572.

. 50

VIII -

Os assassinados.

60

IX - Os assassinos 68

X

Morte, missa ou Bastilha... 77

XI - O espinheiro do Cemitério dos Inocentes.

86

XII - As confidências

93

XIII -

As chaves que abrem as portas a que não são =destinadas

XIV -

Segunda noite de noivado.

... 106

XV - O que a mulher quer, Deus o quer

... 113

XVI -

O corpo do inimigo morto sempre cheira bem 122

XVII -

O colega de Mestre Ambrósio Pará

... 129

XVIII -

As almas do outro mundo.

... 135

XIX-

A habitação de mestre Renato, perfumista da rainha-

=mãe.

... 141

XX - As galinhas pretas.

... 149

XXI -

O quarto da baronesa de Sauve... ... 155

XXII -

Senhor, vossa majestade há-de ser rei! ... 161

XXIII -

Um novo convertido ... 165

XXIV -

A Rua Tizon e a Rua do Sino Rachado... . 175

XXV -

A capa cor de cereja.

... 183

XXVI -

Margarida.

... 190

XXVII -

A mão de Deus...

... 196

XXVIII - A carta de Roma...

... 200

XXIX - A =partida...

... 204

XXX -

Maurevel... = ... 208

XXXI - A = caçada...

... 213

XXXII -

Fraternidade ... 219

=040XXXIII - A gratidão do rei Carlos IX.

... 224

XXXIV- Deus =dispõe

... 229

XXXV-

A=noite dos reis. ... 237

XXXVI -

=Anagrama.

... 242

XXXVII - A volta para o Louvre

... 246

XXXVIII - =Interrogatórios

... 253

XXXÍX - =Projectos de vingança

... 259

XL - Os Atiradores ... =270

XLI - O horóscopo

... =277

XLII - As =confidências.

. 283

XLIII - Os =embaixadores... ... 290

XLIV - Orestes e Pilades... ... 295

XLV - Orthon

... 302

=616 XLVI - A hospedaria da Estrela Brilhante... ... 309

XLVII - =De Mouy de Saint-Phale...

... 317

XLVIII - Duas cabeças para uma coroa

... =322

XLIX - O tratado =de montaria ... 330

L - A altanaria.

... =336

LI - O pavilhão de Francisco I

. 342

LII - Investigações =... 348

LIII - Actéon ... 355

LIV - Vincenas... ... =361

LV - A figurinha =de cera.

... 366

LVI - Os escudos invisíveis

... 374

LVII - Os juizes...

=... 379

LVIII - O =tormento doBorzequim

... 385

LIX - A capela... ... =392

LX - A =Praça de S. João de Grève.

. 395

LXI - A torre do =pelourinho ... 399

LXII - O suor de sangue.

... 406

=328 LXIII - A plataforma do torreão de Vincenas ... 409

LXIV - A regência. ... =412

LXV - O rei morreu: Viva o rei!...

415

LXVI - Epílogo ... 419

I

O Latim Do Sr. De Guisa

Na segunda-feira, do décimo oitavo dia do mês de Agosto de 1572,
=havia grande festa no Louvre.

As janelas do antigo palácio real, ordinariamente tão sombrias,
=estavam ardentemente iluminadas; as praças e as ruas próximas,
=habitualmente tão solitárias desde que davam nove horas em S.
=Germano L'Auxerrois, estavam, embora fosse meia-noite,
atulhadas de =povo.

Toda essa concorrência ameaçadora, apertada, ruidosa,
=assemelhava-se, na escuridão, a um mar sombrio e agitado, cujas
ondas =se tornavam em vagas sussurrantes; esse mar, que
assoberbava o cais, =onde desaguava pela Rua dos Fossés S. Germano
e pela Rua de =L'Astruce, vinha bater com o seu fluxo no sopé dos
muros do Louvre, e =com o refluxo na base do Palácio de Bourbon,
que se erguia =defronte.

Havia, a despeito da festa real, e talvez por causa dela, o quer
que =fosse de ameaçador nesse povo, porque ele bem percebia que
a =solenidade a que assistia como espectador era o prelúdio de
outra, =adiada para daí a oito dias, para a qual seria convidado,
e em que se =divertiria de modo a satisfazer plenamente os seus
desejos.

A corte celebrava o consórcio de Margarida de Valois, filha do

rei =Henrique II e irmã do rei Carlos IX, com Henrique de Bourbon, rei de =Navarra. O cardeal de Bourbon havia unido de manhã os dois esposos, com o cerimonial usado nos casamentos dos =infantes de França, num pavilhão armado à porta da Nossa =Senhora de Paris.

Este casamento causara admiração a todos, e dera muito que pensar =a algumas pessoas que eram mais atiladas do que outras: mal se =compreendia a aproximação de dois partidos que tanto se odiavam naquele momento, o partido protestante e o partido =católico; e perguntava-se como era que o príncipe de Condé =havia de perdoar ao duque de Anjou, irmão do rei, a morte de seu pai, =assassinado em Jarnac por Montesquieu. Perguntava-se como era que o =duque de Guisa havia de perdoar também ao almirante Coligny a morte =do pai, assassinado em Orleães por Poltrot de Mère. Ainda mais: =Joana de Navarra, a corajosa esposa do fraco António de Bourbon, que =acompanhara seu filho Henrique aos régios esponsais que o esperavam, =tinha morrido havia apenas dois meses, e tinham-se propagado boatos =singulares acerca dessa morte repentina. Por toda a parte se dizia =baixinho (e em alguns lugares muito alto) que ela surpreendera um =segredo terrível, e que Catarina de Médicis, temendo a =revelação desse segredo, a envenenara com luvas aromatizadas, que =tinham sido feitas por um florentino chamado Renato, habilíssimo na =matéria. Este boato tanto se

espalhara e confirmara, que, depois da =morte da grande rainha, a pedido do filho, dois médicos, dos quais um =era o famoso Ambrósio Paré, foram autorizados a abrir e examinar o =cor po, mas não o cérebro. E, como fora pelo olfacto que Joana de =Navarra tinha sido envenenada,

o cérebro, única parte do corpo excluída da autópsia, era =que havia de apresentar os vestígios do crime. Dizemos crime porque =ninguém duvidava que se havia cometido um crime.

Não é ainda tudo: o rei Carlos, particularmente, empregara neste =casamento, que não só estabelecia a paz no seu reino, mas =também atraía a Paris os principais huguenotes da França, uma =persistência que se assemelhava a uma teimosia. Como os noivos =pertenciam, um à religião católica, e o outro à reformada, =fora necessário impetrar dispensa de Gregório XIII, que ocupava =então o trono pontifício. A dispensa tardava, e a demora =inquietava muito a defunta rainha de Navarra e ela exprimira um dia a =Carlos IX o receio de que a dispensa não chegasse, ao que o rei =respondera:

- Não lhe dê cuidado, minha boa tia; eu venero-a mais do que ao =papa, e amo minha irmã mais do que o reino. Não sou huguenote, mas =também não sou tolo, e se o Sr. Papa se fizer firme eu mesmo =pegarei na mão de Margot e a levarei a casar com seu filho à =Igreja protestante.

Estas palavras espalharam-se do Louvre pela cidade, e, causando muito =prazer aos huguenotes, deram muito que pensar aos católicos, que =perguntavam em segredo uns aos outros se o rei os atraíaoava =realmente, ou se estava representando uma comédia, que uma bela =manhã ou uma bela noite teria o seu desenlace inesperado.

Era principalmente para com o almirante Coligny que havia cinco ou seis =anos fazia uma guerra encarniçada ao rei, que o procedimento de =Carlos IX parecia inexplicável; depois de haver posto a cabeça a =preço de cento e cinquenta mil escudos de ouro, o rei já não =jurava senão por ele, chamando-lhe pai e declarando em voz alta que =ia confiar a ele só, daí em diante, a direcção da guerra; a =coisa chegara a tal ponto, que a própria Catarina de Médicis, que =até então regulara as acções, as vontades e até os =desejos do jovem príncipe, parecia começar a inquietar-se de veras; =e não era sem motivo, porque, num momento de expansão, Carlos IX =dissera ao almirante, a propósito da guerra da Flandres:

- Meu pai, há ainda nisto uma coisa em que se deve ter todo o =cuidado: é que a rainha-mãe, que quer meter o nariz em tudo, como =sabe, não venha a ter notícia desta empresa; conservemo-la tão =secreta que não dê por ela, porque, enredadeira como é, =estragar-nos-ia tudo. Ora, por mais prudente e mais

experimentado que =fosse, Coligny não pudera conservar secreta
tamanha confiança e, =embora houvesse chegado a Paris com muitas
suspeitas, e na sua partida =de Châtillon se lhe houvesse lançado
aos pés uma camponesa, =bradando: Oh, Senhor, Senhor, nosso bom
amo! não vá a Paris, =porque se lá for morrerá, e todos os que
forem consigo, essas =suspeitas haviam-se-lhe desvanecido
gradualmente no coração, e a =Teligny, seu genro, a quem o rei,
pela sua parte, mostrava muita =amizade, chamando-lhe irmão, como
chamava ao almirante pai, e =tratando-o por tu, como o fazia aos
seus melhores amigos.

Os huguenotes, alguns espíritos tristes e desconfiados, estavam
pois =inteiramente animados e a morte da rainha de Navarra passava
por ter =sido causada por uma pleurisia, e as vastas salas do
Louvre haviam-se =enchido de todos os bravos protestantes, a quem
o casamento do seu jovem =chefe Henrique prometia uma reviravolta
de fortuna muito inesperada. O =almirante Coligny la
Rochefoucauld, o príncipe de Condé filho, =Teligny, enfim, todos
os principais do partido julgavam- se triunfantes =por verem
omnipotentes no Louvre e tão bem-vindos a Paris, aqueles =mesmos
que, três meses antes, o rei Carlos e a rainha Catarina =queriam
mandar enforcar em forcas mais altas que as dos assassinos.
=Apenas um, o marechal de Montmorency se buscava debalde no meio
de todos =os seus irmãos; porque nenhuma promessa pudera

seduzi-lo, nenhum sen =blante pudera enganá-lo, e conservava-se retirado no seu castelo de =L'Isle-Adam, dando como desculpa do seu retiro a dor que sentia ainda =pela morte do pai, o grande condestável Anne Montmorency, morto com =um tiro de pistola na batalha de São Dinis, por Roberto Stuart. Mas =como esse acontecimento se dera havia mais de dois anos, e a =sensibilidade era virtude pouco em moda naquela época, cada um =julgava desse luto prolongado tão fora do costume o que muito bem =queria.

6

E ninguém dava razão ao marechal de Moncmorency o rei, a rainha, o =duque de Anjou e o duque de Alençon faziam maravilhosamente as honras =da festa real.

O duque de Anjou recebia dos próprios huguenotes cumprimentos =merecidos acerca das duas batalhas de Jarnac e de Moncontour, que havia =ganho antes de chegar à idade de dezoito anos, mais precoce neste =caso do que tinham sido César e Alexandre, aos quais o comparavam, =dando, bem entendido, a inferioridade aos vencedores de Isso e de =Farsália. O duque de Alençon observava tudo isto com o seu olhar =terno, mas falso; a rainha Catarina estava radiante de alegria, e, =desentranhando-se toda em amabilidades, cumprimentava o príncipe =Henrique de Condé pelo seu recente casamento com Maria de Cleves; os =próprios Srs. de Guisa sorriam para os terríveis inimigos da sua =Casa, e o duque de Maiena discorria com o Sr. de Tavande e o almirante =acerca

da próxima guerra que mais que nunca se tratava de declarar a
=Filipe II.

Andava de um lado para o outro, no meio destes grupos, com a cabeça
=inclinada e de ouvido atento a todas as falas, um rapaz de
dezanove =anos, de olhar sagaz, cabelos pretos muito curtos,
sobrancelhas =espessas, nariz recurvado como o bico de uma águia,
sorriso astuto, e =bigode e barba a despontar. Este rapaz, que
não se havia ainda feito =notar senão no combate de Arnay -Le-Duc,
onde fizera proezas, e que =recebia parabéns sobre parabéns, era
o discípulo querido de =Coligny, e o herói do dia; três meses
antes, isto é, na =época em que a mãe vivia ainda, chamavam-lhe
o príncipe de =Béarn; agora chamavam-lhe rei de Navarra, enquanto
lhe não =chamassem Henrique IV.

De tempos a tempos, passava-lhe pela frente uma nuvem sombria e
=rápida; recordava-se certamente de que havia apenas dois meses
que a =mãe lhe morrera, e mais do que ninguém desconfiava de que
fora =envenenada. Mas a nuvem era passageira, e desaparecia como
uma sombra =flutuante porque os que Lhe falavam, os que o
felicitavam, os que o =acotovelavam, eram os mesmos que haviam
assassinado a corajosa Joana de =Albret.

A alguns passos do rei de Navarra, quase tão pensativo, quase tão
=inquieto quanto ele queria mostrar-se alegre e sincero, o duque
de Guisa =conversava com Teligny. Mais feliz do que o bearnês,

aos vinte e dois =anos a sua fama tinha atingido quase a do pai, o grande Francisco de =Guisa. Era um elegante rapaz, alto, de olhar arrogante e orgulhoso, e =dotado da majestade natural que fazia dizer, quando passava, que ao =pé dele todos os outros príncipes pareciam povo. Embora fosse =muito moço, os católicos viam nele o chefe do seu partido, como os =huguenotes viam o chefe deles no jovem Henrique de Navarra, de quem =acabámos de traçar o retrato. Tinha usado primeiro o título de =príncipe de Joinville, e pegado pela primeira vez em armas no cerco =de Orleães, sob o comando do pai, que lhe morrera nos braços, =designando-lhe o almirante Coligny como seu assassino. Então, o jovem =duque, como Anz'bal, fizera um juramento solene: era vingar a morte do =pai no almirante e na sua família, e perseguir os da religião, sem =tréguas, prometendo a Deus ser na Terra o seu anjo exterminador, =até ao dia em que fosse exterminado o último hereje. Não era =pois sem profundo espanto que se via este príncipe, ordinariamente =tão fiel a sua palavra, estender a mão aos que jurara considerar =seus eternos inimigos, e conversar familiarmente com o genro daquele de =quem prometera a morte ao pai moribundo.

Mas já o dissemos, esta noite era a das surpresas.

O facto é que, com o conhecimento do futuro que falta felizmente aos =homens, com a faculdade de ler nos corações, que

=desgraçadamente não pertence senão a Deus, o observador

=privilegiado que tivesse a permissão de assistir a esta festa,
=gozaria certamente do mais curioso espectáculo que fornecem os
anais =da triste comédia humana.

Mas esse observador que faltava nas galerias interiores do
Louvre, =continuava na rua a olhar com os olhos chamejantes e a
bramir com a voz =ameaçadora; esse observadoz era o povo, que,
com o seu instinto =maravilhosamente acicatado pelo ódio, seguia
de longe as sombras dos =seus inimigos implacáveis, e traduzia
as suas impressões tão =sinceramente como o pode fazer o curioso
diante das janelas de uma sala =de baile hermeticamente fechada.

A música embriaga e dirige
quem dança, ao passo que o curioso vê só o movimento, e ri =desse
manequim que se agita sem razão; porque o curioso não =entende
de música.

A música que embriagava os huguenotes era a voz do seu orgulho.
Os clarões que passavam pelos olhos dos Parisienses naquela
noite, =eram os relâmpagos do seu ódio, que iluminavam o futuro.
E, todavia, continuava tudo risonho lá dentro, e até nesse momento
=corria por todo o Louvr um murmúrio mais doce e mais lisonjeiro;
o =caso era que a noiva, depois de haver largado o seu vestido
de noivado, =o manto de arrastar e o comprido véu, acabava de
entrar na sala de =baile acompanhada pela linda duquesa de Nevers,
a sua melhor amiga, e =pelo braço de seu irmão Carlos IX, que a

apresentava aos =principais convivas.

Esta noiva era a filha de Henrique If, era a pérola da coroa de =França, era Margarida de Valois a quem, na sua familiar ternura por =ela, o rei Carlos IX não chamava senão minha irmã Margot. Nunca decerto nenhum acolhimento, por mais lisonjeiro que fosse, fora =tão merecido como o que nesse momento se fazia à nova rainha de =Navarra. Margarida, nessa época, tinha apenas vinte anos, e já era =objecto dos louvores de todos os poetas, que a comparavam, uns à =Aurora outros a Citereia; era, efectivamente, a beleza sem rival da =corte em que Catarina de Médicis reu nira as mulheres mais lindas que =pudera encontrar. Tinha os cabelos pretos, a tez brilhante, os olhos =voluptuosos e com compridas pestanas, a boca rubra e fina, o corpo =elegante e flexível, e perdido num sapato de cetim um pezinho de =criança. Os Franceses, que a possuíam, tinham orgulho em ver =desabrochar no seu solo tão esplêndida flor, e os estrangeiros que =passavam pela França saíam de lá deslumbrados pela sua beleza, =se a tinham visto somente, aturdidos pelo seu saber, se haviam =conversado com ela. Margarida era não só a mais bela, mas =também a mais instruída das mulheres do seu tempo, e citava-se a =frase de um sábio italiano que lhe fora apresentado e que depois de =ter conversado com ela uma hora em italiano, espanhol, latim e grego, a =deixara, dizem do com entusiasmo:

- Ver a corte sem ver Margarida de Valois, é não ver nem a =França

nem a corte. Não faltavam por isso discursos ao rei Carlos =IX e à rainha de Navarra; os huguenotes eram muito faladores. No meio =desses discursos, foram destramente feitas ao rei alusões ao passado =e petições para o futuro; mas a tudo isso ele respondia, com os =lábios pálidos e o seu sorriso astuto:

- Dando minha irmã Margot a Henrique de Navarra, dou minha irmã a =todos os protestantes do reino.

Palavras que faziam sossegar uns e sorrir outros, porque tinham =realmente dois sentidos: um paternal, e com que, em boa consciência, =Carlos IX não queria sobrecarregar o seu pensamento; o outro, =injurioso para a noiva, para seu marido e mesmo para o que o dizia, =porque recordava alguns escândalos surdos com que a crônica da =corte já achara meio de manchar o traje nupcial de Margarida de =Valois.

Entretanto, o Sr. de Guisa conversava, como dizemos, com Taligny; mas =não dava à conversação atenção tão seguida que =não se voltasse às vezes, deitando um olhar para o grupo de damas =no centro do qual resplandecia a rainha de Navarra. Se o olhar da =princesa encontrava então o do jovem duque, parecia que uma nuvem lhe =escurecia a fronte encantadora, em torno da qual estre las de diamantes =formavam uma trêmula auréola, e algum vago intuito se manifestava =na sua posição impaciente e agitada.

A princesa Cláudia, irmã mais velha de Margarida, que havia alguns

=anos casara com o duque de Lorena, havia notado essa inquietação,
=e aproximava-se dela para lhe perguntar a causa, quando,
desviando-se =todos para deixar passar a rainha-mãe, pelo braço
do príncipe =de Condé, a princesa foi impelida para longe da irmã.
Houve =então um movimento geral, que o duque de Guisa aproveitou
para se =acercar da Sr. a de Nevers, sua cunhada, e por conseguinte
de =Margarida

A Sr.a de Lorena, que não perdera de vista a jovem rainha, viu
=então, em vez da nuvem que lhe notara na fronte, assomar-lhe às
=faces uma chama ardente. O duque continuava a aproximar-se, e
quando =chegou a dois passos de Margarida, esta, que mais parecia
senti-lo do =que vê-lo, voltou-se, fazendo um violento esforço
para mostrar no =rosto serenidade e indiferença; então o duque
cumprimentou-a =respeitosamente e, ao curvar-se diante dela,
murmurou a meia voz:

- Ipse uttuli.

O que queria dizer: Trouxe-o eu mesmo.

Margarida respondeu à cerimónia do duque e, ao erguer-se,
=respondeu também a meia voz:

- Noctu pro more.

O que significava: Esta noite como de costume.

Estas meigas palavras, absorvidas pela enorme gola engomada da princesa
=como pela voluta de um porta-voz, não foram ouvidas
senão pela =pessoa a quem foram dirigidas; mas, por mais curto

que houvesse sido o =diálogo, abrangia sem dúvida tudo o que os dois jovens queriam =dizer, porque, depois dessa troca de duas palavras por três, =separaram-se, Margarida de frente mais pensativa, e o duque de frente =mais radiante, do que antes de se haverem aproximado. Esta cena =realizava-se sem que o homem mais interessado em a notar parecesse =dar-lhe a menor atenção, porque, pela sua parte, o rei de Navarra =não tinha olhos senão para uma pessoa que reunia em torno de si =uma corte quase tão numerosa como a de Margarida de Valois: essa =pessoa era a Sr. de Sauve.

Carlota de Beaune Semblançay, neta do desditoso Semblançay e =mulher de Simão de Fizes, barão de Sauve, era açafata de =Catarina de Médicis, e uma das mais temíveis auxiliares desta =rainha, que ministrava aos seus inimigos o filtro do amor quando não =ousava ministrar-lhes o veneno florentino; pequena, loura, ora =cintilante de viveza, ora lânguida de melancolia, sempre disposta =para o amor e para o enredo, os dois negócios magnos que, havia =cinquenta anos, ocupavam a corte dos três reis que se tinham =sucedido; mulher, em toda a acepção da palavra, e com todos os =encantos apropriados, desde os olhos azuis lânguidos, onde brilhavam =chamas, até aos pezinhos travessos e metidos em sapatos de veludo, a =Sr. de Sauve apoderara-se, havia meses, de todas as faculdades do rei de =Navarra, que se estreava então na

carreira amorosa e na carreira =política, por modo que Margarida de Navarra, beleza magnífica e =real, nem havia sequer encontrado admiração no fundo da alma do =esposo; e o que espantava toda a gente era que Catarina de Médicis, =persistindo no seu projecto de união da filha com o rei de Navarra, =não tinha deixado de favorecer quase abertamente os amores deste com =a Sr de Sauve. Mas, a despeito deste poderoso auxílio e dos costumes =fáceis da época, a bela Carlota resistira até então, e desta =resistência desconhecida, incrível, inaudita, ainda mais do que da =beleza e do espírito da que resistia, nascera no coração do =Bearnês uma paixão que, não podendo saciar-se, se enroscara =sobre si mesma e devorava no coração do rei a timidez, o orgulho e =até a incúria, meio filosófica meio preguiçosa, que =constituía o fundo do seu carácter.

A Sr.a de Sauve acabava de entrar havia minutos na sala do baile; ou =fosse despeito ou fosse dor, resolvera primeiro não assistir à =vitória da sua rival e, a pretexto de uma indisposição, deixara =o marido, secretário de Estado, apresentar-se sozinho no Louvre; mas, =ao ver o barão de Sauve sem a mulher, Catarina de Médicis =informara-se das causas que afastavam a sua querida Carlota e, sabendo =que era apenas uma leve indisposição, escreveu-lhe algumas =palavras a chamá-la, e às quais ela se apressou a obedecer. =Henrique, embora triste a princípio, por causa da

ausência dela, =respirara contudo mais livremente quando vira o Sr. de Sauve entrar =só; mas, no momento em que, não esperando de forma alguma essa =aparição, ia, suspirando, aproximar-se da amável criatura que =estava condenado, senão a amar, a tratar como esposa, viu surgir no =extremo da galeria a S.ra de Sauve; ficou então como que pregado no =sítio, de olhos fitos nessa circe que o encadeava

como um laço mágico; e em vez de continuar a avançar para a =esposa, por um acto de hesitação que mais parecia espanto do que =medo, dirigiu-se para a S.ra de Sauve.

Pela sua parte, os cortesãos, vendo que o rei de Navarra, de quem era =já conhecido o coração inflamado, se acercava da linda Carlota, =não tiveram a coragem de se opor a que se juntassem e afastaram-se =condescendentemente, de modo que, no próprio instante em que =Margarida Valois e o Sr. de Guisa trocavam as palavras latinas que =citámos, Henrique, chegando ao pé da S.ra de Sauve, travava com =ela, em francês muito inteligível, uma conversação muito =menos mis teriosa.

- Ah! minha querida! - disse ele - veio no momento em que me estavam =dizendo que se achava doente, e em que perdera a esperança de a =ver.

- Pretenderá Vossa Majestade - respondeu a S.ra de Sauve - fazer-me =crer que lhe custava muito perder essa esperança?

- Assim o creio! - replicou o Bearnês. - Não sabe que é o meu =sol de dia e a minha estrela de noite?. Na verdade, eu supunha-me na =mais profunda escuridão; quando há pouco a senhora apareceu, =alumiou tudo repentinamente.

- Então foi uma peça que lhe preguei.

- Que quer dizer, minha querida? - perguntou Henrique.

- Quero dizer que quem possui a mais linda mulher de França, a =única coisa que deve desejar é que desapareça a luz para dar =lugar à escuridão, porque é na escuridão que a ventura nos =espera.

- Bem sabe que a minha ventura está nas mãos de uma pessoa, e que =essa pessoa ri e mofa do pobre Henrique.

- Oh! - tornou a baronesa - e eu supunha que essa pessoa era o =ludíbrio e o escárnio do rei de Navarra.

Henrique ficou aterrado com essa atitude hostil; e, contudo, reflectia =que ela denunciava despeito, e que o despeito é a máscara do =amor.

- Em verdade - disse ele -, querida Carlota, faz-me uma censura injusta, =e não compreendo como tão linda boca possa ser ao mesmo tempo =tão cruel. Então crê que sou eu que me caso? Oh! não! não =sou eu!

- Então sou eu, não? - replicou asperamente a baronesa (se é =que pode alguma vez parecer áspera a voz da mulher que nos ama e nos

=exprobra por não a amarmos).

- Pois com esses lindos olhos não viu mais longe, baronesa? Não,

=não, não é Henrique de Navarra que casa com Margarida de =Valois.

- Então quem é?

- Ora! é a religião reformada que casa com o papa.

- Menos isso, menos isso, Senhor; e eu não me deixo lograr pelos seus =ditos espirituosos. Vossa Majestade ama Margarida, e eu não lhe levo =isso a mal, Deus me livre! é bem bonita, e tem direito a ser =amada.

Henrique reflectiu um instante e, enquanto reflectia, encrespou-lhe os =cantos da boca um astuto sorriso.

- Baronesa - disse ele -, parece-me que quer questionar comigo e, =contudo, não tem direito para isso. Ora diga- me, que fez para =impedir que eu casasse com Margarida? Nada; muito pelo contrário, =fiz-me desesperar sempre.

- E fiz muito bem! - respondeu a Sr.a de Sauve.

- Que diz!

- Certamente, porque casou hoje com outra.

- Ah! casei com ela porque a senhora não me ama.

- Se eu o amasse, Real Senhor, tinha de morrer dentro de uma hora.

10

- Dentro de uma hora? Que quer dizer? E de que morte morreria?

- De ciúme. Porque, dentro de uma hora, a rainha de Navarra

=despedirá as suas damas, e Vossa Majestade os seus gentis-homens.

- É esse na verdade, o pensamento que a preocupa, minha querida?

- Não digo isso. Digo que, se o amasse, esse pensamento me =preocuparia horrivelmente.

- E - exclamou Henrique, no auge da alegria por ouvir essa confissão, =a primeira que recebera - se o rei de Navarra não mandasse embora =esta noite os seus gentis-homens?.

- Vossa Majestade - disse a Sr.a de Sauve, olhando para o rei com um =espanto que desta vez não era fingido - está dizendo coisas =impossíveis, e mais que tudo incríveis.

- Que hei-de fazer para que as acredite?

- Havia de me dar a prova, e não pode dar-ma.

- Pois, baronesa, por Santo Henrique, que lha hei-de dar! -

exclamou o =rei, devorando a baronesa com um olhar abrasado de amor.

- Não compreendo Vossa Majestade!. - murmurou Carlota, baixando a voz =e os olhos.

- Não compreendo. Não, não! É impossível que se furte =à ventura que o espera.

- Há quatro Henriques nesta sala, minha adorada - tornou o rei.

- =Henrique de França, Henrique de Condé, Henrique de Guisa; mas =não há senão um Henrique de Navarra.

- E daí?

- E daí? Se a senhora tiver Henrique de Navarra toda a noite ao pé =de si.

- Toda a noite?

- Sim, toda a noite; terá então a certeza de que ele não =estará ao pé de outra?.

- Ah! se fizer isso, Real Senhor! - exclamou a S.ra de Sauve.

- Palavra que faço.

A S.ra de Sauve levantou os seus grandes olhos, húmidos de =voluptuosas promessas, e sorriu para o rei, cujo coração se encheu =de inebriante alegria.

- Vamos - tornou Henrique -, nesse caso que dirá?

- Oh! nesse caso. - respondeu Carlota - nesse caso direi que sou =verdadeiramente amada por Vossa Majestade.

- Então há-de dizê-lo, porque assim sucederá.

- Mas. como? - murmurou a S.ra de Sauve.

- Oh! por Deus, baronesa! pois não tem uma aia, ou uma criada em quem =confie?.

- Oh! tenho Daríole, que me é tão dedicada que se deixaria =cortar em pedaços por minha causa; um verdadeiro tesouro.

- Pois, querida baronesa, diga a essa rapariga que hei-de fazer a =fortuna dela, quando for rei de França, como os astrólogos mo =predizem.

Carlota sorriu, porque já a esse tempo estava fundada a =reputação gascã do Bearnês relativamente às suas =promessas.

- Então - disse ela - que é que deseja de Darióle?

- Pouca coisa para ela, tudo para mim.

- Mas que é?

- O seu quarto não fica por cima do meu?

- Fica.

- Que ela espere atrás da porta. Baterei de mansinho três =pancadas; ela abrirá, e a senhora terá a prova que lhe =ofereci.

A Sr.a de Sauve guardou silêncio por alguns minutos, e depois, =olhando em redor de si para não ser ouvida, fitou a vista no grupo =onde estava a rainha-mãe; mas, embora fosse por um instante, tanto =bastou para que Catarina e a sua açafata trocassem um olhar.

11

- Oh! se eu quisesse. - disse a Sr.a de Sauve, com voz de sereia que =teria feito derreter a cera nos ouvidos de Ulisses - se eu quisesse =apanhar Vossa Majestade em mentira.

- Experimente, minha querida, experimente.

- Ah! palavra! confesso que entro em luta com o desejo.

- Deixe-se vencer; quando as mulheres são mais fortes é depois da =derrota.

- Tomo nota da sua promessa em favor de Darfole para o dia em que

for =rei de França. Henrique soltou um grito de alegria.

Era exactamente no momento em que este grito saía da boca do
=Bearnês que a rainha de Navarra respondia ao duque de Guisa:

- Noctu pro more.

Esta noite como de costume.

Então Henrique apartou-se da S.ra de Sauve, tão venturoso como
o =duque de Guisa ao separar-se de Margarida de Valois.

Uma hora depois da dupla cena que acabámos de contar, retiraram-se

=para os seus aposentos o rei Carlos e a rainha- mãe; e pouco

depois =começaram as salas a despovoar-se e as galerias a deixar

ver a base =das suas colunas de mármore. O almirante e o príncipe

de Condé =saíram, acompanhados de quatrocentos fidalgos

huguenotes por entre a =multidão, que bramava à sua passagem.

Depois retiraram-se também =Henrique de Guisa, os cavalheiros

lorenos e os católicos, escoltados =por gritos de alegria e

aplausos do povo.

Margarida de Valois, Henrique de Navarra e a S.ra de Sauve

habitavam no =Louvre.

II

O QUARTO DA RAINHA DE NAVARRA

O duque de Guisa acompanhou a cunhada, a duquesa de Nevers, ao seu =palácio, que era situado na Rua da Chaume, defronte da Rua de Brac, =e, depois de a haver entregue às criadas, dirigiu-se ao seu quarto =para mudar de fato, pôr um capote e armar-se com um punhal curto e =agudo, dos que se usavam sem espada; mas, quando ia buscá-lo à =mesa onde estava, achou um bilhete metido entre o ferro e a bainya.

Abriu-o, e leu o seguinte:

Quero que o Sr de Guisa não volta esta noite ao Louvre, ou, se voltar =que terá aprecaução de levar uma cota de malha e uma boa =espada.

- Ah! ah! - disse o duque, voltando-se para o aio - singular aviso, =mestre Robin. Fazes-me o favor de me dizer quais foram as pessoas que =entraram aqui durante a minha ausência?

- Só uma, Senhor.

- Quem?

- O Sr. Du Gast.

- Ah! ah! Bem me parecia a mim que conhecia a letra. E tens a certeza de =que esteve aqui Du Gast? Viste-o?

- Mais do que isso, Senhor, falei-lhe.

- Bom, então seguirei o conselho. Dá cá a minha cota de malha e

=a minha espada. O aio, habituado a estas mudanças de trajo, trouxe =uma e outra coisa. O duque vestiu então a cota, de anéis tão =flexíveis que a urdidura do aço não era mais espessa do que =veludo; vestiu depois, por cima, uns calções e um gibão =cinzento e preto, as suas cores favoritas; calçou botas altas, que =lhe chegavam ao meio das coxas, pôs na cabeça um gorro de veludo =preto sem plumas nem pedrarias, embrulhou-se num capote escuro, meteu um =punhal no cinturão e, entregando a espada a um pajem, única =escorta de que quis ir acompanhado, tomou o caminho do Louvre. Quando ele transpunha os umbrais do antigo palácio real, acabava de =anunciar uma hora da madrugada o velador de S. Germano, L'Auxerrois.

Embora estivesse adiantada a noite, e fossem pouco seguras as ruas =naquela época, nenhum desastre sucedeu no caminho ao aventureiro =príncipe, e ele chegou são e salvo diante da bisarma do antigo =Louvre, onde todas as luzes se haviam apagado sucessivamente, e que se =ericiava, a essa hora formidável, de silêncio e de =escuridão.

Em frente do palácio real havia um fosso profundo, para o qual dava a =maior parte dos quartos dos príncipes alojados no palácio. O =quarto de Margarida era no primeiro andar.

13

Mas o primeiro andar, acessível se não fosse o fosso, ficava, por =causa dele, elevado cerca de trinta pés, e, por conseguinte, fora

do =alcance dos amantes e dos ladrões, o que não obsteu a que o Sr. de =Guisa descesse resolutamente ao fosso.

No mesmo instante, ouviu-se o rumor de uma janela do rés-do-chão =que se abria. Essa janela tinha grades; mas apareceu uma mão, =levantou um dos varões desprendidos antecipadamente e deixou cair, =pela abertura, um cordão de seda.

- tu, Gillonne? - perguntou o duque em voz baixa.

- Sim senhor - respondeu uma voz de mulher, com inflexão ainda mais =baixa.

- E Margarida?

- Está à sua espera.

- Está bem.

A estas palavras, o duque fez sinal ao pajem, que, abrindo o capote, =desenrolou uma escada de corda. O príncipe prendeu uma das =extremidades da escada ao cordão que estava pendente.

Gillonne puxou =a escada para si, amarrou-a solidamente, e o príncipe, depois de =haver afivelado a espada ao cinturão, começou a escalada, que =levou a cabo sem novidade. Sobre ele tornou a seu lugar o varão, =fechou-se a janela, e o pajem, depois de ter visto entrar pacificamente =o amo no Louvre, a cujas janelas o acompanhara muitas vezes do mesmo =modo, deitou-se, embrulhado no seu capote, em cima da erva do fosso e da =parede.

A noite estava escura, e das nuvens carregadas de enxofre e

=electricidade caíam alguns pingos de água, tépidos e =volumosos.

O duque de Guisa seguiu a pessoa que o guiava, que era nada mais nada =menos do que a filha de Jacques de Matignon, marechal de França; era =a confidente de Margarida, que não tinha segredos para com ela, e =dizia-se que no número dos mistérios que a sua incorruptível =fidelidade encerrava, havia-os tão incríveis que eram estes que a =forçavam a guardar os outros.

Nenhuma luz ficara, nem nos aposentos de baixo nem nos corredores; e =só de tempos a tempos um lampejo lívido iluminava os quartos =sombrios com um reflexo azulado que desaparecia imediatamente.

O duque, sempre guiado pela confidente, que o levava pela mão, chegou =a uma escada em espiral, aberta numa parede, e que conduzia, por uma =porta secreta e invisível, à antecâmara de Margarida.

A antecâmara, como as outras salas inferiores, estava completamente =às escuras. Quando chegou ali, Gillonne parou.

- Trouxe o que a rainha deseja? - perguntou ela em voz baixa.

- Trouxe - respondeu o duque de Guisa -, mas não o entregarei =senão a Sua Majestade.

- Venha pois, e sem perda de tempo! - disse então no meio da =escuridão uma voz que fez estremecer o duque, porque reconheceu ser a =de Margarida.

E, levantando-se ao mesmo tempo um reposteiro de veludo violeta

com =flores-de-lis de ouro, o duque distinguiu na sombra a
própria rainha =que, impaciente, tinha corrido ao encontro dele.

- Aqui estou, minha Senhora - disse ele.

Tocou então a Margarida de Valois a vez de servir de guia ao
=príncipe nesse quarto, aliás mui to conhecido dele, enquanto
=Gillonne, que ficara à porta, levando o dedo à boca, tranquilizava
=a sua real ama.

Como se houvesse compreendido as ciosas inquietações do duque,
=Margarida conduziu-o a seu quarto de dormir, e aí parou.

- Então? - perguntou-lhe ela - está contente, duque?

- Contento, minha Senhora?. - perguntou este - E porquê, não me
=dirá?

- Por esta prova que lhe dou - respondeu Margarida, com leve
inflexão =de despeito - de

14

que pertença a um homem que, na noite do casamento, na própria
=noite das bodas, tão pouco caso de mim fez, que nem sequer veio
=agradecer-me a honra que lhe fiz, não em o escolher, mas em o
aceitar =para esposo.

- Oh, minha Senhora! - disse o duque com tristeza - sossegue, ele
=virá, e muito mais se a senhora o deseja.

- E é o senhor quem o diz, Henrique!. - exclamou Margarida - o
=senhor, que é de todos quem sabe o contrário do que diz! Se eu

=tivesse o desejo que me supõe, tinha-lhe porventura pedido que viesse =ao Louvre?

- Pediu-me que viesse ao Louvre, Margarida, porque desejava acabar com =todos os vestígios do passado, e o passado vivia não só no meu =coração, mas também no cofre de prata que lhe trago.

- Quer que Lhe diga uma coisa, Henrique? - tornou Margarida, olhando =fixamente para o duque. - É que o senhor me está parecendo mais um =estudante do que um duque! Eu nego lá que o amei! Eu posso lá =extinguir uma chama que pode vir a apagar-se, mas cujo reflexo não =acabar! Porque os amores das pessoas da minha jerarquia iluminam, e =muitas vezes devoram, toda a época contemporânea deles. Não, =não, meu duque! Pode conservar as cartas da sua Margarida, e o cofre =que ela lhe deu. Das cartas que o cofre contém, só lhe pede uma, e =é porque essa carta é tão perigosa para si como para ela.

- Tudo é seu - disse o duque -, escolha a que quiser destruir. Margarida esquadrinhou rapidamente no cofre aberto e, com mão =trémula, pegou, uma após outra, numa dúzia de cartas, de que se =contentou em olhar para os sobrescritos, como se, só pela =inspeção deles, a sua memória lhe recordasse o que as cartas =continham; mas quando acabou o exame olhou para o duque e disse-lhe, =pálida:

- Senhor, a que procuro não está aqui. Perdê-la-ia por acaso? =Porque, para a ter entregado.

- E que carta procura, minha Senhora?

- Aquela em que lhe dizia que se casasse quanto antes.

- Para desculpar a sua infidelidade?

Margarida encolheu os ombros.

- Não; mas para lhe salvar a vida. Aquela em que lhe dizia que o rei, =vendo o nosso amor e os esforços que eu fazia para que não se =realizasse a sua futura união com a infanta de Portugal, mandara vir =seu irmão, o bastardo de Angoulême, e lhe dissera, mostrando-lhe =duas espadas: Com esta mata Henrique de Guisa esta noite, ou eu te mato =amanhã com aquela. Onde está essa carta?

- Ei-la - disse o duque de Guisa, tirando-a do peito:

Margarida quase que lha arrancou das mãos; abriu-a avidamente, =certificou-se de que era a que reclamava, soltou uma exclamação de =alegria e chegou-a à luz de uma vela. A chama comunicou-se =imediatamente ao papel, que ardeu num instante; e depois, como se =Margarida temesse que fosse possível ir buscar às cinzas o =imprudente aviso, pôs-lhe o pé em cima.

O duque de Guisa seguia com os olhos a amante durante todo esse acto =febril.

- Então, Margarida? - disse, quando ela acabou. - Está agora =satisfeita?

- Estou, porque meu irmão há-de perdoar-me o seu amor, agora que o =senhor casou com a princesa de Porcian; mas não me perdoaria

a =revelação de um segredo como este, que na minha fraqueza pelo
=senhor não tive a força de lhe ocultar.

- É verdade - disse o duque de Guisa -, nesse tempo amava-me.

- E amo-o ainda, Henrique, tanto ou mais do que nunca.

- A senhora?

- Sim, eu; porque nunca mais do que hoje careci de um amigo sincero

e =dedicado. Rainha, não tenho trono; mulher, não tenho marido.

15

O príncipe meneou a cabeça com tristeza.

- Digo-lhe e repito, Henrique: meu marido não só não me ama, =mas

odeia-me, despreza-me; e demais, parece-me que a sua presença,

a =esta hora, no quarto em que ele devia estar, é uma prova desse

=ódio e desse desprezo.

- Não é tarde, minha Senhora; o rei de Navarra precisou de tempo

=para despedir os seus gentis-homens e, se não veio ainda, não

=tardará.

- E eu digo-lhe - exclamou Margarida com despeito crescente - que
não =vem.

- Minha Senhora - bradou Gillonne, abrindo a porta e levantando

o =reposteiro. - Minha Senhora! O rei de Navarra sai do quarto!

- Oh! bem lhe dizia eu que ele vinha! - exclamou o duque de Guisa.

- Henrique - disse Margarida, com voz breve e pegando na mão do
duque =-, Henrique, vai ver se sou mulher de palavra, e se se pode

contar com o =que prometo uma vez. Henrique, entre para esse gabinete.

- Minha Senhora, deixe-me retirar, se ainda é tempo, porque. saiba =que à primeira demonstração de amor que ele lhe der, saio do =gabinete, e então. desgraçado dele!

- Está doido! entre, entre; respondo por tudo, sou eu que lho =digo.

E empurrou o duque para o gabinete.

Era tempo. Mal a porta do gabinete se fechou sobre o príncipe, o rei =de Navarra, escoltado por dois pajens, que traziam oito tochas de cera =cor-de-rosa em dois candelabros, apareceu sorrindo à porta do =quarto.

Margarida disfarçou a sua perturbação, fazendo uma profunda =reverência.

- Não está ainda deitada, minha Senhora? - perguntou o Bearnês, =com a sua fisionomia aberta e jovial. - Esperava-me porventura?

- Não senhor - respondeu Margarida -, porque ainda ontem me disse que =sabia muito bem que o nosso casamento era uma aliança política, e =que o senhor nunca me constrangeria.

- Muito embora; isso não é razão para que não conversemos um =pedaço. Gillone, retira-te e fecha a porta.

Margarida, que estava sentada, levantou-se e estendeu a mão como para =ordenar aos pajens que ficassem.

- Quer que chame as criadas? - perguntou o rei. - Fá-lo-ei, se assim =o deseja, conquanto lhe confesse que, para o que lhe tenho a dizer, =quereria antes que estivéssemos a sós.

E o rei de Navarra encaminhou-se para o gabinete.

- Não! - exclamou Margarida, correndo a tomar-lhe o passo - não, =é escusado, e estou pronta a ouvir.

O Bearnês sabia o que queria saber; deitou um olhar rápido e

=profundo para o gabinete, como se houvesse querido, apesar do

reposteiro =que o tapava, penetrar nos cantos mais sombrios dele; e depois, =dirigindo-se para a sua linda esposa, pálida de terror,

disse-lhe com =voz muitíssimo serena:

- Nesse caso, minha Senhora, conversemos um instante.

- Como aprover a Vossa Majestade - disse a princesa, sentando-se, ou =antes, caindo na cadeira que o marido lhe indicava.

O Bearnês acercou-se dela.

- Minha Senhora - continuou -, digam o que disserem, persuado-me que o =nosso casamento foi um casamento em regra. Eu sou seu e a senhora é =minha.

- Mas - disse Margarida, aterrada.

- Devemos, portanto - continuou o rei de Navarra, sem parecer que notava =a hesitação de Margarida -, proceder um para com o outro como bons =aliados, uma vez que jurámos hoje aliança perante Deus.

Não =é desta opinião?

- Sem dúvida, Senhor.

- Bem sei, minha Senhora, quão grande é a sua penetração, =sei quão semeado de perigosos abismos é o terreno da corte; ora eu =sou moço, e embora nunca fizesse mal a ninguém, tenho grande =número de inimigos. Em que campo, minha Senhora, devo eu colocar a =mulher que usa o meu nome e que me jurou afeição ao pé do =altar?

- Oh! Senhor, poderá acaso pensar?.

- Não penso nada, minha Senhora; espero, e quero assegurar-me de que =a minha esperança é fundada. certo que o nosso casamento não =é mais do que um pretexto ou uma cilada.

Margarida estremeceu, porque talvez também esse pensamento se lhe =houvesse apresentado ao espírito.

- Mas qual das duas coisas será? - continuou Henrique de Navarra.

- O =rei odeia-me, o duque de Anjou odeia-me, o duque de Alençon odeia-me, =e Catarina de Médicis odiava muito minha mãe para não me odiar =a mim.

- Oh, Senhor! que diz!

- A verdade, minha Senhora - tornou o rei -, e quisera, pa ra não =julgar que me lograram com o assassinio do Sr. de Mouy e o =envenenamento de minha mãe, quisera que estivesse aqui alguém que =pudesse ouvir-me.

- Oh, Senhor! - disse Margarida com vivacidade, e com os modos mais =serenos e mais risonhos que pôde - bem sabe que estamos aqui

=sós.

- E aí está porque estou falando com toda a franqueza, aí =está porque ousou dizer-lhe que me não logram nem as carícias que =me faz a Casa de França, nem as que me faz a Casa de Lorena.

- Meu Senhor! meu Senhor!. - exclamou Margarida.

- Então que é isso, minha amiga? - perguntou Henrique, sorrindo =também.

- Discursos desses são muito perigosos.

- Não quando duas pessoas conversam a sós - replicou o rei. -

=Dizia eu. Margarida estava visivelmente num suplício; queria fazer =parar cada palavra nos lábios do Bearnês; mas Henrique continuou =com a sua aparente simplicidade.

- Dizia eu que estava ameaçado por todos os lados: ameaçado pelo =rei, ameaçado pelo duque de Alençon, ameaçado pelo duque de =Anjou, ameaçado pela rainha-mãe, ameaçado pelo duque de Guisa, =pelo duque de Maiena, pelo cardeal de Lorena, ameaçado por toda a =gente. Percebe-se isto instintivamente; a senhora bem o sabe.

Pois de =todas estas ameaças, que não tarda que se tornem ataques, posso =defender-me com o seu auxílio, porque a senhora é amada por todas =as pessoas que me detestam.

- Eu? - disse Margarida.

- Sim, a senhora - replicou Henrique de Navarra com a maior simplicidade =, sim, a senhora é amada pelo rei Carlos, é amada

(e acentuou a =palavra) pelo duque de Alençon, é amada pela rainha Catarina, =enfim. é amada pelo duque de Guisa.

- Senhor. - murmurou Margarida.

- Então?. que admira que todos a amem? Os que eu acabo de citar ou =são seus irmãos ou seus parentes. Amar os parentes e os irmãos =é viver como Deus deseja que se viva.

- Mas - replicou Margarida, oprimida -, que quer concluir, Senhor?

- Quero concluir o que já disse; se a senhora vier a ser, não digo =minha amiga, mas minha aliada, posso arrostar com tudo; mas, se se =tornar minha inimiga, estou perdido.

- Oh! sua inimiga, nunca, Senhor! - exclamou Margarida.

- Mas minha amiga, também nunca?

- Pode ser.

- E minha aliada?

- Certamente.

18

E Margarida voltou-se e estendeu a mão ao rei.

Henrique pegou-lhe na mão, beijou-a gentilmente e, conservando-a =entre as suas, mais por um desejo de investigação do que por um =sentimento de ternura, disse:

- Bem! creio em si, minha Senhora, e aceito-a como aliada.

Casaram - nos =sem que nos conhecêssemos, sem que nos amássemos; casaram-nos sem =nos consultarem. Não devemos pois nada um ao

outro como marido e =mulher. A senhora vê que vou mais longe do que naturalmente esperava, =e confirmo esta noite o que lhe disse ontem. Mas aliemo-nos livremente, =sem que ninguém a isso nos force; aliemo-nos como dois corações =leais que se devem protecção mútua e se aliam; é assim que o =entende?

- Sim senhor - disse Margarida, diligenciando retirar a mão.

- Então - continuou o Bearnês com os olhos sempre fitos na porta =do gabinete -, como a primeira prova de uma aliança franca é a =mais absoluta confiança, vou dizer-lhe, nos mais secretos

pormenores, =o plano que formei de combater vitoriosamente todas essas =inimizades.

- Senhor. - murmurou Margarida, voltando também sem querer os olhos =para o gabinete, enquanto o Bearnês, vendo bem sucedida a sua =astúcia, sorria.

- Eis o que vou fazer - continuou, sem dar mostras de notar a =perturbação da princesa. Vou...

- Senhor! - exclamou Margarida, levantando-se com vivacidade e travando =do braço do rei - dê-me licença que respire; a comoção. o =calor. sufoco.

O facto é que Margarida estava pálida e trémula como se fosse =cair em cima do tapete.

Henrique caminhou para uma janela que estava a bastante distância e =abriu-a. Esta janela dava para o rio.

Margarida seguiu-o.

- Silêncio, silêncio! meu Senhor! tenha dó de si! - murmurou =ela.

- Oh, minha Senhora! - disse o Bearnês sorrindo a seu modo -, não =me disse que estávamos sós?.

- Sim senhor, mas nunca ouviu dizer que por um tubo introduzido no tecto =ou na parede se pode ouvir tudo?

- Muito bem, minha Senhora - disse com vivacidade e baixinho o =Bearnês. - É verdade que me não ama; porém, reconheço que =é mulher de bem.

- Que quer dizer, Senhor?

- Quero dizer que, se fosse capaz de me atraiçoar, ter-me-ia deixado =continuar, porque era eu que me denunciava. Fez-me parar. Sei agora que =está aqui escondido alguém; que a senhora é uma esposa infiel, =mas uma fiel aliada; e neste momento - acrescentou o Bearnês sorrindo =-, confesso que careço mais da fidelidade em política do que em =amor.

- Senhor. - murmurou Margarida, confusa.

- Bom, bom, havemos de falar de tudo isto lá mais para diante - disse =Henrique -, quando nos conhecermos melhor.

Depois, elevando a voz, continuou:

- Então, respira melhor agora, minha Senhora?

- Sim, meu Senhor, sim - murmurou Margarida.

- Nesse caso - replicou o Bearnês - não quero importuná-la por =mais tempo. Devia-lhe os meus respeitos e alguns cumprimentos

de boa = amizade; queira aceitá-los como lhos ofereço, de todo o
= coração. Pode ficar sossegada, e boa noite.

Margarida levantou para seu marido um olhar brilhante de
reconhecimento, = e estendeu-lhe também a mão.

- Está combinado - disse ela.

- Aliança política, franca e leal? - perguntou Henrique.

19

- Franca e leal - respondeu a rainha.

Então o Beurnês dirigiu-se para a porta, atraindo o olhar de

= Margarida como fascinada. E depois, quando caiu o reposteiro entre eles = e o
quarto de cama:

- Obrigado, Margarida - disse ardentemente Henrique, em voz baixa

-, = obrigado! É uma verdadeira princesa de França. Vou tranquilo.

= Embora me falte o seu amor, não me há-de faltar a sua amizade.

= Conto consigo como a senhora pode contar comigo. Adeus, minha

= Senhora.

E Henrique beijou a mão da esposa, apertando-lha meigamente; e

= depois, com passo ágil, voltou para o seu quarto, dizendo consigo

no = corredor:

Quem diabo estará lá? Será o rei, o duque de Anjou, o duque de

= Alençon, o duque de Guisa, um irmão, um amante ou ambas as coisas?

= Na verdade, quase que estou com pena de ter pedido esta

entrevista para = agora à baronesa; mas, uma vez que lhe dei a minha

palavra, e que = Darfole me espera. não importa: há-de perder

alguma coisa, =receio-o muito, por eu ter passado pelo quarto de minha mulher para ir =ter com ela, porque, com a breca! esta Margot, como lhe chama meu =cunhado Carlos IX, é uma criatura adorável.

E, com um passo que denunciava ligeira hesitação, Henrique de =Navarra subiu a escada que conduzia ao quarto da Sr.a de Sauve. Margarida seguiu-o com os olhos até ele desaparecer e tornou para o =quarto. Achou o duque à porta do gabinete: esta vista inspirou-lhe =quase um remorso.

Pela sua parte, o duque estava com um aspecto grave e os seus sobrolhos =denunciavam uma amarga preocupação.

- Margarida é hoje neutra - disse ele -, Margarida será hostil =dentro de oito dias.

- Ah, esteve a escutar? - disse Margarida.

- Que queria que eu fizesse neste gabinete?

- E entende que me portei como se não devia portar a rainha de =Navarra?

- Não; mas como o não se devia portar a amante do duque de =Guisa.

- Senhor - respondeu a rainha -, eu posso não amar meu marido, mas =ninguém tem o direito de exigir de mim que o atraíçoe.

Diga-me, em =boa fé, atraíçoearia o senhor os segredos da princesa de Porcian, =sua esposa?.

- Vamos, vamos, minha Senhora - disse o duque, meneando a cabeça

- , =percebo. Vejo que já me não ama como nos dias em que me contava
o =que o rei tramava contra mim e contra os meus.

- O rei era o forte e os senhores eram os fracos. Henrique é o
fraco =e os senhores são os fortes. Bem vê que represento sempre
o mesmo =papel.

- Com a diferença que passa de um campo para o outro.

- Foi um direito que adquiri, Senhor, salvando-lhe a vida.

- Bem, minha Senhora; e como, quando dois amantes quebram as suas
=relações, é costume restituir os mimos que um ao outro
=ofertaram, também eu lhe salvarei a vida, se se oferecer ocasião,
=e ficaremos quites.

E dito isto o duque curvou-se e saiu, sem que Margarida fizesse
um gesto =para o deter.

Na antecâmara encontrou Gillonne, que o conduziu até à janela =do
rés-do-chão, e nos fossos o seu pajem, com o qual voltou para o
=Palácio de Guisa.

Durante este tempo, Margarida, pensativa, foi pôr-se à janela.

Que noite de bodas! - murmurou ela. - O esposo foge-me, e o amante
=deixa-me!

Neste momento passou pelo outro lado do fosso, vindo da Torre de
Madeira =e subindo para o engenho da Monnaie, um estudante de mão
na cintura, =cantarolando uma modinha de amor.

Margarida ouviu a canção sorrindo com melancolia, e depois,

quando =a voz do estudante se perdeu ao longe, fechou a janela
e chamou Gillonne =para a ajudar a deitar.

III

UM REI POETA

Os dias seguintes passaram-se em festas, danças e torneios.

Continuava a operar-se a mesma fusão em todos os partidos.

Eram carícias e ternuras de fazer perder a cabeça aos mais

=acirrados huguenotes. Tinha sido visto o Tio Cotton jantar e

dar-se a =desregramentos com o barão de Courtaumer; e o duque de

Guisa subir o =Sena na companhia do príncipe de Condé num barco

com =música.

Parecia que o rei Carlos se divorciara da sua melancolia habitual,

e =já não podia passar sem o seu cunhado Henrique. E a rainha-mãe

=estava tão jovial e tão entretida com bordados, jóias e =colares,

que perdia o sono.

Os huguenotes, um tanto abrandados por esta nova Cápua, começavam

=a vestir gibões de seda, a arvorar divisas e a ostentar-se

defronte =de certas varandas como se fossem católicos. Era, em

toda a parte, =tanta a reacção em favor da religião reformada,

que se podia =acreditar que ia fazer-se protestante toda a corte.

O próprio =almirante, apesar da sua experiência, deixara-se

apanhar como os =outros, e tinha a cabeça tão perdida que se

esquecera uma noite, =durante duas horas, de mascar o palito,

ocupação a que se dava =ordinariamente depois das duas horas da

tarde, momento em que tornava a =sentar-se à mesa para ceiar.

Na noite em que o almirante teve este incrível esquecimento dos seus hábitos, o rei Carlos IX convidou para cearem em família Henrique de Navarra e o duque de Guisa, e, depois de acabada a ceia, foi com eles para a sua câmara, e ali lhes explicou o engenhoso mecanismo de um laço de lobo que havia inventado, quando, interrompendo-se, perguntou:

- Então o Senhor Almirante não vem esta noite? Quem o viu hoje, e quem pode dar-me notícias dele?

- Eu - disse o rei de Navarra -, não esteja Vossa Majestade com cuidado, porque o vi esta manhã às seis horas e esta noite às sete.

- Ah. ah!. - disse o rei, cujos olhos um instante distraídos se fitaram com penetrante curiosidade no cunhado - é muito madrugador para noivo, Henrique!

- Queria, meu Senhor - respondeu o rei de Béarn -, indagar do almirante, que sabe tudo, se alguns gentis-homens que espero estão já a caminho para cá.

- Mais gentis-homens?. tinha oitocentos no dia do seu casamento, e todos os dias vêm mais! Quer invadir-nos? - disse o rei, rindo. O duque de Guisa carregou os sobrolhos.

- Meu Senhor - replicou o Bearnês -, fala-se de uma empresa sobre Flandres, e eu reúno em torno de mim todos os do meu país e dos arredores que creio poderem ser úteis a Vossa Majestade.

O duque, recordando-se do projecto de que o Bearnês falara a

=Margarida no dia do casamento, escutou com mais atenção.

- Bom! bom! - respondeu o rei, com o seu sorriso amarelo - quantos

mais =forem, mais contentes estaremos nós; traga, traga,

Henrique. Mas quem =são esses gentis-homens? São valentes, não

são?

- Não sei, meu Senhor, se os meus gentis- homens valerão tanto

=como os de Vossa Majestade, os do Senhor Duque de Anjou, ou os

do Sr. de =Guisa, mas conheço-os, e sei que hão-de fazer o que

puderem.

- E espera muitos?

- Mais dez ou doze.

- Como se chamam?

- Meu Senhor, não me lembro agora dos nomes, e, à excepção =de

um, que me é recomendado por Teligny como cavalheiro completo,

e =que se chama de La Mole, não posso dizer.

- De La Mole? não é um Lerac de La Mole?. - tornou o rei, muito

=versado na ciência genealógica. - Um provençal?

- Exactamente, meu Senhor; como vê, até recruto na =Provença.

- E eu - disse o duque de Guisa, com um sorriso irónico - vou mais

=longe ainda do que Sua Majestade o Rei de Navarra, porque até

vou =buscar ao Piemonte todos os católicos seguros que posso

=encontrar.

- Católicos ou huguenotes - interrompeu o rei -, pouco me importa,

=contanto que sejam valentes.

O rei, para dizer estas palavras, que misturavam no seu espírito

=huguenotes e católicos, fizera uma cara tão indiferente que

=chegara a causar admiração ao próprio duque de Guisa.

- Vossa Majestade está falando dos nossos flamengos? - disse o

=almirante, a quem o rei havia alguns dias, concedera o favor de

entrar =na câmara sem ser anunciado, e que acabava de ouvir as últimas

=palavras de Sua Majestade.

- Ah! aqui está meu pai, o almirante! - exclamou Carlos IX, abrindo

=os braços. - Fala-se de guerra, de gentis-homens e valentes, e

chega; =o fman atrai o ferro; meu cunhado de Navarra e meu primo

de Guisa =esperam reforços para o seu exército. Era disso que

estávamos =falando.

- E esses reforços estão a chegar - disse o almirante.

- Teve noticias deles, Senhor? - perguntou o Bearnês.

- Sim, meu filho, e especialmente do Sr. de La Mole; estava ontem

em =Orleães, e chegará amanhã ou depois a Paris.

- Demónio! Então o Senhor Almirante é um feiticeiro, para saber

=assim o que se passa a trinta ou quarenta léguas de distância?

Eu =por mim desejaria saber com a mesma certeza o que se há-de

passar, ou =o que já se passou, defronte de Orleães!

Coligny ficou impassível a este tiro do duque de Guisa, que aludia

=evidentemente à morte de Francisco de Guisa, seu pai, morto de frente =de Orleães por Poltrot de Méré, não sem suspeitar que o =almirante houvesse aconselhado o crime.

- Senhor - acrescentou ele, com frieza e com dignidade -, sou feiticeiro =todas as vezes que quero saber positivamente o que importa aos meus =negócios ou aos do rei. O meu correio chegou de Orleães há uma =hora e, graças à posta, andou trinta e duas léguas num dia. O =Sr. de La Mole, que viaja a cavalo, anda só dez por dia, e só pode =chegar a 24. Aqui está a magia toda.

- Bravo, meu pai, bem respondido! - disse Carlos IX. - Mostre a estes =rapazes que foram o saber e a idade que lhe fizeram brancos a barba e os =cabelos; eles que falem dos seus torneios e dos seus amores, e falemos =nós das nossas guerras. Os bons conselhos é que fazem os bons =reis, meu pai. Vamos, Senhores, tenho que conversar com o almirante.

22

Os dois rapazes saíram; o rei de Navarra primeiro, o duque de Guisa =depois; mas à porta cada um tomou para o seu lado, depois de uma fria =revrência.

Coligny seguiu-os com os olhos com certa inquietação, porque =nunca via aproximar esses dois ódios bem arraigados sem temer que =espirrasse alguma nova faísca. Carlos IX compreendeu o que se passava =no seu espírito, acercou-se dele e, encostando o braço

ao seu, =disse-lhe:

- Não receie, meu pai, estou aqui para o manter em obediência e =respeito. Sou verdadeiramente rei desde que minha mãe não é =rainha, e ela não é rainha desde que Coligny é meu pai.

- Oh! Sire - disse o almirante -, a rainha Catarina.

- É uma enredadeira. Com ela não há paz possível. Estes =católicos italianos são raivosos, e não sabem outra coisa =senão

exterminar. Eu, pelo contrário, não só quero =pacificar, mas

também quero dar força aos da Religião. Os =outros são muito dissolutos, meu pai, e escandalizam-me com os seus =amores e os

seus desregramentos. Olha, queres que te fale com franqueza? =-

continuou Carlos IX, redobrando de expansão. - Desconfio de todos

=quantos me rodeiam, excepto dos meus novos amigos! A ambição de

=Tavannes é-me suspeita. Vieilleville não gosta senão de bom

=vinho, e seria capaz de atraiçoar o rei por um tonel de malvasia.

=Montmorency não pensa senão na caça, e passa o tempo no meio =dos

seus cães e dos seus falcões. O conde de Retz é espanhol, =os

Guisas, são lorenos. Não há verdadeiros franceses em =França

senão eu, Deus me perdoe! - senão eu, meu cunhado de =Navarra e

tu. Mas eu estou encadeado ao trono e não posso comandar os

=exércitos. O mais que me deixam fazer é caçar à vontade em =São

Germano e em Rambouillet. Meu cunhado de Navarra é muito novo =e

muito pouco experiente. E parece-me que tem muito de seu pai,

=António, que as mulheres perderam sempre. Não há senão tu, =meu

pai, que és a um tempo bravo como Júlio César e sábio =como Platão.

Por isso não sei o que hei-de fazer, na verdade: =ter-te aqui para meu conselheiro, ou mandar-te para a guerra como =general. Se me aconselhas, quem há-de comandar? Se comandas, quem me =há-de aconselhar?

- Sire - disse Coligny -, é preciso primeiro vencer, e depois da =vitória o conselho.

- É a tua opinião, meu pai?. Pois seja. Proceder-se-á conforme =a tua opinião. Na segunda-feira partiremos, tu para a Flandres, e eu =para Amboise.

- Vossa Majestade sai de Paris?

- Saio, porque estou farto de bulhas e de festas. Não sou homem de =ação, sou um pensador. Não nasci para rei, nasci para poeta. =Farás uma espécie de conselho, que governará enquanto estiveres =em guerra; e, contanto que minha mãe não faça parte dele, tudo =irá bem. Já mandei dizer a Ronsard que viesse ter comigo; e lá, =ambos, longe da bulha, longe dos maus, à sombra dos bosques, à =borda do rio, ao murmúrio dos regatos, falaremos das coisas de Deus, =única compensação que há neste mundo para as coisas dos =homens. Olha, fiz esta manhã uns versos, pelos quais o convidado a vir =ter comigo.

Coligny sorriu; Carlos IX passou a mão pela fronte amarela e polida =como marfim, e com uma espécie de canto cadenciado recitou

os =versos.

- Bravo, Sire! bravo! - disse Coligny, quando o rei terminou. -

Sei mais =de coisas de guerra do que de poesia; mas parece-me que esses versos =valem os melhores que Ronsard, Dorat e até o Sr.

Miguel de =L'Hospital, chanceler de França, possam fazer.

- Ah! meu pai - exclamou Carlos IX -, se isso fosse verdade!.

porque, =olha, o título de poeta é o que eu ambiciono acima de tudo; ainda =há alguns dias eu o dizia ao meu mestre, também em verso.

- Sire - disse Coligny -, eu sabia que Vossa Majestade conversava com as =Musas; mas ignorava que houvesse feito delas o seu principal =conselho.

- Depois de ti, meu pai, depois de ti; e é para não ser perturbado =nas minhas relações com elas, que eu quero pôr-te à frente =de todas as coisas. Ouve: tenho de responder neste momento a um novo =madrigal que o meu grande e querido poeta me enviou. não posso, pois, =dar-te agora todos

23

os papéis que são necessários para te pôr ao facto da =importante questão que me espera de Filipe II. Há, aliás, uma =espécie de plano de campanha que fora feito pelos meus ministros. =Hei-de procurar tudo isso, e entregar-to-ei amanhã pela manhã.

- A que horas, Sire?

- Às dez horas; e se porventura eu estiver fazendo versos, encerrado =no meu gabinete de trabalho. entra do mesmo modo, e pega em todos os =papéis que achares em cima desta mesa, metidos dentro desta pasta =encarnada; a cor é brilhante, e não te enganarás; vou escrever =a Ronsard.

- Adeus, Sire.

- Adeus, meu pai.

- A sua mão.

- Que dizes! a minha mão? Nos meus braços, sobre o meu =coração, é que é o teu lugar! Vem, meu velho guerreiro, =vem!

E Carlos IX, puxando para si Coligny, que se curvou, chegou-lhe os =lábios aos cabelos brancos. O almirante saiu, limpando uma =lágrima.

Carlos IX seguiu-o com os olhos enquanto pôde vê-lo, apurou o =ouvido enquanto pode ouvi-lo; e depois, quando não viu e não ouviu =mais nada, deixou, como era seu costume, cair a cabeça pálida em =cima do ombro, e passou vagarosamente da câmara em que estava para a =sala de armas.

Era esse o gabinete preferido do rei; era aí que dava lições de =esgrima com Pompeu, e lições de poesia com Ronsard. Tinha aí =reunido uma grande colecção de armas ofensivas e defensivas das =melhores que pudera encontrar. Por isso as paredes estavam todas =cobertas de achas-de-armas escudos, lanças, alabardas, pistolas

e =mosquetes; e nesse mesmo dia um armeiro lhe levava um magnífico =arcabuz, em cujo cano estava incrustada em prata uma quadra que o poeta =real havia feito.

Carlos IX entrou, pois, como dissemos, nesse gabinete, e depois de haver =fechado a porta principal, por onde entrara, foi erguer um reposteiro =que mascarava uma porta que dava para um quarto, onde estava rezando uma =mulher ajoelhada num genuflexório.

Como esse movimento se fizera lentamente, e os passos do rei, abafados =pelo tapete, não ressoaram mais do que os de um fantasma, a mulher =ajoelhada, que nada ouvira, não se voltou e continuou a rezar. Carlos =conservou-se por um momento de pé, pensativo, e a =contemplá-la.

Era uma mulher de trinta e quatro a trinta e cinco anos, cuja beleza =vigorosa era realçada pelo traje das camponesas dos arredores de =Caux. Usava o toucado alto que foi tanto da moda da corte de França =durante o reinado de Isabel de Baviera, e o seu colete encarnado era =todo bordado de ouro, como ainda hoje os coletes das camponesas de =Neptuno e de Sora. O quarto que ocupava havia vinte anos, contíguo =ao quarto de dormir do rei, oferecia um misto singular de elegância e =rusticidade. O caso era que, em proporção quase igual, o =palácio dera as suas cores à choupana, e a choupana as suas ao =palácio. De modo que este quarto era um meio-termo entre a =simplicidade da aldeã e o luxo da dama aristocrática. E tanto =assim que o genuflexório em que

ela estava ajoelhada era de carvalho =maravilhosamente esculpido, e forrado de veludo com franjas de ouro; e a =bíblia (porque essa mulher pertencia à religião reformada) a =bíblia em que ela lia as suas orações, era um livro velho, meio =rasgado, como os que se encontram nas casas mais pobres.

Tudo estava em proporção com o genuflexório e a bíblia.

- Madelon! - disse o rei.

A mulher ajoelhada levantou a cabeça, sorrindo a esta voz familiar; e =depois, erguendo-se:

- Ah, és tu, meu filho! - disse ela.

- Sim, ama; anda cá.

Carlos IX deixou cair o reposteiro e foi recostar-se nos braços de =uma poltrona. A ama levantou-se.

24

- Que me queres, Carlinhos? - disse ela.

- Anda cá, e responde em voz baixa.

A ama aproximou-se, com uma familiaridade que podia nascer da ternura =maternal que a mulher sente pela criança que amamentou, mas a que os =panfletos do tempo dão origem infinitamente menos pura.

- Aqui estou - disse -, fala.

- Já veio o homem que mandei chamar?

- Há meia hora.

Carlos levantou-se, chegou à janela, olhou se alguém estava
=espreitando, aproximou-se da porta, apurou o ouvido para se
certificar =de que ninguém estava a escutar, sacudiu o pó dos
troféus de =armas, fez festas a um galgo que lhe seguia todos os
passos, parando =quando o dono parava, continuando a andar quando
o dono tornava a =mover-se; e depois, voltando para a ama:

- Bem, manda-o entrar.

A boa mulher saiu pela mesma porta que lhe dera entrada, e o rei
foi =encostar-se a uma mesa em cima da qual se viam armas de toda
a =qualidade.

Mal se encostara, tornou a erguer-se o reposteiro, e entrou o
=indivíduo que o rei esperava. Era um homem dos seus quarenta
anos, de =olhos pardos e falsos, nariz recurvado como o bico de
uma coruja, de =faces salientes; o rosto tentou exprimir
respeito, mas não pode dar =senão um sorriso hipócrita nos lábios
desbotados pelo medo.

Carlos deitou uma das mãos ao cabo de uma pistola que ficava por
=trás de si, e que desfechava com o auxílio de uma pedra preta
em =contacto com uma roda de aço, em lugar de desfechar com auxílio
de =uma mecha, e mirou com um olhar embaciado a personagem que
acabámos =de pôr em cena; durante este exame assobiava com uma
certeza e até =com uma melodia notável um dos seus cantos de caça
favoritos.

Passados alguns segundos, durante os quais o rosto do

recém-chegado =se decompôs cada vez mais, disse-lhe o rei:

- É o senhor que se chama Francisco de Louviers-Maurevel?

- Sou eu mesmo.

- Comandante de petardeiros?

- Sim senhor.

- Quis vê-lo.

Maurevel curvou-se.

- Sabe - continuou Carlos, acentuando cada palavra - que eu amo do mesmo =modo todos os meus súbditos?

- Sei - balbuciou Maurevel - que Vossa Majestade é o pai do seu =povo.

- E que tanto são meus filhos os huguenotes como os católicos?

Maurevel ficou mudo; a tremura porém que lhe agitava o corpo tornou- =se visível para o olhar penetrante do rei, embora aquele a quem =dirigia a palavra estivesse quase escondido na sombra.

- Isto - continuou o rei - contraria-o ao senhor, que tamanha guerra tem =feito aos huguenotes?

Maurevel caiu de joelhos.

- Sire - balbuciou -, pode crer.

- Creio - continuou Carlos IX, fitando em Maurevel um olhar que, de =vidroso que era a princípio, se ia tornando quase chamejante

- que =boa vontade tinha de matar em Moncontour o Senhor Almirante

que saiu =daqui; creio que lhe falhou o golpe, e que então passou para o =exército do duque de Anjou, nosso irmão; enfim, creio que passou =segunda vez para os príncipes, e que tomou serviço aí na =companhia do Sr. de Mouy de Saint- Phale.

- Oh! Sire!.

25

- Um bravo fidalgo picardo.

- Sire, Sire - exclamou Maurevel -, não me martirize!

- Era um digno oficial - continuou Carlos IX, e, à proporção =que falava, desenhava-se-lh no rosto uma expressão de crueldade quase =feroz -, era um digno oficial, que o acolheu como o filho, o vestiu, e o =sustentou.

Maurevel soltou um suspiro de desespero.

- O senhor chamava-lhe pai, creio eu - continuou o rei, sem compaixão =-, e ligava-o terna amizade ao jovem de Mouy, seu filho.

Maurevel, sempre de joelhos, curvava-se cada vez mais, esmagado pela =palavra de Carlos IX de pé, impassível e semelhante a uma =estátua de que só os lábios tivessem vida.

- A propósito - continuou o rei -, não eram dez mil escudos que =havia de receber do Sr. de Guisa no caso de matar o almirante?.

O assassino, consternado, batia com a fronte no chão.

- No que respeita ao Sr. de Mouy, seu bom pai, o senhor acompanhava-o um =dia a um reconhecimento que ele ia fazer a

Chevreux. De Mouy deixou cair =o chicote e apeou-se para o apanhar. O senhor, que ia só com ele, =tirou então uma pistola dos coldres e, enquanto de Mouy se curvou, =meteu-lhe uma bala nos rins; depois, vendo-o morto (porque o matou com o =tiro) fugiu no cavalo que ele lhe tinha dado. Foi assim, não foi?

E como Maurevel permanecia mudo a esta acusação, cujos pormenores =eram verdadeiros, Carlos IX tornou a assobiar com a mesma certeza e a =mesma melodia o mesmo canto de caça.

- Olhe lá, seu assassino - disse ele, passado um instante -, saiba =que tenho desejos de o mandar enforcar!

- Oh! Majestade!. - exclamou Maurevel.

- Ainda ontem mo pediu o jovem de Mouy, e na verdade eu não sabia o =que lhe havia de responder, porque o pedido era justíssimo.

Maurevel pôs as mãos.

- E tanto mais justo que, como o senhor há pouco dizia, sou o pai do =meu povo e, como eu Lhe respondi, agora que fiz as pazes com os =huguenotes, eles são tanto meus filhos como os católicos.

- Sire - disse Maurevel, completamente desanimado -, a minha vida =está nas mãos de Vossa Majestade; faça dela o que quiser.

- Tem razão, e eu não daria por ela um real.

- Mas, Sire - perguntou o assassino -, não há meio de resgatar o =meu crime?

- Não sei que haja. Entretanto, se eu estivesse no seu lugar (que

=não estou, graças a Deus!).

- Se estivesse no meu lugar, Sire. - murmurou Maurevel, com o olhar

=suspenso dos lábios de Carlos.

- Creio que havia de escapar - continuou o rei.

Maurevel levantou-se sobre um joelho e uma das mãos, fitando os

olhos =em Carlos para se assegurar de que não estava zombando.

- Estimo muito o jovem de Mouy, sem dúvida - continuou o rei -,

mas =estimo também muito meu primo de Guisa; e se ele me pedisse

a vida de =um homem de que o outro me pedisse a morte, confesso

que me havia de ver =muito embaraçado. Mas, em boa política como

em boa religião, =devia fazer o que me pedisse o meu primo de Guisa, porque de

Mouy, =embora seja va lente capitão, está muito

abaixo em =comparação com um príncipe da Lorena.

Durante estas palavras, Maurevel ia-se erguendo vagarosamente e

como um =homem que voltava à vida.

- Ora o que lhe convinha, portanto, na situação extrema em que

=está, era conquistar as

26

boas-graças de meu primo de Guisa. E. a propósito, lembro-me de

=uma coisa que ele ontem me contou.

Maurevel deu um passo para o rei.

- Imagine, Sire - disse-me ele -, que todas as manhãs, às dez

=horas, passa na Rua de S. Germano L'Auxerrois, voltando do

Louvre, o meu =inimigo mortal; vejo-o de uma janela de grades do

rés-do-chão; =é a janela da casa do meu antigo preceptor Pedro Piles. Vejo pois =passar todos os dias o meu inimigo, e todos os dias peço ao Diabo que =o leve para as entranhas da terra. Que lhe parece, mestre Maurevel? - =continuou Carlos. - Se fosse o Diabo, ou se ao menos por um instante =tomasse o lugar dele, isso não daria gosto a meu primo de Guisa?

Maurevel recuperou o seu infernal sorriso e os lábios, desbotados =ainda pelo terror, deixaram-lhe cair estas palavras:

- Mas, Sire, eu não tenho o poder de abrir a terra.

- Abriu-a contudo, se bem me lembro, ao bravo de Mouy. Dir-me-á que =foi com uma pistola. Já não tem essa pistola?.

- Há-de perdoar, Sire - replicou o bandido, quase sossegado -, atiro =ainda melhor ao arcabuz do que à pistola.

- Oh! - disse Carlos IX - pistola ou arcabuz pouco importa, e tenho a =certeza de que meu primo de Guisa não questionará acerca da =escolha do meio.

- Mas - disse Maurevel - precisaria de uma arma em que pudesse confiar, =porque talvez fosse necessário atirar de longe.

- Tenho dez arcabuzes neste quarto - replicou Carlos IX -, com os quais =acerto num escudo de ouro a cinquenta passos; quer experimentar um?

- Oh! Sire, com muito gosto! - exclamou Maurevel, avançando para o =que estava a um canto, e que nesse mesmo dia tinham levado a

Carlos IX. =

- Esse não - disse o rei -, esse não; reservo-o para mim. Hei-de
=ir um dia destes a uma caçada, onde espero servir-me dele. Mas
outro =à sua escolha.

Maurevel desprende de um troféu um arcabuz.

- E quem é esse inimigo, Sire? - perguntou o assassino.

- Eu sei lá! - respondeu Carlos IX, esmagando o miserável com o
=seu olhar de desprezo.

- Eu perguntarei ao Sr. de Guisa.

O rei encolheu os ombros.

- Não pergunte - disse -, o Sr. de Guisa não lhe responderá.

=Responde-se porventura a perguntas dessas? Devem adivinhar os
que não =querem ser enforcados.

- Mas porque o hei-de reconhecer?

- Disse-lhe que todas as manhãs, às dez horas, passava de frente
da =janela do cónego.

- Mas passa muita gente de frente dessa janela! Digne-se Vossa
Majestade =indicar-me qualquer sinal.

- Oh! é muito fácil. Amanhã, por exemplo, levará debaixo do =braço
uma pasta de marroquim encarnado.

- Basta, Sire.

- Ainda tem o cavalo que lhe deu o Sr. de Mouy, e que corre tanto?

- Sire, tenho um da Berberia, que é dos mais velozes.

- Oh! não me dá cuidado o senhor! Mas é bom que saiba que o
=convento tem uma porta para trás.

- Muito obrigado, Sire. Agora peça a Deus por mim.

- Oh! com mil demónios! Peça antes ao Diabo, porque não é =senão
pela sua protecção que pode escapar à corda.

27

- Adeus, Sire.

- Adeus. Ah! a propósito, Sr. de Maurevel: saiba que, de qualquer
=modo, se ouvir falar no senhor amanhã antes das dez horas da
=manhã, ou se não se ouvir falar depois, há um calabouço com
=alçapão no Louvre.

E Carlos IX tornou a assobiar tranquilamente, e mais afinada do
que =nunca, a sua ária favorita.

28

IV

A TARDE DE 24 DE AGOSTO DE 1572

No capítulo precedente, como o leitor decerto se recorda, falámos de um gentil-homem chamado La Mole, esperado com alguma impaciência por Henrique de Navarra. Este gentil-homem, como o almirante o anunciara, entrava em Paris pela Porta de São Marcelo, à boca da noite de 24 de Agosto de 1572, e, deitando o seu olhar bastante desdenhoso para as numerosas hospedarias que ostentavam à direita e à esquerda as suas pitorescas tabuletas, deixou entrar o cavalo ofegante no centro da cidade, onde, depois de ter atravessado a Praça Maubert, o Petit-Pont, a Ponte de Nossa Senhora e seguido ao longo dos cais, parou no extremo da Rua de Bresec, de que se fez depois a Rua da Árvore Seca, e a que, para maior facilidade dos leitores, conservaremos o nome moderno.

Agradou-lhe decerto o nome, porque entrou ali, e como à esquerda lhe chamava a atenção uma placa de folha rangendo no varão que a sustinha, com acompanhamento de campainhas, parou segunda vez para ler estas palavras: A Estrela Brilhante escritas como legenda por baixo de uma pintura que representava o simulacro mais lisonjeiro para um viajante esfomeado: era uma ave rutilante no meio de um céu negro, e um homem de capote encarnado estendia para esse astro de nova espécie os braços, a bolsa e

os desejos.

Eis - disse consigo o fidalgo - uma estalagem que se anuncia bem, e o =estalajadeiro deve ser, por minha alma, um pândego divertido. Sempre =ouvi dizer que a Rua da Árvore Seca era no Bairro do Louvre: e embora =o estabelecimento não corresponda à tabuleta, fico aqui =maravilhosamente.

Enquanto o recém-chegado se dava a este monólogo, outro cavaleiro, =que entrara pelo outro extremo da rua, isto é, pela Rua de Santo =Honorato, parava e ficava em êxtase diante da tabuleta da Estrela =Brilhante.

Dos dois, o que conhecemos, pelo menos de nome, montava um cavalo branco =de raça espanhola, e vestia um gibão preto enfeitado de vidrilhos. =O capote era de veludo violeta escuro; usava botas de couro preto, =espada de punho de ferro cinzelado, e um punhal dessa mesma qua lidade. =E se passarmos do vestuário ao semblante, diremos que era um homem =dos seus vinte e quatro a vinte e cinco anos, cor acobreada, olhos =azuis, bigode fino, dentes brilhantes, que parecia que lhe iluminavam a =cara, quando, para sorrir, com um sorriso meigo e melancólico, abria =uma boca de forma singular e da maior distinção.

Quanto ao segundo viajante, formava com o primeiro um completo =contraste. Sob o chapéu de abas reviradas apareciam, bastos e =ondeados, cabelos mais ruivos do que louros, e, debaixo dos

cabelos, =brilhavam-lhe, à mais pequena contrariedade, uns olhos pardos com =fogo tão resplandecente que se diriam pretos. O resto da cara =compunha-se de uma tez rosada, beijos finos, bigode ruivo e dentes =admiráveis. Era, em suma, com a pele branca, a estatura alta e os =ombros

29

largos, um gentil cavaleiro na acepção vulgar da palavra, e =durante uma hora, em que andara com o nariz levantado para todas as =janelas, a pretexto de procurar tabuletas, as mulheres tinham olhado =muito para ele; os homens, que teriam bastante vontade de rir ao ver-lhe =o capote sem roda, as calças esticadas e as botas de feito antigo, =acabavam esse riso, começando por um *Guardo-o Deus!* dos mais =graciosos, ao examinarem essa fisionomia que num minuto tomava dez =expressões diferentes, salva todavia a expressão benévola que =caracteriza sempre o semblante de um provinciano embaraçado.

Foi ele quem se dirigiu primeiro ao outro cavaleiro que, como dissemos, =olhava para a estalagem *Estrela Brilhante*.

- Sabe dizer-me, Senhor - disse ele com a horrível pronúncia de =montanhês que à primeira palavra faria reconhecer um piemontês =no meio de cem estrangeiros -, se estamos aqui perto do Louvre?

Em todo =o caso, creio que o senhor teve o mesmo gosto que eu: é muito =lisonjeiro para mim.

- Senhor - respondeu o outro com uma pronúncia provençal que =não

ficava atrás da inflexão piemontesa do seu interlocutor -,

=creio, com efeito, que esta hospedaria fica perto do Louvre.

Entretanto, =ainda pergunto a mim mesmo se terei a honra de ser da sua opinião. =Estou-me consultando.

- Então não está ainda resolvido? Mas a casa tem boa =aparência.

E daí, pode ser que eu me deixasse tentar pela sua =presença. Mas há-de confessar que aquela pintura é linda.

- É verdade; mas é exactamente isso o que me faz duvidar da =realidade. Disseram-me que Paris está cheia de trapaceiros, e =trapaceia-se com uma tabuleta tão bem como com outra coisa.

- Pouco cuidado me dão a mim as trapaças - tornou o piemontês - =porque se o dono da hospedaria me fornece uma ave menos bem assada do =que a da tabuleta, ponho-a eu mesmo no espeto e não a largo sem estar =convenientemente acerejada. Entremos, entremos.

- O senhor acaba de me decidir - disse o provençal rindo. - Queira =entrar primeiro.

- Oh, Senhor! por minha alma isso não faço eu, porque não sou =senão um humilde criado: o conde Aníbal de Cocunás.

- E eu não sou senão o conde José Jacinto Bonifácio de Lerac =de La Mole, um seu criado.

- Nesse caso, dêmos o braço e entremos juntos.

O resultado desta proposta conciliadora foi que os dois jovens, que se =apearam dos cavalos, entregaram as rédeas a um moço de

cocheira, =deram o braço um ao outro e, segurando as espadas, dirigiram-se para =a porta da hospedaria, a cujo limiar estava o dono da casa. Mas, contra =o costume desta gente, o digno proprietário pareceu que não lhes =dava a mais pequena atenção, por estar entretido a falar com um =sujeito magro e amarelo, embrulhado num capote cor de castanha como um =mocho nas penas. Os dois fidalgos tinham-se chegado tanto ao pé do dono da casa e do =sujeito do capote cor de castanha com quem conversava, que Cocunás, =impacientado pela pouca importância que lhe davam a ele e ao seu =companheiro, puxou pela manga do estalajadeiro. Este pareceu acordar =então sobressaltado, e despediu o seu interlocutor com um Até mais =ver. Venha logo, e saiba-me as horas.

- Ó seu patife! - disse Cocunás - não vê que temos que falar =com você!

- Ah! os senhores queiram ter a bondade de desculpar - disse o =estalajadeiro -, não os via.

- Oh! coa fortuna! devia ver-nos; e agora, que nos viu, em vez de dizer =simplesmente Senhor diga, Senhor Conde, se faz favor. La Mole ficara para trás, deixando falar Cocunás, que parecia que =tomara este negócio a si. Mas era fácil de ver, pelas sobranceiras =carregadas, que estava pronto para o auxiliar quando fosse preciso.

- Então que deseja, Senhor Conde? - perguntou o estalajadeiro com a maior serenidade.

30

- Bem, já é melhor. não é?. - disse Cocunás, voltando-se para La Mole que fez um sinal afirmativo com a cabeça. - O Senhor Conde e eu, atraídos pela bela pintura da sua tabuleta, desejamos cear e dormir em sua casa.

- Meus Senhores - disse o estalajadeiro -, tenho muita pena, mas há só um quarto, e receio que não lhes convenha.

- Melhor! - disse La Mole - iremos ficar a outra parte.

- Não, não - disse Cocunás. - Eu fico; o meu cavalo está estafado. Tomo pois o quarto, uma vez que o Senhor Conde não o quer.

- Ah! isso é outra coisa - respondeu o estalajadeiro, conservando sempre a mesma fleuma impertinente. - Se é só um, não posso alojá-lo.

- Ora essa! - exclamou Cocunás - tem sua graça, o animal; ainda há pouco éramos muitos, e agora não basta um! Então não queremos dar-nos quartel, traste!

- Para os senhores não fazerem maus juízos, não tenho remédio senão responder-lhes com franqueza.

- Pois responde, mas avia-te.

- Eu prefiro não ter a honra de os alojar.

- Porquê? - perguntou Cocunás, cheio de ira.

- Porque os senhores não trazem criados, e assim ficar-me-iam vagos =dois quartos. Ora, se lhes dou os quartos que lhes são próprios, =arrisco-me muito a não alugar os outros.

- Sr. de La Mole - disse Cocunás voltando-se -, não lhe parece que =devemos desancar este patife...

- Não acho mau - disse La Mole, preparando-se, como o seu =companheiro, para saltar às chicotadas no estalajadeiro.

Mas, apesar desta dupla demonstração, que nada tinha de animadora =da parte dos dois fidalgos, que pareciam tão resolutos, o =estalajadeiro não se assustou e, contentando-se com recuar um passo, =para se meter em casa, disse motejando:

- Vê-se que os senhores chegam da província. Em Paris passou a =moda de desancar os estalajadeiros que recusam alugar quartos.

Os =fidalgos é que são desancados e não os burgueses; e se gritam =muito vou chamar os meus vizinhos, de modo que serão os senhores os =espancados, tratamento muito indigno de dois fidalgos.

- Mas está zombando connosco - exclamou Cocunás exasperado -, coa =breca!

- Gregório, dá cá o meu arcabuz! - disse o estalajadeiro, =dirigindo-se ao criado com os modos com que lhe diria: Traz cadeiras =para estes senhores.

- Com todos os demónios! - bradou Cocunás, desembainhando a espada =- mas. aqueça, Sr. de La Mole!

- Nessa não caio eu, porque enquanto nós aquecermos, esfriará a
=ceia.

- Pois quê! acha. - exclamou Cocunás.

-Acho que o dono da casa A Estrela Brilhante tem razão; mas trata
mal =os viajantes, principalmente se são fidalgos. Em vez de nos
dizer =brutalmente: Meus Senhores, não os quero cá, faria melhor
se =disse com polidez: Entrem, meus Senhores, podendo pôr
depois na =conta: quarto de amo, tanto; quarto de criados tanto;
uma vez que, se =nós não temos criados, tencionamos tomá-los.
Dizendo estas palavras, La Mole empurrou suavemente o
estalajadeiro, que =já deitava a mão ao arcabuz, fez passar
Cocunás e entrou =atrás dele.

- Não importa - disse Cocunás -, custa-me meter a espada na bainha
=antes de me assegurar de que morde como as lardeadeiras deste
=patife.

- Paciência, meu querido companheiro - disse La Mole -, paciência!
=Todas as estalagens estão cheias de fidalgos atraídos a Paris
=pelas festas do casamento ou pela próxima guerra da Flandres;

31

não acharíamos outro alojamento; e talvez seja costume em Paris
=receber assim os estranhos que chegam.

- Coa breca! como o senhor é paciente! - murmurou Cocunás,
=torcendo de raiva o bigode ruivo e fulminando o estalajadeiro

com os =seus olhares. - Mas que o maroto tome cuidado consigo,
se a comida for =má, e a cama dura, se o vinho não tiver três anos
de =engarrafado, se o criado não vergar como junco.

- Ora, ora, meu fidalgo - disse o estalajadeiro, afiando numa
pedra a =faca que trazia à cinta - pode estar descansado, aqui
não falta =nada.

Depois, em voz baixa, e meneando a cabeça, murmurou:

É algum huguenote, certamente; os trastes estão tão insolentes
=depois do casamento do seu Bearnês com a princesa Margot!.

E com um sorriso que faria tremer os seus hóspedes se eles o
vissem, =acrescentou:

Oh! oh! tinha sua graça que viessem cá
ter =huguenotes. e que.

- Então vem ou não vem a ceia! - perguntou asperamente Cocunás,
=interrompendo os apartes do estalajadeiro.

- Como lhe aprouver, Senhor Conde - respondeu ele, abrandado
decerto =pelo último pensamento que lhe ocorrera.

- Pois apraz-nos, e que seja depressa - respondeu Cocunás.

Depois, voltando-se para La Mole, disse:

- Enquanto nos arranjam o quarto, diga-me, Senhor Conde: achou
=porventura Paris uma cidade alegre?

- Palavra que não - disse La Mole -, parece que não vi aqui ainda
=senão caras assustadas ou desabridas. Talvez os Parisienses

tenham =medo da trovoada. Veja como o céu está carrancudo e como o ar =está pesado.

- Diga-me, conde, o senhor vai ao Louvre, não vai?

- Vou, sim; mas creio que o Sr. Cocunás também quer lá ir.

- Pois, se quiser, iremos daqui juntos.

- Qual! - disse La Mole - pois não é tarde para sairmos?.

- Tarde ou não, preciso sair. As ordens que recebi foram terminantes. =Chegar o mais depressa possível a Paris e, mal chegasse, ir ter com o =duque de Guisa.

Ao nome do duque de Guisa, o estalajadeiro aproximou-se muito =atento.

- Parece-me que este tratante está à escuta do que nós dizemos

=- disse Cocunás, que na sua qualidade de piemontês era muito

=iracundo e não podia perdoar ao dono da Estrela Brilhante o modo

=pouco civil por que recebia os viajantes.

- Sim senhor, estou a escutá-los - disse ele, levando a mão ao

=barrete -, mas é para os servir. Ouço falar do grande duque de

=Guisa, e corro. Em que posso servi-los, meus fidalgos?

- Ah! ah! o nome é mágico ao que parece, porque, de insolente que

=eras, tornaste-te obsequiador. Diz lá, mestre. mestre. como te chamas =tu?

- La Hurière - respondeu o estalajadeiro, curvando-se.

- Pois, mestre La Hurière, crês que o meu braço seja menos =pesado

do que o do Sr. de Guisa, que tem o privilégio de te tornar =tão polido?

- Não, Senhor Conde, mas é menos comprido - replicou La =Hurière.

- Demaisacrescentou -, é preciso dizer-lhe que esse =grande Henrique é o ídolo dos Parisienses.

- Qual Henrique? - perguntou La Mole.

- Parece-me que não há senão um - disse o estalajadeiro.

- Hás-de perdoar, amiguinho, mas há outro, de quem te convido a =não dizer mal: é Henrique de Navarra. Sem falar em Henrique de =Condé, que também tem merecimento.

32

- Esses não conheço - respondeu o estalajadeiro.

- Pois sim, mas conheço-os eu - disse La Mole -, e como quem cá me =traz é Henrique de Navarra, convido-te a não dizer mal dele na =minha presença.

O estalajadeiro, sem responder ao Sr. de La Mole, contentou-se com tocar =ao de leve no barrete, e continuando a dirigir olhos meigos para =Cocunás, disse:

- Então o senhor vai falar ao grande duque de Guisa? O senhor é um =fidalgo muito feliz, e vem decerto para.

- Para quê? - perguntou Cocunás.

- Para a festa - respondeu o estalajadeiro, com um singular sorriso.

- Deverias dizer, para as festas, porque Paris trasborda de festas, =segundo tenho ouvido; pelo menos não se fala senão em bailes, =banquetes, cavalhadas. Então não se diverte a gente muito em =Paris?

- Ora! moderadamente, pelo menos até agora, Senhor Conde - respondeu =o estalajadeiro

-, mas é de esperar que haja muitos divertimentos.

- As bodas de Sua Majestade o Rei de Navarra atraem muita gente a esta =cidade - disse La Mole.

- Muitos huguenotes, sim senhor - respondeu arrebatadamente La =Hurière. E depois, contendo-se:

- Ah! desculpem - disse -, os senhores são talvez da religião.

- Eu, da religião? - exclamou Cocunás. - Qual história! Sou =católico como o nosso Santo padre o Papa.

La Hurière voltou-se para La Mole como para o interrogar; mas ou La =Mole não lhe compreendeu o olhar, ou não julgou a propósito =responder- lhe senão com uma pergunta.

- Se não conhece Sua Majestade o Rei de Navarra, mestre La Hurière =- disse -, talvez conheça o Senhor Almirante. Ouvi dizer que o Senhor =Almirante estava nas boas-graças da corte e, como lhe venho =recomendado, desejava saber onde ele mora.

- Morava na Rua de Béthisy aqui à direita - respondeu o =estalajadeiro com uma satisfação íntima que não pôde =ocultar.

- Morava? - perguntou La Mole - então mudou?

- Sim, deste mundo, talvez.

- Que dizes! - exclamaram a um tempo os dois fidalgos. - O

almirante =mudou-se deste mundo?

- Pois quê! o Sr. de Cocunás - prosseguiu o estalajadeiro, com um =sorriso maligno - é do partido do duque de Guisa e ignora isso?

- Isso? o quê?

- Que anteontem, ao passar pela Praça de S. Germano L'Auxerrois, =defronte da casa do cônego Pedro Piles, o almirante recebeu um tiro =de arcabuz?

- E morreu? - exclamou La Mole.

- Nada; o tiro partiu-lhe o braço e cortou-lhe dois dedos, mas =espera-se que as balas estivessem envenenadas.

- Como, miserável! - exclamou La Mole. - Espera-se?

- Quero dizer. julga-se - replicou o estalajadeiro. - Não nos =zanguemos por causa duma palavra; equivoquei-me.

E mestre La Hurière, voltando as costas a La Mole, deitou a língua =de fora a Cocunás do modo mais chocarreiro, acompanhando este gesto =com um piscar de olhos de quem se entendia.

- Mas isso é verdade? - disse Cocunás, radiante.

- É verdade? - murmurou La Mole, com estupefacção dolorosa.

- É como tenho a honra de lhes dizer, meus Senhores - respondeu o =estalajadeiro.

- Nesse caso - disse La Mole -, vou ao Louvre sem perda de um momento. =Encontrarei o rei Henrique?
- É possível, porque mora lá.
- E eu vou também ao Louvre - disse Cocunás. - Encontrarei lá o =duque de Guisa?
- É provável, porque o vi passar há um instante com duzentos =gentis-homens.
- Então venha, Sr. de Cocunás - disse La Mole.
- Acompanho-o, Senhor Conde - disse Cocunás.
- Mas a vossa ceia, meus fidalgos? - perguntou mestre La Hurière.
- Ah! - disse La Mole - talvez eu ceie com o rei de Navarra.
- E eu, com o duque de Guisa - disse Cocunás.
- E eu - disse o estalajadeiro, depois de ter seguido com os olhos os dois =fidalgos, que tomaram o caminho do Louvre - vou limpar a celada, =carregar o meu arcabuz e afar a minha partasana. Não se sabe o que =sucederá.

V

DO LOUVRE, EM PARTICULAR, E DA VIRTUDE EM GERAL

Os dois fidalgos, ensinados pela primeira pessoa que encontraram, =tomaram pela Rua de Averon, Rua de S. Germano L'Auxerrois, e acharam-se =em breve defronte do Louvre, cujas torres começavam a confundir-se =com as primeiras sombras da noite.

- Que tem? - perguntou Cocunás a La Mole, que, parando à vista do =velho palácio, olhava com certo espanto para as pontes levadiças, =para as janelas estreitas e coruchéus agudos que de repente se lhe =apresentaram aos olhos.

- Palavra que não sei - disse La Mole -, bate-me o coração. =Não sou excessivamente tímido, mas, não sei porquê, este =palácio parece-me sombrio. e direi mais: terrível.

- Pois eu - disse Cocunás - não sei o que isto é, mas sinto-me =com uma alegria desusada. O meu traje está um tanto enxovalhado

- =continuou ele, percorrendo com os olhos o seu fato de viagem -, mas a =aparência é de fidalgo. Depois, as ordens que recebi recomendam-me =presteza. Sem dúvida hei-de ser bem recebido, porque obedeci com =rigorosa pontualidade.

E os dois mancebos continuaram o seu caminho, agitados cada um pelo =sentimento que haviam experimentado.

=760O Louvre estava bem guardado; =todos os postos pareciam dobrados. Os nossos viajantes viram-se a =princípio muito

embaraçados. Mas Cocunás, que havia notado que o nome do duque de Guisa era uma espécie de talismã para os Parisienses, aproximou-se de uma sentinela e, servindo-se desse nome onnipotente, perguntou se, por mercê dele, poderia entrar no Louvre. O nome pareceu que produzia o efeito desejado; entretanto, o soldado perguntou se tinha a senha e Cocunás foi obrigado a confessar que não.

- Então faça-se ao largo, meu fidalgo! - disse o soldado.

Nesse momento, um homem que conversava com o oficial do posto, e que ouvira a Cocunás reclamar a sua admissão no Louvre, interrompeu a conversa e perguntou-lhe:

- Que quer ao Sr. de Guisa?

- Quero falar-lhe - respondeu Cocunás, sorrindo.

- É impossível! está agora com o rei.

- Mas eu recebi uma carta de aviso para me apresentar em Paris.

- Ah, recebeu uma carta de aviso?

- Sim senhor; chego de muito longe.

- Ah, chega de muito longe?

- Chego do Piemonte.

- Bem! bem! isso é outra coisa. O Sr. chama-se.

- Conde Aníbal de Cocunás.

35

- Bom! bom! Dê cá a carta, Sr. Aníbal, dê cá.

Ora aqui está o que é um homem obsequiador - disse La Mole falando

=com os seus bo tões - não poderei eu achar outro assim para me

=apresentar ao rei de Navarra?

- Mas dê-me a carta - continuou o interlocutor de Cocunás, que

era =um fidalgo alemão, estendendo a mão para Cocunás, que

=hesitava.

- Ora essa! - replicou o piemontês, desconfiado - não sei se deva.

=Não tenho a honra de conhecer o senhor.

- Sou Pesme, pertenço à casa do Senhor Duque de Guisa.

- Pesme. - murmurou Cocunás - não conheço esse nome.

- É o Sr. de Besme, meu fidalgo - disse a sentinela. - A pronúncia

=enganou-o. Pode dar-lhe a carta, que eu me responsabilizo.

- Ah! é o Sr. de Besme - exclamou Cocunás -, tenho ouvido falar

=muito no seu nome! Aqui tem a carta, com muito gosto. Desculpe-me

a =hesitação. Mas deve-se hesitar, quando se quer ser leal, não

=acha?

- Bem, bem - disse de Besme -, não tem de que pedir desculpa.

- Como o senhor é tão obsequiador - disse La Mole, aproximando-se

=também -, quereria ter a bondade de se encarregar da minha carta,

=como acaba de o fazer com respeito à do meu companheiro?

- Como se chama?

- Conde Lerac de La Mole.

- Conde Lerac de La Mole?

- Sim senhor.

- Não conheço.

- Não admira que não conheça, porque sou de fora e, como o =conde de Cocunás, acabo de chegar de muito longe.

- E donde chega?

- Da provença.

- Com uma carta?

- Com uma carta.

- Para o Sr. de Guisa?

- Não senhor, para Sua Majestade o Rei de Navarra.

- Eu não sou da casa do rei de Navarra - respondeu de Besme com uma =frieza súbita - e portanto não posso encarregar-me da sua =carta.

E Besme, voltando as costas a La Mole, entrou no Louvre, fazendo aceno a =Cocunás para que o seguisse.

La Mole ficou só.

Naquele momento, pela porta do Louvre paralela à que dera passagem a =Besme e a Cocunás, saiu um grupo de uns cem cavaleiros.

- Ah! - disse a sentinela para o seu camarada - é de Mouy e os seus =huguenotes, vão radiantes. Talvez o rei lhes promettesse a morte do =assassino do almirante; e como foi também ele que matou o pai de =Mouy, o filho, de uma cajadada, dará cabo de dois coelhos.

- Há-de desculpar - interrogou La Mole, dirigindo-se ao soldado

-, =não disse que aquele oficial era o Sr. de Mouy?

- Disse, meu fidalgo.

- E os que o acompanhavam eram.

- Eram parpalhotes. Disse.

- Obrigado - agradeceu La Mole, sem parecer fazer caso do termo

de =desprezo empregado pela sentinela. - Era o que eu queria saber.

E dirigindo-se imediatamente ao chefe dos cavaleiros, disse:

- Acabo de saber que é o Sr. de Mouy.

- Sim senhor - respondeu o oficial com polidez.

- O seu nome, muito conhecido entre os da religião, anima-me a pedir- =lhe um favor.

- Que é? Mas primeiro. a quem tenho a honra de falar?

- Ao conde Lerac de La Mole.

Os dois mancebos cumprimentaram-se.

- Queira dizer, Senhor Conde - disse de Mouy.

- Acabo de chegar de Aix, e sou portador de uma carta do Sr. Auriac,

=governador da Provença. Esta carta é para o rei de Navarra, e

traz =notícias importantes e urgentes. Como poderei

entregar-lha? Como =poderei entrar no Louvre?

- Nada mais fácil do que entrar no Louvre, Senhor Conde - replicou

de =Mouy -, o pior é que o rei de Navarra está agora muito ocupado,

e =provavelmente não pode recebê-lo. Mas não importa; se quer

=seguir-me, eu o conduzo aos seus aposentos. O resto é lá com o
=senhor.

- Mil vezes obrigado!

- Venha, Senhor Conde - disse de Mouy.

De Mouy apeou-se do cavalo, atirou com a rédea às mãos do =criado,
caminhou para a porta, fez-se reconhecer pela sentinela e,
=abrindo a porta do quarto do rei, disse a La Mole:

- Queira entrar, e informe-se.

E cumprimentando La Mole, retirou-se.

La Mole, ficando só, olhou em redor de si. Não estava ninguém =na
antecâmara, e uma das portas interiores estava aberta. Deu alguns
=passos, e achou-se no corredor.

Bateu, chamou, e ninguém lhe respondeu. Reinava o mais profundo
=silêncio nesta parte do Louvre.

E falavam-me de uma etiqueta muito severa. Entra a gente e sai
deste =palácio como se fosse uma praça pública!

E tornou a chamar, mas sem obter melhor resultado do que da
primeira =vez.

Deixa-me lá andar para diante: hei-de chegar
a encontrar =alguém.

E meteu-se por um corredor escuro.

De repente, abriu-se a porta oposta àquela por onde entrara, e
=apareceram dois pajens, com tochas, alumando uma mulher de

figura =imponente, porte majestoso, e mais que tudo de uma beleza =admirável.

A luz deu em cheio em La Mole, que ficou imóvel.

A mulher parou, como La Mole tinha parado.

- Que quer o senhor? - perguntou ela ao mancebo com uma voz que lhe soou =aos ouvidos como uma música deliciosa.

- Oh! minha Senhora - disse La Mole, baixando os olhos -, peço-lhe =que me desculpe. Estive agora com o Sr. de Mouy, que me fez o =obséquio de me conduzir até aqui; eu procurava o rei de =Navarra.

- Sua Majestade não está aqui; creio que está no quarto do =cunhado. Mas, na sua ausência, não poderia dizer à rainha?

- Sim, decerto, minha Senhora - replicou La Mole -, se alguém se =dignasse apresentar-me.

- Está na presença dela.

- Pois quê! - exclamou La Mole.

- Eu sou a rainha de Navarra - disse Margarida.

La Mole fez um movimento tão arrebatado de admiração e susto =que a rainha sorriu.

- Diga depressa, Senhor - disse ela -, porque me esperam no quarto da =rainha-mãe.

37

- Oh! minha Senhora, se a esperam com tanta pressa, permita-me que me =afaste, porque me seria impossível falar-lhe neste

momento. Estou =incapaz de juntar duas ideias; a sua vista deslumbrou-me. Já não =penso, admiro.

Margarida avançou cheia de graça e de beleza para o mancebo que, =sem o saber, acabava de proceder como requintado cortesão.

- Torne a si - disse ela. - Esperarei, e esperar-me-ão.

- Oh! perdoe-me, minha Senhora, se não cumprimentei logo Vossa =Majestade com todo o respeito que tem direito a esperar de um dos seus =mais humildes servos, mas.

- Mas - continuou Margarida - pensou que eu era uma das minhas =damas.

- Não, minha Senhora, mas a sombra da bela Diana de Poitiers. =Disseram-me que aparecia no Louvre.

- Vamos - disse Margarida -, o senhor já me não dá cuidados; =há-de fazer fortuna na corte. Não me disse que trazia uma carta =para o rei? Não era necessário. Mas não importa; onde está =ela?

Entregar-lha-ei. O que lhe peço é que se não demore.

Num abrir e fechar de olhos, abriu La Mole as agulhetas do gibão e =tirou do peito uma carta encerrada num invólucro de seda.

Margarida pegou na carta e olhou para a letra.

- Não é o Sr. de La Mole? - perguntou ela.

- Sim, minha Senhora. Oh! meu Deus! teria a ventura de ser conhecido de =Vossa Majestade o meu nome?

- Ouvi-o pronunciar ao rei meu marido, e a meu irmão o duque de =Alençon. Sei que o senhor é esperado.

E meteu no corpete todo bordado e cheio de diamantes a carta que =saíra do gibão do mancebo, e que ainda estava quente do calor do =peito dele.

La Mole seguia avidamente com os olhos todos os movimentos de =Margarida.

- Agora - disse-lhe ela - desça à galeria de baixo, e espere =até que lá vá alguém da parte do rei de Navarra ou do duque =de Alençon. Conduzi-lo-á um dos meus pajens.

A estas palavras, Margarida continuou o seu caminho. La Mole perfilou-se =de encontro à parede. Mas a passagem era estreita, e o donaire da =rainha de Navarra era tamanho, que a saia de seda roçou pelo fato do =mancebo, ficando um aroma activo por onde ela passava.

La Mole estremeceu todo e, vendo que ia cair, encostou-se à parede. =Margarida desapareceu como uma visão.

- Queira seguir-me - disse o pajem encarregado de conduzir La Mole à =galeria de baixo.

- Oh! sim, sim - exclamou La Mole, embriagado, porque, como o pajem lhe =indicava o caminho por onde Margarida acabava de seguir, esperava, =apressando-se, tornar a encontrá-la.

Com efeito, ao chegar ao alto da escada, avistou-a no andar inferior; e, =ou por acaso, ou porque ela lhe ouvisse o ruído dos passos, Margarida =levantou a cabeça, e ele pode vê-la segunda

vez.

Oh! - disse ele, seguindo o pajem - não é uma mortal, é uma =deusa!

E, como diz Virgílio Marão.

Et vera incessu patuit dea.

O pajem seguiu adiante de La Mole, desceu um andar, abriu uma porta, =entrou e, parando no limiar, disse:

- É aqui que deve esperar.

La Mole entrou na galeria, cuja porta se tornou a fechar.

Na galeria só estava um cavalheiro, que passeava, e que também =parecia esperar.

39

Já a tarde começava a fazer cair largas sombras do alto das =abóbadas e, embora a distância que separava os dois homens não =fosse além de uns vinte passos, não podiam distinguir os rostos um =do outro. La Mole aproximou-se.

Deus me perdoe! - murmurou ele, quando se viu próximo do outro =fidalgo - é o Senhor Conde de Cocunás que encontro aqui.

O piemontês já se havia voltado ao ruído dos seus passos, e =olhava-o com espanto igual àquele com que era olhado.

- Com a breca! - exclamou - é o Sr. de La Mole, ou o diabo me leve!.

=Safa! o que estou fazendo!. praguejo em casa do rei! Mas, ora! parece =que o rei pragueja ainda mais do que eu, e até nas igrejas.

Então =estamos no Louvre?.

- Como vê. Introduziu-o o Sr. de Besme?
- Sim senhor. um alemão encantador o Sr. de Besme. E ao senhor, quem =lhe serviu de guia?
- O Sr. de Mouy. Bem lhe dizia eu que os huguenotes também não =eram malvistas na corte. E encontrou o Sr. de Guisa?
- Ainda não. E o senhor, obteve audiência do rei de Navarra?
- Não, mas não pode tardar. Conduziram-me para aqui e disseram-me =que esperasse.
- Verá que nos vão dar alguma ceia magnífica, e que estaremos =ao lado um do outro no festim. Que singular acaso, na verdade! Há =duas horas que a sorte nos emparelha. Mas. que tem o senhor? Parece =preocupado.
- Eu? - disse açodadamente La Mole, estremecendo, porque, =efectivamente, estava ainda como que deslumbrado pela visão que lhe =aparecera - não tenho nada; mas o lugar onde estamos faz-me nascer no =espírito um sem-número de reflexões.
- Está filosofando, não é assim? Outro tanto me acontece a mim. =Na ocasião em que o senhor entrou, assaltaram-me o espírito todas =as recomendações do meu preceptor. O Senhor Conde conhece =Plutarco?
- Ora essa! - disse La Mole, sorrindo - é um dos autores meus =predilectos.
- Pois - continuou Cocunás, com gravidade - não me parece que esse

=homem se engane

quando compara os dons da Natureza a flores brilhantes mas efêmeras, =ao passo que considera a virtude como uma planta balsâmica de =inextinguível aroma e de suprema eficácia para a cura das =feridas.

- Sabe grego, o Sr. de Cocunás? - disse La Mole, fitando o seu =interlocutor.

- Não sei, mas o meu preceptor sabia-o, e recomendou-me muito que, =quando estivesse na corte, discursasse acerca da virtude. Isso, disse- =me ele, é muito apreciável. Estou portanto couraçado no =assunto, advirto-o. A propósito: tem vontade de comer?

- Não tenho.

- Mas pareceu-me que se lhe iam os olhos pela ave da tabuleta da Estrela =Brilhante. Eu não posso comigo de debilidade.

- Pois, Sr. de Cocunás, tem excelente ocasião para utilizar os =seus argumentos acerca da virtude, e para provar a sua admiração =por Plutarco, porque esse grande escritor diz algures:

Bom é =costumar a alma à dor e o estômago à fome. - Prepon esti =tênpsuchên odunê on degastéra sem ô askenn.

- Ora essa! o senhor sabe grego? - exclamou Cocunás, estupefacto.

- Sei - respondeu La Mole -, o meu preceptor ensinou-mo.

- Com a breca! nesse caso, tem certa a sua fortuna; fará versos com o =rei Carlos IX, e falará grego com a rainha Margarida.

- E - acrescentou La Mole, rindo - poderia também falar gascão com =o rei de Navarra.

40

Neste momento, abriu-se a porta da galeria que ia ter ao quarto do rei, =soaram passos e viu-se na escuridão aproximar uma sombra.

Essa sombra =tornou-se um corpo. O corpo era o do Sr. de Besme.

Encarou com os dois mancebos para reconhecer Cocunás, e depois =fez-lhe sinal para que o seguisse.

Cocunás cumprimentou La Mole com a mão.

De Besme conduziu Cocunás à extremidade da galeria, abriu uma =porta e achou-se com ele no primeiro degrau da escada.

Chegando aí, parou, e, olhando de redor, e depois para cima e para =baixo, perguntou:

- Onde mora, Sr. de Cocunás?

- Na hospedaria da Estrela Brilhante Rua da Árvore Seca.

- Bom! bom! é a dois passos daqui. Queira recolher quanto antes à =hospedaria, e esta noite.

Olhou de novo em torno de si.

- Bem! esta noite. - perguntou Cocunás.

- Esta noite, volte cá, com uma cruz branca no chapéu. Com a =senha. E cale-se! Nem pio!

- Mas a que horas devo vir?

- Quando ouvir tocar a rebate.

- Virei imediatamente - disse Cocunás.

E, cumprimentando de Besme, afastou-se, perguntando a si próprio:

Que diabo quer isto dizer? e a propósito de que é que se tocará

=a rebate? Não importa! persisto na minha opinião: este Sr. de

=Besme é um tedesco encantador. E se eu esperasse pelo conde de

La =Mole? Para quê! provavelmente ceia com o rei de Navarra.

E Cocunás dirigiu-se para a Rua da Árvore Seca, para onde o =atraia
como um íman a tabuleta da Estrela Brilhante.

Neste meio-tempo abriu-se uma porta da galeria que dava para os

=aposentos do rei de Navarra, e dirigiu-se um pajem para La Mole.

- O senhor é que é o conde de La Mole? - perguntou o pajem.

- Sou.

- Onde mora?

- Rua da Árvore Seca, na Estrela Brilhante.

- Bom! é à porta do Louvre. Ouça. Sua Majestade manda-lhe dizer

=que não pode recebê-lo neste momento mas que talvez esta noite

o =mande buscar. Em todo o caso, se amanhã não tiver recebido

recado, =venha ao Louvre.

- E se a sentinela não me deixa entrar?

- Ah! tem razão. A senha é Navarra; diga esta palavra, e todas

as =portas se lhe abrirão.

- Muito obrigado.

- Espere, meu fidalgo. Tenho ordem para o acompanhar até à porta

=do paço, para que se não perca dentro do Louvre.

A propósito: e Cocunás? - disse La Mole consigo quando se viu fora

=do paço. - Oh! provavelmente ficou ceando com o duque de Guisa.

Mas, ao entrar em casa de mestre La Hurière, a primeira cara que

o =nosso fidalgo viu foi a de Cocunás, que estava sentado à mesa

=diante de uma enorme omeleta de carne.

- Oh! oh! - exclamou Cocunás, rindo às gargalhadas - parece-me

que =o senhor jantou tanto com o rei de Navarra como eu ceei com

o Sr. de =Guisa.

- verdade.

- E chegou-lhe a vontade de comer?

41

- Creio que sim.

- A despeito de Plutarco, hem?

- Senhor Conde - disse La Mole, rindo -, Plutarco diz noutro lugar

que =quem tem, de repartir com quem não tem. Quer, por amor de

Plutarco, =repartir a sua omeleta comigo? Falaremos da virtude

enquanto =comermos.

- Nada disso; falar da virtude é para quando se está no Louvre

e =há receio de que se ouça o que dizemos; e nós temos o =estômago

vazio. Sente-se, e vamos a comer.

- Pelo que vejo, decididamente a sorte torna-nos inseparáveis.

=Pernoita aqui?

- Não sei.
- Nem eu.
- Em todo o caso, bem sei eu onde hei-de passar a noite.
- Onde?
- Onde o senhor a passar, não pode deixar de ser.

E desataram ambos a rir, honrando o mais possível a omeleta de mestre =La Hurière.

VI

A DÍVIDA PAGA

Agora, se o leitor tem curiosidade de saber porque o Sr. de La Mole = não foi recebido pelo rei de Navarra, porque o Sr. de Cocunás = não pôde ver o Sr. de Guisa, e porque ambos, em vez de cearem no = Louvre faisões, perdizes e cabrito-montês, ceavam na hospedaria da = Estrela Brilhante uma omeleta de carne, há-de ter a = condescendência de entrar connosco no antigo palácio dos reis e de = seguir a rainha Margarida de Navarra, que La Mole perdera de vista à = entrada da grande galeria.

Enquanto Margarida descia essa escada, o duque Henrique de Guisa, que = ela não tornara a ver depois da noite do casamento, estava no = gabinete do rei. A escada que Margarida descia tinha uma saída. No = gabinete onde estava o Sr. de Guisa havia uma porta. Ora esta porta e = aquela saída conduziam ambas a um corredor que ia ter aos aposentos = da rainha-mãe, Catarina de Médicis.

Catarina de Médicis estava só, sentada a uma mesa, com o cotovelo = apoiado a um livro de Horas entreaberto, e a cabeça encostada à = mão, ainda notavelmente bela, graças ao cosmético fornecido = pelo florentino Renato, que reunia o duplo cargo de perfumista e = envenenador da rainha- mãe.

A viúva de Henrique II trajava o luto que não largara depois da = morte do marido. Era nessa época senhora de cinquenta e três anos, = mas, graças à sua frescura, conservava as feições da

=primeira beleza. O seu quarto, como de costume, era um quarto de =viúva. Tudo nele era sombrio: estofos, paredes, móveis. Por cima =de uma espécie de dossel que cobria uma poltrona real, onde nesse =momento dormia deitada a galga favorita da rainha-mãe (que lhe havia =sido dada por seu genro Henrique de Navarra, e recebera o nome =mitológico de Febe), achava-se pintado um arco-íris, rodeado da =divisa grega que o rei Francisco I lhe dera: Phôspherei ê de kai =aisbên, e que se pode produzir: Dá luz e serenidade.

De súbito, e no momento em que a rainha-mãe parecia imersa no mais =profundo pensamento, que lhe fazia desabrochar nos lábios pintados =com carmin um sorriso lento e cheio de hesitação, um homem abriu a =porta, levantou o reposteiro e mostrou o rosto pálido, dizendo:

- Corre tudo mal!

Catarina levantou a cabeça, e reconheceu o duque de Guisa.

- O quê, corre tudo mal? - disse ela. - Que quer dizer, Henrique?

- Quero dizer que o rei cada vez se mostra mais afecto aos malditos =huguenotes, e que, se vamos esperar que os ponha na rua para levarmos a =cabo a grande empresa, temos de esperar ainda muito, e talvez para =sempre.

- Que foi então que aconteceu? - perguntou Catarina, conservando o =rosto sereno que lhe era habitual, e a que sabia contudo dar

tão bem, =conforme a ocasião, as mais opostas expressões.

43

- Ainda há pouco perguntei pela vigésima vez a Sua Majestade se

=continuaríamos a suportar as bravatas a que os senhores da

=religião se atrevem, depois do ferimento do seu almirante.

- E que lhe respondeu meu filho? - perguntou Catarina.

- Respondeu-me: Senhor Duque, o povo deve suspeitá-lo como autor

do =assassinio cometido no meu segundo pai, o Senhor Almirante;

=defenda-se como lhe aprouver. Eu, por mim saberei defender-me

se me =insultarem. E, dito isto, voltou-me as costas para ir dar

ceia aos =cães.

- E não tentou detê-lo?

- Tentei. Mas respondeu-me com aquela voz que lhe conhece, e

olhando com =aquele olhar que é só dele: Senhor Duque, os meus

cães têm =fome, e não são homens, para que eu os faça esperar.

E eu vim =preveni-la.

- E fez bem.

- Mas que se há-de fazer?

- Tentar um último esforço.

- E quem o há-de tentar?

- Eu. O rei está só?

- Não; está com o Sr. de Tavannes.

- Espere-me aqui. Ou antes, siga-me de longe, que é melhor.

Catarina levantou-se imediatamente e dirigiu-se à câmara do rei, onde estavam, sobre tapete da Turquia ou almofadas de veludo, os seus =galgos predilectos. Em poleiros metidos na parede viam-se dois ou três =falcões escolhidos e uma pega parda, com a qual Carlos IX se divertia =a p nhar passarinhos no jardim do Louvre e no das Tulherias, que se =começavam a construir.

No caminho, a rainha-mãe foi compondo um rosto pálido e cheio de =angústia, em que rolava uma última, ou melhor, uma primeira =lágrima.

Aproximou-se sem fazer bulha de Carlos IX, que dava aos cães =bocadinhos de bolo cortado em partes iguais.

- Meu filho! - disse Catarina, com uma tremura de voz tão bem fingida =que fez estremecer o rei.

- Que tem, minha Senhora? - disse Carlos, voltando-se com vivacidade. =

- Meu filho - respondeu Catarina -, peço- te licença para me =retirar para um dos meus castelos; seja qual for, contanto que fique =muito distante de Paris.

- E porquê, minha Senhora? - perguntou Carlos IX, fitando na mãe =o seu olhar envidra çado que, em certas ocasiões, se tornava =tão penetrante.

- Porque estou recebendo todos os dias novos insultos dos senhores da =religião; porque hoj ouvi os protestantes ameaçarem-te até

=dentro do Louvre, e não quero tornar a assistir a espectáculos
=dessa ordem.

- Mas, minha mãe - disse Carlos IX, com uma expressão cheia de
=convicção -, olhe que quiseram matar-lhes o almirante. E já um
=infame assassino matou o bravo Sr. de Mouy a essa pobre gente.
Pode =atrar-se isto, minha mãe?. é preciso que haja justiça no
=reino.

- Oh! sossega, meu filho - disse Catarina -, não lhes faltará a
=justiça, porque, se lha recusares, eles a farão a seu modo: no Sr. =de Guisa
hoje, em mim amanhã, em ti mais para diante.

- Oh! minha Senhora - disse Carlos IX, deixando transparecer na
voz uma =primeira inflexão de dúvida -, acredita nisso?

- Oh! meu filho - tornou Catarina, entregando-se toda à violência
=dos seus pensamentos -, não vês que não se trata já da morte =do
Sr. Francisco de Guisa, ou da do Senhor Almirante ou da religião
=protestante, ou da religião católica, mas simplesmente da
=substituição do filho Henrique II pelo filho de António de
=Bourbon?

- Vamos, vamos, minha mãe! Lá está caindo nas suas =exagerações
habituais! - disse o rei.

44

- Qual é então a tua opinião, meu filho?

- Esperar, minha mãe! Esperar. Esta palavra reúne em si todo o
=saber humano. O maior, o mais forte, e principalmente o mais

destro, =é o que sabe esperar.

- Espera então, mas eu não esperarei.

Dito isto, Catarina fez uma mesura e, aproximando-se da porta,

=preparava-se para voltar para a sua câmara.

Carlos IX deteve-a.

- Mas que é preciso fazer, minha mãe? - disse ele - porque eu sou

=justo, acima de tudo, e queria que todos ficassem contentes

comigo.

Catarina tornou a aproximar-se.

- Venha cá, Senhor Conde - disse ela para Tavannes, que fazia

festas =à pega parda do rei

-, e diga ao rei o que entende que se deve fazer.

- Vossa Majestade dá-me licença? - perguntou o conde.

- Diz lá, Tavannes, diz lá.

- Que faz Vossa Majestade na caça quando o javali se volta para

=si?

- Que faço?. espero-o de pé firme - disse Carlos IX -, e meto-lhe

=na goela a minha alabarda.

- Unicamente para obviare a que te faça mal - acrescentou

=Catarina.

- E para me divertir - disse o rei, com um sorriso que indicava

a =coragem levada até à ferocidade -, mas não me divertiria matar

=os meus súbditos, porque, enfim, os huguenotes são tão meus

=súbditos como os católicos.

- Então, meu filho - disse Catarina -, os teus súbditos huguenotes

=farão como o javali a que se não mete a alabarda na goela:

=deitarão abaixo o trono.

- Ora! - disse o rei, com uns modos que indicavam não acreditar

muito =nas profecias da mãe.

- Mas não viste hoje o Sr. de Mouy e a sua gente?.

- Sim, vi-os, pois acabo de estar com eles; mas que me pediu de

Mouy que =não fosse justo? Pediu-me a morte do assassino do pai e do assassino
=do almirante. E não punimos nós o Sr. de Montgomery

pela morte de =meu pai e seu marido, embora essa morte fosse um
simples desastre?.

- Bem - disse Catarina, estomagada -, não falemos mais nisso. Tu

=estás sob a protecção de Deus, que te há-de dar força, =sabedoria

e confiança; mas eu, pobre mulher, que Deus desampara sem =dívida

por causa dos meus pecados, tenho medo, e cedo.

E, dito isto, Catarina, com outra mesura, saiu, fazendo sinal ao

duque =de Guisa, que entrava neste meio-tempo, para que ficasse
no seu lugar e =empregasse um último esforço.

Carlos IX seguiu a mãe com os olhos, mas sem a tornar a chamar;

e =depois pôs-se a fazer festas aos cães, assobiando uma ária de

=caça.

De repente interrompeu-se.

- Minha mãe é um verdadeiro espírito real - disse. - Em =verdade,

de nada se arreceia. Ora vão lá, de tenção =deliberada, matar algumas dúzias de huguenotes, porque vieram pedir =justiça! Então não estarão no seu direito?

- Algumas dúzias? - murmurou o duque de Guisa.

- Ah, está aí, Senhor Duque?. - disse o rei, fingindo que o via =pela primeira vez - Sim, algumas dúzias; uma insignificância!

Ah! =se alguém me dissesse: Sire, desembaraçar-se-á de todos os seus =inimigos a um tempo, e amanhã não restará um para lhe =exprobrar a morte dos outros, ah! então, não digo que não!

- Pois, Sire.

- Tavannes - interrompeu o rei -, estás fatigando Margot; põe-na =no poleiro. Porque tem o nome de minha irmã, a rainha de Navarra, =não é razão para que todos lhe façam festas.

45

Tavannes pôs a pega no poleiro, e passou a entreter-se enrolando e =desenrolando as orelhas de um galgo.

- Mas, Sire - respondeu o duque de Guisa -, se se dissesse a Vossa =Majestade: Sire, Vossa Majestade ver-se-á amanhã livre de todos os =seus inimigos.

- E por intercessão de que santo se faria esse milagre?

- Sire, estamos hoje a 24 de Agosto, seria por intercessão de S. =Bartolomeu.

- Um belo santo - disse o rei -, que se deixou esfolar em vida!

- Melhor! Quanto mais ele sofreu, tanta maior zanga há-de ter aos
=seus algozes.

- E é o primo - disse o rei - que com a sua espadinha de copos
de =ouro há-de matar daqui até amanhã dez mil huguenotes?. Ah!
ah! =ah! tem graça, Sr. de Guisa!

E o rei desatou a rir, mas com um riso tão velhaco, que o eco do
=quarto o repetiu lugubrememente.

- Sire, uma palavra, só uma! - prosseguiu o duque, estremeçando
ao =ouvir esse riso que nada tinha de humano. - Um sinal, e está tudo =pronto. Eu
tenho os suíços; mil e quinhentos gentis- homens,

os =caçadores a cavalo, e os burgueses. E Vossa Majestade tem os
seus =guardas, os seus amigos, a nobreza católica. Somos vinte
contra =um.

- Então, primo, se está tão forte, porque diabo vem azoinar-me
=os ouvidos com isso! Não se importe comigo, e ande para a
=frente!.

E o rei voltou-se para os cães.

Levantou-se então o reposteiro, e tornou a aparecer Catarina.

- A coisa vai bem - disse ela ao duque. - Insista, e o rei =cederá.

E o reposteiro tornou a cair, sem que Carlos IX visse Catarina,
ou pelo =menos desse mostras de a ter visto.

- Mas - disse o duque de Guisa - preciso saber se, fazendo o que
desejo, =serei agradável a Vossa Majestade.

- Em verdade, primo Henrique, está-me pondo a faca na garganta;

mas =hei-de resistir, coa breca! então não sou eu o rei?

- Ainda não, Sire; mas, se quiser, sê-lo- á amanhã.

- Ora essa! - continuou Carlos IX - matariam também o rei de

Navarra, =o príncipe de Condé. no meu Louvre?. Ah!

E depois acrescentou com voz que mal se percebia:

- Ficando de fora, não digo nada.

- Sire - exclamou o duque -, eles saem esta noite para uma orgia

com o =duque de Alençon, irmão de Vossa Majestade.

- Tavannes - disse o rei, com uma impaciência muitíssimo bem

=fingida -, não vês que estás fazendo zangar o meu cão?. Anda =cá,

Actéon, anda cá.

E Carlos IX saiu, sem querer ouvir mais, e entrou para a sua

câmara, =deixando Tavannes e o duque de Guisa quase que sem

saberem o que haviam =de fazer, como antes.

Passava-se entretanto uma cena de outro género no quarto de

Catarina, =que, depois de dar ao duque de Guisa o conselho de

insistir, para aí =voltara, achando já reunidas as pessoas que

habitualmente lhe =assistiam ao deitar.

Quando regressou, Catarina tinha o rosto tão risonho quanto o

tivera =descomposto quando partira. Pouco a pouco, foram saindo

as suas damas e =os seus cortesãos; não tardou que só estivesse

junto dela =Margarida, que, sentada num cofre ao pé da janela

aberta, olhava para =o céu absorta em seus pensamentos.

Duas ou três vezes, depois de se ver só com a filha, a rainha-mãe abriu a boca para falar, mas de cada vez um pensamento sombrio lhe recalçou para o fundo do peito as palavras prestes a saírem-lhe dos lábios.

46

Neste meio-tempo, ergueu-se o reposteiro, e apareceu Henrique de Navarra. A galga, que dormia em cima do trono, deu um pulo e correu para ele.

- O senhor aqui, meu filho? - disse Catarina, estremecendo. - Não ceia no Louvre?

- Não, minha Senhora - respondeu Henrique -, vamos passear esta noite pela cidade com os Srs. de Alençon e de Condé. Pensava até encontrá-los aqui fazendo-lhe a corte.

Catarina sorriu.

- Pois vão - disse ela -, vão. Muito felizes são os homens em poderem sair assim. Não é verdade, minha filha?

- É verdade - respondeu Margarida -, a liberdade é coisa tão bela e tão agradável!

- Isso quer dizer que eu lhe prendo a liberdade, minha Senhora?

- perguntou Henrique, curvando-se diante da mulher.

- Não senhor; nem eu me lastimo a mim; o que lastimo é a condição das mulheres em geral.

- Vai ver o Senhor Almirante, meu filho? - disse Catarina.

- Talvez.

- Vá; é um bom exemplo; e amanhã me dará notícias =dele.

- Irei, minha Senhora, uma vez que aprova.

- Eu não aprovo nada. Mas, quem é que está aí?. Mande =embora, mande embora.

Henrique deu um passo para a porta para cumprir a ordem de Catarina; mas =no mesmo instante ergueu-se o reposteiro, e viu-se a cabeça loura da =Sr. a de Sauve.

- Minha Senhora - disse ela -, está aí Renato, o perfumista, que =Vossa Majestade mandou chamar.

Catarina deu um olhar tão rápido como um relâmpago para =Henrique de Navarra. O príncipe corou levemente, e depois, quase no =mesmo instante, empalideceu de um modo assustador. Acabavam de =pronunciar o nome do assassino da mãe. Pensou que o rosto lhe =denunciava a comoção, e foi encostar-se à janela.

A galga soltou um gemido.

No mesmo instante entravam duas pessoas: uma anunciada, e outra que =não carecia de o ser. A primeira era Renato, o perfumista, que se =aproximou de Catarina com todas as obsequiosas civilidades dos =servidores florentinos; levava uma caixa, que abriu, e de que se viram =todos os compartimentos cheios de pós e de frascos.

A segunda era a Sr.a de Lorena, irmã mais velha de Margarida.

Entrou =por uma portinha secreta que ia ter ao gabinete do rei
e, pálida e =trémula, esperando não ser presentida por Catarina,
que examinava =com a Sr. a de Sauve o conteúdo da caixa que Renato
levava, foi =sentar-se ao lado de Margarida, junto da qual estava
em pé o rei de =Navarra, de mão na frente, como um homem que procura
livrar-se de um =deslumbramento.

Nesse momento voltou-se Catarina.

- Minha filha - disse a Margarida -, podes recolher-te ao teu
quarto. =Meu filho, pode ir divertir-se pela cidade.

Margarida levantou-se, e Henrique olhou de revés.

A Sra de Lorena pegou na mão de Margarida, e disse-lhe em voz
baixa =e com volubilidade:

- Minha irmã, em nome do duque de Guisa, que te salva como tu o
=salvaste, não saias daqui, não vás para o teu quarto.

- Hem? que dizes, Cláudia? - perguntou Catarina, voltando-se.

- Nada, minha mãe.

- Falaste em voz baixa a Margarida.

- Para lhe dar as boas-noites e muitas recomendações da duquesa
de =Nevers.

- E onde está a formosa duquesa?

47

- Ao pé do cunhado, o Sr. de Guisa.

Catarina olhou para as duas filhas com modos suspeitos e,

carregando o =sobrolho, disse:

- Anda cá, ó Cláudia.

Cláudia obedeceu. Catarina pegou-lhe na mão.

- Que lhe disseste tu, indiscreta? - murmurou, apertando o pulso da =filha a ponto de a fazer gritar.

- Minha Senhora - disse Henrique à esposa, que, sem ouvir, não =perdera coisa alguma da pantomina da rainha, de Cláudia e de =Margarida -, concede-me a honra de me dar a sua mão a beijar? Margarida estendeu-lhe a mão trémula.

- Que lhe disse ela? - murmurou Henrique, abaixando-se para poder chegar =os lábios àquela mão.

- Que não saísse. Em nome do Céu, não saia também!

Não passou dum relâmpago; mas à luz deste relâmpago, que foi =rápido, Henrique adivinhou uma conspiração.

- Há mais ainda - disse Margarida -, aqui tem uma carta que trouxe um =fidalgo provençal.

- O Sr. de La Mole?

- Sim senhor.

- Obrigado - disse ele, pegando na carta e metendo-a no gibão.

E, passando por diante da mulher desolada, foi encostar a mão ao =ombro do florentino.

- Então, mestre Renato - disse -, como vão os negócios =comerciais?

- Muito bem, Senhor, muito bem - respondeu o envenenador com o seu =pérfido sorriso.

- Não admira, porque você é o fornecedor de todas as testas =coroadas de França e do estrangeiro.

- Excepto da do rei de Navarra - observou o florentino, =atrevidamente.

- Tem razão, mestre Renato. E o certo é que minha mãe, que =também era sua freguesa, mo recomendou quando morreu, mestre Renato. =Vá amanhã ou depois aos meus aposentos, e leve-me as suas melhores =perfumarias.

- Não está desacertado - disse Catarina, sorrindo -, porque se =diz

- Que eu preciso de perfumes - replicou Henrique rindo. - Quem lho =disse, minha mãe? Foi Margot?

- Não, meu filho, foi a Sr.a de Sauve.

Neste momento irrompeu em soluços a Senhora Duquesa de Lorena que, =apesar dos esforços que fazia, não pôde conter-se.

Henrique nem sequer se voltou.

- Minha irmã - exclamou Margarida, correndo para Cláudia -, que =tens?

- Nada - disse Catarina, metendo-se no meio delas -, tem uma febre =nervosa, que Mazzilo lhe recomenda que trate com aromas.

E apertou outra vez e com mais força do que da primeira o braço

da =filha mais velha; e depois, voltando-se para a mais nova,
disse-lhe:

- Não me ouviste, Margot, dizer que te recolhesses ao teu quarto?

Se =não basta isso ordeno-to.

- Desculpe-me, minha Senhora - disse Margarida, trémula e pálida
=-, desejo a Vossa Majestade uma boa-noite.

- E eu espero que o teu desejo seja satisfeito. Boa noite, boa
noite. =Margarida retirou-se, cambaleando e procurando debalde
encontrar um =olhar do marido, que nem sequer se voltou para o
lado dela.

48

Houve um instante de silêncio, durante o qual Catarina se
conservou =de olhos fitos na duquesa de Lorena, que, pela sua
parte, sem falar, =olhava de mãos postas para a mãe.

Henrique estava de costas voltadas, mas via a cena num espelho
fingindo =que estava pondo no bigode uma pomada que Renato acabava
de lhe dar.

- E o senhor, Henrique? - disse Catarina. - Sempre sai?

- Ah! é verdade - exclamou o rei de Navarra -, já me esquecia que
=o duque de Alençon e o príncipe de Condé estão à minha =espera.

Estes admiráveis perfumes embriagam-me, e creio que me fazem
=perder a memória. Até à vista, minha Senhora.

- Até à vista. Amanhã me dará notícias do almirante, =não é assim?

- Pode contar com elas. Então, Febe, que é isso!

- Febe! - disse a rainha com impaciência.

- Chame-a, minha Senhora, porque não quer deixar-me sair.

A rainha-mãe levantou-se, pegou na cadelinha pela coleira e segurou-a, enquanto Henrique se afastava, com o rosto tão sereno e tão risonho como se não conhecesse no fundo no coração que corria perigo de vida.

Depois de Henrique sair, a cadelinha, solta por Catarina de Médicis, correu para ir ter com ele; mas estava a porta fechada, e ela não pôde senão meter o focinho por baixo do reposteiro, soltando um uivo lúgubre e prolongado.

- Agora, Carlota - disse Catarina à Sr. de Sauve -, vai chamar os Sr. de Guisa e Tavannes, que estão no meu oratório, e volta

com eles, para acompanhares a duquesa de Lorena, que está incomodada.

VII

A NOITE DE 24 DE AGOSTO DE 1572

Quando La Mole e Cocunás acabaram a sua pobre ceia (porque as aves da =hospedaria Estrela Brilhante só fulguravam na tabuleta),

Cocunás =fez girar a cadeira num dos quatro pés, estendeu as pernas, encostou =o cotovelo à mesa e, saboreando um derradeiro copo de vinho, =perguntou:

- Vai deitar-se já, Sr. de La Mole?

- Muita vontade tinha de o fazer, porque é possível que venham =acordar-me de noite.

- E a mim também - disse Cocunás -, mas parece-me, nesse caso, que =em vez de nos dei tarmos e de fazermos esperar os que hão-de =mandar-nos buscar, melhor seria pedirmos cartas e jogarmos. Assim =estaríamos prontos.

- De boa vontade aceitaria a proposta mas, para jogar, tenho pouco =dinheiro; o mais que tenho são cem escudos de ouro na mala, e é =tudo quanto possuo. Mas hei-de tratar de fazer fortuna com isto.

- Cem escudos de ouro? - exclamou Cocunás - e lamenta-se? Coa breca! =pois eu não tenho senão seis.

- Ora! - tornou La Mole - vi-o tirar da algibeira uma bolsa que me =pareceu não só bem recheada, mas até atarracada.

- Ah! isso é para dar cabo de uma antiga dívida que me vejo

=obrigado a pagar a um velho amigo de meu pai, que suspeito que é =também um tanto huguenote como o senhor. Tenho aqui na algibeira cem =dobrões, tenho, mas pertencem a mestre Mercandon. O meu património =pessoal limita-se, como lhe disse, a seis escudos.

- Então como se há-de jogar?

- É exactamente por isso que eu queria jogar. E tive uma ideia.

- Então qual é?

- Viemos ambos a Paris com o mesmo propósito, não foi?

- Pois foi.

- Cada um de nós tem o seu protector poderoso, não é assim?

- É.

- O senhor conta com o seu como eu conto com o meu, não é?

- É.

- Pois eu tinha imaginado jogarmos primeiramente o nosso dinheiro, e =depois o primeiro favor que recebermos, ou da corte, ou da nossa =amante.

- É muito engenhoso, na verdade! - disse La Mole, sorrindo. - Mas

=confesso que não sou tão jogador que arrisque toda a minha vida

=numa partida de cartas ou de dados, porque do primeiro favor que o =senhor receber e eu, dependerá provavelmente a nossa vida toda.

50

- Então deixemos o primeiro favor da corte, e joguemos o primeiro

=favor da nossa amante.

- Não vejo nisso senão um inconveniente.

- Qual é?

- É que eu não tenho amante.

- Nem eu tão-pouco; mas espero que não tardará que a tenha! =Graças a Deus, não sou assim tão desastrado que me faltem =mulheres.

- Decerto, Sr. de Cocunás, mulheres não lhe hão-de faltar; mas, =como eu não tenho a mesma confiança na minha estrela amorosa, =creio que seria roubá-lo aceitar essa aposta. Joguem pois até =aos seus seis escudos e, se por infelicidade sua os perder, e quiser =continuar o jogo, o senhor é cavalheiro, e a sua palavra vale =dinheiro.

- Muito bem! isso é que é falar. Tem razão, a palavra de um =cavalheiro vale dinheiro, muito mais quando esse cavalheiro tem =crédito na corte. Por isso, creia que eu não arriscaria pouco =jogando com o senhor o primeiro favor que venha a receber.

- Decerto; podia perder, mas eu não poderia ganhar; porque, =pertencendo ao rei de Navarra, nada posso receber do Senhor Duque de =Guisa.

Ah! parpalhote! - murmurou o estalajadeiro, limpando o velho capacete - =tinha-me dado o cheiro.

E interrompeu-se para fazer o sinal da Cruz.

- Então, decididamente - tornou Cocunás, baralhando as cartas que =o criado acabava de lhe trazer -, o senhor pertence.

- A quê?

- A religião.

- Eu?

- Sim, o senhor.

- E suponha que pertenço! - disse La Mole, sorrindo. - Tem alguma
=coisa contra nós?

- Oh! graças a Deus, não. Para mim é indiferente. Odeio
=profundamente o huguenotismo, mas não detesto os huguenotes, e
=demais, é moda.

- Sim - replicou La Mole, rindo -, sirva de testemunha a arcabuzada
do =Senhor Almirante. Jogaremos nós também arcabuzadas?

- Como quiser - disse Cocunás -, o que eu quero é jogar, seja o
=que for.

- Joguemos pois - disse La Mole, pegando nas cartas e
arranjando-as na =mão.

- Pois joguemos, e joguemos com confiança, porque, ainda que eu
perca =cem escudos de ouro como os seus, hei-de ter amanhã com
que os =pagar.

- Então espera que a fortuna venha ter com o senhor enquanto
=dorme?

- Não espero; sou eu que hei-de ir ter com ela.

- Aonde? diga-me, que quero ir com o senhor!

- Ao Louvre.

- Volta lá esta noite?

- Volto; tenho esta noite uma audiência particular do grande duque de Guisa. Depois de Cocunás dizer que ia buscar fortuna ao Louvre, La Hurière deixara de limpar o capacete e fora colocar-se por trás da cadeira de La Mole, de modo que só Cocunás pudesse vê-lo, e dali lhe fazia sinais, que o piemontês, entretido com o jogo e com a conversação, não notava.

- Isto é miraculoso! - exclamou La Mole - e o senhor tinha razão de dizer que nós nascemos sob a influência da mesma estrela.

- Também eu tenho esta noite uma entrevista no Louvre, mas não é com o duque de Guisa, é com o rei de Navarra.

- Tem senha?

- Tenho.

- Um sinal de reunião?

51

- Não.

- Pois tenho eu. A minha senha é.

A estas palavras do piemontês, La Hurière fez um gesto tão expressivo, exactamente no momento em que o indiscreto fidalgo levantava a cabeça, que Cocunás estacou petrificado, mais por esse gesto do que pela partida em que acabava de perder três escudos. Ao ver o espanto que se pintava na cara do seu parceiro, La Mole voltou-se; mas não viu senão o estalajadeiro atrás de

si, de braços =cruzados, e tendo na cabeça o capacete que um momento antes lhe vira =limpar.

- Que tem? - perguntou La Mole a Cocunás.

Cocunás olhava para o estalajadeiro e para o seu companheiro sem =responder, porque não podia compreender os gestos continuados de =mestre La Hurière.

La Hurière viu que devia ir em auxílio dele.

- Também eu - disse rapidamente - gosto muito do jogo; e como me =havia chegado para presenciar o lance que o fez ganhar, aquele senhor =admirou-se decerto de ver na minha cabeça de burguês um =capacete.

- Estás bonito! - exclamou La Mole, dando uma gargalhada.

- Oh! Senhor - replicou La Hurière, com uma bondade admiravelmente =representada e um movimento de ombros cheio do sentimento da sua =inferioridade -, nós não somos valentes e não temos boa =aparência. Fidalgos valentes como o senhor é que fazem reluzir =capacetes dotados e espadas finas; nós, contanto que nos apresentemos =pontualmente na guarda.

- Ah! ah! - interrompeu La Mole, baralhando as cartas - tu tens =guarda?

- Oh, meu Deus! Senhor Conde: sou sargento de uma companhia da =milícia burguesa. E, dito isto, enquanto La Mole dava as cartas, La =Hurière retirou-se, pondo um dedo nos lábios para recomendar

=discrição a Cocunás, mais estupefacto do que nunca.

Esta precaução foi decerto causa de ele perder a segunda partida

=quase tão rapidamente como acabava de perder a primeira.

- Bem! - disse La Mole - isto perfaz exactamente os seus seis

escudos. =Quer a desforra sobre a sua fortuna futura?

- De boa vontade - disse Cocunás -, de boa vontade.

- Mas, antes de se comprometer mais: não me disse que tinha uma

=entrevista com o Sr. Guisa?

Cocunás dirigiu a vista para a cozinha e viu os olhos da La

=Hurière, que repetiam a mesma advertência.

- Disse, é verdade, mas não é ainda a hora. E falemos alguma =coisa

de si, Sr. de La Mole.

- Creio que fariamos melhor em falar do jogo, meu querido Sr. de

=Cocunás, porque, ou muito me engano, ou lhe vou ganhar outros

seis =escudos.

- Coa breca! é verdade. Sempre ouvi dizer que os huguenotes eram

=felizes ao jogo. Tenho desejos de me fazer huguenote, o diabo

me =leve.

Os olhos de La Hurière cintilaram como duas brasas; mas Cocunás,

=entretido com o jogo, não reparou nele.

- Faça-se huguenote, conde - disse La Mole - e, conquanto o modo

por =que lhe ache a vocação seja singular, será bem recebido entre

=nós.

Cocunás coçou a orelha.

- Se eu tivesse a certeza de que a sua felicidade provinha disso,
=asseguro-lho. porque não sou muito aferrado à missa, e, desde
que =o rei também não é muito aferrado a ela.

- E é uma religião tão bela, tão simples, tão pura!.

- E está em moda - disse Cocunás - e dá fortuna ao jogo, =porque,
o diabo me leve! os azes são só para o senhor, e eu =tenho-o
observado, desde que estamos com as cartas nas mãos: o senhor
=joga jogo franco, o senhor não trapaceia. É certamente da
=religião.

52

- Deve-me mais seis escudos - disse La Mole tranquilamente.

- Ah! como me está tentando!. - disse Cocunás - e se esta noite
o =Sr. de Guisa não me satisfizer.

- Que faz?

- Que faço? Peço-lhe amanhã que me apresente ao rei de Navarra.
=E pode ficar descansado: se uma vez me fizer huguenote, serei
mais =huguenote do que Lutero, do que Calvino, do que Melâncton,
e do que =todos os reformistas da Terra.

- Caluda! - disse La Mole. - O senhor vai indispor-se com o
=estalajadeiro.

- Oh! é verdade! - disse Cocunás, dirigindo os olhos para a
=cozinha. - Mas não, ele não nos ouve; está muito ocupado neste

=momento.

- Que está ele a fazer? - perguntou La Mole, que não o podia ver

=do seu lugar.

- Está conversando com. O diabo me leve!. é ele!

- Ele, quem?

- Essa espécie de ave nocturna com que estava conversando quando
=nós chegámos, o homem do gibão amarelo e capote cor de =castanha.

Coa breca! que entusiasmo! Olá, mestre La Hurière, =dar-se-á o
caso que também faças política?.

Mas, desta vez, a resposta de mestre La Hurière foi um gesto tão
=enérgico e tão imperioso que, a pesar do seu amor pelas cartas,
=Cocunás levantou-se e foi direito a ele.

- Então que é isso? - perguntou La Mole.

- Quer vinho, meu fidalgo? - disse La Hurière, pegando
apressadamente =na mão de Cocunás. - Vai ser servido. Gregório!
vinho para =estes senhores.

E disse-lhe ao ouvido:

- Silêncio! silêncio, pela sua vida! e despeça o seu =companheiro.
la Hurière estava tão pálido, e o homem do gibão amarelo =tão
lúgubre, que Cocunás sentiu como que um estremecimento e,
=voltando-se para La Mole, disse-lhe:

- Meu querido Sr. de La Mole, peço-lhe que me dispense. Já perco
=cinquenta escudos. Estou infeliz esta noite, e tenho medo de me

=comprometer mais.

- Pronto, pronto - disse La Mole -, faça o que quiser. Demais,
não =se me dará de me deitar um pedaço na cama. Mestre La =Hurière.

- Senhor Conde?

- Se vierem chamar-me da parte do rei de Navarra, acorda-me. Fico
=vestido, e portanto é um instante.

- É como eu - disse Cocunás. - Para não fazer esperar Sua =Alteza
um só momento, vou preparar o sinal. Mestre La Hurière, =dá cá
uma tesoura e papel branco.

- Gregório! - gritou La Hurière - papel branco para escrever uma
=carta, e uma tesoura para cortar o envelope!

Decididamente - disse o piemontês com os seus botões - passa-se
=aqui o quer que seja de extraordinário.

- Boa noite, Sr. de Cocunás! - disse La Mole. - E tu, mestre La
=Hurière, faz-me o favor de me ensinar o caminho do quarto. Boa
=fortuna, amigo!

E La Mole desapareceu na escada, acompanhado pelo estalajadeiro.

Então, o homem misterioso travou do braço de Cocunás e, =puxando-o
para si, disse-lhe com vulubidade:

- O senhor ia revelando mais de uma vez um segredo de que depende
a =sorte do reino. Deus quis que a sua boca se fechasse a tempo.

Mais uma =palavra e eu deitava-o por terra com tiro de arcabuz.

Agora estamos =sós, felizmente; ouça.

- Mas quem é o senhor, para me falar com esses modos de comando?

- =perguntou Cocunás.

- Ouviu porventura falar alguma vez em Maurevel?

53

- O assassino do almirante?

- E do capitão de Mouy.

- Ouvi.

- Pois Maurevel sou eu.

- Oh! oh! - disse Cocunás.

- Ouça-me, pois.

- Coa breca! sou todo ouvidos.

- Caluda! - disse Maurevel, pondo um dedo na boca.

Cocunás ficou de ouvido à escuta.

Ouviu-se neste momento o estalajadeiro fechar a porta de um quarto, =depois a porta do corredor, correr-lhe os ferrolhos e voltar =precipitadamente para junto dos dois interlocutores.

Ofereceu então =uma cadeira a Cocunás, uma cadeira a Maurevel e, sentando-se em =outra, disse:

- Está tudo bem fechado, Sr. de Maurevel, pode falar.

Davam onze horas em S. Germano L'Auxerrois. Maurevel contou, uma após =outra, cada badalada, que ressoava vibrante e lúgubre no meio da =noite, e quando a última se desvaneceu no espaço:

- Senhor - disse ele, voltando-se para Cocunás, todo arrepiado

à =vista das precauções que os dois homens tomavam -, o senhor
é =bom católico?

- Creio que sim - respondeu Cocunás.

- O senhor - continuou Maurevel - é dedicado ao rei?

- De alma e coração. Ofende-me até com essa pergunta.

- Não questionaremos a esse respeito; vai acompanhar-nos.

- Aonde?

- Pouco lhe importe. Venha connosco. Depende disso a sua fortuna,

e =talvez a sua vida.

- Previno-o, Senhor, de que à meia-noite tenho que fazer no

=Louvre.

- É lá exactamente que nós vamos.

- O Sr. de Guisa espera-me.

- E a nós também.

- Mas eu tenho uma senha particular - continuou Cocunás, um tanto

=aborrecido por quinhoar da honra da sua audiência com Maurevel

e =mestre La Hurière.

- E nós também.

- Mas tenho um sinal para ser reconhecido.

Maurevel sorriu, tirou do gibão um punhado de cruces de um tecido

=branco, deu uma a La Hurière, uma a Cocunás, e tirou uma para

si. =La Hurière pregou a sua no capacete, e Maurevel pregou também

a =sua no chapéu.

- Ora esta! - disse Cocunás, admirado - a entrevista, a senha, o =sinal de aliança, eram para toda a gente.

- Sim senhor; quer dizer, para todos os bons católicos.

- Então há festa no Louvre, banquete real, não é - exclamou

=Cocunás - e querem excluir os cães dos huguenotes. Bom! bom! às

=mil maravilhas! Há já tempo de mais que eles se lá =apresentam.

- Isso mesmo, há festa no Louvre - disse Maurevel -, há banquete

=real, e os huguenotes serão convidados para ele. E mais: serão

os =heróis da festa, pagarão o banquete e, se o senhor quer ser

dos =nossos, comecemos por ir convidar o principal campeão deles,

o =Guardião deles, cor eles lhe chamam.

- O Senhor - exclamou Cocunás.

- Sim, o velho Gaspar, que errei como um imbecil, embora atirasse

contra =ele com o próprio arcabuz do rei.

54

- E aí tem, meu fidalgo, por que eu polia a minha celada, afiava

a =minha partasana e amolara as minhas facas - disse com voz

estridrnte =mestre La Hurière, transformado em guerreiro.

Aestas palavras, Cocunás estremeceu e fez-se muito pálido, porque

=começava a compreender.

- Pois é verdade? - exclamou - essa festa, esse banquete. é.

=vai-se.

- Levou muito tempo para adivinhar, Senhor - disse Maurevel -,

bem se =vê que não está como nós cansado das insolências desses

=presunçosos herejes.

- E o senhor encarrega-se de ir a casa do almirante, e de.

Maurevel sorriu, e levando Cocunás à janela, disse:

- Olhe; vê no largo, ao fim da rua, por detrás da igreja, um grupo

=que se esconde silenciosamente na sombra?

- Vejo.

- Os homens que constituem esse grupo têm, como mestre La Hurière,

=como o senhor, como eu, uma cruz no chapéu.

- E daí?

E daí, é uma companhia de suíços dos pequenos cantões, =comandados por Toquenot; e saiba que esses senhores dos cantões =são amigos do rei.

- Oh! oh! - disse Cocunás.

- Agora, olhe para esse grupo de cavaleiros que passa no cais.

=reconhece-lhe o chefe?

- Como quer que o reconheça - disse Cocunás, tremendo todo -, se

=cheguei a Paris esta tarde?.

- Pois é a pessoa com quem vai ter uma entrevista à meia-noite

no =Louvre. Olhe, vai esperá-lo lá.

- O duque de Guisa?

- Ele mesmo. Os que o escoltam são Marcel, ex-preboste dos

=comerciantes, J. Choron, preboste também. Os dois últimos vão

=fazer erguer as suas companhias de burgueses. E olhe, aí tem o

=capitão do bairro que entra na rua: veja bem o que ele vai fazer.

- Está batendo em todas as portas. Mas, que é que têm as portas

=em que ele bate?.

- Uma cruz branca, semelhante à que nós temos nos chapéus. Em

=outro tempo deixava-se a Deus o cuidado de distinguir os Seus.

Hoje =estamos mais civilizados, e poupamos-lhe essa tarefa.

- Mas todas as portas a que bate se abrem, e de cada casa saem

burgueses =armados.

- Há-de bater à nossa porta como às outras, e chegará a =ocasião

de nós sairmos.

- Mas. - disse Cocunás - toda a gente a pé para ir matar um velho

=huguenote? Coa breca, é negócio de estranguladores, e não de

=soldados!

- Meu rapaz - disse Maurevel -, se lhe repugnam os velhos, pode

=escolher rapazes. Há para todos os gostos. Se despreza punhais,

pode =servir-se da espada, porque os huguenotes não são gente que

se =deixe estrangular sem se defender e, como sabe, us huguenotes,

moços =ou velhos, têm a vida dura.

- Mas vão ser mortos todos? - exclamou Cocunás.

- Todos.

- Por ordem do rei?

- Por ordem do rei e do Sr. de Guisa.

- E quando?

- Quando ouvir tocar o sino de S. Germano L'Auxerrois.
- Ah! é então por isso que esse amável alemão que pertence =ao Sr. de Guisa. como é que se chama?.
- OSr. de Besme.
- Exactamente. É então por isso que o Sr. de Besme me disse que =corresse ao primeiro toque de rebate?

55

- O senhor viu o Sr. de Besme?
- Vi-o, e falei-lhe.
- Onde?
- No Louvre. Foi ele quem me fez entrar, quem me deu a senha, e quem =me.
- Olhe.
- Coa breca! é ele mesmo.
- Quer falar-lhe?
- Por minha alma, que não se me dava.

Maurevel abriu devagarinho a janela. Besme passava efectivamente, com =uns vinte homens.

- Guisa e Lorena! - disse Maurevel.
- Ah! é o Sr. de Maurevel.
- Sim senhor; o que procura?
- Procuo a hospedaria da Estrela Brillante para prevenir um certo Sr. =de Cocunás.

- Aqui estou, Sr. de Besme! - disse o rapaz.
- Ah! bom, bom. Está pronto?
- Estou. Que hei-de fazer?
- O que o Sr. de Maurevel lhe disser. É um bom católico.
- Ouve-o? - perguntou Maurevel.
- Ouço - respondeu Cocunás. - Mas o Sr. de Besme onde vai?
- Eu? - disse de Besme, rindo.
- Sim, o senhor?
- Eu vou dizer uma palavrinha ao almirante.
- Diga-lhe duas, se tanto é preciso - disse Maurevel -, e desta vez, =se se levantar da primeira, que não se levante da segunda.
- Pode sossegar, Sr. de Maurevel, pode sossegar; e encaminhe-me bem esse =rapaz.
- Sim senhor, não tenha receio; os Cocunás são excelentes =cães de caça.
- Adeus!
- Vá-se embora.
- E os senhores?
- Comece a caçada, que nós lá iremos como cães. De Besme =afastou-se, e Maurevel fechou as janelas.
- Ouve-o, meu rapaz? - disse Maurevel. - Se tem algum inimigo =particular, ainda que seja de todo em todo huguenote, ponha-o na lista e =passará com os outros.

Cocunás, mais aturdido do que nunca com tudo o que via e tudo o que =ouvia, olhava ora para o estalajadeiro, que tomava posições =formidáveis, ora para Maurevel, que tirava sossegadamente um papel da =algibeira.

- A minha lista aqui está - disse ele. - Trezentos. Que cada bom =católico faça, esta noite, a décima parte da tarefa que eu =hei-de fazer, e não haverá amanhã um único hereje no =reino.

- Silêncio! - disse La Hurière.

- Que é? - repetiram juntos Cocunás e Maurevel.

Ouviu-se vibrar a primeira badalada de rebate em S. Germano =L'Auxerrois.

- O sinal! - exclamou Maurevel. - Então é antes da hora marcada? =Tinham-me dito que era à meia-noite. Melhor! Quando se trata da =glória de Deus e do rei, mais valem os relógios que se adiantam =que os que se atrasam.

O facto é que se ouviu soar lugubrememente o sino da igreja. Pouco =depois ressoou um primeiro tiro e quase imediatamente a luz de muitos =archotes iluminou, como um relâmpago, a da Árvore Seca.

Cocunás passou pela frente a mão húmida de suor.

56

- Começa a coisa - exclamou Maurevel -, a caminho!

- Um momento, um momento! - disse o estalajadeiro. - Antes de entrarmos =em campanha, asseguremo-nos da pousada, como se diz

na guerra. Não =quero que me estrangulem a mulher e os filhos enquanto eu estiver fora. =Há aqui um huguenote.

- O Sr. de La Mole? - exclamou Cocunás com um sobressalto.

- Sim! o parpalhote veio meter-se na boca do lobo. Foi por =intenção dele que afiei a minha partasana.

- Oh, oh! - disse o piemontês, carregando o sobrolho.

- Nunca matei senão os meus coelhos, os meus patos e os meus =frangãos - replicou o digno estalajadeiro - e não sei muito bem o =que hei-de fazer para matar um homem. Pois vou fazer a experiência =neste. Se não for obra bem acabada, ao menos não está aí =ninguém que escarneça de mim.

- Coa breca! é duro! - objectou Cocunás. - O Sr. de La Mole é =meu companheiro, o Sr. de La Mole ceou comigo, o Sr. de La Mole jogou =comigo.

- Sim, mas o Sr. de La Mole é um hereje - disse Maurevel -, o Sr. de =La Mole está condinado, e se nós o não matarmos, =matá-lo-ão outros.

- Sem falar - disse o estalajadeiro - em que lhe ganhou cinquenta =escudos.

- É verdade - disse Cocunás -, mas lealmente, tenho a certeza =disso.

- Lealmente ou não, há-de pagar-lhe; e se eu o matar, fica com as =contas saldadas.

- Vamos! vamos! é aviar, Senhores - gritou Maurevel -, um tiro de =arcabuz, uma coronhada, uma martelada, seja o que for; mas acabemos com =isto, se queremos chegar a tempo, como prometemos, para ajudar o Sr. de =Guisa em casa do almirante.

Cocunás deu um suspiro.

- Eu já lá vou! - bradou La Hurière. - Esperem-me.

- Coa breca! - exclamou Cocunás - vai fazer sofrer o pobre rapaz, e =roubá-lo talvez. Quero

estar lá para acabar com ele, se

tanto =for necessário, e obstar a que lhe roubem o dinheiro.

E, movido por esta ideia, Cocunás subiu a escada atrás de mestre =La Hurière, que em breve alcançou; porque, à proporção =que subia, sem dúvida por efeito da reflexão, La Hurière =demorava o passo.

No momento em que chegava à porta, seguido sempre por Cocunás, =ouviram- se muitos tiros na rua. E sentiu-se La Mole saltar da cama =abaixo e o sobrado estalar sob os seus passos.

- Diabo! - murmurou La Hurière, um tanto atrapalhado - creio que =está acordado!

- Parece-me que sim - disse Cocunás.

- E vai defender-se?

- É capaz disso. E se ele o matasse, mestre La Hurière? Olhe que =era uma peça bem pregada.

- Hum! hum! - disse o estalajadeiro.

Mas, sabendo que estava armado com um bom arcabuz, serenou e meteu a =porta dentro com um vigoroso pontapé.

Viu-se então La Mole, sem chapéu, mas vestido, e entrincheirado

=por detrás do leito, com a espada entre os dentes e com uma pistola =em cada mão.

- Oh! oh! - disse Cocunás, abrindo as ventas como uma verdadeira fera =que fareja o sangue - isto vai-se tornando interessante, mestre La =Hurière. Vamos, vamos! avante!

- Ah! querem assassinar-me, ao que parece! - gritou La Mole, cujos olhos =chamejavam. tu, miserável!

Mestre La Hurière não respondeu a esta apóstrofe senão =baixando o seu arcabuz e fazendo pontaria para o mancebo. Mas La Mole =tinha observado a pontaria e, no momento em que o tiro partiu, pôs-se =de joelhos e a bala passou-lhe por cima da cabeça.

- Acuda-me! - gritou La Mole - acuda-me, Sr. de Cocunás!

57

- Acuda-me, Sr. de Maurevel! acuda-me! - gritou La Hurière.

- O mais que posso fazer, Sr. de La Mole - disse Cocunás -, neste =negócio, é não o agredir. Parece que se matam esta noite os =huguenotes em nome do rei. Arranje-se como puder.

- Ah! traidores! ah! assassinos! então é isso! esperem lá.

E La Mole, fazendo também pontaria, desfechou uma das suas pistolas. =La Hurière, que não o perdia de vista, teve tempo para

se livrar =do tiro; mas Cocunás, que não esperava aquilo, deixou-se ficar no =lugar onde estava, e a bala roçou-lhe pelo ombro.

- Com mil diabos! - gritou Cocunás, rangendo os dentes - feriste-me. =combatamos, já que assim o queres!

E, desembainhando a durindana, correu para La Mole.

Se ele estivesse só, La Mole tê-lo-ia esperado decerto; mas =Cocunás tinha atrás de si mestre La Hurière, que tornara a =carregar o arcabuz, sem contar com Maurevel que, para satisfazer o =convite do estalajadeiro, subia os degraus da escada a quatro e quatro. =La Mole correu pois para um gabinete e fechou a porta.

- Ah! patife! - gritava Cocunás, furioso, batendo na porta com os =copos da espada. - espera, espera! Quero retalhar-te o corpo com tantas =cutiladas quantos escudos de ouro me ganhaste esta noite! Ah! venho para =evitar que sofras, venho para que te não roubem, e recompensas-me =metendo-me uma bala no ombro!. Espera, patife! espera!

Neste meio-tempo aproximou-se mestre La Hurière, e com uma coronhada =do seu arcabuz fez saltar a porta em pedaços.

Cocunás precipitou-se no gabinete, mas foi bater com o nariz na =parede. O gabinete estava vazio e a janela aberta.

- Atirou consigo à rua - disse o estalajadeiro -, e como estamos no =quarto andar, morreu.

- Ou fugiu pelo telhado da casa contígua - disse Cocunás, passando

=uma perna por cima do parapeito da janela, na intenção de ir no

=encalço de La Mole naquele terreno escorregadio e escarpado.

Mas Maurevel e La Hurière precipitaram-se sobre ele, e trazendo-o

=para o quarto:

- Está doido! - exclamaram ambos a um tempo. - Olhe que se tem

=saltado, era morte certa!

- Qual! - disse Cocunás - sou montanhês, e estou habituado a

=correr sobre o gelo. De mais, quando um homem me insulta uma vez,

=subiria com ele até ao Céu, ou desceria até ao Inferno, tomasse

=o caminho que tomasse para lá chegar. Deixem-me cá!

- Olhe! - disse Maurevel - ou ele morreu, ou está agora longe.

venha =conosco; e se esse Lhe escapa, achará mil para o lugar dele.

- Tem razão - berrou Cocunás. - Morte aos huguenotes! Preciso

=vingar-me, e quanto mais depressa melhor.

E desceram todos três a escada como uma avalanche.

- A casa do almirante! - gritou Maurevel.

- A casa do almirante! - repetiu La Hurière.

- A casa do almirante! uma vez que assim o querem - disse também

=Cocunás. E saíram todos três da hospedaria Estrela Brillante

=que ficou guardada por Gregório e pelos outros criados, e

=dirigiram-se para o palácio do almirante, sito na Rua de Béthisy.

=Guiava-os para esse lado uma chama brilhante e o estrondo das

=arcabuzadas.

- Quem vai lá? - gritou Cocunás.

Era um homem sem gibão e sem cinto.

- É um que se safa - disse Maurevel.

- Atire-lhe o senhor, que tem arcabuz! - exclamou Cocunás.

- Eu não - disse Maurevel -, guardo a minha pólvora para melhor
=caça.

58

- Então tu, La Hurière!

- Espere, espere! - disse o estalajadeiro, fazendo pontaria.

- Ah, sim! esperemos - exclamou Cocunás -, e enquanto esperamos,

=some-se ele! E correu em perseguição do desgraçado, que em

=breve alcançou, porque estava já ferido. Mas no momento em que,

=para não o ferir pelas costas, lhe gritava: Volte-se, volte-se!

=ouviu-se a detonação de um tiro de arcabuz, assobiou uma bala

aos =ouvidos de Cocunás e o fugitivo caiu como uma lebre ferida

na mais =rápida carreira pelo chumbo do caçador.

Cocunás ouviu um grito de triunfo atrás de si, voltou-se e viu

La =Hurière agitando a sua arma.

- Ah! desta vez - bradou ele - estreei-me!

- Sim, mas por uma unha negra que não me =atravessas a mim
de meio a meio!

- Tome cuidado, meu fidalgo, tome cuidado! - gritou La

Hurière.

Cocunás deu um pulo para trás. O ferido levantara-se sobre os joelhos e, todo ele vingança, ia cravar o seu punhal em Cocunás, no próprio momento em que o aviso do estalajadeiro prevenira o piemontês.

- Ah! vívora! - exclamou Cocunás.

E, atirando-se ao ferido, enterrou-lhe três vezes no peito a espada até aos copos.

- E agora - bradou Cocunás, deixando o huguenote debatendo-se nas convulsões da agonia -, a casa do almirante! a casa do almirante!

- Ah! ah! meu fidalgo - disse Maurevel -, parece que lhe tomou o gosto!...

- Palavra que sim - disse Cocunás. - Não sei se é o cheiro da pólvora que me embriaga, ou a vista do sangue que me excita, mas, coa breca, estou tomando gosto à carnificina. Isto é como que uma montaria aos homens. Nunca entrei em montarias aos ursos e aos lobos e, pela minha honra, a montaria aos homens parece-me mais divertida.

E desataram a correr todos três.

VIII

OS ASSASSINADOS

O palácio que o almirante habitava ficava situado, como dissemos, na =Rua de Béthisy. Era um casarão no fundo de um pátio, com duas =alas que davam para a rua. Um muro aberto num portão de grades dava =entrada para o pátio.

Quando os nossos três partidários do duque de Guisa chegaram à =extremidade da Rua La Béthisy, que é continuação da Rua dos =S. Germano L'Auxerrois, viram o palácio cercado de suíços, =soldados e burgueses em armas; tinham todos na mão direita, ou =espadas, ou chuços ou arcabuzes, e alguns, na mão esquerda, =archotes, que derramavam nesta cena uma claridade fúnebre e vacilante =que, seguindo o movimento impresso, se espalhava pelo chão, subia =pelas paredes ou cintilava por cima desse mar vivo, onde cada arma =lançava o seu lampejo. Em roda do palácio e nas Ruas Tirechappe, =Étienne e Bertin-Poirée, estava em acção a obra terrível. =Ouviam-se gritos prolongados, crepitava a mosquetaria e, de tempos a =tempos, passava algum desgraçado, meio nu, pálido, ensanguentado, =saltando como um gamo perseguido num círculo fúnebre, onde parecia =que se agitava um mundo de demónios. Num instante, Cocunás, Maurevel e La Hurière, assinalados de longe =pelas suas cruces brancas e acolhidos por gritos de boas-vindas, =viram-se no mais compacto dessa multidão

arquejante e apressada como =uma matilha. Não poderiam certamente passar, mas algumas pessoas =reconh ceram Maurevel e deram-lhe passagem. Cocunás e La Hurière =seguiram-no; e puderam todos três introduzir-se no pátio.

No meio do pátio, cujas três portas haviam sido arrombadas, estava =de pé um homem em torno do qual os assassinos deixavam um espaço =respeitoso e, encostado a uma espada desen bainhada, fitava os olhos =numa varanda à altura de cerca de quinze pés e corrida diante da =janela principal do palácio. Este homem batia o pé com =impaciência, e de vez em quando voltava-se para interrogar os que =estavam mais perto dele.

- Ainda nada - murmurou. - Ninguém. É que o avisaram e fugiu. Que =lhe parece, Gaspar?

- É impossível, meu príncipe.

- E porque não? Não me disse que um instante antes de nós =chegarmos tinha vindo à porta um homem sem chapéu, de espada =desembainhada na mão e a correr como se fosse perseguido, e que lhe =havam aberto a porta?.

- Sim senhor; mas quase ao mesmo tempo chegou o Sr. de Besme, foram =arrombadas as portas e o palácio cercado. O homem entrou, mas com =toda a certeza não pôde sair.

- Se me não engano - disse Cocunás a La Hurière -, está ali =o Sr. de Guisa.

- Não se engana, meu fidalgo. É o grande Henrique de Guisa em

=pessoa, que espera sem

60

dúvida que o almirante saia para lhe fazer o mesmo que o almirante

=fez ao pai. Todos têm o seu Martinho, meu fidalgo; e, graças a

=Deus, é hoje o nosso.

- Olá! Besme! olá! - gritou o duque com a sua voz possante - =então

ainda não?. E com a ponta da espada, impaciente como ele, =fazia

chispar faíscas da calçada. Neste momento ouviram-se como =que

gritos no palácio, e depois tiros, e depois um grande tinido de

=armas, a que sucedeu novo silêncio.

O duque fez um movimento para se precipitar dentro de casa.

- Meu príncipe - disse-lhe Du Gast, acercando-se dele e detendo-o

-, =a dignidade de Vossa Alteza manda-lhe que não saia daí, e

=espere.

-Tens razão, Du Gast, e obrigado! esperarei. Mas, na verdade,

morro =de impaciência e de inquietação. Ah! se ele me escapava!.

De repente, aproximou-se a sapateada. os vidros do primeiro andar

=iluminaram-se com reflexos parecidos com os de um incêndio. A

janela =para que o duque tantas vezes levantara os olhos abriu-se,

ou melhor, =saltou em pedaços, e apareceu na varanda um homem de

rostro pálido =e a gola branca suja de sangue.

- Besme! És tu? Que há? que há?

-Aqui está! aqui está - respondeu com firmeza o alemão que,

=baixando-se, se tornou a erguer. imediatamente, parecendo
querer =levantar um peso considerável.

- Mas os outros? - perguntou o duque impacientemente. - Os outros
onde =estão?

- Os outros estão dando cabo dos mais.

- E tu? tu que fizeste?

- Eu? vai já ver; recue alguma coisa.

O duque deu um passo para a retaguarda.

Neste momento pôde distinguir-se o objecto que Besme puxava para
si =com possante esforço. Era o corpo de um velho. Ergueu-o acima
da =varanda, deu-lhe por um instante balanço no parapeito e
atirou-o aos =pés do amo.

O ruído surdo da queda, as golfadas de sangue que jorravam das
=feridas e salpicavam o chão à distância, causaram impressão
=sinistra ao próprio duque; mas este sentimento durou pouco, e
a =curiosidade fez com que cada um avançasse alguns passos e que
sobre a =vítima viesse bruxular a luz dum archote.

Distinguiu-se então uma barba branca, um rosto venerando, e as
=mãos inteiriçadas pela morte.

- O almirante! - exclamaram ao mesmo tempo vinte vozes, que se
calaram =imediatamente.

- Sim, o almirante. Não há dúvida que é ele - disse o duque,
=aproximando-se do corpo para o contemplar com alegria

silenciosa.

-

O almirante, o almirante! - repetiram a meia voz todas as
=testemunhas desta horrível cena, empurrando-se uns de encontro
aos =outros e aproximando- se timidamente do velho derrotado.

- Ah! pagaste, Gaspar! - disse o duque de Guisa, triunfante. -

Fizeste =assassinar meu pai, vinguei-o.

E pôs o pé no peito do herói protestante. Mas os olhos do
=moribundo abriram-se a custo, a mão ensanguentada e mutilada
=contraíu-se pela última vez, e o almirante, sem perder a
dignidade, =disse ao sacrílego com voz sepulcral:

- Henrique de Guisa, também um dia hás-de sentir sobre o teu peito
=o pé de um assassino. não matei teu pai. Amaldiçoado sejas!

O duque, pálido e trémulo, mau grado seu, sentiu percorrer-lhe
o =corpo um calafrio, passou a mão pela testa, como se quisesse
expulsar =a lúgubre visão; e depois, quando ousou olhar de novo
o almirante, os olhos deste estavam fechados, a mão inerte, e às
=terríveis palavras que a sua boca acabava de proferir havia
sucedido =uma porção de sangue negro, que dessa boca escorrera
para a barba. =

61

O duque ergueu a espada com um gesto de resolução desesperada.

- Então, Senhor? - disse-lhe Besme -, está satisfeito?

- Estou, meu bravo, estou - replicou Henrique -, porque vingaste.

- O duque Francisco, Alteza, não é verdade?

- A Religião - replicou Henrique, com voz surda. - E agora -

=continuou, voltando-se para os suíços, soldados e burgueses que

=atracavam o pátio e a rua - mãos à obra, amigos! Mãos à =obra!

- Viva o Sr. de Besme! - disse então Cocunás, acercando-se com

uma =espécie de admiração do alemão, que, continuando na varanda,

=limpava tranquilamente a espada.

- Foi o senhor que lhe deu cabo da pele? - gritou La Hurière,

=extasiado. - Como foi, meu digno fidalgo?

- Oh! muito simplesmente, muito simplesmente. Ele ouviu barulho,

abriu a =porta e atravessei-o com a espada. Mas creio que não é

tudo, creio =que Teligny apanhou o que quer seja. ouço gritar.

Em neste momento ouviram-se gritos de aflição dados por uma voz

de =mulher, e reflexos avermelhados iluminaram uma das salas que

formavam a =galeria. Viram-se fugir dois homens seguidos por uma

longa fila de =assassinos. Uma arcabuzada matou um; e o outro,

encontrando no caminho =uma janela aberta, e sem medir a altura,

sem se importar com os inimigos =que o esperavam em baixo, saltou

intrepidamente para o pátio.

- Mata, mata! - gritaram os assassinos, vendo a sua vítima prestes

a =escapar-se-lhes. O homem ergueu-se, apanhando a espada, que

na queda lhe =caíra das mãos, continuando a correr de cabeça baixa

por entre =a multidão, deitou a terra três ou quatro, atravessando um a =espada, e, no meio do fogo das pistolas, no meio das imprecações =dos soldados, furiosos de o haverem errado, passou como um relâmpago =por diante de Cocunás, que o esperava já de punhal na mão.

- Apanhei-te! - gritou o piemontês, traspassando-lhe o braço com a =lâmina fria e agreste.

- Cobarde! - respondeu o fugitivo, batendo com a folha da espada na cara =do seu inimigo por falta de espaço para lhe dar uma estocada.

- Oh! com mil demónios! - exclamou Cocunás - é o Sr. de La =Mole!

- O Sr. de La Mole? - repetiram La Hurière e Maurevel.

- Foi o que preveniu o almirante! - gritaram muitos soldados.

- Mata, mata!. - bradaram de todos os lados.

Cocunás, La Hurière e dez soldados correram em perseguição =de La Mole, que, coberto de sangue e chegado ao grau de exaltação =que é o último reduto do vigor humano, saltava apenas sem outro =guia além do instinto. Atrás dele esporeavam-no, e parecia que lhe =davam asas os gritos dos seus inimigos. Às vezes assobiava-lhe aos =ouvidos uma bala e imprimia-lhe de repente nova rapidez na carreira =prestes a esmorecer. Não era respiração, não era hálito, =o que lhe saía do peito, mas um estertor surdo, mas um uivo rouco. Dos =cabelos escorriam- lhe suor e sangue, e caíam-lhe

misturados no =rosto.

O gibão tornou-se-lhe em breve muito apertado para as pulsações
=do coração, e arrancou-o. A espada tornou-se-lhe em breve pesada
=de mais para a mão, e atirou com ela para longe. Por vezes
=parecia-lhe que os passos se afastavam e que ia escapar aos seus
=carrascos; mas, aos gritos destes, outros assassinos, que se
achavam no =seu caminho, e mais próximos, deixavam a sua luta
sangrenta e =acorriam. De repente, viu o rio, que corria
silenciosamente à =esquerda; pareceuque experimentaria, como o
veado encurralado, um prazer =indizível em se precipitar nele,
a força suprema da razão o =pôde conter. À direita ficava o Louvre, sombrio,
imóvel, mas =cheio de rumores surdos e sinistros. Pela
ponte levadiça entravam e =saíam capacetes e couraças que
reflectiam em lampejos deslavados =os raios da Lua. La Mole pensou
no rei de Navarra, como tinha

63

pensado em Coligny. Eram os seus únicos protectores. Reuniu todas
as =suas forças, olhou para o Céu, fazendo o voto de abjurar se
=escapasse à carnificina, fez perder, com um subterfúgio, trinta
=passos à matilha que o perseguia, correu direito para o Louvre,
=lançou-se na ponte com os soldados, recebeu outra punhalada ao
longo =das costas e, apesar dos gritos de Mata! mata! que
ressoavam por =detrás dele e em volta, apesar da atitude ofensiva
das sentinelas, =precipitou- se como uma seta no pátio, pulou para

o vestibulo, =galgou a escada, subiu dois andares, reconheceu uma porta e apoiou-se a =ela batendo com os pés e as mãos.

- Quem está aí? - murmurou uma voz de mulher.

- Oh! meu Deus! meu Deus! - murmurou La Mole - lá vêm eles.

=ouço-os. ei-los! vejo-os. Sou eu! sou eu!.

- Quem é? - tornou a voz. La Mole recordou-se da senha.

- Navarra! Navarra! - gritou.

Abriu-se imediatamente a porta. La Mole, sem ver, sem agradecer a =Gillonne, irrompeu um vestibulo, atravessou um corredor, duas ou =três casas, e chegou por fim a um quarto alumiado por uma lâmpada =suspensa do tecto.

Por baixo de cortinas de veludo com flores-de-lis de ouro, num leito de =carvalho esculpido, abria os olhos fixos de espanto uma mulher meia nua, =apoiada a um braço.

La Mole precipitou-se para ela.

- Minha Senhora - exclamou - matam, estrangulam os meus =correligionários! Querem matar-me, querem estrangular- me também! =Ah! a senhora é a rainha. salve-me!

E caía-lhe aos pés, deixando no tapete largo vestígio de =sangue.

Ao ver esse homem pálido, abatido, ajoelhado diante dela, a rainha de =Navarra levantou-se espantada, escondendo o rosto nas mãos e gritando =por socorro.

- Minha Senhora - disse La Mole, fazendo um esforço para se

levantar =-, em nome do Céu, não chame por socorro! porque se a ouvem =estou perdido! Perseguem-me assassinos. Subiam a escada atrás de mim. =Ouço-os. ei-los aí! ei-los aí!

- Socorro! - repetiu a rainha de Navarra, fora de si - socorro!.

- Ah! a senhora matou-me! - disse La Mole, desesperado. - Morrer por uma =voz meiga, morrer por uma mão tão bela! ah! julgava-o =impossível!

Abriu-se a porta no mesmo instante, e precipitou-se no quarto uma =turbamulta de homens arquejantes, furiosos, com os rostos manchados de =sangue e de pólvora, e de arcabuzes, alabardas e espadas em =punho.

À frente ia Cocunás, de cabelos ruivos eriçados, os olhos azuis =deslavados e extraordinariamente dilatados, a face retalhada pela espada =de La Mole, que lhe havia traçado nas carnes um rego de sangue: assim =desfigurado, o piemontês causava horror.

- Coa breca! - exclamou - ele cá está! ele cá está! Ah! =até que o apanhámos! La Mole procurou em torno de si uma arma e =não a achou. Deitou os olhos para a rainha e viu-lhe desenhada no =rosto a mais profunda compaixão. Então compreendeu que só ela =podia salvá- lo; correu para ela e cingiu-a com os braços.

Cocunás deu três passos para a frente, e com a ponta da sua =comprida espada ainda fez furo no ombro do seu inimigo, e algumas gotas =de sangue tépido e vermelho salpicaram con o orvalho os

lençóis =brancos e perfumados de Margarida.

Margarida viu correr o sangue, sentiu estremecer esse corpo enlaçado =no seu, e saltou com ele para o espaço que ficava entre a cama e a =parede. Era tempo. La Mole, extenuado, era incapaz de fazer um movimento =para fugir ou para se defender. Apoiou a cabeça livida no ombro de =Margarida, e os dentes hirtos filaram, rasgando-a, a fina cambraia =bordada que lhe cobria o corpo como uma onda de gaze.

64

- Ah! Senhora! - murmurou com voz moribunda - salve-me!
Foi quanto pôde dizer. Os olhos, velados por uma nuvem semelhante =à noite da morte, fecharam-se-lhe; a cabeça, pesada, caiu-lhe para =trás, os braços estenderam-se-lhe, as pernas vergaram-lhe e tombou =no chão sobre o seu próprio sangue, arrastando a rainha consigo. =Neste momento, Cocunás, exaltado pelos gritos, embriagado pelo cheiro =do sangue, exasperado pela carreira ardente que acabava de dar, estendeu =o braço para a alcova real. Mais um instante, e a sua espada =traspassaria o coração de La Mole, e talvez ao mesmo tempo o de =Margarida. À vista do ferro nu, e mais ainda talvez à vista dessa =insolência brutal, a filha dos reis ergueu o corpo todo, e soltou um grito tão cheio de =espanto, de indignação e de raiva, que o piemontês ficou =petrificado por um

sentimento desconhecido: é verdade que se esta =cena se
prolongasse, passada entre os mesmos actores, esse sentimento
=desfar-se-ia como a nuvem matinal ao sol de Abril.

Mas de repente, por uma porta oculta na parede, entrou =correndo
um rapaz de dezasseis para dezassete anos, vestido de preto,
=pálido e des Há

-Fra, minha irmã, espera! - gritou ele -

=aqui estou! aqui estou!

- Francisco! Francisco! socorre-me! - disse Margarida.

- O duque de Alençon! - murmurou La Hurière, baixando o =arcabuz.

- Coa breca! um infante de França - resmungou Cocunás, recuando
um =passo. O duque de Alençon lançou um olhar em redor de si. Viu
=Margarida desgrenhada, mais bela do que nunca, apoiada à parede,
=rodeada de homens de fúria nos olhos, suor na testa e espuma na
=boca.

- Miseráveis! - exclamou ele.

- Salva-me, meu irmão! - disse Margarida, extenuada. - Querem
=assassinar-me! Pelo rosto pálido do duque passou uma chama.

Embora estivesse sem armas, sustentado decerto pela consciência
do =seu nome, avançou de punhos fechados contra Cocunás e os seus
=companheiros, que recuaram espantados diante dos lampejos que
lhe =jorravam dos olhos.

- Também são capazes de assassinar um infante de França! =Vejam os!

- disse. E depois, como continuavam a recuar diante dele:

- Venha cá, capitão da guarda, e mande-me enforcar todos estes =facinoras! Mais aterrado à vista deste rapaz sem armas do ue se =visse uma companhia de soldados, Coconaz correu para a porta.

La =Hurière descia as escadas como um gamo, e os soldados abalroavam uns =com os outros no vestibulo para fugirem o mais depressa possível, =achando a porta demasiado-a pequena para o muito desejo que tinham de se =verem no meio da rua.

Neste meio-tempo, Margarida havia instintivamente deitado sobre o rapaz =desmaiado a sua coberta de damasco e tinha-se afastado.

É Depois de desaparecer o último assassino, o duque de Alençon =voltou-se. - Minha irmã! - exclamou, ao ver Margarida salpicada de =sangue - estás ferida? E correu para a irmã com uma =inquietação que faria honra à sua ternura, se essa ternura =não houvesse sido acusada de ser maior do que convinha a um =irmão.

- Não - disse ela -, não me parece; ou, se estou, é =levemente.

- Mas esse sangue. - disse o duque, percorrendo com as mãos =trémulas todo o corpo de Margarida - esse sangue donde vem?

- Não sei - disse a princesa. - Um desses miseráveis pôs a =mão em mim, e talvez estivesse ferido.

- Pôr a mão em minha irmã? - bradou o duque. - Oh! se mo =tivesses apontado, se me tivesses dito qual era, se eu soubesse onde o =encontrava!.

- Cala-te! - disse Margarida.

65

- E porquê? - perguntou Francisco.

- Porque se te vissem a esta hora no meu quarto.

- Um irmão não pode visitar sua irmã, Margarida?

A rainha olhou para o duque de Alençon com uns olhos tão fitos e =tão ameaçadores que o mancebo recuou.

- Sim, sim, Margarida - disse ele -, tens razão; vou para o meu =quarto. Mas tu não podes ficar só toda esta noite terrível.

=Queres que chame Gillonne?

- Não, não, ninguém. Vai-te, Francisco, vai-te por onde =vieste.

O príncipe obedeceu; e, mal ele se sumiu, Margarida, ouvindo um =suspiro que saía detrás do leito, correu a porta da passagem =secreta, fechou-a à chave, e depois correu à outra porta, que =também fechou, exactamente no momento em que um grupo de archeiros e =de soldados perseguiram outros huguenotes que moravam no Louvre passava =como um furacão pela extremidade do corredor. Então, depois de haver olhado com atenção em volta de si para =ver se estava só, voltou ao espaço que ficava entre a cama e a =parede, levantou a coberta de damasco que escondera o corpo de La Mole =às vistas do duque de Alençon, puxou com esforço a massa inerte =para o meio do quarto e, vendo que o desgraçado ainda respirava, =sentou-se, encostou-lhe a cabeça aos seus joelhos e atirou-lhe

com =água ao rosto para o fazer tornar a si.

Foi só então que, tirado pela água o véu de poeira, de =pólvora e sangue que cobria o rosto do ferido, Margarida reconheceu =nele o belo fidalgo que, cheio de vida e de esperança, tinha ido =três ou quatro horas antes pedir a sua protecção para com o rei =de Navarra e, deixando-a meditando, saíra deslumbrado pela sua =beleza.

Margarida soltou um grito de terror, porque o que sentia agora pelo =ferido era mais do que compaixão, era interesse; e, com efeito, o =ferido, para ela, não era um simples estranho, era quase um =conhecido. Debaixo da sua mão, o lindo rosto de La Mole não tardou =a reaparecer todo, mas pálido, desfalecido pela dor; com um tremor =mortal, e quase tão pálida como ele, pôs-lhe a mão sobre o =coração, e o coração pulsava-lhe. Então, estendeu essa =mão para um frasco de saís que estava em cima de uma mesa próxima =e deu-lho a respirar.

La Mole abriu os olhos.

- Oh, meu Deus! - murmurou - onde estou eu?

- Salvo! sossegue. Salvo! - disse Margarida.

La Mole voltou com esforço o olhar para a rainha, devorou-a por um =instante com os olhos e balbuciou:

- Oh! como é linda!

E, como deslumbrado, tornou a fechar imediatamente as pálpebras,

=soltando um suspiro. Margarida deu um grito. O mancebo empalidecera =ainda mais, se possível, e ela julgou por um instante que esse =suspiro era o último.

- Oh! meu Deus, meu Deus! - disse - tende compaixão dele!

Neste momento bateram violentamente à porta do corredor.

Margarida fez um esforço para se levantar, sustendo La Mole por baixo =dos braços.

- Quem está aí? - perguntou ela.

- Minha Senhora, minha Senhora! Sou eu, sou eu! - gritou uma voz de =mulher. - Eu, a duquesa de Nevers.

- Henriqueta! - exclamou Margarida. - Oh! não há perigo, é uma =amiga, ouve, Senhor? La Mole fez um esforço e levantou-se sobre um =joelho.

- Veja se se senta, enquanto vou abrir a porta - disse a rainha.

La Mole =pôs a mão no chão e conseguiu conservar o equilíbrio.

Margarida deu um passo para a porta; mas estacou de repente, tremendo de =terror.

66

- Ah! não vens só? - exclamou, ouvindo um rumor de armas.

- Não; venho acompanhada de doze guardas que me deixou meu cunhado, o =Sr. de Guisa.

- O Sr. de Guisa! - murmurou La Mole. - Oh! assassino! assassino!

- Silêncio! - disse Margarida. - Nem uma =palavra!

E olhou em redor de si para ver onde poderia esconder =o ferido.

- Uma espada! Um punhal! - murmurava La Mole.

- Para se defender?... é inútil; não ouviu? Eles são doze, e =o senhor é um.

- Não para me defender, mas para não lhes cair vivo nas =mãos.

- Não, não - disse Margarida -, não, =salvá-lo-ei eu. Ah!
aquele gabinete! Venha, venha.

La Mole fez um esforço e, sustido por Margarida, arrastou-se até =ao gabinete. Margarida fechou a porta e, metendo a chave na algibeira, =segredou-lhe pelo buraco da fechadura:

- Nem um grito, nem um suspiro, e está salvo.

Depois, pondo um capote, foi abrir a porta à sua =amiga, que se lhe atirou aos braços.

- Ah! - perguntou ela - não lhe aconteceu =nada, minha Senhora?

- Nada - respondeu Margarida, cruzando o capote para que não se =vissem as nódoas de sangue que lhe sujavam o penteador.

- Tanto melhor; mas, em todo o caso, como o Senhor Duque de Guisa me deu =doze guardas para me acompanharem ao seu palácio, e não preciso de =tamanho cortejo, deixo seis a Vossa Majestade. Seis guardas do duque de Guisa valem mais esta noite do que =um regimento inteiro do rei.

Margarida não se atreveu a recusar; instalou os seis guardas

no corredor e beijou a duquesa,
que, com os outros seis, voltou para o palácio do duque de Guisa,
onde residia na ausência do marido.

IX

OS ASSASSINOS

Cocunás não tinha fugido, retirara. La Hurière não tinha =fugido, precipitara-se. Um desaparecera à maneira do tigre, o outro =à do lobo.

Resultou daí que La Hurière estava já na Praça de S. Germano =L'Auxerrois, e Cocunás acabava de sair do Louvre.

La Hurière, vendo-se só com o seu arcabuz no meio dos cadáveres =que caíam das janelas, uns inteiros, outros aos pedaços,

=começou a ter medo e a tentar voltar prudentemente para a

hospedaria; =mas, quando desembocava da Rua da Árvore Seca para

a Rua d'Averon, =deparou com um grupo de suíços e de caçadores a cavalo: era o =que Maurevel comandava.

- Então? - exclamou este, que se baptizara a si mesmo com o nome de =matador real- acabou já? Volta para casa, meu estalajadeiro?

E que =diabo fez do nosso fidalgo piemontês? Não aconteceu desastre? Era =pena, porque ele ia bem.

- Creio que não - replicou La Hurière -, e não pode tardar =aí.

- Donde vem?

- Do Louvre, onde, devo dizer, nos receberam cruelmente.

- Quem?

- O Senhor Duque de Alençon. Não é dos nossos?

- O Senhor Duque de Alençon não é senão de quem lhe =interessa pessoalmente; ponha-lhe tratar os seus dois irmãos mais =velhos

como huguenotes, e será dos nossos, a tanto, ainda assim, que =a
tarefa não o comprometa. Mas. não vai com essa gente, Sr.

=Hurière?

- E onde vão?

- Oh, meu Deus! à Rua Montorgueil; há lá um ministro huguenote
=do meu conhecimento que tem mulher e dois filhos. Estes herejes
produzem =muito. Há-de ser curioso.

- E o senhor onde vai?

- Oh! eu tenho um bico-de-obra.

- Diga lá, e não vá sem mim - disse uma voz que fez estremecer
=Maurevel -, o senhor conhece os lugares bons, e eu quero ir
=também.

- Ah! é o nosso piemontês! - disse Maurevel.

- É o Sr. de Cocunús - disse La Hurière. - Julgava que me =seguia.

- Cos demónios! você corre tanto, que é difícil =apanhá-lo; e
depois, eu desviei-me um pouco da linha recta para ir =atirar ao
rio com um terrível rapazote que gritava: Abaixo os =papistas!
Viva o almirante! Desgraçadamente, creio que o patife sabia
=nadar. Quem quiser afogar esses miseráveis parpalhotes, há-de
=atirá-los à água como os gatos, antes de abrirem os olhos.

68

- Mas o senhor diz que vem do Louvre. Então o seu huguenote
tinha-se =refugiado lá? - perguntou Maurevel.

- Oh, meu Deus! sim, lá mesmo!

- Eu enviei-lhe um tiro de pistola no momento em que ele apanhava a espada no pátio do almirante; mas, não sei como foi, não lhe acertei.

- Oh! eu - disse Cocunás - acertei: dei-lhe nas costas uma espadeirada tal que a folha da espada ficou molhada a cinco polegadas de distância da ponta. E vi-o cair nos braços da princesa Margarida; linda mulher, coa breca! Mas não se me daria de ter a certeza de que estava morto; esse figurão parecia-me um carácter muito rancoroso, e seria capaz de me não perdoar toda a vida. Mas, não dizia que ia algures?...

- Quer então vir comigo?

- O que eu quero é não estar parado, coa breca! Ainda não matei senão três ou quatro, e quando esfrio dói-me o ombro. A caminho! a caminho!

- Capitão - disse Maurevel ao comandante da força -, dê-me três homens e vá com o resto acabar com o seu ministro.

Destacaram-se três suíços e vieram juntar-se a Maurevel.

Os dois grupos marcharam ao lado um do outro até às alturas da Rua Tirechappe; aí, os caçadores a cavalo e os suíços tomaram a Ferraria enquanto Maurevel, Cocunás, La Hurière e os três homens seguiam pela Rua

Trousse-Vache, e chegavam à Rua Saint-Avoie.

- Mas onde diabo nos conduz? - disse Cocunás, a quem esta

longa =marcha sem resultado começava a enfadar.

- Conduzo-o a uma expedição brilhante e ao =mesmo tempo útil.

Depois do almirante, depois de Teligny, depois dos =príncipes

huguenotes, não podia oferecer-lhe coisa melhor. Tenha

=paciência. Na Rua do Chaume é que é o negócio, e estamos =aqui

estamos lá.

- Diga-me - perguntou Cocunás -, a Rua do Chaume não é perto

do =Templo?

- É; porquê?

- É porque mora aí um antigo credor da minha família, um tal

=Iamben Mercandon, ao qual meu pai me recomendou que entregasse

cem =dobrões, que trago para isso na algibeira.

- Aí tem! - disse Maurevel - excelente ocasião para se ver livre

=da dívida!

- Como?

- É hoje o dia de ajustar as contas antigas. O Sr. Mercandon é

=huguenote?

- Oh! oh! - disse Cocunás - percebo; há-de =ser.

- Caluda! chegamos.

- Que palácio é esse com um pavilhão para a rua?

- O Palácio de Guisa.

- Na verdade - disse Cocunás -, eu não podia deixar de vir aqui,

=uma vez que vim para Paris

tento o patrocínio do grande Henrique. Mas, coa breca! está tudo

=muito sossegado para estes sítios, meu caro; o mais que se ouve

é =o rumor das arcabuzadas; parece que se está na província.

está toda a gente a dormir, ou o diabo me leve!

O facto é que o próprio Palácio de Guisa parecia tão =sossegado

como nos tempos vulgares.

Todas as janelas estavam fechadas, e só uma =luz brilhava

por detrás das gelosias da janela principal do =pavilhão que havia

chamado a atenção de Cocunás quando =entrara na rua.

Um pouco além do Palácio de Guisa, isto é, =à esquina da Rua do

Petit-Chantier e da dos Quatro Filhos, Maurevel =parou.

- Aqui está a casa da pessoa que procuramos - =disse ele.

- Da pessoa que o senhor procura, não é assim? - disse La

=Hurière.

- Como os senhores me acompanham, todos nós a =procuramos.

- Como! uma casa que parece dormir um sono tão sossegado...

69

- Exactamente! O senhor La Hurière, vai utilizar a cara de homem

de =bem que o Céu Lhe deu por equívoco, batendo à porta dessa casa.

=Entregue o seu arcabuz ao Sr. de Cocunás, há uma

hora que ele o está namorando. Se lhe abrirem a porta, peça para

=falar ao Sr. de Mouy.

- Ah! ah! - disse Cocunás - percebo; pelo que vejo, o senhor

=também tem um credor no Bairro do Templo.

- É tal qual - continuou Maurevel. - Suba, fingindo-se huguenote,

e =avise de Mouy do que se passa; ele é valente, e virá para a

=rua.

- E se vier para a rua? - perguntou La Hurière.

=760- Se vier, pedir-Lhe-ei que meça a sua =espada com a minha.

- Por minha alma! é proceder como um bravo - disse =Cocunás -,

e eu tenciono fazer o mesmo exactamente com Lambert =Mercandon;

e se for muito velho, será com algum dos filhos

ou dos sobrinhos.

=760La Hurière foi sem replicar =bater à porta; as pancadas,

ressoando no silêncio da noite, =fizeram abrir as portas do

Palácio de Guisa e sair algumas cabeças =pelos postigos: viu-se

então que o palácio estava sereno à =maneira das cidadelas, isto

é, estava cheio de soldados.

Essas cabeças recolheram-se imediatamente, =adivinhando

certamente do que se tratava.

- Então mora ali o Sr. de Mouy? - perguntou Cocunás, mostrando

com =a mão a casa onde La Hurière continuava a bater.

- Não, é a casa da amante dele.

- Coa breca, que amabilidade! proporcionar-lhe ocasião de jogar

a =espada debaixo dos olhos

da sua bela! Então seremos testemunhas do duelo. Mas eu também

=gostava de me bater. Tenho

o ombro a arder.

- E a cara - perguntou Maurevel -, também está avariada?

Cocunás soltou uma espécie de rugido.

- Coa breca! - exclamou ele - é provável que La Mole esteja morto;

=se não fosse isso, eu era capaz de voltar ao Louvre para acabar

com =ele.

La Hurière continuava batendo à porta.

Pouco depois, abriu-se uma janela do primeiro andar, e na varanda

=apareceu um homem de

barrete de dormir, em ceroulas e sem armas.

- Quem está aí? - gritou esse homem.

Maurevel fez sinal aos suíços, que se meteram para um canto,

=enquanto Cocunás se cosia

com a parede.

- Ah! é o Sr. de Mouy? - perguntou o estalajadeiro, com voz

=carinhosa.

- Sou eu, sim; que há?

- É ele - murmurou Maurevel, estremecendo de alegria.

- Oh! - continuou La Hurière - o senhor não sabe o que se =passa?...

Estrangularam o almirante, andam matando os =correligionários

nossos irmãos. Venha depressa em socorro deles, =venha!

- Ah! - exclamou de Mouy - bem desconfiava eu de que se tramava

o que =quer que fosse para esta noite. Ah! não devia ter deixado

os meus =bravos camaradas. Lá vou, amigo, lá vou! Espere-me.

E, sem tornar a fechar a janela, pela qual saíram alguns gritos

de =mulher aterrada, e algumas

súplicas ternas, o Sr. de Mouy procurou o seu capote e as suas

=armas.

- Vem à rua, vem à rua! - murmurou Maurevel, pálido de alegria.

=- Estejam vocês com

atenção! - segredou aos suíços; e depois, tirando o arcabuz =das

mãos de Cocunás, e soprando

a mecha para se certificar de que estava acesa: - Olha, La Hurière

- =acrescentou para o estalajadeiro, que se havia retirado para

o grupo - =toma lá outra vez o teu arcabuz.

- Coa breca! - exclamou Cocunás - lá sai a Lua de uma nuvem para

=ser testemunha

deste duelo. Muito daria eu para que Lambert Mercandon estivesse

aqui =para servir de segunda

testemunha ao Sr. de Mouy.

70

- Esperem, esperem! - disse Maurevel. - O Sr. de Mouy só por si

vale =dez homens, e não nos há-de dar pouco que fazer a nós seis

para =nos vermos livres dele. Avancem vocês - continuou, fazendo sinal aos =suíços para que se chegassem à porta -, a fim de lhes darem para =baixo quando ele sair.

- Oh! oh! - disse Cocunás, olhando para estes preparativos - parece =que a coisa não se passa como eu esperava.

Já se ouvia o ruído da tranca que de Mouy tirava. Os suíços =tinham saído do seu esconderijo para tomarem lugar ao pé da porta.

=Maurevel e La Hurière avançavam nos bicos dos pés, enquanto =que, por um resto de cavalheirismo, Cocunás ficava no seu lugar, =quando a senhora, em que já não pensavam, apareceu também na =varanda e soltou um grito terrível ao ver os suíços, Maurevel e =La Hurière.

De Mouy, que havia entreaberto já a porta, estacou.

- Sobe, sobe! - gritou a senhora. - Vejo luzir espadas, vejo brilhar a =mecha de um arcabuz! É uma cilada!

- Oh! oh! - replicou resmungando a voz do mancebo - vamos ver o que isto =quer dizer. E fechando de novo a porta, trancando-a e, correndo o fecho, =tornou a subir. A ordem de batalha de Maurevel foi mudada desde que viu =que de Mouy não sairia. Os suíços foram postar-se do outro lado =da rua, e La Hurière, de arcabuz em punho, esperou que o inimigo =aparecesse de novo à janela. Não teve que esperar muito. De Mouy =avançou, precedido de duas pistolas de comprimento tão =respeitável que La Hurière, que já fazia pontaria para ele, =reflectiu prontamente que as balas do

huguenote não tinham que andar =mais para chegarem à rua do que a bala do seu arcabuz para chegar =à varanda.

Eu posso decerto matar aquele sujeito - disse ele com os seus botões =- mas aquele sujeito pode também matar-me ao mesmo tempo.

Ora, como no fim de contas, mestre La Hurière, estalajadeiro de =profissão, não era soldado senão eventualmente, esta =reflexão determinou-o a retirar-se e a buscar um abrigo à esquina =da Rua de Braque, muito afastada para poder ter dificuldade em achar =aí, com alguma certeza, principalmente à noite, a linha que a sua =bala devia seguir para chegar a de Mouy.

De Mouy deitou um olhar em redor e avançou furtando o corpo, como um =homem que se prepara para um duelo; mas, vendo que nada vinha:

- Ora esta! - disse - parece, Sr. Avisador, que esqueceu o seu arcabuz =à minha porta. Aqui estou, que me quer?

Ah! - disse Cocunás consigo - aquilo é que é um bravo!

- Então? - continuou de Mouy - amigos ou inimigos, quem quer que =sejam, não vêem que estou à espera?.

La Hurière guardou silêncio, Maurevel não respondeu e os =três suíços deixaram-se estar quietos.

Cocunás esperou um instante; e depois, vendo que ninguém =sustentava a conversação encetada por de Mouy, deixou o seu posto, =avançou até ao meio da rua e, tirando o chapéu; disse-lhe:

- Sr. de Mouy, nós não estamos aqui para um assassinio, como o =pode

crer, mas para um duelo... Eu acompanho um dos seus inimigos, que
=deseja bater-se com o senhor para terminar cavalheiramente uma
=questão antiga. Oh! coa breca! avance, Sr. de Maurevel, em vez
de =voltar as costas! Este senhor aceita.

- Maurevel? - exclamou de Mouy - Maurevel, o assassino de meu pai!
=Maurevel, o matador real! Oh! se aceito!.

E, fazendo pontaria para Maurevel, que ia bater ao Palácio de
Guisa =para aí buscar um reforço, tirou-lhe o chapéu com uma bala.
Ao ruído da explosão, aos gritos de Maurevel, os guardas que
=tinham conduzido ao palácio

71

a duquesa de Nevers, saíram acompanhados de três ou quatro
=gentis-homens com os seus pajens e avançaram para casa da amante
do =jovem de Mouy.

Segundo tiro de pistola, atirado para o meio do grupo, fez cair
morto o =soldado que estava mais perto de Maurevel, após o que,
de Mouy, =achando-se sem armas, ou, pelo menos com armas inúteis,
porque as =suas pistolas estavam descarregadas e os seus
adversários fora do =alcance da espada, agachou-se na varanda.
Entretanto começavam a abrir-se as janelas nas proximidades e,
=segundo a índole pacífica ou belicosa dos moradores, tornavam-se
a =fechar ou cobriam-se de mosquetes e arcabuzes.

- Acuda-me, meu bravo Mercandon! - exclamou de Mouy, fazendo sinal

a um =homem já velho que, de uma janela que acabava de se abrir de frente do =Palácio de Guisa, procurava ver alguma coisa nesta confusão.

- Está chamando por mim, Sr. de Mouy? - gritou o velho. - Isso é =consigo?

- É comigo, é com o senhor, é com todos os protestantes! E. =olhe! aí tem a prova. O facto é que, neste momento, de Mouy viu =apontar para si o arcabuz de La Hurière. O tiro partiu; mas o mancebo =teve tempo de se agachar, e a bala foi quebrar um vidro por cima da sua =cabeça.

- Mercandon! - exclamou Cocunás, que à vista desta algazarra =estremecia de prazer e esquecera o seu credor, mas a quem esta =apóstrofe de de Mouy o lembrava - Mercandon, Rua do Chaume. é =isso! Ah! mora aqui; bom, cada um de nós tem um homem com quem se =haver.

E enquanto a gente do Palácio de Guisa metia dentro as portas da casa =onde estava de Mouy; enquanto Maurevel, de archote na mão, =diligenciava deitar fogo à casa; enquanto, logo que se arrombaram as =portas, se travava um combate terrível contra um só homem, que, a =cada tiro de pistola ou a cada espadeirada, deitava um inimigo por =terra, Cocunás tentava com o auxílio de uma pedra, meter dentro a =porta de Mercandon, que, sem fazer caso desse esforço solitário, =arcabuzava da janela o mais que podia.

Então, todo esse bairro deserto e escuro se viu iluminado como às =horas do dia, e povoado como um formigueiro, porque, do Palácio de =Montmorency seis ou oito fidalgos huguenotes, i com os seus criados e os =seus amigos, acabavam de carregar furiosamente e começavam, =sustentados pelo fogo das janelas, a fazer recuar a gente de Maurevel e =os do Palácio de Guisa, que acabaram por se acantoar no palácio =donde tinham saído.

Cocunás, que não acabara ainda de arrombar a porta de Mercandon, =embora empregasse nisso toda a diligência, foi apanhado nessa =árdua tarefa. Encostando-se então à parede, e tirando a espada =da bainha, começou não só a defender-se, mas também a =atacar, com gritos tão terríveis que dominavam todo aquele =barulho.

Esgrimiu da direita para a esquerda, dando em amigos e =inimigos, até alcançar em roda de si um largo espaço =desimpedido. À

proporção que a sua espada traspassava um peito =e o sangue morno lhe sujava as mãos e a cara, ele, de olhos =dilatados, ventas

abertas e dentes cerrados, tornava a ganhar o terreno =perdido, e voltava a aproximar-se da casa cercada.

De Mouy depois de um combate terrível na escada e no vestibulo, =acabara por sair como verdadeiro herói da sua casa, que estava a =arder. No meio da luta, não cessava de gritar, insultando-o com os =mais injuriosos epítetos: Chega-te, Maurevel! Maurevel, onde estás =tu! Apareceu; enfim na rua, trazendo por um braço a sua amante, meia =nua e quase sem sentidos, e segurando um punhal

com os dentes. A sua =espada, chamejante pelo movimento de rotação que ele lhe imprimia, =traçava círculos brancos ou vermelhos, conforme a lua lhe prateava =a folha ou um archote lhe fazia reluzir a humidade do sangue. Maurevel =fugira. La Hurière, repellido por de Mouy para Cocunás, que não =o reconhecia e o recebia à ponta de espada, pedia para ambos os lados =que o poupassem. Neste momento apareceu Mercandon; reconheceu-o pela =bandeira branca como um assassino. Partiu o tiro. La Hurière soltou =um grito, estendeu os braços, deixou cair

72

o arcabuz e, depois de haver diligenciado chegar-se à parede =para se agarrar ao quer que fosse, caiu de rosto para baixo.

De Mouy aproveitou-se desta circunstância, meteu pela Rua do =Paraíso e desapareceu.

A resistência dos huguenotes foi tanta, que a gente do Palácio de =Guisa, repelida, recolheu-se e fechou as portas do palácio, com medo de que os =sitassem e aprisionassem.

Cocunás, ébrio de sangue e de ruído, =tendo chegado à exaltação em que, principalmente para os naturais do Meio-Dia, a coragem se torna loucura, =nada vira, nada ouvira. O que notou foi que os ouvidos lhe zuniam menos, =que

as mãos e o rosto se lhe secavam alguma coisa; e abaixando a =ponta da espada, não viu ao pé de si senão um homem deitado, de =face mergulhada

num regato de sangue, e em torno de si casas a arder.

Foram curtíssimas as tréguas porque, no momento em que ia =aproximar-se desse homem, em quem julgava reconhecer La Hurière, =abriu-se a porta da casa que ele de balde tentara arrombar com a pedra, e =sobre o piemontês, que tratava de ganhar fôlego, caiu o velho =Mercandon, seguido pelo filho e pelos dois sobrinhos.

- Ei-lo aqui! ei-lo aqui! - exclamaram a uma voz.

Cocunás estava no meio da rua; e receando ser =cercado por esses quatro homens que o atacavam a um tempo, deu, com o =vigor dos cabritos-monteses que tantas vezes perseguira nas montanhas, =um pulo para trás e ficou encostado à parede do Palácio de =Guisa.

Tão depressa sossegou

da surpresa, pôs-se em guarda e tornou-se motejador.

- Ah! ah! Tio Mercandon! - disse - não me conhece?

- Ó miserável! - exclamou o velho huguenote - se conheço!...

=queres-me mal? a mim o amigo, companheiro de teu pai?

- E seu credor, não é assim?

- Sim, seu credor, como dizes.

- Pois, exactamente - respondeu Cocunás - quero ajustar as

nossas =contas.

- Agarremo-lo, e atemos-lhe as mãos - disse o velho aos

rapazes que o =acompanhavam,

e que por seu mando correram para a parede.

- Um instante, um instante! - disse Cocunás =rindo. - Para

prender a gente é preciso um mandado de prisão, e =esqueceram-se

de o pedir ao preboste.

E, dizendo estas palavras, cruzou a espada com o mancebo que

estava mais =próximo dele e deitou-lhe o pulso abaixo.

O desgraçado recuou gritando.

- Um ficou pronto! - disse Cocunás.

Abriu-se no mesmo instante, rangendo, a janela debaixo da

qual =Cocunás procurava abrigo.

deu um salto, temendo um ataque por esse lado, mas, em vez

de um =inimigo, apareceu-lhe uma mulher; em vez da arma homicida

que se =preparava para combater, caiu-lhe aos pés um

ramalhete. Uma mulher! - disse.

Cumprimentou a dama com a espada e curvou-se para apanhar o

=ramalhete.

- Tome sentido, bravo católico, tome sentido! - exclamou a dama.

Cocunás levantou-se, mas não com tanta rapidez que o punhal do

=segundo sobrinho lhe não furasse o capote e não lhe roçasse no

=outro ombro.

A dama soltou um grito agudo.

Cocunás agradeceu-lhe, tranquilizou-a com o mesmo =gesto e atirou-se ao segundo sobrinho, que lhe fez frente, mas =escorregou no sangue à segunda investida. Cocunás caiu-lhe em cima =com a rapidez do tigre e traspassou-lhe o peito com a espada.

- Muito bem! muito bem, bravo cavaleiro! - gritou a dama do =Palácio de Guisa. - Vou pedir socorro.

73

- Não vale a pena incomodar-se por isso, minha Senhora! - disse =Cocunás. - O melhor é assistir a este espectáculo até ao =fim, se ele a interessa, e verá como o conde Aníbal de Cocunaz =arranja os huguenotes.

Neste momento, o filho do velho Mercandon atirou quase à queima-roupa =um tiro de pistola a Cocunás, que caiu sobre um joelho. A dama da =janela soltou um grito, mas Cocunás tornou a levantar-se; não =ajoielhou senão para evitar a bala, que foi esburacar a parede a dois =pés da bela espectadora.

Quase ao mesmo tempo, partiu da janela da casa de Mercandon um grito de =raiva; e uma velha, que pela cruz e pela banda branca reconheceu =Cocunás como católico, atirou-lhe com um vaso de flores, que lhe =bateu por cima do joelho.

- Bom! - disse Cocunás - uma atira-me com flores, e a outra com os =vasos. Se isto continua, são demolidas as casas.

- Obrigado, minha mãe, obrigado! - gritou o mancebo.

- Anda, mulher, anda! - disse o velho Mercandon - mas cuidado com a =gente!

- Espere, Sr. de Cocunás, espere! - disse a dama do Palácio de

=Guisa. - Vou mandar atirar tiros para as janelas.

- Ora esta! é um inferno de mulheres! umas a meu favor e outras =contra - disse Cocunáz.

- Coa breca! acabemos com isto.

A cena estava, com efeito, muito mudada e aproximava-se do desfecho. Em =frente de Cocunás, ferido sim, mas em todo o vigor dos seus vinte e =quatro anos, mas habituado às armas mas mais irritado do que =enfraquecido pelas três ou quatro arranhaduras que havia recebido, =já não restavam senão Mercandon, velho de sessenta a sessenta e =dois anos, e o filho, rapaz de dezasseis a dezoito anos; este, =pálido, louro e enfezado, tinha deitado fora a pistola descarregada =e, por conseguinte, inútil, e agitava, tremendo, uma espada com =metade do tamanho da do piemontês; o pai, armado somente de um punhal =e de um arcabuz descarregado também, gritava, por socorro. Uma velha, =na janela defronte, a mãe do rapaz, tinha na mão um pedaço de =mármore e preparava-se para atirar com ele. Enfim, Cocunás, =excitado de um lado pelas ameaças, do outro pelas palavras de alento, =ensoberbecido com a sua dupla vitória, embriagado de pólvora e =sangue, alumiado pela reverberação de uma casa em chamas,

exaltado =pela ideia de que con batia debaixo dos olhos de uma mulher que lhe =parecera tão superior como a sua jerarquia lhe parecia =incontestável; Cocunás, como o último dos Horácios, sentiu =duplicar as forças e, vendo o rapaz hesitar, correu para ele e cruzou =em cima da sua espada pequena a sua terrível e ensanguentada =partasana. Dois golpes bastaram para lha fazer saltar das mãos. =Então, Mercandon diligenciou repelir Cocunás, para que os =projecteis atirados das janelas pudessem alcançá-lo com mais =certeza. Mas Cocunás, para paralisar o duplo ataque do velho =Mercandon, que diligenciava atravessá-lo com o punhal, e da mãe do =rapaz, que tentava esmigalhar-lhe a cabeça com a pedra que se =preparava para lhe atirar, agarrou no seu adversário em peso, =apresentando-o a todos os golpes como um escudo e sufocando-o com o seu =braço hercúleo.

- Acudam-me! acudam-me! - exclamava o rapaz. - Mete-me as costelas =dentro! Acudam-me, acudam-me!

E a voz começou a perder-se-lhe num estertor surdo.

Então Mercandon cessou de ameaçar, suplicou.

- Perdão! perdão, Sr. de Cocunás! - disse - perdão! é o =meu único filho!

- É meu filho! meu filho! - gritou a mãe - a esperança única =da nossa velhice! Não o mate, Senhor, não o mate!

- Ah sim?. - gritou Cocunás às gargalhadas - que não o mate! E

=então que me quer ele fazer com a sua pistola?.

- Senhor - continuou Mercandon, de mãos postas -, tenho em casa

a =obrigação de dívida

74

assinada por seu pai: dar-lha-ei; tenho dez mil escudos de ouro:

=dar-lhos-ei; tenho as jóias de

minha família: serão suas; mas não o mate, não o mate!

- E eu tenho o meu amor - disse a meia voz a mulher do Palácio

de =Guisa -, e prometo-lho.

Cocunás reflectiu por um momento, e =prontamente perguntou

ao rapaz:

- És huguenote?

Sou - murmurou o rapaz.

- Nesse caso, tens de morrer! - respondeu Cocunás, carregando o

=sobrolho e chegando ao peito do adversário o ferro acerado e

=cortante.

- Morrer? - exclamou o velho, angustiosamente - morrer, o meu

querido =filho?

E ressoou um grito de mãe, tão doloroso e =tão profundo, que

fez vacilar por um momento

a selvagem resolução do piemontês.

- Oh! Senhora Duquesa! - bradou o pai, voltando-se para a senhora

que =estava na janela

do Palácio de Guisa - interceda por nós, e o seu nome figurará

=todas as manhãs e todas as noites nas nossas orações.

- Então que se converta! - disse a dama do Palácio de Guisa.

- Sou protestante - repetiu o rapaz.

- Então morre - exclamou Cocunás, levantando a adaga -, morre,

=já que não queres a vida que essa linda boca te oferecia.

Mercandon e a mulher viram brilhar a lâmina terrível como

um =relâmpago por cima da cabeça do filho.

- Meu Filho! meu Oliveiro! - gritou a mãe - =abjura...

abjura!...

-Abjura, meu querido filho! - gritou Mercandon, =rojando-se

aos pés de Cocunás. - Não

nos deixes morrer sós na Terra.

- Abjurem todos a um tempo! - gritou Cocunás. =- Por um Credo,

três almas e uma vida!

- Seja - disse o rapaz.

- Seja - gritaram Mercandon e a mulher.

- De joelhos então! e que teu filho repita, palavra =por palavra,

a oração que eu vou recitar.

-

O pai foi o primeiro que obedeceu.

- Estou pronto - disse o rapaz, e ajoelhou =também.

Cocunás começou então a ditar-lhe em latim as palavras do

=Credo. Mas, ou por acaso ou por cálculo, o jovem Oliveiro ajoelhou-se junto do local para onde lhe =tinha voado a espada. E, mal viu a arma ao alcance da mão, sem cessar de repetir as =palavras de Cocunás, estendeu o braço para o apunhalar. Cocunás percebeu o movimento, fingindo que não. Mas, =no momento em que o rapaz tocava com as pontas dos dedos contraídos o =punho da espada, correu para ele e deitou-o ao chão, dizendo:

- Ah! traidor!

E cravou-lhe a adaga no pescoço.

O mancebo soltou um grito, ergueu-se =convulsamente num joelho e tornou a cair, morto.

- Ah! carrasco! - berrou Mercandon - dá o cabo de =nós para nos roubares os cem dobrões que nos deves!

- Palavra que não - disse Cocunás - e a prova, aí a tens...

Dizendo estas palavras, Cocunás atirou aos pés do velho a bolsa =que, antes de partir, o pai lhe entregara para pagar a dívida ao credor.

- E tu aí tens a tua morte! - gritou a mãe, da =janela.

- Tome cuidado, Sr. de Cocunás, tome cuidado! =- disse a dama do Palácio de Guisa.

Mas, antes que Cocunás pudesse voltar a cabeça =para obedecer a este aviso ou para fugir a esta ameaça, uma enorme massa fendeu o ar =assobiando, veio bater em cheio no chapéu do piemontês,

75

partiu-lhe a espada na mão e estirou-o no chão, surpreendido, =aturdido, derrancado, sem que pudesse ouvir os gritos de alegria e de =aflição que se soltavam da direita e da esquerda.

Mercandon correu imediatamente, de punhal na mão, para Cocunás sem =sentidos; mas abriu-se nesse momento a porta do Palácio de Guisa, e o =velho, vendo brilhar as partasanas e as espadas, fugiu, enquanto aquela =a quem chamara Senhora Duquesa, bela de uma beleza terrível à luz =do incêndio, deslumbrante de pedrarias e diamantes, se debruçava =da janela para gritar aos recém-chegados, com um braço estendido =para Cocunás:
- Ali! ali! de frente de mim; um cavalheiro de gibão roxo. Sim, esse, =esse!.

76

MORTE, MISSA OU BASTILHA

Margarida, como dissemos, havia fechado a porta e entrado para o seu =quarto. Mas entrando aí, palpitando, viu Gillonne, que, inclinada com =terror para a porta do gabinete, contemplava os vestígios de sangue =espalhados pela cama, pelos móveis e pelo

tapete.

- Ah, minha Senhora! - exclamou ao ver a rainha. - Oh, minha Senhora! =então ele morreu?

- Cala-te, Gillonne! - disse Margarida, com inflexão de voz que =indicava a suprema importância do silêncio.

Gillonne calou-se.

Margarida tirou então da algibeira uma chavinha dourada, abriu a =porta do gabinete e mostrou com o dedo o mancebo à sua aia.

La Mole conseguira levantar-se e chegara-se à janela. Achara à =mão um pequeno punhal, dos que as senhoras usavam nesse tempo, e =agarrara-o ao ouvir abrir a porta.

- Não tenha receio - disse Margarida -, porque, pela minha alma! =juro- lhe que está aqui em segurança.

La Mole deixou-se cair de joelhos.

- Oh, minha Senhora! é para mim mais que uma rainha, é uma =divindade!

- Não se agite por esse modo! - exclamou Margarida. - Ainda lhe corre =o sangue. Oh! vê, Gillonne, como está pálido. Mas diga-me, onde =é que está ferido?

- Minha Senhora - disse La Mole, tentando fixar em dores principais a =dor errante que sentia por todo o corpo -, creio que recebi um golpe de =adaga no ombro e outro no peito. Nas outras feridas não vale a pena =falar.

- Vamos ver isso - disse Margarida. - Gillonne, traz a minha caixa de bálsamos. Gillonne obedeceu, e entrou trazendo numa das mãos a caixa e na outra um jarro de prata dourada e uma toalha de fino pano de Holanda.

- Ajuda-me a levantá-lo, Gillonne - disse a rainha Margarida -, porque, levantando-se em auxílio, o desgraçado acabou por perder as forças.

- Mas, minha Senhora. - disse La Mole - estou envergonhado. não posso consentir.

- Tenha paciência - disse Margarida. - Podemos salvá-lo, e seria um crime deixá-lo morrer.

- Oh! - exclamou La Mole - prefiro morrer a ver a senhora, que é rainha, sujar as mãos num sangue indigno como o meu. Oh! nunca! nunca!

E recuou respeitosamente.

- O seu sangue, meu fidalgo - tornou Gillonne, sorrindo -, já sujou o leito e o quarto de Sua Majestade.

77

Margarida cruzou o capote sobre o penteador de renda todo salpicado de sangue. Este gesto, todo cheio de pudor feminino, recordou a La Mole que tinha tido nos braços e apertado contra

o peito essa rainha tão invejada, tão bela e tão amada, e essa recordação cingiu-lhe de um rubor fugitivo as faces lívidas.

- Minha Senhora - balbuciou -, não pode entregar-me aos cuidados

=de um cirurgião?

- De um cirurgião católico, quer?. - perguntou a rainha, com uma expressão que La Mole compreendeu e o fez estremecer.

- Ignora então - continuou a rainha, com uma voz e um sorriso de

=indizível meiguice - que nós, infantas de França, somos

=ensinadas a conhecer o valor das plantas e a fazer bálsamos,

porque o =nosso dever, como mulheres e como rainhas, foi, em todos

os tempos, =aliviar as dores? Por isso, valem tanto como os

melhores cirurgiões =do mundo, pelo menos no dizer dos

lisonjeiros. Não lhe chegou aos =ouvidos a minha reputação a este

respeito? Vamos, Gillonne, =mãos à obra!

La Mole queria tentar resistir ainda; tornou a dizer que preferia

morrer =a dar à rainha esse incómodo, que podia começar pela

=compaixão e acabar pelo aborrecimento. Esta luta não serviu

=senão para lhe esgotar de todas as forças. Cambaleou, fechou os

=olhos e deixou cair a cabeça para trás, perdendo os sentidos

=segunda vez.

Então, Margarida, agarrando no punhal que se soltara da mão de

La =Mole, cortou rapidamente o atacador que lhe apertava o gibão,

=enquanto Gillonne, com outro punhal, descosia, ou melhor,

rasgava as =mangas do mancebo.

Gillonne, com um pedaço de pano molhado em água fria, fez estancar

=o sangue que saía do ombro e do peito de La Mole, enquanto

Margarida, =com uma agulha de ponta redonda, sondava a ferida com toda a delicadeza =e perícia que mestre Ambrósio Paré poderia desenvolver numa =circunstância daquelas.

A do ombro era profunda, a do peito escorregara sobre as costelas e =atravessara tão-somente a carne; nenhuma delas penetrara na cavidade =da fortaleza natural que protege o coração e os pulmões.

- Ferida dolorosa e não mortal: Acerrim um humeri vulnus non autenz =lethale - murmurou a bela e sábia cirúrgica. - Dá-me o =bálsamo e faz fios, Gillonne.

Mas Gillonne, a quem a rainha acabava de dar esta nova ordem já tinha =enxugado e perfumado o peito do mancebo, e outro tanto Lhe fizera aos =braços, modelados por um desenho antigo, aos ombros, graciosamente =inclinados para trás, e ao pescoço assombreado por anéis =espessos, e que mais parecia pertencer a uma estátua de mármore de =Paros do que ao corpo mutilado de um homem moribundo.

- Pobre mancebo! - murmurou Gillonne, olhando não tanto para a sua =obra, como para aquele em quem a empregara.

- Não é verdade que é belo? - perguntou Margarida com uma =franqueza real.

- Sim, minha Senhora. Mas parece-me que, em vez de o deixarmos assim =deitado no chão, deveríamos levantá-lo e deitá- lo na cama =de descanso a que está apenas apoiado.

- Sim - disse Margarida -, tens razão.

E as duas mulheres, inclinando-se e reunindo forças, levantaram

La =Mole e depuseram-no numa espécie de sofá grande de costas =esculpidas que havia defronte da janela, que abriram para lhe dar =ar.

O movimento acordou La Mole, que soltou um suspiro e, tornando a abrir =os olhos, começou a experimentar o incrível bem-estar que =acompanha todas as sensações do ferido quando, ao voltar à =vida, acha frescura em vez de chamas devoradoras, e perfumes de =bálsamo em vez do morno e nauseabundo cheiro do sangue.

Murmurou algumas palavras entrecortadas, a que Margarida respondeu com =um sorriso pondo o dedo na boca.

78

Neste momento ouviu-se o barulho de muitas pancadas a uma porta.

- Batem na passagem secreta - disse Margarida.

- Quem será, minha Senhora? - perguntou Gillonne, aterrada.

- Vou ver - disse Margarida. - Fica tu ao pé dele, e não o

=abandone um único instante. Margarida tornou a entrar no quarto e, =fechando a porta do gabinete, foi abrir a da passagem que dava para os =aposentos do rei e da rainha-mãe.

- A S.ra de Sauve! - exclamou ela, recuando com vivacidade e com uma =expressão que se parecia, senão com o terror, pelo menos com

o =ódio, tão verdade é que uma mulher nunca perdoa outra mulher

o =tirar-lhe um homem, embora não o ame. - A S.ra de Sauve!

- Sim, minha Senhora! - disse esta, pondo as mãos.

- A Senhora aqui? - continuou Margarida, cada vez mais espantada, mas =com uma voz imperativa.

Carlota caiu de joelhos.

- Minha Senhora - disse -, perdoe-me! Reconheço quanto sou culpada =para com Vossa Majestade; mas, se soubesse! a falta não é toda =minha; porém, uma ordem expressa da rainha não...

- Levante-se - disse Margarida -, e como não penso que viesse na =esperança de se justificar para comigo, diga-me porque veio.

- Vim, minha Senhora - disse Carlota, continuando de joelhos e com um =olhar quase transviado -, para lhe perguntar se ele estava aqui.

- Aqui, quem! de quem fala a senhora?. porque, na verdade, não =compreendo.

- Do rei.

- Do rei? Persegue-o até nos meus aposentos? E, contudo, sabe muito =bem que ele não está!

- Ah! minha Senhora! - continuou a baronesa de Sauve, sem responder a =todos estes ataques e sem dar sequer mostras de que os sentia - ah! =prouvera a Deus que ele aqui estivesse! - E porquê?

- Oh! meu Deus! Porque andam dando cabo dos huguenotes, e o rei de =Navarra é o chefe dos huguenotes.

- Oh! - exclamou Margarida, agarrando na mão da Sr.a de Sauve e

=obrigando-a a levantar-se - oh! tinha-me esquecido disso! E não podia =crer que um rei pudesse correr os mesmos perigos que os outros =homens.

- Mais, minha Senhora, mil vezes mais! - exclamou Carlota.

- A Sr.a de Lorena tinha-me prevenido. Eu disse-lhe que não =saísse. Sairia ele?

- Não, não está no Louvre. Não se encontra. E se não =está aqui.

- Não está.

- Oh! - exclamou a Sr.a de Sauve, com uma explosão de dor - =desgraçado dele! porque a rainha-mãe jurou a sua morte.

- A sua morte? Ah! - disse Margarida - a senhora aterra-me! É =impossível!

- Minha Senhora - tornou a Sr.a de Sauve, com a energia que só dá =a paixão -, digo-lhe que não se sabe onde está o rei de =Navarra.

- E a rainha-mãe, onde está?

-A rainha-mãe ordenou-me que chamasse o Sr. de Guisa e o Sr. de =Tavannes, que estavam no seu oratório, e depois mandou-me retirar. =Então, perdoe-me, minha Senhora Fui para o meu quarto e, como de =costume, esperei.

- Esperou meu marido? - disse Margarida.

- Não apareceu, minha Senhora. Então, procurei-o por toda a parte, =perguntei a toda a gente. Só um soldado me respondeu que lhe

parecia =que o tinha visto no meio de guardas, que

79

o acompanhavam de espadas desembainhadas algum tempo antes de começar =a carnificina; e a carnificina começou há uma hora.

- Obrigada, minha Senhora! - disse Margarida. - E embora talvez

o =sentimento que a dirige seja uma ofensa mais para mim, obrigada!

- Oh! então perdoe-me, minha Senhora! - disse ela - e voltarei para o =meu quarto ainda mais animada com o seu perdão, porque não me =atrevo a seguir Vossa Majestade nem de longe.

Margarida estendeu-lhe a mão.

- Vou ter com a rainha Catarina - disse. - Recolha-se ao seu quarto. O =rei de Navarra está sob a minha salvaguarda; prometi-lhe aliança, =e hei-de ser fiel à minha promessa.

- E se não a deixarem falar à rainha-mãe?

- Então recorrerei a meu irmão, e hei-de falar-lhe.

- Vá, minha Senhora, vá - disse Carlota, deixando a passagem livre =a Margarida - e que Deus guie Vossa Majestade!

Margarida correu pelo corredor. Mas chegando ao fim dele, voltou-se, =para se certificar de que a Sr. a de Sauve não ficara para trás. A =Sr.a de Sauve seguia-a.

A rainha de Navarra viu-a tomar pela escada que conduzia ao seu quarto e =continuou a dirigir-se para o quarto da rainha-mãe.

Estava tudo mudado; em vez da multidão de cortesãos açodados =que ordinariamente abria filas diante da rainha saudando-a =respeitosamente, Margarida não encontrou senão guardas com =partasanas ensanguentadas e vestuários sujos de sangue, ou fidalgos =de capotes rasgados, rosto enegrecido pela pólvora, portadores de =ordens e de despachos, uns entrando, outros saindo: todas essas idas e =vindas faziam um formigueiro terrível e imenso nas galerias.

Margarida não deixou de continuar o seu caminho e chegou à =antecâmara da rainha-mãe. Mas essa antecâmara era guardada por =duas filas de soldados, que não deixavam entrar senão as pessoas =que davam certa senha. Margarida tentou de balde transpor essa barreira =viva. Viu a porta abrir-se e fechar-se muitas vezes, e de cada vez, pela =abertura, avistou Catarina, remoçada pela acção, activa como se =não tivesse mais de vinte anos, escrevendo, recebendo cartas, =abrindo-as, dando ordens, dirigindo a estes uma palavra, àqueles um =sorriso; e para quem sorria mais amigavelmente era para os que estavam =mais cobertos de poeira e sangue.

No meio do grande tumulto que havia no Louvre e dos ruídos =aterradores, ouviam-se os tiros de arcabuz na rua, cada vez mais =repetidos.

Não posso conseguir falar com ela - disse Margarida consigo,

depois =de haver feito três tentativas inúteis perante os
alabardeiros. - =Se hei-de estar a perder aqui o meu tempo, vou
ter com meu irmão.

Neste momento passou o Sr. de Guisa; acabava de anunciar à rainha
a =morte do almirante, e voltava para a carnificina.

- Oh! Henrique! - exclamou Margarida - onde está o rei de Navarra?

O =duque olhou para ela com um sorriso de espanto, curvou-se e,
sem =responder, saiu com os seus guardas.

Margarida correu para um capitão que ia a sair do Louvre e que,
antes =de partir, mandava carregar os arcabuzes aos soldados.

- O rei de Navarra? - perguntou ela - onde está o rei de Navarra?

- Não sei, minha Senhora - respondeu este -, não pertença aos
=guardas de Sua Majestade.

- Ah! meu querido Renato! - exclamou Margarida, reconhecendo o
=perfumista de Catarina - é o senhor. sai do quarto de minha mãe.

=Sabe o que é feito de meu marido?

- Sua Majestade o Rei de Navarra não é meu amigo, minha Senhora.

=deve lembrar-se disso. Diz-se até - acrescentou com uma

=contracção que se parecia mais com um ranger de dentes

80

do que com um sorriso - que ousa acusar-me de ter, de cumplicidade
com a =rainha Catarina,
envenenado sua mãe.

- Não! não! - exclamou Margarida - não creia isso, meu bom =Renato!

- Oh! pouco me importa, minha Senhora! - disse o perfumista. -

Nem o rei =de Navarra nem os seus são para temer nesta ocasião.

E voltou as =costas a Margarida.

- Oh! Sr. de Tavannes! Sr. de Tavannes! - exclamou Margarida -

uma =palavra, uma palavra só, suplico-lhe!

Tavannes, que passava, parou.

- Onde está Henrique de Navarra? - perguntou Margarida.

- Creio - disse ele em voz alta - que anda pela cidade com os Srs.

de =Alençon e de Condé.

Depois, tão baixo que só Margarida pudesse ouvi-lo:

- Bela Majestade, se quer ver aquele para estar =em cujo

lugar eu daria a minha vida, vá bater à porta da sala de =armas

do rei.

- Oh! obrigada, Tavannes! - disse Margarida, que de =tudo quanto

Tavannes lhe havia dito, não ouvira senão a =indicação principal

- obrigada! para lá vou.

E continuou o seu caminho, murmurando:

Oh! depois do que lhe prometi, depois do modo por que se portou

para =comigo, quanto

é ingrato Henrique estava escondido no =gabinete, não posso

deixá-lo perecer.

E foi bater à porta dos aposentos do rei; mas estavam

guardados =interiormente por duas
companhias de guardas.

- Não se entra nos aposentos de el-rei! - disse o oficial,
=avançando com vivacidade.

- Nem eu?... - disse Margarida.

- A ordem é geral.

- Eu, a rainha de Navarra? eu, sua irmã?

- As ordens que tenho não fazem excepção, minha Senhora;
=peço-lhe mil desculpas.

E o oficial tornou a fechar a porta.

Oh! está perdido! - exclamou Margarida, assustada pela vista
dessas =caras sinistras, que,

quando não inspiravam vingança, exprimiam

=inflexibilidade. - Sim, sim, percebo tudo... serviam-se de mim

como =isca... eu sou o laço onde se apanham e se estrangulam os
=huguenotes...

Oh! hei-de entrar, ainda que me matem!

E Margarida corria como louca pelos corredores e pelas

galerias, quando =de repente, passando diante de uma portinha,

ouviu um canto meigo, quase =lúgubre, tão monótono era. Era um
canção, que uma voz trémula cantava no quarto =próximo.

A ama do rei meu irmão, a boa Madelon... está aqui! - exclamou

=Margarida, batendo à porta iluminada por um pensamento súbito

- =está aqui!... Deus dos cristãos, ajudai-me!

E Margarida, cheia de esperança, bateu à portinha.

O facto é que, depois do aviso que lhe fora dado por Margarida,

=depois da sua conversação

com Renato, depois da saída do quarto da =rainha-mãe, à qual,

como um génio bom, quisera

opor-se a pobre pequena Febe Henrique de Navarra =encontrara

alguns fidalgos católicos que,

a pretexto de o honrarem, o haviam levado outra vez para o seu

quarto, =onde o esperavam uns

vinte huguenotes, ali reunidos, que não o =queriam deixar,

tanto pairava no Louvre, havia algumas

horas, o pressentimento desta noite fatal. Tinham-se =conservado

pois ali sem que tentassem incomodá-los. Até que à =primeira

badalada do sino de S. Germano L'Auxerrois, que ressoou em =todos

os locais como um som fúnebre, entrou Tavannes e, no meio de um

=silêncio de morte, anunciou a

Henrique que o rei Carlos IX queria falar-lhe.

Não havia resistência que tentar, e ninguém pensou em tal.

=Ouviam- se os tectos, as galerias

e corredores estalar debaixo dos pés dos =soldados

reunidos, tanto nos pátios como nos aposentos, em número =de cerca

de dois mil. Henrique, depois de se despedir dos seus amigos, =que

não devia tornar a ver, seguiu Tavannes, que o conduziu a uma pequena =galeria contígua aos aposentos do rei, onde o deixou só, sem armas =e com o coração cheio de desconfiança.

O rei de Navarra contou assim, minuto por minuto, duas horas mortais, =escutando com progressivo terror a bulha do sino tocando a rebate e o =estrondo das arcabuzadas; vendo, por um postigo de vidro, passar, ao =clarão do incêndio, à luz dos archotes, os fugitivos e os =assassinos; não compreendendo esses clamores de homicídio, e esses =gritos de aflição; e não podendo supor, apesar do conhecimento =que tinha de Carlos IX, da rainha-mãe e do duque de Guisa, o =horrível drama que se estava representando nesse momento.

Henrique não tinha só a coragem física; tinha mais do que isso, =tinha a pujança moral: temendo o perigo, afrontava-o sorrindo; mas o =perigo do campo de batalha, o perigo ao ar livre e às claras, o =perigo aos olhos de todos, que a harmonia estridente das trombetas e a =voz surda e vibrante dos tambores acompanham. Ali, não; ali estava =sem armas, só, fechado, perdido numa quase escuridão, que não =lhe deixava ver senão o inimigo que podia arrastar-se até ele e o =ferro que queria feri-lo. Estas duas horas foram pois talvez as duas =horas mais cruéis da sua vida.

No mais forte do tumulto, e quando Henrique começava a compreender

=que, segundo todas as probabilidades, se tratava de uma carnificina =organizada, veio um capitão buscar o príncipe e conduzi-lo por um =corredor ao quarto do rei. Quando se aproximaram, abriu-se a porta como =por encanto. Depois, o capitão levou Henrique à presença de =Carlos IX, que estava então na sala de armas.

Quando entraram, o rei estava sentado numa enorme poltrona, com as =mãos nos braços dela e de cabeça caída no peito. Ao ruído =que fizeram os recém-chegados, Carlos IX ergueu a fronte na qual =Henrique viu correr o suor em volumosos pingos.

- Boa noite, Henrique! - disse o rei brutalmente. - Deixa-nos, La =Chastre. O capitão obedeceu.

Houve um momento de sombrio silêncio.

Durante ele, Henrique olhou em volta de si com inquietação, e viu =que estava só com o rei, Carlos IX levantou-se num repente.

- Com a fortuna! - disse, levantando os cabelos louros e limpando ao =mesmo tempo a testa - está contente por se ver ao pé de mim, =não é verdade, Henrique?

- Decerto, Sire - respondeu o rei de Navarra -, tenho sempre muita =satisfação em estar ao pé de Vossa Majestade.

- Mais contente do que se estivesse na rua, hem? - tornou Carlos IX, =continuando a seguir o seu pensamento, e sem responder ao cumprimento de =Henrique.

- Sire, não compreendo - disse Henrique.

- Olhe, e compreenderá.

Com um movimento rápido, Carlos IX caminhou, ou, para melhor dizer, =deu um pulo numa janela que estava aberta. E, puxando para si o cunhado, =cada vez mais espantado, mostrou assassinos, que, dentro de um bote, =estrangulavam ou afogavam as vítimas que lhes levavam a cada =instante.

- Mas, em nome do céu! - exclamou Henrique, enfiado - então que =é isto esta noite!

- Esta noite - disse Carlos IX - livram-me de todos os huguenotes. =Vê além, por cima do Palácio de Bourbon, aquele fumo e aquelas =chamas? São o fumo e as chamas da casa do almirante, que está a =arder. Vê aquele corpo que bons católicos arrastam em cima de um =colchão rasgado? É o corpo do genro do almirante, o cadáver do =seu amigo Teligny.

- Oh! que quer dizer isto? - exclamou o rei de Navarra, procurando =inutilmente o punho da sua adaga e tremendo ao mesmo tempo de vergonha e =de cólera, porque via que o estavam motejando e ameaçando.

- Quer dizer - exclamou Carlos IX, furioso, sem transição e =descorando de um modo

entende, =Henrique? Não sou rei? Não estou no meu direito?.

- Mas, Vossa Majestade.

- A minha majestade mata e degola a esta hora todos os que não são =católicos; assim me apraz. O senhor é católico? - exclamou =Carlos, cuja cólera subia incessantemente como uma maré =terrível.

- Sire - disse Henrique -, recorde-se das suas palavras: Que importa a =religião de quem me serve bem?

Ah! ah! ah! - bradou Carlos, dando uma gargalhada sinistra - que me =recorde das minhas palavras, dizes tu, Henrique!. Verba volant como diz =minha irmã Margot. E todos esses, olha - acrescentou, mostrando com o =dedo a cidade -, todos esses não me tinham servido bem? Não eram =bravos no combate, sábios no conselho, e sempre dedicados?. Eram =todos súbditos úteis; mas eram huguenotes, e eu não quero =senão católicos.

Henrique conservou-se mudo.

- Então compreendes-me, Henrique? - perguntou Carlos IX.

- Compreendo, Sire.

- E daí?

- E daí, Sire, não vejo a razão por que o rei de Navarra havia =de fazer o que tantos fidalgos ou pobres diabos não fizeram. Se esses =desgraçados morrem todos, é decerto porque lhes foi proposto o que =Vossa Majestade me propõe e recusaram, como eu

recuso.

Carlos agarrou no braço do jovem príncipe, e fitando nele um olhar =cuja atonia se mudava pouco a pouco em feroz irradiação, =disse-lhe:

- Ah! tu julgas que me dei ao incómodo de oferecer a missa aos que =estão sendo estrangulados lá fora?

- Sire - disse Henrique, soltando o braço -, Vossa Majestade não =quer morrer na religião de seus pais?

- Quero, coa fortuna! e tu?

- Pois também eu, Sire! - respondeu Henrique.

Carlos soltou um rugido de raiva, e pegou com mão trémula num =arcabuz que estava em cima de uma mesa. Henrique, encostado à parede, =com o suor da angústia na fronte, mas, graças ao império que conservava sobre si mesmo, =sereno na aparência, seguia todos os movimentos do terrível =monarca com o ávido espanto do pássaro fascinado pela =serpente.

Carlos engatilhou o arcabuz, e batendo o pé com =furor cego:

- Queres a missa? - exclamou, deslumbrando Henrique com o espelhar da =arma fatal, mas Henrique permaneceu mudo.

Carlos IX abalou as abóbadas do Louvre com a mais terrível praga =qe tem saído dos lábios de um homem e, de pálido que estava, =tornou-se lívido.

- Morte, missa, ou Bastilha! - exclamou, fazendo pontaria para

o rei de Navarra.

- Oh, Sire! - exclamou Henrique - quer-me matar, a mim, seu cunhado? Henrique acabava de iludir com o seu espírito incomparável, que era uma das mais possantes faculdades da sua organização, a resposta que Carlos IX lhe pedira; porque, sem dúvida nenhuma se essa resposta fosse negativa, Henrique estaria morto.

Por isso, como imediatamente depois dos últimos paroxismos da fúria vem o começo da reacção, Carlos IX não repetiu a pergunta que acabava de dirigir ao príncipe de Navarra e, depois de um momento de hesitação, durante o qual fez ouvir um rugido surdo, voltou-se para a janela aberta e apontou o arcabuz para um homem que corria pelo cais fronteiro.

- É preciso, contudo, que eu mate alguém! - exclamou Carlos IX, lívido como um cadáver, e cujos olhos se injectaram de sangue. E dando o tiro, deitou ao chão o homem que corria.

84

Henrique soltou um gemido.

Animado então por um tremendo ardor, Carlos carregou e deu incessantemente tiros de arcabuz, soltando gritos de alegria todas as vezes que os tiros acertavam.

Estou bem arranjado! - disse com os seus botões o rei de Navarra - quando não aparecer mais quem mate, mata-me a mim.

- Então? - disse de repente uma voz por trás dos príncipes - =está tudo arranjado? Era Catarina de Médicis, que entrara durante =a última detonação sem que dessem por isso.

- Não, com mil trovões do Inferno! - berrou Carlos, atirando o seu =arcabuz pela casa fora. - Não; o cabeçudo. não quer!.

Catarina não respondeu. Voltou vagarosamente os olhos para a parte do =quarto onde estava Henrique, tão imóvel como uma das figuras da =tapeçaria a que se encostava; e daí fitou em Carlos um olhar que =queria dizer: Então porque está vivo?.

- Está vivo. está vivo. - murmurou Carlos IX, que compreendia =perfeitamente esse olhar, e que lhe respondia, como se vê, sem =hesitação - está vivo, porque. é meu parente.

Catarina sorriu.

Henrique viu esse sorriso, e reconheceu que era principalmente a =Catarina que precisava combater.

- Minha Senhora - disse-lhe - tudo provém de si, bem vejo, e nada de =meu cunhado Carlos; foi a senhora quem teve a ideia de me fazer cair =numa cilada; foi a senhora quem pensou em fazer de sua filha a isca que =devia perder-nos a todos; foi a senhora quem me separou de minha mulher =para que ela não tivesse o desagrado de me ver matar.

- Sim, mas isso não há-de acontecer! - exclamou outra voz, =esbaforida e apaixonada, que Henrique reconheceu no mesmo

instante, e =que fez estremecer Carlos IX de surpresa, e Catarina de furor.

- Margarida! - bradou Henrique.

- Margot! - disse Carlos IX.

- Minha filha! - murmurou Catarina.

- Senhor - disse Margarida para Henrique -, as suas últimas palavras =acusavam-me, e tinha e não tinha razão, ao mesmo tempo.

Tinha =razão, porque eu sou, com efeito, o instrumento de que se serviram =para os perder a todos. Não tinha razão, porque eu ignorava que =caminhavam para a perda. Eu própria, aqui onde me vê, devo a vida =ao acaso, talvez ao esquecimento de minha mãe; mas, tão depressa =soube o perigo em que o senhor estava, lembrei-me do meu dever. Ora, o =dever de uma mulher é quinhoar a fortuna de seu marido. Se o =exilarem, acompanhá-lo-ei ao exílio; se o prenderem, far-me-ei =cativa; se o matarem, morrerêi.

E estendeu ao marido a mão, em que Henrique pegou, senão com amor, =pelo menos com reconhecimento.

- Ah, minha pobre Margot! - disse Carlos IX. - Melhor seria que lhe =dissesses que se fizesse católico!

- Sire - respondeu Margarida, com a alta dignidade que lhe era tão =natural -, creia-me: por si mesmo, não peça uma cobardia a um =príncipe da sua casa.

Catarina lançou um olhar significativo para Carlos.

- Meu irmão - exclamou Margarida, que, tão bem como Carlos IX, compreendia a terrível pantomima de Catarina -, meu irmão, pense =nisto: foi Vossa Majestade que fez dele meu esposo.

Carlos IX, no meio do olhar imperioso de Catarina e do olhar suplicante =de Margarida, como entre dois princípios opostos, permaneceu indeciso =por um momento; por fim resolveu-se.

- A verdade, minha Senhora - disse o rei ao ouvido de Catarina -, é =que Margot tem razão: Henrique é meu cunhado.

- Pois sim - respondeu Catarina, falando também ao ouvido do filho -, =mas se o não fosse.

XI

O ESPINHEIRO DO CEMITÉRIO DOS INOCENTES

Voltando para o seu quarto, Margarida debalde diligenciou adivinhar a =palavra que Catarina de Médicis tinha dito em voz baixa a Carlos IX, =e que havia acabado com o terrível conselho de vida ou de morte que =predominava naquela ocasião.

Uma parte da manhã foi empregada por ela em tratar de La Mole, e a =outra em decifrar o enigma que o seu espírito se recusava a =compreender.

O rei de Navarra ficara prisioneiro no Louvre. Os huguenotes eram mais =do que nunca perseguidos. À terrível noite sucedera um dia de =carnificina mais odioso ainda. Já não era a rebate que tocavam os =sinos, era para o Te Deum que se celebrava em todos os templos; e os =sons joviais desse bronze, ressoando no meio do homicídio e dos =incêndios, eram talvez mais tristes à luz do Sol do que o havia =sido o som fúnebre da noite precedente. Não era tudo; havia-se =dado um caso singular: um espinheiro que florira na

Primavera, e que, =como de costume, perdera os seus odoríferos atavios no mês de =Junho, reflorira durante a noite, e os católicos, que viam neste =acontecimento um milagre, e que, pela popularização desse milagre, =faziam Deus seu cúmplice, iam em procissão, de cruz alçada, ao =Cemitério dos Inocentes, onde esse espinheiro florescia. Esta =espécie de assentimento dado pelo Céu à carnificina redobrava o =ardor dos assassinos. E enquanto a

cidade continuava a oferecer em cada rua, em cada encruzilhada, em cada praça, uma cena de desolação, o Louvre servia de túmulo a todos os protestantes que se haviam achado encerrados no momento do sinal. Só lá estavam vivos o rei de Navarra, o príncipe de Condé e La Mole.

Descansada acerca de La Mole, cujas feridas, como na véspera ela dissera, eram perigosas mas não mortais, Margarida não se preocupava senão com uma coisa: salvar a vida do marido que continuava a estar ameaçada. O primeiro sentimento que se apoderara da esposa, era, sem dúvida, um sentimento de leal compaixão para com um homem ao qual acabava, como dissera o próprio Bearnês, de jurar, senão amor, pelo menos aliança. Mas em seguida a esse sentimento outro menos puro penetrara no coração da rainha.

Margarida era ambiciosa; Margarida vira quase que uma realeza certa no seu casamento com Henrique de Bourbon. A Navarra, ambicionada de um lado pelos reis de França, e do outro pelos reis de Espanha, que, retalho a retalho, tinham acabado por lhe tirar metade do território, podia ser que Henrique de Bourbon realizasse as esperanças de coragem que havia dado nas raras ocasiões que desembainhara a espada, vir a ser um reino real, com os huguenotes da França por súbditos. Graças ao seu espírito tão fino e tão elevado, Margarida entrevira e calculara tudo

isto. A perda de Henrique para ela não era só a =perda de um marido, era a perda de um trono.

Estava no mais íntimo das suas reflexões, quando ouviu bater à =porta do corredor secreto. Estremeceu, porque só três pessoas =podiam entrar por essa porta: o rei, a rainha-mãe e o duque de Alençon. Entreabriu a porta do gabinete, recomendou com o dedo =silêncio a Gillonne e a La Mole, e foi abrir a porta à visita.

A visita era o duque de Alençon.

Desde a véspera que não era criança. Por um instante Margarida =se lembrara de reclamar a sua intercessão em favor do rei de Navarra; =mas detivera-a uma ideia terrível. O casamento tinha sido feito =contra vontade dele. Francisco detestava Henrique, e não conservava a =neutralidade em favor do Bearnês senão porque estava convencido de =que Henrique e sua mulher se conservavam estranhos um ao outro. Um sinal =de interesse dado por Margarida em favor do esposo podia, por =consequência, em vez de desviar, aproximar-lhe do peito um dos =três punhais que o ameaçavam.

Margarida estremeceu portanto ao ver o jovem príncipe, mais do que se =visse o rei Carlos IX ou a própria rainha-mãe. Demais, ao =vê-lo, não se diria que se passava nada de insólito na cidade, =ou no Louvre; estava vestido com a sua costumada elegância. Do fato e =da roupa branca exalavam-se os perfumes que Carlos IX desprezava, mas de =que o duque de Anjou e ele faziam continuado uso. Somente olhos =práticos como eram os de Margarida podiam

notar que, apesar da sua palidez, maior que de costume, e apesar da leve tremura que lhe agitava a extremidade das mãos, tão belas e tão bem tratadas como mãos de mulher, encerrava no fundo do coração algum sentimento jovial.

A sua entrada foi o que costumava ser. Aproximou-se da irmã para beijar. Mas em vez de lhe apresentar a face, como o faria ao rei Carlos ou ao duque de Anjou, Margarida curvou-se e ofereceu-lhe a testa.

O duque de Alençon soltou um suspiro e chegou os lábios descorados à testa que Margarida lhe apresentava.

Então, sentando-se, começou a contar à irmã as notícias sanguinolentas da noite; a morte lenta e terrível do almirante; a morte instantânea de Teligny, que, ferido por uma bala, deu imediatamente o último suspiro. Demorou-se, carregou, regozijou-se com as minúcias sangrentas da noite, com o amor do sangue que lhe era peculiar e a seus dois irmãos. Margarida deixou-o dizer.

Até que, tendo dito tudo, calou-se.

- Não foi somente para me fazer essa narração que vieste visitar-me, não é verdade, meu irmão? - perguntou Margarida.

O duque d'Alençon sorriu.

- Tens alguma outra coisa a dizer-me?

- Não - respondeu o duque -, espero.

- Que esperas?

- Não me disseste, minha querida Margarida - tornou o duque,
=aproximando a cadeira da da irmã -, que o casamento com o rei
de =Navarra era contra tua vontade?

- Disse, porque não conhecia o príncipe de Béarn quando mo
=propuseram para esposo.

- E depois de o conheceres, não me afirmaste que não sentias amor
=algum por ele?

- Disse-te, é verdade.

- Não era tua opinião que esse casamento ia fazer a tua =desgraça?

- Meu caro Francisco, quando um casamento não é a suprema
=felicidade, é quase sempre a suprema dor.

- Então, minha querida Margarida, como te dizia, espero.

- Mas que esperas? diz.

- Que manifestes a tua alegria.

- Mas de que hei-de eu regozijar-me?

- Esta ocasião inesperada que se te oferece para recuperares a
tua =liberdade.

87

- A minha liberdade? - tornou Margarida, que queria obrigar o
=príncipe a dizer todo o seu pensamento.

- Sem dúvida, a tua liberdade! Vais ser separada do rei de
=Navarra.

- Separada? - disse Margarida, fitando os olhos nos do príncipe.

O duque de Alençon diligenciou suportar o olhar da irmã; mas =não tardou que os olhos se lhe desviassem dela confusos.

- Separada? - repetiu Margarida. - Vejamos isso, meu irmão; porque =muito estimo que me dê ocasião para profundar esse negócio; e =como é que tencionam separar-nos?

- É que - murmurou o duque - Henrique é huguenote.

- É; mas não tinha feito mistério da sua religião, e =sabia-se isso quando nos casaram.

- Isso é assim; mas depois do casamento, minha irmã - disse o =duque, deixando mau grado seu um raio de alegria iluminar-lhe o =semblante -, que tem feito Henrique?

- Sabe-lo melhor do que ninguém, Francisco, porque tem passado quase =todos os dias na tua companhia, ora na caça, ora no jogo da malha, =ora no jogo da péla.

- Os dias, sim - tornou o duque -, mas as noites?

Margarida calou-se, e chegou-lhe a vez de abaixar os olhos.

- As noites? - continuou o duque de Alençon - as noites?

- Que queres dizer? - perguntou Margarida reconhecendo que tinha de =responder alguma coisa.

- Quero dizer que tem passado as noites na companhia da Sr.a de =Sauve.

- Como é que o sabes? - exclamou Margarida.

- Sei-o, porque tinha interesse em sabê-lo - respondeu o príncipe,
=empalidecendo e amarrotando nervosamente os bordados das suas
=mangas.

Margarida começava a compreender o que Catarina tinha dito em voz
=baixa a Carlos IX; mas fingiu que ignorava.

- Porque me dizes isso, meu irmão? - perguntou, com uns modos de
=melancolia bem fingidos. - É para me lembrares que aqui ninguém
me =ama e se importa comigo: os que a natureza me deu para
protectores, como =o que a igreja me deu para esposo?

- És injusta - disse com vivacidade o duque de Alençon, chegando
=mais a cadeira à da irmã -, eu amo-te e protejo-te.

- Meu irmão - disse Margarida, olhando-o fitamente -, tens alguma
=coisa para me dizer da parte da rainha-mãe?

- Eu? Enganas-te, minha irmã, juro-te! Que é que pode fazer-te
=crer nisso?

- O que pode fazer-me crer é que quebras a amizade que te ligava
a =meu marido; é que abandonas a causa do rei de Navarra.

- A causa do rei de Navarra? - tornou o duque de Alençon,
=estupefacto.

- Sim, sem dúvida. Olha, Francisco, falemos com franqueza.
=Concordaram vinte vezes em que não se podem elevar e até
=sustentar-se senão um pelo outro. Essa aliança.

- Tornou-se impossível, minha irmã - interrompeu o duque de

=Alençon.

- E porquê?

- Porque o rei tem os seus projectos acerca de teu marido. Perdão!

=dizendo teu marido, equívoco-me: é acerca do rei de Navarra que

=queria dizer. A nossa mãe adivinhou tudo. Eu aliava-me com os

=huguenotes porque julgava que os huguenotes eram bem vistos. Mas

=estão matando os huguenotes, e dentro de oito dias não restarão

=cinquenta em todo o reino. Estendia a mão ao rei de Navarra porque

=era. teu marido. Mas não é teu marido. Que tens que dizer a isto,

=tu, que és não só a mulher mais bela de França, mas a melhor

=cabeça do reino?

- Tenho a dizer que conheço nosso irmão Carlos. Vi-o ontem com

um =desses acessos de furor dos quais cada um lhe tira dez anos

de vida; =tenho que dizer que esses acessos, por desgraça,

88

lhe dão agora muito a miúdo, o que faz com que, segundo todas as

=probabilidades, nosso irmão Carlos não possa viver muito tempo;

=tenho que dizer que acaba de morrer o rei da Polónia, e que se

trata =de eleger para o seu lugar um príncipe da Casa de França;

e tenho =a dizer que, quando as circunstâncias se apresentem

assim, não =é bom ensejo para abandonar aliados, que, no momento

do combate, =podem amparar-se com o concurso de um povo e o apoio

de um reino.

- E tu - exclamou o duque - não me fazes uma traição maior em
=preferir um estranho a teu irmão?

- Explica-te, Francisco! em quê, e como te traí eu?

- Pediste ontem ao rei a vida do rei de Navarra.

- E daí? - perguntou Margarida, com fingida ingenuidade.

O duque levantou-se precipitadamente, deu duas ou três voltas no
=quarto com modos desarvorados e depois pegou na mão de Margarida.

Esta mão estava hirta e gelada.

- Adeus, minha irmã! - disse ele. - Não quiseste compreender-me;

=não te queixes pois senão de ti nas desgraças que te puderem
=acontecer.

Margarida descorou, mas ficou imóvel no seu lugar. Viu sair o
duque =de Alençon sem fazer um sinal para o demorar; mas, tão
depressa o =perdeu de vista no corredor, ele voltou atrás.

- Ouve, Margarida, esquecia-me de te dizer uma coisa, e é que
=amanhã, a esta hora, estará morto o rei de Navarra.

Margarida soltou um grito, porque a ideia de que era ela o
instrumento =de um assassinio causava-lhe um terror que não podia vencer.

- E tu não obstarás a essa morte? - perguntou. - Não =salvarás
o teu melhor e o teu único aliado?

- De ontem para cá, não é meu aliado o rei de Navarra.

- Então quem é?

- o Sr. de Guisa. Destruindo os huguenotes, fizeram o Sr. de Guisa

rei =dos católicos.

- E é o filho de Henrique II que reconhece como seu rei um duque de =Lorena?

- Não estás hoje nos teus dias felizes, Margarida, e não =percebes nada.

- Confesso que é debalde que procuro ler no teu pensamento.

- Minha irmã, tu és de tão boa casa como a Senhora Princesa de =Porcian, e Guisa não é mais imortal do que o rei de Navarra; pois, =Margarida, supõe agora três coisas, todas possíveis: a primeira =é que o Sr. de Guisa é eleito rei da Polónia; a segunda, que tu =me amas como eu te amo; e depois, que eu sou rei de França, e tu. tu. =rainha dos católicos.

Margarida escondeu a cabeça nas mãos, deslumbrada pela profundidade =de vistas deste adolescente, a quem ninguém na corte ousava chamar =uma inteligência.

- Mas - perguntou depois de um instante de silêncio - não tens =ciúmes do Senhor Duque de Guisa, como os tens do rei de Navarra?

- O que está feito está feito - disse o duque de Alençon, com =voz surda -, e se tiver de ter ciúmes do duque de Guisa, tive-os.

- Há só uma coisa que pode impedir a realização desse plano, =meu irmão - disse Margarida, levantando-se.

- Qual é?

- É que eu já não amo o duque de Guisa.

- Então quem amas?

- Ninguém.

O duque de Alençon olhou para Margarida com a admiração de quem =não compreende, e saiu do quarto dando um suspiro e apertando com a =mão gelada a testa, que lhe parecia querer abrir-se.

89

Margarida ficou só e pensativa. Começava a situação a =desenhar-se-lhe aos olhos clara e exacta; o rei tinha deixado fazer o S. =Bartolomeu, e quem o tinha feito era a rainha Catarina e o duque de =Guisa. O duque de Guisa e o duque de Alençon iam unir-se para =tirarem daí o maior proveito possível. A morte do rei de Navarra =era consequência natural dessa grande catástrofe. Morto o rei de =Navarra, apoderar-se-lhe-iam do trono. Margarida ficava viúva, sem =trono, sem poder, restando-lhe por única perspectiva um convento, =onde não teria sequer a triste dor de chorar um esposo que nunca =tinha sido seu marido.

Pensava nisto, quando a rainha Catarina lhe mandou perguntar se não =queria ir com a corte ao espinheiro do Cemitério dos Inocentes.

O primeiro impulso de Margarida foi recusar fazer parte da cavalgada. =Mas o pensamento de que essa saída podia dar- lhe ocasião de saber =alguma novidade acerca da sorte do rei de Navarra, resolveu-a. =Respondeu, portanto, que, se lhe mandassem

ajaezar um cavalo, =acompanharia Suas Majestades da melhor vontade.

Cinco minutos depois, veio um pajem anunciar-lhe que, se queria descer, =o cortejo ia pôr-se a caminho. Margarida fez um sinal com a mão a =Gillonne, para lhe recomendar o ferido, e desceu. Já estava a cavalo o rei, a rainha-mãe, Tavannes e os principais =católicos. Margarida deitou um olhar rápido para esse grupo que se =compunha de cerca de vinte pessoas: o rei de Navarra não estava =ali.

Mas a Sr.a de Sauve estava; trocou um olhar com ela, e Margarida =compreendeu que a amante do marido tinha o quer que fosse para lhe =dizer.

Puseram-se a caminho para a Rua Santo Honorato pela Rua de Lastruce. =À vista do rei, da rainha e dos principais católicos, juntara-se o =povo, seguindo o cortejo como uma onda que sobe, gritando:

- Viva o rei! Viva a rainha! Morram os huguenotes!

Esses gritos eram acompanhados pela agitação de espadas =ensanguentadas e de arcabuzes fumegantes, que indicavam a parte que cada =um tinha tomado no sinistro acontecimento que acabava de se dar.

Ao chegarem às alturas da Rua das Prouvelles, encontraram-se com =homens que arrastavam um cadáver sem cabeça. Era o do almirante.

=Esses homens iam pendurá-lo pelos pés em Montfaucon.

Entraram no Cemitério dos Santos Inocentes pela porta que abria

=defronte dos Chaps, actualmente dos Déchargeurs. O clero,

prevenido =da visita do rei e da rainha-mãe, esperava Suas

Majestades para lhes =fazer discursos.

A Sr.a de Sauve aproveitou o momento em que Catarina ouvia o

discurso =que lhe dirigiam, para se aproximar da rainha de Navarra

e pedir-lhe =permissão para lhe beijar a mão. Margarida estendeu

o braço =para ela, a Sr.a de Sauve aproximou os lábios da mão da

rainha e, =beijando-lha meteu-lhe na manga um papelinho enrolado.

Por mais rápido e mais dissimulado que fosse este acto da Sr.a

de =Sauve, Catarina deu por ele, e voltou-se no momento em que

a sua dama de =honor beijava a mão da rainha.

As duas mulheres viram esse olhar que as deslumbrava como um

=relâmpago, mas permaneceram ambas impassíveis. A Sr.a de Sauve

=afastou-se de Margarida, e voltou para o seu lugar ao pé de

=Catarina.

Depois de responder ao discurso que acabava de lhe ser dirigido,

=Catarina acenou sorrindo para a rainha de Navarra, que se

chegasse para =ela.

Margarida obedeceu.

- Minha filha - disse a rainha mãe, na sua algaravia italiana -,

tens =muita intimidade com a Sr.a de Sauve?

Margarida sorriu, dando ao seu lindo rosto a expressão mais amarga
=que pôde.

90

- Sim, minha mãe: a serpente veio morder-me na mão.

- Ah! ah! - disse Catarina, sorrindo - tens naturalmente ciúmes!

- Engana-se, minha Senhora! - respondeu Margarida. - Tenho tantos
=ciúmes do rei de Navarra como o rei de Navarra me tem amor. O
que sei =é distinguir os meus amigos dos meus inimigos. Amo quem
me ama e =detesto quem me odeia. Sem isso, minha Senhora, seria
eu sua filha?

Catarina sorriu, de modo a fazer compreender a Margarida que, se
tinha =algumas suspeitas, as suspeitas tinham-se desvanecido.

Demais, neste momento, novos peregrinos chamaram a atenção da
=augusta assembleia. Chegava o duque de Guisa, escoltado por um
grupo de =gentis- homens ainda exaltados pela carnificina
recente. Escoltavam uma =liteira ricamente forrada, que parou
defronte do rei.

- A duquesa de Nevers! - exclamou Carlos IX. - Vejamos! que venha
=receber os nossos cumprimentos, essa linda e severa católica!

Sabe o =que me disseram, minha prima? Que da sua parte deu caça
aos =huguenotes, e que matou um com uma pedrada.

A duquesa de Nevers fez-se muito corada.

- Sire - disse ela em voz baixa, vindo ajoelhar diante do rei -

não =foi isso o que sucedeu; foi que tive a fortuna de recolher
um =católico ferido.

- Bem, bem, minha prima; há dois modos de me servir: um,
exterminando =os meus inimigos, o outro, socorrendo os meus
amigos. Faz-se o que se =pode, e tenho a certeza de que, se mais
pudesse, mais teria feito.

Neste meio-tempo, o povo, que via a harmonia que reinava entre
a Casa de =Lorena e Carlos IX, gritava em altos gritos:

- Viva o rei! Viva o duque de Guisa! Viva a missa!

- Vem ao Louvre connosco, Henriqueta? - perguntou a rainha-mãe
à =bela duquesa. Margarida tocou com o cotovelo na sua amiga, que
=compreendeu imediatamente este sinal, respondeu:

- Não, minha Senhora, salvo se Vossa Majestade o ordena, porque
tenho =que sair com Sua Majestade a Rainha de Navarra.

- E que vão fazer ambas? - perguntou Catarina.

- Ver livros gregos raríssimos e curiosíssimos, que foram
=encontrados em casa de um pastor protestante, e que foram
transportados =para a Torre de Saint Jacques-la-Boucherie -
respondeu Margarid a.

- Melhor fariam se fossem atirar os últimos huguenotes do alto da =Ponte dos
Meuniers - disse Carlos IX. - É o lugar dos bons
=franceses.

- Iremos, se aprover a Vossa Majestade - respondeu a duquesa de
Nevers. =Catarina lançou um olhar de desconfiança para as duas

amigas. =Margarida, que a observava, finterceptou-o, e voltando-se e tornando a =voltar-se logo, com modos muito preocupados, olhou com inquietação =em redor de si.

Esta inquietação, fingida ou real, não escapou a Catarina.

- Que procuras?

- Procuo. já não vejo - disse ela.

- Quem procuras, que já não vês?

- A Sauve - disse Margarida. - Voltaria ela para o Louvre?

- Não te dizia eu que tinhas ciúmes? - disse Catarina ao ouvido da =filha. - Vamos, vamos, Henciqueta! - continuou, encolhendo os ombros - =leve daqui a rainha de Navarra.

Margarida fingiu ainda que olhava em torno de si, e depois, curvando-se =também para a sua amiga, disse-lhe ao ouvido:

- Leva-me daqui depressa. Tenho que te dizer coisas da mais alta =importância.

91

A duquesa fez uma reverência a Carlos IX e a Catarina, e depois, =inclinando-se diante da rainha de Navarra:

- Vossa Majestade dignar-se-á entrar para a minha liteira?

- De muito boa vontade. Mas terá de me acompanhar ao Louvre.

- A minha liteira, os meus criados, e eu - respondeu a duquesa

-, =estamos às ordens de Vossa Majestade.

A rainha Margarida entrou para a liteira, e a um sinal que ela

lhe fez, =a duquesa de Nevers entrou também e tomou
respeitosamente o lugar da =frente.

Catarina e os seus gentis-homens regressaram ao Louvre pelo mesmo
=caminho por onde tinham vindo. Mas durante todo o trajecto viu-se
a =rainha-mãe falando incessantemente ao ouvido do rei, e
designando-lhe =muitas vezes a S.ra de Sauve.

O rei ria de vez em quando como ria Carlos IX, isto é, com um riso
=mais sinistro do que uma ameaça.

E Margarida, logo que viu que a liteira se movia, e que não tinha
que =recear a penetrante investigação de Catarina, tirou da manga
com =vivacidade o bilhete da S.ra de Sauve, e leu o seguinte:

Receie ordem de mandar entregar esta noite duas chaves ao rei de
=Navarra: uma é a do quarto em que ele está encerrado; a outra
a do =meu. E intimam-me para que uma vez no meu quarto o conserve
aí até =às seis horas da manhã. Reflecta vossa Majestade, decida
Vossa =Majestade, e não sepreocupe com a minha vida na resolução
que =tiver de tomar.

Não há dúvida - murmurou Margarida - a pobre mulher é o
=instrumento de que se querem servir para nos perder a todos. Mas
veremos =se da rainha Margot, como diz meu irmão Carlos, se faz com tanta
=facilidade uma freira.

- Então de quem é essa carta? - perguntou a duquesa de Nevers,
=apontando para o papel que Margarida acabava de ler e reler com
tamanha =atenção.

- Ah, duquesa! tenho muito que te dizer - respondeu Margarida,
rasgando o bilhete em bocadinhos.

XII

AS CONFIDÊNCIAS

- Mas, afinal, aonde é que nós vamos? - perguntou Margarida. -

=Não é à Ponte dos Meuniers, suponho eu. Tenho visto muita

=mortandade de ontem para cá, minha querida Henriqueta.

- Tomei a liberdade de conduzir Vossa Majestade.

- Primeiro que tudo, a minha majestade pede-te que esqueças Sua

=Majestade. Conduzias-me pois.

- Ao Palácio de Guisa, se não decidir outra coisa.

- Não, não, Henriqueta! Vamos para tua casa; o duque de Guisa =não está lá; teu marido não estará também?

- Não! - exclamou a duquesa, com uma alegria que lhe fez cintilar os =lindos olhos cor de esmeralda - não! nem meu cunhado, nem meu marido, =nem ninguém. Estou livre, livre

como o ar, como a ave, como a nuvem. Livre, minha rainha, entende?

=Compreende quanta ventura há nesta palavra: livre?. Vou, venho,

=mando! Ah! pobre rainha! não é livre! e por isso...

-Vais, vens, mandas. É só isso? A tua liberdade só te serve =para isso?. Vamos, tu estás muito alegre para que seja só =isso.

- Vossa Majestade prometeu-me entrarmos em confidências.

- Ainda a minha majestade! Nós vamos zangar-nos, Henriqueta; então =esqueceste os nossos ajustes?

- Não; sua respeitosa criada perante o mundo, tua louca confidente

a =sós. Não é isto, minha Senhora? Não é isto, =Margarida?

- Sim, sim - disse a rainha, sorrindo.

- Nem rivalidades de Casas, nem perfídias de amor; tudo bem, tudo =bom, tudo franco; uma aliança, enfim, ofensiva e defensiva, com o =propósito único de encontrarmos e agarrarmos se a encontrarmos, =essa efêmera que se chama felicidade.

- Muito bem, minha duquesa! isso mesmo. E para renovar o pacto, dá =cá um beijo.

E aproximaram-se graciosamente, e uniram os lábios, como podiam unir =os pensamentos, duas encantadoras cabeças: uma pálida e cheia de =melancolia, a outra rosada, loura e risonha.

- Então há alguma novidade? - perguntou a duquesa, fitando em =Margarida um olhar agudo e curioso.

- Não é tudo novidade há dois dias?

- Eu falo de amor, e não de política. Quando nós tivermos a =idade da Catarina, tua mãe, faremos política. Mas nós temos =vinte anos, minha bela rainha: falemos de outra coisa. Vamos, casada deveras?

93

- Com quem? - disse Margarida, rindo.

- Ah! tranquilizas-me.

- Pois, Henriqueta, o que te tranquiliza espanta-me a mim.

Duquesa, é =necessário que eu esteja casada.

- Ora essa! que me dizes! Pobre amiga! E é necessário?
- Absolutamente.
- Coa breca! (como diz alguém que eu conheço) é triste!
- Conheces alguém que diz Coa breca. - perguntou Margarida rindo.
- Conheço.
- Quem é?
- Interrogas-me sempre, quando és tu quem deve falar. Acaba, e eu =começarei.
- Em duas palavras: o rei de Navarra está apaixonado, não se =importa comigo. Eu não estou apaixonada, e não me importo com ele. =E, contudo, bom era que ambos nós mudássemos de ideias, ou =simulássemos, daqui até amanhã, que havíamos mudado.
- Pois muda tu, e podes ter a certeza de que ele mudará.
- Aí é que está o busilis, porque eu estou menos disposta a =mudar do que nunca.
- Só em relação a teu marido?
- Henriqueta, tenho um escrúpulo.
- Um escrúpulo de quê?
- De religião. Diz-me: fazes tu diferença entre huguenotes e =católicos?
- Em política?
- Em política.
- Faço.

- E em amor?

- Minha querida amiga, nós, as mulheres, somos tão pagãs que, =no que toca a seitas, admitimo-las todas; e, no que respeita a deuses, =reconhecemos muitos.

- Em um só, não?

- Sim! - disse a duquesa, com um olhar cintilante de paganismo

- sim: o =que se chama Eros-Cupido-Amor sim, o que tem uma aljava, uma venda nos =olhos, e asas. Coa breca! viva a devoção!

- Mas tu tens um modo de orar exclusivo; atiras pedras à cabeça =dos huguenotes.

- Procedamos bem, e deixemos falar. Ah! Margarida! como as melhores =ideias, como as melhores acções se transformam passando pela boca =do vulgo!

- O vulgo?. Mas parece-me que quem te felicitou foi meu irmão =Carlos.

- Teu irmão Carlos, Margarida, é um grande caçador que toca a =buzina todo o dia, o que o faz emagrecer. Eu recuso por isso até os =seus cumprimentos. E respondi a teu irmão Carlos. Não ouviste a =minha resposta?

- Não, falavas tão baixo!.

- Melhor, mais novidades tenho que te dar. Mas fique isso para o fim da =confidência, sim? - É que. é que.

- Acaba.

- É que - disse a rainha, rindo -, se a pedra de que meu irmão

=Carlos falava fosse histórica, eu abster-me-ia.

- Bom! - exclamou Henriqueta - escolheste um huguenote. Pois

=tranquiliza-te! Para sossegar a tua consciência, prometo-te

escolher =também um na primeira ocasião.

- Ah! parece que desta vez tomaste um católico?

- Coa breca! - replicou a duquesa.

- Bem, bem! percebo.

94

- E que tal é o teu huguenote?

- Não o escolhi; é um mancebo que me não é nada, e =provavelmente

nunca me há-de ser nada. eu - Mas que tal é? Isso =não te impedirá

de mo dizeres, sabes quanto sou curiosa.

- Um pobre mancebo, belo como o Niso de Benvenuto Cellini. e que

se =refugiou no meu quarto.

- Oh! oh! e tu não o havias de certo modo convocado?.

- Pobre rapaz! Não rias assim, Henriqueta, porque neste momento

=está ainda entre a vida e a morte.

- Então está doente?

- Está gravemente ferido.

- Mas é coisa incómoda um huguenote ferido! principalmente em dias

=como estes em que nos achamos; e o que hás-de tu fazer desse

=huguenote ferido que não te é nada, e que nunca te há-de ser

=nada?

- Está no meu gabinete; escondi-o, quero salvá-lo.
- É belo, é moço, está ferido. Tu esconde-lo no teu =gabinete, queres salvá-lo; esse huguenote muito ingrato será se =não for muito reconhecido!
- Já o é, tenho bastante medo. é mais do que eu desejaria.
- E interessa-te, esse pobre mancebo?
- Por humanidade. somente.
- Ah! a humanidade, minha pobre rainha! é essa virtude que nos perde =sempre a nós mulheres!
- Sim, e tu compreendes que, de um momento para o outro, o rei, o duque =de Alençon, minha mãe e até meu marido. podem entrar no meu =quarto.
- Queres pedir-me que te guarde o teu huguenote, enquanto ele estiver =doente, não é isso, com a condição de to restituir quando =estiver curado?
- Não gracejes! - disse Margarida. - Não; juro-te que não =preparo as coisas de tão longe. Mas, se pudesses achar um meio de =esconder o pobre mancebo, se pudesses conservar-lhe a vida que eu =salvei, confesso-te que muito to agradeceria. Tu és livre no =Palácio de Guisa, não tens nem cunhado nem marido que te espione =ou te incomode, e, por detrás do teu quarto, onde ninguém, querida Henriqueta, tem, felizmente para ti, direito de =entrar, há um grande gabinete como o meu. Pois empresta-me esse =gabinete para o meu huguenote; quando estiver curado, as

abrir-lhe-ás = a gaiola, e o pássaro voará.

- Não há senão uma dificuldade, querida rainha, é que a =gaiola está ocupada.

- Pois quê! também tu salvaste alguém?

- Foi exactamente o que respondi a teu irmão.

- Ah! compreendo; e aí está por que falavas tão baixo que =não te ouvi.

- Ouve, Margarida; é uma história admirável, não menos bela, =não menos patética do que a tua. Depois de te haver deixado seis =dos

meus guardas entrei com os outros seis no Palácio de Guisa, e

=estava vendo saquear e queimar uma casa que não fica separada

do =palácio de meu irmão senão pela Rua dos Quatro Filhos, quando

=de repente ouço gritos de mulheres e pragas de

homens. Vou à janela, e vejo uma espada cujo fogo só por si

=parecia que alumia toda a cena. Admiro essa folha furiosa (eu

gosto do =que é belo!), depois procuro naturalmente distinguir

o braço que =a fazia mover e o corpo a que esse braço pertencia.

No meio dos tiros =e gritos, chego a distinguir o homem, e vejo.

um herói, Ouço uma =voz, uma voz de Estentor. Entusiasmo-me, fico

palpitante, estremecendo a =cada tiro que o ameaçava. foi uma

coação de um quarto de hora, =minha rainha, como eu nunca havia

experimentado, como julgava que não =as havia. Por isso, estava

eu arquejante, suspensa ainda, quando o meu =herói desapareceu.

- E como?

- Debaixo de uma pedra que lhe atirou uma velha; então, como Ciro, =recuperei a voz, e gritei: Acudam, socorro! Vieram os guardas, =agarraram-no, levantaram-no e transportaram-no para o quarto que me =pedes para o teu protegido.

- Compreendo muito bem essa história, querida Henriqueta - disse =Margarida -, que é quase a minha história.

- Com a diferença, minha rainha, que, servindo o rei e a Religião, =não careço de pôr na rua o Sr. Aníbal de Cocunás.

- Chama-se Aníbal de Cocunás? - tornou Margarida, dando uma =gargalhada.

- É um nome terrível, não é verdade? - disse Henriqueta. - =Pois aquele a quem pertence é digno dele. Que campeão, coa breca! =e quanto sangue ele fez correr! Põe a máscara, minha rainha!

=Estamos chegadas ao palácio.

- Então para que hei-de pôr a máscara?

- Porque quero mostrar-te o meu herói.

- É belo?

- Pareceu-me magnífico durante as suas batalhas. É verdade que era =à luz das chamas. Esta manhã, à luz do dia, não me pareceu =tanto, confesso. Mas persuado-me de que não hás-de des gostar.

- Então o meu protegido não pode ser recebido no Palácio de =Guisa;

tenho pena, porque era o último lugar onde viriam procurar um
=huguenote.

- Qual história! Pode vir para cá esta noite. Um deitar-se-á no
=quarto da direita, e o outro no da esquerda.

- Mas, se se reconhecerem, um como protestante e o outro como
=católico, são capazes de se devorar.

- Oh! não há perigo. O Sr. de Cocunás recebeu na cara um golpe
=que quase o não deixa ver; o teu huguenote recebeu no peito um
golpe =que faz com que não se possa quase mexer... E, demais,
recomenda-lhe =que guarde silêncio acerca de religião, e tudo
correrá às =mil maravilhas.

- Está dito.

- Entremos; é negócio decidido.

- Obrigada - disse Margarida, apertando a mão à sua amiga.

- Aqui, minha Senhora, torna a ser majestade - disse a duquesa
de Nevers =- e portanto, permita-me que lhe faça as honras do
Palácio de =Guisa como devem ser feitas à rainha de Navarra.
E a duquesa, apeando-se da liteira, quase que pôs um joelho em
terra =para ajudar Margarida a apear-se também; e depois,
mostrando-lhe com =a mão a porta do palácio guardada por duas
sentinelas, de arcabuz =na mão, seguiu a alguns passos a rainha,
que caminhou majestosamente =precedendo a duquesa, e conservando
esta a sua atitude humilde enquanto =podia ser vista. Quando

chegou ao quarto, a duquesa fechou a porta e, =chamando a camareira, siciliana das mais espertas, disse-lhe em =italiano:

- Mica, como vai o Senhor Conde?

- Sempre a melhorar - respondeu esta.

- E que é que faz?

- Neste momento, creio, minha Senhora, que está tomando alguma =coisa.

- Bem - disse Margarida -, o apetite que volta, bom sinal é.

- Ah, é verdade! esquecia-me de que és discípula de Ambrósio

=Paré. Podes-te retirar, Mica.

- Manda-la embora?

- Sim, para velar por nós.

Mica saiu.

96

- Agora - disse a duquesa - queres ir ter com ele, ou queres que o mande =chamar?

- Nem uma coisa nem outra; queria vê-lo sem ser vista.

- Que te importa, se tens a tua máscara?

- Pode-me reconhecer pelos cabelos, pelas mãos, por uma jóia.

- Oh! como está prudente desde que está casada, minha bela =rainha!

Margarida sorriu.

- Mas não me ocorre senão um meio - continuou a duquesa.

- Qual é?

- Olhar pelo buraco da fechadura:

- Pois sim! leva-me lá.

A duquesa travou da mão de Margarida, conduziu-a a uma porta sobre a qual havia um reposteiro, curvou um joelho e chegou um dos olhos ao buraco da chave.

- Está sentado à mesa - disse ela -, e de rosto voltado para aqui.

=Vem cá. A rainha Margarida tomou o lugar da amiga, e aproximou do buraco da fechadura um olho. Cocunás, como a duquesa dissera, estava sentado a uma mesa admiravelmente servida, e que as feridas não o impediam de honrar.

- Oh! meu Deus! - exclamou Margarida, recuando.

- Que é? - perguntou a duquesa espantada.

- É impossível!. Não! Sim! Oh! pela minha alma! é ele!

- Ele quem?

- Cala-te! - disse Margarida, segurando-se e pegando na mão da duquesa - é o que queria matar o meu huguenote, que o perseguiu até ao meu quarto, e que chegou a feri-lo nos meus braços! Oh! Henriqueta! que bom foi que ele me não visse!

- Então, como já o viste na faina, diz-me lá, não é belo?

- Não sei - disse Margarida -, porque eu olhava para o que ele perseguia.

- E como se chama o que ele perseguia?

- Prometes-me não lhe pronunciar o nome diante dele?

- Prometo.

- Lerac de La Mole.

- E que tal o achas agora?

- O Sr. de La Mole?

- Não, o Sr. de Cocunás.

- Confesso que o acho.

Interrompeu-se.

- Vamos, vamos, o que vejo é que não podes perdoar-lhe a ferida

=que fez ao teu huguenote.

- Mas parece-me - replicou Margarida, rindo - que o meu huguenote

não =lhe deve nada, o que o prova a ferocidade com que lhe

sublinhou o =olho.

- Então não devem nada um ao outro, e podemos harmonizá-los.

=Manda-me o teu ferido.

- Não; ainda não; lá mais para diante.

- Quando?

- Quando houveres dado ao teu outro quarto.

- Qual?

Margarida olhou para a sua amiga que, depois de um momento de

=silêncio, olhou também para ela, e desatou a rir.

- Está dito - disse a duquesa. - E mais aliança do que nunca!

- Amizade sincera sempre - respondeu a rainha.

- E a senha para nos reconhecermos, se carecermos uma da outra?

- O triplo nome do triplo deus: Eros- Cupido Amor.

E as duas mulheres separaram-se depois de se haverem beijado pela

=segunda vez, e apertado a mão uma à outra pela vigésima.

XIII

COMO HÁ CHAVES QUE ABREM AS PORTAS A QUE NÃO SÃO DESTINADAS

A rainha de Navarra, quando tornou a entrar no Louvre, achou Gillonne =muito aflita. Tinha lá ido a Sr.a de Sauve, levando uma chave que lhe =dera a rainha-mãe. Esta chave era a do quarto em que Henrique estava =encerrado. Era evidente que a rainha-mãe carecia, com um fim =qualquer, de que o Bearnês passasse essa noite no quarto da Sr.a de =Sauve.

Margarida pegou na chave, voltou-a e tornou a voltá-la nas mãos. =Exigiu que Lhe dissessem até a mais insignificantes palavras da Sr.a =de Sauve, passou-as letra por letra no seu espírito, e julgou que =compreendera o projecto de Catarina.

Pegou numa pena, tomou tinta, e escreveu num papel:

Em vez de ir esta noite para o quarto da Sr.a de Sauve, venha para o =quarto da rainha de Navarra.

Margarida.

Depois enrolou o papel, introduziu-o no buraco da chave, e ordenou a =Gillonne que, tão depressa anoitecesse, fosse meter esta chave por =baixo da porta do prisioneiro.

Feito isto, Margarida pensou no pobre ferido; Fechou todas as portas, =entrou no gabinete, e, com grande espanto seu, achou La Mole vestido com =o seu fato todo rasgado e sujo de sangue.

Ao vê-la, ele tentou levantar-se; mas, cambaleando ainda, não

pode =conservar o equilíbrio, e tornou a cair sobre o canapé de
que lhe =havam feito leito.

- Mas que é isto, Senhor? - perguntou Margarida - e porque é que
=tão mal cumpre as ordens do médico? Recomendei-lhe repouso, e
em =vez de me obedecer, faz exactamente o contrário do que lhe
=ordenei?

- Oh, minha Senhora! - disse Gillonne - a culpa não é minha. Eu
=pedi, supliquei ao Senhor Conde que não fizesse essa loucura;
ele, =porém, declarou-me que não se demorava mais tempo no Louvre.

- Deixar o Louvre? - disse Margarida, olhando com espanto para
o =mancebo, que baixava os olhos - mas. é impossível! O senhor
não =pode andar, está pálido e sem forças, vêem-se-lhe tremer as
=pernas! A sua ferida do ombro ainda esta manhã deitou sangue.

- Minha Senhora - respondeu o mancebo -, tantas graças dei a Vossa
=Majestade por me haver agasalhado ontem à noite, quanto lhe suplico =que
haja por bem permitir-me que parta hoje.

99

- Mas - disse Margarida, espantada -, não sei como classificar
tão =louco propósito; é pior do que a ingratidão.

- Oh! minha Senhora! - exclamou La Mole, pondo as mãos - creio
que, =longe de ser ingrato, há no meu coração um sentimento de
=reconhecimento que durará toda a minha vida.

- Então não dura muito tempo! - disse Margarida, comovida por
=aquelas palavras, que via serem sinceras - porque, ou as suas

feridas =tornam a abrir, e o senhor morre pela perda de sangue,
ou o reconhecem =como huguenote e não dá cem passos na rua que
não acabem =consigo.

- Mas preciso sair do Louvre - murmurou La Mole.

- Precisa? - disse Margarida, fitando-o com o seu olhar límpido

e =profundo; depois, descorando levemente - Oh! sim, compreendo!

=desculpe-me, Senhor! Há decerto fora do Louvre alguém a quem a

sua =ausência inquieta cruelmente. É justo, Sr. de La Mole, é

=natural, e eu compreendo isso. Porque não o disse imediatamente,

ou, =melhor, como é que eu não tinha pensado nisso? É dever, quando

=se exerce a hospitalidade, proteger as afeições do hóspede como

=se lhe curam as feridas, e tratar da alma como se trata do corpo.

- Ah, minha Senhora! - respondeu La Mole - engana-se redondamente.

Sou =quase só no mundo, e completamente só em Paris, onde ninguém

me =conhece. O homem que me perseguia é a primeira pessoa a quem

falei =nesta cidade, e Vossa Majestade a primeira mulher que me

dirigiu a =palavra.

- Então - disse Margarida, admirada - porque é que se quer ir

=embora?

- Porque a noite passada Vossa Majestade não teve o mais pequeno

=repouso, e esta noite. Margarida corou.

- Gillonne - disse ela -, é noite; creio que é tempo de ires levar

=a chave. Gillonne sorriu e retirou-se.

- Mas - continuou Margarida - se é só em Paris, sem amigos, que
=há-de fazer?

- Minha Senhora, amigos ou conhecidos, depressa se arranjam.

Enquanto =era perseguido, pensei em minha mãe, que era católica;
pareceu-me =que a via andar diante de mim no caminho do Louvre,
com uma cruz na =mão, e fiz voto, se Deus me conservasse a vida,
de seguir a =religião de minha mãe. Deus fez mais do que
conservar-me a vida, =minha Senhora, enviou-me um dos Seus anjos
para ma fazer apreciar.

- Mas o senhor não pode andar, e vai cair sem sentidos antes de
dar =cem passos.

- Minha Senhora, fiz hoje experiência no gabinete; ando devagar
e com =incômodo, é verdade; mas chegue eu à Praça do Louvre, que
=depois pode suceder o que suceder.

Margarida encostou a cabeça à mão, e reflectiu =profundamente.

- E o rei de Navarra? - disse intencionalmente. - Não fala já
=nele. Mudando de religião, perdeu o desejo de entrar para o seu
=serviço?

- Vossa Majestade - respondeu La Mole, empalidecendo - atingiu
a =verdadeira causa da minha partida. Sei que o rei de Navarra
corre os =maiores perigos, e que toda a sua influência como
infante de =França mal bastará para lhe salvar a cabeça.

- Que quer dizer, Senhor, e de que perigos me fala?

- Ouve-se tudo no gabinete onde estou.

É verdade - murmurou Margarida consigo mesma - já o Sr. de Guisa

=mo tinha dito. E depois, em voz alta:

- Então que ouviu?

- Em primeiro lugar, a conversação que Vossa Majestade teve esta

=manhã com seu irmão.

- Com Francisco? - exclamou Margarida, corando.

- Com o duque de Alençon, sim, minha Senhora; e depois de Vossa

=Majestade sair, a da Menina Gillonne com a S.ra de Sauve.

- E foram só essas duas conversações?.

100

- Sim, minha Senhora. Casada há oito dias =apenas, Vossa

Majestade ama seu esposo. Seu

esposo há-de vir também, como vieram o Senhor =Duque de Alençon

e a Sr. a de Sauve. Falar-lhe-ádos seus segredos. =Não devo

ouvi-los, seria indiscreto... e não posso, não devo... =e,

principalmente, não o quero ser!

A inflexão em que La Mole pronunciou as últimas palavras, a

=perturbação da sua voz e os

seus modos embaraçados, iluminaram Margarida como uma revelação

=súbita.

- Ah! - disse ela - ouviu deste gabinete tudo quanto até agora

se =disse naquele quarto.

- Sim, minha Senhora.

Estas palavras mal foram suspiradas.

- E quer partir esta noite para não ouvir mais nada?

- No mesmo instante minha Senhora, se Vossa Majestade houver por bem =permitir-mo.

- Pobre mancebo! -, disse Margarida com singular inflexão de =dó.

Espantado com uma resposta tão meiga quando =esperava alguma resposta desabrida, La Mole

levantou timidamente a cabeça; o seu olhar =encontrou o de

Margarida, e ficou preso como por

um poder magnético sobre o olhar límpido e profundo da rainha.

- Então considera-se incapaz de guardar um segredo, Sr. de La

Mole? - =disse em voz baixa

Margarida que, apoiada às costas da cadeira, meio escondida por

um =reposteiro espesso, gozava

a ventura de ler correntemente nessa alma, =conservando-se

impenetrável.

- Minha Senhora - disse La Mole -, eu sou de um feitio =esquisito,

desconfio de mim

mesmo, e a ventura dos outros faz-me mal.

- A ventura de quem? - disse Margarida, sorrindo. - =Ah! sim, a

ventura do rei de Navarra!

Pobre Henrique!...

- Bem vê que ele é feliz, minha Senhora! - exclamou La Mole com =vivacidade.

- Feliz?...

- Sim, porque Vossa Majestade o lastima.

Margarida amarrotara a seda da sua algibeira de =esmolas, e arrancara-lhe os fios de ouro.

- Então recusa ver o rei de Navarra? - disse ela. - É coisa =decidida no seu espírito?

- Receio importunar Sua Majestade neste momento.

- Mas o duque de Alençon, meu irmão?

- Oh, minha Senhora! - exclamou La Mole - o Senhor Duque de Alençon, =não, não!

Menos ainda o Senhor Duque de Alençon do que o rei de Navarra.

- Porquê?... - perguntou Margarida, comovida a ponto de tremer.

- Porque, embora já muito mau huguenote para =ser servidor dedicado de Sua Majestade

o Rei de Navarra, não sou ainda católico bom =para ser amigo do Sr. de Alençon e do Sr. de Guisa.

Desta vez foi Margarida quem baixou os olhos e =quem sentiu vibrar o golpe no mais profundo do seu coração, não =sabendo dizer se as palavras de La Mole eram para ela carinhosas ou de =censura.

Neste momento tornou Gillonne a entrar. Margarida =interrogou-a com os olhos. A resposta

de Gillonne, contida também num olhar, foi afirmativa. Tinha

=conseguido fazer chegar a chave às

mãos do rei de Navarra.

Margarida tornou a pôr os olhos em La Mole, =que estava

diante dela indeciso, de cabeça caída para o

peito e pálido como um homem que ao mesmo tempo =sofre do corpo

e da alma.

- O Sr. de La Mole é soberbo, e eu hesito em lhe fazer uma proposta

=que decerto recusará.

La Mole levantou-se, deu um passo para Margarida, e quis curvar-se

=diante dela em sinal de

que estava às suas ordens; mas arrancou-lhe lágrimas dos olhos

uma =dor profunda, aguda,

e, sentindo que ia cair, agarrou-se a um reposteiro.

Bem vê - exclamou Margarida, correndo para ele e segurando-o nos

=braços -, bem vê que ainda precisa de mim!

101

Agitou os lábios de La Mole um movimento que mal se percebeu.

- Oh! sim! - murmurou ele - como do ar que respiro, como do dia

que =veja! Neste momento ouviram-se três pancadas à porta de

=Margarida.

- Ouve, minha Senhora? - disse Gillonne, assustada.

- Já? - murmurou Margarida.

- Abro?

- Espera. Há-de ser o rei de Navarra.

- Oh, minha Senhora! - exclamou La Mole, que se tornou forte com as poucas palavras que a rainha pronunciara, em voz tão baixa que esperava que só Gillonne as tivesse ouvido. - minha Senhora, de joelhos lhe suplico! faça-me sair, sim? morto ou vivo! Tenha dó de mim! Oh não me responde. Então vou falar e, depois de eu ter falado, é de presumir que me mande pôr fora da porta.

- Cale-se, desgraçado! - disse Margarida, que achava infinito encanto em ouvir as recriminações do mancebo - cale-se!

- Minha Senhora - tornou La Mole, que não achava decerto na voz de Margarida o rigor que esperava -, minha Senhora, repito-lhe: ouve-se tudo neste gabinete. Oh! não me faça morrer dessa morte que os mais cruéis algozes não ousariam inventar.

- Silêncio! silêncio! - disse Margarida.

- Oh! a senhora não tem compaixão; nada quer ouvir, a nada quer atender. Mas então, saiba que a amo.

- Silêncio então, porque mando eu! - interrompeu Margarida, tapando com a sua mão perfumada a boca do mancebo, que pegou nela com as duas mãos e a chegou aos lábios.

- Mas. - murmurou La Mole.

- Mas cale-se, não seja criança! Que rebelde é este que não quer

obedecer à sua rainha.

Depois, saindo do gabinete, tornou a fechar a porta e, encostando-se à parede, comprimindo com a mão trémula as pulsações do coração, disse:

- Abre, Gillonne!

Gillonne saiu do quarto e, poucos momentos depois, ergueu o reposteiro a cabeça esguia, espirituosa e um tanto inquieta do rei de Navarra.

- Mandou-me chamar, minha Senhora? - disse o rei de Navarra a Margarida. =

- Mandei, Senhor. Vossa Majestade recebeu a minha carta?

- E confesso que não foi sem espanto! - disse Henrique, olhando em roda de si com uma nova desconfiança, que em breve se desvaneceu.

- E não sem alguma inquietação, não é verdade? - acrescentou Margarida.

- Confesso-lhe que sim. Mas, rodeado de inimigos encarniçados e de amigos talvez mais perigosos ainda do que os inimigos, lembrei-me de que uma noite vira radiar nos seus olhos o sentimento da generosidade, foi na noite do nosso casamento; e que um dia vira brilhar na estrela da coragem, e esse dia, que era o determinado para a minha morte, foi ontem.

- E daí, Senhor? - disse Margarida, sorrindo, enquanto Henrique

=parecia querer ler-lhe até ao fundo do coração.

- E daí, minha Senhora, pensando em tudo isto, disse comigo no mesmo =instante, ao ler a sua carta, que me dizia que viesse: Sem amigos, =prisioneiro, desarmado, o rei de Navarra não tem senão um meio de =morrer de modo que dê nas vistas, de morte que a história registre, =é morrer atraído por sua mulher. E vim.

- Sire - respondeu Margarida -, há-de mudar de linguagem quando =souber que tudo quanto se faz neste momento é obra de uma pessoa que =o ama. e que Vossa Majestade ama.

Henrique quase que recuou a estas palavras, e os seus olhos pardos e =penetrantes, interrogaram a rainha com curiosidade.

102

- Oh! tranquilize-se, Sire - disse a rainha, sorrindo -, não tenha a =pretensão de supor que essa pessoa seja eu!

- Mas - disse Henrique -, foi a senhora que me mandou esta chave, e que =me escreveu esta carta.

- A letra é minha, confesso; a carta mandei-lha eu, não o nego. =Mas a chave, é outra coisa. Basta que saiba que passou pelas mãos =de quatro mulheres antes de chegar às suas.

- De quatro mulheres? - exclamou Henrique, com espanto.

- Sim, pelas mãos de quatro mulheres - disse Margarida - as da =rainha- mãe, da Sr.a de Sauve, de Gillonne e as minhas.

Henrique entrou a meditar neste enigma.

- Falemos agora discretamente, Senhor - disse Margarida -, e mais que =tudo sejamos francos. É fundado o boato que hoje corre de que Vossa =Majestade consente em abjurar?

- O boato é infundado, eu não consinto ainda.

- Mas está disposto a isso?

- Ando em consulta comigo mesmo. Que quer? quando se tem vinte anos e se =é quase rei, coa foctuna! há coisas que valem bem uma missa.

- E entre essas coisas, a vida, não é assim?

Henrique não pôde reprimir um leve sorriso.

- Não me diz tudo quanto pensa, Sire! - disse Margarida.

-Tenho alguma reserva para com os meus aliados porque, como sabe, nós =não somos por enquanto senão aliados: se a senhora fosse a um =tempo minha aliada. e.

- E sua mulher, não, Sire?

- E minha mulher, sim.

- Nesse caso?

-

Talvez diversificasse; e talvez que eu teimasse em me

conservar =rei dos huguenotes, como eles Agora. tenho de me contentar com o =viver.

Margarida olhou para Henrique de um modo tão =singular, que despertaria suspeitas num rito menos subtil do que era o =rei de Navarra.

- E tem a certeza de chegar a esse resultado? - =perguntou.

- Certeza, não - respondeu Henrique. - A senhora bem sabe que neste =mundo não pode haver certezas.

- É verdade - tornou Margarida - que Vossa Majestade manifesta =tamanha moderação,

professa tanto desinteresse que, depois de haver renunciado à sua =coroa, depois de haver renunciado à sua religião, é provável =que renuncie (e pelo menos há quem assim o espere) à sua =aliança com uma infanta de França.

Estas palavras tinham em si uma significação tão profunda que =Henrique estremeceu, mau grado seu. Mas, vencendo esta comoção com =a rapidez do relâmpago, acrescentou:

- Queira lembrar-se, minha Senhora, de que neste momento não tenho =livre arbítrio. Hei-de fazer portanto o que o rei de França me =ordenar. No que me diz respeito, se me ocultassem nesta questão que =prende com o meu trono, a minha honra e a minha vida, preferiria ir =enterrar-me como caçador nalgum castelo, ou como penitente nalgum =convento, a basear o meu futuro nos privilégios que me dá o nosso =casamento forçado.

Essa resignação pela sua situação, essa renúncia às =coisas deste mundo, aterraram Margarida. Pensou que talvez Carlos IX, =Catarina e o rei de Navarra houvessem combinado anular o casamento. =Porque não fariam dela também um ludíbrio, ou uma

vítima? =Porque era irmã de um e mulher do outro? A experiência
=ensinara-lhe que não era razão em que pudesse fundar a sua
=segurança. A ambição mordeu pois o seu coração de mulher, =ou
antes, de rainha, muito superior às fraquezas vulgares para se
=deixar arrastar a um despeito de amor-próprio: em toda a mulher,
por =

103

mediocre que seja, quando ama, o amor não tem dessas fraquezas,
=porque o amor verdadeiro também é uma ambição.

- Parece-me que Vossa Majestade - disse Margarida com modos
zombeteiros =- não tem confiança na estrela que irradia por cima
da frente dos =reis.

- Ah! - disse Henrique - por mais que neste momento procure a
minha, =não a posso ver, por estar escondida na tempestade que
paira por cima =de mim.

- E se o sopro de uma mulher desviasse a tempestade, e tornasse
essa =estrela brilhante como nunca?

- É muito difícil - disse Henrique.

- O senhor nega a existência dessa mulher?

- Não, o que nego é o seu poder.

- Quer dizer, a sua vontade.

- Disse o seu poder, e repito a palavra. A mulher não é realmente
=poderosa senão quando nela se reúnem em partes iguais o amor e

o =interesse; se só um desses sentimentos a preocupa, é vulnerável
=como Aquiles. Ora, se me não engano, não posso contar com uma
=mulher assim.

Margarida calou-se.

- Oiça - continuou Henrique -, ao último toque do sino de S.

=Germano L'Auxerrois a senhora devia cuidar em reconquistar a sua
=liberdade, que havia servido de penhor para a destruição dos meus
=partidários. Eu, devia cuidar em salvar a minha vida. Era o mais
=urgente... Perdemos a Navarra, bem sei. Mas a Navarra pouco é,
em =comparação com a liberdade que lhe é restituída de poder
=falar alto no seu quarto, o que não podia fazer quando havia nesse
=gabinete alguém que a escutasse.

Conquanto estivesse preocupadíssima, Margarida não pôde deixar
=de sorrir. O rei de Navarra já se havia levantado para voltar
para o =seu quarto, porque já tinham dado onze horas, e tudo dormia
ou fingia =que dormia no Louvre.

Henrique deu três passos para a porta; e depois parando de
repente, =como se só então se recordasse da circunstância que o
levara ao =quarto da rainha, disse:

- A propósito, minha Senhora: não tinha que me dizer o quer que
=fosse? Ou queria tão-somente oferecer-me a ocasião de Lhe
=agradecer o serviço que ontem me prestou com a sua presença na
=sala de armas de el-rei? Na verdade, não o posso negar a senhora

=apareceu no lugar da cena como a divindade antiga, exactamente a tempo =de me salvar a vida.

- Desgraçado! - exclamou Margarida, com voz surda, e pegando no =braço do marido, - Então não vê que nada está salvo, nem =a sua liberdade, nem a sua coroa, nem a sua vida? Cego! pobre louco!

=Não viu na minha carta senão uma entrevista; julgou que Margarida, =ofendida com a sua frieza, desejava uma reparação?

- Mas, minha Senhora - disse Henrique, espantado - confesso.

Margarida =encolheu os ombros com uma expressão impossível de descrever. No =mesmo instante sentiu-se à porta secreta um rumor desusado, estranho. =Margarida levou o rei até ao pé dessa porta.

- Ouça - disse-lhe.

- A rainha-mãe sai do quarto - murmurou uma voz atemorizada, e que =Henrique reconheceu no mesmo instante ser a da S.ra de Sauve.

- E onde vai ela? - perguntou Margarida.

- Vem ao quarto de Vossa Majestade.

E imediatamente, o roçagar de uma saia de seda provou, afastando-se, =que a S.ra de Sauve fugia.

- Oh! oh! - exclamou Henrique.

- Eu tinha a certeza disto - disse Margarida.

- E eu receava-o - disse Henrique -, e a prova está aqui.

E com um gesto rápido abriu o gibão de veludo preto e, sobre o
=peito, fez ver a Margarida uma fina túnica de malha de aço e um
=comprido punhal milanês, que lhe brilhou imediatamente na mão
como =uma víbora ao sol.

- Servem lá de alguma coisa o ferro e a couraça! - exclamou

=Margarida. - Vamos, Sire! Esconda o punhal: é a rainha-mãe, é
=verdade, mas é a rainha-mãe sozinha.

-Mas...

- É ela, sinto-a; silêncio!

E inclinando-se para o ouvido de Henrique, disse-lhe em voz baixa
=algumas palavras, que ele ouviu com uma atenção cheia de espanto.
=E imediatamente Henrique se escondeu por detrás do cortinado do
=leito.

Pela sua parte, Margarida pulou com a agilidade de uma pantera
para o =gabinete em que estava La Mole, abriu a porta, procurou
o mancebo e, =pegando-lhe na mão e apertando-lhe:

- Silêncio! - disse-lhe, aproximando-se dele tanto que o seu
=hálito embalsamado lhe cobriu o rosto com um vapor húmido -
=silêncio!

Depois, voltando para o quarto e tornando a fechar a porta, tirou
o =toucado, cortou com o punhal as prisões do vestido e deitou-se
na =cama.

Era tempo: a chave dava volta na fechadura. Catarina tinha chaves

para =abrir todas as portas do Louvre.

- Quem está aí? - exclamou Margarida, enquanto Catarina dispunha
=à porta uma guarda de quatro gentis-homens que a tinha
=acompanhado.

E, como se a houvesse assustado essa inesperada irrupção no seu
=quarto, Margarida, saindo de sob o cortinado de penteador
branco, saltou =fora da cama e, reconhecendo Catarina, veio, com
uma surpresa tão bem =fingida que a florentina não podia deixar
de acreditar nela, beijar a =mão de sua mãe.

105

Iv

SEGUNDA NOITE DE NOIVADO

A rainha-mãe deitou a vista em redor da câmara com maravilhosa rapidez. As chinelas de veludo ao pé da cama, os vestidos de Margarida por cima das cadeiras e os olhos que esfregava para afugentar o sono, convenceram Catarina de que realmente despertara sua filha.

Então sorriu como uma mulher que consegue o que quer e, puxando uma poltrona, disse:

- Margarida, sentemo-nos e conversemos.

- Sou toda ouvidos.

- É tempo - disse Catarina, fechando os olhos com o vagar das pessoas que reflectem ou dissimulam profundamente -, é tempo,

minha querida filha, de compreenderes quanto teu irmão e eu aspiramos a fazer-te feliz.

O exórdio era assustador para quem conhecia Catarina.

Que irá ela dizer-me? pensou Margarida.

- Casando-te - continuou a florentina -, cumprimos decerto um desses actos de política que muitas vezes são recomendados por graves interesses de quem governa. Mas devemos confessar, minha pobre filha, que não pensávamos que a repugnância do rei de Navarra para contigo,

tão nova, tão bela e tão sedutora, se conservaria tão pertinaz.

Margarida levantou-se e fez, cruzando o penteador, uma cerimónia à medida da mãe.

- Só esta noite soube - disse Catarina - (porque, a não ser assim,
=teria aqui vindo mais cedo), só esta noite soube que teu marido
=não tem para contigo as atenções que deve haver não só =para com
uma mulher bonita, mas também para com uma infanta de =França.
Margarida soltou um suspiro e Catarina, animada por esta muda
adesão, =continuou:

- Que o rei de Navarra tenha publicamente amores com uma das minhas
=damas, a ador escandalosamente, e despreze por isso a mulher que
=houvemos por bem conceder-lhe, é desgraça.

Margarida baixou a cabeça.

- Há muito tempo - continuou Catarina - que eu vejo, minha filha,
=pelos teus olhos vermelhos, pelos teus ditos amargos acerca da
Sauve, =que a chaga do teu coração não pode, a despeito dos teus
=esforços, sangrar sempre para dentro.

Margarida estremeceu: um leve movimento agitara o cortinado, mas
=felizmente Catarina não reparou nisso.

- Essa chaga - disse Catarina - pode curá-la a mão de uma mãe.
=Aqueles que, julgando fazer a tua felicidade, decidiram o teu
casamento, =e que, na sua solicitude para contigo, notam que
Henrique de Navarra =todas as noites

107

se engana no quarto; aqueles que não podem permitir que um régulo
=como ele ofenda a todo o momento uma mulher da tua beleza, da

tua =jerarquia, e do teu merecimento, com o desdém da tua pessoa e o =desprezo da sua posteridade; aqueles que vêem, enfim, que ao primeiro =vento que julgar favorável, essa louca e insolente cabeça se =revoltará contra a nossa família, e te expulsará de sua casa, =esses não terão direito de assegurar, separando-o do seu, o teu =futuro, de um modo a um tempo mais digno de ti e da tua =posição.

- Contudo, minha Senhora - respondeu Margarida -, a despeito dessas =observações em que tanto respira o amor de mãe, e que me enchem =de prazer e de honra, tomarei a liberdade de notar a Vossa Majestade que =o rei de Navarra é meu esposo.

Catarina fez um gesto colérico, e aproximando-se mais de =Margarida:

- Ele - disse ela -, teu esposo? Pois para ser marido e mulher basta a =bênção da Igreja. A consagração do casamento estará =só nas palavras do padre? Ele, teu esposo? Oh! minha filha, se tu fosses a baronesa de Sauve, poderias dar-me essa resposta. Mas, =contra aquilo que dele esperávamos, desde que concedeste a Henrique =de Navarra a honra de te chamar sua mulher, é outra que ele dá =esses direitos, e neste mesmo momento. Catarina ergueu a voz - vem, vem =comigo: esta chave abre a porta do quarto da baronesa de Sauve, e tu =verás.

- Oh! fale mais baixo, minha Senhora! Mais baixo, por quem é! -

disse =Margarida porque não somente se engana Vossa Majestade,
mas =até.

- Até o quê?

- Até pode acordar meu marido.

Ao proferir estas palavras, levantou-se Margarida com voluptuosa
=graça e, deixando entreaberto o roupão de dormir, cujas mangas
=curtas lhe deixavam ver um braço nu, do mais puro modelo, e a
mão =verdadeiramente régia, aproximou da cama uma vela de cera
cor-de-rosa =e, levantando o cortinado, mostrou, sorrindo, à mãe,
o perfil =altivo, os cabelos negros e a boca entreaberta do rei
de Navarra que, =deitado em cima da cama em desordem, parecia na
realidade dormir =tranquila e profundamente.

Pálida, de olhos espantados, com o corpo deitado para trás, como
=se um abismo se lhe tivesse

aberto aos pés, Catarina não deu um grito, mas um rugido =surdo.

- Bem vê, minha Senhora - disse Margarida -, que a informaram mal.

=Catarina olhou primeiro para Margarida, depois para Henrique.

Ligou no =seu pensamento activo a imagem dessa fronte pálida,
húmida, desses =olhos rodeados de um ligeiro círculo negro, ao
sorriso de Margarida, =e mordeu os delgados lábios com silencioso
furor.

Margarida deixou que a mãe contemplesse por um momento esse quadro
=que produzia nela o efeito da cabeça de Medusa. Depois deixou

cair o =cortinado e, andando nas pontas dos pés, voltou para onde estava a =mãe, e sentando-se:

- Dizia então Vossa Majestade.

A florentina procurou, durante alguns momentos, sondar a ingenuidade de =Margarida; depois, como se o seu olhar penetrante se tivesse embotado no =sossego de espírito da filha:

- Nada - respondeu ela.

E saiu apressada do quarto de Margarida.

Quando se extinguiu o ruído dos seus passos, tornou a abrir-se o =cortinado e Henrique, com os olhos brilhantes, a respiração =oprimida e as mãos trémulas, veio ajoelhar-se aos pés de =Margarida. Vinha simplesmente em calções e cota de malha, de =maneira que Margarida, vendo-o em trajos tão caseiros, não pôde =deixar de rir ao mesmo tempo que lhe apertava a mão com sinceras =demonstrações de afecto.

- Ah, minha Senhora! ah! Margarida! como poderei pagar-lhe um favor =tão valioso? E cobriu-lhe a mão de beijos, que insensivelmente iam =subindo já aos braços.

- Senhor - disse ela, recuando pouco a pouco -, Vossa Majestade =esquece-se que a esta hora

108

sofre e geme por sua causa uma mulher a quem deve a vida? A baronesa de =Sauve - acrescentou ela, baixando a voz - fez-lhe o sacrificio

do seu =ciúme mandando-o para aqui; e talvez depois de ter feito por causa de =Vossa Majestade esse sacrificio, lhe faça também o da vida; =porque Vossa Majestade sabe, melhor que ninguém, quanto é de =repear a cólera da rainha Catarina.

Henrique estremeceu e, levantando-se, fez um gesto para sair.

- Oh! mas reflectindo bem - disse Margarida, com admirável galanteio =-, o meu espírito tranquiliza-se. Deram-lhe a chave sem a menor =indicação, e presumir-se-á que Vossa Majestade me deu esta =noite a preferênciã.

- Oh! se dou, Margarida. - disse apaixonadamente Henrique. - Se se =dignasse esquecer.

- Mais baixo, Senhor, mais baixo - respondeu a rainha, parodiando as =palavras que, dez minutos antes, dirigira à mãe -, ouvem naquele =gabinete o que Vossa Majestade diz; e como o não sou inteiramente =livre, peço- lhe que não fale tão alto.

- Oh! oh! - disse Henrique, meio risonho, meio sombrio. - Na verdade, =esquecia-me de que provavelmente não sou eu quem terá de gozar o =fim desta interessante cena. Aquele gabinete...

- Entremos nele, Senhor - disse Margarida -, porque quero ter a honra de =apresentar a Vossa Majestade um fidalgo valente que foi ferido durante a =carnificina, quando vinha ao Louvre avisar Vossa Majestade do perigo que =corria.

A rainha dirigiu-se para a porta. Henrique seguiu-a. Abriu-se a

porta e =Henrique ficou estufacto ao ver um homem nesse gabinete
predestinado =às surpresas.

Mas la Mole ainda ficou mais maravilhado ao achar-se, de repente,
diante =do rei de Navarra. enrique lançou um olhar irónico a
Margarida, =que se conservou impassível.

- Senhor - disse Margarida -, temo que matem mesmo no meu quarto
esse =fidalgo, que é dedicado ao serviço de Vossa Majestade, e
que =entrego à sua protecção.

- Senhor - disse então o mancebo -, sou o conde de Lérac de Ia
=Mole, que Vossa Majestade esperava, e que lhe foi recomendado
por esse =pobre de Teligny, morto ao meu lado.

-Ah! - disse Henrique - é verdade, a rainha entregou-me a sua
carta; =mas o governador Lauriac não lhe deu também uma carta para
=mim?

- Deu, Senhor, recomendando-me que a entregasse a Vossa Majestade
logo =que chegasse.

- E porque não cumpriu essa recomendação?

- Senhor, vim ao Louvre ontem à noite, mas Vossa Majestade estava
=tão ocupado que não pôde receber-me.

- É verdade - disse o rei -, mas porque não me mandou a carta?

- Tive ordem do Sr. de Auriac de não a entregar senão a Vossa
=Majestade porque continha, segundo me assegurou, uma notícia tão
=importante que não se atrevia a confiá-la a qualquer

=mensageiro.

- Com efeito - disse o rei, tomando e lendo a carta -, era para me dizer =que saísse daqui e me retirasse para Béarn. O Sr. de Auriac, =ainda que católico, era meu amigo sincero, e é possível que, como =governador de província, tivesse alguns indícios do que se passou. =Ah! porque não me entregou esta carta há três dias em vez de ma =entregar hoje?

- Porque, como já tive a honra de dizer a Vossa Majestade, por mais =diligência que fizesse ontem não pude chegar.

-

É pena, é pena - balbuciou o rei -, porque a estas horas =estariamos em segurança nalguma boa planície, com dois ou =três mil cavalos em roda de nós.

- Senhor, o que não tem remédio remediado está - disse =Margarida em voz baixa. - Em vez de perder o tempo lamentando o passado, =pense em tirar o melhor partido do futuro.

109

- Então, se se visse no meu lugar - disse Henrique a Margarida, com =um olhar interrogador

- ainda teria esperanças?

- Por certo que sim, e consideraria o jogo começado como uma partida =em três pontos, dos quais o parceiro contrário ainda não ganhou =senão um.

- Ah! minha Senhora! - disse Henrique em voz baixa - se eu tivesse a =certeza de que Vossa Majestade seria minha parceira no jogo!.

- Se eu quisesse passar para o lado dos seus adversários - respondeu =Margarida -, parece-me que não me teria demorado tanto tempo no campo =de Vossa Majestade.

- Tem razão - disse Henrique -, sou um ingrato e, como o muito bem diz =Vossa Majestade, ainda hoje se pode remediar tudo.

- Ah! Senhor! - observou La Mole - desejo a Vossa Majestade as maiores =venturas, mas já não existe o Senhor Almirante.

Henrique começou a sorrir com esse sorriso de campónio astuto que =só foi bem compreendido na corte no dia em que ele foi rei de =França.

- Mas, Senhora - tornou ele, olhando para La Mole com atenção -, =este fidalgo não pode ficar no seu quarto sem a incomodar =enormemente, e sem se expor a desagradáveis surpresas. Que destino =tenciona dar-lhe?

- Não o poderemos fazer sair do Louvre, Senhor? Vossa Majestade sabe =que sou em tudo e por tudo da sua opinião.

- difícil.

- O Sr. de La Mole não poderá achar um cantinho na casa de Vossa =Majestade?

- Ah! minha Senhora! Vossa Majestade continua a tratar-me como se eu =fosse ainda rei dos huguenotes, como se tivesse ainda um povo; e no =entanto sabe que já estou meio convertido.

Outra que não fosse Margarida, responderia logo: Ele é =católico.
Mas a rainha queria que Henrique lhe pedisse o que ela =desejava obter dele. Quanto a La Mole, vendo essa reserva da sua =protectora, e não conhecendo ainda o terreno escorregadio de uma =corte tão cheia de perigos como a de França, calou-se =também.
- Mas - tornou Henrique, relendo a carta que lhe trouxera La Mole - o =Senhor Governador da Provença diz-me que sua mãe, Sr.a de La Mole, =era católica e que a essa circunstância é devida a amizade que =lhe dispensa.

- E o Senhor Conde - disse Margarida - não me falou num voto que o =fez de mudar de religião? As minhas ideias confundem-se a este =respeito; auxilie a minha memória, Sr. de La Mole. Não se tratava =dalguma coisa semelhante ao que deseja el-rei?

- verdade, minha Senhora; mas Vossa Majestade acolheu tão friamente =as minhas explicações a este respeito - respondeu La Mole -, que =não ousei.

- porque isso não era da minha competência. Explique a el-rei, =explique.

- Então que voto foi esse?

- Senhor - disse La Mole -, perseguido por assassinos, sem armas e quase =morrendo em resultado dos meus ferimentos, pareceu-me ver a sombra de =minha mãe, que me guiava para o Louvre com uma cruz na mão. Então fiz voto, se escapasse com

=vida, de adoptar a religião de minha mãe, a quem Deus permitiu que =saísse do túmulo para me servir de guia nessa noite horrível. =Deus conduziu-me aqui, Senhor, onde me encontro sob a protecção de =uma filha de França e de el-rei de Navarra. A minha vida foi salva =milagrosamente; resta-me pois somente cumprir o meu voto, Senhor. Estou =pronto a fazer-me católico.

Henrique franziu a testa. Céptico como era, compreendia bem a =abjuração por interesse; mas duvidava muito da abjuração =pela fé.

O rei não quer encarregar-se do meu protegido disse consigo =Margarida. La Mole conservava-se entretanto tímido e constringido =entre as duas vontades contrárias.

110

Sentia, sem bem o poder explicar a si mesmo, o ridículo da sua =posição. Foi Margarida que, com sua delicadeza de mulher, o tirou dessa situação =desfavorável.

- Senhor - disse ela -, esquecemo-nos de que este pobre ferido carece de =repouso. Eu mesma estou caindo de sono. Veja como ele empalidece.

La Mole empalidecia realmente; mas eram as últimas palavras de =Margarida, que ele ouvira e interpretara, que o faziam empalidecer.

- Bem, minha Senhora - disse Henrique -, nada mais fácil; não

=podemos deixar descansar o Sr. de La Mole?

O mancebo dirigiu a Margarida um olhar de súplica e, não obstante

=a presença de duas testas coroadas, deixou-se cair numa cadeira,

=quebrado de dor e de fadiga.

Margarida compreendeu todo o amor que havia nesse olhar, toda a

=desesperação que se manifestava nessa fraqueza.

- Senhor - disse ela -, convém que Vossa =Majestade dispense

a este fidalgo, que arriscou

a vida para salvar a do seu rei, visto que veio aqui =para lhe

anunciar a morte do almirante e depois

falhou no momento de ser ferido; convém, digo, que Vossa Majestade

=lhe dispense uma honra

da qual se mostrará agradecido toda a sua vida.

- Que honra, minha Senhora? - perguntou Henrique. - Ordene, e será

=obedecida.

-

- O Sr. de La Mole dormirá esta noite aqui mesmo, aos pés

=de Vossa Majestade, e Vossa Majestade dormirá nesta cama. Quanto

a =mim, se meu augusto esposo o permite - acrescentou

Margarida, sorrindo -, vou chamar Gillonne e deitar-me; porque,

=juro-lhe, de nós três, não

au quem menos careça de descanso.

Henrique tinha viveza, talvez de mais; os seus amigos =e inimigos

exprobraram-lha em época

menor. Compreendeu que aquela que o exilava do leito conjugal

tinha =adquirido esse direito

com a indiferença que ele lhe manifestara; demais, Margarida

acabava =de vingar-se dessa indiferença salvando-lhe a vida. A

sua resposta =não se ressentiu, pois, de amor- próprio.

- Minha Senhora - replicou ele -, se o Sr. de La Mole se julga

no estado =de ir para o meu

quarto, ofereço-lhe a minha cama.

- Creio que sim - respondeu Margarida - mas o =quarto de Vossa

Majestade, a esta hora,

não pode proteger nem um nem outro, e a =prudência exige que Vossa

Majestade fique aqui até amanhã.

E, sem esperar pela resposta de el-rei, chamou Gillonne, mandou

preparar =as almofadas para pôr pés de Sua Majestade e a cama

para La Mole, =que se mostrava tão contente e satisfeito com a

honra que teria =jurado que já não lhe doíam as feridas.

Margarida cortejou o rei cerimoniosamente, entrou no seu quarto

e, tendo =aferrolhado bem todas as portas deitou-se na cama.

Agora - disse Margarida consigo - torna-se necessário que o Sr.

de La =Mole tenha amanhã um protector no Louvre; e aquele que hoje

finge =nada ouvir, talvez amanhã se arrependa. Em seguida, chamou

Gillonne, =que esperava as suas últimas ordens.

Esta aproximou-se.

- Gillonne - disse a rainha em voz baixa -, é preciso que amanhã,
=seja qual for o pretexto, meu irmão, o duque de Alençon, deseje
=vir aqui antes das oito horas da manhã. Davam duas horas no
=Louvre.

La Mole falou por algum tempo em política com el-rei, que pouco
=depois adormeceu, começando logo a rressonar, como se estivesse
=deitado no seu leito de couro do Béarn. La Mole talvez pudesse
ter =dormido como el- rei; mas Margarida não dormia: virava-se
e =revirava-se na cama, e esse ruído perturbava as ideias e o sono
do =mancebo.

É bem novo - balbuciava Margarida, no meio da sua vigilia - é =bem
tímido; talvez mesmo que seja bisonho; no entanto, tem
=lindíssimos olhos. figura elegante,

111

muitos atractivos; mas se não fosse valente!. Ele fugia. abjura.

é =pena: o sonho começava bem; vamos. deixemos caminhar as coisas,
e =confiemos no tríplice deus dessa boua Henriqueta.

112

XV

O QUE A MULHER QUER, DEUS O QUER

Margarida não se enganou: a cólera de Catarina, reconcentrada no =fundo do coração por toda a comédia cuja intriga ela via, sem =ter o poder de a desenredar, precisava recair sobre alguém. Em lugar =de entrar no seu quarto, subiu directamente ao da sua dama. A baronesa =de Sauve estava esperando por duas visitas, a de Henrique e a da =rainha-mãe, que todos temiam. Deitada meio vestida, enquanto Darfole =velava na antecâmara, ouviu uma chave dar volta na fechadura, e =depois aproximar-se alguém a passos lentos, e que pareciam pesados, =não lhes abafasse o som um espesso tapete; não reconheceu, pois, =que aquele andar fosse o de Henrique: lembrou-se que teriam impedido =Darfole de a advertir; e encostada à mão, com os olhos e os =ouvidos atentos, esperou.

O reposteiro levantou-se, e a jovem dama viu, estremecendo, aparecer =Catarina de Médicis. Esta parecia tranquila; porém a baronesa de =Sauve, costumada a estudá-la havia dois anos, percebeu logo quanto =aquele aparente sossego ocultava sombrias preocupações e, talvez, =cruéis pensamentos.

A baronesa de Sauve, ao ver Catarina, quis saltar da cama, porém esta =levantou a mão para lhe fazer sinal de ficar, e a pobre Carlota ficou =pregada no mesmo lugar, reunindo interiormente todas as forças da =alma para fazer frente à tempestade que

silenciosamente se =preparava.

- Fez com que entregassem a chave ao rei de Navarra? - perguntou

=Catarina, sem que a sua voz indicasse alteração.

Mas estas eram pronunciadas com os lábios cada vez mais

=descorados.

- Sim, minha Senhora. - respondeu Carlota, com uma voz que

forcejava por =tornar tão natural como a de Catarina.

- E viu-o?

- Quem? - perguntou a baronesa.

- O rei de Navarra?

- Não, minha Senhora; mas espero-o, e até supus, quando ouvi dar

=volta na fechadura, que era ele que chegava.

A esta resposta, que anunciava na baronesa de Saue ou uma perfeita

=confiança, ou uma refinada dissimulação, Catarina não =pôde

reter um ligeiro movimento de cólera.

- E apesar de tudo - disse ela com um sorriso sardónico -, bem

=sabias, Carlota, que o rei de Navarra não viria esta noite...

- Eu, minha Senhora, sabia isso? - exclamou Carlota, com um acento

de =verdadeira surpresa.

- Sim, bem o sabias.

113

- Mas se não vem - replicou a dama, =estremecendo só com esta

suposição -, será porque. esteja =morto?...

O que dava a Carlota o valor de mentir daquele modo era a certeza que =tinha da mais terrível vingança, no caso de ser descoberta a sua =pequena traição.

- Mas. não escreveste ao rei de Navarra, Carlota mia? -

perguntou =Catarina, com o mesmo riso silencioso e cruel.

- Não, minha Senhora - respondeu Carlota, com um acento admirável =de ingenuidade.

- parece-me que Vossa Majestade não mo disse.

Houve um momento de silêncio, durante o qual Catarina fixava a =baronesa como a serpente fixa a ave que quer fascinar.

- Supões-te formosa - disse Catarina -, supões-te esperta, não =é assim?

- Não, minha Senhora - respondeu Carlota -, pelo contrário, sei =apenas que Vossa Majestade tem por muitas vezes sido indulgente para =comigo, quando se trata tanto da minha formosura como da minha =perspicácia.

- Pois bem - replicou Catarina, animando-se - enganavas-te se =acreditavas nisso, e eu

mentia se to dizia; porque, ao pé de minha filha =Margarida, não és mais do que uma mulher ignorante.

- Ah, minha Senhora! isso é verdade, não posso negá-lo.

- Assim - continuou Catarina -, o rei de Navarra dá maior

=preferência a minha filha

que a ti, e não é isso o que tu querias nem o que tínhamos

=convencionado.

- Ah, minha Senhora! - respondeu Carlota, sufocada em

soluços, sem =que para isso fosse

agora obrigada a qualquer esforço -, se assim é,

considero-me =muito desgraçada.

- É assim, não há dúvida - tornou Catarina, cravando como

um =duplicado punhal os

seus olhos no coração da pobre baronesa de Sauve.

- Mas, quem a persuadiu disso? - perguntou Carlota.

- Ora desce ao quarto da rainha de Navarra, e lá encontrarás

o teu =amante.

- Ah! - exclamou a baronesa.

Catarina encolheu os ombros.

- Terás por acaso ciúmes? - continuou a =rainha-mãe.

- Eu? - tornou a baronesa, reunindo todas as =suas forças,

próximas a abandoná-la.

- Sim, tu; estou com curiosidade de ver os ciúmes de uma

=francesa.

- Porém, minha Senhora, como quer Vossa Majestade que eu

tenha =ciúmes do rei de Navarra senão por amor-próprio? Eu não

amo =o rei de Navarra senão o preciso para servir a Vossa

Majestade...

Catarina fixou-a um momento com olhos pensativos.

- O que acabas de me dizer - murmurou ela - pode, enfim, ser =verdade.

- Vossa Majestade lê no meu coração.

- E esse coração é-me inteiramente dedicado?

- Ordene, minha Senhora, e conhecerá se o é.

- Pois bem; como te sacrificas por mim, Carlota, é necessário

=mesmo que, por mim,

te dediques completamente ao rei de Navarra; numa =palavra: que sejas muito ciosa, ciosa como uma italiana.

- Mas, minha Senhora, de que maneira se é =ciosa como uma italiana?

- Eu to direi - replicou Catarina.

E depois de ter feito dois ou três movimentos de cabeça de

alto a =baixo, saiu silenciosamente,

como tinha entrado.

Carlota, perturbada pelo claro brilhar dos olhos de

Catarina, dilatados =como os do gato

da pantera, sem que aquela dilatação lhes fizesse perder

nada da =sua profundidade, deixou-a

114

sem pronunciar uma só palavra, sem mesmo dar à sua =respiração a liberdade de se fazer ouvir;

não respirou livremente senão quando ouviu fechar a porta por
=onde a rainha-mãe tinha saído,
quando Darióle veio dizer-lhe que a terrível aparição estava =de
todo desvanecida.

- Darióle - disse ela -, traz uma cadeira para junto da minha cama
e =passa a noite aqui;
não me atrevo a ficar só.

Darfole obedeceu; porém a baronesa, apesar da =companhia da
criada, não obstante a luz da
lâmpada, que mandou ficar acesa para se =animar, não pôde
conciliar o sono senão de manhã, tanto
lhe ecoava ainda nos ouvidos o acento metálico da =voz de
Catarina.

Todavia, Margarida, posto não ter adormecido =senão quando
o dia começara a despontar,
acordou ao som das trombetas e ao primeiro ladrar dos =cães.
Ergueu-se logo, e começou a vestir
um vestido tão singelo como o pretensioso; chamou as criadas e fez
=introduzir na antecâmara os
gentis-homens do serviço ordinário do rei de Navarra; e abrindo
=depois a porta que, debaixo da
mesma chave, encerrava Henrique e La Mole, deu, =com um olhar
affectuoso, os bons-dias a este

último, e chamando por seu marido, disse-lhe:

- Vamos, Senhor, não basta fazer acreditar a minha mãe o
=que não é; convém ainda que convença toda a sua corte da =perfeita
inteligência que há entre nós. Mas tranquilize-se - =ajuntou -,
e dê o justo valor às minhas palavras, que as =circunstâncias
neste dia tornam solenes.

a! hoje a última vez que porei Vossa =Majestade em tão cruel
situação.

O rei de Navarra sorriu e ordenou que fizessem entrar =os seus
gentis-homens.

No momento em que o cumprimentavam fingiu reparar que tinha
esquecido a =capa sobre a cama da rainha; desculpou-se portanto
para com eles de os =haver recebido assim e, tomando
a capa das mãos de Margarida, corada de pejo, pô-la nos ombros;
=depois, voltando-se para os recém-vindos, perguntou-lhes as
novidades =da corte e da cidade.

Margarida, olhando de soslaio, notava a =admiração que
causava àqueles fidalgos a intimidade
que acabava de se manifestar entre o rei e a rainha de =Navarra,
quando entrou um porteiro seguido por três ou quatro
=gentis-homens e anunciou o duque de Alençon.

Para que ele viesse não foi preciso mais do que dizer-lhe Gillonne
=que o rei tinha passado a noite com sua mulher.

Francisco entrou com tanta precipitação, que pouco faltou que,
=para os afastar, não derrubasse os que o precediam.

O seu primeiro olhar foi para Henrique, Margarida só teve o
=segundo.

Henrique correspondeu-lhe com uma profunda =cortesia,
enquanto Margarida compunha o rosto, que exprimia a mais
=profunda serenidade.

O duque, com outro olhar vago mas investigador, mediu =todo o
quarto; viu a cama desarranjada, as duas almofadas na cabeceira
e =o chapéu do rei sobre uma cadeira.

Fez-se pálido; mas, recuperando o sangue-frio:

Meu irmão - disse ele para Henrique -, vai esta manhã jogar a =pêla
com o rei?

- E é porventura Sua Majestade que faz a honra de me convidar?

- =perguntou Henrique -

ou isso é apenas uma amabilidade da sua parte, meu irmão?

- Não, o rei não me falou a esse respeito =- disse o duque,
perturbado - mas não é da sua vida =ordinária?

Henrique sorriu, porque haviam sucedido tantas e =tão graves
coisas depois da última partida que tinha jogado com o =rei, que
não era de admirar que Carlos IX tivesse mudado de =parceiros.

- Lá vou, meu irmão - disse Henrique, com certo ar de riso.

-Venha - replicou o duque.

- Retira-se já? - perguntou Margarida.

- Sim, minha irmã.

- Tem muita pressa?

115

- Muita.

- E se, apesar disso, eu lhe exigisse alguns minutos de =atenção?

Uma tal interrogativa era tão rara na boca de Margarida, que o

=irmão olhou para ela corando

e tornando-se pálido ao mesmo tempo.

O que irá ela dizer-lhe? pensava consigo Henrique, não menos

=admirado do que o duque de Alençon.

Margarida, como se houvesse adivinhado o pensamento do esposo,

voltou-se =para ele:

- Senhor - disse com um sorriso encantador -, pode ir ter com o

rei, se =quiser; porque

o segredo que tenho a comunicar a meu irmão já o senhor deve

=sabê-lo porque a súplica que

ontem lhe fiz a respeito desse segredo foi quase desatendida por

Vossa =Majestade. Não quero,

pois, importuná-lo segunda vez com a expressão de um desejo que

=pareceu desagradar-lhe.

- Mas que é? - perguntou Francisco olhando admirado para ambos.

- Ah! - exclamou Henrique, corando de despeito - já sei o que quer

=dizer, minha Senhora. Na verdade, sinto não estar livre. Mas se
=não posso dar ao Sr. de La Mole uma hospitalidade que
não lhe oferecia segurança, não quero =deixar de recomendar
a meu irmão, o duque de Alençon que,
reunindo as minhas às suas instâncias, a pessoa por quem se
=interessa, e talvez mesmo - ajunte
ainda, para dar mais força às palavras que acabámos de
=sublinhar - que a meu irmão ocorra alguma ideia que lhe permita
dar =asilo ao Sr. de La Mole... aqui mesmo... junto da senhora,
o que será =melhor que tudo, não é assim?

Vamos, vamos - disse Margarida consigo mesma - os dois =juntos
vão fazer o que cada um de per si não faria.

Abriu então a porta do gabinete e fez sair o jovem ferido, depois
de =ter dito a Henrique:

- Pertence-lhe, Senhor, explicar a meu irmão por que motivo nos
=interessamos por este mancebo.

Em duas palavras, Henrique contou ao duque de =Alençon,
metade protestante por oposição, como Henrique, metade =católico
por prudência, o motivo da chegada de La Mole a Paris, e =como
tinha sido ferido na ocasião de lhe levar uma carta do Sr. de
=Auriac.

Quando o duque voltou o rosto, tinha La Mole saído =do gabinete
e achava-se em pé defronte dele.

Francisco, ao descobri-lo, pálido e tão =formoso, e, por consequência, tão sedutor pelas palidez e =formosura, sentiu nascer no fundo do coração um novo terror.

Margarida prendia-o ao mesmo tempo pelo ciúme =e pelo amor-próprio.

- Meu irmão - disse ela -, respondo por este mancebo, que há-de =ser útil a quem o souber empregar; se o aceitar, meu irmão, achará nele um servo =afeiçoado; e o Sr. de La Mole tem um amo poderoso. Neste tempo é bom rodearmo-nos de amigos... =sobretudo - ajuntou baixando a voz de maneira que só o duque de =Alenson a ouvisse - quem for ambicioso, e tiver a desgraça de não ser senão um terceiro filho de França.

E pôs um dedo na boca, para indicar a Francisco que, apesar daquela =confidência, reservava ainda para ele uma importante porção do seu pensamento.

- Além disso - acrescentou -, talvez julgue, ao contrário de =Henrique, que não é conveniente que este mancebo se conserve tão perto do meu =aposento.

- Minha irmã - disse com vivacidade Francisco -, se convier ao Sr. de =La Mole, dentro de meia hora achar-se-á acomodado em minha casa, onde suponho não

=ter nada que recear.

Se for meu amigo, sê-lo-ei dele.

Francisco mentia, porque no fundo do coração detestava já La

=Mole.

Muito bem... Não me tinha enganado - murmurou consigo Margarida,

que =viu franzirem-se as sobrancelhas de Henrique. - Ah! agora

vejo que, para =que ambos se conduzam bem,

é preciso que um seja conduzido pelo =outro.

116

E depois, completando o seu pensamento:

Vamos - continuou ela. - Muito bem, Margarida! dirá Henriqueta.

Com efeito, meia hora depois La Mole, completamente catequizado

por =Margarida, beijava

a extremidade do seu vestido e subia, com mais agilidade do que

se podia =esperar de um ferido, aescada que conduzia ao quarto

do duque de =Alençon.

Dois ou três dias decorreram ainda, durante os quais parecia

=fortificar-se cada vez mais a boa harmonia entre Henrique e sua

mulher. =Henrique obtivera não fazer abjuração pública; porém,

=tinha renunciado entre as mãos do confessor do rei e ouvia todos

os =dias a missa que se dizia ao Louvre. À noite tomava

ostensivamente o =caminho do quarto da esposa, entrava pela porta

principal, conversava =com ela alguns momentos, saía pela porta

oculta, e subia para o quarto da baronesa de Sauve, a qual não tinha deixado de o prevenir da visita de Catarina e do perigo incontestável que o ameaçava. A sua desconfiança, portanto, à vista de tão repetidos avisos, redobrava para com a rainha-mãe, e com tanta mais razão que o rosto de Catarina insensivelmente começava a desanuviar-se. Henrique chegou mesmo a ver uma manhã assomar-lhe aos lábios um sorriso de benevolência; e nesse dia foram tão grandes os seus receios, que só se decidiu a comer ovos cozidos à sua vista, e a beber água que ele mesmo viu tirar do Sena.

A carnificina continuava, mas ia acabando; tinham sido assassinados tantos huguenotes que o seu número diminuiu bastante. A maior parte estavam mortos, muitos tinham fugido; outros conservavam-se escondidos. De quando em quando levantava-se um grande clamor num ou noutro bairro: era quando se descobria um desses infelizes. A execução era então particular ou pública, se o desgraçado se achava encurralado em algum lugar sem saída, ou se podia fugir. No último caso, era uma grande festa para o bairro onde se dava o acontecimento, porque longe de acalmarem com a extinção dos seus inimigos, os católicos tornavam-se cada vez mais ferozes, mostrando-se ainda mais encarniçados na perseguição desses

=restos desventurados. Carlos IX sentia-se satisfeito com a caçada =feita aos huguenotes; e depois, quando já os não podia apanhar por =suas mãos, deleitava-se com o ruído que faziam os que continuavam =na caçada.

Um dia, voltando de jogar a malha, que era, bem como o jogo da péla e =a caça, o seu prazer preferido, entrou no quarto da mãe, radiante =de prazer e seguido dos seus cortesãos do costume.

- Minha mãe - disse ele, abraçando a florentina, que, ao notar =esse prazer, já procurava adivinhar a sua causa -, minha mãe, boas =notícias! Má peste os leve! Sabe que mais? Achou-se a ilustre =ossada do Senhor Almirante, que se julgava perdida.

- Deveras? - disse Catarina.

- É o que lhe digo, minha Senhora. Vossa Majestade imaginava como eu, =não é assim, minha mãe, que os cães tinham feito dela o seu =banquete de noivado? Mas não aconteceu assim. O meu povo, o meu querido povo, o meu bom povo, também teve uma ideia, =enforcou o almirante no gancho de Montfaucon.

- E depois? - disse Catarina.

- E depois - tornou Carlos IX -, sempre tive vontade de tornar a =vê-lo depois que soube que o santo homem tinha morrido. Faz bom =tempo; tudo hoje me parece florescer. O ar está cheio de vida e de perfumes, sinto-me como nunca me senti. Se quer, =minha mãe, montaremos a cavalo e iremos a Montfaucon.

- Iria de boa vontade, meu filho - disse Catarina -, se não tivesse

=combinado uma entre vista a que não posso faltar; e depois, para
=fazer uma visita a um homem da importância do Senhor Almirante
é =preciso convidar toda a corte. Será uma excelente ocasião para
os =curiosos fazerem observações de interesse. Veremos quem vai
e quem =fica em casa.

-Tem razão, minha mãe; é melhor que fique a visita para =amanhã.
Assim, faça os seus convites, eu farei os meus; ou melhor =será
não convidar ninguém. Diremos somente que vamos, e isto =feito,
irá quem quiser. Adeus, minha mãe, vou tocar trombeta.

117

- Olha que te fadiga muito. Ambrósio Paré bem to diz, e tem =razão;
é um exercício demasiado violento para ti.

- Ora essa! deixe-os falar - disse Carlos. - Tomara eu ter a
certeza de =não morrer senão por
causa disso. Hei-de enterrar todos desta casa, e mesmo Henrique,
que, =segundo anuncia Nostradamus, há-de ser um dia herdeiro de
nós =todos.

Catarina franziu as sobancelhas.

- Meu filho - disse ela -, desconfia =especialmente das
coisas que te parecerem impossíveis
e entretanto toma cuidado em ti.

- Tocarei só duas ou três vezes para divertir os meus cães, que
=morrem de tédio; pobres animais! Era bom que os tivesse

arremessado =sobre os huguenotes, isso tê-los-ia alegrado.

E Carlos IX saiu do quarto da mãe, entrou na =sala de armas,

pegou numa trombeta e começou

a tocar com uma força que teria feito honra ao =próprio Rolando.

Não se compreendia como

de um corpo tão débil e caquético, e de lábios tão =pálidos, podia

sair sopro tão valente.

Catarina esperava efectivamente alguém, como dissera ao filho.

Logo =que ele saiu, veio falar-lhe ao ouvido uma das damas. A

rainha sorriu, =levantou-se, cortejou as pessoas que lhe faziam

a corte e acompanhou a mensageira.

O florentino Renato, aquele a quem o rei de Navarra fizera um

=acolhimento tão diplomático

na noite mesmo de S. Bartolomeu, acabava de entrar no oratório

da =rainha.

- Ah, és tu, Renato? - disse-lhe Catarina. - Esperava-te com

=impaciência.

Renato inclinou-se.

- Recebeste ontem um bilhetinho que te mandei?

- Tive essa honra.

- Renovaste, como te disse, a experiência do horóscopo que tirou

=Ruggieri e que concorda

tanto com a profecia de Nostradamus, que diz que =todos os

meus três filhos reinarão?... As

coisas modificaram-se muito nestes três dias, =Renato; e

parece-me que é possível que os destinos se tornassem =menos
ameaçadores.

- Minha Senhora - respondeu Renato, meneando a cabeça -, Vossa
=Majestade sabe muito bem que as coisas não modificam os destinos;
=é o destino, pelo contrário, que governa as coisas.

- Mas nem por isso deixaste de renovar o sacrifício, não é =assim?

- Renovei, minha Senhora, porque o meu primeiro dever é obedecer
a =Vossa Majestade.

- E que resultado tiveste?

- O mesmo, minha Senhora.

- Como! o cordeiro preto tornou a dar os três gritos?

- Tornou, minha Senhora.

- Sinal de três mortes cruéis na minha família? - balbuciou
=Catarina.

- Infelizmente, assim é.

- E depois?

- Depois, minha Senhora, havia nas entranhas esse singular
deslocamento =do fígado que notámos nos dois primeiros, e que se
inclinava em =sentido inverso.

- Mudança de dinastia. Sempre a mesma coisa, a mesma, a mesma -
=resmungou Catarina.

- Pois olha, Renato, é preciso combater isso.

Renato abanou a cabeça.

- Já disse a Vossa Majestade - respondeu ele - que o destino é que =governa.

- É esse o teu parecer? - perguntou Catarina.

- É, minha Senhora.

- Lembra-te do horóscopo de Joana d'Albret?

- Lembro-me, sim, minha Senhora.

- Repete-o, que já me esqueceu.

118

- Vives honorata - disse Renato -, morieris reformatata, regina =amplificaóere.

- O que quer dizer, penso eu - respondeu Catarina -, viver desonrada (e =faltava o preciso à ipobre mulher!) morrerá. temida (e nós =zombamos dela), serás maior do que foste sendo rainha, -e ela morreu, =e a Sua Grandeza repousa num túmulo onde nos não lembrou de pôr =o seu corpo.

- Minha Senhora, Vossa Majestade traduz mal o vives honorata. A rainha =de Navarra viveu bem, pois que gozou, enquanto viveu, do amor de seus =filhos e do respeito dos seus partidários; amor e respeito muito =sinceros, por isso que era pobre.

- Bem - disse Catarina -, concordo quanto ao viverús honrada; mas =morieris re Ormidata, como explicas isso?

- Nada mais fácil, minha Senhora: morrerás temida.

- E morreu temida?

- E tanto, minha Senhora, que não teria morrido se =Vossa

Majestade dela não tivesse medo.

como rainha te engrandecerás, ou tu serás maior do que todos

=quando rainha; o que também

é verdade, minha Senhora, porque, em troca da coroa mortal, tem

=talvez agora, como rainha

mártir, a coroa do Céu; e, além disso, quem sabe o que o =futuro

reserva à sua raça sobre a Terra?

Catarina era supersticiosa em excesso; aterrava-a mais talvez

o =sangue-frio de Renato, que

parecia conhecer a resistência dos áugures, e como para ela um

mau =passo era ensejo para encarar com mais ânimo a situação,

disse =bruscamente a Renato, e sem nenhuma transição além do

trabalho =mudo do pensamento:

- Chegaram perfumes de Itália?

- Chegaram, sim, minha Senhora.

- Manda-me uma caixinha cheia.

- De quais?

- Daqueles...

Catarina parou.

- Daqueles de que tanto gostava a rainha de Navarra? -

perguntou =Renato.

- Justamente.

- Não é preciso prepará-los, não é assim, minha Senhora?

=Vossa Majestade sabe agora tanto como eu.

- Parece-te que sim? - disse Catarina. - O que é verdade é

que =produzem bom efeito.

- Vossa Majestade não manda mais nada? - perguntou =o perfumista.

- Nada mais - tornou Catarina, pensativa. - Se porém, aparecer

alguma =novidade nos anúncios, previne-me logo. A propósito:

talvez seja =melhor deixarmos os cordeiros e experimentarmos as
galinhas.

- Ah, minha Senhora! muito receio que, mudando a vítima, nada
mudem =os presságios.

- Faz o que te digo.

Renato cortejou, e saiu.

Catarina ficou um instante sentada e pensativa; depois

=levantou-se e entrou na sua câmara, onde

a esperavam as damas a quem anunciou a romaria de Montfaucon para
o dia =seguinte.

A notícia desse passeio foi, durante toda a noite, o tema geral

do =palácio e da cidade. As senhoras mandaram preparar as mais

luzidas =galas, e os fidalgos as armas e os cavalos de aparato.

Os mercadores =fecharam as lojas, e os vadios e paroleiros de

gentalha mataram aqui e =ali alguns

huguenotes, que tinham sido poupados para um dia de festa, a fim de =terem um acompanhamento honorífico para o cadáver do almirante.

Foi uma algazarra contínua até alta noite.

La Mole tinha passado o dia mais triste do mundo, e a esse

sucederam-se =mais três ou quatro

nada menos tristes. O duque de Alençon, para obedecer aos desejos

de =Margarida, tinha-o

119

admitido nos seus aposentos, mas não o tornara a ver. Viu-se

=subitamente abandonado, privado dos cuidados ternos, delicados

e =encantadores de duas mulheres cuja lembrança lhe devorava sem

cessar =o pensamento. É verdade que recebeu notícias de Margarida

pelo =cirurgião Ambrósio Paré

que ela lhe mandara; mas essas notícias, transmitidas por um homem

de =cinquenta anos que ignorava ou fingia ignorar o interesse que

mereciam a =La Mole as menores coisas que diziam respeito a

Margarida, eram bem =incompletas e insuficientes. Gillonne tinha

ido vê-lo uma vez, em seu =nome, já se sabe, e para saber notícias

do ferido. Esta visita =produzira o efeito de um raio de Sol numa

masmorra, e La Mole tinha =ficado como deslumbrado, esperando a

cada momento

uma segunda aparição, a qual porém não se realizara, =conquanto embora tivessem passado dois dias. Assim, pois, quando chegou =ao convalescente a notícia dessa reunião esplêndida de toda a corte, pediu licença ao duque de Alençon para o acompanhar.

O duque nem perguntou se La Mole se achava em estado de suportar essa =fadiga, respondendo apenas:

- Muito bem. Dêem-lhe um dos meus cavalos.

Era o que desejava La Mole. O cirurgião Ambrósio Paré veio =curá-lo como de costume. La Mole expôs-lhe a necessidade em que =estava de montar a cavalo, e pediu-lhe que arranjasse com todo o cuidado =o curativo. De resto, ambas as feridas estavam fechadas, tanto a do =peito como a do ombro, e só esta o magoava alguma coisa. Ambas =estavam vermelhas, como convém que estejam as feridas em estado de =cura. O cirurgião cobriu-as com tafetá gomado, que nessa época =

estava em grande voga para esse

fim, e assegurou a La Mole que, uma =vez que não fizesse muitos movimentos no passeio que ia dar, nada lhe =aconteceria.

La Mole não cabia em si de contente; exceptuando certa fraqueza =originada pela perda de sangue, e um leve atordoamento devido a essa =causa, ia o melhor possível. E depois, Margarida iria sem dúvida =ao passeio: tornaria a vê-la; e quando se lembrava do bem que lhe =tinha feito a visita de Gillonne, não punha em dúvida

a =eficácia muito maior da presença de sua ama.

La Mole empregou, pois, parte do dinheiro que lhe dera a família na =compra do melhor casaco de cetim branco, e capa com o bordado mais rico =que lhe pôde fornecer um alfaiate. Esse mesmo lhe arranhou também =as botas de couro perfumadas que se usavam nessa época levando-lhe =tudo com meia hora somente de espera além da hora prometida, de =maneira que La Mole não teve muita razão de queixa. Vestiu-se =apressadamente, mirou-se ao espelho, pareceu-lhe que estava bem vestido, =bem penteado e perfumado, e por fim, dando rapidamente algumas voltas ao =quarto, conheceu que, apesar de sentir ainda dores bastante vivas, a =felicidade moral iria calar os incómodos físicos.

Enquanto ocorria esta cena no Louvre, sucedia outra do mesmo gênero =no Palácio. um fidalgo alto, de cabelo ruivo, examinava a um espelho =uma ferida avermelhada que desagradavelmente lhe atravessava o rosto; =pintava e perfumava o bigode, estendendo ao mesmo tempo sobre esse =doloroso rego, que, a despeito de todos os cosméticos então na =moda, se obstinava a reaparecer, uma tríplice camada de pó; mas =como a aplicação era insuficiente, lembrou-se de uma coisa. E como =um Sol ardente, um Sol de Agosto, dardejava os seus raios no pátio, =metia o chapéu, e com o nariz no ar e os olhos fechados, pôs-se a =passear por espaço de dez minutos, expondo-se voluntariamente a essa =chama devoradora que

caía do céu em torrentes.

Passados dez minutos, graças ao ardor do Sol, afogueou-se de tal modo =o fidalgo, que o sulco vermelho não estava em harmonia com o rosto, =mas à vista do todo parecia amarelado. O nosso fidalgo não ficou =pouco satisfeito com este arco-íris que fazia sobressair o resto do =rosto, em consequência de uma camada de vermelhão com que o =cobrira; e, assim satisfeito quanto à sua cara, paramentou-se com um =magnífico fato que um alfaiate lhe levava ao quarto antes que o =tivesse encomendado. Enfeitado, almiscarado, armado de ponto em branco, =desceu ao pátio, e pôs-se a afagar um cavalo preto, cuja beleza =seria sem igual se não fora um pequeno

120

golpe, que, do mesmo modo que ao amo, lhe tinha dado, numa das recentes =lutas civis, uma espada de bom aço.

Ainda assim, encantado com o cavalo como o estava consigo mesmo, esse =fidalgo, de quem os nossos leitores sem muito custo já adivinharam o =nome, montou um quarto de hora antes de todos, e fez retumbar o pátio =do Palácio de Guisa com os relinchos do seu corcel. Passado um =instante, o cavalo, completamente domado, reconhecia, tornando-se =flexível e obediente, o legítimo domínio do cavaleiro; mas a =vitória não tinha sido alcançada sem ruído, e esse ruído =(e era com isso que contava talvez o fidalgo) tinha feito chegar à =janela uma senhora, que o nosso domador de

cavalos saudou profundamente, =e que se sorriu para ele da maneira mais agradável.

Cinco minutos depois mandou a duquesa de Nevers chamar o seu =mordomo.

- Sabe - perguntou-lhe ela - se deram um bom almoço ao Senhor Conde =Aníbal de Cocunás?

- Deram, minha Senhora - respondeu o mordomo -, e sei mesmo que esta =manhã ainda comeu com melhor apetite do que nos outros dias.

- Muito bem - disse a duquesa. E voltando-se para o seu camarista:

- Sr. de Arguzon - disse ela -, vamos para o Louvre, e peço-lhe que =não perca de vista o Sr. de Cocunás, porque está ferido, e deve =estar fraco, e não quereria por coisa alguma deste mundo que sofresse =algum incómodo. Isso faria rir os huguenotes, que lhe têm raiva =depois dessa aventura na noite de S. Bartolomeu.

E a duquesa, montando a cavalo, partiu radiante para o Louvre, onde era =a reunião geral.

121

O Corpo Do Inimigo Morto Sempre Cheira Bem

Eram duas horas da tarde quando surgiu uma fila de cavaleiros reluzentes =de ouro, de

honrarias e de galas, na Rua de S. Dinis, desembocando no ângulo do =Cemitério dos Inocentes,

perdendo-se entre as duas fileiras de casas sombrias como um

imenso =réptil de cintilantes estrelas.

Nenhum acompanhamento, por muito brilhante que =seja, pode dar uma ideia desse espectáculo. Os trajos de seda, ricos =e brilhantes, que Francisco I legara, como moda esplêndida, aos seus =sucessores, ainda não tinham sido transformados nos vestidos singelos =e tristes que estavam em voga no reinado de Henrique III; de maneira que o traje de Carlos IX, =menos rico, mas mais elegante que o das épocas precedentes, =brilhava com a mais perfeita harmonia. Nos nossos dias nada há que se possa comparar com semelhante cortejo, =porque as magnificências dele reduzem-se à simetria e ao uniforme.

Pajens, escudeiros, fidalgos de baixa linhagem, =cães e cavalos, que marchavam nos flancos e na retaguarda, faziam do régio cortejo um verdadeiro exército. =Atrás desse exército seguia o povo ou, para melhor dizer, havia povo por toda a parte.

O povo seguia, escoltava e precedia; e gritava ao mesmo tempo Noel e =Haro! por isso via no acompanhamento alguns calvinistas renegados, e o povo é =rancoroso.

Tinha sido de manhã, em presença de Catarina e do duque de Guisa,

=que Carlos IX dissera

como coisa natural, diante de Henrique de Navarra, que iria

visitar a forca de Montfaucor ou

antes, o corpo mutilado do almirante, que ali estava

enforcado. A princípio, quis Henrique

dispensar-se de tomar parte na visita. Era aí que o esperava

Catarina. Às primeiras palavras que

proferiu exprimindo a sua repugnância, trocou ela um olhar

e um sorriso com o duque de Alençon.

Henrique viu esse sorriso, compreendeu, e mudando logo de

tenção:

- Mas, na verdade - disse -, porque não hei-de ir? Sou

católico, e devo fazer tudo quanto

exigir a minha nova religião.

E depois, voltando-se para Carlos IX:

- Conte Vossa Majestade comigo - continuou ele -, terei

sempre muito prazer em acompanhá-lo onde quer que se dirija.

E lançou em redor um olhar rápido para ver quantas sobranceiras

se franziam.

O homem para quem na cavalgada se olhava com mais curiosidade era

esse filho de Navarra,

esse rei sem reino, esse huguenote feito católico. O seu rosto

comprido e característico, o

porte um tanto vulgar, a sua familiaridade com os inferiores,
=familiaridade que levava a extremo e que
era devida aos costumes montanhese da sua mocidade (e que
conservou =até à morte),
expunham-no aos curiosos, gritando alguns destes:

- Vá ouvir missa, Henrique, vá ouvir missa!

122

Ao que Henrique respondia:

- Ouvia-a ontem, ouvia-a hoje, e ouvi-la-ei amanhã. Ora vamos,
=parece-me que não é pouco.

Margarida estava a cavalo, tão formosa, tão rosada, tão

=elegante, que a admiração pública

gravitava em redor dela como um concerto, do qual algumas notas,

cumprе =confessá-lo, eram para

a sua companheira, a duquesa de Nevers, que acabava de tomar lugar

ao =lado dela, montada num

cavalo branco, que sacudia orgulhosamente a cabeça como se se

=ufanasse do peso que levava.

- Então, duquesa? - perguntou a rainha de Navarra. - Que novidades

=há?

- Nada, que eu saiba - respondeu Henriqueta em voz alta.

E depois, baixinho:

- E o seu huguenote - perguntou ela -, que é feito dele?

-Arranjei-lhe um asilo quase seguro - respondeu Margarida -, e o teu =mata-gente, que fizeste dele?

- O homem quis tomar parte na festa; vem no cavalo de batalha do duque =de Nevers, grande como um elefante. É um cavaleiro temível.

=Permiti-lhe que assistisse à cerimónia por pensar que o teu huguenote teria a prudência de =ficar em casa, e que assim não havia o menor receio de nenhum =encontro.

- Oh! lá por isso - respondeu Margarida, que ele estivesse aqui ou =não, parece-me que nada

havia a recear. É um belo rapaz o meu huguenote, =mas não passa daí; é uma pomba, e não um milhafre: arrulha, =mas não morde. E depois - disse ela, com um acento intraduzível e =encolhendo os ombros -, talvez que nós o tomássemos por huguenote =sendo ele brâmane, e a estes, como sabes, a religião =proíbe-lhes pelear: é pecado mortal derramar sangue.

- Onde está o duque de Alençon? - perguntou Henriqueta. - Não o =vejo.

- Não há-de tardar; estava doente dos =olhos esta manhã, e não desejava vir; mas como é sabido que, =para não estar de acordo com os irmãos Carlos e Henrique, se =inclina para os huguenotes, disseram-lhe que el-rei poderia interpretar =mal a sua ausência e decidiu-se a vir. Mas, a, grita-se para aquele lado... Há-de ser ele que =vem pela Porta

de Montmartre.

- Não há dúvida, é ele - disse Henriqueta. - Na verdade, vem
=guapo. Há tempo a esta parte veste-se com muito esmero; anda
=naturalmente enamorado. Ora vê como é bom ser príncipe de
=sangue: galopa atropelando todos, e todos se desviam.

- Na verdade - disse Margarida rindo - não =tem mão em si,
esmaga-nos! Manda meter em forma os teus camaristas, =duquesa!
senão, olha que aquele será infalivelmente =atropelado.

- Oh! é o meu valente! - bradou a duquesa - =olha, olha!

Cocunás tinha saído da forma para se =aproximar da duquesa de Nevers; mas,
no momento

em que o cavalo atravessava a espécie de muralha =exterior que
separava a rua do bairro, um cavaleiro da comitiva do duque =de
Alençon, que em vão diligenciava soffrear o cavalo,
foi dar em cheio sobre Cocunás. O choque fez vacilar o piemontês
=sobre o colossal corcel, e o
chapéu saltou-lhe da cabeça; teve mão no cavalo, e voltou-se
=furioso.

- Meu Deus! - exclamou Margarida, chegando-se ao ouvido da sua
amiga - =é La Mole!

- Aquele formoso rapaz pálido? - bradou a =duquesa, sem poder
conter a primeira impressão.

- Sim, sim! aquele mesmo que esteve a ponto de =estender por terra
o teu piemontês. - Oh! - disse a duquesa - vamos =ver bonitas

coisas! olha como eles se medem!

Com efeito, Cocunás, ao voltar-se, conheceu La Mole, e a surpresa =fizera-lhe largar a rédea do cavalo porque supunha ter morto o seu =antigo companheiro, ou pelo menos tê-lo posto fora de combate por =muito tempo. La Mole também conhecera Cocunás, e sentiu subir-lhe =o sangue.

Durante os poucos segundos que foram os suficientes para que esses dois =homens exibissem os sentimentos que nutriam, fitaram-se de um modo que =fez estremecer as duas

123

damas. E depois, tendo La Mole olhado em redor, e conhecido sem =dúvida que não era aquele o lugar para uma explicação, picou =o cavalo e foi reunir-se ao séquito do duque de Alençon. Cocunás =ficou firme por um instante no mesmo lugar; mas vendo que La Mole se =retirava sem dizer palavra, foi colocar-se também entre os fidalgos =da duquesa.

- Ah! ah! - disse Margarida, com desdenhoso sentimento - não me tinha =enganado. Oh! esta é de mais.

E mordeu os beiços até fazer sangue.

- É bem bonito! - respondeu a duquesa com comiseração.

Nesse mesmo momento ocupava o duque de Alençon o seu lugar por =de trás do rei e da rainha-mãe, de maneira que os seus fidalgos, =para se lhe reunirem, tinham de passar por diante de Margarida

e da duquesa de Nevers. La Mole, ao passar, tirou o chapéu, saudou a rainha, inclinando o corpo até tocar no pescoço do cavalo, e conservou-se descoberto à espera que Sua Majestade o honrasse com um olhar.

Mas Margarida voltou a cabeça com altivez.

La Mole leu, sem dúvida, a expressão de desdém pintada no semblante da rainha, e de pálido que estava tornou-se lívido.

Para não cair do cavalo teve de se agarrar à crina.

- Oh! oh! - disse Henriqueta à rainha - olha para ele, crue!! vê que desmaia.

- Não faltava mais nada! - disse a rainha com um sorriso aniquilador. - Trouxeste alguns saís?

A duquesa enganava-se. La Mole recobrou as forças e, firmando-se na sela, foi tomar lugar no séquito do duque de Alençon.

O préstito avançava, e já se avistava o perfil do lúgubre patíbulo, levantado e estreado em honra de Marigny. Nunca, como então, se viu ali tanta gente.

Os meirinhos e os guardas marchavam na frente, e formavam um grande círculo em volta do recinto. À sua chegada, os corvos, pousados sobre o patíbulo, fugiram grasnando desesperadamente.

O patíbulo levantado em Montfaucon oferecia de ordinário, por detrás das colunas, um paraíso aos cães, atraídos por presas frequentes, e aos salteadores filósofos, que iam meditar sobre

as =tristes vicissitudes da fortuna.

Nesse dia não havia, aparentemente pelo menos, em Montfaucon, nem =cães, nem salteadores. Os meirinhos e os guardas tinham afugentado os =cães e os corvos, e os salteadores tinham-se confundido na =multidão para realizarem alguns desses lances que são as =probabilidades de risco do ofício.

O cortejo avançava. O rei e a rainha-mãe foram os primeiros a =chegar; após eles seguiram-se o duque de Anjou, o duque de =Alençon, o rei de Navarra e o duque de Guisa, com todos os =camaristas; depois, a rainha Margarida, a duquesa de Nevers, e todas as =damas que acompanhavam o chamado esquadrão volante, da rainha; e =finalmente, outros fidalgos, os pajens, os escudeiros, os criados e o =povo; ao todo dez mil pessoas.

Da força principal pendia uma massa informe, um cadáver preto, =manchado de sangue e lama, branqueado por novas camadas de poeira. Para =cúmulo do vilipêndio, o povo, sempre engenhoso, tinha-lhe posto =uma cabeça de palha mascarada com um palito na boca, lembrança sem =dúvida, de algum garoto que conhecia o costume do almirante.

Era um espectáculo ao mesmo tempo lúgubre e extravagante, o desses =elegantes fidalgos e formosas damas desfilando como o uma precissão =desenhada por Goya no meio desses quadros enegrecidos e dessas forças de =braços compridos e descarnados. Quanto mais

vivo era o dos =visitantes, tanto maior era o contraste que fazia
com o lúgubre =silêncio a fria insensibilidade desses cadáveres,
objectos de =zombaria que faziam estremecer aqueles mesmos que
zombavam. Muitos =suportavam com grande custo esse horrível
espectáculo, e por sua =palidez, podia

124

distinguir-se no grupo de huguenotes regenerados o rei de
Navarra, o =qual, por grande que fosse
o poder que tinha sobre si mesmo, e o grau de dissimulação
=com que o dotara o Céu, não pôde
conter-se por mais tempo. Pretextando o cheiro infecto que
derramavam =esses restos humanos,
chegando-se a Carlos IX, que, ao lado de Catarina, estava parado
diante =dos restos do almirante:

- Senhor - disse ele -, não acha Vossa =Majestade que esse
pobre cadáver cheira muito mal

para estar mais tempo aqui?

- Parece-te, Henriquinho?. - perguntou Carlos IX, com os olhos
que =brilhavam de prazer feroz.

- Parece-me.

- Pois olha não sou da tua opinião... o =corpo de um inimigo
morto sempre cheira bem.

- Ora, Senhor - disse Tavannes -, como Vossa Majestade =sabia que

vínhamos fazer uma
visitinha ao Senhor Almirante, teria sido bom que se tivesse
convidado =Pedro Ronsard, mestre
de poesia de Vossa Majestade: aqui mesmo teria composto o epitáfio
do =velho Gaspar.

- Não precisamos dele para isso - disse Carlos IX -, nós mesmo
o =faremos... Lá vai, meus

Senhores - disse ele, depois de ter reflectido um instante; e
recitou =quatro versos torpes.

- Bravo! bravo! - exclamaram todos os fidalgos católicos, ao mesmo
=tempo que os hugue notes renegados franziam as sobranceiras
sem =dizer palavra.

Henrique, que estava conversando com Margarida e =com a
duquesa de Nevers, fingiu não ouvir.

- Vamos, vamos, Senhor - disse Catarina, que, apesar dos
perfumes com =que estava coberta, começava a enojar-se com o
cheiro. - Vamos, =não há companhia, por boa que seja, de que
a gente não tenha de separar-se. Digamos adeus ao =Senhor
Almirante, e voltemos para Paris.

Fez com a cabeça um gesto irónico, como fazemos quando nos
=despedimos de um amigo,
e, formando a testa da coluna, voltou para trás, e o cortejo foi
=desfilando diante do cadáver de Coligny.

O Sol declinava.

A multidão foi seguindo os passos da realeza =para gozar até ao fim das magnificências do cortejo e de todos os pormenores do espectáculo. Os =ladrões acompanharam a multidão; de maneira que dez minutos depois da partida do rei já não havia =ninguém em redor do cadáver mutilado do almirante.

Quando dizemos ninguém, enganamo-nos... Um fidalgo montado num cavalo =preto, e que pudera, sem dúvida, no momento em que era honrado com a presença =dos príncipes, contemplar a seu gosto esse tronco informe e =enegrecido, tinha ficado para trás e entretinha-se a examinar =minuciosamente as correntes, ganchos e pilares de pedra, e, enfim, a =forca, que lhe parecia seguramente, a ele, que acabava de chegar a Paris =e que ignorava os aperfeiçoamentos que na corte se dá a tudo, o modelo do que o homem pode inventar de =mais hediondo.

Escusado é dizer aos leitores que este homem era o =nosso amigo Cocunás. Os olhos vivos de uma mulher em vão o tinham procurado na cavalgada, debalde tinham =querido descobri-lo no cortejo.

Cocunás, como dissemos, extasiava-se diante da obra de Enguerrand

de =Marigny. Mas essa mulher não era a única pessoa que procurava
o =Sr. de Cocunás. Um fidalgo, notável no seu gibão de cetim
=branco e linda pluma, depois de ter olhado para a frente e para
os =lados, lembrou-se de olhar para trás e viu a alta estatura
de =Cocunás e o seu gigantesco corcel desenhar- se vigorosamente
nos =últimos reflexos do Sol, que desaparecia no horizonte.

Então, o =fidalgo do gibão de cetim branco deixou o caminho que
seguia o =préstito, tomou por um atalho e, descrevendo uma curva,
voltou para o =patíbulo.

E logo a dama, que reconhecemos ser a duquesa de Nevers, como
=reconhecemos que o fidalgo do cavalo preto era Cocunás,
chegou-se a =Margarida, e disse-lhe:

125

- Enganámo-nos ambas, Margarida: o piemontês ficou para trás, e
=o Sr. de La Mole lá vai ter com ele.

- Deveras? - respondeu Margarida, rindo - =então temos obra.

Confesso que estimo
poder mudar de opinião a respeito dele.

Margarida voltou-se e viu que La Mole se retirava.

Tocou então às duas princesas a sua vez de saírem da fileira: a
=ocasião era das mais favoráveis;

passava-se diante de um atalho orlado de altas sebes que se
elevava e =ficava a trinta passos do patíbulo. A duquesa de Nevers

disse uma =palavra ao ouvido do seu capitão. Margarida fez um sinal a Gillonne, =e as quatro pessoas tomaram por esse atalho e foram esconder-se atrás =das árvores que ficavam mais próximas do lugar =em que ia ocorrer a cena que pareciam querer presenciar. Havia, como dissemos, uns trinta passos =desse ponto àquele em que Cocunás, extremamente absorto, gesticulava diante do almirante.

Margarida apeou-se e o mesmo fizeram a duquesa de Nevers e Gillonne. O =capitão apeou-se também, e pegou nas rédeas de todos os cavalos. Uma relva fresca e =espessa oferecia às três senhoras um lugar para descansar, como as princesas muitas vezes desejam sem o =poder conseguir.

Por uma clareira viam tudo o que sucedia, sem perderem a menor =circunstância.

La Mole, tendo descrito o seu círculo, veio colocar-se a passo =de trás de Cocunás, e estendendo a mão, tocou-lhe no ombro.

O piemontês voltou-se.

- Oh! - disse ele - então não foi um sonho? Ainda vive, Sr. de

La =Mole?

- Sim - respondeu La Mole -, ainda vivo. A culpa não é sua, mas =enfim, ainda vivo.

- Com todos os demónios! bem vejo que é o =Sr. de La Mole,
apesar da sua palidez. A última

vez que nos vimos estava o senhor mais rosado...

- E eu também o conheço - disse La Mole -, apesar dessa linha
=amarela que lhe enfeita o rosto. Quando lha fiz, estava o senhor
mais =pálido do que está hoje.

Cocunás mordeu os beiços mas, parecendo decidido a continuar a
=conversação, disse em

tom de ironia:

- É interessante, não é, Sr. de La Mole, sobretudo para um
=huguenote, poder ver o almirante
enforcado nesse gancho de ferro... e ainda haverá homens
exagerados =que nos acusem de não
termos poupado nem os huguenotes de mama!

- Conde - disse La Mole, inclinando-se -, já não sou huguenote:
=tenho a ventura de ser católico.

- Boa! - exclamou Cocunás, desatando a rir - pois o senhor
=converteu-se? Concordo é sagaz!.

- Senhor - continuou La Mole, com a mesma seriedade e polidez -
fiz voto =de me converter se escapasse à carnificina.

- Conde - tornou o piemontês -, foi um voto prudente e dou-lhe
os =parabéns. Não fez mais nenhum?

- Fiz, sim senhor - respondeu La Mole, afagando o cavalo com a

mais =perfeita serenidade de espírito.

- E pode saber-se que voto foi? - perguntou Cocunás.

- O de pendurá-lo ali, Sr. de Cocunás; ali, vê? naquele

=preguinho, que parece destinado

a sua pessoa... ali, por baixo do Senhor Almirante.

- Assim mesmo, buliçoso como aqui me vê?...

- Não - respondeu La Mole -, depois de lhe ter atravessado o corpo

=com esta espada.

Cocunás fez-se da cor da púrpura; os seus olhos verdes lançavam

=chamas.

- Então - disse ele gracejando - há-de ser ali, naquele =prego?...

- Com certeza - respondeu La Mole -, naquele prego...

126

- Acho-o muito pequeno para isso, meu menino! - disse Cocunás.

- Pois montarei no seu cavalo, meu grande mata-gente! - respondeu

La =Mole. - Ah!

a, meu querido Sr. Aníbal de Cocunás, =pensa que se

podia impunemente assassinar a gente sob

o pretexto leal e honroso de ser cem contra um? Não =vê? chega

um dia em que encontramos

o nosso homem, e parece-me que esse dia veio hoje. Tinha minhas

=cócegas de lhe quebrar essa

disforme cabeça com uma destas pistolas; mas =talvez

não faça boa pontaria, porque ainda me ardem as mãos das feridas que o Sr. de =Cocunás me fez traiçoeiramente.

- A minha disforme cabeça? - bradou =Cocunás, saltando do cavalo. - A terra! salte, salte, Senhor Conde! puxe da espada!

- Suponho que o teu huguenote lhe disse que tinha a cabeça disforme - =balbuciu a duquesa de Nevers, chegando-se ao ouvido de Margarida. - =Parece- te que o Sr. de Cocunás seja feio?

- Qual! é encantador - disse Margarida rindo - e =sou obrigada a dizer-te que o furor torna o Sr. de La Mole injusto. Mas, =silêncio! vejamos.

La Mole tinha-se apeado com uma indolência =que contrastava singularmente com a rapidez com que Cocunás saltara do cavalo. Puxou da espada, =e pôs-se em guarda.

- Ai! - exclamou ele, ao estender o braço.

- Ui! - balbuciu Cocunás, ao estender o =seu.

É que ambos, como os leitores se lembrarão, =estavam feridos no ombro e sentiam dores terríveis quando faziam =qualquer movimento.

E ouviu-se, de entre a moita, uma risada mal reprimida. As princesas =não tinham podido conter-se quando viram os dois

adversários =esfregando a omoplata e fazendo caretas. Essa risada chegou aos ouvidos =dos dois fidalgos, que julgavam não terem unhas, e que, =voltando-se, viram as duas damas.

La Mole tornou a pôr-se em guarda, firme =como se fosse um autômato, e Cocunás cruzou o ferro com um leve-te =a breca! dos mais acentuados.

- Que tal, hem?... olha que o negócio torna-se sério, e vão-se =esfolar se nós os não chamarmos à ordem. Eh lá, meus Senhores! eh lá! basta de =graças! - gritou Margarida.

- Deixe-os, deixe-os - disse Henriqueta, que, =como o já tinha visto Cocunás pelejar, julgava que ele se sairia =daquela luta com La Mole com a mesma facilidade com que se saíra das =mãos da família Mercandon.

- Oh! são realmente belos naquela posição - disse Margarida. - =Olha, olha: dir-se-ia que transpiram fogo!...

E na verdade, o combate, que começara por =motejos e provocações, tornara-se silencioso apenas os dois =adversários cruzaram os ferros. Ambos desconfiavam das suas =forças, e um e outro, quando faziam um movimento mais vivo, eram =obrigados a reprimir um grito doloroso arrancado pelas antigas feridas. =No entanto, com os olhos fixos e ardentes, a boca entreaberta, os

dentes =cerrados, La Mole avançava a passos curtos, porém firmes e secos, =sobre o seu adversário, que, conhecendo nele um mestre-de-armas, recuava, passo a =passo, mas enfim recuava. Ambos chegaram assim à borda do fosso, do =outro lado do qual se achavam os espectadores. Ali, como se a sua retirada tivesse sido meramente um cálculo para se aproximar =da sua dama, Fez Cocunás pé firme e, aproveitando um furta-ferro demasiado largo de La Mole, =deu-lhe com a rapidez do raio um golpe recto: e no mesmo instante, uma =nódoa encarnada, que se foi tornando cada vez maior, embebeu o gibão de cetim verde de La =Mole.

- Ânimo! - bradou a duquesa de Nevers.

- Ah! pobre La Mole! - exclamou dolorosamente =Margarida.

La Mole ouviu esse grito, deitou à rainha um desses =olhares que penetram mais profundamente no coração do que a ponta =de uma espada e, ao fazer um círculo fingido, abriu-se sobre o seu adversário.

127

Desta vez ambas as damas deram dois gritos que =se confundiram num só. A ponta da espada de La Mole apareceu tinta de sangue nas costas de =Cocunás:

tinha-o varado de lado a lado!

E ainda assim, nem um nem outro caiu; ambos =ficaram em pé, de boca aberta, e reconhecendo que, ao menor movimento =que fizessem, lhes faltaria o equilíbrio. Por fim, o piemontês, =cuj a ferida era mais perigosa que a do seu adversário, e que via que as =forças se lhe iam consumindo, deixou-se cair sobre La Mole, e =apertou-o com um braço, enquanto que com o outro procurava tirar o =punhal. La Mole reuniu também todas as suas forças, levantou a =mão e deixou cair o punho da espada na testa de Cocunás, que, aturdido =com o golpe, caiu, arrastando na queda o adversário, de maneira que ambos rolaram no fosso.

Margarida e a duquesa de Nevers, vendo que, =moribundos, ainda procuravam trucidar-se um ao outro, correram para eles =acompanhadas pelo capitão das guardas. Mas, antes de elas chegarem, =afrouxaram as mãos dos terríveis adversários, os seus olhos =fecharam-se e, deixando cair as espadas, sobreveio-lhes uma grande =convulsão.

Uma onda de sangue espumava em torno deles.

- Oh! bravo, bravo, La Mole! - bradou Margarida, não podendo conter =por mais tempo a sua admiração. - Ah! perdoa-me, perdoa-me por ter =suspeitado!

E os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

- Ah! valoroso Cocunás! - balbuciou a =duquesa. - Diga, diga, minha Senhora: já viu leões mais =intrépidos?...

E desatou em soluços.

- Safa! valentes estocadas! - disse o =capitão, procurando estancar o sangue, que corria a jorros. - Eh =lá! quem quer que é que vem aí, apresse-se!

Estas palavras eram dirigidas a um homem sentado numa espécie de =carreta pintada de encarnado, que começava a divisar-se por entre a =cerração da noite, e que vinha cantarolando uma velha =canção, que sem dúvida o milagre do Cemitério dos Inocentes =lhe inspirara.

- Oh! não ouve? venha quando o chamam, homem! - repetiu o capitão. =- Você não vê que estes fidalgos precisam de socorro?...

O homem da carreta, cujo exterior asqueroso e semblante rude formava =singular contraste com a meiga e buliçosa cantiga que entoava, parou o =cavalo, desceu e, examinando os dois corpos:

- Bem boas feridas - disse ele -, mas eu ainda =as faço melhores.

- Então quem é você? - perguntou Margarida, =sentindo certo terror que não podia vencer.

- Minha Senhora - respondeu o homem, inclinando-se até ao chão -, =sou o mestre carrasco de Paris, e vinha pendurar naqueles

ganchos alguns =sujeitos para fazerem companhia ao Senhor
Almirante.

- Pois eu sou a rainha de Navarra. Largue aí =os seus
cadáveres, estenda na carreta as rédeas dos nossos cavalos =e
siga-nos vagarosamente com estes dois fidalgos para o Louvre.

XVII

O COLEGA DE MESTRE AMBRÓSIO PARÉ

A carreta que conduzia Cocunás e La Mole tornou a tomar a estrada de =Paris, seguindo o grupo que a guiava, e parou no Louvre.

Pagou-se bem ao =condutor, transportaram-se

os feridos para casa do duque de Alençon e mandou-se chamar

=Ambrósio Paré. Quando este chegou, ainda nenhum deles tinha

=tornado a si.

La Mole era o menos maltratado; a estocada tinha-o ferido por baixo do =sovaco direito, mas sem contender nenhum dos órgãos

principais. =Cocunás tinha o pulmão atravessado, e o fôlego que

saía da =ferida fazia agitar a luz de uma vela.

Mestre Ambrósio Paré declarou que não respondia pela vida de

=Cocunás. A Sra de Nevers estava desesperada; fora ela que,

confiando =na força, destreza e valor do piemontês, impedira que

Margarida se =opusesse ao combate. De bom grado mandaria ela

conduzir Cucunás para =o Palácio de Guisa, a fim de lhe renovar

nesta segunda ocasião os =cuidados que negara na primeira; mas

depois do que acabava de passar- =se, podia o marido chegar

repentinamente de Roma e estranhar a =instalação de um intruso

no domicílio conjugal. Para =ocultar a causa das feridas,

tinha Margarida mandado levar os dois =mancebos para um dos

apostos do irmão, onde já um deles estava =instalado, dizendo

serem dois fidalgos que tinham caído do cavalo; mas a =verdade

foi divulgada pela admiração do capitão, testemunha do =combate; e logo se soube na corte que dois novos espadachins acabavam de =aparecer em triunfo sobre as asas da fama.

Tratados pelo mesmo cirurgião, que repartia por eles os seus =cuidados, os dois enfermos seguiram as diferentes fases da =convalescença provenientes da maior ou menor gravidade das feridas. La Mole, que era o menos gravemente ferido, foi o primeiro que =recobrou os sentidos. CuCunás só tornou a si depois de uma febre =terrível, acompanhada de espantoso delírio. Posto que encerrado na =mesma câmara em que estava Cocunás, La Mole, saindo do letargo, =não viu o companheiro, ou não tinha por nenhum sinal dado a =entender que o vira. Cocunás, pelo contrário, mal abriu os olhos, =fixou-os em La Mole com uma expressão capaz de provar que o sangue =perdido pelo piemontês em nada havia diminuído as paixões desse =temperamento de fogo.

Cocunás cuidou sonhar, e que no seu sonho tornava a encontrar o =inimigo que por duas vezes julgara ter morto: a diferença era que o =sonho se prolongava excessivamente. Depois de ter visto La Mole tratado =como ele pelo mesmo cirurgião, viu-o sentar-se na cama, quando ele, =Coconás, estava ainda pregado pela febre, pela fraqueza e pela dor; =viu-o depois andar pelo braço do cirurgião, depois encostado a uma =bengala, depois finalmente por seu pé. Cocunás, sempre valente, =contemplava todos esses

diferentes períodos da convalescença do =companheiro com um olhar ora espantado, ora furioso, mas sempre =ameaçador.

129

Tudo isto apresentava ao ardente espírito do piemontês um misto =horrível de fantástico real. Para ele, La Mole estava morto, bem =morto; podia até dizer que por duas vezes; não obstante, =reconhecia a sombra de La Mole deitada numa cama igual à sua; viu =depois, como dissemos, a sombra levantar-se, andar e, coisa espantosa, =encaminhar-se para o seu leito, essa sombra, de que Cocunás quisera =fugir, ainda que fosse para o fundo do Inferno, foi direita a ele e =parou à sua cabeceira, de pé e observando-o; havia mesmo nas suas =feições um sentimento de doçura e de compaixão, que =Cocunás tomou pela expressão de um escárnio infernal.

Acendeu-se então nesse espírito, talvez ainda mais enfermo do que =o corpo, uma cega sede de vingança. A única preocupação de =Cocunás foi a de obter uma arma, e com ela ferir esse corpo ou essa =sombra de La Mole, que tão cruelmente o atormentava. O fato, que =tinha sido primeiro posto sobre uma cadeira, fora depois levado dali, =porque, estando todo manchado de sangue, julgou-se conveniente =afastá-lo da vista do ferido; mas tinham deixado ficar sobre a mesma =cadeira o punhal, do qual ninguém se lembrava que ele tão cedo =tivesse desejo de servir-se. Cocunaz viu o punhal, e em três noites =sucessivas tentou, enquanto La Mole

dormia, estender a mão para lhe =pegar; por três vezes, porém, lhe faltaram as forças e =desmaiou. Na quarta noite, finalmente, pôde chegar-lhe; pegou-lhe com =as pontas dos dedos inteiriçados e, dando um gemido provocado pela =dor, escondeu-o debaixo do travesseiro.

No dia seguinte, viu alguma coisa incrível até então: a sombra =de La Mole, que parecia tomar diariamente novas forças, enquanto que =ele, ocupado sem cessar pela terrível visão, consumia as suas no =trama eterno do atentado que devia livrá-lo dela; a sombra de La =Mole, tendo-se tornado cada vez mais viva, deu, com ar pensativo, duas =ou três voltas em roda do leito, pôs o capote, cingiu a espada, =cobriu a cabeça com um chapéu de abas largas, abriu a porta.

Cocunás respirou, julgou-se livre do seu fantasma. Por duas ou =três horas circulou-lhe o sangue nas veias mais calmo e mais fresco =do que nunca tinha estado desde o momento do duelo; um dia de =ausência de La Mole teria restituído os sentidos a Cocunás, =oito dias curá-lo-iam, talvez, desgraçadamente, La Mole tornou a =entrar passadas duas horas. Esta entrada foi para o piemontês uma =verdadeira punhalada, e posto que La Mol estivesse só, Cocunás =não olhou uma única vez para o companheiro. E entretanto esse companheiro merecia bem que olhassem para ele. Era um =homem de cerca de quarenta anos, baixo, gordo, robusto,

com cabelos =negros que lhe caíam até às sobrancelhas, e barba da mesma cor, =a qual, contra a moda do tempo, lhe cobria toda a parte inferior do =rosto; mas o recém-chegado parecia importar-se pouco com as =aparências. Trazia vestido uma espécie de gibão de couro cheio =de nódoas pardas, meias cor de sangue, calções vermelhos, =grossos sapatos de couro que lhe vinham acima do tornozelo, um gorro da =cor das meias, e cingia-lhe o corpo um largo cinturão, do qual pendia =uma faca embainhada.

Esta célebre personagem, cuja presença parecia uma anomalia no =Louvre, pôs sobre uma cadeira o capote pardo em que vinha =embuçado, e chegou-se brutalmente à cama de Cocunaz cujos olhos, =como por uma fascinação singular, continuavam constantemente a =fixar-se em La Mole, que ficara a alguma distância. Olhou para o =doente e, abanando a cabeça, disse:

- Guardou-se para bem tarde, meu fidalgo.

- Eu não podia sair mais cedo - disse La Mole.

- Valha-o Deus! mandasse-me chamar.

- Por quem?

- Ah! é verdade. Esquecia-me do lugar em que estávamos. Eu disse-o

=a essas senhoras, mas não quiseram ouvir-me. Se se tivesse

seguido o =meu receituário, em vez de se aproveitar o jumento

albardado a quem =chamam Ambrósio Paré, já os senhores estariam

há muito em =condições de ir juntos em busca de aventuras, ou de

tornarem a =trocar outra estocada, se tivessem vontade nisso.

Enfim! veremos. O seu =amigo está em seu juízo?

131

- Não muito.

- Deixe ver a língua, meu fidalgo.

Cocunás deitou a língua de fora, fazendo uma tão horrível =careta

a La Mole, que o examinador abanou segunda vez a cabeça.

- Hum!. - resmungou ele - contracção dos músculos. Não há =tempo

a perder. Esta mesma noite lhe mandarei uma beberagem já pronta

=para lhe dar três vezes de hora em hora. uma vez à meia-noite,

=outra à uma, outra às duas horas.

- Muito bem.

- Mas quem lhe há-de aplicar esse remédio?

- Eu.

- O senhor mesmo?.

- Sim senhor.

- Dá-me a sua palavra?

- À fé de fidalgo!

- E se algum médico quisesse subtrair-lhe qualquer pequena dose

para =a decompor, e ver de que ingredientes é formado?.

- Derramá-lo-ia até à última gota.

- Também à fé de fidalgo?.

- Juro-lho.

- Por quem lhe hei-de mandar o remédio?
- Por quem quiser.
- Porém, a pessoa que o trouxer, como poderá falar com o =senhor?
- Está previsto. Dirá que vem da parte do Sr. Renato, o =perfumista.
- O florentino que mora na Ponte de S. Miguel?
- Justamente. Ele tem licença ampla para entrar no Louvre a toda a =hora do dia e da noite. - O homem sorriu.
- Realmente - disse ele -, essa licença é a menor que lhe dispensa =a rainha-mãe. Está dito: o portador dirá que vem da parte de =mestre Renato, o perfumista. Não devo ter escrúpulos em tomar uma =vez o seu nome, visto que ele o não tem tido de exercer por tantas, =sem diploma, a minha profissão.
- Então - disse La Mole -, conto com o senhor.
- Pode contar.
- Quanto à paga.
- Não se incomode, nós arranjaremos isso com o fidalgo quando =estiver de pé.
- E pode ficar descansado; creio que ele há-de poder recompensá-lo =generosamente.
- Eu também o creio. Mas - acrescentou, sorrindo de um modo singular =- como o reconhecimento não é habitual nas pessoas que têm =negócios comigo, não me admiraria que o doente, uma vez

=restabelecido, se esquecesse, ou antes, não se dignasse

lembrar-se de =min.

- Deixe isso por minha conta - respondeu La Mole, sorrindo também

-, =nesse caso eu lhe reavivarei a memória.

- Como quiser. Daqui a duas horas terá o remédio. Então adeus,

=Sr. de La Mole. Julgo que entendeu bem: deve ser tomado em três

=doses, de hora a hora, começando à meia-noite.

Repetido isto, saiu, e La Mole ficou só com o seu companheiro

=Cocunás. Cocunás tinha escutado toda a conversação, mas sem

=perceber nada dela: um ruído confuso, um vago rumor de palavras,

fora =tudo quanto lhe ferira o ouvido, de maneira que apenas

percebeu a =palavra meia-noite.

Continuou, pois, a dirigir o seu ardente olhar para La Mole, que

=permaneceu no seu quarto passeando com ar pensativo.

132

O doutor desconhecido teve palavra: à hora prometida mandou o

=remédio; La Mole foi pô-lo

sobre um pequeno esquentador de prata, e tomada esta precaução,

=deitou-se.

Esta acção de La Mole deu algum repouso a =Cocunás; tentou

também fechar os olhos; mas

o seu letargo febril era apenas uma consequência da =vigília

delirante. O mesmo fantasma que

o perseguia durante o dia, vinha acometê-lo =de noite; por
entre as secas pálpebras continuava
a ver esse La Mole, sempre motejador, sempre ameaçador; daí
o =parecer-lhe que uma voz lhe
repetia aos ouvidos: Meia-noite! meia-noite! =meia-noite!
Passado algum tempo, o despertador do relógio deu doze pancadas.
A =esse forte e repentino estrondo, Cocunás tornou a abrir os
olhos =inflamados; o ardente fôlego que lhe saía do peito
devorava-lhe os =lábios secos; uma sede inextinguível consumia
as goelas abrasadas; =a lamparina
estava acesa, como era costume, e o seu pálido clarão fazia
=dançar mil fantasmas à trémula vista
de Cocunás.

Viu então - coisa horrível! - La Mole descer da cama, dar uma ou
=duas voltas no quarto,
como faz o gavião diante da ave que quer fascinar, e depois seguir
=para ele, mostrando-lhe o
remédio. Cocunás estendeu a mão
=para o punhal, tomou-o pelo cabo e preparou-se para estripar o
seu =inimigo.

La Mole ia-se aproximando.

Cocunás resmungava:

- Ah, és tu? Ainda tu, sempre tu!... Vem!... Ah! ameaças- me,

=mostras-me o punho, sorris...

Vem, vem!... Continuas a aproximar-te devagarinho, pé ante pé!...

=Vem, vem para cá, que eu

te ponho as tripas ao sol!

E, com efeito, acompanhando com o gesto esta surda ameaça, no

momento =em que La Mole

se inclinava para ele, Cocunás fez cintilar de entre os lençóis

=a lâmina do punhal; mas o esforço

feito pelo piemontês para se levantar, quebrou-lhe as forças; o

=braço estendido para La Mole parou a meio do caminho, a mão =débil

deixou cair a arma e o moribundo tornou a cair sobre

o travesseiro.

- Vamos, vamos - disse baixinho La Mole, =levantando-lhe a

pouco e pouco a cabeça,

e chegando-lhe aos lábios uma chávena -, beba, meu pobre

camarada, =porque está ardendo em febre.

Era realmente uma chávena que La Mole apresentava a =Cocunás, e

que este tomara por um

punho ameaçador, o que tanto havia sobressaltado o exausto

cérebro =do ferido.

Mas ao macio contacto do benéfico licor, humedecendo os lábios

e =refrescando o peito, Cocunás recobrou a razão, ou antes, o

=instinto: sentiu um alívio como nunca tinha experimentado;

olhou com ar inteligente para La Mole, que o sustinha nos braços e sorria para ele, e de um desses olhos, até então contraídos por um sombrio furor, rolou uma lágrima imperceptível pela face ardente, que ele limpou com avidez.

- Por minha vida! - exclamou Cocunás por entre os dentes, deixando-se cair sobre o travesseiro - se escapo desta, Sr. de La Mole, há-de ser meu amigo!

- E há-de escapar, meu camarada - disse La Mole -, se quiser beber três chávenas como a que acabo de lhe dar, e se não tiver mais esses maus sonhos. O doente não respondeu.

Uma hora depois, La Mole, constituído em enfermeiro, e obedecendo pontualmente às prescrições do doutor desconhecido, levantou-se segunda vez, deitou nova porção de licor numa chávena e levou-a a Cocunás.

Desta vez, porém, o piemontês, em lugar de a esperar com o punhal na mão, recebeu-a com os braços abertos, e engoliu a beberagem com deleite; depois adormeceu, pela primeira vez com alguma tranquilidade.

O efeito da terceira chávena não foi menos maravilhoso. O peito

do =doente começou a deixar

133

passar uma respiração regular, posto que ainda anelante; os

=membros, até então hirtos ganharam flexibilidade, e pela

=superfície da pele ardente espalhou-se uma ligeira humidade.

Quando =no dia seguinte mestre Ambrósio Paré veio visitar o

ferido, sorriu =com satisfação dizendo:

- Desde este momento respondo pelo Sr. de =Cocunás e não será

esta uma das menos notáveis curas =realizadas por mim.

Da cena semidramática, semiburlesca, mas que, em =substância, não

deixou de ter uma certa poesia de natureza bem =terna, se se

atender à ferocidade dos costumes de Cocunás, dessa =cena

resultou prosseguir desde então com mais vigor a amizade dos dois

=fidalgos, começada na hospedaria da Estrela Brilhante e

violentamente =interrompida pelos acontecimentos da noite de

S. Bartolomeu; e foi muito além da de Orestes e Píladas, pelo

=contrapeso de cinco estocadas e um

tiro de pistola repartidos pelos dois corpos.

Fosse como fosse, feridas novas e velhas, profundas e leves, tudo

se foi =curando com admirável progresso. La Mole, o primeiro que

se =restabeleceu, fiel à sua missão de enfermeiro, não quis sair

do =quarto enquanto Cocunás não ficou inteiramente bom. Ajudou-o

a =sentar-se

na cama enquanto a fraqueza lhe não permitia levantar-se;
serviu-lhe =de arrimo para andar quando
começou a poder suster-se nas pernas; teve, =enfim, para com
ele todos os cuidados próprios da
doçura da sua natureza e do coração de =um bom amigo, os
quais, coadjuvados pelo vigor do
piemontês, promoveram uma convalescença =mais rápida do que
se podia esperar.

No entanto, um só e mesmo pensamento atormentava os dois
mancebos; =ambos eles, no
delírio da febre, julgaram ver aproximar-se-lhes as =damas a quem
havam dado os corações; mas
depois que recobraram a razão, ficaram bem persuadidos de que nem
=Margarida nem a Sr.a de

Nevers tinham entrado no quarto, e isto é =fácil de
compreender. Uma era mulher do rei de Navarra, a outra, =cunhada
do duque de Guisa; podiam elas, por acaso, à vista de todos, =dar
um sinal tão público de interesse por dois simples fidalgos? =Não.

Era esta certamente a resposta que La Mole
e Cocunás deviam dar um ao outro; mas nem por isso esta
ausência, =que talvez importava no eterno esquecimento, Lhes era
menos =dolorosa.

É verdade que o fidalgo que assistira ao =combate tinha vindo

uma vez por outra, e como de
seu moto próprio, saber dos feridos. É verdade que Gillonne,
=também como coisa sua, tinha feito outro tanto; mas nem La Mole
se =atreveu a falar a esta em Margarida, nem Cocunás ousou
perguntar àquele pela Sr.a de Nevers.

XVIII

AS ALMAS DO OUTRO MUNDO

Os dois fidalgos guardaram por algum tempo religiosamente o segredo que =encerravam no peito; mas, finalmente, num dia de expansão, o único =pensamento que os preocupava trasbordou-lhes dos lábios, e ambos =estreitaram a sua amizade por essa última prova, sem a qual a amizade =não existe, isto é, por uma inteira confiança.

Estavam perdidos de amores: um por uma princesa, outro por uma rainha. =Havia para os dois pobres amantes alguma coisa assustadora nesta =distância quase invencível que os separava do objecto dos seus =desejos; e todavia a esperança é um sentimento que está tão =profundamente enraizado no coração do homem que, apesar da loucura =de suas esperanças, eles esperavam.

Não deixavam, porém, à medida que se restabeleciam, de empregar =todos os meios para adquirirem, ou antes, conservarem uma presença =agradável. Não há homem, ainda o mais indiferente às =vantagens físicas, que em certas circunstâncias deixe de ter com o =seu espelho conversações mudas e sinais de inteligência, =após os quais se aparta quase sempre do seu confidente muito =satisfeito do entretenimento. Ora os nossos dois rapazes não estavam =no caso de deverem rezear dos seus espelhos um conselho desagradável. =La Mole, delgado de corpo, pálido e elegante,

tinha a beleza da =distinção. Cocunás, robusto, bem-talhado, boa cor, possuía a =beleza da força. Para este fora a doença uma vantagem: estava mais =magro, um tanto descorado e até o famoso nariz, que antes lhe valera =tantos sarcasmos pela sua prismática semelhança com o =arco-íris, havia desaparecido anunciando provavelmente, como o =fenómeno diluviano, uma série de dias puros e de noites =serenas.

No dia em que puderam levantar-se, cada um deles achou o competente =trajo caseiro sobre a cadeira mais próxima da cama; e no dia em que =puderam vestir-se, não lhes faltou um vestuário

completo. Ainda =mais: na algibeira de cada um dos gibões havia uma bolsa bem =recheada, de que se aproveitaram, bem entendido, na firme tenção =de a restituírem a seu tempo ao protector desconhecido que assim =previa as suas necessidades.

Este protector desconhecido não podia decerto ser o príncipe em =cuja casa habitavam, porque esse príncipe não só os não =visitara, como nem mandara saber deles.

Uma esperança fugitiva dizia secretamente a ambos os corações =que o protector desconhecido era a mulher por cada um deles amada.

Portanto, os dois feridos esperavam impacientes pelo momento de sair. La =Mole, mais forte e mais bem curado do que Cocunás, poderia desde =muito ter-se posto em campo; mas uma espécie de convenção =tácita ligava a sua sorte à do amigo.

Estava ajustado que a primeira saída teria por fim três =visitas.

135

A primeira, ao doutor desconhecido, cuja doce beveragem tinha operado =tão notável melhoria

no peito inflamado de Cocunás.

A segunda, à hospedaria do defunto mestre La =Hurière, onde ambos tinham deixado a roupa

e o cavalo.

A terceira, ao florentino Renato, o qual, unido ao seu

título de =perfumista o de mágico, não

só vendia cosméticos e venenos, como preparava filtros e

dava =oráculos.

Finalmente passados dois meses de convalescença e =de reclusão,

chegou esse dia tão desejado.

Dissemos de reclusão, e é este o termo =apropriado, porque

a impaciência que tinham levava-os por

vezes a quererem apressar esse dia; porém, uma =sentinela postada

à porta lhes tinha constantemente embargado a =passagem,

declarando-lhes que não sairiam enquanto não =apresentassem

um atestado de mestre Ambrósio Paré.

Ora, tendo o hábil cirurgião reconhecido um dia que os dois

=enfermos estavam, senãocompletamente curados, ao menos em bom

caminho =para uma perfeita cura, havia dado esse atestado,

e pela volta das duas horas da tarde, num desses =belos dias
de Outono que Paris apresenta algumas
vezes, com admiração dos seus habitantes, já providos de
=resignação para os rigores do Inverno,
os dois amigos saíram de braço dado os =portões do Louvre.
La Mole tinha-se arvorado em guia de Cocunás, o qual se deixava
levar =sem resistência, e mesmo sem reflexão. Sabia que o seu
amigo o =conduzia à casa do doutor desconhecido
da poção, posto que o seu autor não apresentasse um =privilégio de invenção, o
havia curado numa só noite, quando =todas as drogas
do mestre Ambrósio Paré o iam matando lentamente. =Tinham
feito dois montes do dinheiro que achou na bolsa, isto é, dos
=duzentos nobles à la rose dos quais destinara cem para
recompensar o =esculápio a quem devia a cura. Cocunás não temia
a morte, mas =nem por isso deixava de estar bem contente de viver;
portanto, tratava, =como se vê, de
recompensar o seu salvador.
La Mole seguiu pela Rua de L'Astruce, pela Rua =de Santo
Honorato, pela das Prouveries
e brevemente chegou à Praça das Halles. Junto do =antigo chafariz,
e no lugar designado
pelo nome de Carreau des Halles havia um =edificio octógono
de alvenaria, rematado por um
zimbório de madeira, que terminava por um telhado =pontigudo no

cimo do qual se movia um cata-vento. Este zimbório de madeira apresentava oito aberturas, que atravessavam, do mesmo modo que a peça heráldica que se chama faixa atravessa o escudo, uma espécie de roda de madeira dividida pelo meio para recebernos chanfros, abertos para este fim, a cabeça e as mãos do condenado ou dos condenados que se expunham numa ou nalgumas daquelas oito aberturas.

Esse edifício singular, que não tinha outro análogo entre os que o rodeavam, era o pelourinho.

Uma casa informe, alquebrada, torta e esburacada, cujo telhado musgoso se parecia à maneira de um cogumelo, brotado ao pé dessa espécie de torre.

Era a casa do carrasco.

Estava um homem exposto fazendo caretas a quantos passavam; era um dos ladrões que por acaso fora preso, no exercício de suas funções, próximo à forca de Montfaucon.

Cocunás julgou que o seu amigo o conduzia para ver este curioso espectáculo, e misturou-se com a turba dos amadores que respondiam às caretas do paciente com vaias e vociferações.

Cucunás era naturalmente cruel; divertia-o portanto muito o que se passava: só quisera que, em vez de se fazer este alarido, se atirassem pedras ao condenado,

cuja =insolência ia a ponto de fazer

caretas aos nobres senhores que o honravam com a =sua visita.

Por isso, logo que o zimbório moveção girou sobre a base

para que =o paciente fosse visto do

outro lado da praça, e que a multidão seguiu o =movimento do

zimbório, Cocunás quis acompanhar o movimento da =multidão, mas

La Mole fê-lo parar, dizendo-lhe a meia voz

'Moeda inglesa antiga, de ouro, que tinha uma =rosa gravada

no reverso.

136

- Não foi para isto que aqui viemos.

- Para que viemos então? - perguntou =Cocunás.

- Vais sabê-lo - respondeu La Mole.

Os dois amigos tratavam-se por tu desde o dia imediato =à famosa

noite em que Cocunás quisera furar as tripas a La =Mole.

E La Mole conduziu Cocunás em direitura à pequena janela da casa

=pegada à torre, e na qual havia um homem encostado.

- Olé!... são os senhores? - disse o =homem, levantando o

seu gorro vermelho e mostrando a cabeça coberta =de negros e

espessos cabelos caídos até às sobrancelhas. - =Sejam bem-vindos.

- Quem é este homem? - perguntou Cocunás, procurando

recordar- se, =porque lhe pareceu ter visto essa cabeça durante

um dos momentos da =febre.

- É o teu salvador, meu caro amigo - respondeu La Mole -,
aquele que me levou ao Louvre essa bebida refrigerante que te
fiz tanto bem.

- Oh! oh! - exclamou Cocunás - nesse caso, meu amigo...

E estendeu-lhe a mão.

Mas o homem, em vez de corresponder a este movimento =com um gesto
igual, endireitou-se e, deste modo, ficou apartado dos dois
=amigos pela distância que ocupava a curva do seu corpo.

- Senhor - disse ele a Cocunás -, =agradeço-lhe a honra que
se digna querer fazer-me; mas

é provável que, se me conhecesse, perdesse esse desejo.

- Essa é boa! - disse Cocunás - declaro que ainda que fosse
o =Diabo, eu me confessaria seu obrigado, porque, a não ser o
senhor, =estaria morto a esta hora.

- Não sou inteiramente o Diabo - respondeu o homem de gorro
vermelho =-, porém muitos (e não sucede isto poucas vezes) antes
quereriam =ver o Diabo do que a mim.

- Então quem é o senhor? - perguntou =Cocunás.

- Sou mestre Caboche, carrasco do prebostado de =Paris.

- Ah! - exclamou Cocunás.

- Não lho dizia eu?... - observou mestre Caboche.

- Não! hei-de apertar-lhe a mão, ainda que me leve o diabo!

=Estenda-a.

- Deveras?...

- Quero-a bem aberta.

- Ei-la.

- Mais aberta... mais... Assim mesmo!

E Cocunás tirou da algibeira a soma de ouro destinada para

o seu =médico anônimo, e depô-la na mão do carrasco.

- Eu estimaria mais que só me tivesse dado a mão =- disse mestre

Caboche abanando a cabeça. - Não me falta ouro, e =sim mãos que apertem a minha.

- Com que então, meu amigo - disse =Cocunás, olhando com curiosidade para o carrasco -, é você quem =faz os pratos, quem roda, quem esqueteja, quem corta as cabeças, =quem quebra os ossos!... oh! quanto estimo conhecê-lo!

- Senhor - respondeu mestre Caboche -, eu não faço tudo por minhas =mãos; assim como os senhores fidalgos têm os seus criados para =certos serviços, eu tenho os meus ajudantes, que fazem o trabalho grosseiro, e que aviam a canalha. Agora, se por =acaso se trata de fidalgos, como por exemplo o senhor e o seu companheiro, =então é outra coisa; não cedo a ninguém a honra da =execução com todos os pormenores, desde o primeiro até ao =último, isto é, desde a tortura até à degolação.

Cocunás, apesar de todo o seu ânimo, sentiu pelo =corpo um

violento calafrio, parecendo-lhe que já as cunhas de ferro =lhe comprimiam as pernas, e que o fio de aço lhe roçava pelo pescoço.

137

La Mole, sem poder explicar o motivo, teve a mesma sensação.

Mas Cocunás venceu essa emoção, de que se envergonhava e, =querendo despedir-se de mestre Caboche com um último gracejo, =disse-lhe:

- Pois bem, mestre, tomo nota da sua palavra: quando chegar a minha vez =de subir à forca de Enguerrand de Marigny, ou ao cadafalso do Sr. de =Nemours, ninguém me há-de tocar senão você.

- Prometo-lho.

- vez - disse Cocunás -, aqui está a minha mão como sinal de =que aceito a sua promessa. E estendeu para o carrasco uma das mãos, =que este apertou timidamente, posto que se tornasse visível o desejo =de lha apertar com desembaraço.

A este simples tocar, Cocunás empalideceu alguma coisa, mas a boca =conservou o mesmo sorriso, ao passo que La Mole, incomodado, e vendo que =a multidão voltava com o volver do zimbório, e se aproximava =deles, puxava-o pelo capote.

Cocunás, que realmente tinha tanto desejo como La Mole de findar esta =cena, na qual, pela inclinação natural do seu carácter, se =entranhara mais do que quisera, fez um aceno com a cabeça e

=retirou-se.

- Por minha vida! - disse La Mole, quando chegou com o seu companheiro =à cruz do Traboir - hás-de confessar que se respira melhor aqui =que na Praça das Halles.

- Confesso - respondeu Cocunás - mas, apesar disso, estou bem =contente por conhecer mestre Caboche. É bom ter amigos em toda a =parte.

- Mesmo na hospedaria da Estrela Brilhante - disse La Mole, =sorrindo.

- Oh! quanto ao pobre mestre La Hurière - disse Cocunás -, esse =está morto e bem morto. Eu vi a chama do arcabuz, ouvi o choque da =bala, que soou como se batesse no sino grande da Igreja de

Nossa =Senhora, e deixei-o estendido no regato com o sangue que lhe saía =pelo nariz e pela boca. Supondo que seja um amigo, é um amigo que =temos no outro mundo.

Conversando assim, os dois amigos chegaram à Rua da Árvore Seca

e =dirigiram-se para a tabuleta da Estrela Brilhante que continuava =impávida no mesmo lugar, oferecendo sempre ao viajante o seu fogão =de gastrónomo e a sua apetitosa legenda.

Cocunás e La Mole esperavam achar a casa em desespero, a viúva de =luto e os moços de cozinha de fumo no braço; mas não foi =pequena a sua admiração quando viram tudo em plena actividade: a =Sr. a La Hurière muito louçã, e os rapazes mais alegres do que =nunca.

- Oh! que infiel! - disse La Mole - já se tornou a casar.

E dirigindo-se depois à nova Artemísia:

- patroa - disse ele -, nós somos dois fidalgos do conhecimento do =pobre Sr. La Huriere. Deixámos aqui dois cavalos e duas malas, que =vimos reclamar.

- Meus Senhores - respondeu a dona da casa, depois de ter tentado =recordar-se -, como não tenho a honra de conhecê-los, vou, se me =dão licença, chamar meu marido. Gregório, cham o patrão! Gregório passou da primeira cozinha, que era o pandemonium geral, =para a segunda, que era o laboratório onde se aprontavam os pratos =que mestre La Hurière, quando vivo, julgava dignos de serem =preparados por suas sábias mãos.

- Leve-me o diabo - resmungou Cocunás -, se não me faz pena ver =esta casa tão alegre quando devia estar tão triste! Pobre La =Hurière, quem tal diria.

- Ele quis matar-me - disse La Mole -, mas perdoe-lhe de todo o =coração. Mal tinha La Mole pronunciado estas palavras, apareceu um =homem com uma caçarola na mão, na qual mexia, com uma colher de =pau, algumas cebolas que estava refogando.

La Mole e Cocunás soltaram um grito de surpresa.

A este grito, o homem levantou a cabeça e, respondendo com um grito =igual, deixou cair a caçarola, ficando só com a colher de pau na =mão.

- In nomine patris. - disse o homem, movendo a colher como um hissope - =filli et spiritus sancti

- Mestre La Hurière! - exclamaram os dois mancebos.

- Os Srs. de Cocunás e de La Mole! - disse La Hurière.

- Pois o senhor não morreu? - bradou Cocunás.

- Pois os senhores estão vivos? - perguntou o estalajadeiro.

- Mas eu vi-o cair! - disse Cocunás. - Ouvei o estrondo da bala, que =lhe quebrava alguma coisa. o quê não sei. Deixei-o estirado no =regato, deitando sangue pelo nariz, pela boca e até pelos olhos!.

- Tudo isso é verdade como o Evangelho, Sr. de Cocunás; contudo, =esse estrondo que ouviu foi o da bala batendo na minha celada, sobre a =qual felizmente se achatou; mas nem por isso foi a pancada menos rija; e =a prova - acrescentou La Hurière, levantando o barrete e mostrando a =cabeça, pelada como um joelho - é que não me ficou um =cabelinho.

Os dois mancebos estalaram de riso vendo aquela grotesca figura.

- Ah! os senhores riem!. - disse La Hurière, um pouco sossegado

- =então não vêm com más intenções?.

- E o senhor, mestre La Hurière, já está curado dos seus gostos =bélicos?

- Por minha fé que sim! E agora.

-E agora...

- Agora fiz voto de não ver outro fogo senão o da minha =cozinha.

- Bravo! - disse Cocunás - isso é o mais prudente. Mas vamos ao
=que importa: nós deixámos na sua cavalaria dois cavalos, e nos
=seus quartos duas malas.

- Oh! cos diabos! - disse o estalajadeiro, coçando a orelha.

- Que sucedeu então?

- O senhor diz dois cavalos?.

- Sim, na cavalaria.

- E duas malas, é?

- Ambas no quarto.

- Mas os senhores sabem que. julgaram-me morto, não foi?

- Julgámos.

- E hão-de convir que, visto que se enganaram, eu podia também
=enganar-me.

- Julgando-nos mortos também? Estava no seu direito.

- Pois aí está!. como os senhores morriam sem testamento. -
=continuou mestre La Hurière.

- Diga o resto.

- Julguei. Bem vejo que fiz mal.

- Que foi que julgou? vejamos.

- Julguei que podia ser vosso herdeiro.

- Olá!. - bradaram os dois mancebos.

- Mas nem por isso deixo de estimar muito que os senhores estejam
=vivos.

- Então vendeu os nossos cavalos, hem? - disse Cocunás.

- Valha-me Deus! - disse La Hurière.

- E as nossas malas? - continuou La Mole.

- Oh! quanto às malas, não senhor. - respondeu vivamente La
=Hurière - foi só o que estava dentro.

- Que dizes, La Mole? - prosseguiu Cocunás. - Não te parece um
=grande velhaco este sujeito?. Não seria mau dar-lhe um ar às
=tripas.

Esta ameaça pareceu produzir grande efeito em mestre La Hurière,
=que se arriscou a dizer:

139

- Mas, Senhores, julgo que haverá meio de arranjarmos isto.

- Ouve - disse La Mole -, creio que sou eu que tenho mais razão
para =me queixar dele.

- Decerto, Senhor Conde, pois me lembro que num movimento de
loucura =tive a audácia de o ameaçar.

- Sim senhor, com uma bala que me passou duas polegadas acima da
=cabeça.

- Pois julga isso?.

- Não julgo, estou bem certo.

- Se está certo, Sr. de La Mole - disse La Hurière, apanhando a

=caçarola com ar inocente -, não será este seu humilde criado

=quem se atreva a desmenti-lo.

- Pois bem - disse La Mole -, pela minha parte não te reclamo nada.

=

- Como, meu fidalgo?.

- A não ser.

- Ai! ai! - disse La Hurière.

- A não ser um jantar para mim e para os meus amigos, todas as vezes =que vier ao teu bairro.

- Pois não! - exclamou La Hurière - com todo o gosto! Às suas =ordens, meu fidalgo, às suas ordens!

- Está tratado, não é assim?

- Com a melhor vontade do mundo. E o Sr. de Cocunás - prosseguiu o =estalajadeiro -, concorda na negociação?

- Concordo, mas também com uma pequena condição.

-Qual é?

- É que entregará ao Sr. de La Mole cinquenta escudos, que eu lhe =devo e que você recebeu de mim.

- Eu, Senhor? e quando foi isso?

- Um quarto de hora antes de vender o meu cavalo =e a minha mala. La Hurière fez um sinal de inteligência.

- Ah! já entendo - disse ele.

E foi direito ao armário, do qual tirou, um por um, cinquenta

=escudos, que entregou a La Mole.

- Muito bem, Senhor - disse o fidalgo -, muito bem!. faça-nos uma

=omeleta. Os cinquenta escudos serão para mestre Gregório.

- Oh! - bradou La Hurière - na verdade, meus fidalgos, têm

=corações de príncipes e podem contar comigo para a vida e para

=a morte.

- Nesse caso - disse Cocunás - faça-nos a omeleta, e não poupe

=a manteiga nem o toucinho.

Depois, voltando-se para o relógio:

- Por minha vida! tens razão, La Mole - disse ele. - Temos ainda

que =esperar três horas; é o mesmo, passá-las aqui ou noutra

parte. =Tanto mais que, se não me engano, estamos no caminho da

Ponte de S. =Miguel.

E os dois rapazes tornaram a ir ocupar na mesa e na pequena sala

do =fundo o mesmo lugar em que tinham estado nessa famosa noite

de 24 de =Agosto de 1572, durante a qual Cocunaz propusera a La

Mole o jogarem a =primeira amante que viessem a ter.

Confessemos, em honra da moralidade dos dois mancebos, que nem

um nem =outro tinham nesta noite a lembrança de fazer uma igual

proposta ao =seu companheiro.

XIX

A HABITAÇÃO DE MESTRE RENATO, PERFUMISTA DA RAINHA-MÃE

Na época em que se passa a história que narramos aos nossos leitores, não havia, para se passar dum para o outro lado de Paris, senão cinco pontes, umas de pedra, outras de madeira, e ainda assim estas cinco pontes só desembocavam na Cité. Eram a Ponte dos Moleiros, a Ponte do Troco, a Ponte de Nossa Senhora, a Ponte Pequena e a Ponte de S. Miguel.

Nos outros lugares onde a circulação era necessária, havia barcas que, bem ou mal, substituíam as pontes.

Estas cinco pontes eram guarnecidas de casas, como é ainda hoje a Ponte Vecchio em Florença.

Destas cinco pontes, que tem cada uma a sua história, só nos ocuparemos neste momento da de S. Miguel.

A Ponte de S. Miguel tinha sido construída de pedra em 1373; apesar da sua aparente solidez, abateu em parte por um trasbordamento do Sena em 31 de Janeiro de 1408; em 1416 fizeram-na de madeira; mas durante a noite de 16 de Dezembro de 1547 foi outra vez destruída; pelo ano de 1550, isto é, vinte e dois anos antes de época em que nos achamos nesta história, foi reedificada também de madeira; e, posto que já tivesse precisão de reparo, passava ainda por bastante sólida.

No meio das casas que guarneciam a linha da ponte de Fronte do

ilhote =onde tinham sido queimados os templários, e onde está edificada =hoje a Ponte Nova, via-se uma casa de madeira, sobre a qual se abaixava =um amplo telhado como a pálpebra dum imenso olho. Pela única =janela que se abria no primeiro andar, por cima duma janela e duma porta =dos quartos do rés-do-chão, hermeticamente fechados, via-se um =clarão avermelhado que atraía o olhar dos que fitavam essa fachada =baixa, larga, pintada de azul, com ricas molduras douradas. Uma =espécie de friso, que separava o rés-do-chão do primeiro andar, =representava uma multidão de diabinhos em atitudes cada qual a mais =grotesca, e entre esse friso e a janela do primeiro andar via-se uma =larga faixa, também pintada de azul, com este letreiro:

RENATO, FLORENTINO, PERFUMISTA DA RAINHa-MÃE

A porta desta loja estava, como já dissemos, bem aferrolhada, mas =ainda mais que pelos ferrolhos era ela defendida dos ataques

nocturnos =pela espantosa reputação do inquilino, a ponto de que todos os que =atravessavam a ponte nesse lugar faziam-no quase

sempre descrevendo uma =curva que os levava para a outra fileira de casas, como se tivessem medo =que o cheiro das perfumarias lhes chegasse por transpiração =através das paredes. Ainda mais: os vizinhos da direita e da

141

esquerda, julgando certamente muito perigosa tal vizinhança, tinham =abalado um após outro, logo que mestre Renato se

estabeleceu na Ponte =de S. Miguel; de maneira que as duas casas contíguas à dele =ficaram desertas e fechadas. Não obstante, porém, esta solidão =e este abandono, dizia-se que quem por ali passava a horas mortas =divisava por entre as adufas fechadas dessas casas vazias certos raios =de luz, e ouvia sons como de quem solta gemidos, o que provava que =alguns entes frequentavam essas casas; o que se não sabia era se eles =pertenciam a este ou ao outro mundo.

Daqui resultava lembrarem-se de vez em quando os inquilinos das duas =casas contíguas a essas, de imitarem a prudência dos seus antigos =vizinhos, abalando como eles de semelhante lugar.

A esse privilégio de terror, que mestre Renato adquirira geralmente, =devia ele por certo ser o único que podia conservar luz em casa =depois do toque de recolher. Além de que nem as patrulhas nem os =vigias se atreveriam a incomodar um homem duplicadamente prezado por Sua =Majestade, pela sua qualidade de compatriota e de perfumista.

Como supomos que o leitor, armado de ponto em branco pelo filosofismo do =século dezoito; já não crê em magia nem em mágicos, =convidá-lo-emos a entrar connosco nessa habitação, que naquela =época de crenças supersticiosas espalhava na vizinhança tão =profundo terror.

A loja do rés-do-chão é sombria e deserta desde as oito horas =da

noite, momento em que se fecha para se tornar a abrir senão muito tarde, às vezes no dia seguinte: é ali que se vendem diariamente as perfumarias, os unguentos e cosméticos de todas as qualidades, preparados pelo hábil químico, que é ajudado por dois aprendizes nessa venda por miúdo. Estes aprendizes, porém, não dormem na casa, dormem na Rua da Calhandra; saem à noite um momento antes que se feche a loja, e de manhã passeiam diante da porta até que se abra.

Esta loja do rés-do-chão, é pois, como dissemos sombria e deserta.

É bastante larga e funda, e há nela duas portas, cada uma das quais dá para uma escada. Uma destas é encostada à parede e lateral; a outra é exterior e visível do cais, chamado hoje dos Agostinhos, e da praia chamada Cais dos Ourives.

Ambas conduzem à câmara do primeiro andar.

Esta câmara é do mesmo tamanho que a do rés-do-chão; mas está dividida em duas partes por um pano de Arrás estendido na

direcção da ponte. No fundo do primeiro repartimento está aberta a porta que dá para a escada exterior, e na face lateral do segundo a que dá para a escada secreta; mas esta porta é invisível, porque a cobre um alto armário entalhado, pregado a ela, que a acompanha no abrir e fechar. Só Catarina e Renato é que sabem o segredo desta porta; é por ali que a rainha sobe e desce; com o ouvido ou com os olhos aplicados a alguns furos

abertos neste =armário, é que ela ouve e vê o que se passa na câmara.

Nos lados deste segundo compartimento vêem- se ainda duas portas.

Uma =dá para um pequeno quarto que recebe a luz do tecto, e que não tem =outra mobília além dum grande fogareiro e de grande número de =retortas, de alambiques e de cadinhos: é o laboratório do =alquimista. A outra dá para um cubículo mais singular do que o =resto da casa, porque não tem claridade alguma, e porque toda a =mobília consiste numa espécie de altar de pedra. O chão é um =lajedo inclinado do centro para as extremidades, nas quais corre ao =longo do muro uma espécie de rego, que vai desembocar num cano, por =onde se vê o correr das águas escuras do Sena. Pelas paredes =estão pendurados instrumentos de feitio singular, todos agudos ou =cortantes, e cuja ponta é fina como a duma agulha, e o gume afiado =como uma navalha de barba; uns luzem como espelhos, outros, pelo =contrário, são de cor cinzenta embaciada ou azulados. Num canto =esvoaçam duas galinhas pretas, presas uma à outra pelos pés. =Este cubículo é o santuário do águere.

Voltemos à câmara do meio, isto é, à dos dois =compartimentos.

É ali que se recebe a plebe dos consultantes; é ali que as =cegonhas egípcias, as múmias com faixas douradas, o crocodilo =balançando no tecto, as caveiras com os olhos vazados e dentes

abalados e, finalmente, os velhos alfarrábios empoirados e
=veneravelmente roídos dos ratos, apresentam à vista dos
visitantes =essa confusa mistura donde resultam as diversas
emoções que obstam =a que o pensamento siga o seu verdadeiro
curso. Por detrás da cortina =estão frasquinhos, caixinhas de
segredo e ânforas de sinistro =aspecto. Tudo isto é alumiado por
duas pequenas lâmpadas de prata, =exactamente iguais, que parecem
roubadas de algum altar de Santa Maria =Novela, ou da igreja
Dei-Servi de Florença, e que, queimando um =óleo perfumado,
espalham um clarão amarelado do alto da sombria =abóbada, onde
estão suspensas por três correntes =denegridas.

Renato, só, com os braços cruzados, passeava a largos passos pelo
=segundo compartimento da câmara do meio, abanando a cabeça; e,
=depois de longa e dolorosa meditação, parou de frente duma
=ampulheta.

Ora aí está - disse ele - esqueceu-me voltá-la, e talvez que =há muito passasse
toda a areia. Olhando então para a Lua, que a

=grande custo saía duma nuvem negra que parecia passar no alto
do =campanário da Igreja de Nossa Senhora, acrescentou:

Nove horas. Se vem, virá, como costuma, daqui a uma hora ou hora
e =meia; portanto, haverá tempo para tudo.

Neste momento ouviu-se um rumor na ponte. Renato aplicou o ouvido
ao =orifício dum longo tubo, do qual uma extremidade abria para
a rua em =forma de buzina.

Não - disse ele - não é ele, nem são elas. São passos de =homens;
param defronte da porta; vêm para cá.

Ouviram-se ao mesmo tempo três fortes pancadas.

Renato desceu rapidamente, encostou o ouvido à porta, mas não
=abriu.

Repetiram-se as três pancadas.

- Quem é? - perguntou mestre Renato.

- É preciso que digamos os nossos nomes? - perguntou uma voz.

- É indispensável - respondeu Renato.

- Nesse caso, eu sou o conde Aníbal de Cocunás - disse a mesma
voz =que já tinha falado.

- E eu, o conde Lerac de La Mole - disse outra voz, que pela
primeira =vez se fazia ouvir.

- Esperem, esperem, meus Senhores, já lhes falo.

E ao mesmo tempo, Renato, puxando os ferrolhos e tirando as
trancas, =abriu a porta aos dois mancebos, tornando-a apenas a
fechar com a chave =logo que eles entraram; e conduzindo-os depois
pela escada exterior, =introduziu-os no segundo compartimento.

La Mole, ao entrar, fez o sinal da Cruz por debaixo do capote;
estava =pálido e tremia-lhe a mão sem que pudesse reprimir esta
=fraqueza.

Cocunás olhou para cada coisa de per si e, deparando no meio do
exame =com a porta do cubículo, quis abri-la.

- Queira perdoar, meu fidalgo - disse Renato, com a sua voz grave,
e =pondo a mão sobre a de Cocunás -, os visitantes que me fazem
a =honra de entrar aqui só gozam desta parte da casa.

- Ah! não sabia - respondeu Cocunás. - E demais, vejo que preciso
=sentar-me. E atirou-se para uma cadeira.

Houve um momento de profundo silêncio. Mestre Renato esperava que
=algum dos dois mancebos se explicasse. Neste intervalo, ouviu-se
a =respiração sibilante de Cocunás, ainda não bem curado.

- Mestre Renato - disse ele por fim -, sei que é homem hábil;
=diga-me portanto se ficarei estropiado pela minha ferida, isto
é, se =hei-de ter sempre esta respiração curta que me não deixa
nem =montar a cavalo, nem jogar as armas, nem comer omeletas de
toucinho.

Renato aproximou o ouvido do peito de Cocunás, e escutou
atentamente =o movimento dos pulmões.

- Não, Senhor Conde - disse ele -, há-de curar-se.

143

- Deveras?

- Afirmo-lho.

- Dá-me muito gosto.

Houve novo silêncio.

- Não deseja mais alguma coisa, Senhor Conde?

- Pois não! - disse Cocunás - desejo saber =se estou

verdadeiramente enamorado.

- Está - respondeu Renato.

- Como é que o sabe?

- Porque o Senhor Conde o pergunta.

- Coa fortuna! julgo que tem razão. Mas de quem?

- Daquela que repete a cada instante o que o Senhor Conde acaba de =dizer.

- Não há duvida - disse Cocunás estupefacto - que o Sr. Renato =é habilíssimo. Agora La Mole.

La Mole corou, e ficou embaraçado.

- Que diabo é isso! - disse Cocunás - fala.

- Fale - disse o florentino.

- Eu, Sr. Renato - balbuciou La Mole, cuja voz se fortaleceu pouco a =pouco -, não quero perguntar-lhe se estou enamorado, porque sei que o =estou, e não o oculto; mas diga-me se serei amado, porque, realmente, tudo que a princípio me dava esperança =torna- se agora contra mim.

- Talvez que o Senhor Conde não tenha da sua =parte feito tudo o que devia fazer.

- E que mais se há-de fazer do que provar, pelo respeito, pela =dedicação à dama em que unicamente se pensa, que ela é =verdadeira e profundamente amada?.

- O Senhor Conde sabe - disse Renato - que essas =demonstrações

são às vezes bem pouco

significantes.

- Então devo desesperar?

- Não; é preciso nesse caso recorrer à ciência. Há na natureza humana antipatias que se podem vencer, simpatias que se podem forçar. O ferro não é íman, mas sendo tocado no íman atrai o ferro.

- Decerto, decerto - disse baixinho La Mole -, mas repugnam-me todas essas conjurações.

- Se tem essa repugnância - observou Renato -, não devia cá vir.

- Ora vamos, vamos! queres-te agora fazer criança?... Sr. Renato, pode-me mostrar o Duque?

- Não, Senhor Conde.

- Tenho realmente pena; queria dizer-lhe duas palavras, e talvez que isso desse ânimo a La Mole.

- Pois bem, estou disposto - disse La Mole. - Falemos francamente.

Tenho ouvido que se fazem umas figuras de cera semelhantes ao objecto amado; =é isso um meio?

- Infalível.

- E não há perigo algum nessa experiência para a vida e para a saúde da pessoa que se ama?

- Nenhum.

- Tentemos pois.

- Queres que eu principie? - disse Cocunás.

- Não - respondeu La Mole -, e visto que principiei, hei-de ir até =ao fim.

- Deseja, muito ardentemente, imperiosamente, saber o que deve pensar, e =o que lhe compete fazer, Sr. de La Mole? - perguntou o florentino.

- Oh! - exclamou La Mole - morro por isso, mestre Renato.

Neste momento bateram levemente à porta da rua; tão levemente, que =só mestre Renato ouviu o rumor, e isso mesmo porque decerto já o =esperava.

144

Encaminhou-se sem affectação, e fazendo algumas perguntas ociosas a =La Mole, para o tubo de que falámos, e applicando o ouvido, percebeu =alguns sons de vozes, a que pareceu dar atenção.

- Resuma então agora o seu desejo, e chame pelo objecto amado.

La Mole pôs-se de joelhos como se falasse a uma divindade e Renato, =passando para o primeiro compartimento, saiu sem fazer bulha pela escada =exterior: um instante depois, ouviu-se um leve rumor de passos no =sobrado da loja.

La Mole, levantando-se, viu mestre Renato diante de si com uma pequena =figura de cera mal trabalhada; a figura trazia manto e coroa.

- Quer ser amado sempre pela sua real amante? - perguntou o =perfumista.

- Quero, ainda que isso me deva custar a vida, ainda que seja
=necessário perder a minha alma - respondeu La Mole.

- Pois bem - disse o florentino, tomando com as pontas dos dedos
algumas =gotas de água dum jarro, e que lançou sobre a cabeça da
figura, =pronunciando várias palavras latinas.

La Mole estremeceu; viu que se cometia um sacrilégio.

- Que está fazendo? - perguntou ele.

- Baptizo esta pequena figura com o nome da pessoa a quem ama.

- Mas para quê?

- Para estabelecer a simpatia.

La Mole abriu a boca para lhe pedir que não fosse mais adiante;

mas =um olhar de escárnio de Cocunás embargou-lhe a voz.

Renato, que vira o movimento, esperou.

- É preciso uma plena e inteira vontade - disse ele.

- Continue - respondeu La Mole.

Renato traçou sobre uma pequena bandeirola de papel vermelho

alguns =caracteres cabalísticos, atravessou-os com uma agulha de aço, e =com
essa agulha picou a estatuazinha no lugar do coração.

Coisa incrível! no orifício da ferida apareceu uma gotinha de
=sangue. Queimou depois o papel.

O calor da agulha derreteu a cera que estava em redor, e secou
a gotinha =de sangue.

- Deste modo - disse Renato -, pela força da simpatia, o seu amor
=penetrará o coração da mulher a quem ama.

Cocunás, na sua qualidade de espírito forte, ria pela surdina e =zombava em voz baixa; porém La Mole, amante e supersticioso, sentia =gotejar-lhe um suor gelado pela raiz do cabelo.

- Agora - disse Renato -, una os seus beijos aos da estátua,
=dizendo: Margarida, amo-te! Margarida!

La Mole obedeceu.

Neste momento ouviu-se abrir a porta da segunda câmara, e um rumor de =passos que se aproximavam. Cocunás, curioso e incrédulo, puxou do =punhal, e receando que, se tentasse levantar o pano de Arrás, Renato =lhe fizesse a mesma observação que Ilhe fizera quando quis abrir a =porta, rasgou com ele a espessa tapeçaria, e aplicando os olhos à =abertura, soltou um grito de susto, ao qual responderam dois gritos de =mulher.

- Que é isso! - perguntou La Mole, quase deixando cair a figurazinha =de cera, que mestre Renato lhe tirou das mãos.

- Que é, hem? - disse Cocunás - a duquesa de Nevers e a rainha =Margarida estão ali.

- Então, incrédulos?. - disse Renato, com um grave sorriso - =duvidam ainda da força da simpatia?

La Mole ficara petrificado ao ver a rainha. Cocunás teve um momento =de alucinação, reconhecendo a Sr. de Nevers; a um figurou-se que =os feitiços de mestre Renato tinham evocado

o fantasma de Margarida; o outro, vendo semiaberta a porta pela qual tinham entrado os encantadores fantasmas, achou facilmente a explicação deste prodígio no mundo vulgar e material.

Enquanto La Mole se benzia e suspirava de modo capaz de enternecer as pedras, Cocunás, que tivera tempo bastante para dirigir a si mesmo algumas perguntas filosóficas e para afugentar o espírito maligno com o auxílio desse hissope a que se chama incredulidade, Cocunás, vendo pela abertura o pasmo da Sr.a de Nevers e o sorriso um tanto mordaz de Margarida, conheceu que o momento era decisivo; e compreendendo que se pode dizer a respeito dum amigo aquilo que se não ousa dizer em favor de si próprio, em vez de se dirigir à Sr.a de Nevers, foi direito a Margarida, e pondo um joelho em terra, imitando o modo por que nas barracas das feiras se apresenta o grande Ataxerxes, disse com um certo acento que não era destituído de força:

- Minha Senhora, neste instante, a pedido do meu amigo, o Conde de La Mole, mestre Renato evocava a sombra de Vossa Majestade; ora, com grande espanto da minha parte, apareceu a sombra de Vossa Majestade acompanhada por um corpo que me é bem caro, e que eu recomendo ao meu amigo. Sombra da rainha de Navarra, digne-se Vossa Majestade dizer ao corpo da sua companheira que passe para o outro lado da cortina.

Margarida desatou a rir, e fez sinal a Henriqueta que passasse para o outro lado.

- La Mole, meu amigo! - disse Cocunás - sê eloquente como
=Demóstenes, como Cícero, como o Senhor Chanceler de L'Hospital,
e =pensa que a minha vida corre risco se não persuadires a sombra
da =Senhora Duquesa de Nevers de que sou o seu mais dedicado, mais
obediente =e mais fiel servo.

- Mas. - balbuciou La Mole.

- Faz o que te digo; e você, mestre Renato, tome sentido que não
=venham estorvar-nos. Renato fez o que lhe pedia Cocunás.

- Por minha vida! vejo que é homem de espírito - disse Margarida.
=- Quero ouvi-lo; que tem a dizer-me?

- Tenho a dizer-lhe, minha Senhora, que a sombra do meu amigo
(porque =é uma sombra, e a prova é que não profere a menor
palavra), =tenho a dizer-lhe que essa sombra me suplica que use
da faculdade que os =corpos têm de falar inteligivelmente para
dizer a Vossa Majestade: =Bela sombra, o fidalgo assim
desencorporado perdeu todo o corpo, todo o =movimento, pelo rigor
dos olhos de Vossa Majestade. Se Vossa Majestade =estivesse
presente em carne e osso, mais depressa pediria eu a mestre
=Renato que me submergisse nalguma caverna sulfúrea, do que me
=atreveria a exprimir-me por tal arte, falando com a filha do rei
=Henrique II, com a irmã do rei Carlos IX, e com a esposa do rei
de =Navarra. Mas as sombras são despidas de todo o orgulho
mundano, =não se agastam quando as amam. Rogue pois ao seu corpo,

minha =Senhora, que ame um pouco a alma deste pobre La Mole; alma atormentada =como nunca houve outra alma primeiramente martirizada pela amizade, que =por várias vezes lhe enterrou algumas polegadas de ferro no ventre; =alma abrasada pelo fogo dos olhos de Vossa Majestade, fogo mil vezes =mais devorador do que todos os fogos do Inferno. Tenha portanto =compaixão desta pobre alma. Ame um pouco aquilo que já foi o belo =La Mole; e se Vossa Majestade já não tem o dom da palavra, =sirva-se do gesto, use o sorriso. É uma alma muito inteligente a do =meu amigo: há-de entender tudo; Faça o que lhe peço, já =disse, quando não, com a minha espada atravessarei de lado a lado o =corpo de mestre Renato, para que, em virtude do poder que ele tem nas =sombras, obrigue a de Vossa Majestade, que ele já evocou tanto a =tempo, a praticar o que talvez não conviria ao decoro duma sombra =respeitável como me parece a de Vossa Majestade.

A esta peroração de Cocunás, que se tinha colocado diante da =rainha como Eneias descendo aos Infernos, Margarida não pôde =suster uma gargalhada; e, guardando o silêncio que em tal convinha a =uma sombra, estendeu a mão para Cocunás. Este pegou-lhe com delicadeza, e chamou La Mole, bradando:

146

- Sombra do meu amigo, chega-te imediatamente.

La Mole obedeceu, atónito e tremendo como um vime.

- Bem - disse Cocunás, passando-lhe a mão por detrás da =cabeça -, agora aproxime esse belo rosto trigueiro à branca e =vaporosa mão que lhe apresento.

E fazendo seguir a acção às palavras, Cocunás uniu aquela =fina mão à boca de La Mole, e conservou-as um instante =respeitosamente juntas uma à outra, sem que a mão tentasse fugir =dessa doce união.

Margarida não deixara de sorrir; porém a Sr. a de Nevers, ainda =trémula da aparição inesperada dos dois fidalgos, não =sorrisia.

O seu estado agravava-se ainda com toda a febre do ciúme que =acabava de nascer, porque lhe parecia que Cocunás não deveria =esquecer assim os seus negócios pelos dos outros.

La Mole viu-lhe a contracção das sobrancelhas, surpreendeu-lhe o =relampejar ameaçador dos olhos e, apesar do deleite em que se =embriagara, conheceu o perigo que o seu amigo corria, e adivinhou o que =devia tentar para o livrar.

Levantando-se, pois, e confiando a Cocunás a mão de Margarida, foi =tomar a da duquesa de Nevers, a quem disse, pondo-se de joelhos.

- Ó mais bela e mais adorável das mulheres! (falo das mulheres =vivas, e não das sombras) - e aqui dirigiu um olhar e um terno =sorriso a Margarida - permita que uma alma, solta do seu grosseiro =envoltório, repare os desvarios dum corpo todo absorvido por uma =amizade material. O Sr. de Cocunás, a quem está

vendo, não é =mais do que um homem; homem certamente agigantado, um físico =agradável, porém mortal como todos: omínu carfoenzun.

Se bem que =este fidalgo me dirija, desde pela manhã até à noite, as mais =fervorosas ladainhas a respeito da Senhora Duquesa; se bem que a Senhora =Duquesa o tenha visto dar as mais famosas estocadas de toda a França, =este campeão, tão eloquente para uma sombra, não se atreve a =falar a uma mulher. Foi por este motivo que ele se dirigiu à sombra =da rainha, encarregando-me de falar ao belo corpo da Senhora Duquesa, e =de lhe dizer que ele depõe a seus pés o seu coração e a sua =alma; que pede aos seus divinos olhos que o contemplem com piedade; aos =seus dedos rosados e abrasadores que o chamem com um sinal; à sua voz=vibrante e harmoniosa que lhe diga palavras que se não esquecem; =pediu-me ainda mais uma coisa: é que, no caso de que ele não tenha =forças para enternecer a Senhora Duquesa, que o atravesse segunda vez =com a minha espada, que é uma folha verdadeira; porque as espadas =não têm sombra senão ao sol; que o atravesse, digo, segunda vez =com a minha espada, porque ele não poderá viver se a Senhora =Duquesa o não autorizar a viver exclusivamente para a adorar. O capricho pretensioso que se notou no discurso de Cocunás =contrastava singularmente com o sensível, persuasivo e humilde da =súplica que La Mole acabava de fazer.

Os olhos de Henriqueta, que até então estiveram fixos em La Mole,

=a quem ela ouvira atentamente, voltaram-se para Cocunás, a fim de verificarem se a expressão do rosto do fidalgo concordava com a oração amorosa do seu amigo.

Parece que ficou satisfeita porque, ruborizando-se e respirando a custo, =disse a Cocunás, com um sorriso que fez aparecer dois fios de pérolas engastadas em coral:

- Isto é verdade?

- Se é verdade! - exclamou Cocunás, fascinado por este olhar, e =abrasado pelos fogos do mesmo fluido - se é verdade. Sim, minha =Senhora, verdade pela sua vida verdade pela minha morte!

- Então venha! - disse Henriqueta, estendendo-lhe a mão com uma =indiferença que era traída pela ternura dos olhos.

Cocunás atirou ao ar o seu gorro de veludo, e dum salto veio ter ao pé da duquesa, enquanto La Mole, chamado por um gesto de Margarida, =fazia com o seu amigo um chass croqué amoroso.

147

Neste momento apareceu Renato à porta do fundo.

- Silêncio! - bradou ele, com um tom que apagou toda aquela chama

- =silêncio! E ouviu-se, através da parede, o ruído duma chave que =dá volta, e o ranger duma porta abrindo-se.

- Mas - disse Margarida com altivez - parece-me que ninguém tem o =direito de quando nós aqui estamos.

- Nem mesmo a rainha-mãe?. - disse-lhe Renato, ao ouvido.

Margarida precipitou-se imediatamente pela escada exterior,
puxando La Mole para si; Henriqueta e Cocunás, meio enlaçados
um no outro, fugiram seguindo-lhes a pista.

Todos quatro voaram, como voam, ao menor rumor indiscreto, as
avezinhas que se acham sobre um ramo florido.

XX

AS GALINHAS PRETAS

Os dois pares fugiram a tempo. Catarina metia a chave na fechadura da =segunda porta no momento em que Cocunás e a S.ra de Nevers =desapareciam pela saída do fundo, e ao entrar ainda ouviu o ranger =dos degraus sob os passos dos fugitivos.

Lançou em redor um olhar perscrutador, e fixando finalmente um olhar =desconfiado sobre Renato, que estava de pé, e inclinado diante dela, =disse:

- Quem estava ali?

- Amantes que se contentaram com a minha palavra, quando lhes =certifiquei que se amavam.

- Deixemos isso - disse Catarina, encolhendo os ombros -, não há =mais ninguém aqui?

- Ninguém, senão Vossa Majestade e eu.

- Fizeste o que te disse?

- A respeito das galinhas pretas?

- Sim.

- Estão prontas, minha Senhora.

- Ah! se tu fosses judeu!. - disse Catarina a meia voz

- Judeu, minha Senhora, para quê?

- Para poderes ler os livros preciosos que os Hebreus escreveram

a =respeito dos sacrifícios. Mandeï traduzir um deles, e soube

que =não era nem no coração nem no fígado, como os Romanos, que
=os Hebreus procuravam os presságios: era na disposição dos
=miolos, e na configuração das letras que neles foram traçados
=pela mão onnipotente do destino.

- É verdade, minha Senhora, também ouvi dizer isso a um velho
=rabino meu amigo.

- Há - disse Catarina - caracteres tão bem desenhados, que
=manifestam uma vida profética toda inteira. O que unicamente os
=sábios caldeus recomendam.

- Recomendam. o quê? - perguntou Renato, vendo que a rainha
hesitava =em continuar.

- Recomendam que a experiência se faça em cérebros humanos, por
=isso que são mais desenvolvidos, e mais simpáticos com a vontade
=de quem os consulta.

- Ah, minha Senhora! Vossa Majestade bem sabe que isso é
=impossível.

- Dificil, ao menos - disse Catarina -, porque, se nós =tivéssemos
sabido isso pelo S. Bartolomeu. Que belo, Renato! que =abundante
colheita! O primeiro condenado. não me há-de esquecer. =No
entanto, conservemo-nos no círculo do possível. A câmara dos
=sacrifícios está pronta?

- Está, sim, minha Senhora.

- Vamos para lá.

Renato acendeu uma vela composta de elementos estranhos, e cujo cheiro, =ora subtil e penetrante,

149

ora nauseabundo e fumoso, revelava a introdução de diferentes =matérias; com essa vela alumiou Catarina, que entrou após ele para =o cubículo.

Catarina escolheu pela sua mão, entre todos os instrumentos de =sacrifício, uma faca de aço azulado polido, enquanto Renato foi =buscar uma das galinhas, que num canto volviam inquietas os seus olhos =dourados.

- Qual há-de ser o processo?

- Interrogaremos os fígados duma e os miolos da outra. Se as duas =experiências nos derem o mesmo resultado, deve-se crer nele, =principalmente se esses resultados combinarem com os já obtidos.

- Por onde começaremos?

- Pela experiência do fígado.

- Seja - disse René.

E prendeu a galinha sobre o pequeno altar a duas argolas postadas nas =extremidades, de modo que o animal, deitado de costas, não podia =fazer mais do que esvoaçar sem mudar de lugar.

Catarina abriu-lhe o peito dum só golpe. A galinha piou três =vezes, e expirou depois de esvoaçar muito tempo.

- Sempre três pios - disse Catarina -, três sinais de morte.

Depois abriu o corpo.

- E o fígado pendendo sempre para a esquerda - continuou ela -,
=sempre para a esquerda; sabes o que isto significa, Renato? Três
=mortes, seguidas duma deposição. É horrroso!

- É preciso ver, minha Senhora, se os presságios da segunda
=vítima coincidem com os da primeira.

Renato desprende a galinha morta, e atirou-a para um canto. Foi
depois =direito à outra que, julgando da sua sorte pela da
companheira, =tentou escapar correndo à roda do cubículo, até
que, vendo-se =quase presa num canto, voou por cima da cabeça de
Renato, e nesse voo =apagou a vela mágica que Catarina tinha na
mão.

- Vês, Renato? - disse a rainha - é assim que se extinguirá a =nossa
dinastia. A morte, com o seu sopro, a fará desaparecer da
=superfície da Terra. Contudo, três filhos, três filhos!.
=acrescentou ela tristemente e a meia voz.

Renato tomou-lhe da mão a vela mágica, e foi torná-la a acender
=ao quarto do lado.

Quando voltou, viu a galinha com a cabeça metida no cano da =pedra.

- Agora - disse Catarina - hei-de evitar-lhe os pios, porque vou
=cortar-lhe a cabeça duma só vez.

E assim foi; logo que René prendeu a galinha, Catarina cortou-lhe
a =cabeça, como dissera, duma só vez. Mas na última convulsão o

=bico abriu-se três vezes, e fechou-se para não mais se abrir.

- Vês? - disse Catarina, aterrada - não podendo piar três =vezes, deu três suspiros. Três, sempre três. Morrerão todos =três. Todas estas almas, antes de partirem, contam e chamam até =três. Vejamos agora os sinais dos miolos.

Catarina abateu então a lívida crista do animal, abriu

=cautelosamente o crânio, e separando as duas partes de modo que

=ficassem a descoberto os miolos, pôs-se a examinar se havia

alguma =letra formada pelas sinuosidades sanguíneas traçadas

pela =divisão da polpa cerebral.

- Sempre o mesmo! - exclamou ela, batendo com as mãos uma na outra

=sempre o mesmo! e desta vez o prognóstico é mais claro do que

=nunca. Olha.

Renato aproximou-se.

- Que letra é esta? - perguntou Catarina, designando-lhe um

=sinal.

- Um H - respondeu René.

- Repetido quantas vezes?

150

Renato contou.

- Quatro - disse ele.

- Então? então? é ou não é?. Bem o vejo: isto quer dizer, =Henrique

IV. Oh! - tornou ela surdamente, atirando com a faca - sou

=amaldiçoada na minha posteridade.

Fazia horror ver o semblante dessa mulher, pálida como um cadáver,

=alumiada pelo lúgubre clarão da vela mágica, e inteiriçando =as
mãos ensanguentadas.

- Há-de reinar - disse Catarina, com um suspiro de desesperação

=-, há-de reinar!

- Há-de reinar - repetiu Renato, sepultado em profunda

=meditação. Contudo, esta expressão lúgubre esvaeceu-se quase

=imediatamente das feições de Catarina à luz dum pensamento que

=parecia brotar-lhe no fundo do cérebro.

- Renato - disse ela, estendendo a mão para o florentino, e sem

=voltar a cabeça, que tinha inclinada para o peito -, não há uma

=história terrível dum médico de Perúsia que duma só vez, =por
meio duma pomada, envenenou a filha e o amante dela?.

- Sim, minha Senhora.

- E esse amante era. - continuou Catarina, sempre pensativa.

- Era o rei Ladislau, minha Senhora.

- Ah! sim, é verdade - disse ela. - Tens alguma obra que dê os

=pormenores desta história.

- Posso um livro velho que trata dela - respondeu Renato.

Passemos para a outra câmara. Há-de emprestar-mo.

Ambos saíram então do cubículo, e Renato fechou a porta.

- Vossa Majestade tem algumas ordens a dar- me para novos

=sacrifícios? - perguntou o florentino.

- Não, Renato, não; por agora estou suficientemente convencida.

=Esperaremos poder haver às mãos a cabeça de algum condenado; no

=dia da execução, entender-te-ás com o carrasco.

Renato inclinou-se em sinal de assentimento; depois

aproximou-se, com a =vela na mão, das estantes onde estavam os

livros, subiu a uma =cadeira, tirou um e deu-o à rainha.

Catarina abriu-o.

- Que é isto? - disse ela.

- Ah! perdoe-me, minha Senhora, enganei-me; isto é um tratado de

=montaria feito por um sábio luquês para o famigerado Castruccio

=Castracani. Estava ao lado do outro, encadernado do mesmo modo.

=Enganei-me. É todavia um livro preciosíssimo; não existem =senão

três exemplares no mundo: um que pertence à Biblioteca de =Veneza,

outro que foi comprado pelo avô de Vossa Majestade, =Lourenço,

e oferecido depois por Pedro de Médicis ao rei Carlos =VIII, quando este passou por Florença, e o terceiro é esse.

- Venero-o - disse Catarina - pela sua raridade; mas como não

preciso =dele, torno-to a dar. E estendeu a mão direita para

Renato, a fim de =receber o outro livro, enquanto com a esquerda

lhe entregava o que =primeiro recebera.

Renato não se enganou desta vez era realmente o livro que ela

=queria. O perfumista desceu, folheou-o um instante e

entregou-lho =aberto.

Catarina foi sentar-se a uma mesa; Renato pôs junto dela a vela
=mágica, e ao clarão dessa chama azulada leu ela algumas linhas
a =meia voz.

- Bem - disse daí a pouco, fechando o livro -, já sei o que queria
=saber. Levantou-se, deixando o livro sobre a mesa, e levando
unicamente =no espírito o pensamento que nele havia germinado e
que devia =amadurecer.

Renato esperou respeitosamente, com a vela na mão, que a rainha,
que =parecia prestes a retirar-se, lhe desse novas ordens, ou lhe
fizesse =novas perguntas.

152

Catarina deu alguns passos com a cabeça inclinada, e com o dedo
na =boca e em silêncio.

Parando depois de repente diante de Renato, e levantando para ele
os =olhos, redondos e fixos como os duma ave de rapina, disse:

- Confessa que fizeste algum filtro para ela.

- Para quem? - perguntou Renato, estremecendo.

- Para a Sauve.

- Eu, senhora? - disse Renato - nunca!

- Nunca?.

- Juro-lhe pela minha alma!

- Há entretanto magia nisto, porque ele ama-a como um louco; ele,
que =não tem fama de constante...

- Ele quem, minha Senhora?

- Esse maldito Henrique, aquele que há-de suceder aos nossos três
=filhos, aquele que se há-de chamar um dia Henrique IV, e que
=entretanto é filho de Joana d'Albret.

E Catarina acompanhou estas últimas palavras com um suspiro que
fez =arrepiar Renato, porque lhe recordava as luvas que, por ordem
de =Catarina, ele tinha preparado para a rainha de Navarra.

- Ele continua sempre a ir lá? - perguntou Renato.

- Sempre.

- Entretanto, eu julgava que o rei de Navarra se tinha voltado
de todo =para a esposa.

- Comédia, Renato, comédia. Não sei que fim tem tudo isto, mas
=sei que tudo se reúne para me enganar. A minha própria filha
=Margarida declara-se contra mim; talvez que espere também a
morte dos =irmãos, talvez que também espere ser rainha de França.

- Sim, talvez - disse Renato, mergulhando outra vez na sua
=meditação, e fazendo-se eco da terrível suposição de =Catarina.

- Enfim - disse Catarina -, veremos.

E dirigiu-se para a porta do fundo, julgando decerto inútil descer
=pela escada secreta, pois que tinha a certeza de estar só.

Renato foi adiante, e alguns instantes depois ambos se acharam
na =loja.

- Tinhas-me prometido novos cosméticos para as mãos e para os

=lábios, Renato - disse ela -, o Inverno está a chegar, e tu sabes

=que tenho a pele muito sensível ao frio.

- Já me ocupei disso, minha Senhora, e hei-de levar-lhos =amanhã.

- Amanhã à noite não me encontras antes das nove ou dez horas.

=De dia estou ocupada com as minhas rezas.

- Bem, minha Senhora, estarei no Louvre às nove horas.

- A Sr.a de Sauve tem belas mãos e belos lábios - disse Catarina,

=com ar de indiferença -, que creme usa ela?

- Para as mãos?

- Sim, primeiro para as mãos.

- Creme de heliotrópio.

- E para os lábios?

- Para os lábios vai servir-se dum novo opiato que inventei, e

do =qual contava levar amanhã uma caixinha a Vossa Majestade ao

mesmo =tempo que a ela.

Catarina ficou por um instante pensativa.

- Aliás, essa criatura é formosa - disse ela, respondendo sempre

=ao seu pensamento oculto. - Não há nada que admirar nessa =paixão

do Bearnês.

- E principalmente muito dedicada a Vossa Majestade, ao menos pelo

que =me parece - disse Renato.

153

Catarina sorriu, e encolheu os ombros.

- Quando uma mulher ama - disse ela -, dedica-se porventura a alguém =a não ser ao amante? Tu compuseste-lhe algum filtro, Renato?

- Juro-lhe que não, minha Senhora.

- Está bem, não falemos mais nisso. Mostra-me esse novo opiato que =deve tornar-lhe os lábios ainda mais frescos e rosados.

Renato chegou-se a uma prateleira, e mostrou a Catarina seis caixinhas =de prata do mesmo feitio, isto é, redondas, dispostas em fileira.

- Aqui está o único filtro que me tem pedido - disse Renato. -

=É verdade, como disse Vossa Majestade, que o compus expressamente =para ela, porque tem os lábios tão delicados, que tanto o sol como =o vento lhos crestam.

Catarina abriu uma dessas caixas; havia dentro uma pomada rubra como o =mais lindo carmim.

- Renato - disse ela -, dá-me também pomada para as mãos, =porque se me acabou a que tinha; levá-la-ei eu mesma.

Renato afastou-se, levando a vela, e foi procurar num compartimento =particular o que a rainha lhe pedia. Mas não se voltou tão devagar =que não julgasse ver que Catarina, com um rápido movimento, tirara =uma das caixinhas e a escondera debaixo da manta. Familiarizado como =estava com estas açções da rainha-mãe, não teve o descuido =de mostrar que dava fé do que

ela acabava de fazer. Tirando, pois, a =pomada pedida, fechada num papel ornado de flores-de-lis, disse:

- Aqui está, minha Senhora.

- Obrigado, Renato - disse Catarina.

E depois dum instante de silêncio:

- Não leves o opiato à Sr.a de Sauve senão daqui a oito ou dez =dias; quero experimentá-lo primeiro.

E dispôs-se para sair.

- Vossa Majestade quer que a acompanhe? - disse Renato.

- Só até ao fim da ponte - respondeu Catarina -, os meus fidalgos =esperam-me lá com a liteira.

Ambos saíram, e foram até à esquina da Rua da Barillerie, onde =quatro fidalgos a cavalo e uma liteira sem armas esperavam Catarina.

Entrando em casa, o primeiro cuidado de Renato foi contar as suas =caixinhas de opiato. Faltava uma.

XXI

O QUARTO DA BARONESA DE SAUVE

As suspeitas de Catarina não eram infundadas. Henrique prosseguiu de novo nos seus hábitos, indo todas as noites ver a Sr. de Sauve.

Esta excursão era feita ao princípio com o maior segredo, mas a amante foi a pouco e pouco perdendo o receio e desprezou as precauções a ponto tal que não custou muito a Catarina certificar-se de que Margarida só era rainha de Navarra no nome, que a rainha de facto era a Sra. de Sauve.

Dissemos duas palavras no começo desta história a respeito dos aposentos da Sra. de Sauve; mas a porta aberta por Darióle a Henrique fechava-se hermeticamente apenas ele entrava, de sorte que o teatro dos misteriosos amores do Bearnês é-nos completamente desconhecido.

Essa morada, do género das que os príncipes dão aos seus familiares nos palácios que habitam, a fim de os terem à mão, era mais pequena e menos cómoda do que seria qualquer outra situada na cidade. Ficava, como já dissemos, no segundo andar, por cima do quarto de Henrique, e a porta dava para um corredor, cuja extremidade recebia luz por uma janela oitavada com pequenas vidraças encaixilhadas em metal, e que, mesmo nos dias mais claros do ano, mal deixava penetrar uma fraca luz. No Inverno era preciso ter aceso um lampeão desde as três horas da

tarde; mas, como não lhe =deitavam maior porção de azeite do que no Verão, apagava-se =logo às dez horas da noite, e concorria

assim para que os dois =amantes estivessem com mais segurança logo que chegava o Inverno.

Uma pequena antecâmara forrada de damasco de seda com grandes flores =amarelas, uma sala de visitas forrada de veludo azul, um quarto de cama, =cujo leito de colunas retorcidas e com cortinas de cetim cor de cereja, =estava apenas separado da parede por um pequeno espaço onde se via um =espelho guarnecido de prata e dois quadros dos Amores, de Vénus e de =Adónis, tal era pousada (hoje dir-se-ia o ninho) da encantadora =açafata da rainha Catarina de Médicis.

Procurando bem, encontrar-se-ia ainda num canto escuro dessa câmara, =defronte dum toucador com todos os acessórios, uma pequena porta que =abria para uma espécie de oratório, onde, sobre dois degrauzinhos, =se elevava um genuflexório. Nas paredes desse oratório estavam =pendurados, como para servirem de correctivo aos dois quadros =mitológicos de que falámos, três ou quatro pinturas do mais =exaltado espiritualismo. Entre essas pinturas, e em pregos dourados, =havia suspensas alguma armas próprias de mulher, porque nessa =época de misteriosos enredos as mulheres usavam armas como os homens, =e às vezes serviam-se delas com a mesma destreza.

Nessa noite, que era a do dia imediato àquele em que se passaram

em =casa de mestre Renato as cenas que narrámos, a S.ra de Sauve, sentada =no quarto de dormir num divã, comunicava a Henrique os seus receios e =o seu amor, e apresentava-lhe, como prova desses receios e desse =amor,

155

a dedicação que ela lhe mostrara na famosa noite que se seguira =à de S. Bartolomeu, noite que

Henrique, como vimos, passara no quarto da mulher.

Por seu lado, Henrique exprimia-lhe o seu reconhecimento. A S.ra de =Sauve estava encantadora nessa noite, vestida com um simples roupão =de cambraia, e Henrique mostrava-se extremamente reconhecido. =

No meio de tudo, como Henrique amava realmente, estava pensativo.

Pela =sua parte, a baronesa de Sauve, que acabara por adoptar este amor =ordenado por Catarina, olhava muito para Henrique, a fim de ver se os =olhos estavam de acordo com as palavras.

- Vejamos, Henrique, seja franco! durante a noite passada no gabinete de =Sua Majestade a Rainha de Navarra, com o Sr. de La Mole aos pés, =não lamentou que esse fidalgo estivesse entre =472 o gabinete e o quarto de dormir da rainha?

- Decerto, minha amiga - disse Henrique -, porque me =era preciso absolutamente passar por essa câmara para ir àquela =onde estou tão bem, e onde sou tão feliz neste momento.

- E nunca =mais ali entrou depois?

- Senão as vezes que lhe disse.

- E nunca lá tornará a entrar sem mo dizer?

- Nunca.

- Seria capaz de jurá-lo.

- Decerto, se fosse ainda huguenote. Mas...

- Mas o quê?

- Mas a religião católica, cujos dogmas estou =aprendendo, diz-me que nunca se deve jurar.

=760- Gascão! - disse a Sr.a de Sauve, meneando a =cabeça.

- Agora, falemos de si, Carlota - disse Henrique. - Se =eu lhe perguntar alguma coisa, responderá às minhas perguntas?

- Certamente - respondeu a Sr.a de Sauve. - Não tenho nada que lhe =ocultar.

- Vejamos, Carlota - disse o rei -, explique-me, uma vez por todas, como =é que, depois dessa resistência desesperada que precedeu o meu =casamento, se tornou menos cruel para mim, que sou um simples bearnês, um provinciano ridículo, um =príncipe demasiado pobre, enfim, para conservar resplandecentes os =diamantes da coroa?

=760- Henrique - disse Carlota -, =como quer que eu lhe dê a decifração do enigma que os =filósofos de todos os países procuram decifrar há três mil =anos? Henrique, nunca pergunte a uma mulher

porque é que ela o ama; =contente-se em perguntar-lhe se o ama.

=184 - Ama-me, Carlota? - perguntou Henrique.

- Amo-o, sim - respondeu a Sr.a de Sauve, com um =sorriso encantador, deixando cair a sua bela mão na do amante.

Henrique apertou-lha.

- E se eu - tornou ele, prosseguindo o seu pensamento - tivesse =decifrado esse enigma que os filósofos procuram descobrir há =três mil anos, pelo menos relativamente a Carlota?...

A senhora de Sauve corou.

- Carlota ama-me - continuou Henrique -, por conseguinte não tenho =outra coisa a perguntar-lhe, e considero-me o homem mais feliz do mundo. =Mas bem sabe que sempre falta alguma coisa para se ser feliz. Adão, no centro do Paraíso, não se =julgou completamente feliz, e provou o pomo fatal, que nos deu a todos a =miserável precisão de curiosidade que faz com que não haja quem =não ande em procura de alguma incógnita. Diga-me, pois, minha =amiga, para me ajudar a encontrar a minha incógnita, se não foi a =rainha Catarina quem primeiro lhe disse que me amasse.

- Henrique - disse a Sr.a de Sauve -, fale mais baixo quando falar da =rainha-mãe.

- Oh! - disse Henrique, com uma confiança e indiferença com que a =própria Sr.a de Sauve

se iludiu - outrora, quando nos não dávamos bem, poder-se-ia
=desconfiar dela, dessa boa mãe; mas hoje, que sou marido de sua
=filha.

- Marido de Margarida? - disse Carlota corando.

- Fale também mais baixo, minha querida amiga - disse Henrique.

- =Agora, que sou marido de sua filha, somos os melhores amigos
do mundo. =Que é que se queria? Que me fizesse católico, ao que
parece. Pois =bem: fui tocado da divina graça, e pela intervenção
de S. =Bartolomeu tornei-me católico. Vivemos agora em família,
como =bons irmãos, como bons cristãos.

- E a rainha Margarida?

- A rainha Margarida? - disse Henrique - que tem? É o laço que
nos =une a todos.

- Mas, Henrique, tinha-me dito que a rainha de Navarra, em
recompensa da =dedicação que eu mostrara por ela, fora generosa
comigo. Se me =disse a verdade, se essa generosidade, pela qual
eu lhe votei tão =grande reconhecimento, é real, ela é apenas um
laço de =convenção fácil de quebrar. Não pode, pois, Henrique,
=firmar-se em semelhante base, porque ainda não conseguiu
impor-se a =ninguém com essa pretendida intimidade.

- Não obstante, é nessa base que me firmo, e é há três =meses o
travesseiro a que me encosto.

- Então, Henrique, enganou-se - disse a Sr.a de Sauve -, é porque

=Madame Margarida é verdadeiramente sua mulher.

Henrique sorriu.

- Aí está, Henrique! eis um desses sorrisos que me desesperam,
e =que fazem com que, apesar de rei que é, eu tenha às vezes =cruéis
desejos de lhe arrancar os olhos.

- Então - disse Henrique - sempre eu consigo impor-me a alguém
com =esta pretendida intimidade, visto que há momentos em que
Carlota, =apesar de eu ser rei, quer arrancar-me os olhos, uma
vez que Carlota =julga que existe essa intimidade.

- Parece-me - disse Carlota - que nem mesmo Deus sabe o que é que
=Henrique pensa. - Penso, minha amiga - disse Henrique -, que de
=princípio foi Catarina que lhe disse que me amasse, que o seu
=coração lhe disse depois o mesmo, e que, quando estas duas vezes
=lhe falam, Carlota só escuta a do seu coração. Agora, quanto a
=mim, também a amo, e de toda a minha alma; é mesmo por isso que
=quando eu tiver segredos, não lhos confiarei. com receio de a
=comprometer, bem entendido. porque a amizade da rainha é
mutável, =é a amizade duma madrasta.

Não era este modo de falar que agradava a Carlota; parecia-lhe
que =esse véu que se estendia entre ela e o amante todas as vezes
que =queria sondar os abismos desse coração sem fundo, tomava a
=consistência duma muralha e os separava um do outro. Sentiu
=arrasarem-se-lhe os olhos de água a esta resposta, e como nesse

=momento deram dez horas, disse:

- Senhor, são horas de me deitar. O meu serviço obriga-me a ir

=amanhã muito cedo para o quarto da rainha-mãe.

- Então põe-me fora esta noite, minha amiga? - disse Henrique.

- Henrique, estou triste; estando eu triste, há-de achar-me

=insípida, e nesse caso não me amará mais. Bem vê, pois, que =é melhor retirar-se.

- Como quiser - disse Henrique. - Retirar-me-ei, se o exige,

Carlota; =mas, seja como for, há-de conceder-me a graça de me deixar estar =aqui mais um momento:

- Mas a rainha Margarida, Senhor, há-de estar à sua espera.

- Carlota - respondeu Henrique com seriedade -, tínhamos concordado =em não falar nunca da rainha de Navarra, e parece-me que esta noite =não temos falado senão dela.

A Sra de Sauve suspirou, e foi sentar-se defronte do toucador;

Henrique =puxou uma cadeira, levou-a para junto de Carlota e,

pousando os =braços nas costas da que ela ocupava, disse: - Vamos,

minha Carlota, =quero vê-la fazer-se formosa, e formosa para mim,

apesar de tudo o =que tem dito. Meu Deus! tantas coisas! tantas

coisas! tantos =boiõezinhos de perfumes, tantos a tuchos de pós,

tantos =frasquinhos, tantas caçoilas!.

157

- Parece muito - disse Carlota suspirando -, entretanto, é bem

pouco, =porque com tudo isto ainda não achei o meio de reinar
sozinha no =coração de Vossa Majestade.

- Então que é isso? - disse Henrique - tornamos a cair na
=política? Deixemos essas coisas.

Que pincelinho é este, tão fino, tão delicado? Não será =para
pintar as sobrancelhas do meu Júpiter Olímpico?.

- É. para isso mesmo, Senhor - respondeu a Sr. a de Saue, sorrindo
- =adivinhou logo à primeira vista.

- E este lindo pente de marfim?

- É para traçar a risca dos cabelos.

- E esta delicada caixinha de prata, tão bem lavrada?

- Oh! isso é uma remessa de Renato: é o famoso opiato que há =tanto
tempo me prometeu para adoçar mais estes lábios, que Vossa
=Majestade tem a bondade de achar às vezes bem doces.

E Henrique, como para confirmar o que acabava de dizer a
encantadora =mulher, cujo rosto se desanuviava à medida que a
chamavam para o =terreno da galantaria, uniu os seus lábios
àqueles que a baronesa =mirava com atenção ao espelho.

Carlota levou a mão à caixinha que acabava de ser o objecto
=da precedente explicação, para

mostrar certamente a Henrique de que maneira se empregava a massa
=vermelha; mas neste momento ouviu-se na porta da antecâmara uma
forte =pancada que fez estremecer os dois amantes.

- Batem, Senhora - disse Dariole, metendo a =cabeça por entre o reposteiro.

- Vai ver quem é, e volta.

Henrique e Carlota olharam inquietos um para o outro, e já =aquele tratava de retirar-se para o oratório, onde já por mais duma vez achara refúgio, quando =Dariole tornou a aparecer.

- Minha Senhora - disse ela -, é mestre Renato, o perfumista. Ao ouvir este nome, Henrique carregou o sobrolho e mordeu =involuntariamente os lábios.

- Não quer que o mande entrar? - perguntou Carlota.

- Pelo contrário - disse Henrique -, mestre Renato pensa sempre no =que faz; se vem ao seu aposento, é porque tem razões para o =fazer.

- Então quer-se esconder?

- Por modo nenhum - disse Henrique -, porque =mestre Renato, sabendo tudo, sabe portanto que estou aqui.

- Mas Vossa Majestade não tem alguma razão para =que a presença deste homem lhe seja dolorosa?

- Eu? - disse Henrique, fazendo um esforço, que, apesar do seu poder =sobre si mesmo, não pôde inteiramente dissimular - eu? nenhuma; =estávamos um pouco frios, é verdade, mas depois do S. Bartolomeu reconciliámo-nos.

- Mande entrar - disse a Sr.a de Saue a Darióle.

Um instante depois apareceu Renato, que lançou um olhar com o qual
=abrangeu toda a câmara.

A Sr.a de Saue conservou-se defronte do toucador.

Henrique tomara de novo o seu lugar sobre o divã.

Carlota estava no lugar iluminado, e Henrique na sombra.

- Minha Senhora - disse Renato com respeitosa familiaridade -
venho =pedir-lhe as minhas desculpas.

- E de quê, Renato? - perguntou a Sr.a de Saue, com essa
=condescendência que as senhoras formosas têm sempre com a
=multidão de fornecedores que as cercam, e que tendem
a torná-las mais bonitas.

- Por ter prometido há tanto tempo trabalhar para esses lábios,
e =não...

- E não ter cumprido a sua promessa senão hoje, não é assim? =-
disse Carlota.

158

- Senão hoje? - repetiu Renato.

- Sim; foi só hoje, e à noite, que recebi aquela caixinha que me
=mandou.

- Ah! sim - disse Renato, olhando dum modo estranho para a caixinha
de =opiato que estava em cima da mesa da Sr.a de Saue, e que era
em tudo =igual às que ele tinha no seu armazém.

Adivinhei! disse Renato, a meia voz. - E já se serviu dele?

- Ainda não, ia experimentá-lo quando o senhor entrou.

O semblante de Renato tomou uma expressão pensativa, que não escapou a Henrique, a quem poucas coisas escapavam.

- Então que é isso, Renato? Que tem? - perguntou o rei.

- Eu? nada, meu Senhor - disse o perfumista. - Espero humildemente que =Vossa Majestade me dirija a palavra, antes de me despedir da Senhora =Baronesa.

- Ora, deixemo-nos disso! - disse Henrique, sorrindo. - Então precisa =das minhas palavras para saber que o vejo com tanto prazer?

Renato olhou em redor de si, deu volta ao quarto, como para sondar com =os olhos e os ouvidos as portas e as tapeçarias, e, parando de novo e =pondo-se de forma que pudesse abranger com o mesmo olhar a Sr.a de Saue =e Henrique, disse:

- Não sei.

Henrique, advertido, graças a esse admirável instinto que, =semelhante a um sexto sentido, o guiara durante toda a primeira parte da =vida no meio dos perigos que o cercavam, que se passava neste momento =alguma coisa extraordinária, e que se parecia a uma luta no =ânimo do perfumista, voltou-se para ele e, continuando a ficar na =sombra, ao passo que o rosto do florentino se conservava iluminado, =disse:

- Renato aqui, a esta hora?

-Terei a desgraça de incomodar a Vossa Majestade? - respondeu o

=perfumista, dando um passo para trás.

- Não; desejo porém saber uma coisa.

- Qual é, meu Senhor?

-Julgou encontrar-me aqui?

- Estava certo disso.

- Então procurava-me?

- Pelo menos, julgo-me muito feliz por tê-lo encontrado.

- Tem alguma coisa a dizer-me? - insistiu Henrique.

- Talvez, meu Senhor - respondeu Renato.

Carlota corou, porque temia que a revelação que o perfumista

=parecia querer fazer fosse relativa ao seu procedimento para com

=Henrique; tomou, pois, um ar de quem, toda entregue aos cuidados

do =tocado, nada tinha ouvido e, interrompendo a conversação:

- Mestre Renato - disse ela, abrindo a caixinha de opiato - é

=realmente um homem admirável; esta massa tem uma cor

maravilhosa, e =visto que o seu autor está presente, vou, para

honrá-lo, =experimentar diante dele a sua nova produção.

E pegando na caixa com uma das mãos, passou a ponta do dedo da

outra =pela superfície da massa rosada que devia ir do dedo para

os =lábios.

Renato estremeceu.

A baronesa, sorrindo, aproximou o opiato da boca.

Renato empalideceu.

Henrique, sempre na sombra, mas com os olhos fixos e ardentes, não =perdia nem um só movimento dela, nem o mais leve estremecimento =dele.

Só faltariam algumas linhas para que Carlota tocasse com a massa nos =lábios, quando Renato lhe susteve o braço, no próprio momento =em que Henrique se levantava para fazer o mesmo.

159

Henrique tornou a sentar-se, sem ruído, no divã.

- Espere um pouco, minha Senhora - disse Renato, com um sorriso =constrangido -, este opiato não devia empregar-se sem algumas =recomendações particulares.

- E quem me dará essas recomendações?

- Eu.

- E quando?

- Dentro em pouco; logo que terminar o que tenho a dizer a Sua Majestade =o Rei de Na varra.

Carlota fez um gesto de espanto, não compreendendo nada desta =linguagem misteriosa que se falava junto dela, e ficou como imóvel, =com a caixinha de opiato na mão, e olhando para a ponta do dedo, =enrubescida pela massa encarnada.

Henrique levantou-se e, movido por um pensamento que, como todos

os do =jovem rei, tinha dois lados, um que parecia superficial,
e outro que era =profundo, foi tomar a mão com que Carlota tirara
a massa e fez um =movimento para a levar aos lábios.

- Espere - disse vivamente Renato -, espere um pouco. Minha
Senhora, =queira lavar as suas belas mãos com este sabonete de
Nápoles, que =me esqueci de mandar-lhe com o opiato, e que tenho
a honra de lhe =trazer.

E tirando do envoltório prateado um sabonete de cor esverdeada
=pô-lo numa bacia de prata dourada, deitou-lhe água e com um
joelho =em terra apresentou tudo à Sr.a de Sauve.

- Deveras, mestre Renato! estou-o desconhecendo - disse Henrique
-, tem =galanteios que deixam a perder de vista todos os leões
da corte.

- Oh! que delicioso aroma! - exclamou Carlota, esfregando as suas
=delicadas mãos com a espuma nacarada que saía do balsâmico
=sabonete.

Renato desempenhou até ao fim as suas funções de respeitoso
=criado, e apresentou uma toalha de Fino linho de Frísia à Sr.a
de =Sauve, que enxugou as mãos.

- Agora, meu Senhor - disse o florentino a Henrique -, satisfaça
o =seu desejo. Carlota apresentou a mão a Henrique, que a beijou,
e =enquanto ela se voltava um pouco sobre a cadeira para ouvir
o que Renato =ia dizer, o rei de Navarra foi ocupar novamente o

seu lugar, mais =convencido do que nunca de que se passava no espírito do florentino =alguma coisa de extraordinário.

- Então? - disse Carlota.

O florentino pareceu armar-se de toda a sua resolução e voltou-se =para Henrique.

160

SENHOR, VOSSA MAJESTADE hÁ-DE SER REI!

- Meu Senhor - disse Renato a Henrique -, venho falar-lhe duma coisa de =que me ocupo há muito tempo.

- De perfumes? - disse Henrique, sorrindo.

- E então? de que se admira? sim, meu Senhor. de perfumes - respondeu =Renato com um gesto singular de aquiescência.

- Fale; quero ouvi-lo, é assunto que sempre me interessou muito.

Renato olhou fixamente para Henrique, tentando ler, mau grado as suas =palavras, nesse impenetrável pensamento; mas vendo que era coisa =inteiramente impossível, continuou:

- Acaba de chegar de Florença um amigo meu muito dado à =astrologia.

- Não me admira - interrompeu Henrique -, sei que é uma paixão =florentina. - Reunido aos primeiros sábios do mundo, tirou ele os =horóscopos de quase todos os grandes da Europa.

- Ah, sim? - disse Henrique.

- E como a Casa de Bourbon é a primeira das mais distintas, por

isso =que descende do conde de Clermont, quinto filho de S. Luís,
bem vê =que não havia de esquecer tirar-se o de Vossa Majestade.

Henrique prestou ainda mais atenção.

- E lembra-se desse horóscopo? - disse o rei de Navarra, sorrindo
com =afectada indiferença.

- Oh! - prosseguiu Renato, meneando a cabeça - o horóscopo de
=Vossa Majestade não é daqueles que se esquecem.

- Deveras? - disse Henrique, com um gesto irónico.

- Sim, meu Senhor; segundo os termos desse horóscopo, aguardam
a =Vossa Majestade os mais brilhantes destinos.

Os olhos brilhantes do mancebo relampejaram involuntariamente;
mas o =seu brilho apagouse quase ao mesmo tempo numa nuvem de
=indiferença.

- Todos os oráculos italianos são lisonjeiros - disse Henrique

- e =quem diz lisonjeiro, diz mentiroso. Não houve já quem
predissesse =que eu comandaria exércitos?.

E o príncipe desatou a rir.

Mas um observador menos ocupado dele do que estava Renato, teria
=percebido o esforço que Henrique fizera para rir assim.

- Meu Senhor - disse friamente Renato -, o horóscopo anuncia coisa
=melhor.

- Anuncia que hei-de ganhar batalhas à frente dum desses
=exércitos, não?

- Melhor do que isso, meu Senhor.
- Que tal! querem ver que hei-de ser conquistador?.
- Meu Senhor, Vossa Majestade há-de ser rei.
- E, com mil demónios! - disse Henrique, reprimindo uma violenta =palpitação no peito - não o sou eu já?.
- Meu Senhor, o meu amigo sabe o que promete: não só Vossa =Majestade será rei, mas há-de reinar.
- Então o seu amigo - disse Henrique, com o mesmo ar de zombaria
- =precisa de dez escudos de ouro, não é verdade, Renato? Uma tal =profecia, principalmente em semelhantes tempos, tem direito a boa paga. =Mas, Renato, como eu não sou rico, darei agora cinco escudos ao =seu
- amigo, e os outros cinco recebê-los-á quando a profecia se =cumprir.
- Senhor - disse a Sr. de Saue -, não se esqueça Vossa Majestade =de que já contraiu um compromisso com Darióle, não se =sobrecarregue de promessas.
- Mas, Senhora - disse Henrique -, conto que, chegado esse momento, =hei-de poder tratar-me como rei, e que todos se darão por satisfeitos =se eu cumprir metade do que tenho prometido.
- Meu Senhor - disse Renato -, eu continuo.
- Pois ainda não disse tudo? - observou Henrique. - Bem, se vier

a =ser imperador, darei o dobro.

- Meu Senhor, o meu amigo voltou de Florença com este horóscopo,

=renovou-o em Paris

com o mesmo resultado e confiou-me um segredo.

- Um segredo de interesse para Sua Majestade? - perguntou

vivamente =Carlota.

- Assim o creio - disse o florentino.

Está estudando as palavras - disse Henrique consigo, sem ajudar

em =nada a Renato - parece que a coisa é difícil de dizer.

- Então queira falar - prosseguiu com curiosidade a baronesa de

=Sauve. - De que se trata?

- Trata-se - disse o florentino, pesando todas =as palavras

uma por uma - de todos esses

boatos de envenenamentos que de certo tempo para cá =têm ocorrido

na corte.

Uma leve crispação de nariz foi o único =indício da crescente

atenção do rei de Navarra a essa

súbita digressão que a conversa tomava.

- E esse florentino seu amigo - disse Henrique - sabe alguma coisa

=desses envenenamentos?

- Sabe, sim, meu Senhor.

- E como é que me vem confiar um segredo de outrem, =Renato, e

segredo tão importante?

- disse Henrique, com o ar mais natural que pôde afectar.

- Este amigo tem um conselho a pedir a Vossa Majestade.

- A mim?

- E que admiração é essa, meu Senhor? Não =se lembra Vossa

Majestade desse veterano de Actium que, tendo uma =demanda, pediu um conselho a Augusto?

- Augusto era letrado, Renato, e eu não.

- Meu Senhor, quando o meu amigo me confiou este segredo, Vossa =Majestade era ainda

o primeiro chefe do partido calvinista, e o Sr. de Condé o =segundo.

- E daí? - disse Henrique.

- Este amigo esperava que Vossa Majestade empenharia toda a sua =influência com Sua Alteza

o Príncipe de Condé para lhe rogar que lhe não fosse =hostil.

- Explique-se, Renato, se quer que o entenda - disse Henrique, sem =mostrar a menor alteração no semblante ou na voz.

- Meu Senhor, uma só palavra bastará para que Vossa Majestade me =entenda: este amigo

162

sabe de todas as particularidades da tentativa que se fez para envenenar =Sua Alteza o Príncipe de Condé.

- Pois quiseram envenenar o príncipe de Condé? - perguntou

=Henrique, simulando perfeita admiração. - Deveras? E quando foi
=isso?

Renato olhou fixamente para o rei, e respondeu estas únicas
=palavras:

- Há oito dias, meu Senhor.

- Algum inimigo? - perguntou o rei.

- Isso não - respondeu Renato -, um inimigo que Vossa Majestade
=conhece, e que conhece Vossa Majestade.

- Com efeito - disse Henrique -, parece-me que ouvi falar disso;
mas =ignoro os pormenores, os quais parece que o seu amigo me quer
=referir.

- Ofertaram um pêro de cheiro ao príncipe de Condé; mas,
=felizmente, o seu médico estava em casa dele quando lho
trouxeram. =Recebeu-o da mão do portador, e cheirou-o para lhe
conhecer o aroma e =a virtude. Dois dias depois, uma inchação
gangrenosa do rosto, uma =extravasção de sangue, uma chaga viva
que lhe devorou a face, =foram o preço da sua dedicação ou o
resultado da sua =imprudência.

- Desgraçadamente - respondeu Henrique -, sendo eu já
=semicatólico, perdi toda a influência no príncipe de Condé; =o
seu amigo faria portanto mal em dirigir-se a mim.

- Não era somente junto do príncipe de Condé que Vossa =Majestade
podia, pela sua influência, ser útil ao meu amigo, mas =também

junto do príncipe de Porcian, irmão do que foi =envenenado.

- Ora, mestre René! - disse Carlota - as suas histórias parecem =arranjadas para meter medo. Está requerendo fora de propósito. =Já é tarde; a sua conversa é mortuária; os seus perfumes =valem mais, certamente.

E Carlota tornou a estender a mão para a caixinha de opiato.

- Minha Senhora - disse Renato -, antes de experimentá-lo, deixe-me =dizer-lhe os maus efeitos que os malévolos podem tirar dele.

- Decididamente, mestre Renato, está hoje muito fúnebre! - disse a =baronesa. Henrique franziu o sobrolho, mas compreendeu que Renato queria =ferir um alvo que se não tinha patenteado ainda, e resolveu levar a =cabo essa conversação que lhe despertava tão dolorosas =recordações.

- E - prosseguiu - sabe também os pormenores do envenenamento do =príncipe de Porcian?

- Sei, sim, meu Senhor - respondeu Renato. - Sabia-se que ele costumava =dormir tendo um lampeão aceso junto da cama; envenenaram o azeite e =foi asfixiado pelo cheiro.

Henrique torcia as mãos enraivecido.

- Portanto - disse ele, com voz concentrada -, aquele a quem chama seu =amigo sabe não só os pormenores desse envenenamento, mas até =quem é o autor, não é assim?

- Exactamente, meu Senhor; e era por isso que ele queria saber se Vossa =Majestade teria bastante influência no príncipe de Porcian para =obter dele o perdão do assassino do irmão.

- Desgraçadamente - respondeu Henrique -, sendo eu ainda =semi-huguenote, não tenho influência alguma no príncipe de =Porcian; o seu amigo faria portanto mal em dirigir-se a mim.

- Mas o que julga Vossa Majestade das disposições de Suas Altezas =os Príncipes de Condé e o de Porcian?

- Como posso eu conhecer as disposições em que eles estão, =Renato? Deus não me concedeu (ao menos que eu saiba) o privilégio =de ler nos corações.

- Vossa Majestade pode interrogar o seu próprio coração - disse =o florentino com tranquilidade. - Não há na vida de Vossa =Majestade algum acontecimento tão doloroso que seja uma =pedra-de-toque para a generosidade?

163

Estas palavras foram pronunciadas com um acento que fez estremecer a =própria baronesa: era uma alusão tão directa, tão =sensível, que a dama se voltou para esconder a sua vermelhidão e =para evitar o encontro dos olhos de Henrique.

Henrique fez um esforço supremo sobre si mesmo, amenizou o semblante, =que, enquanto falara o florentino, se havia carregado de ameaças, e =mudando em vaga meditação a nobre dor filial que

Lhe apertara o =coração, disse:

- Na minha vida, um acontecimento tenebroso?. não, Renato, não;
da =minha juventude só me lembram as loucuras e os desvarios, de
mistura =com as necessidades mais ou menos cruéis que a todos nos
impõem os =deveres da natureza ou as provas que Deus nos manda.
Renato constrangeu-se também, repartindo a sua atenção entre
=Henrique e Carlota, como para excitar um e reter outra; porquanto
=Carlota, pondo-se ao tocador para ocultar a inquietação que
esta =conversação lhe causava, estendera outra vez a mão para a
=caixinha do opiato.

- Mas, em suma, meu Senhor, se Vossa Majestade fosse irmão do
=príncipe de Porcian, ou filho do príncipe de Condé, e tivessem
=envenenado seu irmão, ou assassinado seu pai.

Carlota soltou um pequeno grito, e tornou a aproximar o opiatos
dos =beijos. Renato viu o movimento, mas desta vez não o embarçou
=nem com a palavra nem com o gesto; bradou porém:

- Em nome de Deus! responda, Senhor: se Vossa Majestade estivesse
no =lugar deles, que faria?

Henrique reconcentrou-se; com a mão trémula enxugou a testa, por
=onde lhe filtravam algumas gotas de suor frio, e pondo-se
majestosamente =de pé, respondeu no meio do silêncio que
suspendia até a =respiração de Renato e de Carlota:

- No lugar deles, e se eu tivesse a certeza de ser rei, isto é,

de =representar Deus na Terra, faria como Deus faz: perdoaria.

- Minha Senhora - disse Renato, arrebatando o opiato das mãos da

Sr.a =de Saue -, dê-me essa caixinha; estou certo de que o meu

caixeiro se =enganou quando lha trouxe. Amanhã lhe mandarei

outra.

UM NOVO CONVERTIDO

No dia seguinte devia haver grande caçada no bosque de S.

=Germano.

Henrique ordenara que lhe tivessem pronto para as oito horas da

=manhã, isto é, selado um pequeno cavalo de Béarn, que =tencionava

oferecer à Sr.a de Sauve, mas o qual desejava experimentar

=primeiro. Às oito horas menos um quarto estava o cavalo

aparelhado; =às oito horas em ponto, desceu Henrique.

O cavalo, soberbo e feroso, apesar da sua pequena marca, ouriçava

as =crinas e campeava no pátio. O tempo estivera frio, e a geada

cobria o =chão.

Henrique dispôs-se a atravessar o pátio em direcção ao lado =das

cavaliças onde o esperavam o cavalo e o palafreireiro, quando,

=ao passar por diante dum soldado suíço, de sentinela à porta,

=esse soldado lhe apresentou a arma, dizendo:

- Guarde Deus Sua Majestade o Rei de Navarra!

A esta continência, e principalmente ao acento da voz, o Bearnês

=sobressaltou-se. Voltou-se, e deu um passo para trás.

- De Mouy! - disse ele baixinho.

- Sim, meu Senhor: de Mouy.

- Que veio fazer aqui?

- Procuvo Vossa Majestade.

- Que me quer?

- Preciso falar a Vossa Majestade.

- Desgraçado! - disse o rei, aproximando-se dele - não sabes que
=arriscas a cabeça?

- Sei.

- E então?

- Então, estou aqui.

Henrique empalideceu um tanto, porque viu que partilhava esse
risco a =que o ardente mancebo se expunha. Lançou, pois, um olhar
desconfiado =em torno de si, e recuou outra vez com tanta
vivacidade como da =primeira.

Tinha visto o duque de Alençon a uma janela.

Mudando imediatamente de modo, Henrique tomou o mosquete da mão
de de =Mouy, posto, como dissemos, de sentinela, e fingindo
examiná-lo, =disse- lhe:

- Era preciso, decerto, um motivo bem forte para que o Sr. de Mouy
=viesse assim meter-se na boca do lobo.

- Não há dúvida. É por isso que há oito dias tenho feito =todos
os esforços para me encontrar com Vossa Majestade. Só ontem =é
que soube que Vossa Majestade tinha de experimentar um cavalo esta
=manhã, e então vim estacionar à porta do Louvre.

165

- Mas como pôde servir-se deste uniforme?

- O capitão da companhia é protestante e meu amigo.

- Tome o seu mosquete, continue a sentinela. Estão-nos vendo. Na

=volta farei por lhe dizer

uma palavra; mas se eu lhe não falar, não me faça parar. =Adeus.

De Mouy continuou a passear como fazem as sentinelas, e Henrique

=dirigiu-se para onde

estava o cavalo.

- Que cavalinho é esse? - perguntou o duque de Alençon, da =janela.

- É um cavalo que vou experimentar.

- Mas isso não é cavalo para homem.

- Por isso o destino a uma formosa dama.

- Cautela, Henrique, não vá ser =indiscreto, porque nós

havemos de ver essa formosa dama na caçada; =e se eu não souber

de quem Vossa Majestade é cavalheiro, saberei =ao menos de quem

é escudeiro.

- Qual! não há-de sabê-lo - disse Henrique, com a sua afectada

=bonomia -, porque a dama a que me refiro está muito indisposta,

e por =isso não pode sair esta manhã.

E montou no cavalo.

- Ah! - disse d'Alençon rindo - pobre Sr a de =Sauve!

- Francisco! Francisco! Vossa Alteza é que é indiscreto.

- Mas que tem a bela Carlota? - prosseguiu o duque de Alençon.

- Verdadeiramente, não sei - continuou Henrique, lançando o

cavalo =a meio galope, e fazendo-o descrever um círculo de picaria

-, um =grande peso na cabeça, segundo me disse

Daríole, uma espécie de abatimento... enfim, uma fraqueza =geral.

- E isso privar-nos-á da companhia de Vossa Majestade? - perguntou o =duque.

- E porquê? - disse Henrique - Vossa Alteza sabe que eu sou doido por =caçadas, e que nada há que me possa fazer perder uma.

- Entretanto há-de perder esta, Henrique - observou o duque, depois =de se ter voltado e de conversar um instante com alguém que ficara =invisível para Henrique, visto que falava do fundo da câmara -, porque Sua Majestade acaba de me mandar dizer que =não pode realizar-se a caçada.

- Oh! - disse Henrique com ar muito contrariado. - E porquê?

- Parece-me que chegaram officios muito importantes do Sr. de Nevers. =Há conselho entre o rei, a rainha-mãe e meu irmão o duque de Anjou.

Ah! - disse Henrique consigo - chegariam notícias da Polónia?

E depois, em voz alta:

- Nesse caso - continuou ele -, é inútil que eu me arrisque mais =tempo nesta geada. Até logo, mano.

E parando o cavalo defronte de de Mouy disse:

- Meu amigo, chama um dos teus camaradas para acabar a sentinela.

Ajuda =o palafreireiro a desaparelhar este cavalo, põe o selim à

cabeça =e leva-o à casa do ourives da selaria.

Tem que lhe pôr uma guarnição que não pode ficar pronta para =hoje.

Vem depois trazer-me

a resposta.

De Mouy obedeceu imediatamente, porque o duque de Alençon tinha

=desaparecido da janela, e era evidente que concebera alguma

=suspeita:

E realmente, apenas ele voltara o passadiço, apareceu o duque de

=Alençon. Um verdadeiro

suiço estava no lugar de de Mouy.

D'Alençon olhou com grande atenção para a nova sentinela, e

=voltando-se depois para Henrique, disse:

- Não era com esse homem que estava conversando há pouco, pois

=não, mano?

166

- O outro é um rapaz de minha Casa, a quem fiz assentar praça nos

=suiços; foi levar um recado que lhe dei.

- Ah! - disse o duque, como se se contentasse com esta resposta.

- E =Margarida, como está?

- Vou agora saber dela.

- Não a vê desde ontem?

- Não. Fui ao seu quarto esta noite por volta das onze horas, mas

=Gillonne disse-me que ela estava cansada e que já dormia.

- Agora não a encontrará nos seus aposentos; saíu.

- É possível - disse Henrique -, tinha que ir ao Convento da

=Anunciada. Não havia meio de levar a conversação mais longe.

=Henrique parecia unicamente decidido a responder.

Os dois cunhados separaram-se portanto: o duque de Alençon para

ir =saber as notícias, segundo disse; o rei de Navarra com

direcção =ao seu quarto.

Logo que os dois cunhados se separaram, bateram à porta do quarto

de =dormir de Henrique.

- Quem é? - perguntou ele.

- Meu Senhor - respondeu uma voz que Henrique conheceu pela de

de Mouy =-, trago a resposta do ourives da selaria.

Henrique, visivelmente perturbado, mandou entrar o mancebo e

tornou a =fechar a porta.

- É o senhor, de Mouy! - disse Henrique. - Eu esperava que

=reflectisse.

- Senhor - respondeu de Mouy -, há três meses que reflecto; já

=basta, devo agora mexer-me. Henrique fez um movimento de

=sobressalto.

- Não tema nada, Senhor. Estamos sós, e serei breve, porque os

=momentos são preciosos. Vossa Majestade pode, com uma só

palavra, =restituir-nos tudo quanto os acontecimentos do ano

fizeram perder à =causa da religião; sejamos claros, sejamos

breves, sejamos francos. =- Estou ouvindo, meu bravo de Mouy -
respondeu Henrique, vendo que lhe =era impossível evitar a
explicação.

- É verdade ter Vossa Majestade abjurado a religião =protestante?

- É verdade - disse Henrique.

- Bem, mas foi da boca para fora ou do coração?

- Ninguém deixa de se mostrar reconhecido a Deus, quando Ele nos
=salva a vida - respondeu Henrique, torcendo a questão, como fazia
=sempre em casos semelhantes -, e Deus salvou-me visivelmente do
cruel =perigo que corri.

- Senhor - tornou de Mouy -, confessemos uma coisa.

- Qual é?

- É que a sua abjuração não proveio da convicção, mas =do cálculo.

Vossa Majestade abjurou para que el-rei o deixasse viver, =e não
porque Deus lhe conservou a vida.

- Qualquer que seja a causa da minha conversão, de Mouy - respondeu
=Henrique -, não é menos certo que sou católico.

- Bem; mas sê-lo-á sempre? Se se oferecer uma ocasião, não a

=aproveitará para reassumir sua liberdade de existência e de

=consciência? Pois, Senhor, apresenta-se essa ocasião: a

Arrochelle =está levantada; o Rossilhão e o Béarn só esperam uma

palavra =para se mexerem; na Guiena só se ouvem gritos de guerra.

Basta que =Vossa Majestade me diga que o seu catolicismo é

conveniente, é =forçado, e eu respondo pelo futuro.

- Não se força um príncipe da minha estirpe, meu caro de Mouy:

=o que fiz foi com toda a liberdade.

- Mas, Senhor - disse o mancebo, com o coração oprimido por essa

=resistência com que não contava - Vossa Majestade não se lembra

=que, procedendo assim, abandona-nos. traiçoa-nos?.

167

Henrique ficou =impassível.

=760- Sim - tornou de Mouy -, sim: =Vossa Majestade traiçoa-nos,

porque muitos de nós viemos, com =risco de vida, para salvar a

honra e a liberdade de Vossa Majestade. =Temos tudo preparado para

lhe dar um trono, Senhor; ouve bem? não =só a liberdade, mas o

poder; um trono

sua escolha, porque =dentro de dois meses

Vossa Majestade poderá optar entre Navarra e a =França. - De Mouy

- disse Henrique, baixando os olhos, que a esta =proposta tinham

luzido, a seu pesar -, estou salvo, sou católico, sou =esposo de

Margarida sou irmão do rei Carlos, sou genro da minha boa =mãe,

a rainha Catarina. Pesando as responsabilidades destas diversas

=posições, de Mouy, calculei não só as vantagens que daí =me

provinham mas também as obrigações que assumia.

- Mas, Senhor - prosseguiu de Mouy -, em que é que se deve

acreditar? =Dizem-me que o casamento de Vossa Majestade não está

consumado, =dizem-me que Vossa Majestade é livre no

fundo

do coração, =dizem-me que o rancor de Catarina...

-

Mentira, mentira! - =interrompeu vivamente o Bearnês. -

Enganaram-no impudentemente, meu =amigo. Essa querida Margarida

é realmente minha mulher; Catarina é =realmente minha mãe; el-rei

Carlos IX é realmente senhor absoluto =da minha vida e do meu

coração.

De Mouy estremeceu; um sorriso quase desprezador lhe =assomou aos

lábios.

- Portanto, Senhor - disse ele, deixando cair os braços com

desanimo, =e tentando sondar com os olhos a escuridão daquela alma

- devo levar =essa resposta aos meus irmãos. Dir-lhes- ei que o

rei de Navarra =estende a sua mão e dá o seu coração àqueles que

nos =degolaram, dir-lhes-ei

que ele se converteu em adulator da rainha-mãe e que é o amigo

de =Maurevel.

- Meu caro de Mouy - disse Henrique -, o rei vai sair do conselho,

e =cumpre que me informe por ele das razões que o fizeram adiar

objecto =tão importante como uma caçada. Adeus. Permite-me, meu

amigo: =deixe a política, volte-se para o rei e ouça missa.

E Henrique reconduziu, ou, antes, empurrou até à antecâmara o

=mancebo, cujo pasmo começava a ceder o lugar ao terror. Apenas ele =fechou a porta, não podendo resistir ao desejo de se vingar nalguma coisa, por falta de pessoa em quem o fizesse, entrou =de Mouy a machucar o chapéu nas mãos; depois atirou-o ao chão =e, pisando-o aos pés como o touro faz à capa do matador, bradou: =

- Pela minha morte! nunca vi um príncipe tão miserável! Tinha =gosto que me matassem aqui, a fim de o manchar para sempre com o meu =sangue.

Mouy

- Silêncio, Sr. de Mouy! - disse uma voz que saía por uma porta =entreaberta - silêncio! porque poderia outrem ouvi-lo. De Mouy =voltou-se vivamente, e conheceu o duque de Alençon embuçado num =capote, estendendo a cabeça para o corredor, a fim de se certificar =se estava a sós com de Mouy.

=760- O Senhor Duque de Alençon! - =exclamou de Mouy - estou perdido!

=760- Pelo contrário - disse o =príncipe a meia voz -, talvez mesmo que o Sr. de Mouy encontrasse o =que procura; e a prova é que não quero que se deixe matar aqui, =como parecia desejar. Acredite no que lhe digo: o seu sangue pode ser =muito mais bem empregado do que em manchar o limiar do rei de Navarra. =

E a estas

palavras, o duque abriu de par em par a porta da =câmara que até ali conservava cerrada.

- Este quarto é de dois dos meus fidalgos - disse o =duque -, ninguém virá estorvar-nos aqui; poderemos, portanto, =conversar à vontade. Venha, Sr. de Mouy.

=760- Estou às ordens de Vossa =Alteza - disse o conspirador, estupefacto.

E entrou no quarto, cuja porta o duque de Alençon =fechou com tanta rapidez como o tinha feito o rei de Navarra.

168

De Mouy tinha entrado furioso e desesperado; mas, pouco a pouco, o olhar =frio e fixo do

jovem duque Francisco fez sobre o capitão =huguenote o efeito desse espelho encantado que desfaz a embriaguez.

- Senhor - disse ele -, se entendi bem, Vossa Alteza quer falar- me, =não é assim?

- Quero, Sr. de Mouy - respondeu Francisco. - Apesar do seu disfarce, =julguei conhecê-lo; e quando apresentou armas a meu irmão =Henrique, conheci-o perfeitamente. Que é isso então, de Mouy? Não está contente com o rei =de Navarra?

- Senhor!.

- Vamos, fale afoitamente. Talvez não suponha =que sou seu amigo.

- Vossa Alteza, Senhor?

- Sim, eu. Fale pois.

- Eu não sei o que hei-de dizer a Vossa Alteza. As coisas em que eu =tinha a ocupar o rei de Navarra dizem respeito a interesses que Vossa =Alteza não poderia compreender. Demais - acrescentou de Mouy com um =ar que procurou tornar indiferente - tratava-se de bagatelas.

- De bagatelas? - observou o duque.

- Sim senhor.

- De bagatelas pelas quais o senhor julgou que devia expor a sua vida =tornando ao Louvre,

onde sabe que a sua cabeça vale tanto ouro =quanto pesa?

Porque ninguém ignora, creia no que lhe

digo, que o senhor é, com o rei de Navarra e o príncipe de

=Condé, um dos principais chefes dos huguenotes.

- Se Vossa Alteza está certo disso, Senhor, proceda comigo

como deve =fazê-lo o irmão do rei

Carlos, o filho da rainha Catarina.

- Porque quer que eu proceda assim, quando já =lhe disse que

era seu amig? Diga-me portanto

a verdade.

- Senhor - disse de Mouy -, juro-lhe...

- Não jure, Senhor: a religião reformada =proíbe que se façam

juramentos, e principalmente

falsos.

De Mouy franziu a testa.

- Digo-lhe que sei tudo - tornou o duque.

De Mouy continuou a calar-se.

- Duvida? - continuou o príncipe, com afectuosa insistência. -

=Bem, meu caro de

Mouy, é mister convencê-lo. Verá se me engano. Ofereceu ou =não

a meu cunhado Henrique,

e ainda há pouco (o duque apontou na =direcção do quarto do

Bearnês), o seu auxílio e o dos

seus partidários para o fazer reassumir o trono de =Navarra?...

De Mouy olhou perturbado para o duque de =Alençon.

- Propostas que ele recusou com terror, não foi =assim?

De Mouy ficou pasmado.

- O senhor não invocou então a sua antiga =amizade, a

lembrança da religião comum?.

Não lisonjeou mesmo o rei de Navarra com uma =esperança brilhante,

tão brilhante que ele mesmo ficou =deslumbrado, com a esperança

de alcançar até a coroa de =França? Diga lá, não estou

bem informado? Foi isto que veio propor ao Bearnês, ou não?

- Senhor - disse de Mouy -, tanto isso é assim, que eu pergunto

neste =momento a mim

mesmo se não devo dizer a Vossa Alteza que mente, provocar neste
=quarto um combate desapiedado e assegurar assim, pela morte de
um de =nós, a extinção deste terrível segredo!

- Devagar, meu bravo de Mouy, devagar! - disse o duque de Alençon
sem =mudar de parecer, sem fazer mesmo o menor movimento, ao ouvir
essa =terrível ameaça. - O segredo
distinguir-se-á melhor vivendo ambos do que morrendo um de nós.
=Ouça-me, e não continue a atormentar assim o punho da sua espada;
=pela terceira vez lhe digo que está com um amigo.

169

Responda portanto como faria a um amigo. O rei de Navarra não
recusou =tudo quanto o senhor
lhe ofereceu?

- Sim senhor; e confesso-o, porque esta confissão só me pode
=comprometer a mim.

- E o senhor, ao sair do quarto, não exclamou, pisando aos pés o =chapéu, que ele
era um
príncipe covarde e indigno de continuar a ser chefe do seu
=partido?

- É verdade, Senhor, disse isso.

- Ah! é verdade... Confessa-o, finalmente?

- Confesso.

- E é ainda do mesmo parecer?

- Mais do que nunca, Senhor.

- E então eu, Sr. de Mouy, eu, terceiro filho de Henrique

II, eu, =Filho de França, não serei

capaz de mandar os soldados do seu partido, Sr. de =Mouy?

Responda. E julga que sou bastante

leal para que esse partido possa confiar na minha palavra?

- Vossa Alteza, Senhor? Vossa Alteza, chefe dos huguenotes?

- E porque não? É a época das =conversões, bem o sabe;

Henrique fez-se católico, eu

posso fazer-me protestante.

- Decerto, Senhor; espero pois que me =explique...

- Nada mais simples, e vou dizer-lhe em duas palavras a

política de =nós todos. Meu irmão

Carlos mata os huguenotes para reinar mais à sua =vontade. Meu

irmão de Anjou deixa-os matar,

porque tem de suceder a meu irmão Carlos, e =porque, como

o senhor sabe, meu irmão adocece

repetidas vezes. Mas eu... a meu respeito há muita =diferença:

eu, que nunca hei-de reinar em

França, pelo menos, visto que tenho dois irmãos mais velhos antes

=de mim; eu, a quem o ódio

de minha mãe e de meus irmãos, mais ainda do que a lei da =natureza,

afasta do trono; eu, que não

devo ter pretensões a nenhuma afeição =de família, a nenhuma

glória, a nenhum reino; eu, que
no entanto tenho um coração tão nobre como meus dois irmãos
=mais velhos, quero ver se com
a minha espada talho para mim um reino... nesta =França que eles
alagam de sangue.

Ora aqui está o que eu quero, de Mouy; ouça:

Quero ser rei de Navarra, não pelo nascimento, mas por eleição.

=E note que não tem nenhuma objecção a fazer a isto, porque eu

=não sou um usurpador; uma vez que meu irmão recusou

os seus oferecimentos, de Mouy, e se sepulta no torpor, reconhece

=claramente que esse reino de

Navarra não é mais do que uma ficção. Com Henrique de =Béarn, de

Mouy, os seus partidários

não têm mais nada; comigo, têm uma espada e um nome. Francisco

=de Alençon, filho de França,

acoberta todos os seus cúmplices, como lhes quiser chamar. Então,

=que diz deste oferecimento,

Sr. de Mouy?

- Digo que me deslumbra, Senhor.

- De Mouy, de Mouy, havemos de ter muitos obstáculos que superar.

=Não se mostre, pois,

de princípio, tão exigente e tão difícil para com um filho =de

rei e um irmão de rei que se lhe apresentar.

- Senhor, tudo ficaria já terminado se eu fosse o único de quem

=dependesse a sustentação

das minhas ideias; mas nós temos um conselho e, por brilhante que

=seja a oferta, talvez mesmo

por esta causa, os chefes do partido não adiram a ela sem algumas

=condições.

- Isso é outra coisa; e a resposta é própria dum coração =honesto

e dum espírito prudente.

Pela maneira com que até aqui tenho procedido, de Mouy, deve ter

=reconhecido a minha integridade. Trate-me, pois, da sua parte

como homem =a quem se estima, e não como príncipe a quem se

lisonjeia. =Haverá algumas probabilidades a meu favor, de Mouy?

- Dou-lhe a minha palavra, Senhor, pois que Vossa Alteza quer

ouvir o =meu parecer; Vossa

Alteza tem-nas todas desde que o rei de Navarra rejeitou o

oferecimento =que vim fazer-lhe. Mas

repito-lhe, Senhor, que me é indispensável combinar com os

=chefes.

171

- Faça o que entender - respondeu de Alençon -, mas quando me =dá

a resposta?

De Mouy olhou silencioso para o príncipe. =Parecendo depois

tomar uma resolução, disse:

- Senhor dê-me a sua mão. Preciso de que a =mão dum filho de França aperte a minha para

=ficar certo de que não serei atraído.

O duque não só estendeu a mão para de =Mouy, mas pegou na dele e apertou-a.

- Agora, Senhor, estou tranquilo - disse o mancebo =huguenote.

- Se formos traídos, dirá

que Vossa Alteza não concorrera para isso de forma alguma; sem o que, =por pouco que Vossa

Alteza entrasse nessa traição, ficaria =desonrado.

- E porque me diz isso, de Mouy antes de me dizer quando me dá a =resposta dos seus chefes?

- Porque, Senhor, perguntando-me quando lhe dou a =resposta, pergunta-me ao mesmo tempo onde estão os chefes; e porque, =se eu lhe digo esta noite, Vossa Alteza saberá que os chefes estão em Paris, e que se ocultam na cidade.

Dizendo estas palavras com um gesto de desconfiança, de Mouy fixava =os olhos penetrantes

no =olhar falso e vacilante do príncipe.

- Vamos, vamos, Sr. de Mouy, ainda está =receoso. Mas eu não posso exigir imediatamente

do senhor uma confiança plena. Conhecer-me-á =mais tarde. Nós vamos ficar ligados por uma

comunidade de interesses que o livrará de toda a suspeita. Diz

=então que esta noite, Sr. de

Mouy?...

- Sim senhor, porque o tempo urge. Esta noite. Mas queira

dizer-me =onde.

- No Louvre, aqui, neste quarto; está por isso?

- Este quarto é habitado? - disse de Mouy mostrando com os olhos

as =duas camas que

=ali estavam fronteiras uma da outra.

- É, por dois dos meus fidalgos.

=760- Senhor, parece-me que é imprudência =voltar eu ao Louvre.

- E porquê?

- Porque se Vossa Alteza me conheceu, podem outros ter =tão bons

olhos e conhecerem- me

também. Não obstante, virei ao Louvre, se Vossa Alteza me conceder

=o que vou pedir-lhe.

- O quê?

- Um salvo- conduto. =

- De Mouy - respondeu o duque -, um salvo-conduto =passado por

mim, encontrado nas suas mãos à noite, perde-me e =não o salva.

Eu não posso servi-lo em coisa alguma senão com a =condição

de que seremos, à vista de quem quer que seja, estranhos um para

o =outro. A menor relação de

minha parte com o senhor, provada a minha mãe ou a meus irmãos,

=custar-me- ia a vida. O senhor
está pois acobertado pelo meu próprio interesse, desde o momento
=em que eu me tiver comprometido com os outros como me comprometo
com o =senhor neste momento. Livre, na minha
esfera de acção, forte, sendo desconhecido, enquanto me conservar
=impenetrável, garanto
a todos; não se esqueça disto. Faça, pois, um último apelo =ao
seu valor; tente sob a minha palavra
=760o que tentava sem a palavra de =meu irmão. Venha esta noite
ao Louvre.

- Mas como quer que eu aqui venha? Com este traje =não devo
arriscar-me a vir aos seus aposentos. Isto só serve para =os
vestíbulos ou para os pátios. Com o meu traje próprio, é =ainda
mais perigoso,
pois que todos me conhecem aqui, e não me disfarça em nada.

- Eu também estou vendo... Sim, ei-lo ali.

O duque tinha realmente corrido todo o quarto com os olhos, e estes
=fixaram-se no vestuário rico de La Mole, vestuário que nesta
=ocasião estava estendido em cima da cama, e que
consistia numa capa magnífica, cor de cereja, bordada a ouro, e
num =gorro com pluma branca guarnecida de margaridas de ouro e
prata =entremeadas e, finalmente, num gibão de cetim de
alvadia e ouro.

- Vê esta capa, este gorro e este gibão? - disse o duque -

=pertencem ao Sr. de La Mole,

172

um dos meus fidalgos, um casquilho do melhor gosto. Este traje tem dado =brado na corte, e conhece-se o Sr. de La Mole a cem passos quando o =traz. Vou dar-lhe a morada do alfaiate que lho fez; pagando-lhe o dobro =do custo, pode ter outro igual esta noite.

O nome do fidalgo é La =Mole, não se esqueça.

Mas apenas o duque de Alençon acabava a recomendação, ouviu-se =um rumor de passos, que se aproximavam no corredor, e o ranger duma =chave na fechadura.

- Quem vem aí? - bradou o duque, correndo à porta e fechando-a com =o ferrolho.

- Que tal é esta, hem? - respondeu uma voz da parte de fora - a =pergunta é singular! Quem está aí, pergunto eu também. =Deveras, isto é galante: quando quero entrar em minha casa, =pergunta-se-me quem está aí!.

- É o Sr. de La Mole?

- E quem, senão eu? Mas o senhor, quem é?

Enquanto La Mole exprimia a sua admiração por achar o seu quarto =habitado, e procurava descobrir quem era o novo hóspede, voltava-se =rapidamente o duque de Alençon, tendo uma das mãos no ferrolho e =outra na fechadura.

- Conhece o Sr. de La Mole? - perguntou ele a de Mouy.

- Não senhor.

- E ele conhece-o?

- Julgo que não.

- Então tudo vai bem; demais, faça que está olhando pela =janela.

De Mouy obedeceu sem responder, porque La Mole começava a =impacientar-se e batia com toda a força.

O duque de Alençon olhou ainda uma vez para de Mouy e, vendo que =estava de costas voltadas, abriu.

- O Senhor Duque! - exclamou La Mole, recuando de surpresa. -

Desculpe- =me, Senhor Duque, desculpe-me!

- Não é nada. Precisei do seu quarto para falar com uma =pessoa.

- Essa é boa! Vossa Alteza é o dono da casa, disponha dela.

=Digne-se, porém, permitir-me que leve a minha capa e o meu chapéu, =que estão em cima da cama, porque perdi os que trazia esta noite no =Cais da Greve.

- Realmente, Senhor - disse o príncipe sorrindo e dando pela sua =mão a La Mole o que ele pedia -, está bem mal-alinhado! Parece que =teve de haver-se com ladrões bem teimosos. La Mole recebeu da mão =do duque a capa e o gorro, saudou-o e saiu para mudar de roupa na =antecâmara, não lhe importando o que o duque fazia no seu quarto, =porque era costume no Louvre serem os aposentos dos fidalgos uma =espécie de hospedaria para os príncipes a quem

estavam ligados, e =dos quais eles se serviam para toda a espécie de enredos.

De Mouy aproximou-se então do duque, e ambos se puseram à escuta =para saberem quando La Mole acabava e saía; mas logo que este mudou =de fato, foi o próprio que lhes tirou o trabalho, porque se aproximou =da porta e disse:

- Perdoe-me, Senhor Duque: Vossa Alteza não encontrou o conde de =Cocunás? - Não, Senhor Conde; e entretanto ele devia estar de =serviço esta manhã.

Então assassinaram-no" disse La Mole, falando consigo e =afastando-se.

O duque pôs-se a escutar o rumor dos passos, que ia enfraquecendo =sucessivamente; e depois, abrindo a porta e puxando de Mouy para si:

- Veja-o andar - disse ele -, e trate de imitar aquele ar =inimitável.

- Fá-lo-ei o melhor que puder; infelizmente não sou um donzel, mas =um soldado.

- Em todo o caso, espero-o antes da meia-noite neste corredor.

Se o =quarto dos meus fidalgos estiver desembaraçado, recebê-lo-ei nele; =se não estiver, acharemos outro.

- Portanto, até logo, antes da meia-noite.
- Até logo, antes da meia-noite.
- Olhe cá, de Mouy, não se esqueça de balançar bem o =braço direito quando andar; é um costume particular que tem o Sr. =de La Mole.

XXIV

A RUA TIZON E A RUA DO SINO RACHADO

La Mole saiu do Louvre a correr, e pôs-se a esquadrihar Paris para =dar com o pobre Cocunaz. Primeiro que tudo foi à casa de mestre La =Hurière, na Rua da Árvore Seca, porquanto lembrava-se de ter =ouvido o piemontês citar um adágio latino que tendia a provar que =o Amor, Baco e Ceres são deuses de primeira necessidade, e tinha =esperança de que Cocunás, para seguir o aforismo romano, se =houvesse instalado na Estrela Brillante, depois duma noite que devia ter =sido para o seu amigo não menos tempestuosa do que fora para si.

La Mole não encontrou nada em casa de La Hurière, além da =lembrança da obrigação, e um almoço oferecido com muito =agrado, que o nosso fidalgo aceitou com grande apetite, apesar do seu =desassossego.

Recobrada a tranquilidade do estômago, na ausência da do =espírito, La Mole pôs-se outra vez a caminho, subindo o Sena, como =aquele marido que procurava a mulher afogada. Chegando ao Cais da Greve, =conheceu o lugar onde, como tinha dito ao Sr. de Alençon, lhe haviam =embargado o passo no seu passeio nocturno, três ou quatro horas =antes, o que não era raro num Paris vinte anos menos velho do que =aquele em que Boileau acordava ao som duma bala que lhe furava a janela. =Ficara-lhe no campo da batalha um bocadinho de pluma do chapéu. Ora o =sentimento da posse é inato

no homem. La Mole tinha dez plumas, qual =delas a mais bela; mas nem por isso deixou de apanhar aquela, ou antes, =o último fragmento que sobrevivera, e considerava-o com ar piedoso, =quando ouviu soar pesados passos que se aproximavam dele, e vozes =brutais que mandavam arredar. Levantou a cabeça e viu uma liteira =precedida por dois pajens e acompanhada por um escudeiro. La Mole julgou conhecer a liteira e arredou-se vivamente.

O fidalgo não se tinha enganado.

- O Sr. de La Mole? - disse uma voz doce que saía da carruagem, =enquanto uma alva mão, macia como o cetim, abria as cortinas.
- Sim, minha Senhora, eu mesmo - respondeu La Mole inclinando-se.
- O Sr. de La Mole com uma pluma na mão. - continuou a senhora da =liteira - está porventura enamorado, meu caro Senhor, e achou aqui =alguns vestígios perdidos?.
- Sim, minha Senhora - respondeu La Mole -, estou enamorado, e muito; =mas nesta ocasião são os meus próprios vestígios que =encontro, posto que não seja isto o que procuro; Vossa Majestade =permitir-me-á, porém, que lhe peça novas da sua saúde?
- excelente, muito obrigada; parece-me que nunca estive melhor; sucede =isto provavelmente porque passei esta noite em retiro.

175

- Ah! em retiro - disse La Mole, olhando para Margarida dum modo =estranho.

- E então, de que se admira? Sim senhor, em retiro.
- E poderei, sem ser indiscreto, perguntar-lhe em que convento?
- E porque não, Senhor? Não faço mistério disso. No Convento =das Anunciadas. Mas que faz o senhor aqui, com esse ar todo espantado?
- Minha Senhora, procuro o meu amigo, que desapareceu; e andando a =procurá-lo, achei esta pluma.
- Que é dele, não? Mas assusta-me deveras =com respeito ao seu amigo; o sítio é mau.
- Tranquelize-se Vossa Majestade; a pluma é minha, =perdida por volta das cinco horas e meia nesta praça, fugindo das mãos de quatro malvados que me queriam =assassinar a todo o custo, ao menos pelo que me pareceu. Margarida reprimiu um vivo movimento de terror.
- Oh! conte-me isso - disse ela.
- Nada mais simples, minha Senhora. Eram, como já tive a honra de =dizer a Vossa Majestade, cinco horas da manhã, pouco mais ou =menos...
- Pois às cinco horas da manhã já tinha saído? - interrompeu =Margarida.
- Perdoe-me Vossa Majestade: ainda não tinha recolhido.
- Oh, Sr. de La Mole! recolher-se às cinco horas da manhã!... -

=disse Margarida, com um sorriso que para todos era malicioso, e que La Mole teve a fatuidade de achar adorável - recolher-se tão tarde! =Merece esse castigo.

- Nem eu me queixo, minha Senhora - disse La Mole, =inclinando-se respeitosamente. -

Ainda que fosse estripado, reputar-me-ia cem vezes mais feliz do que =mereço. Mas, enfim: recolher-me tarde ou cedo, como Vossa Majestade =quiser, quando quatro sicários desembocaram da Rua da Mortellerie e =me atacaram com espadões de desmesurado comprimento. É grotesco, =não lhe parece, minha Senhora? Mas, enfim, é como lhe estou =dizendo. Tive de fugir, porque me esquecera a espada na casa onde passei =a noite.

- Ah! entendo - disse Margarida, com ar de admirável singeleza - e =vai agora procurar a espada?

La Mole olhou para Margarida, como quem lhe passava uma suspeita pela =ideia.

- Hei-de ir procurá-la decerto, e até de muito boa vontade, porque =a minha espada é uma excelente folha, mas não sei onde é a casa.

- Como é isso, Senhor? Pois não sabe onde é a casa em que =passou a noite?

- Não, minha Senhora; e leve-me a breca se suspeito mesmo onde

seja. =

- Isso é que é singular! A sua história é um perfeito =romance.

- E decerto, minha Senhora, é completo.

- Então conte-ma.

- É um tanto extensa...

- Não faz mal. Tenho tempo.

- E principalmente muito difícil de acreditar-se. nem

- Conte sempre, não há ninguém mais crédula do que eu.

- Vossa Majestade manda?...

- Se é preciso, mando.

- Obedeço. Ontem à noite, estando eu a ceiar com o meu amigo em

=casa do mestre La Hurrière.

- Primeiro que tudo, quem é esse mestre La Hurière? - perguntou

=Margarida, com um

ar perfeitamente natural.

- Mestre La Hurière, minha Senhora - disse La Mole, olhando

segunda =vez para Margarida com esse ar de desconfiança que já

se lhe =notara -, é o dono da hospedaria Estrela Brilhante

na Rua da Árvore Seca.

176

- Bem. Vejo-a daqui. Então ceava em casa de mestre La Hurière,

sem =dúvida com o seu amigo...

- Sim, minha Senhora, com o meu amigo Cocunás, quando entrou um

homem =que entregou a cada um de nós um bilhete.

- Ambos iguais?

- Exactamente iguais.

- E que continham?

- Esta linha unicamente:

Esperam-no na Rua de Santo António, defronte da Rua de Jouy.

- E não tinham assinatura alguma?

- Nenhuma; mas três palavras, três palavras encantadoras, que

=prometiam três vezes a mesma coisa, isto é, uma tríplice

=felicidade.

- E que palavras eram?

- Eros-Cupido Amor.

- Realmente, são três nomes doces; e cumpriram o que =prometiam?

- Oh! mais, minha Senhora! cem vezes mais! - exclamou La Mole

com =entusiasmo.

- Continue; tenho curiosidade de saber o que é que os esperava

na Rua =de Santo António, em frente da Rua de Jouy.

- Duas medianeiras, cada uma com o seu lenço na mão para nos

=vendar os olhos. Vossa Majestade bem há-de supor que nos não

=opusemos a isso. Estendemos o pescoço denodadamente. A minha

guia =fez-me voltar para a esquerda, a do meu amigo fê-lo voltar

para a =direita, e separámo-nos.

- E depois? - continuou Margarida, que parecia decidida a levar

a =investigação até ao fim.

- Não sei - prosseguiu La Mole - aonde a guia do meu amigo o
=conduziu. Para o Inferno talvez. Quanto a mim, o que sei é que
a =minha me levou a um lugar que eu tenho pelo Paraíso.

- E donde o baniu, talvez, a sua demasiada curiosidade, não?

-Justamente, minha Senhora: Vossa Majestade tem o dom de
adivinhar. =Esperava eu pelo dia com impaciência, para ver onde
estava, quando, =seriam quatro horas e meia, entrou a mesma
medianeira, vendou-me outra =vez os olhos, fez-me prometer que
não procuraria tirar a venda, =conduziu-me para fora,
acompanhou-me cerca de cem passos e fez-me jurar =que não
descobriria os olhos senão depois de contar mais =cinquenta.

Contei, pois, esses cinquenta passos, e achei-me na Rua de =Santo
António, defronte da Rua de Jouy. Ora, minha Senhora - =continuou

La Mole -, achando aqui um bocado da minha pluma, o meu =coração palpitou
de alegria e apanhei-o, prometendo a mim mesmo

=guardá-lo como uma lembrança desta ditosa noite. Mas, no que se
=refere à minha ventura, atormenta-me uma coisa, e é não saber
o =que é feito do meu companheiro.

- Então não se recolheu ao Louvre?

- Infelizmente não, minha Senhora. Procurei-o em toda a parte onde
=ele podia estar, na rua de Ouro, no jogo da péla e em outros
lugares =honrosos, mas nem um pedacinho de Aníbal, tão pouco de
=Cocunás.

Dizendo estas palavras, e acompanhando-as com um gesto doloroso,
La Mole =abriu os braços, afastou a capa, mostrando assim o gibão
cheio de =rasgões pelos quais se via o forro.

- Vejo que o crivaram todo - disse Margarida.

- Crivaram-me, acertou com a palavra - disse La Mole, que não
=desgostava de poder jactardo perigo que correra. - Veja, minha
Senhora, =veja!

- Porque não mudou de gibão no Louvre, visto que voltou lá? -
=perguntou a rainha.

- Porque achei gente no meu quarto.

- Gente no seu quarto? - disse Margarida, cujos olhos exprimiram
a mais =viva admiração. Quem era?

177

- Sua Alteza.

- Cale-se! - interrompeu Margarida.

O mancebo obedeceu.

- Qui ad lecticam meam stant? - perguntou ela a La Mole.

- Duo puerz et unus egues.

- Optime baróari - disse ela. - Die Moles, guem inveneris in
cubiculo =tuo?

- Franciscum ducem.

- Agentem?

- Nescio guid.

- Quo cum?

- Cum ignoto.

- É singular! - disse Margarida - portanto não tornou a encontrar =Cocunás? - continuou ela, sem pensar evidentemente no que dizia.

- Portanto, minha Senhora, como tinha a honra de dizer a Vossa =Majestade, morro verdadeiramente de inquietação.

.
- Acho isso muito natural - disse Margarida sorrindo. - Portanto, não =quero distraí-lo mais tempo; procure-o; mas não sei porque me =está parecendo que há-de aparecer sem que seja =preciso procurá-lo. Não importa, vá, vá.

Dizendo isto, a rainha pôs um dedo na boca. Ora, =como a bela Margarida não tinha confiado nenhum segredo, nem feito =confissão alguma a La Mole, o mancebo compreendeu que este gesto encantador, não podendo ter por fim recomendar-lhe silêncio, =devia ter outra significação.

A liteira e os que a acompanhavam puseram-se a caminho, e La Mole, no =intuito de prosseguir a investigação, continuou seguindo ao longo =do cais até à Rua da Ponte Comprida, =que o conduziu à Rua de Santo António.

Defronte =da Rua de Jouy parou.

Fora ali que na véspera as duas mensageiras lhe =vendaram os olhos, a ele e a Cocunás. Tinha voltado à esquerda, e =contado

depois vinte passos; portanto repetiu o mesmo movimento, e
=achou-se defronte duma casa, ou antes dum muro, por detrás do
qual se =via uma casa. No meio do muro havia uma porta com
aprendre, guarnecida =de grandes pregos e com postigos.

A casa estava situada na Rua de Sino Rachado, rua pequena e
estreita, =que começa na Rua de Santo António e desemboca na Rua
do Rei da =Sicília.

Com todos os diabos! - disse La Mole - é ali, não há =dúvida...
podia jurá- lo... Estendendo a mão, quando saía, =senti os pregos
da porta, e depois descí dois degraus. esse homem
que corria gritando "acudam", e que mataram na Rua do Rei da
Sicília, =passava quando eu punha o pé no primeiro. Vejamos. La
Mole foi =direito à porta e bateu.

Abriu-se a porta e apareceu o porteiro.

=184 - las ist da, s? - perguntou o porteiro.

=760Ah! - disse La Mole - parece-me =que é suíço. Meu amigo -
continuou ele,

178

pensando nes maneiras do mundo -, eu vinha buscar a minha espada,
que =deixei nesta casa, onde passei a noite.

- Ich verstehe nicht - respondeu o porteiro.

- A minha espada. - disse outra vez La Mole.

- Ich verstehe nicht - repetiu o porteiro.

que deixei. A minha espada, que deixei.

- Ich verstehe nicht.

nesta casa, onde passei a noite.

- Gehe zum Teufel!

E bateu-lhe com a porta na cara.

- Por minha vida! - disse La Mole - se tivesse aqui a espada que

=reclamo, de boamente atravessava este maganão!. Mas não a tenho;

=ficará para outra vez.

Resolveu, portanto, continuar o seu caminho até à Rua do Rei da

=Sicília: tomou à direita, deu cerca de cinquenta passos, tomou

=outra vez à direita e achou-se na Rua Tizon, pequena rua

paralela à do Sino Rachado e semelhante a ela em todos os pontos.

=Ainda mais: apenas deu uns trinta passos, tornou a encontrar a

pequena =porta com grandes pregos, alpendre e postigos, e o muro.

Dir-se-ia que a =Rua do Sino Rachado se tinha virado para o ver

passar.

La Mole reflectiu então que talvez tivesse tomado o seu lado direito =pelo esquerdo, e foi bater à porta para fazer a mesma

=reclamação que fizera na outra vez. Mas desta vez, por mais que

=batesse, ninguém abriu.

Deu ainda duas ou três vezes o mesmo giro, depois do qual ficou

=intimamente persuadido,

como era natural, de que a casa

tinha duas =entradas, uma pela Rua do Sino Rachado, e a outra pela

rua Tizon.

Mas essa conclusão, por mais lógica que fosse, não lhe restituía a espada, nem lhe dizia onde estava o seu amigo.

Esteve por um momento tentado a comprar outra espada e a estripar o miserável porteiro que teimara em não falar senão alemão; mas lembrou-se de que esse porteiro estaria ao serviço de Margarida, e que, se ela o escolhera tal, tinha decerto razões para isso; ser-lhe-ia, pois, desagradável ver-se privada dele.

Ora La Mole não queria por coisa alguma do mundo praticar uma acção desagradável.

Receando, pois, ceder à tentação, tornou a seguir para o Louvre por volta das duas horas da tarde. Como, desta vez, encontrasse o quarto devoluto, pôde entrar para ele, e era isso de bastante urgência por causa do seu gibão, que estava, como a rainha lhe fizera observar, bastante deteriorado. Foi, portanto, incontinenti, direito à cama, a fim de substituir por aquele o velho gibão alvadio; ficou boquiaberto ao ver junto desse gibão a famosa espada que deixara na Rua do Sino.

Não podendo acreditar no que estava vendo, La Mole pegou na espada, virou-a e revirou-a, cada vez mais maravilhado: não lhe restou a mínima dúvida.

E esta! - disse ele consigo - parece que anda aqui feitiçaria.

E depois, dando um suspiro:

Oxalá que se pudesse achar o pobre Cocunás como acabo de achar a =minha espada! Duas ou três horas depois que La Mole terminara =a sua ronda circular em torno da pequena duplicada, abriu-se a porta que =dava para a Rua Tizon.

Eram cinco horas da tarde, pouco mais ou menos, e por conseguinte noite =fechada. Uma mulher, de comprida capa forrada de peles, acompanhada por =uma criada, saiu por essa porta que lhe fora aberta por uma mensageira duns quarenta anos; foi-se =indo ligeiramente até

179

à Rua do Rei da Sicília, bateu a uma porta do Palácio de =Argenson, que se abriu imediatamente, no pátio, e saiu pela porta do mesmo palácio que dava para a Rua Velha do Templo, =alcançou uma outra mais pequena e secreta do Palácio da Guisa, abriu essa porta com uma chave =que tirara da algibeira e desapareceu.

Meia hora depois, um mancebo, com os olhos vendados, saía pela mesma =porta da mesma

casa, guiado por uma mulher, que o conduziu à esquina da Rua =Godofredo- Lasnier e da Moteflerie. Ali, disse-lhe essa mulher que =contasse cinquenta passos, e que então tirasse a venda.

O mancebo cumpriu escrupulosamente a =recomendação e, ao chegar ao número convencionado, tirou o =lenço que lhe cobria os

olhos.

- Safa! - bradou ele, olhando em torno de si. - Quero que me enforcem =se sei onde estou!... Seis horas! - acrescentou admirado, ouvindo o =relógio da Igreja de Nossa Senhora. - E que será feito do pobre La Mole? Corramos ao =Louvre, talvez que lá saibam dele.

Dizendo isto, Cocunás desceu a Rua da =Mortellerie, e chegou às portas do Louvre em menos tempo do que gastaria um cavalo ordinário; =atropelou e derribou na sua passagem essas filleiras móveis de bravos burgueses que passeavam =tranquilamente à roda das lojas da Praça Baudoy e entrou no palácio.

Ali, interrogou o suíço e a sentinela. Ao suíço parecia-lhe =ter visto entrar o Sr. de La Mole de manhã, mas não o vira sair. A sentinela =estava no seu posto apenas há hora e meia, e nada tinha visto.

Correu então ao quarto, e abriu a porta precipitadamente; mas somente =lá encontrou o gibão de La Mole todo lacerado, o que lhe duplicou ainda a inquietação. =

Lembrou-se então de La Hurière, e correu a casa do digno =estalajadeiro da Estrela Brilhante, pensando que

La Hurière tinha visto La Mole, que havia =almoçado em sua casa.

Cocunás ficou pois inteiramente sossegado, e =como tinha muita fome, pediu de cear.

Cocunás estava com as duas disposições =precisas para cear bem: tinha o espírito tranquilo

e o estômago vazio; ceou pois tão bem, que =esteve à mesa até às oito horas. Confortado com duas garrafas =de vinho de Anjou, de que gostava muito, e que acabava de sorver com uma =

sensualidade que era traída por amiudadas piscaduras de olhos e =lambeduras de beiços, tornou

a ir em busca de La Mole, acompanhando essa nova exploração por =entre a multidão com pontapés e socos proporcionados ao

=acréscimo de amizade que lhe inspirava o estado de satisfação

=

em que sempre se fica depois de ter comido bem.

Durou isto uma hora. No espaço duma hora correu Cocunás todas as

=ruas vizinhas do Cas de Greve, o porto do Carvão, a Rua de Santo

=Antônio e as ruas Tzon e do Sino Rachado, onde julgava que o seu

=amigo poderia ter voltado. Lembrou-se, finalmente, dum lugar por

onde =infalivelmente ele devia passar, era o passadiço do Louvre;

resolveu, =pois, ir esperá-lo debaixo de um passadiço até que ele

=entrasse.

Não estava a mais de cem passos do Louvre, e ajudava a pôr de =pé

uma mulher, que ele já tinha atirado ao chão na Praça de =S.

Germano L'Auxerrois, quando descobriu ao longe, à incerta
=claridade dum grande lampião levantado junto da ponte levadiça
do =Louvre, a capa de veludo cor de cereja e a pluma branca do
seu amigo, o =qual, já semelhante a uma sombra, desaparecia por
debaixo do =passadiço do Louvre agradecendo a continência à
sentinela.

A famosa capa cor de cereja tinha feito tanto espalhafato na corte
que =não era possível qualquer engano com ela.

Por minha vida! - bradou Cocunás - desta vez é ele. Ei-lo que
=entra. Olá olá, La Mole amigo!... Que demónio é isto! A =minha
voz não é das piores, havia de ouvir, por força! Como =tenho as
pernas tão boas como a voz, hei-de alcançá-lo.

Em essa esperança, Cocunás pôs-se a correr com toda a ligeireza
=das suas pernas, e num
instante chegou ao Louvre; mas, por mais diligências que fizesse,
no =momento em que punha os pés na entrada,

180

a capa vermelha, que parecia também muito apressada, desapareceu
por =debaixo do pórtico.

La Mole, La Mole! - gritou Cocunás tornando a correr - espera-
me! =sou eu, Cocunás. Porque diabo corres assim! Parece que queres
fugir, =coa breca!

Com efeito, a capa vermelha parecia que levava asas; num instante galgou =até ao segundo andar.

-Ah, não me queres esperar? - gritou Cocunás - ah, já não =queres nada comigo?. estás

zangado!. Pois vai para o diabo! eu por mim já não posso mais.

Era em baixo, na escada, que Cocunás praguejava assim ao fugitivo, a =quem desistira de seguir com as pernas, seguindo-o todavia com os olhos =por entre as voltas da escada, e que chegara até à altura do =quarto de Margarida. De repente saiu desse quarto uma mulher, e tomou =pelo braço a pessoa atrás de quem corria Cocunás.

Olá - disse este - aquela criatura dá-me todos os ares da rainha =Margarida. Era certamente outra coisa. Então é outra coisa, já =vejo por que não me quis responder. E encostando-se ao corrimão, =ficou a olhar pela abertura da escada.

Então, depois de algumas palavras em voz baixa, viu a capa cor de =cereja seguir a rainha para o quarto.

Bom, bom! - disse Cocunás - não me enganava. Há momentos em que =nos é importuna a presença do nosso melhor amigo, e o meu caro

La =Mole está num desses momentos. E subindo devagarinho os degraus, foi =Cocunás sentar-se num banco de veludo postado no patamar.

Está bem - disse ele consigo - em lugar de ir ter com ele, esperarei. =Mas, quem sabe?. no quarto da rainha de Navarra, talvez que lá se =demore muito tempo. Faz um frio de todos os

diabos, não poderei parar =aqui. Nada! vamos até ao quarto; posso esperá-lo! Ainda que o =Diabo

lá estivesse, La Mole não deixava de lá ir.

Mal pronunciara estas palavras, e quando já começava a pôr em =execução a resolução que delas resultava, ouviu por cima do =tecto um rumor de passos rápidos, acompanhado duma cançoneta =tão familiar ao seu amigo, que Cocunás estendeu imediatamente o =pescoço para o lado de onde partiram os sons. Era La Mole, que vinha =do andar superior, onde era o quarto, e que, ao ver Cocunás, desceu a =quatro e quatro os degraus que o separavam ainda dele, e, terminada esta =corrida, se lançou nos seus braços.

- Oh! e esta! és tu? - disse Cocunás. - E por onde diabo =saíste?

- Por onde? Pela rua do Sino Rachado.

- Não, não digo dessa casa.

- Então donde?

- Do quarto da rainha.

- Do quarto da rainha?.

- Sim, do quarto da rainha de Navarra.

- Nem lá entrei!

- Ora! deixa-te de petas.

- Meu caro Aníbal - disse de La Mole -, tu tresvarias. Eu saio agora =do meu próprio quarto, onde te tenho esperado impacientemente há =duas horas.

- Sais do teu quarto?

- Saio.

- Não eras tu a pessoa atrás de quem corri no Louvre?

- Quando?

- Há um instante.

- Não.

- Não foste tu que desapareceste por debaixo do passadiço há =dez minutos?

181

- Não.

- Não és tu que acabas de subir esta escada como se fosses

=perseguido por uma legião de diabos?

- Não.

- Fora! - bradou Cocunás - o vinho da Estrela Brilhante não é =tão

mau para me virar a cabeça a este ponto. Digo-te que acabo de =ver

a tua capa cor de cereja e a tua pluma branca debaixo do =passadiço

do Louvre; que corri atrás duma e doutra até ao =princípio desta

escada; e que a tua capa, a tua pluma, e até o teu =braço em ar

de balancim, eram esperados aqui por uma dama, que =desconfio muito ser a rainha de Navarra, a qual puxou tudo isso por esta

=porta dentro, porta que, se não me engano, é a da rainha

=Margarida.

- Diabo! - disse La Mole, reflectindo e empalidecendo - haverá

já =traição?.

- Isso é outro caso! - disse Cocunás. - Pragueja quanto quiseres,
=mas não me digas mais que me engano.

La Mole hesitou um momento, apertando a cabeça com as mãos, e
=suspenso entre o respeito e o ciúme; mas o ciúme venceu.

Atirou-se =para a porta, na qual desatou a bater com toda a força,
fazendo um =estrondo que se não harmonizava com a majestade do
lugar em que =estava.

- Vamos expor-nos a ser presos - disse Cocunás - mas não importa,
=o caso é engraçado. Quem sabe, La Mole, se andam almas do outro
=mundo pelo Louvre.

- Não sei - disse La Mole, tão pálido como a pluma que lhe
=sombreava a fronte -, mas sempre tive muito desejo de ver isso
e, como =se oferece ocasião, hei-de fazer tudo o que puder para
me encontrar =face a face com essa que tu viste.

- Não me oponho - disse Cocunás -, mas não batas com tanta =força
para não a espantar. La Mole, apesar de tão desesperado, =viu que
a observação era assisada e continuou a bater mas devagar. =

A CAPA COR DE CEREJA

Cocunás não se havia enganado. A dama que =introduzira para o seu quarto o cavaleiro de capa cor de cereja era a rainha de Navarra; quanto ao =cavaleiro, cremos que o leitor já terá adivinhado que era o bravo =de Mouy. Ao conhecer a rainha de Navarra, o mancebo viu =que havia algum engano, mas não se atreveu a dizer nada, receando ver-se traído por um grito =de Margarida. Preferiu, pois, deixar-se conduzir até aos quartos; =apenas ali estivesse, era senhor de dizer à sua bela condutora: =Silêncio por silêncio, minha Senhora. Com efeito, Margarida apertara docemente o =braço daquele a quem, quase no escuro, tomara por La Mole, e inclinando-se-lhe ao ouvido, tinha-lhe dito em latim: - =Estou só; entre, meu querido. De Mouy sem responder, deixou-se conduzir; mas apenas se fechou a porta, =e se achou na câmara, onde havia mais luz do que na escada, Margarida =conheceu que não era La Mole. Esse gritozinho que o prudente huguenote tanto =receara, escapou a Margarida. - O Sr. de Mouy! - disse ela recuando um =passo.

- Eu mesmo, minha Senhora: e suplico a Vossa Majestade que

me permita =continuar o meu caminho sem dizer nada a pessoa alguma da minha =presença no Louvre.

- Oh! Sr. de Mouy! - disse a meia voz Margarida -, pois é

possível =que eu me enganasse!

- É - disse de Mouy -, e isso explica-se facilmente. Vossa

Majestade =julgo que eu era

o rei de Navarra! tenho a mesma pluma branca, e muitos, para

me =lisonjearem decerto, até dizem que tenho o mesmo ar.

Margarida olhou fixamente para de Mouy.

- Sabe latim, Sr. de Mouy? - perguntou ela.

- Soube, há algum tempo - respondeu o mancebo -, =mas já me esqueceu.

Margarida sorriu.

- Sr. de Mouy - disse ela -, pode ficar certo da minha

discrição. =Como, porém, julgo

quem é a pessoa que procura no Louvre, ofereço-lhe os meus

=serviços para o conduzir com

pressa à sua presença.

- Desculpe-me, minha Senhora: julgo que Vossa Majestade se

engana e que, =pelo contrário, ignora completamente...

- Como! - disse admirada Margarida - pois não procura o rei

de =Navarra?

- Ai, minha Senhora! - disse de Mouy - tenho o pesar de lhe

suplicar que =se digne nada dizer

a Sua Majestade a respeito da minha presença no Louvre; é

isto o =que principalmente desejo.

- Ouça, Sr. de Mouy - disse Margarida, =extremamente admirada

- julguei-o até aqui

183

um dos mais firmes chefes do partido huguenote, =um dos mais

fiéis partidários de el-rei meu

marido; =ter-me-ei enganado?

- Não, minha Senhora, porque ainda esta manhã eu =era tudo o que

Vossa Majestade disse.

=328 - E por que razão mudou desta manhã para cá?

- Minha Senhora - disse de Mouy inclinando-se -, =digne-se

dispensar-me de responder,a

e permita-me que lhe apresente os meus respeitos.

E de Mouy, numa atitude respeitosa mas firme, deu alguns passos

para a =porta por onde

entrara.

- Se, porém, eu ousasse pedir-lhe uma palavra =de

explicação, Senhor... Creio que se poderia

fiar na minha =palavra.

- Minha Senhora - respondeu de Mouy -, devo calar-me, =e é preciso

que este dever seja

bem real para que eu não tenha respondido a Vossa Majestade.

- =Entretanto...

- Vossa Majestade pode perder-me; mas não pode exigir que eu
=atraiaoe os meus novos amigos.

- Mas os antigos não têm também alguns direitos sobre o Sr. de
=Mouy?...

- Aqueles que se conservaram fiéis, sim; =aqueles que não
só nos abandonaram, mas que até se entregaram =ao abandono, não.

Margarida, pensativa e inquieta, ia decerto responder com
uma nova =interrogação, quando Gillonne entrou apressadamente no
=quarto.

- O rei de Navarra! - exclamou ela.

- Por onde vem? =

- Pelo corredor secreto.

- Faz que este senhor saia pela outra porta.

- =É impossível, minha Senhora. Não ouve?

- Batem?

=472 - Sim, à porta de que Vossa Majestade fala.

- E quem é?

- Não sei.

- Vai ver, e volta.

- Minha Senhora - disse de Mouy -, tomo a liberdade de fazer
observar a =Vossa Majestade que se o rei de Navarra me vê a esta

hora, e com este =trajo, no Louvre, estou perdido.

Margarida pegou rapidamente no =braço de de Mouy e levou-o para a porta do famigerado gabinete.

- Entre para aqui, Sr. de Mouy - disse ela. - Aqui fica tão bem =protegido como em casa, porque fica sob a fé da minha =palavra.

De Mouy entrou precipitadamente e, apenas se fechou a porta, apareceu =Henrique. Desta vez não tinha Margarida perturbação alguma a =esconder; mostrava-se apenas que o amor estava a cem léguas do seu =pensamento.

=760 Quanto a Henrique, entrou com =essa minuciosa desconfiança que, nos momentos menos perigosos, lhe =fazia notar até as mais pequenas coisas; e nas circunstâncias em =que se encontrava, havia ainda mais forte razão para que não =deixasse de ser profundamente observador.

Viu, pois, no mesmo instante, a nuvem que obscurecia o =semblante de Margarida.

=760- Tinha que fazer, minha Senhora? - disse ele.

- =Eu?... sim senhor, estava pensativa.

- E tinha razão, minha Senhora: as meditações =convêm-lhe. A minha ideia também não é ociosa; mas =praticando o contrário do que Vossa Majestade faz, pois que procura a =solidão, eu vim expressamente para lhe comunicar os meus pensamentos.

Margarida fez ao rei um sinal como de quem estima muito a sua chegada, =apontou-lhe para uma poltrona e sentou-se numa cadeira de ébano lavrado, fino e forte =como aço.

Houve entre os dois esposos um momento de =silêncio.

Henrique foi o primeiro que o rompeu, dizendo:

- Não me tenho esquecido, minha Senhora, de =que todas as minhas ideias a respeito do futuro tinham um ponto comum com as suas, e era que, =separados como esposos, desejávamos entretanto conservar sempre ligados os nossos =bons ou maus destinos.

- É verdade.

-Julgo ter compreendido também que em todos =os planos que eu pudesse fazer de elevação acharia em Vossa Majestade, não só uma fiel, mas =ainda uma activa aliada.

- Sim senhor; e só peço uma coisa, é =que, tratando quanto antes Vossa Majestade de pôr as coisas em movimento, me dê brevemente ocasião de =me mover também.

- Muito me apraz achá-la nessas disposições, minha Senhora; e =creio que não supôs um instante que eu perdesse de vista o plano

=cuja execução resolvi no mesmo dia em que, graças à sua corajosa intervenção, tive quase a certeza de que me salvou a =vida.

- Senhor, eu penso que o descuido é apenas um disfarce em Vossa =Majestade, e tenho fé não só nas predições dos astrólogos como =no génio de Vossa Majestade.

- Que diria, portanto, Vossa Majestade, minha Senhora, =se houvesse quem se atravessasse entre os nossos planos, e nos =ameaçasse de nos reduzir, a Vossa Majestade e a mim, a um estado =mediocre?

- Diria que estava, como eu estou, pronta a lutar de acordo com Vossa =Majestade, quer oculta, quer abertamente, contra quem quer que seja.

- Minha Senhora - continuou Henrique -, Vossa Majestade tem a faculdade =de entrar a toda a hora no quarto do Sr. de Alençon, seu irmão, não tem? =Possui a sua confiança, e ele tem-lhe uma viva amizade. Permitir-me-á perguntar-lhe se neste mesmo =momento não está ele em conferência secreta com alguém?

Margarida estremeceu.

- E com quem, Senhor? - perguntou ela.

- Com de Mouy.

- E porque quer saber isso? - perguntou Margarida, reprimindo a sua =emoção.

-Porque, se for assim, minha Senhora, adeus =todos os nossos projectos; todos os meus, pelo menos.

- Senhor, fale baixo - disse Margarida, fazendo ao mesmo tempo um sinal =com os olhos e com os lábios, e designando com o dedo o gabinete.

- Oh! oh! - disse Henrique - ainda alguém? Na =verdade, esse gabinete está tantas vezes habitado, que torna o seu =quarto inabitável.

Margarida sorriu.

- Ao menos ainda é o Sr. de La Mole?... - perguntou =Henrique.

- Não senhor, é o Sr. de Mouy.

- Ele? - bradou Henrique, com surpresa misturada de alegria

- então =não está no quarto do duque de Alençon? Oh! mande-o vir, =deixe-me falar com ele...

Margarida correu ao gabinete, abriu-o e, tomando de Mouy pela mão, =conduziu-o sem preâmbulos à presença do rei de Navarra.

-Ah, minha Senhora! - disse o jovem huguenote com um =acento de repreensão mais triste que amargo - Vossa Majestade =atraiça-me não obstante a sua promessa; não é justo. =Que faria Vossa Majestade se eu me vingasse, dizendo...

- Não se há-de vingar, de Mouy - =interrompeu Henrique,
apertando a mão do mancebo - ou, ao menos, =há-de ouvir-me antes
disso. Minha Senhora - continuou Henrique, =dirigindo-se à rainha
-, tome cautela que ninguém nos oiça.

185

Mal acabava Henrique de falar, entrou Gillonne =como fora
de si e disse ao ouvido de Margarida umas palavras que a =fizeram
saltar da cadeira. Enquanto ela corria para a antecâmara =com
Gillonne, Henrique, sem se importar com a causa que a chamava
fora do =quarto, foi revistar
a cama, todo o vão que esta deixava em roda, as tapeçarias,
e =sondar as paredes, batendo-lhes com
as pontas dos dedos. Quanto ao Sr. de Mouy receoso de todos
estes =preâmbulos, tratava de se
certificar se a sua espada poderia desembainhar-se com
prontidão.

Margarida, saindo do quarto de dormir, voou à antecâmara e
ali =achou-se defronte de La Mole, o qual, mau grado as muitas
súplicas de =Gillonne, queria a todo o custo entrar no quarto de
Margarida.

Cocunás estava por detrás dele, pronto a fazê-lo seguir para
=diante ou a sustentar a retirada.

- Ah! é o Sr. de La Mole; mas que tem? Porque está assim pálido

=e trémulo?

- Minha Senhora - disse Gillonne -, o Sr. de La Mole bateu à porta de =tal modo que, apesar das ordens de Vossa Majestade, fui obrigada a abrir-lha.

- Oh! que é isso? - disse a rainha com severidade - é verdade o =que está ouvindo, Sr. de La Mole?

- Minha Senhora, é que eu queria prevenir Vossa Majestade de que um =estranho, um desconhecido, um ladrão, talvez, se havia introduzido no =quarto com a minha capa e o meu chapéu.

- Está louco, Senhor! - disse Margarida. - Vejo-lhe a capa nos =ombros, e parece-me, Deus me perdoe! que também lhe estou vendo o chapéu na cabeça, =apesar de estar falando com uma rainha.

- Oh! perdoe-me, minha Senhora, perdoe-me! - exclamou La Mole, =descobrimo-se vivamente. - O que porém me falta, tomo a Deus por =testemunha, não é o respeito.

- Não; é a confiança, não é assim? - disse a rainha.

- Mas que quer Vossa Majestade que eu suponha, quando sei que está um =homem no seu quarto, quando sei que esse homem entrou para aí trajando como eu, e =talvez tomando o meu

nome?

- Um homem? - disse Margarida, apertando docemente a mão do pobre =enamorado. - um homem!... É modesto o Sr. de La Mole. Chegue a =cabeça à abertura do reposteiro, que há-de ver dois homens.

E Margarida entreabriu o reposteiro de veludo bordado de ouro, por entre =o qual La Mole reconheceu Henrique conversando com o homem da capa vermelha. =Cocunás, curioso como se tratasse da sua pessoa olhou também, e viu e reconheceu de Mouy; =ambos ficaram pasmados.

- Agora, que o vejo tranquilo a este respeito (pelo menos cuido que =assim deve estar) - disse Margarida -, ponha-se à porta do meu quarto e, pela sua vida, meu =caro La Mole, não deixe entrar ninguém. Se mesmo se aproximar =alguém do patamar, avise.

La Mole, fraco e obediente como uma criança, saiu, olhando para =Cocunás, que também olhava para ele, e ambos se acharam fora sem terem =ainda bem tornado a si do seu espanto.

- De Mouy! - exclamou Cocunás.

- Henrique! - disse La Mole.

- De Mouy com a tua capa cor de cereja, com a tua pluma branca

e o teu =braço em ar de balancim!

- Mas aqui há o quer que seja - continuou La Mole. - Uma vez que se =não trata de amor, trata-se certamente dalguma conspiração.

- Com mil demónios! eis-me outra vez na política - disse =Cocunás resmungando.

Felizmente não vejo em tudo isto a S.ra

=de Nevers.

Margarida tornou a ir assentar-se entre os dois interlocutores; a sua =desaparição não tinha durado mais do que um minuto, e esse =tempo foi bem aproveitado por ela. Gillonne de vedeta na passagem secreta, os dois fidalgos de sentinela à entrada principal, =afiançavam-lhe toda a segurança.

186

- Minha Senhora - disse Henrique -, haverá receio de que, por =qualquer modo, possa alguém ouvir o que dissermos?

- Nenhum - disse Margarida -, as paredes deste quarto estão forradas =de coxins, o tecto quanto soalho têm dois forros.

- Entrego-me ao seu juízo - respondeu Henrique sorrindo.

Voltando-se depois para de Mouy:

- Vejamos - disse o rei em voz baixa, e como se, apesar da certeza que =Margarida lhe dera, ainda não estivessem desvanecidos os

seus receios =-, que vinha fazer aqui?

- Aqui? - disse de Mouy.

- Sim, aqui, a este quarto - repetiu Henrique.

- Não vinha para aqui - disse Margarida -, eu é que fiz com que
=ele entrasse.

- Então sabia.

- Adivinhei tudo.

- Bem vê, de Mouy, que se pode adivinhar.

- O Sr. de Mouy - continuou Margarida - esteve esta manhã com o
duque =Francisco no quarto dos dois fidalgos da sua casa.

- Bem vê, de Mouy - repetiu Henrique -, que se sabe tudo.

- É verdade - disse de Mouy.

- Bem certo estava eu - disse Henrique - que o Sr. de Alençon se
=apossara do Sr. de Mouy.

- Por culpa de Vossa Majestade. Porque recusou Vossa Majestade
tão =obstinadamente o que eu vinha oferecer-lhe?

- Pois recusou? - exclamou Margarida. - Era pois real essa repulsa
que =eu pressentia?

- Minha Senhora - disse Henrique abanando a cabeça -, e tu, meu
bravo =de Mouy, ambos me fazem rir com as vossas exclamações. Pois
=quê! um homem entra no meu quarto, fila-me de trono, de revolta,
de =destruição, a mim, Henrique, príncipe tolerado, uma vez " que
=me apresente com humildade, huguenote a quem conservaram a vida

com a =condição de representar de católico, e eu havia de aceitar,
=quando essas propostas me são feitas num quarto de fora do qual
se =podia ouvir tudo? Por Deus, que nos ouve! parecem-me crianças,
=loucos!

- Mas, Senhor, Vossa Majestade não podia deixar-me alguma
=esperança, quando não fosse pelas suas palavras, ao menos por
um =gesto, por um sinal?.

- Que lhe disse meu cunhado, de Mouy? - perguntou Henrique.

- Esse segredo não me pertence, meu Senhor.

- Ora adeus! - prosseguiu Henrique com uma certa impaciência, por
ter =que tratar com um homem que compreendia tão mal as suas
palavras - =não lhe pergunto quais foram as promessas que ele lhe
fez, =pergunto-lhe unicamente se ele escutava, se ouviu.

- Escutava, Senhor, e ouviu.

- Escutava e ouviu?. é mesmo o Sr. de Mouy quem o diz! Que fraco
=conspirador que o senhor é! Se eu tivesse dito uma palavra, o
senhor =estava perdido. Eu, se não tinha a certeza,
desconfiava ao menos que ele estivesse ali, e senão ele, algum
outro: =o duque de Anjou; Carlos IX, a rainha-mãe. O senhor não
conhece as =paredes do Louvre, de Mouy; foi por causa delas que
se criou o =provérbio de que as paredes têm ouvidos; e conhecendo
eu tais =paredes, havia de falar?. Ora Sr. de Mouy! faz muito pouca
honra ao bom =senso do rei de Navarra e admiro-me de que, me

elevando um pouco mais no =seu espírito, viesse oferecer-lhe uma coroa.

- Mas, Senhor - observou ainda de Mouy -, mesmo recusando essa coroa, =não podia Vossa Majestade fazer-me um sinal? Não julgaria eu =então tudo desesperado, tudo perdido.

- Meu Deus! - disse Henrique - se ele escutava, não podia também =ver? E não se pode ficar

187

perdido tanto por um gesto como por uma palavra? Olhe, de Mouy

- =continuou o rei, a lançar uma vista em roda de si -, a esta hora, =tão perto da rainha e do senhor, que as minhas palavras não =transpõem o círculo das nossas três cadeiras, ainda receio ser =ouvido quando digo: de Mouy, repita-me as suas propostas.

- Mas, Senhor - disse de Mouy desesperado -, agora estou comprometido =com o Sr de Alençon.

Margarida bateu raivosa com as suas formosas mãos uma na outra.

- Então é já tarde de mais? - disse ela.

- Pelo contrário - respondeu Henrique -, nisso mesmo é visível =a protecção de Deus. Não se desligue do compromisso que tomou, =porque o duque Francisco é a salvação de todos nós. Crê =que o rei de Navarra poderia proteger as cabeças dos seus =partidários? Pelo contrário, seriam todos mortos do primeiro =até ao último, logo que houver a menor suspeita. Mas um filho de =França é outra

coisa; exija provas, de Mouy, peça garantias. =Mas, o senhor é um néscio. comprometeu-se talvez de coração, =bastando-lhe porventura só uma palavra.

- Oh, Senhor! - exclamou de Mouy - acredite que foi a =desesperação, pelo abandono em que Vossa Majestade nos deixava, =que me lançou nos braços do duque; foi também o receio de ser =traído, porque ele estava senhor do nosso segredo.

- Torne-se também senhor do dele, de Mouy; isso depende de si. Que =deseja ele? Ser rei de Navarra? Prometa-lhe a coroa. Que quer ele? Sair =da corte? Forneça-lhe os meios de fuga, trabalhe para ele, de Mouy =como se trabalhasse para mim, dirija o escudo para que ele apare os =golpes que se dirigirem para nós. Quando se tratar de combater e de =reinar, serei só.

- Desconfie do duque - disse Margarida -, é um espírito sombrio e =penetrante, sem cor nem amizade, sempre disposto a tratar os amigos como =inimigos, e os inimigos como amigos.

- E ele espera-o, de Mouy? - disse Henrique.

- Sim senhor.

- Onde?

- No quarto dos seus dois fidalgos.

- A que horas?

- Até à meia-noite.

- Ainda não são onze horas - disse Henrique. - Não há tempo

=perdido; vá, de Mouy.

- Nós temos a sua palavra, Senhor - disse Margarida.

- Basta, minha Senhora - disse Henrique, com essa confiança que ele =sabia mostrar bem com certas pessoas e em certas ocasiões

-, com o =Sr. de Mouy essas coisas nem se perguntam.

- Tem razão - respondeu o mancebo -, mas eu preciso da sua palavra, =porque convém que eu diga aos chefes que a recebi. Vossa Majestade =não é católico, não é assim?

Henrique encolheu os ombros.

- Não renuncia ao trono de Navarra?

- Eu não renuncio a trono algum, de Mouy: reservo-me unicamente para =escolher o melhor, isto é, aquele que nos convier mais.

- E se, entretanto, sucedesse ser Vossa Majestade preso.

promete-me =não revelar coisa alguma, mesmo no caso em que se violasse com a =tortura a majestade real?

- Juro-o por Deus, de Mouy.

- Uma palavra ainda, meu Senhor: como poderei tornar a vê-lo? -

De =amanhã em diante terá uma chave do meu quarto, no qual pode entrar =quando e às horas que quiser. O duque de Alençon é que =responderá pela sua presença no Louvre. No entanto, suba pela escada particular; eu mesmo lhe servirei de guia.

Durante este =tempo, a rainha introduzirá aqui o homem de capa vermelha semelhante =à sua que estava há pouco na antecâmara.

Não convém que se diferencem os dois, e que se saiba que há uma
=duplicata; não é assim, de Mouy? Não é assim, minha =Senhora?

Henrique pronunciou estas últimas palavras rindo e olhando para
=Margarida.

- Sim senhor - disse ela sem se perturbar. - Porque, enfim, esse

Sr. de =La Mole é da casa do duque meu irmão.

- Pois bem: procure ganhá-lo para o nosso partido, minha Senhora

- =disse Henrique com seriedade perfeita. - Não poupe nem ouro nem
=promessas. Ponho todos os meus tesouros

à sua disposição.

- Então - disse Margarida, com um desses sorrisos exclusivos das

=mulheres de Bocácio -, uma vez que é esse o seu desejo, farei

o =que estiver ao meu alcance para o auxiliar.

- Bem, bem, minha Senhora. Sr. de Mouy adeus; torne para junto
do duque =e segure-o bem.

XXVI

MARGARIDA

Durante a conversação que acabámos de referir, La Mole e =Cocunás faziam a sua sentinela: La Mole um pouco pesaroso, Cocunás =um pouco inquieto.

Era porque La Mole tivera tempo de reflectir, e Cocunás tinha-o =ajudado nisso maravilhosamente.

- Que pensas tu de tudo isto, meu amigo? - tinha perguntado La Mole a =Cocunás.

- Penso - respondeu o piemontês - que anda por aqui alguma intriga da =corte.

- E se assim for, estás disposto a representar um papel nessa =intriga?

- Meu caro - disse Cocunás -, ouve bem o que te vou dizer, e =aproveita o que entenderes. Em todas essas tramóias de príncipes, =em todas as maquinações reais, nós não podemos nem devemos =passar senão como sombras; onde o rei de Navarra deixar um bocado da =sua pluma, e o duque de Alençon um palmo da sua capa, deixaremos =nós a vida. Perde pois a cabeça por amores, meu caro amigo, mas =não a percas pela política.

Era um prudente conselho, e foi pois ouvido por La Mole com a tristeza =dum homem que, colocado entre a razão e a loucura, sabe que =desprezará aquela e seguirá esta.

- Mas eu amo a rainha, Aníbal, amo-a! e, desgraçada ou felizmente,
=amo-a de toda a minha alma. Dir-me-ás que é loucura; admito,
estou =louco. Mas tu, que tens juízo, Cocunás, tu não deves pagar
as =minhas tolices e o meu infortúnio. Volta para junto do nosso
amo, e =não te comprometas.

Cocunás reflectiu por um instante e, levantando depois a cabeça,
=respondeu:

- Meu caro, tudo quanto acabas de dizer é perfeitamente justo;
=estás enamorado, procede como enamorado. Quanto a mim, sou
ambicioso, =e penso que a vida vale mais que um sorriso de mulher.
Quando arriscar a =minha vida hei-de estabelecer condições. Tu,
pobre Medor, procura =também estabelecer as tuas.

Dito isto, Cocunás apertou a mão de La Mole e partiu, depois de
=ter trocado com o seu companheiro um último olhar.

Havia quase dez minutos que ele saíra do seu posto quando se abriu
a =porta. Margarida aproximou-se com precaução, tomou a mão de La =Mole e,
sem dizer uma palavra, levou-o do corredor para o lugar
mais =interior do quarto, fechando ela mesma as portas com uma
cautela que =indicava a importância da conferência que ia haver.

Chegando à câmara, parou, sentou-se na cadeira de ébano e,
=pegando em ambas as mãos de La Mole, disse-lhe:

- Agora, que estamos sós, conversemos seriamente, meu bom amigo.

- Seriamente, minha Senhora? - disse La Mole.

- Ou intimamente. como quiser; prefere esta expansão? Pode haver =coisas sérias na intimidade, especialmente na intimidade duma =rainha.

- Conversemos então. sobre essas coisas sérias, com a =condição de que Vossa Majestade não se há-de enfadar com as =loucuras que vou dizer- lhe.

- Não me enfadarei senão por uma coisa, La Mole, e é se =continuar a tratar-me por senhora ou por majestade. Para o senhor sou =unicamente Margarida.

- Sim, Margarida! sim, Margarida! - disse o mancebo, devorando a rainha =com os olhos.

- Assim mesmo - disse Margarida. - Com que então tem ciúmes, meu =belo fidalgo?

- Oh! a ponto de perder a razão!

- Ainda?

- A ponto de enlouquecer, Margarida.

- E de que tem ciúmes? vejamos.

- De todos.

- Mas especifique.

- Primeiramente do rei.

- Parecia-me que, depois do que tem visto e ouvido, devia estar =sossegado por esse lado.

- Desse Sr. de Mouy, a quem vi esta manhã na companhia do duque

de =Alençon, e a quem venho achar tanto na sua intimidade.

- Do Sr. de Mouy?

- Sim, minha Senhora.

- E donde provêm essas suspeitas a respeito do Sr. de Mouy?

- Ouça. conheci-o pela sua estatura, pela cor dos cabelos, por um =sentimento natural de rancor; era ele que estava esta manhã no quarto =do senhor de Alençon.

- E daí? Que relação tem tudo isso comigo?

- Não sei; mas em todo o caso, minha Senhora, seja franca; na falta =de outro sentimento, um amor como o meu tem bastante direito para exigir =a franqueza em troca. Veja, lanço-me aos seus pés. Se o que lhe =tenho inspirado é apenas um sentimento passageiro, restituo-lhe a =palavra, as suas promessas, renuncio nas mãos do Sr. de Alençon os =seus favores e o meu cargo de gentil-homem; vou procurar a morte no =cerco de Arrochela, se o amor me não acabar a existência antes de =lá chegar.

Margarida ouviu, sorrindo, estas palavras cheias de encanto, seguiu com =os olhos essa acção cheia de graça e, reclinando depois a bela =cabeça de pensativa sobre a mão ardente de La Mole, disse:

- La Mole, ama-me?

- Oh, minha Senhora! mais do que a minha vida, mais do que a minha =salvação, mais do que tudo! Mas. por minha desventura, não sou

=amado, não, não o sou.

- Pobre louco! - disse ela a meia voz

- Louco. sim, minha Senhora - exclamou la Mole, sempre a seus pés

-, =já lhe disse que o estava.

- O primeiro objecto com que então se ocupa na sua vida é o amor,

=caro La Mole?

- É o único, minha Senhora.

- Pois seja assim: de tudo o mais não farei senão um acessório

=a esse amor. Ama-me, portanto, e quer conservar-se junto de mim?

- A única súplica que faço a Deus é que Ele nunca me tire do =lado daquela que tanto amo.

- Pois bem; não se separará de mim; preciso do senhor, La =Mole.

- Precisa de mim? O sol tem precisão dum vágalume?

- Sabendo que eu o amo, La Mole, ser-me-á inteiramente dedicado?

- E não o sou eu já, minha Senhora, não o sou inteiramente?

191

- Pois sim, mas ainda desconfia, Deus me perdoe!

- Oh! Faço mal, sou ingrato... ou antes, como já lhe disse, e como

=já o repetiu, sou um louco. Mas porque estava o Sr. de Mouy aqui

no =seu quarto esta noite? Porque é que o vi esta manhã em casa

do Sr. =de Alençon? Para quê essa capa cor de cereja, essa pluma

branca, =essa affectação em imitar o meu ar?.

- Desgraçado! - disse Margarida - desgraçado, que se diz zeloso

e =que não adivinhou

ainda. Não sabe, La Mole, que o duque de =Alençon o mataria

pelas suas mãos se soubesse que está

aqui esta noite, a meus pés, e que eu, em vez de o =fazer sair

deste lugar, lhe digo Fique onde

está, La Mole porque o amo meu belo fidalgo; =sim, ouve bem?

amo- o! Creia-me: ele matá-lo-ia!

- Grande Deus! - exclamou La Mole, inclinando-se para =trás e

olhando para Margarida com terror - seria possível!

- Tudo é possível, meu amigo, no tempo em que vivemos e nesta

=corte. Agora, uma única

palavra: não era por minha causa que o Sr. de =Mouy, coberto

com uma capa igual à de La Mole,

com o rosto oculto por um chapéu como o dele, vinha =ao Louvre.

Procurava o Sr. de Alençon;

mas como eu não estava prevenida, tomei-o =pelo meu caro La

Mole. Já vê que ele está senhor do

nosso segredo, e que portanto convém não o =desgostar.

- Prefiro matá-lo - disse La Mole -, é mais breve e mais =seguro.

- E eu, meu bravo fidalgo - disse a rainha -, quero antes que ele

viva e =que o meu

La Mole saiba tudo porque a vida dele nos é não só útil, mas

=necessária. Ouça e pese bem as suas palavras antes de me

=responder: estimaria que eu viesse a ser verdadeiramente rainha, isto =é, senhora dum verdadeiro reino? Ama-me bastante para desejar que =isso suceda?

- Ai, minha Senhora! - bradou La Mole - amo =bastante

Margarida para desejar tudo quanto ela puder desejar, ainda que =esse desejo devesse fazer a desventura de toda a minha vida!

- Bem. E quer-me ajudar a realizar esse desejo, que o tornará ainda =mais feliz?

- Oh! nesse caso perdê-la-ei, minha Senhora! - exclamou La Mole =cobrindo o rosto com as mãos.

- Não, pelo contrário; em vez de ser o primeiro =dos meus servos, tornar-se-á o primeiro dos meus súbditos. Eis a diferença.

- Oh! longe de mim o interesse... longe de mim a =ambição, minha Senhora... não queira ser a própria a manchar o sentimento que o coração me inspira a =seu respeito... Dedicção, nada mais do que dedicação!

- Excelsa natureza! - disse Margarida. - Pois bem, sim, aceito a tua =dedicação, e saberei reconhecê-la.

E estendeu-lhe as duas mãos, que La Mole tomou avidamente nas =suas.

- Então? - disse ela.

- Sim! - respondeu La Mole - sim, Margarida, começo a compreender

=esse vago projecto,

de que já se falava entre nós, os huguenotes, antes do S.

=Bartolomeu; esse projecto, para cuja execução eu fora chamado

a =Paris, com tantos outros mais dignos do que eu. Esse trono real

de =Navarra, que devia substituir um trono fictício, é agora

=cobiçado por Margarida; Henrique impele-a

para esse trono; de Mouy conspira com ambos, não é assim? Mas,

que =faz o duque de Alençon

em todo este negócio? Onde está em tudo isto um trono para ele?

=Não o vejo. Ora, será o duque

de Alençon tão seu... amigo, para os ajudar em tudo isso sem

=exigir nada em troca do perigo que

corre?...

- O duque, meu amigo, conspira por sua conta. Deixemo-lo

transviar- se: =a sua vida responde-nos pela nossa.

- Mas eu, eu, que estou ligado a ele, posso porventura

=atraioá-lo?

- Atraioá-lo? e em quê? que lhe confiou ele? Não foi ele, =ao

contrário, quem o atraioou

dando a de Mouy uma capa e um chapéu iguais aos seus, La Mole,

como =meio de poder ir-lhe

falar sem risco?. Diz que está ligado a ele! pois não era meu
=antes de ser dele, meu fidalgo? E deu ele a La Mole uma prova
de amizade =maior do que a prova de amor que este recebe de mim?

La Mole levantou-se, pálido e como assombrado por um raio.

Oh! - disse ele consigo - bem mo dizia Cocunás. A intriga enleia-me
=todo; há-de acabar por me sufocar.

- Então? não responde? - disse Margarida.

- Respondo - disse La Mole - e eis a minha resposta: Corre, e eu
o ouvi =dizer na outra extremidade da França, onde o seu nome tão
ilustre, =a sua reputação de beleza tão universal, me tinham
vindo, como =um vago desejo do desconhecido, tocar o coração;
corre que =Margarida tem amado algumas vezes, mas que o seu amor
sempre foi fatal =àqueles em quem se empregou, tanto que a morte,
zelosa por certo, =lhos arrebatou quase todos.

- La Mole!.

- Não me interrompa, ó Margarida, pois acrescentam ainda que
=conserva em caixas de ouro os corações desses fiéis amigos, e
=que às vezes confere a esses tristes restos uma recordação
=melancólica, um olhar piedoso. Suspira, minha Senhora?
=anuviavam-se-lhe os olhos. Pois bem: torne-me o mais amado e o
mais =feliz dos seus favoritos. Aos outros tem traspassado o
coração, e =depois guarda esse coração; de mim ainda faz mais,
expõe-me a =cabeça. Pois, Margarida, jure-me diante da imagem

desse Deus que me =salvou a vida aqui mesmo; jure-me que, se eu morrer por sua causa (como =um sombrio pressentimento mo anuncia), jure-me que guardará, para lhe =lançar algumas vezes um olhar, esta cabeça que o algoz há-de =separar-me do corpo; jure, Margarida, e a promessa de tal recompensa =feita pela minha rainha, tornar-me-á mudo, traidor e covarde, se for =preciso; isto é, inteiramente dedicado, como deve sê-lo o seu =preferido e o seu cúmplice.

- Que lúgubre loucura! - disse Margarida - que fatal pensamento!

- Jure.

- Quer que jure?.

- Sim, sobre este cofre de prata rematado por uma cruz Jure.

- Pois bem! - disse Margarida - se (o que Deus não permita) os teus =sombrios pressentimentos se realizarem, meu caro La Mole, sobre esta =cruz te juro que estarás sempre junto de mim, vivo ou morto, enquanto =eu viver; e se não puder salvar-te no perigo em que te lanças por =mim, por mim só, bem o sei, darei ao menos à tua pobre alma a =consolação que pedes, e que hás-de ter bem merecido.

- Ainda uma palavra, Margarida. Posso morrer, agora já estou =tranquilo a respeito da minha morte; mas também posso viver: podemos =talvez colher um êxito feliz. O rei de Navarra pode ser rei, =Margarida pode ser rainha, e nesse caso o rei levá-la-á

consigo: =esse voto de separação feito entre os dois romper-se-á um dia e =produzirá a nossa. Peço-lhe, portanto, Margarida, minha cara =Margarida, visto que com uma palavra me tranquilizou a respeito da minha =morte, que me tranquilize também com respeito à minha vida.

- Oh! não temas nada - exclamou Margarida, estendendo novamente a =mão sobre a cruz do pequeno cofre -, se eu partir, =acompanhar-me-ás; se o rei não quiser levar-te, não partirei =eu.

- Mas, como poderá resistir?

' Trazia ela um grande donaire com algibeirinhas em roda, nas quais =metia caixas com os corações dos seus finados amantes, pois tinha =o cuidado, à medida que eles morriam, de lhes mandar embalsamar o =coração. Esse donaire pendurava-se todas as noites num gancho =fechado a cadeado por detrás da cabeceira da cama.

194

- Meu amado La Mole - disse Margarida

-, tu não conheces Henrique; Henrique não

pensa agora senão numa coisa, e é em ser rei; a =este desejo

sacrificaria ele agora tudo o que possui

e com muito mais razão o que não possui. Adeus.

Desta noite em diante, La Mole não foi mais =um favorito

vulgar, e pôde trazer levantada

a cabeça, para a qual, viva ou morta estava =reservado um tão doce porvir.

Não obstante, a sua fronte pesada =inclinava-se às vezes para o chão; as suas faces empalideciam, e a =austera meditação abria as suas rugas entre os sobrolhos desse =mancebo rapaz tão alegre noutra tempo, agora tão venturoso.

VII

A MÃO DE DEUS

Henrique tinha dito a Sr.a de Sauve quando se apartara dela:

- Meta-se na cama, Carlota. Finja que está gravemente doente, e não receba amanhã visita de ninguém, sob qualquer pretexto que seja.

Carlota obedeceu, sem indagar os motivos que poderia ter o rei de Navarra para lhe fazer essa recomendação. Começava ela a habituar-se às suas excentricidades, como se diria hoje, e às suas fantasias, como se dizia então.

Demais, sabia que Henrique guardava no coração segredos que não dizia a ninguém, e no pensamento projectos que temia revelar mesmo em sonhos; obedecia, pois, cegamente a todas as vontades do seu real amante, certa de que as suas ideias, ainda as mais singulares, tinham um fim.

Queixou-se, portanto, nessa mesma noite a Dariole dum grande peso de cabeça acompanhado de vertigens. Eram os sintomas que Henrique lhe recomendara que acusasse.

No dia seguinte fingiu querer levantar-se; mas apenas pôs o pé no chão, queixou-se duma fraqueza geral e tornou-se a deitar. Esta indisposição, de que Henrique já tinha informado o duque de Alençon, foi a primeira nova que deram a Catarina, quando ela, ao levantar-se, perguntou, com ar tranquilo, por que motivo a Sauve não se apresentara, como era costume.

- Está doente - respondeu a Sr. de Lorena, que se achava ali na
=ocasião.

- Está doente? - repetiu Catarina, sem que um só músculo do =rosto
desse a entender o interesse que ela tomava na sua resposta. -

=Algum cansaço de preguiçosa.

- Não, minha Senhora - prosseguiu a princesa. - Queixa-se de
=violentas dores de cabeça e duma grande fraqueza que a não deixa
=pôr de pé.

Catarina não respondeu nada; mas, para ocultar certamente a sua
=alegria, virou-se para a janela, e vendo Henrique, que
atravessava o =pátio após a entrevista que teve com de Mouy,
levantou-se para o =examinar melhor e, impelida por essa
consciência que borbulha sempre, =posto que invisivelmente, no
fundo dos corações, ainda nos mais =endurecidos no crime:

- Não lhe parece - perguntou ao capitão das guardas - que meu
=filho Henrique está hoje mais pálido do que costuma?

E não era assim. Henrique estava muito inquieto de espírito,
=porém muito são de corpo. Foram-se retirando pouco a pouco as
=pessoas que costumavam vir todas as manhãs saber da rainha- mãe
=logo que se levantava, e só ficaram três ou quatro, mais
=familiares do que as outras. Catarina, impaciente, despediu-as,
dizendo =que queria estar só.

Logo que o último cortesão saiu, Catarina fechou a porta,

=dirigiu-se para um armário secreto,

196

aberto num dos tabiques do quarto, abriu a porta de correição e tirou =um livro, cujas folhas amarradas mostravam que era repetidas vezes =consultado.

Pôs esse livro sobre uma mesa, abriu-lhe o fecho, encostou os =cotovelos à mesa e a cabeça à mão.

isto mesmo - dizia ela lendo -, dor de cabeça, fraqueza muito =pronunciada, dores de olhos, inflamação do céu da boca. Não =se falou ainda senão de dores de cabeça e de fraqueza. não =tardarão os outros sintomas.

E continuou:

Depois a inflamação ganha a garganta, estende-se para o =estômago, envolve o coração como com um círculo de fogo e =faz estostrar o cérebro como um raio.

Tornou a ler para si o mesmo período; depois continuou, mas a meia =voz: Para febre seis horas; para a inflamação geral, doze; para a =gangrena, doze; para a agonia, seis; ao todo trinta e seis horas. Agora =suponhamos que a absorção seja mais lenta do que a =deglutição, em vez de trinta e seis horas teremos quarenta e oito; =sim, quarenta e oito horas devem bastar. Mas Henrique. como é que ele =está ainda de pé? Porque é homem, decerto; porque tem um =temperamento robusto; porque talvez tomasse alguma bebida

depois de a =beijar, e limpassem os lábios depois de beber.

Catarina esperou a hora de jantar com impaciência. Henrique jantava =todos os dias à mesa do rei. Veio, queixou-se também de agudas =dores de cabeça, não comeu nada e retirou-se logo depois que se =levantaram da mesa, dizendo que, tendo velado uma parte da noite =passada, precisava muito deitar-se.

Logo que deixou de ouvir o ruído dos vacilantes passos de Henrique, =Catarina mandou-o seguir. Vieram dizer-lhe que o rei de Navarra =tomara o caminho do quarto da baronesa de Sauve. Henrique - disse a rainha consigo - vai concluir junto dela, esta noite, =a obra duma morte que um infeliz acaso deixou talvez incompleta.

O rei de Navarra tinha realmente ido para o quarto da baronesa, mas era =para lhe dizer que continuasse a representar o seu papel. Em toda a manhã do dia seguinte, Henrique não saiu do seu quarto =nem apareceu ao jantar do rei. Dizia-se que a Sr. de Sauve estava cada =vez pior, e o boato da doença de Henrique, espalhado mesmo por =Catarina, corria como um desses pressentimentos cuja causa ninguém =explica, mas que passam pelo ar.

Catarina aplaudia-se; desde a manhã da véspera que ela afastara =Ambrósio Paré, a pretexto de ir tratar dum dos seus criados =favoritos, doente em São Germano. Seria preciso recorrer então a =um homem criatura sua, para o curativo da Sr. de Sauve e de

Henrique, e =esse homem não diria senão o que ela quisesse. Se, contra toda a =expectativa, fosse chamado algum outro doutor, e se alguma =declaração de envenenamento viesse assustar essa corte, onde já =tinham soado tantas declarações semelhantes, ela contava muito com =a bulha que fazia o ciúme de Margarida no teaan dos amores do marido. =Não se deve esquecer que ela já havia falado muito desse ciúme, =que se manifestara em várias ocasiões, como na do passeio no qual =dissera a sua filha, diante de muitas pessoas: - Parece-me que tens =ciúmes, Margarida.

Esperava ela, pois, com um semblante composto, o momento em que se =abrisse a porta e em que aparecesse algum criado pálido e turbado =gritando: - Minha Senhora! o rei de Navarra está a morrer e a Sr. de =Sauve morreu.

Deram quatro horas da tarde. Catarina acabava a sua merenda no viveiro, =distribuindo migalhas de biscoitos a alguns pássaros

caros que =sustentava pela sua mão. Posto que no semblante mostrasse, como =sempre, tranquilidade, o coração batia-lhe com violência ao =menor ruído.

De repente abriu-se a porta.

- Minha Senhora - disse o capitão das guardas -, o rei de Navarra =está.

197

- Doente? - interrompeu vivamente Catarina.

- Não, minha Senhora; graças a Deus, Sua Majestade, ao que parece,

=passa maravilhosamente.

- Então que é que me vinha dizer?

- Que o rei de Navarra está aí.

- Que me quer ele?

- Traz a Vossa Majestade um macaquinho da mais rara espécie.

Neste momento entrou Henrique com uma cestinha na mão, e afagando um =uistiti deitado nela.

Henrique sorria ao entrar, e parecia todo entregue ao lindo animalzinho =que trazia; mas, por mais preocupado que parecesse, não perdeu essa =primeira vista de olhos que lhe bastava nas circunstâncias =difíceis. Quanto a Catarina, estava muito pálida e a sua palidez =crescia à medida que ia vendo circular o vermelhão da saúde nas =faces do mancebo que se aproximava dela.

A rainha-mãe ficou aturdida com este choque. Aceitou maquinalmente o =presente de Henrique, turbou-se, felicitou-o pelo seu bom parecer e =acrescentou:

- Não faz ideia, meu filho, da satisfação que me causa vê-lo =tão bem disposto, pois me haviam dito que estava doente; e, se bem me =lembro, creio que o meu filho mesmo se queixou diante de mim duma =indisposição. Mas agora entendo - ajuntou ela, procurando sorrir =-, era algum pretexto para que o deixassem em sua liberdade e ao mesmo =tempo descansar.

- Estive realmente muito doente, minha Senhora - respondeu

Henrique. - =Curei-me porém desta indisposição com um remédio
=específico usado nas montanhas, e que minha mãe me deixou.

- Sim?. pois há-de ensinar-me a receita, Henrique - disse

Catarina, =sorrindo verdadeiramente desta vez, mas com uma ironia
que não =pôde disfarçar.

Algun contraveneno - disse ela por entre os dentes - pensaremos
ou =será melhor que não. Vendo a Sr de Sauve doente, desconfiou
=decerto. Realmente, deve-se crer que a mão de Deus está estendida
=sobre este homem.

Catarina esperou a noite com impaciência. A Sr.a de Sauve não
=apareceu. Ao jogo perguntou por ela; responderam-lhe que estava
pior. =Todo o serão esteve inquieta, de sorte que uns e outros
perguntavam =quais podiam ser os pensamentos que agitavam esse
rosto de ordinário =tão imóvel.

Retiraram-se todos. Catarina chamou as criadas para a despirem
e =deitou-se; depois, quando tudo dormia no Louvre, levantou-se,
enfiou um =comprido roupão preto, pegou numa lanterna, escolheu
entre todas as =chaves a que abria a porta da Sr de Sauve e subiu
ao quarto da =aça-fata.

Preveria Henrique esta visita? Estaria ocupado no seu quarto?

Estaria =oculto nalguma parte? O certo é que a dama estava só.

Catarina abriu a porta com cautela, atravessou a antecâmara,
entrou =na sala, pôs a lanterna sobre um dos móveis, porque havia

uma =lâmpada acesa junto da doente, e introduziu-se como uma
sombra no =quarto de dormir. Daríole, estendida numa grande
poltrona, dormia =junto do leito da ama.

Esse leito estava inteiramente fechado com as cortinas.

A respiração da baronesa era tão fraca, que Catarina cuidou por
=um instante que ela já não respirava.

Ouviu, finalmente, um leve sopro, e com uma alegria maligna foi
levantar =a cortina para verificar por si mesma o efeito do
terrível veneno, =estremecendo antecipadamente ao aspecto dessa
lívida palidez, ou =dessa devoradora púrpura dum febre mortal,
de que ela supunha =atacada a Sr. de Sauve. Mas, em vez de tudo
isto, tranquila, com os =olhos brandamente cerrados por suas
brancas pálpebras, com a boca =rosada e semiaberta, com a face
húmida e docemente reclinada sobre um =dos braços graciosamente
torneados, enquanto o outro, fresco e =nacarado, estava estendido
sobre a coberta de damasco carmesim, a bela =dama dormia ainda
quase risonha, porque

198

decerto algum sonho encantador lhe fazia assomar aos lábios o
=sorriso, e à face o brilhante colorido dum bem-estar que nada
=perturba.

Catarina não pôde conter um grito de surpresa que acordou por um
=momento Daríole.

A rainha-mãe escondeu-se por detrás do cortinado do leito.

Daríole abriu os olhos, mas estremunhada. Sem procurar mesmo no seu =espírito entorpecido a causa por que acordara, a donzela cerrou as =pálpebras e tornou a adormecer.

Catarina saiu então detrás do cortinado e, correndo com os olhos =todos os outros pontos do quarto, viu em cima duma pequena mesa uma =garrafa de vinho de Espanha, fruta, pastéis e dois copos.

Henrique =tinha decerto ceado no quarto da baronesa, a qual passava visivelmente =tão bem como ele. Dirigindo-se imediatamente ao toucador, pegou =Catarina na caixinha de prata, cuja terça parte estava vazia. Era =exactamente a mesma, ou ao menos uma igual à que ela tinha mandado =entregar a Carlota. Com a ponta dum alfinete de ouro tirou dessa =caixinha uma porção de massa da espessura duma pérola, voltou =ao quarto e apresentou-a

ao macaquinho que Henrique lhe dera nessa mesma =noite. O animal, engodado pelo cheiro, devorou-a avidamente, e =enroscando-se no

seu cestinho adormeceu. Catarina esperou um quarto de =hora.

Com a metade do que ele acaba de comer - disse Catarina - o meu cão =Brunot morreu inchado num minuto. Zombaram de mim. Seria

Renato?. =Renato, é impossível. Então foi Henrique. Oh!

fatalidade! =está claro, se ele deve reinar, não pode morrer.

Talvez, porém, =que seja o veneno que não tenha força para os acabar; veremos =experimentando o ferro.

E Catarina deitou-se, revolvendo no espírito um novo pensamento,

que =se achou certamente completo no dia seguinte; porque logo nesse dia =chamou o capitão das guardas, entregou-lhe uma carta, ordenou-lhe que =a levasse ao seu destino, não a entregando senão na mão daquele =a quem era dirigida.

Essa carta era para o Sr. de Louviers de Maurevel, capitão de =petardeiros do rei, na Rua do Cerejal, junto do tirsenal.

VIII

A CARTA DE ROMA

Dias depois dos acontecimentos que acabámos de narrar, entrou no Louvre uma liteira acompanhada por vários fidalgos com as cores de Guisa, e foi-se dar parte à rainha de Navarra que a Senhora Duquesa de Nevers solicitava a honra de cumprimentá-la. Margarida recebia então a visita da Sr. a de Sauve. Era a primeira vez que a bela baronesa saía depois da sua pretendida doença. Soubera ela que a rainha tinha manifestado ao marido um grande desassossego por essa indisposição que, durante uma semana, servira de assunto nas conversações da corte, e vinha agradecer-lhe.

Margarida felicitava-a pela sua convalescença e pela felicidade que tivera de escapar do súbito acesso dessa moléstia singular, da qual, na sua qualidade de filha de França, não podia deixar de apreciar toda a gravidade.

- Espero que há-de ir a essa grande caçada que já foi adiada - disse Margarida -, e que se há-de fazer definitivamente amanhã. Apesar de ser Inverno, o tempo está muito sereno. Todos os nossos caçadores afirmam que será um dia dos mais favoráveis. - Mas, minha Senhora - disse a baronesa -, não sei se estarei bastante restabelecida.

- Pois faça um esforço - tornou Margarida -, depois, como eu sou

=uma guerreira, autorizei o rei a dispor dum lindo cavallinho do Béarn =que eu devia montar, e que a conduzirá maravilhosa mente e sem receio =algum. Ainda não ouviu falar dele?

- Sim, minha Senhora; mas ignorava que esse cavallinho estivesse =destinado para a honra de ser oferecido a Vossa Majestade; a não ser =isso, não o teria aceitado.

- Por orgulho, baronesa?

- Ao contrário, minha Senhora, por humildade.

- Então, vai?

- É muita honra que Vossa Majestade me faz. Visto que mo ordena, =irei. Foi neste momento que anunciaram a Senhora Duquesa de Nevers. A =esse nome deixou Margarida escapar um tal movimento de alegria, que a =baronesa compreendeu que as duas mulheres tinham que conversar juntas, e =levantou-se para se retirar.

- Então até amanhã - disse Margarida.

- Até amanhã, minha Senhora.

- A propósito, baronesa - continuou Margarida, despedindo-a com a =mão -, lembre-se de que em público detesto-a, visto que estou =horrivelmente zelosa.

- E em particular? - perguntou a Sr. de Sauve.

- Oh! em particular, não só lhe perdoo, mas até lhe =agradeço.

- Então Vossa Majestade permite.

Margarida estendeu-lhe a mão, a baronesa beijou-a com respeito, fez = uma profunda reverência e saiu.

Enquanto a Sr. de Sauve subia a escada, saltando como um cabritinho que = se vê solto, a Sr.a de Nevers trocava com a rainha alguns = cumprimentos cerimoniais que deram tempo a retirarem-se os fidalgos que = a tinham acompanhado até ali.

- Gillonne - gritou Margarida logo que a porta se fechou -, vê que = ninguém nos estorve.

- Sim - disse a duquesa -, porque temos de falar de negócios muito = sérios. E puxando uma cadeira, sentou-se sem cerimónia, certa de = que ninguém viria estorvar essa intimidade convencional entre ela e = a rainha de Navarra.

- Então como vamos? - disse Margarida com um sorriso - que é feito = do nosso matador?

- Minha cara rainha - disse a duquesa -, esse homem é, pela minha = alma! um ente mitológico. O seu espírito é incomparável, = nunca se exaure. Tem saídas que fariam rebentar de riso um santo no = seu nicho; de resto, é o pagão mais furioso que se tem cosido numa = pele de católico. Estou louca por ele. E tu, que fazes do teu = Apolo?

- Ai! - exclamou Margarida com um suspiro.

- Oh! quanto me assusta esse ai, querida rainha; será porventura = demasiado respeitoso, demasiado sentimental, esse belo La

Mole?. Seria, =nesse caso, devo confessá-lo, inteiramente o contrário do seu =amigo Cocunás.

- Não, ele tem os seus momentos - disse Margarida -, e este aí não =se refere senão a mim.

- Que quer ele dizer então?

- Quer dizer, cara duquesa, que tenho um medo horrível de o amar =deveras.

- Sério?

- Palavra de Margarida.

- Oh! tanto melhor! - exclamou Henriqueta. - Que vida alegre nós =vamos passar! Amar pouco era o meu sonho; amar muito era o teu.

É =tão doce, querida e douta rainha, repousar o espírito pelo =coração, pois não é?. e ter, depois do delírio, o =sorriso!. Ah!

Margarida, tenho o pressentimento de que vamos passar um =bom ano.

- Crês nisso? - disse a rainha. - Eu, pelo contrário (não sei =como isto é) vejo as coisas por entre um véu negro. Toda esta =política me preocupa horrivelmente. A propósito: indaga se o teu =Aníbal é tão dedicado a meu irmão como me parece. Informa-te =disso, é importante sabê-lo.

- Ele, dedicado a alguém ou a alguma coisa? Bem se vê que não o =conheces como eu. Se se dedicar alguma vez a alguma coisa, há-de ser =à sua ambição e a mais nada. Se teu irmão é homem que lhe =possa fazer grandes promessas, então bem, será dedicado a teu

=irmão; mas que teu irmão, apesar de ser filho de França, não =se atreva a faltar às promessas que lhe fizer, de contrário, =digo-te eu, teu irmão que se acautele!

- Deveras?

- como te digo. Realmente, Margarida, há momentos em que esse =leão, que eu tenho domesticado, me faz medo a mim mesma. O outro dia, =dizia-lhe eu: Aníbal, tome conta, não me engane, porque se me =enganar. Julguei que ele ia responder-me: Eu, enganá-la? eu? nunca! =etc. etc. Pois sabes o que me respondeu?

- Não.

- Eu to digo, e julga o homem: E a senhora - respondeu ele - se me =enganar, tome conta também; porque, apesar de ser princesa. E dizendo =estas palavras, ameaçava-me, não só com os olhos, mas com o seu =dedo, seco e pontudo, munido duma unha cortada a modo de lança, com a =qual me chegou quase ao nariz. Confesso-te que naquele momento, minha =pobre rainha, a sua fisionomia era tão sinistra, que ainda tremo =quando me lembro dela! E entretanto tu sabes que não sou medrosa.

201

- Pois atreveu-se a ameaçar-te, Henriqueta?

- É como te digo. Eu também o ameaçava, é verdade. Por fim =de contas, ele teve razão. Assim, vê tu, dedicado até a um =certo ponto, ou antes, até a um ponto muito incerto.

- Então veremos - disse Margarida pensativa -, eu falarei a La

Mole. =Não tinhas nenhuma outra coisa a dizer-me?

- Pois não! uma coisa das mais interessantes, e por causa da qual eu vim principalmente. Mas que queres? vieste falar-me de coisas mais interessantes ainda! Recebi notícias.

- De Roma?

- Sim, um correio de meu marido.

- E então? o negócio da Polónia.

- Vai às mil maravilhas, e tu vais provavelmente dentro em pouco ficar livre do teu irmão de Anjou.

- Então o papa ratificou a eleição?

- Sim, minha querida.

- E tu não me dizias isso? - observou Margarida. - Depressa, depressa, os pormenores!

- Oh! por vida minha! não sei de outros além dos que te transmito. Demais. Espera, vou dar-te uma carta do Sr. de Nevers. Toma, aqui tens. Não, não é isto: isto são versos de Aníbal; versos atrozes, minha pobre Margarida. Nunca os fez doutra maneira.

Toma, desta vez, ei-la aqui. Não, ainda não é isto: isto é um bilheteinho meu, que trouxe para que lhe faças chegar à mão por intermédio de La Mole. Ah! cá está: agora é a carta em questão.

E a Sr. a de Nevers entregou a carta à rainha.

Margarida abriu-a vivamente e correu-a com os olhos; mas

efectivamente =não dizia mais do que o que ela já sabia pela boca da sua =amiga.

- E como recebeste esta carta? - continuou a rainha.

- Por um correio de meu marido, que tinha ordem de tocar no Palácio =de Guisa antes de ir ao Louvre, e de me entregar esta carta antes da do =rei. Eu sabia a importância que a minha rainha ligava a esta =notícia, e tinha escrito ao Sr. de Nevers para que se conduzisse =assim. Bem vêes que obedeceu; não é como esse monstro do =Cocunás. Presentemente não há em todo o Paris senão o rei, =tu e eu, quem saiba esta notícia; a menos que o homem que seguia o =nosso correio.

- Que homem?

- Oh! que horrível mister! Esse desgraçado correio chegou =estafado, desfeito, coberto de pó; correu sete dias, dia e noite, sem =parar um instante!

- Mas esse homem de quem me falavas há pouco?

- Espera. Constantemente seguido por um homem de semblante feroz, que =tinha mudas como ele e que corria tão veloz como ele, por todo esse =espaço de quatrocentas léguas, esse pobre correio esperava a cada =momento uma bala de pistola pelas costas.

Chegaram ambos ao mesmo tempo =à barreira de S. Marcel; ambos desceram a Rua MouflEetard a todo o =galope; ambos atravessaram a Cité; mas no fim da Ponte de Nossa =Senhora, o nosso correio

tomou à direita, quando o outro voltava à esquerda pela Praça do Châtelet e voava como uma seta pelo cais do lado do Louvre.

- Obrigada, minha boa Henriqueta, obrigada! - disse Margarida.

- Tu tinhas razão, são notícias bem interessantes. Para quem seria esse outro correio? Hei-de sabê-lo. Retira-te agora. Até esta noite, na Rua Tizon, não é assim? E amanhã, na caçada; escolhe um cavalo fioso, para que dispare e possamos assim estar sós. Dir-te-ei esta noite o que convém que trates de saber do teu Cocunás.

- Não te esquecerás da minha carta? - disse a duquesa de Nevers
a rir.

- Não, não, fica descansada; recebê-la-á a tempo.

202

A Sr. a de Nevers saiu; Margarida mandou logo chamar Henrique, o qual veio correndo, e deu-lhe a carta do duque de Nevers.

- Oh! oh! - disse ele.

Margarida contou-lhe depois a história do segundo correio.

- É verdade - disse Henrique -, eu vi-o entrar no Louvre.

- Talvez fosse para a rainha-mãe.

- Não, estou certo que não, porque eu fui postar-me no corredor e não vi passar ninguém.

- Então - disse Margarida olhando para o marido - deve ser.

- Para seu irmão de Alençon, não é assim? - disse Henrique.

- Sim, mas como sabê-lo?

- Não se poderia - disse Henrique indiferentemente - mandar chamar um =desses dois fidalgos, e saber por ele.

- Diz bem, Senhor - disse Margarida, sossegada com a proposição do =marido -, vou mandar chamar o Sr. de La Mole. Gillonne, Gillonne!

A dama apareceu.

- Preciso falar já com o Sr. de La Mole - disse-lhe a rainha. - Vai =procurá-lo, e condu-lo aqui.

Gillonne partiu. Henrique sentou-se a uma mesa, sobre a qual estava um =livro alemão com gravuras de Alberto Drer, e pôs-se a vê-lo com =tanta atenção que, quando chegou La Mole, pareceu não o sentir, =e nem mesmo levantou a cabeça.

O mancebo, vendo o rei no quarto de Margarida, ficou de pé no limiar =da câmara, mudo de surpresa, e empalidecendo de =inquietação.

Margarida caminhou para ele.

- Sr. de La Mole - perguntou ela -, pode dizer-me quem está hoje de =serviço no quarto do Sr. de Alençon?

- Cocunás, minha Senhora - disse La Mole.

- Procure saber dele se introduziu no quarto de seu amo um homem todo =enlameado, e que parece que fez uma longa jornada correndo a toda a =brida.

- Ah, minha Senhora! receio bem que ele mo não diga: há dias que
o =vejo mui taciturno.

- Se lhe der este bilhete, creio que não deverá recear isso.

- Da duquesa?. dê-mo, minha Senhora, dê-mo - disse La Mole muito
=alterado. - Com este bilhete respondo-lhe por tudo.

E partiu.

- Saberemos amanhã se o duque de Alençon está instruído do
=negócio da Polónia - disse tranquilamente Margarida,
voltando-se =para Henrique.

- Esse Sr. de La Mole é na verdade um guapo servidor - disse o
=Bearnês com esse sorriso exclusivo dele - e. pelo santo
sacrifício =da missa! hei-de fazer-lhe a fortuna.

XXIX

A PARTIDA

Quando, no dia seguinte, um belo sol avermelhado, mas sem raios, como =acontece nos dias privilegiados, se levantou por detrás das colinas =que circundavam Paris, tudo, desde as duas horas estava já em =movimento no pátio do Louvre.

Um magnífico cavalo da Berberia, nervoso, posto que delgado, com =pernas de veado, sobre as quais as veias se cruzavam como uma rede, =batendo com o pé, arrebitando as orelhas e soprando fogo pelas =ventas, esperava no pátio por Carlos IX; mas ele estava menos =impaciente ainda do que o dono, demorado por Catarina, que o tivera na =passagem para lhe falar, segundo dizia, dum negócio de =importância.

Estavam ambos na galeria envidraçada. Catarina, fria, pálida e =impassível como sempre. Carlos IX agitado, roendo as unhas e dando =com o chicote nos seus dois cães favoritos, revestidos de cotas de =malha para que a tromba do javali não achasse presa e pudessem eles =arrostar impunemente o terrível animal. Na frente dessas cotas via-se =um pequeno escudo das armas de França quase semelhante aos usados =pelos pajens, os quais por mais dum a vez tinham invejado os grandes =privilégios desses bem-aventurados favoritos.

- Note bem, Carlos - dizia Catarina -, nós somos os únicos que

=sabemos da próxima chegada dos polacos. No entanto, o rei de Navarra =põe-se em movimento, Deus me perdoe! como se o soubesse.

Apesar da =sua abjuração, da qual sempre desconfiei, ele está de =inteligência com os huguenotes. Não tem notado como ele sai a =miúdo de certos dias para cá? Demais, tem dinheiro, quando é =certo que nunca o teve; compra cavalos e armas, e nos dias de chuva =exercita-se na esgrima desde pela manhã até à noite.

- Valha-me Deus, minha mãe! - disse Carlos IX impaciado - pois =julga que o seu intento será matar-me, a mim ou a meu irmão de =Anjou? Nesse caso, ainda precisará dalgumas armas, porque ontem =contei com o meu florete onze botoeiras no seu gibão, que não tem =senão seis. E quanto a meu irmão de Anjou, bem sabe que ainda =atira melhor do que eu, ou pelo menos tão bem, segundo ele diz.

- Ouça, Carlos - tornou Catarina -, e não trate ligeiramente o que =lhe diz sua mãe. Os embaixadores vão chegar; verá que, apenas =eles estiverem em Paris, Henrique há-de fazer tudo quanto puder para =lhes cativar a atenção. Ele é insinuante e dissimulado; a =mulher, que o coadjuva, não sei porquê, não se há-de =também esquecer de ir tagarelar com eles, de lhes falar latim, grego, =húngaro e não sei que mais. O que lhe digo, Carlos (e bem sabe que =nunca me engano) é que anda aqui alguma trama.

Neste momento deram dez horas; Carlos deixou de prestar atenção =à mãe e pôs-se a contá-las.

- Ora aí está: sete horas! - exclamou ele - uma para ir, faz oito;
=uma para chegar ao ponto, soltar a matilha e desencovar, nove;
só =poderemos abrir a caça às nove horas Deveras, minha mãe,
faz-me =perder bastante tempo. Salta para baixo, Risquetout.
Leve-te o demo, =cachorro! Salta para baixo!

E uma violenta chicotada assentada no costado do molosso fez
soltar ao =pobre animal, todo espantado de receber um castigo em
troca dos seus =afagos, um grito de viva dor.

- Carlos - prosseguiu Catarina -, ouça-me, em nome de Deus! e não
=barateie assim a sua fortuna e a da França. Só me fala de =caça!.
Não terá bastante tempo para caçar quando os seus =deveres de
homem e de rei estiverem todos cumpridos?.

- Está bem, minha mãe, está bem! - disse Carlos, pálido de
=impaciência - expliquemo-nos depressa, porque me está fazendo
=ferver o sangue. Há realmente dias em que a não entendo. E parou,
=batendo nas botas com o cabo do chicote.

Catarina viu que o momento era propício e que não devia =deixá-lo
passar.

- Meu filho - disse ela -, nós temos provas de que o Sr. de Mouy
=voltou a Paris. O Sr. de Maurevel, que o meu filho bem conhece,
viu-o. =Não podia voltar senão por causa do rei de Navarra. Creio
que nos =basta isto para que ele nos seja mais suspeito do que

nunca.

- Ora aí está outra vez a contas como meu pobre Henriquinho; quer
=que o mande matar, não é assim?

- Oh! não.

- Que o mande então desterrar? Mas, como não vê que desterrado
=ele será muito mais para temer do que nunca o será aqui à nossa
=vista, no Louvre, onde nada pode fazer que nós não saibamos
=imediatamente?

- Por isso mesmo não é o seu desterro que eu peço.

- Mas então que quer? diga depressa!

- Quero que seja posto em segurança enquanto estiverem aqui os
=polacos; na Bastilha, por exemplo.

- Ah! isso não - exclamou Carlos IX -, Henriquinho é um dos meus
=melhores companheiros. Hoje vamos nós bater o javali. Sem ele,
adeus =caça. Ora adeus, minha mãe! Parece que Vossa Majestade não
=pensa senão em contrariar-me!

- Valha-o Deus, meu querido filho! Eu não digo que seja esta
=manhã!. Os enviados não chegam senão amanhã ou depois.
=Prendamo-lo unicamente depois da caça, esta tarde. esta noite.

- Isso é outra coisa. Falaremos outra vez nisso. Veremos, depois
da =caça talvez me resolva. Adeus. Vamos, chega, Risquetout!
também te =amua agora?

- Carlos - disse Catarina, retendo-o pelo braço e arriscando-se

à =explosão que podia resultar dessa nova demora -, creio que o melhor =seria assinar já a ordem de prisão, não se executando ela,

=contudo, senão de tarde ou à noite.

- Assinar, lavrar uma ordem, ir buscar o selo e pergaminho, quando me =esperam para a caça, eu, que nunca faço esperar ninguém? Isso =de forma nenhuma!

- Não, meu filho, quem o ama como eu não pode querer demorar-lhe o =seu prazer; previ tudo: entre no meu quarto, aqui tem.

E Catarina, lesta como se apenas tivesse vinte anos, empurrou uma porta =que dava para o seu gabinete e apresentou ao rei um tinteiro, uma pena, =um pergaminho, o selo e uma vela acesa.

O rei tomou o pergaminho e correu-o rapidamente com os olhos: Ordem, etc. etc. para ser preso e conduzido a Bastilha o nosso irmão =Henrique de Navarra.

- Bem, está pronta - disse ele, assinando sem hesitar. - Adeus, minha =mãe. E saltou para fora do gabinete seguido dos seus cães, =exultando por se ver tão facilmente livre de Catarina.

205

Carlos IX era esperado com impaciência, e como era sabida a sua =pontualidade em matéria de caça todos se admiravam desta demora.

=Assim, logo que ele apareceu, foi saudado pelos vivas dos caçadores, =pelas trombetas dos picadores, pelos relinchos dos cavalos e pelos =latidos dos cães. Todo esse estrondo, todo esse alvoroço, fez =assomar a vermelhidão às suas faces pálidas;

extasiou-se; =Carlos foi jovem e ditoso pelo espaço dum segundo.

Apenas feita uma saudação à brilhante companhia reunida no pátio, o rei acenou com a cabeça ao duque de Alençon e com a mão a sua irmã Margarida, passou por diante do rei de Navarra sem mostrar que dava fé dele, e montou o cavalo da Berberia, que, impaciente, começou a corcovear. Mas, depois de três ou quatro galões, conheceu o cavaleiro e acalmou.

As trombetas ressoaram imediatamente, de novo, e o rei saiu do Louvre acompanhado do duque de Alençon, do rei de Navarra, de Margarida, da Sr. a de Nevers, da Sr. a de Sauve, de Tavannes e dos principais senhores da corte.

É escusado dizer que La Mole e Cocunás eram da partida.

Quanto ao duque de Anjou, estava, havia três meses, no cerco de Arrochela. Quando se estava esperando pelo rei, tinha ido Henrique saudar sua mulher, a qual, ao mesmo tempo que respondeu ao cumprimento, lhe disse ao ouvido:

- O correio que chegou de Roma foi conduzido pelo Sr. de Cocunás em pessoa à presença do Sr. de Alençon, um quarto de hora antes que o enviado do duque de Nevers fosse apresentado ao rei.

- Então sabe ele tudo - disse Henrique.

- Deve sabê-lo - disse Margarida -, demais lance uma vista para ele e veja como, apesar do seu disfarce, lhe brilham os olhos.

Pudera não! - disse o Bearnês por entre dentes - caça hoje =três

peças: França, Polónia e Navarra. sem contar o =javali!

Saudou a mulher, tornou para o seu lugar e, chamando um dos fãmulos, =bearnês de nascimento, cujos avós já estavam ao serviço dos =seus havia um século, e o qual ele empregava como mensageiro =ordinário nos negócios de amores, disse-lhe:

- Orthon, toma esta chave e vai levá-la à casa do primo da Sr. a =de Sauve, que tu sabes que mora na Rua dos Quatro Filhos; diz-lhe que =sua prima lhe deseja falar esta noite, que entre no meu quarto, e se eu =aí não estiver, que me espere; se eu tardar, que se deite sobre a =minha cama enquanto não chego.

- Não tem resposta, meu Senhor?

- Nenhuma, senão dizes-me se o achaste. Não entregues a chave =senão a ele, entendes?

- Sim senhor.

- Espera, não vás já, demónio! Antes de sairmos de Paris, =hei-de chamar-te para me apertares as cilhas do meu cavalo; fica para =trás, e podes então ir, sem que se repare, levar o recado, e vir =ter comigo a Bondy.

O criado fez um sinal de obediência e afastou-se.

Puseram-se todos em marcha pela Rua de Santo Honorato, passaram à de =S. Dinis e depois ao arrabalde; ao chegarem à Rua de S.

Lourenço, =bamboleou o selim do cavalo em que ia o rei de Navarra;

Orthon correu, e =tudo se passou como se combinara entre ele e

o amo, o qual continuava a seguir com o cortejo real pela Rua dos Recoletos, enquanto o fiel servo ganhava a do Templo.

Quando Henrique se reuniu ao rei, estava Carlos empenhado com o duque de Alençon numa conversa tão interessante a respeito do tempo, da idade do javali emprazado, que era um solitário, e a respeito do lugar onde ele havia estabelecido o covil, que não percebeu, ou fingiu não perceber, que Henrique tinha ficado um instante para trás.

Margarida observava de longe o ar de cada cavaleiro, e parecia-lhe descobrir nos olhos do

206

irmão um certo embaraço todas as vezes que encarava com Henrique.

A Sr. de Nevers ia toda entregue a uma alegria louca, porque Cocunás, eminentemente jovial nesse dia, fazia mil travessuras para que as senhoras rissem.

Quanto a La Mole, já tinha achado duas ou três vezes ocasião de beijar a mantinha branca, com franjas de oiro, de Margarida, sem essa acção, feita com a destreza ordinária dos amantes, fosse vista por mais de duas ou três pessoas.

Chegou-se às oito horas e um quarto a Bondy.

O primeiro cuidado de Carlos IX foi informar-se se o javali tinha esperado. O javali estava no covil, e o picador que o tinha emprazado respondia por ele.

Estava pronta uma colação. O rei bebeu um copo de vinho da
=Hungria; convidou as senhoras para a mesa; e todo entregue à sua
=impaciência, foi, para empregar o tempo, ver as casas dos
couteiros e =suas dependências, recomendando que não lhe
desaparelhassem o =cavalo visto, disse ele, que nunca tinha
montado outro melhor nem mais =forte.

Enquanto o rei dava o seu passeio, chegou o duque de Guisa. Vinha
mais =armado em guerra do que à caçador, e era acompanhado por
vinte ou =trinta fidalgos equipados como ele. Perguntou
imediatamente onde estava =o rei, foi procurá-lo e voltou
conversando com ele.

Às nove horas em ponto deu o rei em pessoa o sinal, tocando a
=desencovar; e todos, montando a cavalo, marcharam para o ponto
=designado.

Durante o caminho, Henrique achou outra vez meio de aproximar-se
da =mulher.

- Então? - perguntou-lhe ele - sabe alguma coisa de novo?

- Não - respondeu Margarida -, a não ser que meu irmão Carlos o
=está olhando dum modo célebre.

- Já percebi isso - respondeu Henrique.

- Tomou as suas precauções?

- Tenho sobre o peito a minha cota de malha, e à cinta uma excelente
=faca de caça espanhola, afiada como uma navalha de barba, aguçada

=como uma agulha e com a qual furo dobrões.

- Então - disse Margarida -, à conta de Deus!

O picador que dirigia o cortejo fez um sinal; tinha-se chegado

ao =covil.

MAUREVEL

Enquanto toda essa mocidade alegre e descuidosa, ao menos na
=aparência, se espalhava como o dourado turbilhão pela estrada de
=Bondy, Catarina, enrolando o precioso pergaminho em que o rei
Carlos =acabava de pôr a sua assinatura, mandava que
introduzissem no seu =gabinete o homem a quem alguns dias antes
tinha o capitão das suas =guardas levado um recado à Rua do
Cerejal, Bairro do Arsenal.

Um grande penso de tafetá, semelhante a um selo fúnebre, cobria
um =dos olhos desse homem, deixando descoberto somente o outro,
e mostrando =entre as duas salientes maçãs do rosto a curva dum
nariz de =abutre, enquanto uma barba grisalha lhe cobria a parte
inferior do =rosto. Trazia uma manta comprida e grossa, debaixo
da qual facilmente se =adivinhou haver um arsenal completo. Além
de que, contra o estilo =observado pelas pessoas chamadas à corte,
tinha à cintura uma =comprida e larga espada de grandes copos.
Uma das mãos estava oculta, =e não largava por baixo da manta o
cabo do comprido punhal.

- Ah! até que enfim chegou - disse a rainha sentando-se. - Sabe
que =lhe prometi, depois do S. Bartolomeu, em que tão assinalados
=serviços nos prestou, não o deixar desocupado? Apresenta-se uma
=ocasião, ou, para melhor dizer, fui eu que a fiz nascer.
=Agradeça-me pois.

- Minha Senhora, agradeço humildemente a Vossa Majestade -
respondeu =o homem com uma discrição igualmente baixa e
insolente.

- Bela ocasião para o senhor; e como não achará duas na sua =vida,
aproveite-a pois.

- Estou esperando, minha Senhora; receio unicamente pelo
=preâmbulo.

- Que seja violenta a comissão? Pois não é de comissões =destas
que são ávidos os que querem progredir?. Esta de que lhe =falo
seria invejada pelos Tavannes e até pelos Guisas.

- Ah, minha Senhora! - tornou o sujeito - fique certa de que,
qualquer =que seja, estou às ordens de Vossa Majestade.

- Pois então leia - disse Catarina.

E apresentou-lhe o pergaminho.

O sujeito descorou à medida que o ia lendo.

- Como! - exclamou - ordem de prender o rei de Navarra?

- E que tem isso de extraordinário?

- Um rei, minha senhora? Na verdade. duvido, receio não ser
fidalgo =de conveniente hierarquia.

- A minha confiança constitui-o o primeiro fidalgo da minha corte,
=Sr. de Maurevel - disse Catarina.

- Graças sejam dadas a Vossa Majestade - disse o assassino, tão
=comovido que parecia hesitar.

- Então, obedecerá?
 - Se Vossa Majestade ordenar, não é esse o meu dever?
 - Pois sim, ordeno.
 - Então obedecerei.
 - Como fará?
 - Não sei ainda, minha Senhora; bem quisera que Vossa Majestade me =aconselhasse.
 - Receia que lhe resistam?
 - Confesso que sim.
 - Leve doze homens seguros; mais, se precisos forem.
 - Sem dúvida, compreendo; Vossa Majestade permite-me que tome todas =as precauções e vantagens, e por isso lhe fico muito agradecido; =mas onde hei-de prender o rei de Navarra?
 - Onde lhe parecer melhor.
 - Num lugar cuja própria santidade me protegesse, se possível =fosse.
 - Compreendo: em algum palácio real; que diria do Louvre, por =exemplo?
 - Oh! se Vossa Majestade me permitisse, seria grande favor.
 - Pois então, prenda-o no Louvre.
 - E em que parte do Louvre?
 - No seu próprio quarto.
- Maurevel inclinou-se.

- E quando, minha Senhora?

- Esta tarde. ou antes, esta noite.

- Muito bem, minha Senhora; agora digne-se Vossa Majestade informar-me =sobre uma coisa.

- Qual?

- Sobre as atenções devidas à sua jerarquia.

- Atenções? jerarquia? - disse Catarina. - Pois o senhor ignora =que o rei de França no seu reino a ninguém deve atenções, =não reconhecendo em ninguém jerarquia que se aproxime da sua?

Maurevel inclinou-se outra vez.

- Entretanto, insistirei num ponto, se todavia Vossa Majestade mo =permitir.

- Permito, sim senhor.

- Se o rei contestar a autenticidade da ordem. não é provável, =mas enfim.

- Pelo contrário, Senhor, isso é certo.

- Há-de contestá-la?

- Sem a menor dúvida.

- E por consequência, recusar-se-á a obedecer.

- Assim receio.

- E resistirá?

- É provável.

- Mau! - disse - e nesse caso?

- Em que caso? - perguntou Catarina com olhar fixo.

- No caso de ele resistir, que devo fazer?

- O que faz quando está encarregado duma ordem de el-rei, isto é, =quando representa o rei e acha resistência.

- Quando recebo a honra de semelhante ordem, minha Senhora, e essa ordem =diz respeito a um simples fidalgo, mato-o.

- Já lhe disse, Sr. Maurevel, e supunha que ainda se não tivesse =esquecido, que o rei de França

210

não reconhece jerarquias no seu reino; quer isto dizer que o rei de =França é o único rei, e que, depois dele, os mais elevados =não passam de simples fidalgos.

Maurevel descorou, pois ia compreendendo.

- Oh! oh! - disse então - matar o rei de Navarra?.

- Mas quem lhe fala em matá-lo? Onde está a ordem de o matar? O =rei quer que o levem à Bastilha, e a ordem só diz isso. Deixe-se =ele prender, que tudo vai bem; como, porém, não se há-de deixar =prender, como há-de resistir, e procurar matá-lo.

Maurevel empalideceu.

- O senhor há-de defender-se - continuou Catarina. - Não se pode =exigir dum valente que se deixe matar sem se defender. e defendendo- se, =que quer? Há-de acontecer o que tiver de acontecer! Compreende-me, =não é assim?

- Sim, minha Senhora, mas.

- Então quer que eu, depois das palavras Ordem depender
acrescente =morto ou vivo?.

- Confesso, minha Senhora, que assim desapareceriam os meus
=escrúpulos.

- Pois seja, sim, já que sem isso não acha exequível a =comissão.

E encolhendo os ombros, Catarina abriu com uma das mãos o
pergaminho =e com a outra escreveu: morto ou vivo.

- Tome lá - disse ela. - Acha agora tudo regular?

- Sim, minha Senhora - respondeu Maurevel -, peço somente a Vossa
=Majestade que me deixe a inteira disposição da empresa.

- Em que é que o que eu disse embaraça a execução?

- Vossa Majestade disse-me que levasse doze homens.

- Sim senhor, para haver mais certeza.

- Pois pedirei licença para somente levar seis.

- E porquê?

- Porque, minha Senhora, se, como é provável, acontecer alguma
=desgraça ao príncipe, facilmente desculparão a seis homens o
=terem tido receio de perder um preso, enquanto que não haverá
=ninguém que desculpe a doze guardas o não terem deixado morrer
=metade dos seus camaradas antes de porem a mão numa majestade.

- Bonita majestade essa, que nem reino tem!.

- Minha Senhora - disse Maurevel -, não é o reino que faz o rei,

=é o nascimento.

- Pois então proceda como lhe parecer; só o devo prevenir de que

=não desejo que saia do Louvre.

- Mas, minha Senhora, para reunir os homens.

- Sempre há-de ter por aí algum sargento a quem dê essa

=incumbência.

- Tenho o meu criado, que não só é um rapagão fiel, como =até me tem ajudado em empresas semelhantes.

- Pois mande-o chamar e entenda-se com ele. Sabe onde é a sala

de =armas de el-rei, não sabe? Pois lá lhe levarão o almoço, e

=de lá poderá dar as suas ordens. O lugar reanimar-lhe-á o

=espírito, se estiver abalado. Depois, quando meu filho voltar

da =caçada, entrará no meu oratório e aguardará a hora.

- Mas como entrar no quarto? O rei tem sem dúvida alguma suspeita

e =fechar-se-á por dentro.

- Tenho uma outra chave de todas as portas - disse Catarina -,

e da de =Henrique já foram tirados os ferrolhos. Adeus, Sr. de

Maurevel, =até logo. Vou dar ordem para que o conduzam à sala de

armas de =el-rei. Por última recomendação, digo-lhe que o que um

rei =ordena deve, antes de tudo, ser executado; que nenhuma

desculpa é =aceite; e um mau resultado, um simples revés,

comprometeria a honra =do rei: isto é sério.

E sem dar a Maurevel tempo de lhe responder, Catarina chamou pelo Sr. de =Nancey, seu capitão das guardas, e ordenou- lhe que levasse o Sr. de =Maurevel para a sala de armas.

Ora pois! - dizia Maurevel acompanhando o seu guia - vou subindo na =jerarquia do assassinato: dum simples fidalgo a um capitão; dum =capitão a um almirante; dum almirante a um rei sem coroa; quem sabe =se um dia não chegarei a assassinar um rei coroado.

212

A CAÇADA

O monteiro, que tinha encovado o javali e que tinha afirmado ao rei que =o animal não havia deixado o recinto, não se havia enganado. =Apenas soltaram o cão no rasto, meteu-se pela mata, e dum moita de =espinhos fez saltar o javali, o qual, como havia sido reconhecido pelo =monteiro, que estudara as pegadas, era um solitário, isto é, um =animal dos maiores.

Largaram-lhe prontamente a primeira matilha, e uns vinte cães se =precipitaram atrás da presa. A caça era a paixão de Carlos. =Apenas o javali atravessou o caminho, desatou o rei a galope, =acompanhado do duque de Alençon e por Henrique, a quem um sinal de =Margarida havia indicado que não saísse de junto do rei.

Todos os mais caçadores seguiram atrás do rei.

As coutadas reais estavam longe de ser, na época em que se passa a =história que contamos, como são hoje, grandes parques plantados e =cortados por caminhos de rodagem. Então, o

aproveitamento das matas =era quase nenhum: os reis não tinham tido ainda a lembrança de se =fazerem negociantes e de dividir as suas matas em cortes regulares. As =árvores, semeadas não por hábeis florestais, mas pela mão de =Deus, que soltava a semente ao capricho do vento, não estavam =dispostas em xadrez; cresciam, porém, à vontade, e como ainda hoje =nos matos virgens da América. Em suma: uma floresta nesses tempos era =um covil, onde formigavam javalis, lobos, veados e ladrões; e apenas =uma dúzia de veredas, partindo dum centro, estreavam a de Bondy, que =uma estrada circular envolvia como um círculo abrange os raios duma =roda. Levando a comparação mais longe, o cubo representaria =sofrivelmente a única encruzilhada situada no centro da floresta, e =em que se reuniam os caçadores perdidos para daí se arrojarem ao =ponto em que aparecia outra vez a presa. Ao cabo de meia hora, aconteceu o que sempre acontecia em caso =semelhante: obstáculos quase insuperáveis tinham-se oposto aos =caçadores; as vozes dos cães tinham-se perdido ao longe, e o =próprio rei voltara à encruzilhada, vociferando e praguejando como =costumava.

- Então, de Alençon? Então, Henriquinho? - disse o rei. - =Estão para aí assim quietos e sossegados como freiras que =acompanham a abadessa! Olhem que isso não é caçar! O Sr. de =Alençon está tão cheiroso, que se passa entre a presa e os meus =cães é capaz

de lhes fazer perder o fardo. E o senhor, Henriquinho, =que fez do venábulo e do arcabuz?

- Meu Senhor - disse Henrique -, para que é preciso um arcabuz?

Sei =que Vossa Majestade gosta de atirar à presa quando a tem segura pelos =cães. E quanto ao venábulo, sou muito desajeitado para me servir =dessa arma, que não é usada nas nossas montanhas, em que =caçamos ursos só com o punhal.

- Por minha alma, Henrique! quando voltar para os seus Pirenéus, =há-de mandar-me uma

213

boa carroçada de ursos, pois há-de ser uma boa caçada a que se =faz assim corpo a corpo com uma fera que nos pode matar. Escutem! =parece-me que ouço os cães. Não; era engano.

O rei pegou na trompa e deu um certo toque. Responderam-lhe repetindo o =mesmo toque de vários pontos. De súbito, um monteiro apareceu e =fez ouvir outro toque.

- À vista! à vista! - bradou o rei.

E precipitou-se a galope, acompanhado por todos os cavaleiros que se lhe =haviam reunido. O monteiro não se havia enganado. À medida que o =rei prosseguia, começava-se a ouvir o latir da matilha, composta =então de mais de sessenta cães, porque tinham sido soltos, uns =após outros, todos os que se haviam disposto nos lugares pelos quais =já havia passado o javali. O rei viu-o passar outra vez; e, =aproveitando um espaço em que as árvores eram

altas, meteu-se por =entre elas tocando a trompa com toda a força.

Os príncipes acompanharam-no por algum tempo. Tão robusto,

=porém, era o cavalo do rei, que no impulso do seu ardor

=precipitava-se por caminhos tão íngremes por matas tão densas,

=que, a princípio as senhoras, depois o duque de Guisa e os

fidalgos, =e, por fim, os dois príncipes, foram obrigados a

abandoná-lo. =Tavannes ainda o acompanhou até certo ponto; mas

por fim também =ele teve de renunciar.

Todos, pois, excepto Carlos e alguns monteiros, que, excitados

pela =promessa duma recompensa, não queriam deixar o rei,

acharam-se de =novo ao pé da encruzilhada.

Os dois príncipes estavam ao pé um do outro numa comprida alameda;

=a cem passos deles tinha parado o duque de Guisa com os seus

criados; no =centro da encruzilhada estavam as senhoras.

- Não pareceria - disse o duque de Alençon a Henrique,

=mostrando-lhe com o canto do olho o duque de Guisa - que aquele

homem, =com a sua escolta coberta de ferro, é o verdadeiro rei?

Pobres =príncipes que somos! Nem nos faz a honra de olhar para

nós!

- Porque nos há-de ele tratar melhor do que nos tratam os nossos

=próprios parentes? - respondeu Henrique. - Ora, meu irmão, não

=estamos nós ambos prisioneiros na corte de França, como reféns

=do nosso partido?

O duque Francisco estremeceu ao ouvir essas palavras e olhou para Henrique, como para provocar mais ampla explicação; Henrique, porém, que se havia adiantado mais do que costumava fazer, calou-se.

- Que quer dizer, Henrique? - instou o duque Francisco, evidentemente aflito por ver que o cunhado, não continuando, obrigava-o a ele a encetar essas explicações.

- Digo, meu irmão - tornou Henrique -, que aqueles homens tão bem armados, que parecem ter por encargo não nos perderem de vista, têm toda a aparência de guardas incumbidos de obstar a que fujam duas pessoas.

- Fugir para quê, e como? - perguntou de Alençon, representando admiravelmente o espanto e a ingenuidade.

- Vossa Alteza tem um magnífico ginete - disse Henrique, prosseguindo no seu pensamento, e parecendo ao mesmo tempo mudar de conversação -, estou certo de que ele andaria sete léguas por hora, e vinte léguas daqui até ao meio-dia. O tempo está belo. tudo convida, palavra de honra! a largar a rédea. Veja que lindo atalho! Pois não se tenta, Francisco? Pela minha parte, as esporas abrasam-me.

Francisco não respondeu nada; corou e fez-se pálido sucessivamente; depois aplicou o ouvido como para perceber onde estavam os caçadores.

A notícia da Polónia está dando de si - disse Henrique - e o meu querido cunhado lá tem o seu plano. Bem quisera ele que eu fugisse; engana-se, porém, pois não hei-de fugir só.

Mal acabava essa reflexão quando muitos recém- conversos, que havia dois ou três meses tinham voltado à corte, chegaram a galope e cortejaram os dois príncipes cheios de amabilidade.

214

Provocado pelas confidências de Henrique, o duque de Alençon não tinha senão que dizer uma palavra, que fazer um gesto; e era evidente que trinta a quarenta cavaleiros, reunidos nesse momento em redor deles como para fazer oposição ao grupo do Sr. de Guisa, favoreciam a fuga; voltou porém a cabeça e, levando a trompa à boca, tocou sem cessar a reunir.

Entretanto, os recém-chegados, como se houvessem julgado que a hesitação do duque de Alençon provinha da inesperada presença da gente de Guisa, tinham-se a pouco e pouco metido entre ele e os dois príncipes, e formado com uma habilidade estratégica que revelava a longa prática da guerra. Com efeito, para chegar ao duque de Alençon e ao rei de Navarra, teria sido preciso esmagá-los primeiro, enquanto que se estendia a perder de vista diante dos dois irmãos uma longa estrada perfeitamente livre.

De repente, entre as árvores, a dez passos do rei de Navarra, apareceu outro fidalgo, a quem os dois príncipes ainda não tinham

=visto. Henrique procurava adivinhar quem era, quando ele,

tirando o chapéu, se lhe deu a conhecer pelo visconde de Turenne, um dos caudilhos do partido protestante, que supunham estar no

Poitou.

O visconde arriscou até um sinal, que queria dizer: Então, vem?

Mas Henrique, depois de haver bem consultado o rosto impassível

e os olhos desanimados do duque de Alençon, voltou duas ou três

vezes a cabeça nos ombros, como se o estivesse incomodando a gola do gibão.

Era uma resposta negativa: o visconde compreendeu-a e, dando de esporas ao cavalo, sumiu-se. No mesmo momento ouviu-se a matilha

aproximar-se; depois, pela extremidade da alameda em que

estavam, viu-se passar o javali, e logo após os cães, e atrás

deles, semelhante ao caçador infernal, Carlos IX, sem chapéu,

com a trompa na boca, tocando a ponto de arreentar os pulmões;

acompanhavam-no três ou quatro Monteiro. Tavannes tinha desaparecido.

- El-rei! - bradou o duque de Alençon.

E seguiu atrás dele.

Henrique, tranquilizado pela presença dos seus bons amigos,

fez-lhes sinal que não se retirassem e dirigiu-se para as

senhoras.

- E então? - disse Margarida, dando alguns passos para ele.

- Minha Senhora - disse Henrique -, estamos caçando javalis.

- E mais nada?

- Mais nada; o vento mudou de ontem de manhã para cá; julgo,
=porém, que lhe havia predito que assim sucederia.

- As mudanças de ventos são ruins para as caçadas, não é =assim?

- perguntou Margarida.

- É exacto - disse Henrique -, confundem às vezes todas as
=disposições que se haviam adoptado, e obrigam a combinar novos
=planos.

Neste momento começaram a ouvir-se os latidos da matilha,
=aproximando-se rapidamente, e um como tumultuoso ruído avisou
os =caçadores que se pusessem atentos. Cada qual levantou a cabeça
e =aplicou o ouvido.

Quase imediatamente o javali apareceu, e em vez de se meter pela
mata, =seguiu a estrada que ia direita à encruzilhada em que
estavam as =damas, os fidalgos que as acompanhavam e os caçadores
que haviam =perdido a caça.

Atrás dele, e quase que tocando-lhe, vinham trinta ou quarenta
=cães dos mais valentes, e após eles, a distância, quando muito,
=de vinte passos, o rei Carlos, sem nada na cabeça, sem capa, todo
=roto pelos espinhos, com a cara e as mãos cobertas de sangue,
=acompanhado somente de dois Monteiro.

O rei não largava a trompa senão para excitar os cães, não =cessava
de os excitar senão para fazer ressoar a trompa. O mundo =inteiro

havia desaparecido aos seus olhos. Se o cavalo houvesse

=afrouxado, teria bradado, como Ricardo III: A minha coroa por um =cavalo!

215

Mas o cavalo mostrava-se tão ardente como o cavaleiro: as patas

mal =tocavam no chão e as ventas deitavam fogo.

O javali, os cães e o rei passaram como uma visão.

- Halali! halali! - bradou o rei ao passar. E levou a trompa aos

=lábios ensanguentados.

A poucos passos dele vinha o duque de Alençon e apenas dois

=monteiros; os cavalos dos outros tinham afrouxado, ou haviam-se

=perdido.

Todos foram em seu seguimento, porquanto era evidente que o javali

=não tardaria muito que não tomasse a ofensiva.

Com efeito, mal passados dez minutos, o javali deixou o caminho

por onde =ia e atirou-se para o mato; chegando porém a um claro,

encostou-se a =um rochedo e voltou-se para os cães.

Aos gritos de Carlos, que o seguia, todos correram.

Estava-se, enfim, no momento mais interessante da caçada; o

animal =parecia resolvido a uma defesa desesperada. Animados por

uma carreira de =mais de três horas, os cães arrojavam-se contra

ele com =encarniçamento, que dobrava com os clamores e alaridos

do rei.

Todos os caçadores formaram círculo; o rei um pouco adiante, tendo

=atrás de si o duque de Alençon, armado com arcabuz, e Henrique,
=que só tinha uma simples faca de caça.

O duque de Alençon despreendeu o arcabuz e acendeu a mecha;
Henrique =tirou a faca da bainha.

Quanto ao duque de Guisa, que desdenhava dos exercícios de
montaria, =tinha-se desviado um pouco com os seus fidalgos.

As damas, todas reunidas, formavam um ranchinho, que fazia
simetria com =o do duque de Guisa.

Tudo quanto era caçador ficara com os olhos fitos no animal, numa
=expectativa cheia de ansiedade.

Um pouco atrás, estava um monteiro forcejando por conter os dois
=molossos do rei, que, cobertos com saias de malha, uivando e
=precipitando-se com tanta força, que a cada instante pareciam
=arrebentar as correntes, esperavam pelo momento de acometer o
=javali.

Este fazia prodígios: atacado ao mesmo tempo por uns quarenta
=cães, que de todos os lados procuravam filar-lhe a pele rugosa
=coberta de duras sedas arrepiadas, de cada focinhada atirava a
dez =passos de altura um cão, que caía com a barriga aberta, e
que, com =as entranhas de rastos, se confundia de novo na matilha,
enquanto =Carlos, com os cabelos eriçados, os olhos inflamados,
as ventas =abertas, curvado sobre o pescoço do cavalo coberto de
suor, fazia =ressoar um frenético halali.

Em menos de dez minutos, vinte cães estavam fora de combate.

- Os dogues! - bradou Carlos - os dogues!

A este grito, o Monteiro tirou as correntes aos molossos, que,
=rápidos, saltaram ao meio da caniçaria, derrubando tudo,
desviando =tudo e abrindo com as férreas armaduras caminho que
os levou ao =encontro da fera, sobre a qual se arrojaram,
filando-se-lhe cada um a =uma das orelhas.

O javali, sentindo-se seguro, rangeu os dentes cheio de raiva e
de =dor.

- Bravo, Duredent! bravo, Risquetout! - bradou Carlos. - Ânimo,
meus =cãezinhos! Um venábulo! um venábulo! dêem- me um =venábulo!

- Não quer antes o meu arcabuz? - disse o duque de Alençon.

- Não! - exclamou o rei - não se sente entrar a bala, não há =gosto,
enquanto um venábulo sente-se quando vai entrando. Um =venábulo!

Apresentaram ao rei um, endurecido ao fogo e terminando numa ponta
de =ferro.

- Meu irmão, cuidado! - exclamou Margarida.

- Vá, vá, meu Senhor! - exclamou a duquesa de Nevers - Um golpe
=rijo nesse hereje!

216

- Deixe estar, duquesa - disse Carlos.

E pondo em riste o seu venábulo, acometeu o javali, que, seguro
pelos =cães, não pôde evitar o golpe. Entretanto, ao ver o

lustroso =venábulo, fez um movimento para o lado e, em vez de lhe penetrar no =peito, a arma escorregou e deu de encontro ao rochedo a que se havia =encostado o animal.

- Com todos os diabos do Inferno! - bradou Carlos - erreí!. Outro =venábulo, depressa! Outro venábulo!

E recuando, como faziam os cavaleiros quando abriam campo, atirou a dez =passos de distância o venábulo que pusera fora de serviço.

Um monteiro correu a oferecer-lhe outro.

Porém ao mesmo tempo, como se previsse a sorte que o esperava e =tivesse querido subtrair-se-lhe, o javali, com orelhas dilaceradas e com =os olhos injectados de sangue, horrível, todo arrepiado, com a =respiração ruidosa como um fole de ferreiro, fazendo estalar os =dentes, precipitou-se, com a cabeça inclinada, para o cavalo do =rei.

Carlos era tão destro caçador que havia previsto esse ataque; e =por isso fez empinar o cavalo; tendo, porém, calculado mal a =pressão do freio, o cavalo, urgido por ele, ou talvez levado de =susto, deixou-se cair para trás.

Todos os espectadores soltaram um grito de terror: uma das pernas do rei =tinha ficado presa.

- Largue as rédeas, Senhor! largue as rédeas! - disse =Henrique.

O rei largou as rédeas, agarrou na sela com a mão esquerda, =procurando com a direita tirar a faca de caça: esta, porém,

=apertada pelo peso do corpo, não quis sair da bainha.

- O javali! o javali! - bradou Carlos. - Acode-me, de Alençon,

acode- =me! Entretanto, o cavalo, entregue a si mesmo, como se compreendesse o =perigo em que estava o dono entesou os músculos,

e já havia =conseguído levantar-se sobre três pernas, quando, ao

chamado do =irmão, Henrique viu o duque de Alençon empalidecer

horripelmente e =depois encostar ao ombro o arcabuz; em vez,

porém, de ferir o javali, =que estava a dois passos do rei, a bala

foi quebrar o joelho do cavalo, =que caiu outra vez ao chão.

No mesmo momento, o javali, com uma focinhada, rasgou a bota do

rei. Oh! =- disse consigo de Alençon com os lábios descorados -

julgo que o =duque de Anjou é rei de França, e que eu sou rei da

Polónia. =

Com efeito, o javali procurava rasgar a coxa de Carlos, quando

este =sentiu que alguém lhe levantava o braço, e viu depois

brilhar um =ferro agudo, que se cravava e desaparecia até ao cabo

na espádua =do animal, enquanto uma mão calçada de luva de ferro

lhe desviava =o focinho já fumegante de sob o fato do rei.

Carlos, que, no movimento que fizera o cavalo, tinha conseguido

=desembaraçar a perna, levantou-se pesadamente e, vendo-se

coberto de =sangue, empalideceu como um cadáver.

- Senhor - disse Henrique, que, sempre ajoelhado, tinha seguro

o focinho =do javali, ferido no coração - não é coisa de cuidado;

pude =desviar a tempo os dentes da fera, e Vossa Majestade não

está =ferido.

Depois levantou-se, largando a faca, e o javali imediatamente caiu, =deitando ainda mais sangue pela boca do que pela chaga.

Carlos, rodeado de toda a gente, aflita, acolhido por gritos de terror =que teriam vencido a coragem mais impassível, quase que caiu ao pé =da fera agonizante. Dominou porém esse impulso e, voltando-se para o =rei de Navarra, apertou-lhe a mão com um olhar em que brilhava o =primeiro ímpeto de sensibilidade que no espaço de vinte e quatro =anos lhe havia feito palpitar o coração, e disse-Lhe:

- Obrigado, Henriquinho!

- Meu pobre irmão! - exclamou de Alençon, aproximando-se do =rei.

217

- Ah! és tu, de Alençon? - disse o rei. - Habilíssimo atirador, =que é feito da tua bala?

- Há-de ter-se achatado, repelida pelo couro do javali.

- Oh, meu querido! - exclamou Henrique com surpresa admiravelmente =simulada - veja, Francisco, como a sua bala foi quebrar a perna do =cavalo de Sua Majestade! é singular!.

- Hem? - disse o rei. - É verdade?

- Pode ser - disse o duque consternado -, a mão tremia-me tanto!.

- O facto é que, para um hábil atirador, deu um tiro =singularíssimo, Francisco! - disse o rei carregando o sobrolho.

- =Ainda uma vez, obrigado, Henriquinho! Meus Senhores -
prosseguiu o rei =-, voltemos; já estou farto desta caçada.

Margarida aproximou-se para felicitar Henrique.

- Ah sim, Margot - disse-lhe Carlos - felicita-o e com toda a
=sinceridade pois, a não ser ele, o rei de França chamar-se-ia
=Henrique III.

- Ai, minha Senhora! - disse o Bearnês - o Senhor Duque de Anjou,
que =já não é muito meu amigo, vai ficar-me com maior ódio. Mas
=que quer? faz-se o que se pode; pergunte-o ao Sr. de Alençon.

E, abaixando-se, tirou a faca do corpo do javali e cravou-a duas
ou =três vezes no chão para a limpar do sangue.

II

FRATERNIDADE

Salvando a vida de Carlos, Henrique tinha feito mais do que salvar a vida dum homem: tinha impedido que três reinos mudassem de soberanos.

Com efeito, morto Carlos IX, o duque de Anjou passava a ser rei de França, e era muito provável que o duque de Alençon passasse a ser rei da Polónia. Quanto à Navarra, como o duque de Anjou era amante da Sr. de Condé, a sua coroa pagaria provavelmente ao marido a excessiva condescendência da mulher.

Ora, em toda essa grande transformação nada haveria de favorável para Henrique: apenas mudava de senhor, e em vez de Carlos IX, que o tolerava, via subir ao trono de França o duque de Anjou, que, formando com Catarina, sua mãe, uma só cabeça e um só coração, jurara matá-lo e não deixaria de cumprir o juramento.

Todas estas ideias juntas lhe ocorreram ao espírito quando o javali se atirara a Carlos IX, e vimos o que resultou dessa reflexão, rápida como o raio, que à vida de Carlos IX estava vinculada a sua própria vida.

Carlos fora salvo por uma dedicação cujo motivo era impossível ao rei descortinar. Porém Margarida havia compreendido tudo, e admirara a extraordinária coragem de Henrique que, semelhante ao raio, só brilhava no meio da tempestade.

Infelizmente não bastava ter evitado o reinado do duque de Anjou, era preciso fazer-se rei a si próprio. Era preciso disputar Navarra ao duque de Alençon e ao príncipe de Condé; era preciso especialmente sair dessa corte em que caminhava entre dois precipícios, e sobretudo sair dela protegido por um filho de França.

Henrique, ao voltar de Bondy, vinha meditando profundamente nesta situação, e ao chegar ao Lhouvre o seu plano estava feito.

Sem mudar de fato, e tal como estava, ainda coberto de sangue e de poeira, foi ter com o duque de Alençon, a quem achou agitadoíssimo, passeando a passo largo pela câmara.

Ao vê-lo, o príncipe teve um sobressalto.

- É verdade - disse-lhe Henrique pegando-lhe nas mãos -

compreendo, meu bom irmão, que esteja agastado comigo por ter

sido eu o primeiro que fiz com que o rei reparasse que a sua bala havia ferido a perna do cavalo em vez de ferir o javali, como

era a sua tenção. Mas que quer? não pude reprimir uma exclamação

de surpresa. Além de que o rei sempre o havia de vir a saber,

não é verdade?

- Certamente - disse de Alençon. - Todavia, não posso deixar de

atribuir a má intenção essa espécie de denúncia que fez de mim,

e que, como viu, não teve menor resultado do que tornar suspeitas

a meu irmão Carlos as minhas intenções e pôr-nos em discórdia.

- Conversaremos logo a esse respeito; quanto à minha boa ou má
=intenção para com Vossa

Alteza, venho de propósito tomá-lo por juiz.

- Bem! - disse de Alençon com a sua costumada circunspeção -
=fale, Henrique, estou-o escutando.

- Quando eu tiver falado, Francisco, verá quais são as minhas
=intenções; ora, a confiança
que venho fazer-lhe exclui toda a discrição e toda a prudência,
=e quando eu lha tiver feito, com
uma só palavra poder-me-á perder.

- Então que é? - disse Francisco, começando a perturbar-se.

- E entretanto, muito tempo hesitei antes de lhe vir falar acerca
desse =objecto, especialmente
vendo como hoje se fez surdo e despercebido.

- Na verdade - disse Francisco empalidecendo -, não sei o que quer
=dizer, Henrique...

- Meu irmão, os seus interesses são-me tão caros, que devo
=preveni- lo de que os huguenotes
se dirigiram a mim.

- Dirigiram-se a si? - perguntou de Alençon - e para quê?

- Um deles, o Sr. de Mouy de Saint-Phale, o filho do valente de
Mouy, =assassinado por Maurevel. (creio que sabe quem é).

- Sei.

- Pois esse veio ter comigo, expondo a sua vida, para convencer-me que =eu estava em risco

de ser preso.

- Ora essa! e que lhe respondeu?

- Meu irmão bem sabe que amo extraordinariamente Carlos, que me =salvou a vida, e que

a rainha Catarina foi para mim uma segunda mãe; rejeitei, pois,

os =oferecimentos que me vinha

fazer.

- E que oferecimentos eram?

- Os huguenotes querem reconstituir o trono da =Navarra, e

como na realidade me pertence

esse trono por direito de herança, =ofereciam-mo.

- Sim? e o Sr. de Mouy, em vez da adesão que vinha solicitar,

recebeu =a sua desistência.

- Formal... por escrito mesmo. Porém depois, pelas =considerações

que me fez... - prosseguiu Henrique.

- Arrependeu-se, meu irmão? - atalhou de Alençon.

- Não senhor; julguei perceber que, descontente de mim, o Sr. de

Mouy =lançava para outra

parte as suas vistas.

- E para onde? - perguntou Francisco com vivacidade.

- Não sei; talvez para o príncipe de Condé.

- Sim, é provável - disse o duque.

- Todavia - tornou Henrique -, tenho meios de conhecer =de modo infalível o chefe que ele escolheu.

Francisco fez-se lívido.

- Mas - continuou Henrique - os huguenotes estão divididos, e de =Mouy, por mais bravo e leal que seja, só representa metade do =partido. Ora essa outra metade, que não é para desprezar, não =perdeu a esperança de pôr no trono esse Henrique de Navarra que, =tendo hesitado na primeira ocasião, pode depois ter reflectido.

- Pois julga...

- Oh! cada dia tenho mais provas disso. Vossa Alteza não reparou nos =homens que compunham aquele grupo que se aproximou de nós na =caçada?

- Reparei; eram fidalgos conversos.

- O chefe, que me fez um sinal, conheceu-o?

- Conheci, era o visconde de Turenne.

220

- Que me queriam? compreendeu-o?

- Compreendi; convidaram-no a que fugisse.

- Então - disse Henrique a Francisco inquieto -, é evidente que =há outro partido que quer coisa diversa do que quer o Sr. de Mouy. =Sim, há, repito, e fortíssimo. De modo que para o êxito ser

=completo, seria preciso reunir os dois partidos. Turenne e de Mouy. A =conspiração vai por diante, as forças estão designadas; =só se espera um sinal. Ora, nessa posição suprema, que de mim =exige pronta solução, ponderei atento as duas resoluções =entre as quais hesito, e venho submetê-las a Vossa Alteza, como a um =amigo.

- Diga antes: como a um irmão.

- Sim, como a um irmão - tornou Henrique.

- Pois fale, que o estou escutando.

- Primeiro que tudo, devo expor-lhe o estado da minha alma, meu caro =Francisco. Não tenho aspirações, nem ambições nem tenho =capacidade; não sou mais que um bom fidalgo do campo, pobre e =tímido; o ofício de conspirador apresenta-me desgostos mal =compensados pela perspectiva ainda que certa duma coroa.

- Oh, meu irmão! - disse Francisco - não faz justiça a si =próprio;

e é bem triste a situação dum príncipe cuja =riqueza é limitada por um marco no campo paterno, ou por um homem na =carreira das

honras. Não acredito, pois, no que diz.

- O que lhe digo é todavia tão verdade, meu irmão, que, se

=julgasse ter um amigo verdadeiro, demitir-me-ia em seu favor do poder =que me quer conferir o partido que de mim se ocupa; mas

- acrescentou =suspirando -, não tenho amigos.

- Quem sabe? talvez se engane.

- Não, por certo! A não ser Vossa Alteza, meu irmão, ninguém =vejo

que me seja afeiçoado. Por isso, em vez de deixar abortar em
=horíveis dilacerações uma tentativa que talvez faça =aparecer
algum homem. indigno. prefiro, na verdade, ir inteirar-me de
=tudo quanto ocorre o rei meu irmão. Não direi nome nenhum, não
=falarei em lugar, nem em data, mas prevenirei a catástrofe.

- Meu Deus! - exclamou de Alençon, não podendo reprimir o seu
=terror - que está dizendo! O senhor, que é a única esperança =do
partido, depois da morte do almirante, o senhor, um huguenote
=converso, e mal converso (ao que se acredita) ao menos,
levantaria o =cutelo sobre os seus irmãos? Henrique, Henrique!
se tal fizesse, sabe =que provocaria um novo S. Bartolomeu contra
todos os calvinistas do =reino? Sabe que a rainha Catarina só
espera uma ocasião dessas =para exterminar tudo quanto da
primeira vez escapou?

E trémulo, com o rosto cheio de manchas vermelhas e lívidas,
=apertava a mão de Henrique para lhe suplicar que renunciasse a
essa =resolução que o perdia.

- Como! - disse Henrique com o tom da mais perfeita ingenuidade
- julga, =Francisco, que aconteceriam tantas desgraças? Tendo a
palavra de =el-rei, parece-me que protegeria os imprudentes.

- A palavra do rei Carlos IX, Henrique?. Oh! não a tinha o
almirante? =não a tinha Teligny? não a tinha o senhor?. Oh,
Henrique! sou eu =quem lho diz: se faz isso, ficam perdidos, não

só eles, como todos = quantos tiverem tido relações directas ou indirectas com eles.

Henrique como que reflectiu um instante.

- Se eu fosse um príncipe importante na corte, outro seria o meu = proceder. Em seu lugar, por exemplo, francês, príncipe de = França, herdeiro presuntivo da coroa.

Francisco sacudiu ironicamente a cabeça.

- Em meu lugar, que faria?

- Em seu lugar, meu irmão, pôr-me-ia à frente do movimento para =o dirigir. O meu nome e a minha influência responderiam para a minha = consciência pela vida dos sediciosos, e

221

aproveitaria, primeiro para mim, depois talvez para o rei, um = acontecimento que, se se passar de outro modo, pode ser funestíssimo = à França.

De Alençon escutou estas palavras com uma alegria = extraordinária.

- Julga - disse Francisco - que esse meio seja praticável, e que nos = poupe todos os desastres que prevê?

- Julgo, sim senhor - disse Henrique. - Os huguenotes amam-no; o seu = exterior modesto, a sua posição ao mesmo tempo elevada e = interessante, a benevolência, enfim, que sempre mostrou aos da = religião, levam-nos a servi-lo.

- Mas - disse de Alençon - não há divisão no partido? Os que são pelo senhor serão por mim?

- Encarrego-me de lhos conciliar por duas razões.

- Quais são?

- Pela confiança que em mim têm os chefes, e pelo receio em que ficariam de que Vossa Alteza, sabendo os nomes deles.

- Mas esses nomes, quem mos descobrirá?

- Eu, cos demónios!

- E fará isso?

- Ouça, Francisco, já lhe disse que só de Vossa Alteza gosto =nesta corte; provém isso talvez de ser Vossa Alteza perseguido como =eu; e depois, minha mulher também lhe tem uma afeição sem =igual.

Francisco corou de prazer.

- acredite-me, meu irmão - continuou Henrique -, incumba-se desse =negócio, reine na Navarra; e, contanto que me conserve um lugar na =sua mesa, e uma floresta para eu caçar, dar-me-ei por feliz.

- Reinar na Navarra? - disse Francisco - mas se.

- Se o duque de Anjou for nomeado rei da Polónia?. não é isso =que ia dizer? Francisco olhou para Henrique com um certo terror.

- Pois ouça, Francisco: para que nada lhe escape, é precisamente =nessa hipótese que eu raciocino; se o duque de Anjou for nomeado rei =da Polónia, e se seu irmão Carlos, que Deus conserve; vier a =morrer, há somente duzentas léguas de Pau a Paris, e há

=quatrocentas de Paris a Cracóvia; estará, pois, Vossa Alteza aqui =para tomar conta da herança justamente no dia em que o rei da =Polónia souber que o trono está vago. Então, se estiver =satisfeito comigo, Francisco, dar-me-á o reino de Navarra, que não =será mais que um dos florões da sua coroa; desse modo, aceito-o. O =pior que lhe pode acontecer é ficar lá na Navarra, tronco de reis, =vivendo no meio da sua família, comigo e com minha mulher. Aqui, o =que é? Um pobre príncipe perseguido, um pobre terceiro filho de =rei, escravo dos dois mais velhos, e que um capricho pode mandar para a =Bastilha.

- Sim, sim - disse Francisco -, percebo isso muito bem; tão bem que =não compreendo como renunciar ao plano que me propõe. Então =nada palpita aqui?

E o duque de Alençon pôs a mão sobre o coração de =Henrique.

- Há fardos - disse Henrique sorrindo - demasiadamente pesados para =certas mãos. Não procurarei levantar este; o receio do cansaço =tira-me a vontade.

- Então renuncia deveras, Henrique?

- Já o disse a de Mouy; e repito-o a Vossa Alteza.

- Mas, em tais circunstâncias, meu caro irmão - disse de =Alençon -, não basta dizê-lo, é necessário =prová-lo.

Henrique respirou como o atleta que na luta sente dobrar-se o =adversário.

- E prová-lo-ei - disse - esta noite: às nove horas, a lista dos
=chefes e o plano da empresa estarão em seu poder.

222

Francisco tomou a mão de Henrique e apertou-a cordialmente.

Neste momento entrou Catarina na câmara de d'Alençon, segundo o
=seu costume, sem se anunciar.

- Juntos? - disse sorrindo - que bons irmãos!

- Procuo sê-lo, minha Senhora - disse Henrique com o maior
sangue- =frio, enquanto de Alençon empalidecia de susto.

Depois recuou alguns passos, para deixar que Catarina falasse em
=liberdade com o Filho. A rainha-mãe tirou então da bolsa uma
=jóia magnífica.

- Esta fivela veio de Florença, faço-lhe presente dela para o
=cinto da sua espada. E acrescentou em voz baixa:

- Se esta noite ouvir bulha no quarto do seu bom irmão Henrique,
=não lhe dê cuidado. Francisco tomou a mão da mãe, e =disse:

- Dá licença que mostre a Henrique o lindo presente que acaba de
=me dar?

- Ainda mais: dê-lha, em meu nome e no seu, pois tenho encomendada
=outra igual, que será para o meu filho.

- Está ouvindo, Henrique? - disse Francisco. - Minha boa mãe
=deu-me esta linda fivela, e duplica-lhe o valor consentindo que
lha =ofereça.

Henrique extasiou-se sobre a beleza da fivela, e confundiu-se em =agradecimentos. E quando se acalmaram estes entusiasmos, disse =Catarina:

- Meu filho sinto-me um tanto incomodada, e por isso vou deitar-me; o =seu irmão Carlos está muito cansado da queda, e vai fazer outro =tanto. Não cearemos pois hoje em comum: cada um de nós será =servido no seu quarto. Ah! Henrique, esquecia-me cumprimentá-lo pela =sua coragem e pela sua destreza; salvou o seu rei e o seu irmão, =há-de ser por isso galardoado.

- Já o estou, minha Senhora! - disse Henrique, inclinando-se.

- Pelo sentimento de haver cumprido o seu dever - tornou Catarina -, mas =isso não basta, e acredite que Carlos e eu tratamos de fazer alguma =coisa que nos desobrigue para com o meu bom Henrique.

- Tudo quanto me vier de minha mãe e de meu cunhado será =bem-vindo, minha Senhora. Depois inclinou-se e saiu.

Ah, Francisco, meu bom irmão! - disse consigo Henrique ao retirar-se =- estou agora certo de que não parto sozinho; e a conspiração, =que já tinha um corpo, acaba de achar uma cabeça e um =coração. Agora o que é preciso é ter cuidado! Catarina =dá-me presentes, Catarina promete-me recompensas. hei-de conferenciar =esta noite com Margarida.

II

A GRATIDÃO DO REI CARLOS IX

Maurevel tinha ficado parte do dia na sala de armas do rei; depois,
=quando Catarina vira aproximar-se a hora da volta da caçada,
=mandara-o entrar para o seu oratório com os esbirros que se lhe
=tinham vindo juntar.

Quando se recolheu, avisado pela ama de que um homem passara parte
do =dia no seu gabinete, Carlos IX, a princípio, mostrara-se
=irritadíssimo por ter havido alguém tão ousado que introdu
=zisse pessoas estranhas nos seus aposentos. Tendo, porém,
mandado =à ama que Lhe indicasse as feições desse homem, e
dizendo-Lhe =ela que era o mesmo que uma noite fora encarregado
de lhe apresentar, o =rei reconhecera Maurevel; e lembrando-se
da ordem que nessa manhã Lhe =havia sido extorquida por sua mãe,
tudo havia compreendido.

Oh! oh! - disse Carlos - no mesmo dia em que ele me salvou a vida,
é =ocasião mal escolhida. Dominado por esta ideia, deu alguns
passos =para ir ter com a mãe, mas deteve-o um pensamento.
Cos diabos, se lhe falo nisto aí temos travada uma discussão que
=não terá fim; antes trabalhe cada um de nós por seu lado. - =Ó
ama, fecha bem todas as portas, e vai dizer à rainha Isabel que,
=um tanto incomodado pela queda que dei, dormirei esta noite só.
A ama obedeceu; e como ainda não era chegada a hora de executar

o seu =projecto, Carlos pôs-se a fazer versos.

Era a ocupação em que mais depressa corria o tempo para o rei;
=assim, deram nove horas quando Carlos julgava serem apenas sete.
Contou =uma após outra as badaladas do sino, e à última
=levantou-se.

Cos diabos! - disse - é justamente a hora oportuna.

E, tomando o manto e o chapéu, saiu pela porta secreta que tinha
=mandado abrir no madeiramento, e cuja existência era até
ignorada =por Catarina.

Carlos foi direito ao aposento de Henrique; este, mal se havia
recolhido =para mudar de roupa, depois da sua conversação com de
Alençon, =e saíra imediatamente.

Naturalmente foi cear com Margot - disse consigo o rei - estava
hoje =muito de bem com ela, ao menos pelo que me pareceu.

E encaminhou-se para os aposentos de Margarida.

Margarida tinha levado para os seus aposentos a duquesa de Nevers,
=Cocunás e La Mole, e com eles estava ceando doces e pastéis.

Carlos bateu à porta da entrada; Gillonne foi abrir; porém, dando
=com o rei, ficou tão espantada

,

Carlos IX desposara Isabel de Áustria, filha de
=Maximiliano.

que mal pode fazer-lhe uma mesura, e em vez de correr a ir dar parte a =sua ama da augusta visita que ia receber, deixou passar o rei sem dar =outro sinal além do grito que soltara.

O rei atravessou a antecâmara e, guiado pelas gargalhadas que ouvia, =entrou na sala de jantar. Pobre Henriquinho! - disse consigo - =está-se divertindo sem saber o que o aguardava. Sou eu - prosseguiu =em voz alta, levantando o reposteiro e mostrando um rosto risonho.

Margarida deu um grito terrível; bem que risonho, esse rosto tinha =produzido nela impressão igual à que produziria a cabeça de =Medusa. Sentada defronte da porta, havia reconhecido Carlos.

Os dois homens estavam com as costas voltadas para o rei.

- Sua Majestade!. - exclamou ela espavorida.

E levantou-se.

Enquanto os outros convivas sentiam como vacilar-lhes nos ombros as =cabeças, Cocunás foi o único que não perdeu a sua.

=Levantou-se, pois, e com tão estudado desleixo que fez cair a mesa, e =com ela os cristais, a baixela e as luzes.

Durante um momento houve escuridão completa e silêncio de =morte.

- Safa-te! safa-te! - disse Cocunás a La Mole - e ânimo!

La Mole não esperou segunda recomendação; encostou-se à =parede e, orientando-se com as mãos, foi procurando o quarto de =dormir, para se esconder no gabinete que lhe era tão conhecido.

Mas, ao pôr o pé no quarto de dormir, foi de encontro a um homem
=que entrava pela passagem secreta.

- Que quer dizer isto? - disse Carlos no escuro, e com voz que
ia =tomando formidável tom de impaciência. - Pois sou algum
desmancha- =prazeres, para que a minha presença cause todo esse
barulho? Vamos =Henriquinho! Henriquinho! onde estás?
responde-me.

- Estamos salvos! - disse a meia voz Margarida, pegando na mão
que =supôs ser a de Cocunás - o rei pensa que meu marido estava
=connosco.

- E eu deixá-lo-ei ficar no engano, minha Senhora; sossegue -
disse =Henrique, respondendo no mesmo tom à rainha.

- Meu Deus! - exclamou Margarida, largando com vivacidade a mão
que =segurava.

- Silêncio! - disse Henrique.

- Com todos os diabos! que estão para aí a cochichar! - exclamou
=Carlos. - Henrique, responde-me: onde está?

- Aqui, meu Senhor! - disse a voz do rei de Navarra.

- Mau! - disse Cocunás, que estava a um canto com a duquesa de
Nevers =- aí temos nova complicação.

- Então estamos duas vezes perdidas - disse Henriqueta.

Cocunás, audaz a ponto de ser imprudente, tinha reflectido que
por =fim de contas haviam de se acender as velas, e achando que

quanto mais =depressa melhor seria, largou a mão da duquesa de Nevers, apanhou no =meio das ruínas um candelabro, chegou-se ao braseiro, assoprou numas =brasas e nelas acendeu o pavio da vela. O quarto ficou alumiado.

Carlos IX lançou em torno de si um olhar profundo e investigador. Henrique estava ao lado de sua mulher, a duquesa de Nevers estava =sozinha a um canto, e Cocunás, em pé no meio do quarto, com o =castiçal na mão, alumiaava toda esta cena.

- Desculpe-me, meu irmão - disse Margarida -, não o =esperávamos.

- E por isso Vossa Majestade, como pode ver, muito nos assustou - disse =Henriqueta.

- Pela minha parte - disse Henrique, que tudo adivinhou -, o susto foi =tal que, ao levantar-me, deitei ao chão a mesa.

Cocunás lançou para o rei de Navarra um olhar que parecia dizer: =Ainda bem! isto é que é um marido entendido!

225

- Que horrível balbúrdia! - disse Carlos IX. - Tens a ceia no =chão, Henriquinho! Pois vem comigo, vamos acabá-la noutra parte; =quero hoje desencaminhar-te.

- Como, meu Senhor! - disse Henrique - Vossa Majestade far-me-ia a =honra.

- Sim: a minha majestade faz-te a honra de te conduzir hoje para fora do =Louvre. Emprasta- mo, Margot, amanhã de manhã to

restituo.

- Ah, meu irmão! para isso não carece de licença, pode fazer o
=que lhe aprouver.

- Meu Senhor - disse Henrique -, vou ao meu quarto pôr outro manto
e =volto imediatamente.

- Não é preciso, Henriquinho, esse manto serve muito bem.

- Mas, Senhor. - tornou o Bearnês.

- Digo-te que não voltes ao teu quarto; com mil diabos! não
=entendes o que te digo?. Vamos, vem comigo!

- Sim, sim, vá! - disse de repente Margarida, apertando o braço
do =marido; pois lera nos olhos de Carlos, ao relancear ele a
vista, que =alguma coisa extraordinária se passava.

- Estou pronto, meu Senhor - disse Henrique.

Mas Carlos dirigiu os olhos para Cocunás, que continuava o seu
=ofício de alumiador acendendo outras velas.

- Quem é este fidalgo? - perguntou a Henrique, medindo de alto
a =baixo o piemontês. Será porventura o Sr. de La Mole?

Quem lhe falaria em La Mole? disse Margarida para consigo.

- Não senhor - tornou Henrique -, o Sr. de La Mole não está =aqui,
e sinto-o muito, pois teria tido a honra de apresentá-lo a =Vossa
Majestade ao mesmo tempo que o Sr. de Cocunás, seu amigo; =são
dois inseparáveis, e ambos pertencem à casa do Sr. de =Alençon.

- Ah! ah! ao nosso hábil atirador! - disse Carlos - bem!

E depois, franzindo a testa:

- Esse de La Mole - acrescentou - não é huguenote?

- Converso, meu Senhor - disse Henrique. - Respondo por ele como por mim =próprio.

- Quando respondes por alguém, Henriquinho, depois do que hoje =fizeste, não há mais que duvidar. Entretanto, bem quisera ver esse =Sr. de La Mole; ficará para outra vez.

E com os seus grandes olhos fazendo uma última investigação =pelo quarto, Carlos abraçou Margarida e levou o rei de Navarra, =dando-lhe o braço.

Na porta do Louvre, Henrique quis parar para falar com alguém.

- Vamos! vamos! Sai depressa, Henriquinho! Digo-te que o ar do Louvre =não é bom para ti esta noite, cos diabos! acredita no que te =digo.

E esta! - disse Henrique a meia voz - o que sucederá a de Mouy, =ficando só no meu quarto?. Deus queira que o ar que não é bom =para mim não seja pior para ele!.

- Então - disse o rei, depois de Henrique e ele terem passado a ponte =levadiça - não te importa, Henriquinho, que os fidalgos do Sr. de =Alençon façam a corte a tua mulher?

- Como assim, meu Senhor!

- Então esse Cocunás não lança um olhar terno para =Margot?

- Quem disse isso a Vossa Majestade?

- Ora! - tornou o rei - disseram-mo.

- Pura maledicência, meu Senhor; o Sr. de Cocunás namora =alguém, sim senhor, mas é a Sr. de Nevers.

- Pois deveras?

- Posso afiançar a Vossa Majestade que é verdade o que lhe estou =dizendo. Carlos desatou a rir às gargalhadas.

- Ora bem! - disse ele - que venha o Sr. de Guisa com os seus =falatórios, que eu lhe retorquierei

226

contando as façanhas da irmã. Mas - prosseguiu o rei, reflectindo =-, não estou bem certo se foi de Cocunás ou de La Mole que me =falaram.

- Nem um nem outro, meu Senhor - disse Henrique -, respondo pelos =sentimentos de minha mulher.

- Bem, Henriquinho, bem! antes quero ver-te assim do que de outro modo. =E, palavra de honra! és tão bom rapaz, que julgo que por fim =não hei-de poder estar sem ti.

Dizendo estas palavras, o rei pôs-se a assobiar dum modo particular: =quatro fidalgos, que esperavam ao canto da Rua de Bauvais, vieram =reunir- se-lhe, e juntos meteram-se pelo interior da cidade.

Davam dez horas.

- Bem - disse Margarida, quando o rei e Henrique se retiraram -,

=voltemos para a mesa.

- Não - disse a duquesa -, fiquei muito assustada. Viva a casa da Rua =do Sino Rachado! Ai não se pode entrar sem um assédio regular, =e os nossos valentes podem servir-se das espadas. Mas. que está o =senhor procurando assim por baixo das mesas, dentro dos armários, Sr. =de Co cunás?

- Estou procurando o meu amigo La Mole - disse o piemontês.

- Procure do lado do meu quarto, Sr. de Cocunás - disse Margarida -, =há aí um gabinete.

- Bem, já sei.

E Cocunás entrou no quarto.

- Então - disse uma voz do meio do escuro -, em que ficamos?

- Ora! ficamos na sobremesa.

- E o rei de Navarra?

- Não viu nada.

- E o rei Carlos?

- Esse é outro caso; levou consigo o marido.

- Deveras?

- É como te digo. E ainda mais, fez-me a honra de me olhar de =revés quando soube que eu era do Sr. de Alençon e ainda mais =quando soube que eu era teu amigo.

- Presumes que Lhe têm falado mal de mim?

- Antes receio que lhe tenham falado excessivamente bem. Não é

=porém disso que se trata; julgo que as senhoras querem fazer uma
=romaria para os lados da Rua do Rei da Sicília, e que temos de
=acompanhar as peregrinas.

- Mas, é impossível. bem sabes.

- Como impossível!

- Sim, porque estamos de serviço a Sua Alteza Real.

- Cos demónios! é verdade! Esqueço-me sempre do serviço, =não me
lembro que de fidalgos que éramos, tivemos a honra de ser
=elevados a criados.

E os dois amigos foram expor à rainha e à duquesa a =obrigação
em que estavam de assistir pelo menos ao recolher do =duque.

- Pois bem - disse a Sr. de Nevers -, partiremos nós.

- E pode-se saber onde vão? - perguntou Cocunás.

- É por de mais curioso - disse a duquesa. - Qziaere et invenies.

Os dois mancebos cumprimentaram, e subiram apressados ao aposento
do =duque de Alençon. O duque parecia esperá-los no gabinete.

- Ah! ah! - disse - chegam muito tarde, meus Senhores.

- São apenas dez horas, meu Senhor - disse Cocunás.

O duque puxou pelo relógio.

- É verdade; entretanto, todos no Louvre já estão =recolhidos.

227

- Sim, meu Senhor, e eis-nos às ordens de Vossa Alteza; quer que
=introduzamos os fidalgos do serviço do quarto?

- Não, pelo contrário: despeçam-nos a todos imediatamente.

Os dois mancebos foram cumprir as ordens, e depois voltaram para junto =do duque.

- Senhor Duque - disse Cocunás -, Vossa Alteza vai sem dúvida =recolher-se ou trabalhar.

- Não, meus Senhores; podem retirar-se até amanhã.

- Bom! bom! - disse baixinho Cocunás ao ouvido de La Mole - toda a =corte dorme hoje fora do paço, ao que parece.

E os dois fidalgos subiram a correr a escada, tomaram as capas e as =espadas que usavam de noite e saíram precipitadamente do Louvre, em =procura das duas damas, com quem se encontraram na Rua do =Coq-Saint-Honoré.

Entretanto, o duque de Allençon, com os olhos muito abertos e o =ouvido à escuta, esperava, fechado na sua câmara, os =acontecimentos imprevistos que lhe tinham prometido.

228

DEUS DISPÕE

Como havia dito o duque aos dois mancebos, reinava no Louvre o mais =profundo silêncio. Com efeito, Margarida e a Sr. de Nevers tinham ido =à Rua Tizon; Cocunás e La Mole tinham saído atrás delas; o =rei e Henrique corriam pela cidade; o duque de Alençon ficava no seu =aposento na ansiosa expectativa dos acontecimentos que lhe havia predito =a rainha-mãe; e, por fim, Catarina havia-se

deitado, e a Sr. de =Sauve, sentada à cabeceira, lia-lhe alguns contos italianos, de que =muito se ria a boa rainha.

De há muito que não se mostrava Catarina tão alegre. Depois de =ter ceado com as damas, com grande apetite, depois de haver consultado o =médico e ter regulado as contas quotidianas da casa, tinha =encomendado orações pelo bom resultado de certa empresa =importante, segundo dizia, para a felicidade dos seus filhos.

Era o =costume de Catarina, costume aliás todo florentino, encomendar em =certas ocasiões rezas e missas cujo fim só Deus sabia.

Tinha, por fim, tornado a ver Renato, e escolhido entre as suas =odoríferas bolsinhas e no seu rico sortimento alguns novos =artigos.

- Saibam se minha filha, a rainha de Navarra, está no seu quarto, e =se estiver, digam-lhe que venha fazer-me companhia.

O pajem a quem era dada essa ordem saiu, e daí a um instante voltou =acompanhado por Gillonne.

- Ora essa! - disse a rainha-mãe - eu mandei chamar a ama, e não a =criada.

- Minha Senhora - disse Gillonne -, julguei que devia eu própria vir =dizer a Vossa Majestade que a rainha de Navarra saiu com a sua amiga a =duquesa de Nevers.

- Sair a esta hora? - tornou Catarina carregando o sobrolho - e

para =onde iria?

- Foi assistir a uma sessão de alquimia, que deve ter lugar no
=Palácio de Guisa, no pavilhão em que habita a Sr. de Nevers.

- E quando volta? - perguntou a rainha-mãe.

- A sessão há-de ir até alta noite, por isso é provável =que Sua
Majestade fique até amanhã de manhã em casa da sua =amiga.

- Como é feliz a rainha de Navarra! - exclamou Catarina. - Tem
amigas =e é rainha; tem coroa, tratam-na por majestade, e não tem
=súbditos. Como é feliz!.

Depois desta exclamação, que fez sorrirem a furto os que a
=ouviam:

- E demais - prosseguiu Catarina -, já que saiu. então afirma que
=saiu?

- Haverá meia hora, minha Senhora.

- Tanto melhor; retire-se. Gillonne inclinou-se e saiu.

229

- Continue a ler, Carlota - disse a rainha.

A Sr. de Sauve prosseguiu.

Passados dez minutos, Catarina atalhou a leitura.

- Ah! a propósito - disse -, mandem retirar os guardas da =galeria.

Era o sinal esperado por Maurevel.

Executaram a ordem de Catarina, e a Sr de Sauve continuou a ler.

Tinha lido durante um quarto de hora pouco mais ou menos, sem

=interrupção, quando um grito terrível, profundo, ecoou até =ao régio quarto e fez arrepiar os cabelos de todos os presentes.

Ouviu-se em seguida um tiro de pistola.

- Que é isso? - disse Catarina - e porque deixou de ler, Carlota?

- Minha Senhora - disse a dama empalidecendo -, pois não ouviu?

- O quê? - perguntou Catarina.

- Um grito!

- E um tiro - acrescentou o capitão das guardas.

- Um grito? um tiro? - disse Catarina. - Eu, pela minha parte, não =ouvi nada. Além de que não é coisa muito extraordinária no

=Louvre um grito e um tiro. Leia, leia, Carlota.

- Mas, escute, minha Senhora! - disse esta, enquanto o Sr. de Nancey =estava em pé com a mão na espada, e não se animando a sair sem =ordem da rainha - ouvem-se passos, imprecações!.

- Quer, minha Senhora, que vá ver o que é? - disse o capitão =das guardas.

- Não senhor, fique - disse Catarina, levantando o braço para dar =mais energia à sua ordem.

- Quem me defenderia se houvesse algum perigo? Não-de ser alguns =suíços embriagados que estão a brigar.

O sossego da rainha, oposto ao terror que adejava em toda a assembleia, =formava tão notável contraste que, por mais tímida que fosse, a =baronesa de Sauve fitou na rainha um olhar

investigador.

- Mas, minha Senhora - exclamou ela -, dir-se-ia que estão matando
=alguém!.

- E a quem haviam de matar?

- Pode ser que o rei de Navarra; a bulha vem do lado do seu quarto.

- Que tola! - disse a rainha, cujos lábios, apesar do poder que
tinha =sobre si, começavam singularmente a agitar-se, pois estava
murmurando =uma oração - que tola! Em tudo vê o seu rei de Navarra!

- Meu Deus! meu Deus! - exclamou a Sr. de Sauve encostando-se à
=cadeira.

- Está acabado! está acabado! - disse Catarina. - Capitão -
=prosseguiu, dirigindo-se ao Sr. de Nancey -, espero que, se houve
=escândalo no palácio, fará amanhã castigar com severidade os
=culpados. Continue a ler, Carlota.

E Catarina recostou-se sobre as almofadas, numa imobilidade que
muito se =assemelhava à prostração, pois repararam os assistentes
que lhe =inundavam o rosto grossas gotas de suor.

A Sr. de Sauve obedeceu a essa ordem formal; porém só estavam
=ocupados os olhos e a voz; o pensamento, errando sobre outros
objectos, =representava-lhe um terrível perigo suspenso sobre
uma cabeça que =lhe era tão querida. Enfim, depois de alguns
minutos desse combate, =achou-se tão opressa pela comoção e pela
etiqueta, que a voz =deixou de ser inteligível, o livro caiu-lhe

das mãos e =desmaiou.

De repente, ouviu-se um ruído mais violento, passos rápidos e =pesados abalaram o corredor; dois tiros fizeram estalar os vidros; e =Catarina, espantada dessa luta mais prolongada do que cal culara, =levantou-se também, direita, pálida, com os olhos dilatados, e no =momento em que o capitão das guardas ia sair da câmara agarrou-lhe =no braço, dizendo:

- Fiquem todos aqui; irei eu própria ver o que há.

230

Eis o que havia, ou antes, o que tinha havido:

Pela manhã, havia de Mouy recebido das mãos de Orthon a chave de =Henrique. Nesta chave, que era brocada, tinha visto um papel embrulhado; =com um alfinete havia tirado o papel.

Era o santo-e-senha do Louvre para essa noite.

Além disso, Orthon havia-lhe verbalmente trazido um convite de =Henrique, para ir ter com ele ao Louvre às dez horas.

Às nove e meia, de Mouy tinha vestido uma armadura cuja solidez em =mais duma ocasião experimentara; por cima tinha abotoado um gibão =de seda, havia afivelado a espada, enfiado na cinta as suas pistolas, =cobrindo tudo com a famosa capa cor de cereja de La Mole.

Vimos como, antes de se recolher ao quarto, Henrique havia julgado =conveniente fazer uma visita a Margarida, e como tinha chegado

pela =escada secreta justamente a tempo de ir de encontro a La Mole no quarto =de dormir de Margarida, e de tomar o lugar dele aos olhos do rei, na =sala de jantar. Era precisamente nesse momento que, graças à senha =que Henrique lhe mandara, e mais ainda à famosa capa cor de cereja, =de Mouy atravessava a grade do Louvre.

O mancebo subiu imediatamente ao quarto do rei de Navarra, imitando, =como costumava, o andar de La Mole. Achou na antecâmara Orthon, que o =esperava.

- Sr. de Mouy - disse-lhe o montanhês -, o rei saiu; ordenou-me, =porém, que o fizesse entrar e lhe pedisse que o esperasse. Se se =demorar muito, saiba que ele o convida a descansar na sua cama. De Mouy entrou sem querer mais explicações, pois o que lhe acabava =de dizer Orthon não era mais do que a repetição do que lhe =havia dito pela manhã.

Para aproveitar o tempo, de Mouy tomou uma pena e tinta e, chegando- se =para um excelente mapa de França pendurado na parede, pôs-se a =contar as postas que havia de Paris até Pau. Isso, porém, somente o ocupou um quarto de hora e, acabado esse =trabalho, não soube mais em que se entreter.

Deu duas ou três voltas pelo quarto, esfregou os olhos, abriu a boca, =sentou-se, levantou-se e tornou-se a sentar. Enfim, aproveitando o =convite de Henrique, desculpado demais pelas leis da familiaridade que =então havia entre os príncipes e os seus

fidalgos, pôs na banca =da cabeceira as pistolas e estendeu-se na grande cama de cores escuras =que guarnecia o fundo do quarto; pôs a espada desembainhada ao lado =da perna e, certo de que não o surpreenderiam, pois estava um criado =na antecâmara, entregou-se a um sono pesado, cuja bulha em breve =despertou todos os ecos da alcova. De Mouy roncava como um soldado, e =nesse ponto teria porfiado com o próprio rei de Navarra.

Foi então que seis homens, com as espadas nas mãos e pistolas à =cinta, se introduziram em silêncio pelo corredor que dava por uma =portinha para os aposentos de Catarina, e por uma porta grande para os =de Henrique.

Um desses seis homens ia adiante; além da espada desembainhada, e dum =punhal forte como uma faca de caça, trazia mais umas pistolas de =confiança, seguras à cinta por fivelas de prata.

Esse homem era Maurevel.

Chegando à porta da antecâmara de Henrique, parou.

- Estão bem certos de que não há sentinelas no corredor? -

=perguntou ele ao que parecia ser o seu imediato no comando daquela gente =que vinha sob as suas ordens.

- Nem uma só está no seu posto.

- Bem - disse Maurevel -, agora só nos resta saber uma coisa, e é =se está em casa a pessoa que procuramos.

- Mas. - disse o imediato, segurando na mão que Maurevel levava

à =fechadura da porta

- capitão, esse quarto é o do rei de Navarra.

- Quem diz o contrário? - replicou Maurevel.

231

Os esbirros olharam atónitos uns para os outros, e deram um passo
=para trás.

- Oh! oh! - exclamou o que parecia ser o segundo-chefe - prender
=alguém a esta hora no Louvre, nos aposentos do rei de Navarra?

- E que dirão - tornou Maurevel -, se eu lhes disser que quem vamos
=prender é o próprio rei de Navarra?

- Eu, capitão, diria que a coisa é muito séria, e que sem uma =ordem
assinada pelo próprio punho do rei Carlos IX.

- Leia - disse Maurevel.

E tirando do gibão a ordem que lhe dera Catarina, entregou-a ao
=mediato.

- Bem - respondeu este depois de ter lido - nada mais tenho a dizer.

- E está decidido?

- Estou.

- E vocês? - prosseguiu Maurevel, dirigindo-se aos outros
=esbirros.

Estes inclinaram-se com respeito.

- Ouçam-me, pois; eis o plano: dois de vocês hão-de ficar nesta
=porta, dois na porta do quarto de dormir, e os outros dois

entrarão =comigo.

- E depois? - perguntou o imediato.

- Temos ordem de impedir que o preso chame, grite ou resista; a menor =infracção a esta ordem é punida de morte.

- Sim, sim; ele tem carta branca - disse o imediato ao homem designado =para com ele acompanhar Maurevel ao quarto do rei.

- É como diz - ajuntou Maurevel.

- Coitado do rei de Navarra! - disse um dos homens. - Está escrito =lá no Céu que não poderá escapar.

- E aqui na Terra também - disse Maurevel, tomando das mãos do =imediato a ordem de Catarina e metendo-a no seio.

Depois meteu na fechadura a chave que lhe dera Catarina e deixando, como =resolvera, dois homens na porta exterior, entrou com os outros quatro na =antecâmara.

- Ah! ah! - disse Maurevel, ouvindo a ruidosa respiração do que =dormia - parece que acharemos aqui o que procuramos.

No mesmo instante, Orthon, pensando que era o amo que se recolhia, foi =ao seu encontro, mas deu com os cinco homens armados que ocupavam o =primeiro quarto.

À vista desse rosto sinistro, desse Maurevel, a quem chamavam o =matador do rei, o criado fiel recuou; e colocando-se diante da segunda =porta:

- Quem são? - disse Orthon - e que querem?

- Em nome do rei - disse Maurevel -, onde está teu amo?

- Meu amo?

- Sim, o rei de Navarra.

- O rei de Navarra não está no paço - disse Orthon, defendendo

=mais do que nunca a entrada -, não podem portanto entrar.

- Pretexto, mentira! Vamos! para trás!

Os Bearneses são teimosos; este rosnou como um cão das suas

=montanhas, e sem se intimidar:

- Não entra! - disse. - O rei está ausente.

E agarrou-se à porta.

Maurevel fez um gesto; os quatro homens agarraram no

recalcitrante, =arrancaram-no da ombreira da porta a que se

segurava; e indo a abrir a =boca para gritar, Maurevel tapou-lha

com a mão.

Orthon mordeu com fúria o assassino, que tirou a mão dando um

=grito abafado, e com os

232

copos da espada deu na cabeça do fiel criado uma pancada tão forte

=que este vacilou e caiu, gritando:

- Às armas! às armas!.

Os assassinos passaram-lhe por cima; depois, dois deles ficaram

nessa =segunda porta, e os outros três entraram, precedidos de

Maurevel.

A luz duma lâmpada que ardia em cima da mesa de cabeceira, viram a =cama. Os cortinados estavam fechados.

- Oh! oh! - disse o imediato - parece-me que não ouço =ressonar.

- Vamos! a ele! - disse Maurevel.

A esta voz, um grito rouco, que mais parecia o rugido dum leão, saiu =debaixo dos cortinados, que de repente se abriram, e um homem, armado de =couraça, tendo na cabeça um desses elmos que desciam até aos =olhos, apareceu sentado, com duas pistolas nas mãos e a espada =desembainhada.

Apenas o viu, reconheceu Maurevel que era o cavaleiro de Mouy e sentiu =arrepiaem-se-lhe os cabelos; tornou-se de hedionda palidez; =encheu-se-lhe de espuma a boca, e como se se tivesse achado diante dum =espectro, deu um passo para trás.

De Mouy levantou-se de repente, e deu para diante um passo igual ao que =Maurevel havia dado para trás, de modo que o que estava ameaçado =parecia perseguir, e o que ameaçava parecia fugir.

- Ah! malvado! - disse de Mouy com voz abafada - vens para me matar, =como mataste meu pai!

Dois dos esbirros, isto é, os que tinham entrado com Maurevel no =quarto do rei, foram os únicos que ouviram essas palavras =terríveis; mas, ao mesmo tempo que ele as proferia, a pistola =levantou-se à altura da cabeça de Maurevel; este ajoelhou ao mesmo =tempo que de Mouy puxava o gatilho: a pistola disparou,

e um dos guardas =que se achavam atrás do chefe, e que ficara descoberto, caiu morto, =ferido no coração. No mesmo instante, Maurevel correspondeu, =porém a bala foi achatar-se na couraça de de Mouy.

Então, tomando impulso, e medindo a distância, de Mouy com um =golpe da sua larga espada, abriu o crânio do outro guarda; e, =voltando-se para Maurevel, travou-lhe da espada.

O combate foi terrível, porém brevíssimo. Maurevel sentiu logo =na garganta o frio do ferro; deu um grito sufocado e, caindo para =trás, deitou ao chão a lâmpada, que se apagou.

Imediatamente, de Mouy, aproveitando a escuridão, vigoroso e ágil =como um herói de Homero, precipitando-se de cabeça baixa para a =antecâmara, fez cair um dos guardas, repeliu o outro e passou como um =raio por entre os esbirros que estavam de guarda à porta exterior; =deram-lhe dois tiros de pistola: porém as balas, mal dirigidas, =ofenderam só as paredes do corredor; desde esse momento ficou salvo, =pois ainda tinha uma pistola carregada, além dessa espada que =despedia golpes tão terríveis.

De Mouy hesitou um momento, sem saber se devia fugir para os aposentos =do Sr. de Alençon, cuja porta lhe parecia que acabava de abrir-se, ou =se devia tratar de sair do Louvre; decidiu-se por este último =partido; continuou na sua carreira, por um momento demorada, saltou com =um pulo dez degraus, chegou à grade,

repetindo o santo-e- senha, e =saiu gritando:

- Vão lá acima, que estão matando gente por conta do rei!

E aproveitando o pasmo que, junto aos tiros de pistola, as suas palavras =haviam causado à guarda, foi andando a toda a pressa, até =desaparecer pela Rua do Coq sem levar um arranhão.

Era neste momento que Catarina detinha o capitão da guarda

=dizendo:

- Fique, que eu vou ver o que é.

- Mas, minha Senhora - respondeu o capitão -, o perigo a que Vossa =Majestade se expõe, ordena-me que a acompanhe.

233

- Fique, Senhor - disse Catarina com voz mais imperativa do que da =primeira vez -, fique! Há sempre ao lado dos reis uma protecção =mais eficaz do que a espada do homem.

O capitão obedeceu.

Então Catarina tomou a lâmpada, meteu os pés descalços numas =chinelas de veludo, saiu do quarto, foi direita ao corredor, ainda cheio =de fumo, e caminhou, fria, impassível como um espectro, para os =aposentos do rei de Navarra.

Tudo havia voltado ao silêncio.

Catarina chegou à porta da entrada, transpôs o limiar e viu logo =na antecâmara Orthon desmaiado.

Ah ah! - disse ela consigo - cá está o pajem; daqui a pouco =havemos

de achar o amo. E passou à segunda porta. Ai deu com o pé num cadáver; abaixou a lâmpada: era o do guarda que tinha ficado com a cabeça partida; estava morto.

Três passos adiante deu com o imediato ferido pela bala, e a soltar o último suspiro. Enfim, diante da cama, um homem, que, com o rosto pálido como o dum cadáver, perdendo sangue por uma dupla ferida que lhe atravessava a garganta, forcejava por se levantar, agarrando-se com as mãos convulsas.

Era Maurevel.

Um calafrio correu pelas veias de Catarina; viu deserta a cama; olhou em torno de si, e debalde procurou entre esses três homens estendidos sobre o seu próprio sangue, o cadáver que ela esperava.

Maurevel reconheceu Catarina; os olhos dilataram-se-lhe de modo horrível, e estendeu para ela os braços com um gesto de desespero.

- Então? - disse ela a meia voz - onde está ele? que foi feito dele? Desgraçado! deixou-o escapar?

Maurevel procurou articular algumas palavras; mas um silvo ininteligível foi o que unicamente lhe saiu da ferida; uma espuma avermelhada cobriu-lhe os lábios; e sacudiu a cabeça em sinal de dor e da impossibilidade de responder.

- Fala! - exclamou Catarina - fala! ainda que só me digas uma

=palavra! Maurevel mostrou a ferida, e fez de novo ouvir alguns sons =inarticulados; fez depois um esforço violento, com que só =conseguiu dar um ronco, e desmaiou.

Catarina olhou então em volta de si; estava rodeada só de =cadáveres e de moribundos; o sangue corria em ondas pelo quarto, e um =silêncio de morte pairava sobre toda essa cena.

Dirigiu ainda uma vez a palavra a Maurevel, mas sem o despertar; desta =vez ficou não só mudo, mas até imóvel; saía- lhe um papel =do gibão, era a ordem de prisão assinada pelo rei; Catarina =tirou-lha e escondeu-a no seio.

Neste momento ouviu Catarina algum rumor atrás de si; voltou-se, e =viu à porta do quarto o duque de Alençon, que correra atraído =pelos tiros, e que estava fascinado pelo espectáculo que tinha diante =dos olhos.

- O senhor aqui? - disse-lhe a rainha.

- Sim, minha Senhora. Mas que é isto, meu Deus? - perguntou o =duque.

- Recolha-se para o seu quarto, Francisco; depois saberá o que =houve.

De Alençon não estava tão ignorante do que ocorrera como =Catarina supunha. Aos primeiros passos que ouviu no corredor, pusera-se =à escuta. Vendo entrar homens armados no quarto do rei de Navarra, e =comparando esse facto com as palavras de Catarina,

adivinhara o que ia =haver e tinha-se felicitado por ver um amigo
tão perigoso =destruído por mão mais forte do que a sua.

Logo depois, os tiros e os passos apressados de alguém que fugia
=tinham-lhe chamado a atenção, e tinha visto no espaço luminoso
=deixado pela abertura da porta da escada desaparecer uma capa
vermelha, =que lhe era tão familiar que não podia deixar de a
reconhecer.

235

De Mouy! - exclamou - de Mouy no quarto do meu cunhado de Navarra!
=Não. é impossível!. Seria o conde de La Mole?.

Ficou então inquietíssimo; lembrou-se de que o mancebo lhe havia
=sido recomendado pela própria Margarida; e querendo ficar certo
se =era ele que acabava de passar, subiu rapidamente ao quarto
dos dois =mancebos. Estava vazio; mas em um dos cantos viu
pendurada a famosa capa =cor de cereja. Cessaram então as suas
dúvidas; não era La Mole, =e era então de Mouy.

Com a palidez no rosto, tremendo que fosse descoberto o huguenote
e =atraçoasse os segredos da conspiração, dirigira-se às =portas
do Louvre. Aí tinham-no informado que a capa cor de cereja
=escapara a salvo, anunciando que se estava matando gente no
Louvre por =conta do rei.

Enganou-se - disse Francisco a meia voz - é por conta da
=rainha-mãe. E voltando para o teatro do combate, achou Catarina

=vagueando como uma hiena entre cadáveres.

Por ordem da mãe, o mancebo recolheu-se ao seu quarto, simulando
=obediência e sossego, apesar das ideias tumultuosas que lhe
agitavam =o espírito.

Desesperada por ver inútil esta nova tentativa, Catarina chamou
o =capitão das guardas e mandou que se retirassem os corpos; que
=Maurevel, por estar somente ferido, fosse levado para sua casa,
e =ordenou que não acordassem o rei.

Oh! - disse consigo, recolhendo-se e com a cabeça inclinada sobre
o =peito - escapou ainda desta vez. A mão de Deus defende este
homem: =há-de reinar! há-de reinar!

Depois, ao abrir a porta do quarto, passou a mão pela testa e
=compôs um sorriso banal.

- Então que era, minha Senhora? - perguntaram todos os presentes
=menos a Sr. de Sauve, muito assustada para poder fazer perguntas.

- Nada - respondeu Catarina -, ruído apenas.

- Oh! - exclamou de repente a Sr. de Sauve, apontando com o dedo
para o =chão - cada um dos passos de Vossa Majestade deixa um
vestígio de =sangue no tapete!

A NOITE DOS REIS

Entretanto Carlos IX ia andando ao lado de Henrique, e dando-lhe o =braço, acompanhado pelos seus quatro fidalgos e precedido por dois =criados com archotes.

- Quando saio do Louvre - disse o pobre rei -, tenho uma sensação =análoga à que sinto quando entro numa bela floresta; respiro, =vejo, sou livre.

Henrique sorriu.

- Vossa Majestade havia de gostar de viver nas minhas montanhas do =Béarn - disse Henrique.

- Pois sim, eu compreendo muito bem que tenhas desejo de para lá =voltar; mas se esse desejo se tornar excessivo, Henriquinho, toma todas =as cautelas; é um conselho que te dou, pois minha mãe gosta tanto =de ti que não pode absolutamente passar sem a tua companhia.

- Que tenciona Vossa Majestade fazer esta noite? - perguntou Henrique, =desviando aquela perigosa conversação.

- Quero apresentar-te uma pessoa, Henriquinho; há=de-me dizer depois =o que pensas dela.

- Estou às ordens de Vossa Majestade.

- Para a direita! para a direita! vamos à Rua das Barras.

Acompanhados das duas escoltas, os dois reis tinham passado a Rua da =Saboaria, quando, na altura do Palácio de Condé, viram dois vultos =cobertos com grandes capotes saírem por uma porta falsa,

que um deles =fechou sem fazer bulha.

- Oh! oh! - disse o rei a Henrique, que, segundo o seu costume, olhava =também, mas sem dizer nada - isto merece alguma atenção.

- Porque diz isso Vossa Majestade? - perguntou o rei de Navarra.

- Não é por ti, Henriquinho; tu estás cegurrissimo da tua =mulher

- acrescentou o rei com um sorriso -, mas o teu primo de Condé

=não está certo da sua. ou, se está, faz muito mal, com todos os

=diabos!

- Mas quem disse a Vossa Majestade que aqueles homens vinham de casa da =Sr. de Condé?

- Tenho um pressentimento. A imobilidade dos dois vultos, que se

=encostaram à porta logo que nos viram, e que dali se não movem.

=Depois, certo corte da capa do mais pequeno deles. Oh! oh! seria

=divertido.

- O quê?

- Uma lembrança que me ocorreu: vamos ter com eles.

E caminhou direito para os dois homens que, vendo então que era

a =eles que se dirigiam, deram alguns passos para se afastar.

- Olá, meus Senhores - disse o rei -, esperem!

237

- É connosco que falam? - perguntou uma voz que fez estremecer

Carlos =e o seu compa nheiro.

- Então, Henriquinho? - disse Carlos - conheces agora aquela voz?

- Meu Senhor - disse Henrique -, se o irmão de Vossa Majestade,
o =duque de Anjou, não estivesse na Arrochela, havia de jurar que
era =ele quem acabou de falar.
- Pois é que não está na Arrochela. nada mais simples.
- Mas quem está com ele?
- Pois não conheces o companheiro?
- Não, meu Senhor.
- Pois é de estatura que não deixa dúvidas. Espera, que o vais
=conhecer. Olá! já disse que esperem - repetiu o rei. - Não
=ouviram, com trezentos diabos?
- Os senhores pertencem à policia urbana para nos mandarem parar?
=- disse o mais alto dos dois vultos, tirando o braço para fora do =capote.
- Suponham que fazemos a ronda - disse o rei -, e parem quando
lho =ordenam. Depois, falando ao ouvido de Henrique:
- Vais ver o vulcão lançar chamas - disse-lhe o rei.
- Os senhores são oito - disse o mais alto, descobrindo já não
=só o braço mas o rosto. Ainda porém que fossem duzentos, haviam
=de passar de largo.
- Ah! ah! o duque de Guisa! - disse Henrique.
- Ah! nosso primo de Lorena! - disse o rei - dá-se enfim a conhecer!
=que felicidade!
- O rei! - exclamou o duque.

Quanto à outra personagem, aquelas palavras levaram-no a

envolver-se =ainda mais na capa e a ficar imóvel, tendo antes

descoberto a =cabeça respeitosamente.

- Meu Senhor - disse o duque de Guisa -, acabava de fazer uma visita
=à minha cunhada, a Sr de Condé.

- Sim? e trouxe consigo um dos seus fidalgos; qual deles?

- Senhor - disse o duque -, Vossa Majestade não o conhece.

- Ficá-lo-ei conhecendo - disse o rei.

E dirigindo-se ao outro vulto, fez sinal a um dos dois criados
que se =aproximasse com os archotes.

- Perdoe-me, meu irmão! - disse o duque de Anjou, abrindo o capote
e =inclinando-se com mal disfarçado despeito.

- Ah. Henrique! é o senhor? Mas não, não pode ser! estou =enganado.

Meu irmão decerto não ignora que Anjou não iria ter =com pessoa
nenhuma antes de estar comigo para os príncipes de sangue =que
entram na capital, há só uma porta em Paris, a do Louvre.

- Perdoe-me, Senhor - disse o duque de Anjou -, peço a Vossa
=Majestade que desculpe uma leviandade.

- Pois - respondeu o rei em tom de mofa -, mas que fazia o meu
irmão =no Palácio de Condé?

- Ora, ora! - disse o rei de Navarra, com o seu sorriso mofador

- o que =Vossa Majestade dizia ainda agora.

E inclinando-se ao ouvido do rei, acabou a confidência com uma
=gargalhada.

- Então que é? - perguntou o duque de Guisa com altivez, pois,
=como todos os da corte, havia-se acostumado a tratar com aspereza
o =pobre rei de Navarra. - Porque não iria eu visitar minha
cunhada? O =Senhor Duque de Allençon não visita também a sua?.
Henrique corou um tanto.

- Qual cunhada? - perguntou Carlos - só sei que tem uma, a rainha
=Isabel.

- Desculpe-me Vossa Majestade: era irmã que eu devia ter dito;
=Margarida, a quem,

238

quando vínhamos, vimos passar na sua liteira, acompanhada por
dois =pintalegres, que iam trotando a par, cada qual à sua
=portinhola.

- Deveras? - disse Carlos. - Que responde a isto, Henrique?

- Que a rainha de Navarra pode livremente ir onde lhe parecer;
duvido =todavia que tenha saído do Louvre a estas horas.

- Pois eu tenho a certeza - tornou o Sr. de Guisa.

- E eu também - disse o duque de Anjou -, e por sinal parou a liteira
=na Rua do Sino Rachado.

- Então é mister que sua cunhada, não a daqui - disse Henrique
=mostrando o Palácio de Condé -, mas a dali - e voltou o dedo na
=direcção do Palácio de Guisa -, esteja na partida, pois
=deixámo-las juntas e, como sabe, são inseparáveis.

- Não entendo o que Vossa Majestade quer dizer - respondeu o duque de =Guisa.

- Pelo contrário - disse o rei -, nada há tão claro, e =também por isso havia um pintalegrete correndo de cada lado da =liteira.

- Pois se há escândalo da parte da rainha e das minhas cunhadas, =invoquemos a justiça do rei para que ele acabe.

- Ora, por quem é! - disse Henrique - deixe descansadas as Sr. de =Condé e de Nevers. O rei não está inquieto por causa de sua =irmã. e eu tenho inteira confiança em minha mulher.

- Não, não - disse Carlos -, quero tirar a limpo tudo isso; vamos =nós mesmos examinar o caso; a liteira parou na Rua do Sino Rachado, =não é assim, primo?

- Sim, meu Senhor.

- Poderá conhecer o lugar?

- Posso, sim senhor.

- Pois vamos lá; e se for preciso queimar-se a casa para sabermos =quem está lá dentro, queimar-se-á.

Com estas disposições tão pouco favoráveis à =tranquilidade das pessoas de que se tratava, dirigiram-se para a Rua de =Santo António os quatro principais fidalgos do mundo cristão.

Quando chegaram à Rua do Sino Rachado, Carlos, que queria arranjar o =negócio entre as pessoas da família, despediu os fidalgos da =comitiva, dizendo-lhes que dispusessem do resto da noite mas que

=estivessem ao pé da Bastilha às seis horas da manhã, com dois
=cavalos.

Só havia três casas na Rua do Sino Rachado; a busca era tanto mais
=fácil quanto em duas se prestaram facilmente a abrir-Lhes as
portas: =eram as que ficavam contíguas, uma à Rua de Santo
António, =outra à Rua do Rei da Sicília.

Quanto à terceira, o caso foi diferente: era guardada por um
porteiro =alemão, e este mostrou-se pouco tratável. Paris parecia
estar =destinado à oferecer essa noite os mais extraordinários
exemplos =de fidelidade doméstica.

Por mais que o Sr. de Guisa o ameaçasse em puríssimo alemão, =por
mais que o Senhor Duque de Anjou lhe oferecesse uma bolsa cheia
de =ouro, por mais que Carlos se atrevesse e dissesse que era tenente da =guarda
urbana, o bravo alemão desprezou sugestões,
oferecimentos e =ameaças. Vendo que insistiam, e de modo a
tornarem-se importunos, =meteu por entre as barras de ferro o cano
dum arcabuz, =demonstração cujo resultado foi fazer rir três das
quatro =visitas (Henrique de Navarra tinha-se afastado como se
não tivesse =interesse no negócio), porque a arma, não podendo
tornar-se =oblíqua por causa das barras de ferro, só era perigosa
para o cego =que se achasse defronte dela.

Vendo que não podia intimidar, corromper nem comover o porteiro,
o =duque de Guisa fingiu retirar-se com os companheiros; a
retirada, =porém, não foi longa. Na esquina da Rua de Santo

António achou =o duque o que procurava, isto é, uma pedra como
essas que há =três mil anos tomavam por armas fíax, Télamon e
Diómedes; =pô-la ao ombro e voltou, fazendo sinal aos
companheiros

239

que o acompanhassem. Exactamente nesse momento, o guarda- portão,
que =tinha visto retirarem-se os indivíduos que tomara por
malfeitores, =fechava a porta, sem ainda ter tido tempo de a
aferrolhar. O duque de =Guisa aproveitou a ocasião: verdadeira
catapulta viva, atirou a pedra =de encontro à porta. A fechadura
voou, levando parte da parede a que =estava presa. A porta
abriu-se, atirando ao chão o alemão, que, =com um grito terrível,
deu rebate a toda a guarnição, que, a =não ser assim, corria risco
de ser surpreendida.

Justamente neste mesmo momento estava La Mole traduzindo com
Margarida =um idílio de Teócrito, e Cucunás, a pretexto de que
era =também grego, bebia vinho de Siracusa com Henriqueta. A
=conversação científica foi violentamente atalhadas.

Apagar as velas, abrir as janelas, chegar-se a elas e ver no escuro
=quatro homens; atirar-lhes à cabeça todos os projecteis que
=acharam à mão, fazer muita bulha com as espadas, que davam
=unicamente pelas paredes, tais foram os meios de que
imediatamente =lançaram mão Cocunás e La Mole. Carlos, o mais

exaltado dos =assaltantes, levou num ombro com uma bacia de prata;
o duque de Anjou, =com uma salva contendo doce de laranja e de
cidrão; o duque de Guisa =com um quarto de veado.

Só Henrique não apanhou com coisa nenhuma; estava fazendo
=perguntas em voz baixa ao guarda-portão, que o duque de Guisa
=amarrara à porta e que respondia com o seu eterno:

- Ich verstehe nicht.

As damas animavam os sitiados e davam-lhes projecteis, que se
=sucediam como chuva de pedra.

- Cos diabos! - exclamou Carlos IX, ao levar na cabeça com um
=tamborete que lhe enterrou o chapéu até aos olhos - abram
=imediatamente, quando não mando enforcar a todos quantos
estiverem =aí em cima!

- Meu irmão!. - disse Margarida em voz baixa a La Mole.

- O rei! - disse este a Henriqueta.

- O rei! o rei! - disse esta a Cocunás, que ia arrastando um baú
=para a janela, a fim de exterminar o duque de Guisa, com quem,
sem o =conhecer, mais particularmente se batia. - É o rei, torno
a =dizer-lho!

Cocunás largou o baú e olhou espantado.

- O rei?.

- Sim, o rei.

- Então, toca a retirar!

- E sem demora; La Mole e Margarida já se safaram; venha!

- Para onde?

- Venha comigo.

E Henriqueta, pegando-lhe pela mão, conduziu-o à porta secreta que dava para a casa contígua; e todos quatro, depois de fecharem a porta, safaram-se pela saída que dava para a Rua Tizon.

- Oh! oh! - disse Carlos - julgo que a praça se rende.

Esperaram ainda alguns minutos; mas não ouviram mais bulha.

- Estão talvez preparando algum estratagem - disse o duque de Guisa.

- Ou antes reconheceram a voz de meu irmão e safaram-se - disse o duque de Anjou.

- Mas, para isso, terão de passar por aqui - disse o rei.

- Isso é - tornou o duque de Anjou - se a casa não tiver duas saídas.

- Primo - disse o rei -, vá buscar outra vez a sua pedra e abra outra porta como abriu esta.

O duque achou que era inútil recorrer a tais meios, e tendo reparado que essa porta era muito mais fraca do que a primeira, meteu-a dentro com um pontapé.

- Os archotes! os archotes! - disse o rei.

=traziam todo o necessário para fazer fogo, e imediatamente os
=acenderam. Carlos pegou num e deu o outro ao duque de Anjou.

O duque de Guisa entrou adiante, com a espada na mão.

Henrique fechou a marcha.

Chegaram ao primeiro andar.

Na sala de jantar acharam os restos da ceia, pois fora à ceia que
=especialmente ministrara os projecteis. Os candelabros estavam
pelo =chão, os trastes da sala em completa desordem, e tudo que
não era =baixela de prata, feito em pedaços.

Entraram no salão. Aí não acharam mais informações do que =na
primeira sala acerca da identidade das personagens. Livros gregos
e =latinos, alguns instrumentos de música, eis o que acharam.

O quarto de dormir estava ainda mais mudo. Estava acesa uma
lâmpada =num globo de alabastro suspenso do tecto; mas parecia que nem
tinham =entrado nesse quarto.

- Há segunda saída - disse o rei.

- É provável - disse o duque de Anjou.

- Mas onde será? - perguntou o duque de Guisa.

Procuraram por toda a casa mas não a acharam.

- Onde está o guarda-portão? - disse o rei.

- Amarrei-o à porta da entrada - disse o duque de Guisa.

- Interrogue-o, primo.

- Não há-de querer responder.

- Qual!. põe-se-lhe por baixo das pernas um foguezinho bem esperto

- =disse o rei rindo

-, e há-de falar por força.

Henrique olhou com toda a atenção pela janela.

- Já não está lá - disse para o rei.

- Quem o desataria? - perguntou com estranheza o duque de Guisa.

- Com todos os diabos! - disse o rei - ainda desta vez não ficaremos =sabendo nada!

- Com efeito - disse Henrique -, Vossa Majestade está vendo que nada =prova que estivessem nesta casa minha mulher e a cunhada do Sr. de =Guisa.

- É verdade - disse Carlos -, a Escritura no-lo diz: há três

=coisas que não deixam vestígios: o pássaro no ar, o peixe na =água, e a mulher. Não, engano-me: e o homem.

- Assim - atalhou Henrique -, o melhor que temos a fazer.

- Sim - disse Carlos -, é irmos, eu tratar da minha contusão, de

=Anjou limpar-se da calda de laranja e Guisa fazer desaparecer essa =gordura.

E depois saíram, sem tratar de fechar a porta.

Chegando a Rua de Santo António, perguntou o rei a de Anjou e a =Guisa:

- Onde vão os senhores?

- Vamos a casa de Nantouillet, que nos espera para ceiar. Vossa Majestade =quer vir connosco?

- Não, obrigado; vamos para o lado oposto; querem um dos meus criados =de archote?

- Obrigado, meu Senhor - disse de Anjou com vivacidade.

- Bom; tem medo que o mande espionar - disse Carlos ao ouvido do rei de =Navarra. E tomando este último pelo braço:

- Vem, Henriquinho - disse -, esta noite ceias comigo.

- Pois não recolhemos ao Louvre?

- Não, torno a dizer-te, teimoso duma figa! Já que te digo que =venhas, vem para onde te levo. E levou Henrique para a Rua Godofredo =Lasnier.

ANAGRAMA

Ao meio da Rua Godofredo Lasnier vinha dar a Rua Garnier-sur-LEau, e, na =extremidade desta, estendia-se à esquerda e à direita a Rua das =Barras.

Aí, dando alguns passos para a Rua da Mortellerie, erguia-se uma =casinha isolada no meio dum jardim fechado por altos paredões, para o =qual se entrava por uma única porta.

Carlos tirou da algibeira uma chave, e abriu a porta, que cedeu logo, =pois estava fechada só com uma volta; depois, tendo mandado entrar =Henrique e os criados que traziam os archotes, fechou outra vez a =porta.

Só numa janela se via luz; Carlos apontou-a com o dedo a Henrique, =sorrindo.

- Mas, Senhor, não entendo. - disse este.

- Pois vais entender, Henriquinho.

O rei de Navarra olhou para Carlos com espanto; a voz e o rosto do rei =havam tomado uma expressão de doçura que estava tão longe do =carácter habitual da sua fisionomia, que não parecia o mesmo.

- Henriquinho - continuou o rei -, disse-te que quando saía do Louvre =saía do inferno; quando aqui entro, entro no paraíso.

- Meu Senhor - disse Henrique -, muito me felicito por ver que Vossa =Majestade me achou digno de o acompanhar na sua viagem ao céu.

- O caminho é estreito, mas isso mesmo serve à comparação - =disse

o rei, subindo por uma pequena escada.

- E qual é o anjo que guarda a entrada do Éden de Vossa =Majestade?

- Vais vê-lo - respondeu Carlos IX.

E fazendo sinal a Henrique para que o acompanhasse sem fazer bulha, =abriu uma porta, depois outra, e parou no limiar.

- Olha - disse Carlos.

Henrique aproximou-se, e ficou com os olhos fitos num dos mais belos =quadros que tinha visto.

Era uma senhora de dezoito para dezanove anos, pouco mais ou menos, a =dormir com a cabeça encostada aos pés da cama duma criança =igualmente adormecida, e cujos pezinhos ela segurava com ambas as =mãos, tendo-os encostados aos lábios, enquanto os seus compridos e =anelados cabelos louros soltos brilhavam como fios de ouro.

Dir-se-ia um quadro de Albano representando a Virgem e o Menino =Deus.

- Oh, meu Senhor! - disse o rei de Navarra - quem é aquela =encantadora menina?

- O anjo do meu paraíso, Henriquinho; o único ente que me ama por =mim somente.

242

Henrique sorriu.

- Sim, por mim só; pois amou-me antes de saber que eu era rei.

- E depois que o soube?

- Depois que o soube. - disse Carlos com um suspiro que mostrava quanto =essa ensanguentada realeza lhe era por vezes pesadíssima

- depois que =o soube, ainda me ama; assim o julgo.

O rei aproximou-se devagarinho e depositou na face em flor da formosa =senhora um beijo tão leve como o da abelha no lírio.

No entanto, ela acordou.

- Carlos! - disse ela abrindo os olhos.

- Vês? - disse o rei - chama-me Carlos, e a rainha chama-me =senhor.

- Oh! - exclamou a dama - não veio só, meu rei.

- Não, minha boa Maria. Quis trazer-te outro rei, mais feliz do que =eu, pois não tem coroa; porém mais desgraçado que eu, porque =não tem uma Maria Touchet. A tudo dá Deus compensações.

- É o rei de Navarra? - perguntou Maria.

- Ele próprio, minha filha. Chega-te, Henriquinho.

O rei de Navarra aproximou-se. Carlos pegou-lhe na mão direita.

- Olha para esta mão, Maria: é dum bom irmão, dum leal amigo. =Se não fosse esta mão. Ouve.

- O quê, Senhor?

- Se não fosse esta mão, Maria, o nosso filho ficaria hoje sem =pai.

Maria deu um grito, caiu de joelhos, pegou na mão de Henrique e

=beijou-a.

- Muito bem, Maria, muito bem - disse Carlos.

- E que fez Vossa Majestade para lhe agradecer?

- Prestei-lhe igual serviço.

Henrique olhou para Carlos com espanto.

- Um dia saberás o que quero dizer, Henriquinho; entretanto,

=aproxima- te e vê. Ele chegou-se à cama em que dormia a =criança.

- Oh! - disse - se este robusto menino dormisse no Louvre em vez

de =dormir aqui, nesta casinha da Rua das Barras, muitas coisas

na =actualidade, muitas talvez no futuro, se haviam de mudar.

- Meu Senhor - disse Maria -, não se ofenda Vossa Majestade, mas

=gosto mais de o ver dormir aqui. dorme melhor.

- Pois não perturbemos o seu sono - disse o rei -, é tão bom =dormir

quando se não tem sonhos!.

- Então, meu Senhor?. - disse Maria apontando com a mão para uma

=das portas do quarto.

- Tens razão, Maria, vamos ceiar.

- Meu querido Carlos, diga ao rei seu irmão que me desculpe, sim?

- De quê?

- De ter despedido os criados, meu Senhor - continuou a dama,

=dirigindo-se ao rei de Navarra -, pois saiba que Carlos não quer

ser =servido senão por mim.

- Ora essa! - disse Henrique - acho que tem muita razão.

Os dois reis entraram para a sala de jantar, enquanto a mãe,

=solicita e inquieta, agasalhava com

' Com efeito, este filho natural, que não era outro senão o famoso

=duque de Angoulême, suprimia, se fosse legítimo, Henrique III,

=Henrique IV Luís XIII e Luís XIV

243

uma coberta mais quente o seu Carlinhos, que, graças ao bom sono
de =criança, tão invejado pelo pai, não tinha acordado.

Maria veio ter com eles.

- Só dois talheres? - disse o rei.

- Consintam Vossas Majestades - disse Maria - que eu os sirva.

- Olha, Henriquinho - disse Carlos -, vê o mal que me vais =causar.

- Como assim, meu Senhor?

- Pois não ouves?.

- Desculpe-me, Carlos, desculpe-me.

- Pois sim, desculpo-te; mas senta-te aqui ao pé de mim, entre

nós =ambos.

- Obedeço - disse Maria.

Trouxe um talher, sentou-se entre os dois reis e serviu-os.

- Não achas, Henriquinho, que é bem bom - disse Carlos - ter um

=cantinho no mundo em que nos atrevemos a beber e a comer, sem

termos =necessidade de que alguém prove antes o nosso vinho e a

nossa =comida?

- Acredite, meu Senhor, que aprecio mais do que ninguém a felicidade =de Vossa Majestade.
- E por isso diz-lhe e repete-lhe, meu Henriquinho, que, para =continuarmos sempre assim felizes, cumpre que ela não se envolva em =política, que não vá à corte e, mais que tudo, cumpre que =não seja conhecida por minha mãe.
- Com efeito, a rainha Catarina ama Vossa Majestade com tanto extremo, =que talvez ficasse com ciúmes de qualquer outro amor
- respondeu =Henrique, achando este subterfúgio para evitar a perigosa =confiança do rei.
- Maria - disse o rei -, apresento-te um dos homens mais sagazes e mais =espirituosos que conheço. Na corte (não é pouco o que te vou =dizer) traz a todos iludidos; só eu consegui penetrar-lhe, não no =coração, mas no espírito.
- Meu Senhor - disse Henrique -, sinto que, exagerando Vossa Majestade =assim o meu espírito, duvide do meu coração.
- Não exagero nada, Henrique - disse o rei. - Um dia virá em que =hão-de conhecer-te. Depois, voltando-se para Maria:
- Faz sobretudo anagramas que é uma maravilha. Diz-lhe que faça um =do teu nome, e afirmo-te que o fará.
- Ora! que poderá ele achar no nome duma pobre mulher como eu? Que =delicado pensamento poderá sair do nome de Maria Touchet?
- O anagrama deste nome é facilimo, e não há grande =merecimento

em tê-lo achado.

- Ah! ah! pois já está feito? - disse Carlos. - Estás =vendo?.

Henrique tirou da algibeira a carteira, rasgou-lhe uma página, e por =baixo do nome de Maria Touchet escreveu: Je charme tout - (encanto =tudo).

Depois deu a folha à jovem.

- Realmente - exclamou ela -, parece impossível!

- Então que achou ele? - perguntou Carlos.

- Meu Senhor, não me atrevo a repeti-lo.

- No nome de Maria Touchet, há, letra por letra, fazendo do I um J, =como é uso, a frase

-Je charme tout.

- Com efeito, letra por letra. Quero que seja a tua divisa, ouves, =Maria? Nunca a houve mais bem merecida. Obrigado, Henriquinho.

Maria, =hei-de dar-ta escrita em brilhantes.

A ceia concluiu-se; davam duas horas na Igreja de Nossa Senhora.

- Agora - disse Carlos -, em paga do meu anagrama, vai dar-lhe uma =poltrona em que ele possa dormir até amanhecer; mas olha, distante de =nós, pois o maldito ronca que mete medo.

244

Depois, se acordares antes de mim, desperta-me, pois às seis horas =havemos de estar na Bastilha. Boa noite, Henriquinho; arranja-te como =puderes. Mas - acrescentou, chegando-se para o rei de

Navarra e =pondo-lhe a mão no ombro - por tua vida, Henrique, ouve bem! não =saias daqui sem mim, sobretudo para voltares ao Louvre.

Henrique havia suspeitado tanta coisa no que não compreendera, que =não podia preterir uma tal recomendação.

Carlos IX entrou no quarto, e Henrique, o montanhês afeito a tudo, =acomodou-se numa poltrona, e em breve justificou a precaução =tomada pelo cunhado de o pôr bem distante de si.

Ao raiar do dia seguinte foi acordado por Carlos; como tinha ficado =vestido, não perdeu tempo ao toucador; o rei estava feliz e risonho =como nunca estivera no Louvre. As horas que passava aquela casinha eram =as suas horas de sol.

Ambos passaram outra vez pelo quarto de dormir. A dama estava na cama, o =menino no berço; ambos dormiam com o sorriso nos lábios.

Carlos olhou para eles um momento com infinda ternura; depois, =voltando-se para o rei de Navarra, disse-lhe:

- Henriquinho, se algum dia vieres a saber que serviço te prestei =esta noite, e se me acontecer alguma desgraça, lembra-te desta =criança que ali está dormindo no seu berço.

Depois, beijando-os ambos na testa, sem dar a Henrique tempo de lhe =fazer perguntas:

- Até mais ver, meus anjos - disse.

E saiu.

Henrique acompanhou-o pensativo.

Esperavam-nos na Bastilha cavalos seguros pelos fidalgos a quem

Carlos =IX havia dado ordem de ali estarem; Carlos fez sinal a

Henrique que =montasse a cavalo; saltou na sela, e saiu pelo

Jardim de Arbalète, =tomando pelos Boulevards exteriores.

- Onde vamos? - perguntou Henrique.

- Vamos - respondeu Carlos - ver se o duque de Anjou voltou só para a =Sr. de Condé, ou se tem no coração tanta ambição como

=amor, do que eu duvido muito.

Henrique nada entendeu da explicação, e acompanhou Carlos sem

=dizer mais nada. Ao chegar aos paus, e como que abrigado pelas

=estacadas, descobria-se tudo quanto então se chamava Bairro de

S. =Lourenço. Carlos mostrou a Henrique, por entre a névoa da

=manhã, homens envoltos em grandes capotes e cobertos com

barretes de =peles, que vinham a cavalo, precedendo uma carroça

carregada com =muito peso. À medida que avançavam, esses homens

tomavam uma forma =mais distinta, e podia-se ver, a cavalo como

eles e conversando com o =que parecia chefe, outro homem, de largo

manto pardo e com a cabeça =coberta com chapéu à francesa.

- Ah! ah! - disse Carlos sorrindo - bem o presumia.

- Ah, Senhor! não me engano: esse cavaleiro de capote pardo é o

=duque de Anjou.

- Ele mesmo - disse Carlos IX -, afasta-te um pouco para que nos

não =veja.

- Mas - perguntou Henrique -, os sujeitos de mantos pardos e

barretes de =peles quem são? E nesse carro que trazem?

- Os sujeitos - disse Carlos - são os embaixadores polacos, e no
=carro trazem uma coroa. E agora - continuou ele, metendo o seu
cavalo a =galope, e tomando o caminho da Porta do Templo -
retiremo-nos, Henrique, =pois já vi quanto queria ver.

VII

A VOLTA PARA O LOUVRE

Quando Catarina julgou que tudo estava acabado no quarto do rei de Navarra, que os mortos tinham sido levados, que Maurevel fora transportado para sua casa e que se haviam lavado os tapetes, despediu as criadas, pois era cerca da meia-noite, e procurou dormir. Mas o abalo havia sido tão forte, e tamanha a decepção, que o não pôde fazer. Esse aborrecido Henrique, escapando continuamente às suas ciladas, de ordinário mortais, parecia protegido por algum poder invisível, que Catarina persistia em chamar acaso, bem que no íntimo do seu coração uma voz lhe dissesse que o verdadeiro nome desse poder era o destino. A lembrança de que a notícia desta nova tentativa, espalhando-se dentro e fora do Louvre, ia dar a Henrique e aos huguenotes confiança ainda maior no futuro, desesperava-a; e naquele momento, se esse acaso, contra o qual lutava tão infaustamente, lhe entregasse o seu inimigo, decerto que com o estilete florentino que trazia à cinta teria zombado dessa fatalidade tão favorável ao rei de Navarra.

As horas da noite, essas horas tão vagarosas para quem espera ou para quem perde o sono, soaram, pois, umas atrás das outras, sem que Catarina houvesse podido fechar os olhos. Um mundo inteiro de projectos novos desenrolou-se, durante essas horas

nocturnas, no seu espírito =cheio de visões. Enfim, ao raiar do dia, levantou-se, vestiu-se =sozinha e dirigiu-se ao aposento de Carlos IX.

Os guardas, acostumados a vê-la entrar na câmara do rei a toda a =hora do dia e da noite, deixaram-na passar; atravessou, pois, a =antecâmara e alcançou a sala de armas. Aí, porém, achou =acordada a ama de Carlos.

- Meu filho? - perguntou a rainha.

- Minha Senhora, Sua Majestade proibiu que entrassem no seu quarto antes =das oito horas, e ainda não deram.

- Essa proibição não se entende comigo, ama.

- Entende-se com todos, minha Senhora.

Catarina sorriu.

- Sim, bem sei - tornou a ama -, bem sei que ninguém aqui tem direito =a pôr obstáculos a Vossa Majestade; suplicar-lhe-ei, pois, que =escute os rogos duma pobre mulher e não entre.

- Ama, quero falar com meu filho.

- Minha Senhora, não abrirei a porta sem ordem formal de Vossa =Majestade.

- Pois abra, ama; quero e mando - disse a rainha.

Ouvindo essa voz, mais respeitada, e especialmente mais temida no Louvre =do que a do próprio Carlos, a ama apresentou a chave a Catarina; =porém Catarina não precisava dela. Tirou uma chave

da algibeira, =abriu a fechadura da porta da câmara do filho e,
a uma pequena =pressão, a porta cedeu.

No quarto não havia ninguém; a cama de Carlos estava intacta, e
os =dois galgos, deitados sobre a pele de urso estendida aos pés
da cama, =levantaram-se e foram lambe as mãos de marfim de
Catarina.

Ah! - disse a rainha carregando o sobrolho - saiu!. Esperarei por
ele. E =foi sentar-se, pensativa e sombriamente reconcentrada,
na janela que =dava para o pátio do Louvre e da qual se descobria
a grade =principal.

Havia duas horas que aí estava, imóvel e pálida como uma =estátua
de mármore, quando viu enfim recolher ao Louvre um rancho =de
cavaleiros, a cuja frente reconheceu Carlos e Henrique de
=Navarra.

Então compreendeu tudo. Em vez de com ela discutir sobre a prisão
=do cunhado, Carlos tinha-o levado consigo, e assim o salvara.

Cego! cego! cego! murmurou ela; e esperou.

Daí a um momento ouviram-se passos na câmara contígua, que era
=a sala de armas.

- Mas Senhor - dizia Henrique -, agora, que nos achamos no Louvre,
=diga-me porque me fez sair daqui e que serviço foi que me
=prestou.

- Não, não, Henriquinho - respondeu Carlos, sorrindo -, um dia

=talvez o saibas; mas por ora é um mistério. Fica somente sabendo,
=por agora, que vou muito provavelmente ter por tua causa uma
renhida =discussão com minha mãe.

Acabando de dizer essas palavras, Carlos abriu o reposteiro e
achou-se =frente a frente com Catarina.

Por detrás dele, e por cima do ombro, aparecia a cabeça pálida
=e inquieta do Bearnês.

- Ah! está aqui, minha Senhora? - disse Carlos IX carregando o
=sobrolho.

- Estou, meu filho - disse Catarina -, tenho que lhe falar.

- A mim?

- Sim, mas a sós.

- Vamos lá - disse Carlos, voltando-se para o cunhado -, já que
=não havia meio de evitar a entrevista, quanto mais depressa for,
=melhor.

- Eu já o deixo - disse Henrique.

- Pois sim deixa-nos - respondeu Carlos - e, já que és =católico,
Henriquinho, vai ouvir missa por minha intenção; eu =fico ouvindo
o sermão.

Henrique cumprimentou e saiu.

Carlos IX antecipou-se ao que a mãe lhe poderia dizer.

- Então, minha Senhora - disse, procurando meter à balha o
=ocorrido -, espera-me para ralhar comigo, não é assim?

=Irreverentemente, fiz que falhasse o seu projectozinho! Ah! com todos os =diabos! eu não podia deixar que prendessem e metessem na Bastilha o =homem que acabava de me salvar a vida. Não queria também pôr-me =em luta com Vossa Majestade, pois sou bom filho; e demais - acrescentou =baixinho -, Deus castiga os filhos que têm questões com as =mães: como prova, aí temos meu irmão Francisco II. Perdoe-me =pois francamente, e confesse depois que a peça foi bem pregada.

- Senhor - disse Catarina -, Vossa Majestade está enganado, não se =trata de peça.

- Pois sim, pois sim; mas mal há-de reconhecer isso comigo, ou mil =raios me partam.

- Senhor, Vossa Majestade fez de propósito falhar um plano que nos =devia conduzir a uma grande descoberta.

- Bom! um plano. pois é coisa de grande embaraço?. Em vez dele =formará vinte, e nesses prometo ajudá-la.

- Agora, ainda que me ajudasse, seria tarde, pois ele já está =prevenido, e portanto acautelado.

- Vamos, minha mãe - disse o rei -, acabemos com isto. Que tem a =senhora contra Henriquinho?

247

- Tenho que está conspirando.

- Bem compreendo, é a sua eterna acusação; mas, muito ou pouco,

=não conspiram todos nesta encantadora residência real chamada

=Louvre?

- Mas ele conspira mais do que ninguém, e é tanto mais perigoso

=quanto ninguém o percebe.

- Que manhoso! - disse Carlos - que Lorenzino!.

- Ouça - disse Catarina, anuviando-se ao ouvir esse nome, que lhe

=lembrava uma das mais sanguinolentas catástrofes da história

=florentina -, ouça: há um meio de me provar que me engano.

- Qual é, minha mãe?

- Pergunte a Henrique quem estava esta noite no quarto dele.

- No quarto dele. esta noite?

- Sim; e se o disser.

- E depois?

- Se o disser, estou pronta a confessar que me enganava.

- Mas, se fosse alguma mulher. não podemos exigir.

- Mulher?

- Sim, mulher.

- Mulher que matou dois dos seus guardas e que feriu, talvez

=mortalmente, o Sr. de Maurevel.

- Oh! oh! oh! - disse o rei - a coisa vai sendo séria. Houve sangue

=derramado?

- Três homens ficaram estendidos no chão.

- E quem os pôs nesse estado?.

- Saiu são e salvo.

- Por Gog e Magog! era um valente! - exclamou Carlos. - E tem razão,
=minha mãe, quero conhecê-lo.

- Pois desde já lhe digo que não o há-de conhecer, pelo menos =por
Henrique.

- Mas por sua intervenção, minha mãe. Esse homem não havia =de
fugir assim sem deixar algum vestígio, sem que reparassem em
=alguma parte do seu traje.

- Apenas se notou um, na capa cor de cereja muito elegante com
que =estava coberto.

- Ah! ah! uma capa cor de cereja! Só conheço uma na corte, que
se =tem notado por dar muito nas vistas.

- Justamente - disse Catarina.

- E então? - perguntou Carlos.

- Então - disse Catarina -, espere-me aqui, que eu vou ver se as
=minhas ordens foram executadas.

Catarina saiu e Carlos ficou só, passeando pela câmara,
=distraído e assobiando uma ária de caça, com uma das mãos no
=gibão e deixando caída a outra, que os galgos vinham lambe-
=r de cada vez que parava.

Quanto a Henrique, tinha saído do aposento do cunhado muito
inquieta =e, em vez de ir pelo corredor ordinário, tinha tomado
a escadinha =particular de que já falámos mais duma vez, e que

levava ao =segundo andar.

Apenas, porém, subiu quatro degraus, à primeira volta viu uma

=sombra. Parou, levando a mão ao punhal; logo reconheceu que era uma
=mulher, e uma voz encantadora, que lhe era familiar,

disse-lhe =agarrando-lhe na mão:

- Louvado seja Deus, Senhor! ei-lo são e salvo!. Deus sem dúvida

=acolheu as minhas súplicas; tive tanto susto por Vossa

=Majestade!.

- Então que houve? - disse Henrique.

- Sabê-lo-á quando se recolher ao seu quarto. Não lhe dê =cuidado

a ausência de Orthon, tomei conta dele.

248

E a dama desceu apressada, com Henrique, como se fosse por acaso

que o =houvesse encontrado na escada.

Isto é singular! - disse consigo Henrique. - Então que houve? que

=sucedeu a Orthon? Esta pergunta não podia infelizmente ser

ouvida =pela Sr. de Sauve, pois ela já estava longe. No alto da

escada viu =Henrique aparecer de súbito outra sombra; mas essa

era a dum =homem.

- Silêncio! - disse a sombra.

- Ah, ah! é Vossa Alteza, Francisco?

- Não me chame pelo meu nome.

- Então que houve?

- Recolha-se, e sabê-lo-á; depois, meta-se pelo corredor, olhe

bem =para todos os lados que o não espreitem, e entre no meu quarto, cuja =porta estará entreaberta.

E desapareceu também pela escada, como esses fantasmas que nos =teatros se somem por alçapões.

Com a breca! - exclamou o Bearnês - o enigma continua; mas já que =a explicação está no meu quarto, vamos depressa.

Entretanto, não foi sem comoção que Henrique prosseguiu no seu =caminho; ele tinha a sensibilidade, essa superstição da mocidade. =Tudo se reflectia com clareza nessa alma de superfície lisa como a =dum espelho, e tudo quanto tinha ouvido lhe pressagiava uma =desgraça.

Chegou à porta do quarto e escutou; não ouviu bulha alguma. =Além de que, como Carlota lhe havia dito que se recolhesse, era =evidente que nada havia que recear recolhendo-se. I. ançou um olhar =rápido pela antecâmara; estava ela solitária; nada porém =ainda lhe indicava o que tinha havido.

Com efeito - disse - Orthon não está aqui.

Entrou no outro quarto. Aí tudo lhe foi explicado.

Apesar da água com que fora inundado, manchas avermelhadas cobriam o =soalho; estava uma mesa quebrada, os cortinados da cama golpeados como =por espadas, um espelho de Veneza havia sido despedaçado por uma =bala, e mãos ensanguentadas tinham-se encostado à parede deixando =nela o seu terrível sinal; tudo

anunciava que esta câmara, =então muda, tinha sido teatro duma
luta mortal.

Henrique foi colhendo com os olhos espavoridos todos esses
fúnebres =sinais; passou a mão pela testa, fria do suor, e disse
a meia =voz:

Ah! compreendo agora o serviço que o rei me prestou. quiseram
=matar-me. e. Mas de Mouy! que fizeram de de Mouy?. Os miseráveis
=mataram-no, decerto!

E tão pressuroso de saber notícias quanto estava o duque de
=Alençon de lhas dar, Henrique, depois de lançar um derradeiro
e =triste olhar para os objectos que o rodeavam, saiu do quarto,
=alcançou o corredor, examinou se estava bem solitário e,
=empurrando a porta mal cerrada, que depois fechou com todo o
cuidado, =precipitou-se no quarto do duque de Alençon.

O duque estava-o esperando na primeira câmara.

Pegou-lhe pela mão e levou-o, pondo-lhe um dedo na boca, para um
=gabinete do torreão, completamente solitário, e por isso livre
de =toda e qualquer espionagem.

- Ah, meu irmão! - disse-lhe - que horrível noite!.

- Então que houve? - perguntou Henrique.

- Quiseram prendê-lo.

- A mim?

- Sim senhor.

- E porquê?

249

- Não sei; onde estava?

- O rei levou-me ontem à noite a passear pela cidade.

- Então é que o sabia. Mas, se não estava no seu quarto, quem =era que lá estava?

- Pois estava alguém no meu quarto? - perguntou Henrique como se o =ignorasse.

- Sim, estava um homem. Quando ouvi bulha, acudi, mas já era =tarde.

- E o homem foi preso? - perguntou Henrique com ansiedade.

- Não; fugiu depois de ter ferido perigosamente Maurevel e morto dois =guardas.

- Ah! valente de Mouy! - exclamou Henrique.

- Pois era de Mouy? - disse com vivacidade de Alençon.

Henrique viu que tinha sido indiscreto.

- Presumo que sim - disse - pois tinha-o emprazado para entender-me com =ele acerca da fuga de Vossa Alteza, e dizer-lhe que tinha cedido todos =os meus direitos ao trono de Navarra.

- Então, se for descoberto - disse de Alençon empalidecendo -, =estamos perdidos.

- Decerto, pois Maurevel há-de falar.

- Maurevel levou uma cutilada na garganta; falei com o cirurgião

que =o trata. Segundo ele me disse, levará mais de oito dias sem que possa =dar uma palavra.

- Oito dias! É mais do que o tempo necessário para de Mouy se =pôr a seguro.

- Além de que - disse de Alençon -, pode bem ser outro, e não =de Mouy.

- Pois acha? - disse Henrique.

- Acho: o homem desapareceu tão depressa, que só lhe viram a capa =cor de cereja.

- Com efeito - disse Henrique -, uma capa dessa cor mais assenta em =qualquer gamenho do que num soldado. Ninguém suspeitará de de Mouy =com semelhante capa.

- Não; e se alguém suspeitasse - disse de Alençon -, seria =antes. E não concluiu.

- Seria antes do Sr. de La Mole - disse Henrique.

- Certamente, pois eu próprio, que vi fugir o sujeito, duvidei.

- Vossa Alteza duvidou? Com efeito, bem podia ser o Sr. de La Mole.

- Ele não sabe nada? - perguntou de Alençon.

- Nada absolutamente; ao menos, nada que tenha alguma =importância.

- Pois então, meu irmão - disse o duque -, estou =convencidíssimo de que era ele.

- Mau! - disse Henrique - se for ele, vai o caso causar muito

desgosto =à rainha, que se interessa muito por ele.

- Interessa-se muito? - perguntou de Alençon cheio de =confusão.

- Sem dúvida. Pois não se lembra, Francisco, que foi ela quem lhe =recomendou?

- Lembra-me - disse o duque com voz abafada -, e por isso quisera =ser-lhe agradável; e a prova é que, para que o não =comprometesse a capa vermelha, fui buscar-lha ao quarto e =escondi-lha.

- Oh! oh! - disse Henrique - isso é que é o cúmulo da =prudência; e agora já não aposto: juro que era ele.

- Até perante a justiça?. - perguntou Francisco.

- Por certo que sim; ter-me-ia vindo trazer algum recado da parte de =Margarida.

- Se eu tivesse a certeza de ser apoiado pelo testemunho do mano - disse =de Alençon -, não teria dúvida em o acusar.

- Se o acusar - respondeu Henrique -, bem vê, mano, que não o =hei-de desmentir.

- Mas a rainha. - disse de Alençon.

- Ah! sim, a rainha.

- É necessário saber o que ela fará.

- Eu me encarrego da comissão.

250

- Olhe, mano, ela faria mal em nos desmentir, pois aí está uma =fulminante reputação de valentia dada a esse mancebo, sem grande

=dispêndio seu, porque a compra a crédito; mas, pode bem ser que
=venha a pagar capital e juros.

- Ora, que se lhe há-de fazer?. - disse Henrique. - Neste mundo
nada =se alcança às mãos lavadas.

E saudando de Alençon com a mão e com um sorriso, deitou a =cabeça fora da
porta que dava para o corredor, e vendo que ninguém =estava
espiondo, saiu rapidamente e desapareceu pela escada que dava
=para os aposentos de Margarida.

Pela sua parte, a rainha de Navarra não estava mais sossegada do
que =o marido; a expedição nocturna contra ela e contra a duquesa
de =Nevers, dirigida pelo rei, pelos duques de Anjou e de Guisa,
e por =Henrique, a quem havia reconhecido, inquietava-a muito.
Sem dúvida, =não havia prova alguma que a pudesse comprometer;
o guarda-portão, =desatado da grade por La Mole e Cocunás, tinha
afirmado que nada =dissera. Mas quatro grandes fidalgos, da
estatura desses a quem La Mole =e Cocunás tinham resistido, não
se haviam desviado do seu caminho =ao acaso e sem saber por que
o faziam. Margarida tinha pois voltado para =o paço ao alvorecer,
depois de haver passado o resto da noite em casa =da duquesa de
Nevers; tinha-se imediatamente deitado, mas não podia =dormir,
e à menor bulha estremecia.

Foi no auge dessa ansiedade que ouviu bater à porta secreta:
depois =de ter mandado por Gillonne ver quem era, ordenou que
mandasse =entrar.

Henrique parou à porta; nada anunciava nele o marido ofendido;
=pousava-lhe nos lábios o seu costumado sorriso, e nenhum dos
=músculos do rosto revelava os terríveis abalos por que acabava
de =passar.

Mostrou interrogar com os olhos Margarida para saber se Lhe
consentia =ficar a sós com ela. Margarida compreendeu o olhar do
marido, e fez =sinal a Gillonne que se retirasse. - Minha Senhora
- disse então =Henrique -, sei quanto é afeiçoada aos seus amigos,
e muito receio =trazer-lhe uma triste notícia.

- Que notícia é essa, Senhor? - perguntou Margarida.

- Um dos nossos criados mais queridos acha-se neste momento muito
=comprometido.

- Qual deles?

- O nosso querido conde de La Mole.

- O conde de La Mole comprometido? e porquê?

- Por causa do ocorrido esta noite.

Apesar do poder que Margarida tinha sobre si mesma, não pôde
=deixar de corar. Por fim, fazendo um esforço, disse:

- Que foi então que sucedeu?

- Como! - disse Henrique - pois não ouviu a bulha que esta noite
=houve no Louvre?

- Não senhor.

- Oh! felicito-a, minha Senhora - disse Henrique com admirável

=ingenuidade. - Prova isso que tem muito bom sono.

- Pois então que houve?

- Houve que a nossa boa mãe mandou o Sr. de Maurevel com seis guardas =para me prenderem.

- Ao senhor?

- Sim, a mim.

- E por que motivo?

- Oh! quem pode adivinhar os motivos dum espirito tão profundo como o =de nossa mãe?. Respeito-os, mas não os conheço.

- E o senhor não estava nos seus aposentos?

251

- Não estava, por mero acaso. A senhora adivinhou, não estava nos =meus aposentos. Ontem à noite, o rei convidou-me para o acompanhar =num passeio pela cidade. Mas se eu não estava, achava-se lá outra =pessoa.

- E quem era?

- Parece que era o conde de La Mole.

- O conde de La Mole? - disse Margarida atónita.

- Mas como é valente esse provençalzinho!. Faça ideia que feriu =Maurevel e matou dois guardas!.

- Feriu Maurevel, matou dois guardas? não pode ser!

- Como! põe em dúvida a sua coragem?

- Não; mas digo que o Sr. de La Mole não podia estar nos seus

=aposentos.

- Porque não podia?

- Porque, porque. - tornou Margarida cheia de confusão - porque

=estava em outra parte.

- Ah! se puder prová-lo - tornou Henrique -, é outro caso: dirá

=onde esteve e ficará salvo.

- Onde ele esteve! - disse com vivacidade Margarida.

- Sem dúvida, não se passará o dia sem que ele seja preso e

=interrogado. Infelizmente, como há provas.

- Provas? quais?

- O homem que opôs essa resistência desesperada tinha uma capa

cor =de cereja.

- Não é só o Sr. de La Mole que tem a capa dessa cor. outra =pessoa

conheço eu que também a tem.

- Sem dúvida, e eu também. Mas eis aqui o que acontecerá. Se =não

era o Sr. de La Mole que estava nos meus aposentos, era esse =outro

sujeito de capa cor de cereja: Ora esse homem... sabe quem =é.

- Meu Deus!

- Eis o perigo: a senhora o percebe como eu, e essa exclamação

mo =prova. Conversemos pois agora como duas pessoas que falam da

coisa mais =apetecida que há: de um trono; do bem mais precioso:

a vida. Preso de =Mouy, estamos perdidos.

- Sim, compreendo isso.

- Enquanto que o Sr. de La Mole a ninguém compromete, a menos que o =não julgue capaz de inventar alguma história de dizer, por =exemplo, que passou a noite em companhia destas ou daquelas =senhoras.

- Senhor - disse Margarida -, se é esse o seu único receio, pode =ficar certo de que ele nada dirá...

- Como! - disse Henrique - calar-se-ia, quando mesmo do seu silêncio =lhe resultasse a morte!

- Há-de calar-se.

- Sabe-o decerto?

- Afianço-o.

- Então tudo vai optimamente - disse Henrique levantando-se.

- Já se retira, Senhor? - perguntou com vivacidade Margarida.

- Sim, retiro-me; pois já lhe disse tudo quanto tinha a dizer.

- E vai ocupar-se.

- Em descobrir meios e modos de sairmos todos da dificuldade em que nos =colocou esse homem de capa cor de cereja.

- Oh! meu Deus! meu Deus! pobre mancebo!. - exclamou a rainha, =angustiada e torcendo os braços.

- Na verdade - disse Henrique retirando-se -, é um gentil criado, o =querido conde de La Mole!

VIII

INTERROGATÓRIOS

Carlos tinha entrado no paço risonho e mofador, mas depois duma =conversação de dez minutos com a mãe ter-se-ia dito que ela lhe =havia cedido a sua palidez e a sua cólera, enquanto para si tomara o =bom humor e a alegria do filho.

- O Sr. de La Mole - dizia Carlos -, o Sr. de La Mole! Cumpre-me mandar =chamar Henrique e o duque de Alençon; Henrique, porque esse mancebo =era huguenote; o duque de Alençon, porque o tem ao seu =serviço.

- Chame-os, se quiser, meu filho, mas nada ficará sabendo.

Henrique e =Francisco (até me causa horror pensá-lo) estão mais ligados do =que parece. Interrogá-los, é dar-lhes suspeitas; melhor seria a =experiência lenta e segura de alguns dias. Se deixar respirar os =culpados, meu filho, se os deixar persuadir que escaparam à sua =vigilância, acoçoados, triunfantes, hão-de dar-nos melhor =ocasião de os descobrir e castigar. Então saberemos tudo.

Carlos passeava indeciso, devorando a sua cólera com a mão =convulsa, o coração mordido pela suspeita.

- Não, não! - disse por fim - não quero esperar. Não sabe o =que é esperar, estando, como estou, cercado de fantasmas. Além =disso, de dia para dia mais insolentes se tornam esses meninos;

esta =mesma noite não se atreveram dois deles a resistir-nos, a
=rebelarem-se contra nós!. Se o Sr. de La Mole for inocente, bem;
mas =desejo muito saber onde estava esta noite o Sr. de la Mole,
enquanto =matabam os meus guardas no Louvre e me insultavam a mim
próprio na =Rua do Sino Rachado. Vão, pois, chamar o Senhor Duque
de Alençon, =e depois Henrique. Quero interrogá-los em separado;
a senhora pode =ficar.

Catarina sentou-se. Para um espírito firme e inflexível como o
=seu, qualquer incidente podia, fazendo-o curvar com a sua mão
=poderosa, levá- la ao seu fim, embora parecesse desviá-la. De
=qualquer choque resulta, ou ruído, ou faísca. O ruído guia, a
=faísca alumia.

O duque de Alençon entrou; a sua conversação com Henrique =havia-o
preparado para a entrevista; estava, pois, bastante =sossegado.

As suas respostas foram das mais positivas. Prevenido pela mãe
que =ficasse no paço, ignorava completamente os acontecimentos
dessa =noite. Somente, como o seu aposento dava para o mesmo
corredor que o do =rei da Navarra, tinha julgado ouvir, primeiro
uma bulha, como a duma =porta que arrombam, depois, imprecações
e tiros. Então apenas =se arriscou a abrir um pouco a da sua
câmara, e vira fugir um homem =de capa vermelha.

Carlos e a mãe olharam um para o outro.

- De capa vermelha?. - disse o rei.

- Sim senhor, de capa vermelha - tornou de Alençon.

253

- E essa capa não o fez suspeitar quem poderia ser?

De Alençon reuniu toda a sua força para mentir com o modo mais =natural.

- Devo confessar a Vossa Majestade que, à primeira vista, julguei que =era a capa dum dos meus fidalgos.

- E como se chama esse fidalgo?

- O Sr. de La Mole.

- Porque não estava o Sr. de La Mole junto de meu irmão, como =determinava o seu serviço?

- Eu tinha-o dispensado - disse o duque.

- Está bem; pode ir - disse Carlos.

O duque de Alençon dirigiu-se para a porta por onde havia =entrado.

- Por aí não - disse Carlos -, por aqui.

E indicou-lhe a que dava para o quarto da ama.

Carlos não queria que se encontrassem Henrique e Francisco; ignorava =que já tivessem estado juntos um momento, e que havia bastado esse =momento para que os dois cunhados se combinassem.

Após de Alençon, a um sinal de Carlos, apareceu Henrique.

Não esperou este que Carlos o interrogasse.

- Senhor - disse ele -, Vossa Majestade fez bem em me mandar

chamar, =pois eu ia descer para pedir justiça.

Carlos franziu a testa.

- Sim, justiça - disse Henrique. - Começo por agradecer a Vossa
=Majestade o haver-me levado ontem à noite consigo; pois agora
sei que =assim me salvou a vida. Mas que é que eu fiz para que
tentassem =assassinar-me?

- Não era assassinar - disse com vivacidade Catarina -, era
prender =que se queria.

- Pois seja; que crime cometi eu para ser preso? Se sou culpado, ainda o =sou
esta manhã tanto como ontem à noite. Diga-me Vossa

Majestade, =qual é o meu crime?

Carlos olhou para a mãe sem saber o que havia de responder.

- Meu filho - disse Catarina -, consta que o senhor se dá com gente
=suspeita.

- E esses suspeitos comprometem-me, não é isso, minha Senhora?

- É isso, Henrique.

- Pois digam-me quem são esses suspeitos, digam-me os seus nomes,
=acareiem-me com eles!

- Com efeito - disse Carlos -, Henriquinho tem direito de pedir
uma =explicação.

- E peço-a! - tornou Henrique, que, sentindo a superioridade da
sua =posição, queria aproveitá-la - peço-a ao meu bom irmão
=Carlos, à minha boa mãe Catarina. Depois do meu casamento com
=Margarida não me tenho havido como bom esposo? perguntem-no a

=Margarida; como bom católico? perguntem-no ao meu confessor; como bom =parente? que o digam quantos assistiram à caçada de ontem.

- Isso é verdade, Henriquinho; mas que queres? dizem que =conspiras.

- Contra quem?

- Contra mim.

- Senhor, se eu tivesse conspirado contra Vossa Majestade, bastava-me =que deixasse correr os acontecimentos, quando o seu cavalo, com a perna =quebrada, não se podia levantar, quando o javali furioso se voltava =contra Vossa Majestade.

- Oh! com todos os demónios, minha mãe, olhe que ele tem =razão.

- Mas enfim, quem estava no seu quarto esta noite?

- Minha Senhora - disse Henrique -, neste tempo, em que poucos se animam =a responder por si, não serei eu quem responda pelos outros. Saí =do meu aposento às sete horas da tarde,

254

e às dez meu mano Carlos levou-me consigo; toda a noite estive com =ele. Não podia, pois, estar ao mesmo tempo com Sua Majestade e saber o que se passava nos meus =aposentos.

- Mas - disse Catarina - não é menos =positivo que alguém da sua casa matou dois guardas de Sua Majestade e =feriu o Sr.

de Maurevel.

- Da minha casa? - disse Henrique. - Quem era esse =homem, minha Senhora? Como se chama?

- Todos acusam o Sr. de La Mole.

- O Sr. de La Mole não é da minha casa, minha =Senhora; o Sr. de La Mole é da casa do Sr. de Alençon, a quem foi recomendado por sua filha.

- Mas enfim - disse Carlos -, era o Sr. de La Mole que estava no seu =quarto, Henriquinho?

- Como quer Vossa Majestade que eu saiba? Não digo que sim, nem que =não. O Sr. de La Mole é um cavalheiro muito dedicado à rainha de Navarra, e que me =traz muitas vezes mensagens

de Margarida, a quem é grato por o ter recomendado ao Sr. de =Alençon, ou do próprio Senhor

Duque. Não posso dizer que não fosse o Sr. =de La Mole...

- Era ele - disse Catarina -, reconheceram-lhe a capa =vermelha.

- Pois o Sr. de La Mole traz capa vermelha?

- Traz

- E o homem que tratou do modo que me disse os =meus guardas e o Sr. de Maurevel...

trazia capa vermelha? - perguntou Henrique.

- Justamente - disse Carlos.

- Nada tenho que dizer - tornou o Bearnês. - =Mas parece-me que, neste caso, em vez de me mandarem chamar a mim, que não estava no paço, era o Sr. de La =Mole quem deveria ter sido chamado, visto ser ele que estava nos meus aposentos, =como dizem.

Somente - disse Henrique

- devo observar uma coisa a Vossa =Majestade...

- Qual?

- Se fosse eu quem, vendo uma ordem assinada pelo meu =rei, houvesse resistido, em vez de obedecer, seria culpado e mereceria todos os =castigos; mas não fui eu, foi um desconhecido, contra quem não era dirigida essa ordem; quiseram =prendê-lo injustamente; defendeu-se, até mesmo defendeu-se com algum excesso; mas estava =no direito de o fazer.

- Entretanto... - disse Catarina.

- Minha Senhora, a ordem dizia que me =prendessem?

- Dizia - disse Catarina -, foi Sua Majestade que a =assinou.

- Declarava mais que prendessem, caso não me =achassem, a quem quer que estivesse no meu quarto?

- Isso não - disse Catarina.

- Pois então - tornou Henrique -, a menos que =se me prove que conspiro, e que o ho mem que estava no meu quarto =conspira comigo, esse homem é inocente.

Depois, voltando-se para Carlos IX:

- Senhor - continuou Henrique -, eu não saio do Louvre; até estou =pronto a apresentar-me, recebendo uma simples ordem verbal de Vossa =Majestade, em qualquer prisão do Estado que

Vossa Majestade houver por bem indicar-me. =Enquanto,

porém, não se apresentar a prova do contrário, tenho =jus de dizer-me e dir-me-ei fidelíssimo súbdito, servidor e =irmão de

Vossa Majestade.

E com uma dignidade que até então nunca =mostrara, Henrique inclinou-se e saiu.

- Bravo, Henriquinho! - disse Carlos quando viu desaparecer o rei de =Navarra.

- Bravo, porque nos venceu? - disse Catarina.

-

- E porque o não hei-de eu aplaudir? Quando juntos esgrimimos, =e ele me toca, não digo

também bravo?... Minha mãe, faz mal em desprezar este

=mancebo.

255

- Meu filho - disse Catarina, apertando a mão de Carlos IX -, eu =não o desprezo, temo-o.

- Pois faz mal, minha mãe. Henriquinho é meu amigo; e, como ele
=disse, se conspirasse contra mim, bastava-lhe que deixasse agir
o =javali.

- Pois sim - disse a mãe -, para que o duque de Anjou, seu inimigo
=pessoal, fosse rei de França.

- Minha mãe, que tenho eu que ver com os motivos pelos quais
Henrique =me salvou a vida! E, com todos os milhões de diabos!
não quero que =o molestem. Quanto a esse Sr. de La Mole, vou
entender-me com o duque =de Alençon, a quem ele pertence.
Era uma maneira de Carlos IX despedir a mãe. Ela retirou-se,
=procurando dar certa fixidade às suas errantes suspeitas; por
sua =pouca importância, o Sr. de La Mole não era suficiente para
o que =ela pretendia.

Ao entrar na sua câmara, achou Catarina também esperando-a sua
=filha Margarida.

- olha! - disse a rainha - é a minha filha? Ontem à noite mandei-a
=chamar.

- Já sei, minha Senhora, tinha saído.

- E esta manhã?

- Esta manhã venho ter com Vossa Majestade para lhe dizer que vai
=cometer uma grande injustiça.

- Qual?

- Vai mandar prender o Senhor Conde de La Mole.

- Está enganada, minha filha, eu não mando prender ninguém; =quem manda prender é o rei, e não eu.

- Não percamos tempo com jogo de palavras, quando tão sérias =são as circunstâncias. Vai ser preso o Sr. de La Mole, não é =assim?

- É provável.

- Como acusado de ter estado esta noite no quarto do rei de Navarra, de =ter morto dois guardas e de ter ferido o Sr. de Maurevel?

- É com efeito esse o crime que lhe imputam.

- Pois enganam-se, minha Senhora: o Sr. de La Mole não o cometeu.

- Não o cometeu? - disse Catarina com um sobressalto de alegria, e =adivinhando que ia resultar algum esclarecimento do que Margarida lhe ia =dizer.

- Não - disse Margarida -, não é, nem pode ser culpado, por =isso que não estava nos aposentos do rei.

- Onde estava então?

- Nos meus aposentos.

- Nos seus?

- Sim, nos meus.

Catarina devia com um olhar fulminante acolher essa declaração =duma princesa; contentou-se, porém, em cruzar as mãos no =peito.

- E. - disse, depois de breve silêncio - se prenderem o Sr. de

La =Mole, e o interrogarem.

- Ele dirá onde e com quem esteve, minha mãe - respondeu

=Margarida, bem que tivesse a certeza do contrário.

- Já que assim é, tem razão, minha filha, cumpre que não seja preso o Sr. de La Mole. Margarida estremeceu; pareceu-lhe que havia no modo pelo qual sua mãe proferira essas palavras um sentido misterioso e terrível; nada, porém, tinha que objectar, pois lhe era outorgado o que pedira.

- Mas então - disse Catarina -, se não era o Sr. de La Mole quem estava nos aposentos do rei, era decerto outra pessoa.

Margarida calou-se.

256

- E essa outra pessoa, sabe quem era, minha filha? - disse

=Catarina.

- Não, minha mãe - respondeu Margarida com voz pouco firme.

- Vamos, não mostre meia confiança.

- Torno a dizer, minha mãe, que não sei quem era - respondeu

=Margarida empalidecendo.

- Bem, bem - disse a mãe com ar de indiferença. -

Procurar-se-á saber. Pode retirar-se

sosegada, minha filha; e creia que sua mãe não se descuidará de proteger a sua honra.

Margarida saiu.

Ah! - exclamou Catarina - ligam-se; Henrique e Margarida

estão combinados contanto

que a mulher se torne muda, o marido faz-se cego. Ah! são muito =espertos estes meus filhos, e julgam-se muito fortes; mas a força =deles está na sua união, que eu preciso quebrar. Além de =que,

dia virá em que Maurevel fale ou escreva, ou profira um nome, ou =forme seis letras, e nesse dia

tudo ficará sabido. Sim, mas daqui até esse dia, o culpado =pôr-se- á em lugar seguro. O que há de melhor é desuni-los imediatamente.

E em virtude deste raciocínio, Catarina voltou para os aposentos do =filho, a quem achou em conferência com de llençon.

- Ah! - disse Carlos franzindo a testa - é minha mãe?

- Porque não acrescentou outra vez? Assim ficaria completo o seu =pensamento, Carlos.

- O que está no meu pensamento só a mim pertence, minha Senhora - =disse o rei com esse tom austero e carrancudo que às vezes tomava, ainda mesmo para =falar com Catarina.

Que me quer? Diga depressa.

- Quero-lhe dizer que quem tinha razão era o meu filho; de Alençon =estava enganado.

- Em quê? - perguntaram os dois príncipes.
- Não era o Sr. de La Mole que estava no quarto do rei de Navarra.
- Deveras? - disse Francisco empalidecendo.
- Então quem era? - perguntou Carlos.
- Ainda o não sabemos, mas devemos de sabê-lo quando Maurevel puder falar. Deixemos, pois, esse negócio, que mais dia menos dia ficará esclarecido, e ocupemo-nos com o Sr. de La Mole.
- Então que lhe quer, minha mãe? Se ele não estava no quarto do rei de Navarra...
- Não estava no quarto do rei - disse ela -, mas estava no... da rainha.
- No da rainha? - disse Carlos soltando estrondosa gargalhada.
- No da rainha? - disse de Alençon tornando-se lívido como um cadáver.
- Isso não - disse o rei -, Guisa disse-me que encontrou a liteira de Margarida.
- É isso mesmo - disse Catarina -, ela tem uma casa na cidade.
- Na Rua do Sino Rachado? - perguntou o rei.
- Creio que sim - disse Catarina -, parece-me que é na Rua do Sino Rachado.

- Oh! é de mais - disse de Alençon cravando as unhas no peito

-, e =ter-mo ela própria recomendado...

- E agora me ocorre... - disse o rei, parando de súbito -

foi =então ele quem se defendeu

esta noite contra nós, quem me atirou à cabeça uma bacia de

=prata! Miserável!...

- Oh, sim! - repetiu Francisco - miserável!...

- Têm razão, meus filhos - disse Catarina, sem mostrar que

=percebia qual o sentimento

que fazia falar os seus dois filhos -, têm razão; pois basta

uma =indiscrição desse mancebo para

causar horrível escândalo e perder uma princesa de França!

=Basta para isso um momento de embriaguez.

- Ou de vaidade - disse Francisco.

- Por certo, por certo; não podemos, porém, entregar a causa

a =juizes, a não ser que Henrique

consinta em apresentar-se queixoso.

- Meu filho - disse Catarina, pondo a mão no ombro de Carlos

e =carregando-a por modo

257

assaz significativo para chamar toda a atenção do rei para o que

=lhe ia propor -, ouça bem o que lhe digo: há crime e pode haver

=escândalo. Mas não é com juizes e carrascos que se pune esta

=espécie de delitos contra a régia majestade. Se os meus filhos
=fossem simples fidalgos, nada teria que lhes dizer, pois ambos
são =valentes; são porém príncipes, não podem, pois, ir cruzar
a =espada com a dum homúnculo. Vinguem-se como príncipes.

- Com todas as legiões de diabos! - disse Carlos - tem razão,
=minha mãe; vou pensar nisso.

- E eu o ajudarei, meu irmão - disse Francisco.

- E eu - disse Catarina, desatando o cordão de seda preta que lhe
=dava três voltas à cintura, e que tinha em cada extremidade uma
=borla, e lhe descia até ao joelho - retiro-me, mas deixo-lhes
isto =para me representar.

E atirou o cordão aos pés dos dois príncipes.

- Ah! ah! - disse Carlos - entendo.

- Este cordão. - disse de Alençon apanhando-o.

- É o castigo e o silêncio - disse Catarina vitoriosa -, e somente
=acrescento: não seria fora de propósito falar de tudo isto a
=Henrique.

E saiu.

- Por certo! - disse de Alençon - nada mais fácil; e quando
=Henrique souber que sua mulher o atraíça. Assim, pois -
acrescentou, =voltando-se para o rei -, adopta o parecer de nossa
mãe?

- Em todos os pontos - disse Carlos, sem saber que cravara mil

punhais =no coração de Alençon.

Depois, chamando um oficial das suas guardas, mandou que trouxessem =Henrique à sua presença; reflectindo porém melhor: - Não, não - disse -, vou eu próprio ter com ele; tu, de =Alençon, entende-te com de Anjou e com Guisa.

E saindo da câmara, seguiu pela escadinha em caracol que ia ter ao =segundo andar e à porta de Henrique.

258

PROJECTOS DE VINGANÇA

Henrique havia aproveitado o momento de folga que Lhe dava o =interrogatório que tão perfeitamente sustentara, para ir ter com a =Sr. de Sauve ao seu aposento. Encontrara aí Orthon, completamente =restabelecido do seu desmaio; porém Orthon nada lhe pudera dizer =senão que alguns homens tinham caído sobre ele, e que o chefe =desses homens lhe tinha dado uma forte pancada, a que sucumbira. Quanto =a Orthon, não tinham feito mais caso dele; Catarina tinha-o visto =desmaiado e julgara- o morto. E como voltara a si no intervalo da =retirada da rainha-mãe, à chegada do capitão dos guardas =incumbidos de limpar o quarto tinha-se refugiado no aposento da Sr. de =Sauve.

Henrique pediu a Carlota que guardasse o mancebo até que tivesse =notícias do valente de Mouy, que, do lugar para onde se retirara, =havia de por força lhe escrever. Então mandaria Orthon levar a =resposta a de Mouy, e em vez dum homem dedicado poderia então

contar =com dois.

Assentado esse plano, tinha voltado para os seus aposentos, e filosofava, andando a passear, quando de repente se abriu a porta e apareceu o rei.

- Vossa Majestade? - exclamou Henrique correndo para o rei.

- Eu mesmo!. Na verdade, Henriquinho, és um excelente rapaz, e sinto =que cada vez te estimo mais.

- Senhor! Vossa Majestade penhora-me completamente.

- Só tens um defeito, Henriquinho.

- Qual? o que Vossa Majestade já muitas vezes me exprobrou - disse =Henrique -, de preferir a caçada de montaria à caçada ao =voo?.

- Não, não falo desse, Henriquinho, falo doutro.

- Explique-se Vossa Majestade - disse Henrique, vendo pelo sorriso de =Carlos que ele estava de bom humor -, e procurarei emendar-me.

- É que, tendo bons olhos como tens, não vês bem.

- Deveras? dar-se-á o caso que eu seja míope sem o saber?

- Pior do que isso, Henriquinho, muito pior: és cego.

-Talvez seja - disse o Bearnês -, mas não será quando fecho os =olhos que me acontece semelhante desgraça?

- Ah! ah! - disse Carlos - és bem capaz disso. Em todo o caso, vou eu =abrir-tos.

- Deus disse: Faça-se a luz, e a luz foi feita. Vossa Majestade

é =o representante de Deus neste mundo: pode, pois, fazer na Terra o que =fez Deus no Céu; estou escutando.

- Quando Guisa, ontem à noite, te disse que tua mulher havia passado =escortada por um pintalegrete, não o quiseste acreditar.

259

- Senhor - disse Henrique -, como acreditar que a irmã de Vossa =Majestade cometesse semelhante imprudência?

- Quando ele te disse que tua mulher tinha ido à Rua do Sino Rachado, =também não o quiseste acreditar.

- Como supor, Senhor, que uma princesa de França arrisque assim =publicamente a sua reputação?

- Quando cercámos a casa da Rua do Sino Rachado, levei eu no ombro =com uma bacia de prata, de Anjou com uma compoteira na cabeça e de =Guisa com um quarto de javali na cara; não viste duas mulheres e dois =homens?

- Eu não vi nada, Senhor; Vossa Majestade deve lembrar-se de que eu =estava interrogando o guarda-portão.

- Pois sim; mas, cos diabos, vi-os eu!

- Ah! se Vossa Majestade viu, é outra coisa.

- Quero dizer, vi dois homens e duas mulheres. Mas agora sei, de modo a =não ter a mais pequena dúvida, que uma dessas duas mulheres era =Margot, e um desses dois homens era de La Mole.

- Mas então - disse Henrique -, se o Sr. de La Mole estava na Rua do =Sino Rachado, não estava aqui!.

- Não - disse Carlos -, não estava aqui. Não se trata, =porém, da pessoa que aqui esteve; saberemos quem era quando esse =pateta do Maurevel puder falar ou escrever; trata-se de que Margot te =engana.

- Qual! - disse Henrique - não creia Vossa Majestade em =maledicentes!

- Não te dizia eu que eras mais do que míope, que eras cego, com =todos os diabos! queres acreditar-me uma vez, teimoso? Digo-te que =Margot te engana, e que esta noite havemos de enforçar o objecto de suas =afeições!

Henrique recuou de surpresa, e olhou para o cunhado estupefacto.

- Ora anda lá, confessa que não te é isso pouco agradável. =Margot vai gritar, como cem mil diabos. Porém, pior para ela! Não =quero que ela te faça desgraçado. Seja Condé enganado por de =Anjou, pouco me importa; Condé é meu inimigo; tu, porém, és =meu irmão; és mais do que meu irmão, és meu amigo.

- Mas, Senhor.

- Não quero que te molestem, que te escarneçam. Há bastante =tempo que és ludibriado por toda essa súcia de peraltas que vêm =das províncias para apanharem as nossas migalhas e fazerem a corte =às nossas mulheres. Enganaram-te, Henriquinho; pode isto suceder a =qualquer; mas juro-te que hás-de ter uma satisfação completa, e =dir-se-á amanhã: Com mil diabos! parece que o rei

Carlos gosta =muito do seu irmão Henriquinho, pois esta noite obrigou o Sr. de La =Mole a deitar a língua de fora!

- Vejamos, Senhor - disse Henrique -, isso é coisa realmente =assentada?

- Assentada, resolvida, decidida. O pintalegrete não terá de que =se queixar. Eu, de Anjou, de Alençon e Guisa, incumbimo-nos da =execução. Um rei, dois príncipes de França, e um príncipe =soberano, sem falar de ti.

- Como! sem falar de mim?.

- Sim, pois há-de ser da empresa.

- Eu?

- Sim, tu; apunhala-me esse birbante dum modo real, enquanto nós o =enforcarmos.

- Senhor!. - disse Henrique - tanta bondade confunde-me; mas, como =sabe.

- Oh! como é que eu sei? Parece que o tratante se gabou. Às vezes =vem ter com ela ao Louvre, outras vezes vai à Rua do Sino Rachado. =Fazem versos juntos; bem quisera eu ver esses versos

261

desse mequetrefe. Hão-de ser pastoris, não-de falar de Bion de =Mosco; não-de fazer alternar Dáfnis e Córidon. Ora, ao menos =leva um bom punhal, e dá-lhe o golpe de misericórdia.

- Senhor - disse Henrique -, reflectindo.

- O quê?

- Vossa Majestade compreenderá que não me posso achar em semelhante expedição. Estar lá pessoalmente não seria próprio; sou tão interessado na ocorrência, que a minha intervenção seria tida por ferocidade. Vossa Majestade vingará a honra de sua irmã num fátuo que se gaba caluniando-a: nada mais simples; e Margarida, que ainda me persuado de que é inocente, não fica por isso desdourada. Se, porém, tomar eu parte na empresa, é outro caso: a minha cooperação faz dum acto de justiça um acto de vingança. Não é já um castigo merecido, é um assassinato; minha mulher não é já caluniada. é culpada.

- Realmente, Henrique, o que tu dizes é ouro; e ainda agora o dizia eu a minha mãe; tens espírito como um demónio.

E Carlos olhou comprazendo-se para o cunhado, que se inclinou em resposta ao seu cumprimento.

- Entretanto - acrescentou Carlos -, ficas bem contente se eu te livrar desse birbante, não ficas?

- Tudo quanto faz Vossa Majestade é bem feito - respondeu o Bearnês.

- Bem, bem; deixa o caso por minha conta; descansa, que a obra não há-de ficar mal acabada.

- O que Vossa Majestade fizer está bem feito, Senhor - disse Henrique.

- Diz-me somente a que horas vai ele ter com a tua mulher.

- Parece-me que pelas nove horas da noite.

Antes de eu chegar, pois nunca o encontro.

- A que horas?

- Cerca das onze.

- Bem; hoje por volta da meia-noite a empresa estará =concluída.

E tendo cordialmente apertado a mão de Henrique, tendo-lhe renovado =os seus protestos de amizade, Carlos saiu, assobiando uma ária de =caça de que era apaixonado.

Com todos os diabos! - disse o Bearnês seguindo Carlos com os olhos

- =ou eu estou muito enganado, ou esta diabrura é toda ela obra

da =rainha-mãe. Na verdade, ela já não sabe o que há-de inventar

=para nos desavir a mim e a minha mulher; nós, que somos tão

=bem-casados! E Henrique pôs-se a rir como ria quando ninguém o

=podia ver nem ouvir. Pelas sete horas da tarde do dia em que todos esses =acontecimentos se haviam passado, um belo mancebo, que

acabava de tomar =um banho, penteava-se e perfumava-se com

satisfação, cantando por =entre dentes uma cançoneta, diante dum

espelho num quarto do =Louvre.

Ao lado dele dormia, ou antes, descansava sobre a cama, outro

mancebo. =Um era o nosso amigo La Mole, de quem tanto se haviam

ocupado nesse dia, =e de quem talvez então ainda mais se

ocupassem, sem que ele o =suspeitasse; o outro era o seu camarada

Cocunás.

Com efeito, toda essa grande trovoada tinha-se amontoado em redor dele =sem que lhe ouvisse os rancos ou lhe visse os fuzis.

Recolhido às =três horas da manhã, tinha ficado deitado até às três da =tarde, meio dormindo, meio pensando, e construindo castelos nessa areia =movediça a que chamam futuro; depois tinha-se levantado e tinha ido =passar uma hora nas casas de banho que estavam na moda, tinha ido jantar =em casa de mestre La Hurière e, de volta para o Louvre, acabava de se =vestir, para ir, como costumava, visitar Margarida.

- E dizes que jantaste? - perguntou-lhe Cocunás bocejando.

- É verdade que jantei, e com muito apetite.

262

- E porque não me levaste contigo, egoísta?

- Ora, estavas tão ferrado no sono, que não quis acordar-te. Agora =cearás, em vez de jantares. Não te esqueças de pedir a mestre =La Hurière um certo vinho de Anjou que recebeu ultimamente.

- É bom?

- Pede-o; só te digo isto.

- E tu para onde vais?

- Eu? - disse La Mole, espantado de que o amigo lhe fizesse semelhante =pergunta - vou fazer uma visita à rainha.

- Agora me lembro - disse Cocunás -, se eu fosse jantar à nossa =casinha da Rua do Sino Rachado, acharia lá os restos da ceia de

ontem =e um certo vinho de Alicante.

- Seria imprudência, Aníbal, meu amigo, depois do que sucedeu esta =noite. Além de que, não nos fizeram empenhar a nossa palavra em =como nunca lá voltaríamos sós?. Dá cá a minha capa.

- É verdade - disse Cocunás -, tinha-me esquecido disso. Mas, onde =diabo está a tua capa?. Ah! cá está.

- Não é essa. Dás-me a preta, e eu quero a vermelha. A rainha =gosta mais de me ver com essa.

- Pois então - disse Cocunás, depois de ter olhado para todos os =cantos - procura tu; eu não a vejo.

- Como! - disse La Mole - não a vês? Mas onde estará =então?

- Talvez a vendesses.

- Para quê? Ainda tenho seis escudos.

- Pois serve-te da minha.

- Pois sim! uma capa amarela com um gibão verde? Para me ficar =parecendo com um papagaio!

- Ora, és ruim de contentar. Arranja-te como quiseres.

Neste momento, quando, tendo revolido tudo, La Mole começava a =vociferar e a invectivar contra os ladrões que até no Louvre se =metiam, apareceu um pajem do duque de Alençon com a preciosa =capa.

- Ah! - exclamou La Mole - ora enfim, ela cá está!

- A sua capa, meu Senhor - disse o pajem. - Sua Alteza havia-a

mandado = buscar para verificar exactamente a cor dela por causa
duma aposta que = tinha feito.

- Oh! - disse La Mole - não a procurava senão porque queria sair
= com ela; mas se Sua Alteza ainda a quer.

- Não, Senhor Conde; já não é precisa.

O pajem saiu, e La Mole pôs a capa.

- E então - disse La Mole -, em que assentas?

- Não sei.

- Encontrar-te-ei aqui à noite?

- Como queres que to diga?

- Então não sabes o que hás-de fazer daqui a duas horas?

- Bem sei o que hei-de fazer, mas não sei o que me mandarão = fazer.

- A duquesa de Nevers?

- Não, o duque de Alençon.

- Com efeito, noto que de algum tempo a esta parte te trata com
toda a = amizade.

- É assim mesmo - disse Cocunás.

- Então tens a fortuna feita - disse La Mole rindo.

- Pois sim! - disse Cocunás - um filho segundo!.

263

- Oh! - disse La Mole - tão boa vontade tem ele de ser o mais velho,
= que o Céu talvez faça um milagre em seu favor. Assim, pois, não
= sabes onde estarás esta noite?

- Não sei.

- Pois então, vai-te para o diabo.

Este La Mole é terrível - disse Cocunás - em querer sempre que =lhe digam onde se há-de estar. Quem é que o sabe? Mas julgo que =ainda estou com vontade de dormir.

E tornou-se a deitar.

Quanto a La Mole, dirigiu-se para os aposentos da rainha.

Ao chegar ao corredor que conhecemos, encontrou-se com o duque de =Alençon.

- Ah! é o Sr. de La Mole? - disse este.

- Sim, príncipe - respondeu La Mole, inclinando-se respeitoso.

- Então vai sair?

- Não senhor; vou apresentar as minhas homenagens à rainha de =Navarra.

- E a que horas tenciona sair, Sr. de La Mole?

- Tem Vossa Alteza algumas ordens a dar- me?

- Não, por ora, mas hei-de ter que lhe dizer esta noite.

- A que horas?

- Entre as nove e as dez.

- Terei a honra de me apresentar a essa hora a Vossa Alteza.

- Bem; conto com o senhor.

La Mole inclinou-se e prosseguiu o seu caminho.

Este duque - disse - tem momentos em que fica pálido como um

defunto =- é coisa singular! E bateu à porta da rainha. Gillonne,
que =parecia esperar pela sua chegada, levou-o para onde se achava
=Margarida.

Esta estava ocupada com um trabalho em que se mostrava muito
empenhada; =tinha diante dela um papel cheio de garatujas e
borrões, e um volume =de Isócrates. Fez sinal a La Mole que a
deixasse concluir um =período; depois, tendo concluído, e isso
não levou muito tempo, =atirou com a pena e convidou o mancebo
a sentar-se ao pé dela.

La Mole estava radiante; nunca se mostrara tão belo, nunca tão
=alegre.

- Grego! - exclamou olhando para o livro - uma oração de
=Isócrates! Que pretende fazer disso? Oh! oh! neste papel, latim!
Ad =Barmatiae legatos reginae Marguritae conscio. Pois vai falar
a esses =bárbaros em latim?

- Assim é preciso, já que não entendem francês.

- Como pode, porém, estar fazendo a resposta sem ter ouvido o
=discurso?

- Quem fosse mais vaidosa do que eu, far-lhe-ia acreditar num
improviso; =mas para com o meu Jacinto não seria eu capaz de tal
engano: =comunicaram-me de antemão o discurso, para preparar a
resposta.

- Pois já estão para chegar esses embaixadores?

- Ainda mais, já chegaram.
- Mas ninguém o sabe.
- Chegaram incógnitos. A sua entrada solene julgo que fica para
=depois de amanhã. Afinal
- prosseguiu Margarida, com um arzinho de satisfação, com algum
=pedantismo - o que hoje escrevi é um tanto cicerónico. Deixemos,
=porém, estas futilidades: conte-me o que lhe aconteceu.

- A mim?

- Sim, ao senhor.

- Que me aconteceu, a mim?

- Ora! por mais valente que se queira mostrar, acho-o um tanto
=amarelo.

- Então é por ter dormido de mais! Humildemente me acuso =disso.

264

- Vamos! vamos! não se faça fanfarrão; eu sei tudo.

- Tenha então a bondade de me inteirar de tudo, minha pérola, pois
=eu pela minha parte não sei nada.

- Vejamos, responda-me com franqueza. Que lhe disse a rainha-mãe?

- A rainha-mãe, a mim? pois tinha algo que me dizer?.

- Como! não a viu?

- Não, minha Senhora.

- E o rei Carlos?

- Também não.

- E o rei de Navarra?
- Ainda menos.
- Mas viu o duque de Alençon.
- Esse vi; encontrei-o agora mesmo no corredor.
- E que lhe disse?
- Que tinha algumas ordens a dar-me das nove para as dez horas.
- E nada mais?
- Nada mais.
- É singular!.
- Mas o que é que é singular? diga-me.
- Que não ouvisse falar de coisa alguma.
- Que houve então?
- Houve que todo o dia de hoje, desgraçado, o senhor esteve suspenso =sobre um abismo!
- Eu?
- Sim, o senhor.
- E porquê?
- Ouça. De Mouy, surpreendido esta noite nos aposentos do rei de Navarra, a quem queriam prender, matou três homens e fugiu, sem que =dele reconhecessem mais do que a capa vermelha.
- Que tem isso?
- Tem que essa capa vermelha, que até uma vez me enganou a mim, =enganou também a outros. Foi o senhor suspeito e acusado por

essas = três mortes. Esta manhã queriam prendê-lo, julgá-lo.

talvez = condená-lo. pois, para se salvar, talvez que o senhor

não = quisesse dizer onde tinha estado, não é assim?

- Dizer onde tinha estado? - exclamou La Mole. - Comprometer a
minha = pobre rainha? Oh! tem razão, eu morreria cantando só para
poupar = uma lágrima aos seus formosos olhos!

- Ah, meu pobre La Mole! Estes belos olhos bastante têm chorado.

- Como serenou, porém, semelhante tempestade?

- Adivinhe-o.

- Como posso eu sabê-lo?

- Só havia um meio de provar que o senhor não estava nos aposentos
= do rei de Navarra.

- Qual?

- Dizer onde tinha estado.

- E então?

- Disse-o eu.

- A quem?

- A minha mãe.

- E a rainha Catarina.

- A rainha Catarina sabe que o amo.

- Oh, minha Senhora! depois de ter feito tanto por mim, pode exigir
tudo = do seu escravo.

Oh! é realmente grande e nobre esse procedimento, Margarida!. Oh,

=Margarida! a minha vida é toda sua!

- Espero que sim, pois arranquei-a aos que a queriam. mas agora está =salvo.

- Salvo, e pela minha adorada rainha! - exclamou o mancebo.

No mesmo momento, fê-los estremecer inesperado estrépito. La Mole

=recuou cheio de inexplicável pavor. Margarida, dando um grito, fitou =os olhos no vidro quebrado dum a janela.

Por esse vidro tinha entrado uma pedra do tamanho dum ovo, e ainda

=rolava pelo chão. La Mole viu então no vidro quebrado a causa do =estrépito.

- Quem é o insolente! - exclamou.

E correu para a janela.

- Espere - disse Margarida -, a essa pedra parece que está presa =alguma coisa.

- Sim - disse La Mole -, parece ser um papel.

Margarida precipitou-se para o singular projectil, e tirou a

delgada =folha que, dobrada à maneira de fita, envolvia a pedrinha.

Amarrava esse papel um barbante, que saía pelo vidro quebrado.

Margarida desdobrou a carta e leu.

- Infeliz! - disse ela.

E apresentou o papel a La Mole, pálido em pé e imóvel como a

=estátua do Pavor. La Mole, com o coração apertado por doloroso

=pressentimento, leu estas palavras:

Esperam pelo Sr de La Mole com espadas e punhais no corredor que vai ter =aos aposentos do Sr de Alençon. Talvez lhe fosse melhor sair por esta =janela e ir ter quanto antes, com o Sr de Mouy em Nantes.

- Ora! - perguntou La Mole - essas espadas de que falam serão mais

=compridas do que a minha?

- Não; mas talvez sejam dez contra uma.

- E quem é o amigo que nos manda este bilhete?

Margarida tomou-o das mãos do mancebo e, fitando nele um olhar

=ardente, disse:

- É a letra do rei de Navarra! e se ele dá aviso, é que o =perigo

é real. Fuja, la Mole, fuja, sou eu que lho suplico!

- Como quer que fuja? - disse la Mole.

- No bilhete não se fala desta janela?

- Mande, minha rainha, e, para lhe obedecer, saltarei desta janela, =ainda que corra mil riscos de me fazer em pedaços.

- Espere um pouco, espere - disse Margarida -, parece-me que este

=barbante traz um peso.

- Vejamos - disse La Mole.

E ambos, puxando a si o objecto amarrado a essa corda, viram, com

=indizível alegria, aparecer a ponta duma escada de clina e de

=seda.

- Ah! está salvo! - disse Margarida.

- É um milagre do Céu!

- Não, é um favor do rei de Navarra.

- E se, pelo contrário, for uma cilada? - disse La Mole. - Se essa

=escada tem de rebentar com o meu peso?. Não confessou hoje a
senhora =a afeição que me tinha?

Margarida, a quem a alegria havia restituído as cores, tornou-se
de =mortal palidez.

- Tem razão; pode muito bem ser.

E precipitou-se para a porta.

- Que vai fazer? - exclamou la Mole.

266

- Verificar se com efeito o estão esperando no corredor.

- Nunca, nunca! para que a cólera deles se dirija contra a
=senhora!

- Que hão-de eles fazer a uma mulher e princesa de sangue? Sou
duas =vezes inviolável. A rainha disse estas palavras com tanta
dignidade =que La Mole, com efeito, compreendeu que ela nada
arriscava, e que a =devia deixar proceder como entendesse.

Margarida entregou La Mole à guarda de Gillonne, deixando à sua
=sagacidade, conforme o que ocorresse, ou esperar pela sua volta,
ou =fugir apressado, e meteu-se pelo corredor que,

ramificando-se, ia ter =à biblioteca e a algumas salas de recepção, e que, seguindo em =todo o seu cumprimento, terminava nos aposentos do rei e da =rainha-mãe, e nessa escadinha oculta pela qual se subia aos aposentos =de d'Alençon e de Henrique. Ainda que mal fossem então nove horas =da noite, estavam todas as luzes apagadas, e o corredor, além dum =longínquo fulgor que recebia da ramificação, estava na =escuridão mais completa. A rainha de Navarra caminhou com passo =firme; quando, porém, se achou a um terço do corredor, ouviu um =ciciar de vozes que, pelo cuidado com que as procuravam abafar, tomavam =um tom misterioso e assustador.

Imediatamente, porém, esse rumor cessou como por ordem superior, e =tudo voltou ao silêncio, e até à escuridão, pois essa luz de =que falámos, posto que já bem fraca, como que ainda diminuiu. Margarida continuou o seu caminho para o lugar onde o perigo, se o =havia, a estava esperando. Aparentemente, estava sossegada, bem que as =suas mãos convulsas indicassem violenta comoção nervosa. Ao =passo que se ia aproximando, aumentava esse silêncio sinistro, e uma =sombra, semelhante à dum braço, encobria a trémula e quase =extinta luz.

De repente, ao chegar à ramificação do corredor, um homem deu =dois passos ao seu encontro, e descobrindo um castiçal de prata =dourada que trazia na mão, disse:

- Ei-lo aqui!

Margarida achou-se frente a frente com seu irmão Carlos. Detrás =dele, em pé, com um cordão de seda na mão, estava o duque de =Alençon. No fundo, no escuro, dois vultos, um a par do outro, eram =unicamente revelados pelos reflexos da luz sobre as espadas que tinham =nas mãos.

Com um rápido olhar ficou Margarida senhora de todo o quadro.

Fazendo =o maior esforço, respondeu, sorrindo:

- Vossa Majestade quer dizer: Ei-la aqui!

Carlos deu um passo para trás, todos os mais ficaram imóveis.

- Tu, Margot? Onde vais a esta hora?

- A esta hora? - disse Margarida. - Pois é assim tão tarde?.

- Pergunto-te onde vais.

- Buscar um livro das orações de Cícero, que julgo ter deixado =nos aposentos de minha mãe.

- Assim, sem luz?

- Julgava que o corredor estivesse alumiado.

- E vens do teu quarto?

- Venho.

- Que estás fazendo esta noite?

- Preparando o meu discurso aos enviados polacos. Não há conselho =amanhã, e não se assentou que cada um apresentaria a sua =oração a Vossa Majestade?

- E não tens quem te ajude nesse trabalho?

Margarida concentrou toda a sua força.

- Tenho, meu irmão - disse -, o Sr. de La Mole, que é muito =sábio.

- Tão sábio - disse o duque de Alençon -, que eu lhe havia =pedido que quando saísse dos aposentos de Vossa Majestade, minha =irmã, viesse também aconselhar-me a mim, que não tenho o seu =talento.

- E estava esperando por ele? - disse Margarida com a maior =simplicidade.

267

- Estava - disse de Alençon com impaciência.

- Nesse caso - disse Margarida - já lho mando, meu irmão, pois =já acabámos.

- E o livro? - disse Carlos.

- Mandá-lo-ei buscar por Gillonne.

Os dois irmãos trocaram um sinal.

- Pois vá - disse Carlos - e nós continuaremos a nossa ronda.

- A vossa ronda? - disse Margarida. - Então que procuram?

- O homenzinho vermelho - disse Carlos. - Não sabe da tradição =do homenzinho vermelho que aparece às vezes no velho Louvre? Meu =irmão de Alençon diz que o viu, e estamos à procura dele.

- Sejam bem sucedidos! - disse Margarida.

E retirou-se olhando para trás. Viu então na parede do corredor as =quatro sombras reunidas como que conferenciando.

Num segundo, achou-se à porta dos seus aposentos.

- Abre, Gillonne, abre!

Gillonne obedeceu.

Margarida entrou no quarto, e achou La Mole, que a esperava tranquilo e =resoluto, porém com a espada na mão.

- Fuja! - disse - fuja, sem perda de um segundo. Esperam-no no corredor =para assassiná-lo.

- Mande - disse La Mole.

- Sim, é preciso que nos separemos para nos tornarmos a ver.

Durante a excursão de Margarida, La Mole havia firmado a escada na =janela; saiu por ela; mas antes de pôr o pé no primeiro degrau, =beijou com ternura a mão da rainha.

- Se esta escada for uma cilada, e eu morrer, Margarida, lembre-se da =sua promessa.

- Não é uma promessa, La Mole, é um juramento. Nada receie! =adeus.

E La Mole, animado, deixou-se escorregar, e não descer, pela =escada.

No mesmo momento bateram à porta.

Margarida acompanhou La Mole com os olhos na sua perigosa descida, e =não se voltou senão depois que o viu pôr o pé no =chão.

- Minha Senhora - dizia Gillonne -, minha Senhora!

- Que é? - disse Margarida.

- O rei está batendo à porta.

- Pois abre.

Gillonne obedeceu.

Os quatro príncipes, sem dúvida impacientes com a demora, estavam =em pé no limiar. Carlos entrou.

Margarida dirigiu-se para o irmão com o sorriso nos lábios.

O rei lançou um rápido olhar em torno de si.

- Quem procura meu irmão? - perguntou Margarida.

- Procuo. - disse Carlos - procuro. ora, cos diabos! procuro o

Sr. de =La Mole.

- O Sr. de La Mole?

- Sim; onde está?

Margarida deu a mão a Carlos, e levou-o à janela.

Nesse momento, dois cavaleiros partiam a todo o galope, dirigindo-se =para a torre de madeira: um deles desatou a sua faixa, e em sinal de =adeus fez tremular o alvo cetim no meio das trevas; esses dois homens =eram La Mole e Orthon.

Margarida mostrou-os com o dedo a Carlos.

268

- Então - perguntou o rei -, que quer aquilo dizer?

- Quer dizer - respondeu Margarida - que o duque de Alençon pode =guardar na algibeira o seu cordão, e os Srs. de Anjou e de Guisa =meterem na bainha as suas espadas, pois o Sr. de La Mole não =tornará a passar esta noite pelo corredor.

XL

PROJECTOS DE VINGANÇA

Depois que chegara a Paris, ainda Henrique de Anjou não tinha estado =com Catarina, sua mãe, de quem, como é sabido, era o filho =predilecto.

Para ele, esse encontro não era uma vã satisfação de =etiqueta, nem um cerimonial custoso de preencher; mas o cumprimento dum =dever bem doce para esse filho que, se não amava a mãe, tinha ao =menos a certeza de ser por ela ternamente amado.

Com efeito, Catarina preferia esse filho, ou pela sua bravura, ou talvez =mais pela sua beleza (pois em Catarina havia, além da mãe, a =mulher) ou, enfim, porque, segundo algumas crónicas escandalosas, =Henrique de Anjou recordava à florentina certa época feliz de =misteriosos amores.

Catarina era a única que sabia da volta de Anjou a Paris, volta que =até Carlos IX teria ignorado, a não ser o acaso que o levou à =frente do Palácio de Condé, justamente quando dele saía seu =irmão. Carlos não o esperava senão no dia seguinte, e Henrique =de Anjou esperava ocultar-lhe os dois motivos que tinham antecipado um =dia a sua viagem, e que eram a sua visita à bela Maria de Clèves =princesa de Condé, e a sua conferência com os embaixadores =polacos.

Este último passo, sobre cuja intenção Carlos tinha ficado

=incerto, era o que o duque de Anjou tinha que explicar a sua mãe;
e o =leitor, que, como Henrique de Navarra, estava certamente em
erro a =respeito desse passo, aproveitar-se-á da explicação.

Por isso, quando o duque de Anjou, tanto tempo esperado, entrou
no =aposento de sua mãe, Catarina, tão fria, tão compassada de
=ordinário, Catarina, que depois da ausência de seu predilecto
=filho, só abraçara com efusão Coligny, que devia ser
=assassinado no dia seguinte, abriu os braços ao filho do seu
amor, e =apertou-o ao peito com um impulso de afeição materna que
causava =admiração achar ainda nesse árido coração.

E depois afastava-se dele, e encarava-o, e punha-se de novo a
=abraçá-lo.

- Ah! minha Senhora! - disse-lhe por fim o filho - já que me dá
o =Céu a satisfação de abraçar, sem testemunhas, a minha =mãe,
consolo o homem mais desditoso e mais infeliz deste mundo.

- Oh! meu Deus! - exclamou Catarina - que lhe aconteceu, meu filho?

- Nada que minha mãe não saiba; amo e sou amado; mas este amor,
=que faria a ventura de outro qualquer, faz a minha desgraça.

- Explique-se, meu filho.

- Oh! minha mãe! esses embaixadores. essa partida.

- Sim - disse Catarina -, esses embaixadores já chegaram, essa
=partida urge.

- Não urge; porém meu irmão torná-la-á urgente, pois =detesta-me;

faço-lhe sombra, e quer ver-se livre de mim.

270

Catarina sorriu.

- Dando-lhe um trono, pobre infeliz coroado.

- E que vale isso, minha mãe? - respondeu Henrique com angústia

- =não quero partir. Eu, um príncipe de França, educado no que

=há de mais fino na polidez, junto da melhor das mães, amado por

=uma das damas mais formosas do mundo, hei-de ir para o meio dessas

=neves, para o fim do mundo, morrer lentamente entre essa gente

=rústica, que leva dia e noite a embriagar-se, e que mede a

capacidade =dos seus reis pela dos seus tonéis?. Não, minha

querida mãe =não quero. Se partisse, morreria!

- Vejamos, Henrique - disse Catarina apertando as mãos do filho

-, =vejamos! é essa a verdadeira causa?

Henrique baixou os olhos como se nem à própria mãe se atrevesse

=a confessar o que lhe ia no coração.

- Não haverá outra - prosseguiu a mãe -, menos romanesca, mais

=razoável. mais política?.

- Minha mãe, não é culpa minha se esta ideia me ficou no =espírito,

e talvez mais o preocupe do que deveria; mas não foi =minha mãe

a própria que me disse que o horóscopo consultado no =nascimento

de meu irmão Carlos o condenava a morrer moço?

- É exacto - disse Catarina -, mas um horóscopo pode mentir; e

a =esta hora faço votos eu própria para que todos esses horóscopos
=se não realizem.

- Mas, enfim, o seu horóscopo não dizia isso?

- O meu horóscopo falava dum quarto de século; mas não dizia se
=era para a sua vida ou para o seu reinado.

- Pois então, minha mãe, consiga que eu fique; meu irmão tem =vinte
e quatro anos; daqui a um ano a questão estará =resolvida.

Catarina reflectiu profundamente.

- Pois sim - disse ela -, assim seria melhor, mas era se pudesse
=ser.

- Oh! pense, minha mãe - exclamou Henrique -, que desesperação
=para mim se eu trocasse a coroa de França pela da Polónia! Ser
=atormentado nesse desterro pela lembrança de que podia reinar
no =Louvre, no meio desta corte elegante e ilustrada, ao pé da
melhor das =mães, cujos conselhos me teriam poupado metade do
trabalho e do =afã, que, acostumada com meu pai a carregar com
uma parte do peso do =Estado, teria tido a bondade de me prestar
igual auxílio. Ah! minha =mãe! como eu viria a ser um grande rei!

- Ora, ora, meu caro filho! - disse Catarina, para quem esse futuro
=tinha sempre sido também a mais suave esperança - não se aflija
=assim. Pois não pensou alguma vez em qualquer expediente para
vencer =essa dificuldade?

- Oh! decerto que sim; e foi especialmente por isso que voltei dois ou =três dias
antes de ser esperado, deixando todavia que

meu irmão =Carlos acreditasse que era por causa da Sr. de Condé;
fui ao encontro =de Lasco, o mais importante dos enviados;
disse-lhe quem era, e fiz =quanto pude nessa primeira entrevista
para me tornar aborrecido: espero =havê-lo conseguido.

- Ah, meu caro filho! - disse Catarina - foi mal lembrado: cumpre
pôr =o interesse da França acima de todas essas
repugnanciazinhas.

- Pois, minha mãe quererá o interesse da França que, caso =suceda
alguma desgraça a meu irmão, seja rei o duque de =Alençon, ou
Henrique de Navarra?

- Oh! Henrique de Navarra nunca, nunca, nunca! - murmurou
Catarina, =deixando a inquietação cobrir-lhe a fronte da tristeza
e dos =pesares que a envolviam cada vez que se apresentava essa
questão.

- Pois olhe - continuou de Anjou -, meu irmão de Alençon não =é
melhor do que ele, e não a ama com maior desvelo.

271

- Enfim - tornou Catarina -, que disse Lasco?

- O próprio Lasco hesitou quando instei com ele para que pedisse
=audiência. Oh! se ele pudesse escrever para a Polónia, e cassar
=essa eleição!.

- Loucura, meu filho, loucura! O que uma dieta consagrou é
=sagrado.

- Mas enfim, minha mãe, não se poderia obter que esses polacos
=aceitassem em meu lugar o meu irmão?
- É, senão impossível, ao menos difícil - respondeu =Catarina.
- Não faz mal; veja, experimente, fale ao rei; atribua tudo ao
seu =amor pela Sr. de Condé; diga-lhe que estou apaixonado, que
=enlouqueço. Ele até já me viu sair do palácio do =príncipe, com
Guisa, que me presta todos os serviços dum bom =amigo.
- Sim, para fazer a Liga; e meu filho não vê isso, mas eu vejo-o
=muito bem.
- Vejo, sim, minha mãe; entretanto, vou-me aproveitando dele.
- E que disse o rei quando os encontrou?
- Mostrou acreditar no que lhe disse, isto é, que só o amor me
=havia trazido a Paris.
- Mas do resto da noite, não lhe pediu contas?
- Sim, minha mãe; mas fui cear a casa de Nantouillet, e fiz um
=barulho escandaloso, para que se espalhe a notícia desse
=escândalo, e o rei saiba, sem a menor dúvida, que estive =lá.
- Então não sabe da sua visita a Lasco?
- Ignora-o absolutamente.
- Bom, tanto melhor. Verei, pois, se lhe falo em seu favor, querido
=filho; mas bem sabe que nesse génio áspero não há =influência
segura.
- Oh! minha mãe! minha mãe! que felicidade seria se eu ficasse!

=Como eu havia de a amar ainda mais do que amo, se isso fosse
=possível!

- Se ficar, será decerto mandado para a guerra.

- Isso pouco me importa, conquanto que eu não deixe a França.

- Estará exposto a morrer.

- Ora, minha mãe, não é a guerra que mata. morre-se de dor e de
=desgosto. Mas Carlos não há-de consentir que eu fique;
=detesta-me.

- Tem inveja do meu belo vencedor, é coisa sabida; mas porque é
o =meu filho tão valente e tão feliz? Porque apenas aos vinte anos
=tem ganho batalhas como Alexandre e como César?. Entretanto, a
=ninguém se descubra; finja estar resignado, apresente-se
respeitoso =ao rei. Hoje mesmo há reunião do Conselho Privado para
examinar os =discursos que têm de ser proferidos na cerimónia;
faça o papel =de rei da Polónia, e deixe o resto por minha conta.
A propósito: e =a sua empresa de ontem à noite?

- Foi mal sucedida, minha mãe; o sujeito estava avisado, e
safou-se =pela janela.

- Ah! - disse Catarina - hei-de um dia saber que génio mau é esse,
=que assim contraria todos os meus projectos. Entretanto, já
desconfio =quem seja. ai dele!

- Sim, minha mãe?. - disse o duque de Anjou.

- Esse negócio fica por minha conta.

E beijou com ternura os olhos de Henrique, que saiu do gabinete. Pouco depois chegavam aos aposentos da rainha os príncipes do seu =sangue. Carlos estava de muito bom humor, pois a presença de =espírito da sua Margot mais o alegrara do que o afligira. Não =queria mal a La Mole; tinha-o esperado com algum empenho no corredor por =ser isso uma espécie de caçada.

De Alençon estava, pelo contrário, preocupadíssimo. A antipatia =que sempre tivera a La Mole havia-se transformado em ódio, desde que =soubera que La Mole era amado por sua irmã.

Margarida estava ao mesmo tempo pensativa e atenta, pois tinha de =lembrar-se e de vigiar. Os deputados polacos haviam mandado o texto dos =discursos que tinham de proferir.

272

Margarida, a quem não tornaram a falar da cena da véspera, como se =tal cena não tivesse ocorrido, leu os discursos, e, excepto Carlos, =cada qual discutiu o que responderia. Carlos deixou Margarida responder =como lhe parecesse. A de Alençon mostrou severa censura quanto ás =palavras; quanto, porém, ao discurso de Henrique de Anjou, =mostrou-lhe mais do que má vontade, pois esforçou-se em =retocá-lo e emendá-lo.

Esta sessão, sem todavia promover um rompimento, irritou ainda mais =os espíritos. Henrique de Anjou, que tinha quase completamente de =fazer outro discurso, saiu para ir trabalhar;

Margarida, que não =tinha notícias do rei de Navarra depois das que ele lhe dera à =custa dos vidros da janela, voltou para os seus aposentos na =esperança de que ele viria. De Alençon, que tinha lido a =hesitação nos olhos de seu irmão de Anjou, e surpreendido entre =ele e a mãe um olhar de inteligência, retirou-se, para pensar no =que lhe parecia a revelação dalgum novo plano. Enfim, ia Carlos =entrar na sua ferraria para concluir um venábulo que ele próprio =estava fazendo, quando Catarina o deteve.

Carlos, que pressentia que ia encontrar na mãe alguma oposição =à sua vontade, parou e fitou nela os olhos.

- Então, que mais temos?

- Ainda mais uma palavra, Senhor. Esquecemo-nos dessa palavra, e todavia =ela é importante. Que dia se marca para a sessão pública?

- Ah, sim - disse o rei, sentando-se outra vez -, Falemos a esse =respeito, minha mãe: que dia quer que se marque?

- Julgo - respondeu Catarina - que no próprio silêncio, no =aparente esquecimento de Vossa Majestade, há profundo cálculo.

- Não há - disse Carlos -, e porque o havia de haver, minha =mãe?.

- Porque - acrescentou Catarina tranquilamente - me parece que não =seria conveniente que os polacos nos vissem correr com tanta =sôfreguidão atrás dessa coroa.

- Pelo contrário, minha mãe: foram eles os sôfregos, que vieram

=a marchas forçadas de Varsóvia até aqui. Honra por honra,
=delicadeza por delicadeza.

- Pode ter razão Vossa Majestade num sentido, e noutro deixar de
a =ter. Assim, é seu parecer que audiência pública deve ser
=apressada?.

- É, sim, minha mãe; mas o seu não é talvez o mesmo.

- Bem sabe que eu não dou pareceres senão os que podem concorrer
=para a sua glória; dir-lhe-ei, pois, que, apressando-se assim,
=recearia que o acusassem de aproveitar com demasiada diligência
a =ocasião que se apresenta de aliviar a Casa de França do fardo
que =lhe impõe seu irmão de Anjou, mas que muito certamente lhe
paga em =glória e em dedicação.

- Minha mãe - disse Carlos -, quando meu irmão sair de França,
=dotá- lo-ei tão ricamente que ninguém se atreverá a pensar o =que
receia que se diga.

- Bem - disse Catarina -, rendo-me, já que tem tão boa resposta
a =dar a cada uma das minhas objecções. Mas, para receber esse
povo =guerreiro, que julga do poder dos Estados pelos sinais
exterieiros, é =necessário um desenvolvimento considerável de
forças, e julgo =que não as há suficientes nas vizinhanças de
Paris.

- Desculpe, minha mãe, eu previ o acontecimento e preparei-me.
Mande i =vir dois batalhões da Normandia, um da Guiena; a minha

companhia de =arceiros chegou ontem da Bretanha. A cavalaria ligeira, espalhada na =Touraine, virá reunir-se aqui em poucas

horas; e enquanto julgam que =só tenho quatro regimentos, posso apresentar vinte mil homens.

- Ah!. - disse Catarina atónita. - Então só falta uma coisa, e =essa há-de achar-se.

-Que é?

- Dinheiro. Julgo que não está muito fornecido.

- Pelo contrário, minha Senhora - respondeu Carlos IX. - Tenho um =milhão e quatrocentos

273

mil escudos na Bastilha a minha caixa particular deu-me de sobras =oitocentos mil escudos, que guardei no meu tesouro do Louvre; e em caso =de urgência, Nantouillet tem mais ao meu dispor trezentos mil =escudos.

Catarina estremeceu; pois até então conhecera Carlos arrebatado, =violento, nunca porém previdente.

- Bom! Vossa Majestade pensa em tudo; é admirável; e por pouco que =se apressem os alfaiates, os ourives e bordadeiras, poderá Vossa =Majestade dar a audiência daqui a seis semanas.

- Seis semanas? - exclamou Carlos. - Minha mãe, os alfaiates, os =ourives e as bordadeiras estão trabalhando desde o dia em que foi =sabida a eleição de meu irmão. Em rigor, tudo podia estar =pronto para hoje mesmo; mas, para que não haja alguma falta,

dou-lhe =mais três dias ou quatro.

- Oh! - exclamou Catarina - está ainda mais apressado do que eu =julgava, meu filho.

- Honra por honra, já lho disse.

- Bem. Então é essa a honra feita à Casa de França que mais =o lisonjeia, não é?

- Certamente.

- E ver no trono da Polónia um príncipe de França é o seu =maior desejo?

- É isso mesmo.

- Então é o facto, é a coisa, e não o homem, que o preocupa; =e seja quem for que reine nesse país.

- Não, não, minha mãe, com a breca! Fiquemos onde estamos! Os =Polacos acertaram. São destros e valentes, esses homens! Nação =militar, povo de soldados, tomam para rei um grande capitão, isso =é lógico. De Anjou é o que lhes convém: o herói de Jarnac =e de Moncontour serve-Lhes como uma luva. Quem quer que eu lhes dê?

=De Alençon é um cobarde, que bem triste ideia iria dar dos Valois!

=Fugiria, mal lhe zunisse ao ouvido a primeira bala. Henrique de

Anjou =tem mais que se lhe diga! Sempre com a espada na mão, sempre

=marchando para a frente, a pé ou a cavalo. Denodado acossa, fere,

=derruba, mata. Ah meu irmão de Anjou é muito hábil e é um =bravo

que os levará a baterem-se de manhã até à noite, desde =o primeiro

até ao último dia do ano; e fará com que morram com =todo o sangue-frio. Estará pois no seu papel, o nosso querido =Henrique!

Eia! eia! ao campo de batalha! Bravo! já soam as trombetas =e os tambores! Viva o rei! viva o vencedor! viva o grande general!
=Proclamam-no três vezes por ano imperador! Será admirável para
=a Casa de França e para a honra dos Valois. Talvez que na lide
=sucumba. porém, que glória! será uma morte soberba!

Catarina estremeceu, os olhos relampejaram-lhe.

- Diga antes - exclamou ela - que quer afastar Henrique de Anjou;
diga =que não ama seu irmão!

- Ah! ah! ah! - disse Carlos com nervosa gargalhada - pois
adivinhou que =eu queria afastá-lo? Adivinhou que eu não o amava?
E quando isso =assim fosse? que tinha?. Amar meu irmão! porque
o hei-de amar?. ah! =ah! ah! está brincando?.

E à medida que falava, animavam-se-lhe de febril rubor as pálidas
=faces.

- E ama-me ele? E ama-me a senhora? E além dos meus cães, da minha
=ama, e de Maria Touchet, há alguém que me tenha amado?. Não, =não!
não amo meu irmão, só me amo a mim. E não me importo =que meu irmão
faça outro tanto.

- Senhor - disse Catarina, animando-se também -, já que assim me
=descobre o seu coração, cumpre que lhe abra o meu. Está
=procedendo como rei fraco e monarca mal aconselhado; manda sair
do reino =o seu primeiro irmão, o sustentáculo natural do trono,

e que é, =em todos os pontos, digno de lhe suceder, se acontecesse alguma =desgraça, deixando nesse caso em completo abandono a sua coroa, =porque, como dizia, de Alençon é moço incapaz e fraco. mais do =que fraco, cobarde - e o Bearnês ergue-se por detrás dele, =entende?

274

- Oh! com todos os milhões dos diabos! - exclamou Carlos - que me =importa o que há-de acontecer quando eu já não existir? O =Bearnês ergue- se por detrás de meu irmão, não é o que =diz? Ora, melhor para mim!. Dizia ainda agora que de ninguém gostava. =enganava-me. gosto de Henriquinho; sim, gosto dele esse bom Henriquinho =tem um ar de francueza, tem a mão tépida; e em redor de mim só =vejo olhos refalsados, só aperto mãos geladas. E incapaz duma =traição contra mim; jurá-lo-ia! Além do mais, devo-lhe uma =indenização; envenenaram-lhe a mãe, coitado! foram pessoas de =minha família, segundo ouvi dizer. Felizmente eu gozo de saúde; =mas se viesse a adoecer, chamá-lo-ia; não quisera que saísse de =ao pé de mim, nada tomaria a não ser da sua mão. E quando eu =morresse, fá-lo-ia rei de França e de Navarra. E sou capaz de =jurar que ele, em vez de rir da minha morte, como fariam meus irmãos, =havia de chorar, ou pelo menos havia de fingir que chorava.

Catarina ficou como aterrada, e passados alguns segundos disse:

- Henrique de Navarra? Henrique de Navarra rei de França, em
=prejuízo dos meus filhos? Ah! Santa Virgem! havemos de ver! E
é =então para isso que pretende afastar meu filho?

- Seu filho. e eu então que sou! algum filho de loba, como
=Rómulo!. - exclamou Carlos, trémulo de cólera e com o olhar
=cintilante. - Seu filho. tem razão! o rei de França, esse não
=é seu filho. O rei de França não tem irmãos, não tem =mãe; o rei
de França tem somente súbditos. O rei de França =não precisa de
ter sentimentos: tem vontades. Dispensa que o amem, =mas quer que
lhe obedeçam imediatamente.

- Senhor, vejo que interpretou mal as minhas palavras; chamei meu
filho =a esse que ia deixar-me. Amo-o mais neste momento, porque
é ele quem =neste momento mais receio perder. É porventura crime
desejar uma =mãe que seu filho a não deixe?

- E eu digo-lhe que ele a há-de deixar! que há-de sair de =França,
que há-de ir para a Polónia! e isso dentro de dois =dias! e se
Vossa Majestade acrescentar mais uma palavra, há-de partir
=amanhã! se a senhora não abaixar a cabeça, se não apagar a =ameaça
que vejo nos seus olhos, enforco-o esta noite! como Vossa
=Majestade queria que ontem à noite fosse enforcado o predilecto
de =sua filha. Somente não lhe há-de acontecer escapar, como se
=escapou o Sr. de La Mole.

Com esta ameaça, Catarina, pela primeira vez, abaixou a cabeça;

=mas daí a pouco reergueu-a.

- Ah! pobre filho! - exclamou ela - teu irmão quer matar-te;

sossega, =porém, que tua mãe te defenderá.

- Ah! afrontam-me? - exclamou Carlos. - Pois bem! pelo sangue de Cristo! =há-de morrer, e não esta noite, não daqui a pouco. há-de ser =já!. Oh! uma arma! um punhal! uma faca!.

E Carlos, depois de olhar inutilmente em volta de si para procurar o que =pedia, viu o punhalzinho que a mãe trazia à cinta; precipitou-se =sobre ele, arrancou-o da bainha de couro incrustada de prata, e num pulo =saiu da câmara, para ir matar Henrique de Anjou onde quer que =estivesse. Ao chegar, porém, ao vestibulo, as forças, =superexcitadas além do poder humano, de repente abandonaram-no. =Estendeu os braços, deixou cair a arma aguda, que se cravou no =soalho, soltou um grito lamentável e caiu rolando pelo chão.

Ao mesmo tempo, o sangue rompeu-lhe em abundância pela boca e pelo =nariz.

- Jesus! que me matam! acudam-me! acudam-me!

Catarina, que o seguira, viu-o cair; olhou para ele um momento, =impassível e sem se mover, mas depois, chamada a si, não pelo amor =materno, mas pela dificuldade da situação, pôs-se a gritar:

- O rei teve um acidente! acudam! acudam!

A este grito, correram para ao pé do rei um mundo de criados, de

=oficiais, de cortesãos. Mas, antes de todos, aparecera uma mulher que =afastou os espectadores, e levantou Carlos, lívido como um =cadáver.

- Matam-me, ama, matam-me! - disse o rei, lavado em suor e sangue.

275

- Matam-te, meu Carlos? - exclamou a boa velha, percorrendo todos os =rostos com um olhar ante o qual até Catarina recuou. - Quem é =então que te mata?

Carlos soltou um fraco suspiro, e desmaiou de todo.

Hum!. - disse o médico Ambrósio Paré, a quem mandaram

=imediatamente chamaro rei está muito mal.

- Agora - disse consigo a implacável Catarina -, ou queira ou não =queira, há-de conceder alguma demora.

E deixou o rei, para ir ter com o seu segundo filho, que esperava com =ansiedade no oratório o resultado dessa entrevista para ele de tanta =importância.

276

XLI

O HORÓSCOPO

Saindo do oratório, onde acabava de comunicar ao seu filho predilecto =tudo o que se havia passado, Catarina encontrou na sua câmara Renato, =que a esperava.

Era a primeira vez que a rainha se encontrava com o astrólogo depois =que o visitara na sua loja da Ponte de S. Miguel. Tinha-lhe ela escrito =na véspera, e Renato vinha em pessoa trazer a resposta do bilheteinho =que recebera.

- Então - perguntou a rainha -, viu-o?

- Vi.

- E como vai?

- Pode-se dizer que melhor.

- Fala?

- Não, minha Senhora, a espada atravessou-lhe a laringe.

- Nesse caso, mestre Renato, devia fazer com que ele escrevesse; foi o =que eu lhe disse.

- Tentei isso; ele mesmo fez todos os esforços, mas apenas pôde =traçar duas letras quase ilegíveis e desmaiou; teve a veia jugular =aberta, e a perda de sangue tirou-lhe todas as forças.

- E viu essas letras?

- Tenho-as aqui.

Renato tirou um papel da algibeira e apresentou-o a Catarina, que

o =abriu apressadamente.

- Um e um O. - disse ela. - Seria com efeito esse La Mole, e toda essa =comédia de Margarida não passaria dum meio de desviar =suspeitas?.

- Minha Senhora - disse Renato -, se eu ousasse emitir a minha =opinião num objecto sobre o qual Vossa Majestade hesita em formar a =sua, dir-lhe-ia que julgo o Sr. de La Mole demasiadamente apaixonado =para se ocupar seriamente de negócios políticos.

- Julga isso?

- Julgo; e sobretudo demasiadamente apaixonado pela rainha de Navarra, =para poder servir o rei com dedicação, porque não há =verdadeiro amor sem ciúmes.

- E julga-o profundamente apaixonado?

- Estou certo disso.

- Já foi procurado por ele, mestre Renato?

- Fui.

- E pediu-lhe ele alguma beberagem, algum filtro?

- Não, minha Senhora; limitámo-nos à figura de cera.

- Ferida no coração?

- Ferida no coração.

277

- E essa figura existe ainda?

- Existe. Está em sua casa.

- Em minha casa? Seria curioso - disse Catarina - que essas
=preparações cabalísticas tivessem realmente a influência que
=se lhes atribui.

- Vossa Majestade está tão habilitada como eu para o julgar.

- E a rainha de Navarra ama o Sr. de La Mole?

- Ama-o a ponto de se perder por ele. Ontem salvou-o da morte
arriscando =a honra e a vida. Vossa Majestade está vendo estas
coisas, e no =entanto sempre duvida.

- De quê?

- Da ciência.

- É porque também a ciência me traiu - disse Catarina, olhando
=fixamente para Renato, que suportou admiravelmente esse olhar.

- E quando?

- Oh! você bem o sabe; talvez, porém, que fosse o sábio e =não
a ciência.

- Não sei o que Vossa Majestade quer dizer - respondeu o
=florentino.

- Renato, as suas perfumarias perderam completamente o aroma?

- Não o perdem, minha Senhora, quando são empregados por mim; mas
=é possível que, passando por outras mãos.

Catarina sorriu e abanou a cabeça.

- O seu opiato fez maravilhas, Renato - disse ela -, a Sr a de
Sauve tem =os lábios cada vez mais frescos e rosados.

- Não é ao meu opiato que se deve atribuir esse resultado, minha
=Senhora; porque a baronesa de Sauve, usando do direito que têm
todas =as mulheres formosas de terem caprichos, nunca me falou
nesse opiato; e =eu, da minha parte, depois da recomendação que
Vossa Majestade me =fez, julguei que me cumpria não lhe mandar.
As caixinhas estão =ainda todas em minha casa, no mesmo estado
em que Vossa Majestade as =deixou, menos uma, que desapareceu sem
que eu saiba quem a tirou, nem =para que fim.

- Está bem, Renato - disse Catarina -, voltaremos talvez a esse
=objecto. Agora, falemos doutra coisa.

- Ouvirei, minha Senhora.

- Que é necessário para apreciar a duração provável da =vida duma
pessoa?

- Saber, primeiro que tudo, o dia em que nasceu, a idade que tem
e sob =que signo viu a luz.

- E depois?

- Obter uma porção de sangue e de cabelos dessa pessoa.

- E se eu lhe levar essa porção de sangue e de cabelos, se lhe
=disser sob que signo essa pessoa viu a luz, se lhe disser a idade
que =tem e o dia em que nasceu, poderia dizer-me a época provável
da =sua morte?

- Poderei, só com diferença dalguns dias.

- Bem. Já tenho os cabelos, procurarei obter o sangue.

- Essa pessoa nasceu de dia ou de noite?
- Às cinco horas e vinte e três minutos da tarde.
- Pois esteja amanhã às cinco horas em minha casa; a =experiência deve fazer-se precisamente à hora do nascimento.
- Está bem - disse Catarina -, lá estaremos.

Renato cumprimentou a rainha, e saiu, sem parecer ter notado o lá =estaremos, que, entretanto, indicava que, contra o seu costume, Catarina =não iria só.

No dia seguinte, ao romper da manhã, foi Catarina à câmara do =filho. À meia-noite tinha ela

278

mandado saber dele, e tinham-lhe respondido que mestre Ambrósio =Paré estava ao seu lado, e que se dispunha a sangrá-lo se continuasse a mesma agitação =nervosa.

Ainda estremecendo durante o sono, ainda pálido com a perda de =sangue, Carlos dormia com

a cabeça apoiada no ombro da ama fiel, a qual, encostada à cama, =não tinha, havia três horas,

mudado de posição, com medo de interromper o descanso do seu caro =filho.

De vez em quando aparecia nos lábios do enfermo uma espuma subtil, =que a ama enxugava

com uma toalhinha de cambraia bordada. Na cabeceira da cama

estava =um lenço cheio de nódoas

de sangue.

Catarina teve por um momento a lembrança de se apossar desse
=lenço, mas pensou que, estando o sangue misturado com a saliva,
=não teria talvez a mesma eficácia. Perguntou pois à ama se o
=médico não tinha sangrado o filho como lhe tinha mandado dizer
que =o faria; a ama respondeu que sim, e que a sangria fora tão
abundante =que Carlos desmaiara duas vezes.

A rainha-mãe, que tinha alguns conhecimentos de medicina, como
todas =as princesas dessa
época, pediu o sangue para ver; nada era mais fácil; o médico
=tinha recomendado que o guardassem, para examinar os fenómenos
que =apresentasse.

Estava esse sangue numa tigela, no gabinete ao lado da câmara.
=Catarina foi examiná-lo, e examinando-o, encheu do vermelho
licor um =frasquinho que trouxera para esse fim; tornou depois
a entrar, escondendo na algibeira os dedos, cujas extremidades
podiam =denunciar a profanação
que acabava de cometer.

No momento em que ela reaparecia na entrada do =gabinete,
Carlos abriu os olhos e deu com
a vista na mãe. Chamando então a si, como =após um sonho, todos
os seus pensamentos impregnados de rancor, =disse:

- Ah, é a Senhora... Bem, pode dizer ao seu =filho predilecto, ao seu Henrique de Anjou, que será amanhã.

- Meu querido Carlos - disse Catarina -, será quando quiser.
=Portanto, sossegue e durma.

Carlos, como se tivesse cedido a este conselho, fechou os olhos; e =Catarina, que lho tinha dado como se faz para consolar um doente ou uma criança, =saiu do quarto. Mas apenas ouviu fechar-se a porta, Carlos sentou-se na =cama, e de repente, com uma voz sufocada pelo acesso que ainda lhe =durava, bradou:

- O meu chanceler, os selos, a corte!... mandem vir aqui tudo!
A ama, com uma terna violência, tornou a encostar ao seu ombro a =cabeça do rei, e, para o fazer adormecer, tentou acalentá-lo como =fazia quando ele era criança.

- Não, não, ama - disse ele -, não durmo =mais. Chame essa gente, quero trabalhar esta manhã.

Quando Carlos falava assim era preciso obedecer; mesmo a ama, apesar dos =privilégios que o rei lhe tinha conservado, não ousava opor-se =às suas ordens. Mandaram-se chamar as pessoas que o rei designara e fixou-se a sessão, =não para o dia

seguinte, o que era impossível, mas para daí
a cinco dias.

No entanto, à hora convencionada, isto é, às cinco horas, a
=rainha-mãe e o duque de Anjou
dirigiram-se para casa de Renato, o qual, =prevenido, como
se sabe, dessa visita, tinha preparado
tudo para a sessão misteriosa.

Na câmara da direita, a dos sacrifícios, e num grande fogareiro,
=estava em brasa uma lâmina
de aço, destinada a representar, pelos =confusos arabescos
que a ornavam, os eventos do destino

sobre que se consultava o oráculo. Em cima do altar =estava preparado o livro
das sortes; e durante

a noite, que estivera muito clara, tinha Renato podido estudar
o =movimento e o aspecto das constelações.

Henrique de Anjou foi o primeiro que entrou. Para que o não
=conhecessem, trazia máscara, cabelos postiços e vinha embuçado
=num grande capote. A mãe chegou depois, e se não

279

soubesse antecipadamente que era o filho que a esperava ali, ela
mesmo =não o teria conhecido. Catarina tirou a máscara e o duque
de Anjou =conservou a sua.

- Fez esta noite as suas observações? - perguntou Catarina a
=Renato.

- Fiz, minha Senhora - disse ele -, e a resposta dos astros já me deu =conta do passado. Aquele a respeito de quem Vossa Majestade me interroga =tem, como todas as pessoas nascidas sob o signo de Câncer, o =coração ardente e uma altivez sem exemplo. É poderoso, viveu =já perto dum quarto de século, e tem até agora alcançado do =Céu glória e riqueza. Será assim, minha Senhora?

- Talvez - disse Catarina.

- Trouxe os cabelos e o sangue?

- Aqui os tem.

E Catarina entregou ao nigromante um anel de cabelos louros e um =frasquinho de sangue. Renato pegou no frasco, remexeu-o, para misturar =bem a serosidade do sangue com as outras partes, e deixou cair sobre a =lâmina em brasa uma boa gota desse fluido, que imediatamente se =extravasou em desenhos fantásticos.

- Oh, minha Senhora! - bradou Renato - vejo-o torcer-se com acerbas =dores; não ouve como ele geme, como pede socorro? Não vê como =tudo se converte em sangue em torno dele? Não vê, finalmente, como =à roda do seu leito de morte se preparam grandes combates? Veja: aqui =estão as lanças, aqui estão as espadas.

- E durará isso muito? - perguntou Catarina, palpitando com uma =emoção indizível, e retendo a mão de Henrique de Anjou, a =quem uma ávida curiosidade fizera dobrar-se sobre o braseiro.

Renato foi para junto do altar, e disse uma oração cabalística,

=empregando nessa acção um fervor e uma convicção tal que lhe
=incharam as veias das fontes e teve convulsões proféticas e es
=tremecimentos nervosos, como os que atacavam as antigas
pitonisas sobre =a trípode, e as perseguiram até no leito da morte.
Levantou-se, finalmente, e anunciou que tudo estava pronto; tomou
com =uma das mãos o frasco, ainda cheio nas três quartas partes,
e com =outra o anel de cabelos, ordenando depois a Catarina que
abrisse o livro =à sorte, e que olhasse para o primeiro lugar que
se apresentasse; =derramou em cima da lâmina de aço todo o sangue,
e lançou no =braseiro todos os cabelos, pronunciando uma frase
cabalística =composta de palavras hebraicas, das quais ele mesmo
nada entendia.

O duque de Anjou e Catarina viram imediatamente estender-se sobre
a =lâmina uma figura branca como a dum cadáver amortalhado.
Outra figura, que parecia de mulher, estava inclinada sobre a
=primeira.

Ao mesmo tempo, inflamaram-se os cabelos, dando uma só labareda,
=clara, rápida, farpada como uma língua vermelha.

- Um ano! - bradou Renato - apenas um ano, e esse homem morrerá,
e =só uma mulher o há-de chorar. Mas não. ali. ali na extremidade
=da lâmina, ainda está outra mulher, que parece ter uma criança
=nos braços.

Catarina olhou para o filho, e como mãe que era, pareceu

=perguntar-lhe quem eram essas duas mulheres.

Mas apenas Renato acabara de falar, a placa de aço tornou-se branca; =tudo se apagara gradualmente.

Catarina abriu então o livro à sorte, e leu, com uma voz cuja

=alteração não pôde reprimir, apesar de toda a sua força, =o dístico seguinte:

Ainsi aperi ce gue lón redoutait Plutôt trop tôt si prudence

=ta it.

Um profundo silêncio reinou algum tempo em torno do braseiro.

- E a respeito daquele que sabe - perguntou Catarina -, quais são os =sinais deste mês?

- Florescentes como sempre, minha Senhora. A não ser que se não =vença o destino por meio

duma luta de Deus com Deus, o futuro é certamente desse homem.

=Entretanto...

- Entretanto o quê?

- Uma das estrelas que compõe a sua plêiade esteve, durante o =tempo das minhas observações, coberta com uma nuvem negra...

- Ah! - exclamou Catarina - uma nuvem negra... Havia pois alguma =esperança?

- De quem fala, minha Senhora? - perguntou o duque de Anjou.

Catarina levou o filho para longe do clarão do braseiro, e

falou-lhe =em voz baixa.

Durante esse tempo, Renato ajoelhava, e, derramando sobre a mão,

à =claridade da chama,

uma gota do sangue que tinha ficado no fundo do frasco, disse:

- Estranha contradição, e que prova quão pouco sólidos =são os
testemunhos da ciência simples que praticam os homens =vulgares!

Para outro que não fosse eu - para um médico, para um =sábio, para
o próprio mestre Ambrósio Paré -, eis um sangue =tão puro, tão
fecundo, tão cheio

de sucos animais, que promete longos anos ao corpo donde saiu;

e, não =obstante, todo esse vigor

deve desaparecer bem depressa, toda essa vida =deve

extinguir-se antes dum ano!

Catarina e Henrique de Anjou tinham-se voltado e =escutavam. Os olhos do
príncipe luziam através da máscara.

- Ah! - continuou Renato - é porque aos sábios ordinários

=sópertence o presente, ao passo

que só nós podemos ler o passado e o =futuro.

- Então - continuou Catarina - persiste em crer que =ele morrerá
antes dum ano?

- Tão certo como estarmos aqui três pessoas vivas que um dia
=descansarão também no seu túmulo.

- Entretanto, ouvi-lhe dizer que o sangue era puro e fecundo,

ouvi-lhe =dizer que esse sangue

promete uma longa vida...

- Sim, se as coisas seguissem o seu curso natural. Mas é bem possível que um acidente...

- Ah! sim; ouve? - disse Catarina a Henrique - um acidente...

- Ah! - disse este - razão de mais para ficar.

- Oh! não pense mais nisso, é impossível.

E voltando-se então para Renato:

- Obrigado - disse o mancebo disfarçando o metal da voz -, obrigado; =tome esta bolsa.

- Venha, conde - disse Catarina, dando de propósito ao filho um título que devia derrotar as conjecturas de Renato.

E partiram.

- Oh, minha mãe - disse Henrique - bem vê, um acidente... e se ele =se der, não estarei cá; estarei a quatrocentas léguas...

- Quatrocentas léguas andam-se em oito dias, meu filho.

- Pois sim; mas sabe se aquela gente me deixará voltar?... Que pena =não poder esperar minha mãe!...

- Quem sabe - disse Catarina - se o acidente de que fala Renato não =é esse que desde ontem obriga o rei a estar num leito de dor? Ouça; vá para o =paço, meu filho; eu vou passar pela

porta da Travessa do Claustro das Agostinhas; a minha comitiva
espera-me = nesse convento. Vá,

Henrique, e tome cuidado em não irritar seu irmão caso o veja.

XLII

AS CONFIDÊNCIAS

A primeira coisa que soube o duque de Anjou quando chegou ao Louvre, foi =que a entrada solene dos embaixadores estava marcada para o quinto dia. =Os alfaiates e joalheiros esperavam o príncipe com magníficos =vestuários e soberbos adereços, que o rei tinha encomendado para =ele.

Enquanto os provava, com uma cólera que lhe arrasava os olhos de =água, aprazia-se Henrique de Navarra com a posse dum magnífico =colar de esmeraldas, dum espada com punho de ouro, e dum precioso anel =que Carlos lhe tinha mandado nessa mesma manhã.

De Alençon acabava =de receber uma carta, e tinha-se fechado no quarto para a ler à sua =vontade.

Quanto a Cocunás, perguntava pelo seu amigo a todos os ecos do =Louvre. Com efeito, não se admirando muito, como é bem de supor, =de o não ter visto recolher-se em toda a noite, começara pela =manhã a sentir alguma inquietação; por isso saíra em busca =de La Mole, começando a sua investigação pela hospedaria da =Estrela Brilhante passando da hospedaria da Estrela Brilhante à Rua =do Sino Rachado, da Rua do Sino Rachado à Rua Tizon, da Rua Tizon =à Ponte de S. Miguel, e, finalmente, da Ponte de S. Miguel ao =Louvre.

Nessa investigação, empregara para com as pessoas a quem se

=dirigiu um modo tão original, tão exigente (o que é fácil de
=compreender conhecendo-se o carácter excêntrico de Cocunás),
=que suscitou entre ele e três senhores da corte explicações que
=acabaram à moda da época: no campo. Cocunás mostrara nesses
=recontos a consciência que mostrava ordinariamente em casos
=semelhantes, isto é, tinha morto o primeiro e ferido os outros
dois, =dizendo:

- Pobre la Mole! sabia tão bem latim!.

Isto a ponto de que o último, que era o barão de Boissey, lhe
=dissera, caindo:

- Ah! por amor de Deus, Cocunás, varie um pouco! diga ao menos
que =ele sabia grego. Finalmente, o boato da aventura do corredor
tinha-se =espalhado. A aflição de Cocunás era, por esse motivo,
extrema, =pois julgara por um instante que todos esses reis e
príncipes lhe =tinham morto o seu amigo, e que o haviam lançado
para algum =subterrâneo ou enterrado nalgum canto.

Soube ele que de Alençon fora da partida, e, esquecendo a
majestade =que rodeava o príncipe de sangue, foi procurá-lo, para
lhe pedir =uma explicação como o faria para com um simples
fidalgo.

De Alençon teve bons desejos de pôr na rua o atrevido que vinha
=tomar- lhe conta das suas acções; mas Cocunás falava com tanto
=desembaraço, os olhos flamejavam-lhe de tal modo, a aventura dos

=três duelos em menos de vinte e quatro horas tinha dado tanta
=importância ao piemontês, que, depois de reflectir, em vez de
se =entregar ao primeiro movimento, respondeu ao seu gentil-homem
com um =sorriso encantador:

- Meu querido Cocunás, é verdade que o rei, furioso por ter levado
=com uma bacia no ombro,

283

que o duque de Anjou, descontente por lhe haverem lustrado os
cabelos =com uma compota de laranja, e o duque de Guisa, humilhado
porque apanhou =com um quarto de javali na cara, arranjaram uma partida
para matarem o =Sr. de La Mole; mas um amigo do seu amigo
desviou o golpe. A partida =falhou, pois, dou-lhe a minha palavra
de príncipe.

- Ah! - disse Cocunás, respirando como o um fole de forja à vista
da =certeza que o príncipe lhe dava da existência do seu amigo.

- Ah! =isso, Senhor, é o que se chama uma boa acção, e bem desejara
eu =conhecer esse amigo para lhe provar o meu reconhecimento.

O Sr. de Alençon não respondeu nada, mas sorriu ainda com mais
=agrado do que já tinha feito, o que deixou crer a Cocunás que
esse =amigo não era senão o próprio príncipe. - Senhor -

=prosseguiu ele -, pois que Vossa Alteza quis ter a extrema
bondade de me =dizer o começo da história, digne-se levar a sua
benevolência =até ao fim, referindo-me o mais que
se passou. Quiseram matá-lo, mas não o mataram, diz Vossa Alteza.

=Que fizeram então dele? Tenho bastante ânimo, Senhor; diga-mo;
sei =bem suportar uma notícia triste. Meteram-no em alguma
masmorra, =não é assim? Tanto melhor; isso torná-lo-á
circunspecto. Ele =despreza sempre
os meus conselhos. Demais, há-de haver quem o =tire de lá.
Fica por minha conta; as pedras não são duras para =todos.

De Alençon abanou a cabeça.

- O pior de tudo - disse ele -, meu bravo Cocunás, é que, depois
=desta aventura, o teu amigo desapareceu sem que se saiba para
onde =foi.

- Ainda que fosse para o Inferno! - bradou o piemontês,
empalidecendo =de novo - juro- lhe que hei-de saber onde está!

- Ouve - disse de Alençon, que tinha, mas por motivos bem
diferentes, =tanto desejo como Cocunás de saber onde estava La
Mole -, quero =dar-te um conselho de amigo.

- Diga, Senhor, diga.

- Vai procurar a rainha Margarida, que ela deve saber o que é feito
=dele.

- Confesso a Vossa Alteza - disse Cocunás - que já tinha pensado
=nisso; não me atrevia, porém, porque, além do indizível
=respeito que me impõe a rainha, receava achá-la em pranto. Mas,
=visto que Vossa Alteza me assevera que La Mole não morreu, e que
Sua =Majestade deve saber onde ele está, vou armar-me de valor

e vou ter =com ela!

- Vai, meu amigo, vai - disse o duque Francisco -, e logo que tiveres =notícias, dá- mas, porque realmente estou tão inquieto como tu. =Lembra-te porém duma coisa, Cocunás.

- De quê?

- Não digas que vais da minha parte: se cometesses essa =imprudência, talvez não viesses a saber nada.

- Senhor - disse Cocunás -, uma vez que Vossa Alteza me recomenda =segredo a esse respeito, serei mudo como uma estátua ou como a =rainha-mãe.

Bom príncipe, excelente príncipe, príncipe magnânimo! foi =dizendo Cocunás no caminho para o aposento da rainha de Navarra. Margarida esperava Cocunás, porque tivera notícias do seu =desespero e, sabendo das façanhas por que esse desespero se havia =manifestado, quase que perdoara a Cocunás o modo um tanto brutal com =que tratava a sua amiga duquesa de Nevers, à qual o piemontês se =não tinha dirigido por causa duma grande desavença que entre eles =existia havia dois ou três dias. Foi, pois, introduzido no aposento =da rainha logo que lhe mandou dar parte de que estava ali.

Cocunás entrou sem poder vencer o embaraço de que tinha falado a =de Alençon, que sentia sempre em presença da rainha, e que =provinha mais da superioridade do espírito do que da hierarquia;

=porém Margarida recebeu-o com um sorriso que logo o tranquilizou.

- Minha Senhora - disse ele -, pela sua vida lhe suplico que me restitua =o meu amigo, ou que, ao menos, me diga o que é feito dele, porque sem =ele não posso viver. Suponha Eurialo

284

sem Niso, Dámon sem Píto, ou Orestes sem Pilades, e =compadeça-se da minha desventura por intercessão dalgum desses heróis que acabo de citar, e cujos =corações, eu lho juro, não ganhavam em ternura ao meu.

Margarida sorriu e, depois de ter obrigado Cocunás a prometer-lhe que =guardaria segredo, contou-lhe a fuga da janela.

Quanto ao lugar da sua residência, por mais instantes que fossem as =súplicas do piemontês, guardou sobre este ponto o mais profundo silêncio. Isto apenas =satisfazia em parte Cocunás: por isso alargou-se, sem o querer, sobre pontos de diplomacia da mais alta =importância, daí resultou ver Margarida claramente que o duque de Alençon tinha uma boa parte =nesse desejo que o fidalgo da sua casa manifestava de saber o que era =feito de La Mole.

- Pois bem - disse a rainha -, se quer absolutamente saber alguma coisa =positiva a respeito do seu amigo, pergunte ao rei de Navarra, que é o =único que tem direito de falar; da minha parte, tudo o que posso dizer-lhe é que aquele a quem procura está =vivo. Creia na minha palavra.

- Creio numa coisa ainda mais certa, minha Senhora, isto é, nos seus =belos olhos, que não choraram.

E, julgando que nada havia que acrescentar a uma frase que tinha a dupla =vantagem de manifestar o seu pensamento e de exprimir a alta opinião =que formava do mérito de La Mole, Cocunás

retirou-se, pensando =numa reconciliação com a Sr. a de Nevers, não por causa dela =pessoalmente, mas para saber dela o que não pudera saber de =Margarida.

As grandes dores são situações anormais, de cuja opressão o =espírito se subtrai logo que pode.

A ideia de se apartar de Margarida tinha desde o primeiro instante =dilacerado o coração de La Mole, e foi mais para salvar a reputação da rainha do que para =preservar a sua própria vida que ele condescendera em fugir.

Assim, logo no dia seguinte, à noite, tinha ele voltado a Paris para =ver Margarida na janela.

Por seu lado, Margarida, como se uma voz oculta lhe tivesse noticiado a =volta do mancebo, passara

toda a tarde à janela, e daí resultou tornarem-se ambos a ver,
=experimentando essa ventura que
acompanha os gozos proibidos. Ainda mais: o espírito melancólico
e =romanesco de La Mole
achava um certo encanto neste contratempo. Mas, como o amante
=verdadeiramente ferido não
é feliz senão por um momento - aquele em que vê ou possui -, e
=sofre enquanto dura a ausência, La Mole, ardendo em desejos de
tornar =a ver Margarida, tratou de dispor o mais breve possível
o =acontecimento que devia restituir-lha, isto é, a fuga do rei
de =Navarra.

Pela parte que lhe tocava, Margarida entregava-se toda à ventura
de =ser amada com tão pura
dedicação. Exprobrava-se muitas vezes daquilo que considerava
uma =fraqueza; ela, espírito
varonil, que desprezava as frioleiras do amor vulgar; ela,
insensível =às minúcias que para as almas
ternas constituem a mais doce, a mais delicada, a mais apetecível
de =todas as felicidades, considerava agora o seu dia, senão
=venturosamente cheio, ao menos venturosamente terminado, quando
ao =chegar à janela, por volta das nove horas, vestida com um
simples =roupão branco, descobria
no cais, e meio oculto na sombra, um cavaleiro cuja mão pousava

nos =lábios ou no peito; era
então uma tosse significativa o que ia levar ao amante a
=recordação da voz amada.
Algumas vezes era também um bilhete atirado com força por uma
=pequena mão, no qual
ia embrulhada alguma jóia preciosa, muito mais preciosa ainda por
ter =pertencido àquela que
a mandava do que pela matéria que lhe dava o valor, e que ia tinir
na =calçada a alguns passos do
mancebo. La Mole caía então, semelhante a um milhafre, sobre essa
=presa; apertava-a contra
o peito, respondia servindo-se do mesmo expediente, e Margarida
não =saía da varanda senão quando já não podia ouvir os passos
do =cavalo, que era forçado a correr a toda a brida quando vinha,
e que na volta parecia de matéria tão inerte como o famoso colosso
=que perdeu Tróia.

Eis o motivo por que a rainha não estava inquieta pela sorte de
La =Mole, ao qual, não obstante, ela recusava obstinadamente
qualquer =outro encontro além dessas entrevistas à espanhola,
285

que duravam desde a sua fuga, e que se repetiam todas as noites
desses =dias que se passavam à espera da recepção dos
embaixadores, =recepção, que, como se viu, fora adiada por alguns

dias por ordem =expressa de Ambrósio Paré.

Na véspera da recepção, por volta das nove horas da noite, =quando todos no Louvre se ocupavam com os preparativos para o dia =seguinte, Margarida abriu a janela e foi à varanda. Apenas a viu, La =Mole, mais apressado do que costumava, não esperou pela carta que =sempre se lhe atirava: enviou a sua, que veio, com a destreza habitual, =cair aos pés da Real Senhora. Margarida persuadiu-se logo que a =missiva devia conter alguma coisa particular, e recolheu-se para a =ler.

O bilhete dizia no reverso da primeira folha:

Minha Senhora, preciso de falar ao rei de Navarra; o negócio é =urgente. Espero.

E no reverso da segunda, liam-se estas palavras, que se podiam isolar =das primeiras separando as duas folhas:

Minha Senhora e minha rainha, veja o modo com que eu possa dar-lhe um =destes abraços que lhe envio. Espero.

Mal acabava Margarida de ler esta segunda parte da carta, ouviu a voz de =Henrique de Navarra, o qual, com a sua reserva habitual, batia à =porta comum, e perguntava a Gillonne se podia entrar.

A rainha separou imediatamente as folhas da carta, meteu uma no seio e a =outra na algibeira, foi à janela, fechou-a e correu para a porta.

- Pode entrar - disse ela.

Apesar de Margarida ter fechado a janela sem o menor ruído, o mais =depressa e habilmente que era possível, o movimento fora percebido =por Henrique, cujos sentidos, sempre aplicados, tinham quase adquirido, =no meio dessa sociedade de que ele sempre desconfiava tanto, a exímia =sensibilidade a que são levados no homem que vive no estado =selvagem.

Mas o rei de Navarra não era um desses tiranos que proibem às suas =mulheres o fresco ou contemplarem as estrelas.

Henrique estava risonho e gracioso como de costume.

- Minha Senhora - disse ele -, enquanto todos os nossos cortesãos =provam os seus trajos de gala, quis eu vir trocar com Vossa

Majestade =algumas palavras acerca dos meus negócios, que Vossa Majestade =continua a encarar como seus, não é assim?

- Certamente - respondeu Margarida -, porventura os nossos interesses =não são sempre os mesmos?

- Sim, minha Senhora; e é por esse motivo que eu vinha perguntar-lhe =o que pensa do Sr. de Alençon, que há dias anda a fugir de mim, a =ponto de se conservar retirado em São Germano desde anteontem. Não =será isso um meio para poder partir só, visto que é pouco =vigiado, ou um meio para não partir? Digne-se de me dar o seu =parecer; confesso-lhe que ele será para mim de grande peso.

- Vossa Majestade tem razão em se inquietar pelo silêncio de meu =irmão. Tenho pensado nisso todo o dia, e o que me parece é que,

=tendo mudado as circunstâncias, ele mudou com elas.

- Quer dizer que, vendo ele o rei Carlos doente, o duque de Anjou rei da =Polónia, não desestimaria conservar-se em Paris para guardar à =vista a coroa de França; não é isto?

- Justamente.

- Seja. É o mais que eu podia desejar - disse Henrique. - Se fica, =isso muda todo o nosso plano; porque, para partir só, preciso de =três vezes mais garantias do que precisaria para partir com

286

seu irmão, cujo nome e presença na empresa me serviriam de =salvaguarda. O que me admira unicamente é não ouvir falar de de =Mouy. Não é seu costume estar assim sem se mover. Não teria =tido por acaso alguma notícia dele, minha Senhora?

- Eu, senhor? - disse Margarida admirada - e como quer Vossa =Majestade.

- E que tinha isso, minha amiga? Nada haveria mais natural; não se =dignou Vossa Majestade, para me dar gosto, salvar a vida a La Mole?. =Esse mancebo devia ter ido a Nantes. e quando se lá vai, pode-se =voltar.

- Ah! eis o que me explica um enigma cuja decifração não podia =achar - respondeu Margarida. - Eu tinha deixado a janela aberta, e =quando entrei achei sobre o tapete uma espécie de bilhete.

- Então, não querem ver!. - disse Henrique.

- Um bilhete do qual nada compreendi a princípio, e ao qual não
=liguei importância alguma

- continuou Margarida. - Não tive razão talvez; quem sabe se ele
=não virá desse lado.

- É possível - disse Henrique -, ousarei mesmo dizer que é
=provável. Posso ver esse bilhete?

- Sem dúvida, Senhor - respondeu Margarida, entregando ao rei a
folha =de papel que tinha metido na algibeira.

O rei correu-a com os olhos.

- Esta letra não é do Sr. de La Mole? - disse ele.

- Não sei - respondeu Margarida -, o talhe pareceu-me
=contrafeito.

- Não importa; vejamos o que diz - acrescentou Henrique.

E leu:

Minha Senhora, preciso de falar ao rei de Navarra; o negócio é
=urgente. Espero.

- Então não vê?. - continuou Henrique - diz que espera.

- Bem vejo. - disse Margarida. - Mas que quer Vossa Majestade?

- Que quero?. Meu Deus! quero que ele venha!

- Que ele venha? - bradou Margarida, fixando no marido os seus
belos =olhos admirados

- como pode Vossa Majestade dizer semelhante coisa? Um homem a
quem o =rei quis matar. que está assinalado, ameaçado? que ele

venha! diz =Vossa Majestade; pois isso é possível? Fizeram-se
acaso as portas =para aqueles que foram.

- Obrigados a fugir pela janela. é isso que quer dizer?

- Justamente, acabou o meu pensamento.

- Pois, se assim é, se eles sabem o caminho da janela, tornem a
tomar =esse caminho, visto que não podem absolutamente entrar
pela porta. =Isto é muito simples.

- Crê isso? - disse Margarida, corando de prazer com a ideia de
se =tornar a ver junto de La Mole.

- Pois que dificuldades lhe acha?

- E como há-de subir? - perguntou a rainha.

- Vossa Majestade não guardou a escada de corda que lhe mandei?
Se o =não fez, desmentiu a sua providência habitual.

- Tenho-a ali - disse Margarida.

- Então não falta nada - disse Henrique.

- Que ordena então Vossa Majestade?

- Não há nada mais simples - respondeu Henrique -, ate-a à =varanda
e deixe-a cair. Se for de Mouy que espera (o que estou inclinado
=a crer), e se esse digno amigo quiser subir, não tardará a
=fazê-lo.

E sem perder nada da sua fleuma, Henrique pegou na vela para
alumiar =Margarida, enquanto

ela procurava a escada, que não custou muito a achar; estava fechada =num armário do famigerado gabinete.

- Aí está - disse Henrique -, é ela mesma. Agora, minha =Senhora, se não é abusar muito da sua condescendência, =peço-lhe que ate esta escada à varanda.

- Porque hei-de ser eu, e não Vossa Majestade? - disse Margarida.

- Porque os melhores conspiradores são os mais prudentes. A vista dum =homem perturbaria talvez o meu amigo; bem vê.

Margarida sorriu e atou a escada.

- Aí - disse Henrique, ficando oculto no canto do quarto -, esteja =bem à vista; agora mostre a escada. Belo! estou que de Mouy vai =subir.

Com efeito, passados dez minutos, um homem, ébrio de alegria, galgou =as grades da janela, e, vendo que a rainha não ia ao seu

encontro, =ficou hesitante alguns segundos. Mas, na falta de

Margarida, =apareceu-lhe Henrique.

- Oh! - disse ele graciosamente - não é de Mouy, é o Sr. de La =Mole. Boa noite, Sr. de La Mole; queira entrar.

La Mole ficou por um instante absorto. Talvez que se ainda estivesse =suspenso na escada, em vez de pousar em cheio sobre a janela, caísse =para trás.

- O senhor desejava falar com o rei de Navarra sobre negócios =urgentes - disse Margarida

-, preveni-o disso, e aqui o tem. Henrique foi fechar a janela.

- Quanto te amo! - disse Margarida, apertando vivamente a mão do
=mancebo.

- Então que temos, Senhor? - disse Henrique, apresentando uma
cadeira =a La Mole. - Que vem comunicar-me?.

- Que deixei o Sr. de Mouy na barreira - respondeu La Mole -, e
ele =deseja saber se Maurevel falou, e se se sabe que ele esteve
nos =apostos de Vossa Majestade.

- Ainda não, mas não tardará; convém portanto =apressarmo-nos.

- A opinião de Vossa Majestade é a dele, meu Senhor, e se =amanhã
à noite o Sr. de Alençon estiver pronto a partir, de =Mouy
achar-se-à na Ponte de S. Marcelo com cento e cinquenta homens;
=esperar-nos-ão quinhentos em Fontainebleau; e daí ganhará Vossa
=Majestade Blois, Angoulême e Bordéus.

- Minha Senhora - disse Henrique, voltando-se para a rainha -,
por minha =parte estarei pronto amanhã; e Vossa Majestade também
=estará?

Os olhos de La Mole pregaram-se nos de Margarida com profunda
=ansiedade.

- Vossa Majestade tem a minha palavra - disse a rainha -, seja
para onde =for, hei-de segui-lo; mas bem sabe que convém que o
Sr. de Alençon =parta ao mesmo tempo que nós. Nada de estabelecer
meio termo com ele: =ou nos serve, ou nos atraiçoa; se hesitar,
não nos movamos.

- Ele sabe alguma coisa deste projecto, Sr. de La Mole? - perguntou

=Henrique.

- Devia receber há dias uma carta do Sr. de Mouy.

- Que tal! - disse Henrique - e não me falou em coisa alguma!.

- Desconfie, Senhor - disse Margarida -, desconfie.

- Sossegue, eu estou em guarda. Como se poderá dar uma resposta

a de =Mouy?

- Não lhe dê isso cuidado, Senhor. À direita ou à esquerda =de

Vossa Majestade, visível ou invisível, amanhã, durante a

=recepção dos embaixadores, ele há-de lá estar: basta uma

=palavra no discurso da rainha que lhe dê a entender se Vossa

=Majestade consente ou não, se ele deve fugir ou esperar. Se o

duque =de Alençon recusar ele só pede quinze dias para reorganizar tudo =em nome de Vossa Majestade.

- Realmente - disse Henrique -, de Mouy é um homem precioso.

=Poderá Vossa Majestade intercalar no seu discurso a frase

esperada, =minha Senhora?

288

- Não há nada mais fácil - respondeu Margarida.

- Bem - disse Henrique -, procurarei amanhã o Sr. de Alençon; de

=Mouy que esteja no seu posto e faça por ouvir.

- Lá há-de estar, meu Senhor.

- Vá então levar-lhe a minha resposta, Sr. de La Mole. Tem

=certamente nas imediações do palácio um cavalo e um criado, =não

é assim?

- Orthon está-me esperando no cais.

- Trate de se lhe reunir, Senhor Conde. Oh! pela janela não, isso
=é bom para os casos extremos. Poderiam vê-lo, e não se sabendo
=que se expunha assim por minha causa, iria comprometer a rainha.

- Mas. por onde, meu Senhor?.

- Se não pode entrar no Louvre, pode sair comigo, que tenho a
senha. =O senhor tem o seu capote, eu tenho o meu:

embuçar-nos-emos ambos, e =atravessaremos a rede sem
dificuldade. Demais, desejo dar algumas ordens =particulares a
Orthon. Espere aqui; vou ver se está alguém nos =corredores.
Henrique saiu, com o ar mais natural do mundo, para ir explorar
o =caminho. La Mole ficou a sós com a rainha.

- Oh! quando a tornarei a ver? - disse La Mole.

- Amanhã à noite, se fugirmos; uma destas noites, na casa da Rua
=do Sino Rachado, se ficarmos.

- Sr. de La Mole - disse Henrique, entrando -, pode vir, não há
=ninguém. La Mole inclinou-se respeitosamente diante da rainha.

- Dê-lhe a sua mão a beijar - disse Henrique -, o Sr. de La Mole
=não é um servidor comum.

Margarida obedeceu.

- Não se esqueça - disse Henrique - de guardar bem a escada de
=corda; é um objecto precioso para conspiradores; pode-se

precisar =de la quando menos se esperar. Venha, Sr. de La Mole,
venha.

289

XLIII

OS EMBAIXADORES

No dia seguinte, toda a população de Paris tinha corrido para o arrabalde de Santo António, por onde se havia decidido que os embaixadores fariam a sua entrada. Uma ala de suíços sustinha a multidão, e destacamentos de cavalaria protegiam a circulação das carruagens dos senhores e das damas da corte que iam ao encontro do pródigo.

Não tardou a aparecer, na altura da Abadia de Santo António, um corpo de cavaleiros vestidos de vermelho e amarelo, com gorros e capas forradas de peles, e empunhando sabres largos e curvos como alfanges turcos.

Os oficiais marchavam nos flancos da linha.

Na retaguarda deste primeiro corpo vinha outro, equipado com um luxo verdadeiramente oriental. Precedia ele os embaixadores, que, em número de quatro, representavam magnificamente o mais mítico dos reinos cavaleiros do século xvi.

Um desses embaixadores era o bispo de Cracóvia. Trazia um vestuário meio pontifical, meio guerreiro, mas resplandecente de ouro e de pedras preciosas. O seu cavalo branco, de longas crinas soltas, e a passo de manejo, parecia lançar fogo pelas ventas; ninguém diria que havia um mês que aquele pobre animal andava quinze léguas por dia, por caminhos que o mau tempo havia tornado quase impraticáveis.

Ao lado do bispo vinha o palatino Lasco, poderoso senhor tão
chegado =que possuía a riqueza e tinha o orgulho dum rei.

Após os dois embaixadores principais, que eram acompanhados por
dois =palatinos de alta linhagem, vinha grande quantidade de
senhores polacos, =cujos cavalos, ajaezados de seda, de ouro e
pedras preciosas, excitaram =a estrondosa aprovação do povo.

Realmente, os cavaleiros =franceses, não obstante a riqueza das
suas equipagens, eram =completamente eclipsados por esses
recém-chegados, a quem =desdenhosamente chamavam bárbaros.

Catarina esperara até ao último momento que a recepção fosse
=outra vez adiada, e que a decisão do rei cedesse à sua fraqueza,
=que continuava. Mas logo que chegou o dia, quando ela viu Carlos,
=pálido como um espectro, revestir o esplêndido manto real,
=assentou que convinha dobrar-se na aparência a essa vontade de
ferro, =e começou a crer que o partido mais seguro para Henrique
de Anjou era =o magnífico exílio a, que estava condenado.

Além das poucas palavras que proferira, quando abriu os olhos no
=momento em que a mãe saía do gabinete, ainda Carlos não tinha
=falado a Catarina depois da cena que produzira a crise a que ele
por =pouco não sucumbira. Todos sabiam no Louvre que tinha havido
uma =terrível alteração entre eles, sem penetrarem a causa; e
ainda =os mais ousados tremiam dessa frieza e desse silêncio, como
tremem os =pássaros da calma ameaçadora que precede a tempestade.

No entanto, tudo se tinha preparado no Louvre, não como para uma =função, mas como para uma cerimónia lúgubre. A obediência =de cada um tinha sido triste e passiva. Sabia-se que Catarina havia =quase tremido, e todos tremiam.

Tinha-se preparado a sala grande de recepção do palácio, e como =semelhantes sessões eram ordinariamente públicas, fora dada ordem =às guardas e sentinelas para deixarem entrar com os embaixadores todo =o povo que as salas e os pátios pudessem conter.

Quanto a Paris, o seu aspecto era sempre o que a grande cidade apresenta =em circunstâncias semelhantes; isto é, movimento e curiosidade. =Porém, aquele que considerasse bem nesse dia a população da =capital, reconheceria entre os grupos compostos desses honestos =burgueses, naturalmente simplórios e de bocas abertas, bom número =de homens embuçados em grandes capotes, correspondendo-se por olhares =e acenos quando estavam a distância e trocando em voz baixa algumas =palavras rápidas e significativas todas as vezes que se aproximavam. =Esses homens, quanto ao mais, mostravam-se muito entretidos com o =préstito, eram dos primeiros que o seguiam, e pareciam receber as =ordens dum velho venerando, cujos olhos negros e vivos faziam =sobressair, apesar da barba branca e das sobrancelhas grisalhas,

a =atividade dos verdes anos. Com efeito, esse velho, ou por seus
=próprios meios, ou ajudado pelos esforços dos companheiros,
=conseguiu ser dos primeiros que se introduziu no Louvre e, graças
=à complacência do chefe dos suíços, digno huguenote, muito
=pouco católico apesar da sua conversão, achou meio de se postar
=por detrás dos embaixadores, justamente defronte de Margarida
e de =Henrique de Navarra.

Henrique, prevenido por La Mole que de Mouy devia, sob um disfarce
=qualquer, assistir à sessão, olhava para todos os lados. Os seus
=olhos depararam, finalmente, com os do velho, e não o deixaram
mais. =Um sinal de de Mouy desvanecera todas as dúvidas do rei
de Navarra, =porque de Mouy estava tão bem disfarçado, que o
próprio =Henrique duvidara que esse homem de barbas brancas
pudesse ser o mesmo =intrépido chefe dos huguenotes que cinco ou
seis dias antes se =defendera com tanto denodo.

Uma palavra de Henrique, pronunciada ao ouvido de Margarida,
fixou o =olhar da rainha em de Mouy. Os seus belos olhos
alongaram-se depois para =todos os cantos da sala; procurava La
Mole, mas inutilmente: La Mole =não estava ali.

Começaram os discursos. O primeiro foi dirigido ao rei. Lasco
pedia- =lhe, em nome da Dieta, que assentisse a que a coroa da
Polónia fosse =oferecida a um príncipe da Casa de França.

Carlos respondeu com uma adesão precisa, apresentando o duque de

=Anjou, seu irmão, de cujo valor ele fez grande elogio aos enviados =polacos. Falava em francês, e um intérprete traduzia a sua =resposta no fim de cada período. Enquanto, porém, falava esse =intérprete, podia-se ver que o rei chegava à boca um lenço, que =de todas as vezes vinha tinto de sangue.

Quando terminou a resposta de Carlos, Lasco voltou-se para o duque de =Anjou, inclinou-se, e começou um discurso latino, no qual lhe =oferecia o trono em nome da nação polaca.

O duque respondeu na mesma língua, dizendo, com uma voz acompanhada =de certa emoção (que em vão buscava conter) que aceitava com =reconhecimento a honra que se lhe fazia. Por todo o tempo que seu =irmão falou, Carlos esteve de pé, com os lábios cerrados e os =olhos fixos nele, imóveis e ameaçadores como os duma águia.

Quando o duque de Anjou acabou, Lasco pegou na coroa, que lhe =apresentaram numa almofada de veludo carmesim, e enquanto dois senhores =polacos revestiam o duque de Anjou com o manto real, depôs ele a =coroa nas mãos de Carlos.

Carlos fez um sinal a seu irmão. De Anjou veio ajoelhar-se diante =dele, e Carlos pôs-lhe por suas mãos a coroa na cabeça: feito =isto, trocaram os dois reis o ósculo mais odioso que dois irmãos =jamais trocaram.

Imediatamente, bradou um arauto:

Alexandre Eduardo Henrique de França, duque de Anjou, está coroadado =rei da Polónia. Viva o rei da Polónia!

Toda a assembleia repetiu num só brado:

Viva o rei da Polónia!

Lasco voltou-se então para Margarida. O discurso da bela rainha fora =guardado para o último lugar. Ora, como era uma galantaria que lhe =fora concedida para fazer brilhar o seu belo génio, como então se =dizia, todos prestaram grande atenção à resposta, que devia ser =em latim. Já dissemos que era composição de Margarida. O discurso de Lasco foi mais um elogio do que um discurso. Apesar de =sármata, cedera à admiração que a todos inspirava a bela =rainha de Navarra.

Servindo-se da língua de Ovídio, empregou o estilo de Ronsard e =disse que, partindo de Varsóvia no meio da mais profunda noite, nem =ele nem os seus companheiros dariam certamente com o caminho se, como os =reis Magos, e ainda mais felizes do que estes, não tivessem sido =guiados por duas estrelas, cujo fulgor se tornava mais vivo à =proporção que eles se aproximavam de França, e que reconheciam =agora serem os dois belos olhos da rainha de Navarra. Passado, final =mente, do Evangelho ao Alcorão, da Síria à Arábia Pétreia, =de Nazaré a Meca, terminou dizendo que estava pronto a fazer o que =faziam os ardentes sectários do Profeta, os quais, logo que haviam =tido a ventura de contemplar o seu túmulo,

arrancavam os olhos, =julgando que, depois do gozo dum a tão bela vista, não havia mais =nada no mundo que valesse a pena admirar.

Este discurso foi coberto de aplausos da parte daqueles que falavam =latim, porque partilhavam a opinião do orador; e da parte dos que =não entendiam, porque queriam afectar o contrário.

Margarida dirigiu primeiro uma graciosa reverência ao galante =sármata, e fixando depois os olhos em de Mouy, ao mesmo tempo que =respondia ao embaixador, começou nestes termos:

Quod nunc hac aula inesperatx adestis exultaremus ego et rex conjux nisi =ideo immineret calamitas, scilicet non solum frams sed etiam amici =oróitas.

Estas palavras tinham dois sentidos; dirigindo-se a de Mouy, podiam ser =aplicadas a Henrique de Anjou. Por isso fez este último uma =saudação em sinal de reconhecimento.

Carlos não se recordou de haver lido esta frase no discurso que lhe =fora mostrado alguns dias antes; mas não ligava grande importância =às palavras de Margarida, que sabia não serem mais do que um =discurso de simples cumprimento. Demais, ele compreendia muito mal o =latim.

Margarida continuou:

Adeo dolemur a te dividi ut tecumprnsá maluissemus. Sed idem fatum guo =nunc sine ulla mora Lutetia mora cederejuberis hac in urbe detinet =Profscere ergo, frater proscere amice: proscere sine

noóis. Prof. =sciscentem seg'uuntur apes et desideria nostra. 2

1. A vossa presença inesperada nesta corte encher-nos-ia de =júbilo, a mim e a el-rei meu marido, se não viesse pro duzir um =grande infortúnio, isto é, não só a perda dum irmão como =a dum amigo.

2Desespera-nos ficarmos separados de ti, quando muito desejavamos =acompanhar-te; porém, o mesmo destino que te manda sair de Paris sem =demora, nos prende a nós nesta cidade. Parte, pois, caro irmão; =parte, caro amigo; parte sem nós.

Acompanhar-te-ão a nossa =esperança e os nossos desejos.

292

Como é de crer, de Mouy escutava com profunda atenção estas =palavras, que, dirigidas aos embaixadores, eram proferidas só para e =ele; Henrique não deixara por duas ou três vezes de fazer um sinal =negativo com a cabeça para que o jovem huguenote compreendesse que de =Alençon tinha recusado; mas esse gesto, que podia ser um efeito do =acaso, pareceria insuficiente a de Mouy, se as palavras de Margarida o =não tivessem confirmado.

Ora, enquanto ele olhava para Margarida, e parecia ser todo ouvidos, os =seus olhos pretos, tão brilhantes sob sobranceiras grisalhas, =chamaram a atenção de Catarina, que estremeceu como o faria =recebendo um choque eléctrico, e que não deixou mais de olhar para =esse lado da sala.

Que figura tão célebre! - disse ela consigo, continuando a compor
=o semblante conforme as leis do cerimonial. - Quem será este
homem =que olha com tanta atenção para Margarida, e que ela e o
rei de =Navarra tanto encaram?

A rainha de Navarra continuava entretanto o seu discurso, que
desde =então não continha mais do que a resposta aos cumprimentos
dos =embaixadores. Catarina quebrava a cabeça querendo adivinhar
o nome =daquele belo velho, quando o mestre de cerimónias se
chegou por =de trás dela e lhe entregou um saquinho de cetim
perfumado, que =continha um papel dobrado em quatro partes. Abriu
o saquinho, tirou o =papel e leu estas palavras:

Maurevel ganhou algumas forças depois de tomar um cordial que lhe
=dei, e pôde escrever o nome do homem que estava no quarto do rei
de =Navarra. Esse homem é o Sr de Mouy.

De Mouy. - disse a rainha consigo. - Oh! eu tinha um pressentimento
que =era ele. Mas, aquele velho. por Deus! aquele velho é.

Catarina ficou com os olhos fixos e a boca aberta.

Inclinando-se depois ao ouvido do capitão das guardas, que estava
ao =seu lado, disse-lhe:

- Olhe, mas de modo que se não perceba, para o Sr. Lasco, aquele
que =está falando; não vê por detrás dele um velho de barbas
=brancas, vestido de veludo preto?.

- Vejo, sim, minha Senhora - respondeu o capitão.

- Bom. Não o perca de vista.

- É aquele a quem o rei de Navarra está fazendo um sinal?

- Justamente. Vá postar-se na porta do Louvre com dez homens; e

=quando ele sair, convide-o para jantar da parte do rei de

Navarra. Se =ele aceitar, conduza-o para um quarto e conserve-o

preso. Se resistir, =segure-o e traga-o morto ou vivo. Vá, vá já!

Felizmente, Henrique, pouco atento ao discurso de Margarida,

estava =olhando para Catarina sem perder uma só expressão do seu

rosto. Ao =ver os olhos da rainha-mãe tão encarniçadamente

pregados em de =Mouy teve receio; e ao ver-lhe dar uma ordem a

capitão das guardas, =percebeu tudo.

Foi nesse momento que fez o gesto que o Sr. de Nancey surpreendera,

e =que, na língua dos sinais, queria dizer: está descoberto, fuja

=imediatamente!

De Mouy percebeu esse gesto, que rematava tão bem a porção que

=lhe coubera do discurso de Margarida. Não esperou que lho

repetissem: =perdeu-se por entre a multidão e desapareceu.

Mas Henrique não ficou sossegado senão quando viu o Sr. de Nancey

=voltar para junto de Catarina, e percebeu, pela contração do

=rosto da rainha-mãe, que ele lhe dava parte de que tinha chegado

=muito tarde.

A audiência estava acabada. Margarida trocava ainda algumas

palavras =não oficiais com Lasco. O rei levantou-se com

dificuldade, =cumprimentou a todos e saiu encostado ao ombro de Ambrósio Paré, =que não se tirava de ao pé dele desde o acidente que lhe =sobreviera.

Catarina, pálida de cólera, e Henrique, mudo de dor, acompanharam- =no. Quanto ao duque de Alençon, tinha ficado completamente no escuro =durante a cerimónia.

293

Os olhos de Carlos, que se não tinham desviado um só instante do =duque de Anjou, nenhuma vez se empregaram nele.

O novo rei da Polónia sentia-se perdido.

Longe da mãe, arrebatado por esses bárbaros do Norte, estava qual =outro Anteu, esse filho da Terra que perdia as forças levantado nos =braços de Hércules. Uma vez fora das fronteiras, o duque de Anjou =considerava-se excluído para sempre do trono de França.

Assim, em vez de acompanhar o rei, retirou- se para os aposentos da =rainha-mãe. Achou-a não menos sombria e não menos preocupada do =que ele mesmo, porque não pensava senão nesse semblante sagaz e =escarnecedor que não perdera de vista por todo o tempo da =cerimónia, nesse bearnês, a quem o destino parecia abrir lugar, =varrendo em torno dele reis, príncipes assassinos, os seus inimigos e =os seus obstáculos.

Ao ver o filho predilecto pálido sob a coroa, quebrantado sob o manto =real, pondo, sem dizer uma palavra, em ar de súplica, as suas belas =mãos que se pareciam com as da mãe, Catarina

levantou-se e foi ao =seu encontro.

- Oh! minha mãe! - bradou o rei da Polónia - eis-me condenado a
=morrer no exílio!

- Meu filho - disse Catarina -, já se esqueceu tão depressa da
=predição de Renato? Sossegue, não há-de estar lá muito =tempo.

- Minha mãe, rogo-lhe, com toda a instância, que me previna ao
=primeiro sinal, à primeira suspeita de que a coroa de França
=esteja para vagar.

- Sossegue, meu filho - disse Catarina. - Até ao dia que ambos
=esperamos, haverá incessantemente na minha cavalaria um cavalo
=selado, e na minha antecâmara um correio pronto a partir para
a =Polónia.

294

ORESTES E PÍLADES

Logo que partiu o duque de Anjou, pode dizer-se que a paz e a
felicidade =voltaram a sentar-se no Louvre, ao lado dessa família
de atridas.

Carlos, esquecendo a sua melancolia, recobrava a sua vigorosa
saúde, =caçando com Henrique, e falando de caça com ele nos dias
em que =não podia caçar; só não lhe levava a bem uma coisa: era
a =sua indiferença pela volataria, dizendo-lhe que seria um
príncipe =perfeito se soubesse adestrar os falcões, os gerifaltes
e os =açores, como sabia ensinar galgos e perdigueiros.

Catarina havia-se tornado boa mãe: dócil para Carlos e para de
=Alençon, carinhosa para Henrique e Margarida, agradável para as
=Sr. de Nevers e de Sauve; e, como pretexto de que Maurevel fora
ferido =no cumprimento duma ordem sua, levou a bondade da alma
ao ponto de ir =visitar por duas vezes esse oficial, convalescente
na sua casa da Rua do =Cerejal.

Margarida continuava nos seus amores à espanhola.

Todas as noites abria a janela, e correspondia-se com La Mole por
sinais =e por escrito; e em todas as cartas lembrava o mancebo
à sua bela =rainha a promessa que esta lhe fizera de alguns doces
instantes, em =prémio do seu exílio, na Rua do Sino Rachado.

Uma única pessoa estava só no Louvre, presentemente tão calmo,
=tão sossegado. Essa pessoa era o nosso amigo conde Aníbal de
=Cocunás.

Era certamente já alguma coisa para ele, o saber que La Mole vivia;
=era muito continuar a ser o preferido da Sr de Nevers, a mais
jovial e =fantástica de todas as mulheres. Mas toda a ventura
desses =entretenimentos a sós com a bela duquesa, todo o sossego
de =espírito que Margarida dava a Cocunás a respeito da sorte do
amigo =comum, não valiam aos olhos do piemontês uma hora passada
com La =Mole em casa de La Hurière, diante dum canjirão de bom
vinho, ou =duma dessas aventurosas excursões feitas por todos os
lugares de =Paris, onde um honrado fidalgo podia apanhar alguns

rasgões na pele, =na bolsa ou no gibão.

A Sr. de Nevers, devemos confessá-lo para vergonha da humanidade,
=suportava com impaciência essa rivalidade de La Mole. Não era
=porque ela detestasse o provençal; pelo contrário: arrastada
pelo =instinto irresistível que faz com que toda a mulher seja
travessa, a =seu pesar, com o amante doutra mulher,
principalmente quando esta é =sua amiga, não tinha ela poupado
para com La Mole os raios dos seus =olhos de esmeralda, e Cocunás
teria razão de invejar os francos =apertos de mão e o dispêndio
de amabilidades feito pela duquesa a =favor do seu amigo, nesses
dias de capricho em que o astro do =piemontês parecia amortecer-se
no céu da sua bela amante; mas =Cocunás, que não faria cerimónia
alguma para esganar quinze =pessoas por um só piscar de olhos da
sua dama, tinha tão poucos =ciúmes de La Mole, que muitas vezes,
em virtude dessas =inconsequências da duquesa, não duvidara
fazer-lhe ao ouvido =certas confidências, com que o provençal
havia corado.

295

Este estado de coisas obrigou Henriqueta, a quem a ausência de
La =Mole privava de todas as vantagens que lhe procurava a
companhia de =Cocunás, isto é, da sua inexaurível jovialidade e
dos seus =insaciáveis caprichos de prazer, a vir um dia procurar
Margarida, a =fim de lhe suplicar que lhe restituisse esse

parceiro obrigado, sem o =qual o espírito e o coração de Cocunás se evaporavam =diariamente.

Margarida, sempre compassiva, e demais a mais excitada pelas rogativas =de La Mole e pelos desejos do seu próprio coração, conveio em =encontrar-se com Henriqueta no dia seguinte na casa das duas portas, a =fim de tratar ali a fundo dessas matérias numa conversação que =ninguém pudesse interromper.

Cocunás não recebeu com muito bom humor o bilhete de Henriqueta, =que o convidava para a Rua Tizon às nove horas e meia; não =obstante, não deixou de lá ir, e já ali achou Henriqueta, =bastante agastada por ter chegado primeiro.

- Ora, Sr. Cocunás - disse-lhe ela -, parece-me que não é muita =cortesia fazer esperar assim, já não digo uma princesa, mas uma =mulher!

- Esperar? - disse Cocunás - isso é mesmo seu! Eu aposto, pelo =contrário, que ambos andámos muito adiantados.

- Eu, sim.

- Ah! e eu também; aposto que não são mais de dez horas.

- Mas o meu bilhete dizia às nove e meia.

- Por isso parti do Louvre às nove horas; e não o fiz antes porque =estou hoje de serviço junto do Sr. de Alençon, o que (di-lo-ei de =passagem) faz com que me não possa demorar aqui mais de uma hora.

- O que decerto estima bastante.

- Juro-lhe que não. O Sr. de Alençon é um amo muito enfadonho e =impertinente; e a ter de aturar enfados e repreensões, antes quero =recebê-los numa linda boquinha como a da Senhora Duquesa, do que numa =boca torta como a dele.

- Está bem - disse a duquesa -, isso já é um pouco mais =agradável de ouvir. Dizia então que tinha saído às nove =horas do Louvre?

- É verdade, e com tenção de vir direito aqui; mas, olhando =para a esquina da Rua de Grenelle, descobri um homem que me pareceu La =Mole.

- Oh! ainda La Mole!

- Não só ainda, mas sempre, com sua licença ou sem ela.

- Atrevido!

- Bravo! - disse Cocunás - tornamos aos nossos galanteios?

- Não; mas acabe com as suas histórias.

- Não sou eu que peço para as contar; a senhora é que me =está perguntando porque cheguei tarde.

- Decerto; pois era eu que devia chegar primeiro?.

- E a senhora não espera por ninguém?

- Está hoje impaciente, meu caro!. Mas, continue: descobriu então =na esquina da Rua de Grenelle um homem que lhe pareceu La Mole.

Mas. que =é isso que tem no gibão? é sangue?

- Bravo! mais outro que me salpicou ao cair.

- Então bateu-se?

- Que dúvida!

- Pelo seu La Mole?

- E então por quem quer que me bata? por uma mulher?.

- Muito obrigada!

- Sigo o tal homem que tinha o desaforo de se parecer com o meu amigo. =Alcanço-o na Rua Coquillière, passo-lhe adiante, e examino-o à =luz duma loja. Não era ele.

- Bem feito!

- Sim, mas saiu-lhe caro o negócio. O senhor é muito tolo - disse-
=lhe eu - por se atrever a parecer-se de longe com o meu amigo Sr. de La =Mole, que é um cavaleiro completo de longe, porque de perto bem se =vê que não é senão um grande tolo. Ao ouvir isto, puxou da =espada, e eu fiz o mesmo. Ao terceiro bote (veja que desastrado!), caiu =salpicando-me de sangue.

- E acudiu-lhe, ao menos?

- Ia fazê-lo, quando passou um cavaleiro. Ah! desta vez, duquesa, =estou certo que era La Mole. Infelizmente o cavalo ia a galope. Pus-me a =correr atrás do cavalo; e a gente que se juntara para me ver bater, =correu atrás de mim. Receando, ao ouvir o alarido de toda essa =canalha, que me tomassem por um ladrão que fugia, tive de me voltar =para a dispersar, o que me fez perder algum tempo. Neste comenos =desaparecera o cavalo. Fui à procura dele,

perguntei a todos, dei a =cor do cavalo; mas qual! tudo foi inútil; ninguém havia reparado. =Finalmente, não tendo mais que fazer, vim para cá.

- Não tendo mais que fazer!. - disse a duquesa - isso é realmente =para agradecer!

- Ouça, querida duquesa - disse Cocunás, atirando-se =negligentemente para uma poltrona -, a senhora vai tornar a =mortificar-me por causa do pobre La Mole; pois se o fizer, não tem =razão. Olhe, a amizade. Eu quisera possuir o espírito ou a =ciência desse pobre amigo, só assim é que depararia com alguma =comparação pela qual a senhora pudesse conhecer a fundo o meu =pensamento. Olhe, a amizade é uma estrela, ao passo que o amor. o =amor. Achei a comparação: o amor é apenas uma vela. Dir- =me-á que há diferentes espécies.

- De amores?

- Não, de velas; e que entre essas espécies há alguma que se =deve preferir: a vela cor-de-rosa, por exemplo - seja a cor-de-rosa -, =é a melhor; mas, apesar dessa linda cor, a vela gasta-se, ao passo =que a estrela brilha sempre. Talvez que a senhora me responda a isto =que, quando a vela está gasta, põe-se outra no castiçal.

- Sr. de Cocunás! isso é ser atrevido.

- Basta!

- É ser descarado.

- Basta! basta!

- É ser insolente.

- Minha Senhora, previno-a de que me vai fazer lamentar três vezes

=mais a ausência de La Mole.

- O senhor já não me ama.

- Pelo contrário, duquesa; vejo que não entende nada disto:

=idolatro- a. Mas, posso amá-la, querê-la, idolatrá-la e nas

=horas vagas fazer o elogio do meu amigo.

- Então chama horas vagas àquelas em que está junto de mim?

- E então, que quer? o pobre La Mole está continuamente na minha

=ideia.

- Prefere-o a mim! isso é indigno. Olhe, Aníbal, detesto-o. Ouse

=ser franco, diga-me que o prefere. Mas, Aníbal, advirto-o de que,

se =prefere a mim alguma coisa no mundo.

- Henriqueta, duquesa mais do que todas bela! peço-lhe, pelo seu

=próprio sossego, que não me faça perguntas indiscretas. Amo-a

=mais do que todas as mulheres, mas amo La Mole mais do que todos

os =homens.

- Bem respondido! - disse subitamente uma voz estranha.

E uma cortina de damasco, levantada diante duma grande porta

=corrediça, que abria uma comunicação entre os dois quartos,

=deixou ver La Mole, postado dentro do quadro dessa porta como

um belo =retrato de Ticiano na sua moldura dourada.

297

- La Mole!. - bradou Cocunás, sem reparar em Margarida nem tratar de =lhe agradecer a surpresa que ela lhe tinha preparado - La Mole, meu =amigo! meu caro La Mole!

E lançou-se nos braços do seu amigo, fazendo cair a poltrona em =que estava sentado e a mesa que havia no caminho.

La Mole, correspondendo com efusão aos seus abraços, e ao mesmo =tempo dirigindo-se à duquesa de Nevers, disse:

- Perdoe-me, minha Senhora, se o meu nome, pronunciado entre Vossa =Alteza e o meu amigo, pôde algumas vezes alterar a encantadora =inteligência em que ambos estão; com toda a verdade lhe afirmo - =acrescentou ele, olhando com ternura para Margarida - que não =dependeu de mim torná-la a ver mais cedo.

- Então, Henriqueta - disse Margarida por sua vez -, não cumprí a =minha palavra? Aqui o tens.

- Foi então só aos rogos da Senhora Duquesa que devi esta ventura? =- perguntou La Mole.

- Só aos seus rogos - respondeu Margarida.

E voltando-se depois para La Mole, disse:

- La Mole, permito-lhe que não acredite uma só palavra do que =digo.

Durante este tempo, Cocunás, que tinha abraçado dez vezes o seu

=amigo, que tinha andado vinte vezes à roda dele, e que lhe havia
=aproximado um candelabro do rosto para o ver bem à sua vontade,
foi =ajoelhar diante de Margarida e beijou-lhe a barra do vestido.
- Ora ainda bem - disse a duquesa -, agora começará a achar-me
=suportável.

- O quê! - bradou Cocunás - vou achá-la, como sempre, =adorável!
A diferença é que lho hei-de dizer de muito melhor =vontade; oxalá
tivesse eu aqui uma trintena de polacos, de sármas =tas e de outros
bárbaros hiperbóreos, para os obrigar a confessar =que a duquesa
de Nevers é a rainha das belas.

- Olá! devagar Cocunás, devagar! - disse La Mole - e então
=Margarida.

- Não me desdigo - bradou Cocunás, com esse tom meio sério meio
=faceto que só ele sabia tomar -, Henriqueta é a rainha das belas
e =Margarida é a mais bela das belas rainhas.

Mas, por mais que dissesse ou fizesse, o piemontês, todo entregue
=à ventura de tornar a ver o seu caro La Mole, não tinha olhos
=senão para ele.

- Venha, minha bela rainha, venha; deixemos por uma hora estes
bons =amigos para conversarem a seu gosto; eles têm mil coisas
a dizer um =ao outro que viriam transtornar a nossa conversação.
É duro =para nós; mas previno-a de que é o único remédio capaz
de =sarrar completamente o Sr. Aníbal. Faça isso por amor de mim,

minha =rainha, já que eu faço a asneira de amar esta ruim cabeça,
como =diz o seu amigo La Mole.

Margarida disse algumas palavras ao ouvido de La Mole, o qual,
por mais =desejos que tivesse tido de tornar a ver o seu amigo,
não =desestimaria que a ternura de Cocunás fosse menos exagerada.
Neste =intervalo, Cocunás tentava, à força de protestos, obter
um =sorriso natural e uma palavra doce dos belos lábios de
=Henriqueta.

As duas senhoras passaram então para a sala do lado, onde estava
=posta a ceia. Os dois amigos ficaram a sós.

Os primeiros pormenores que Cocunás exigiu do seu amigo foram,
como =era de supor, os dessa fatal noite em que ele por um triz
que não =perdeu a vida. À proporção que La Mole ia narrando o que
lhe =acontecera, o piemontês, que a este respeito, não era, como
=sabemos, muito fácil de comover, sentia estremecer-lhe todo o
=corpo.

- E porque é que - perguntou ele -, em vez de correres pelos campos,
=como fizeste, e de me dar tanto cuidado, não te foste refugiar
nos =apostos do nosso amo? O duque, que te havia defendido, não
deixaria =de te dar asilo. Assim teria eu continuado a estar junto
de ti, e a =minha tristeza, posto que fingida, iludiria do mesmo
modo esses papalvos =da corte.

- Nosso amo - disse La Mole em voz baixa - o duque de Alençon?

- Sim. Depois que o ouvi, fiquei certo que foi a ele que deveste

a =vida.

- A vida devo-a ao rei de Navarra - respondeu La Mole.

- Oh! - bradou Cocunás - estás certo disso?

- Certíssimo.

- Oh! bom e excelente rei!. Mas, que faria o duque de Alençon no meio =de tudo isso?

- Trazia a corda para me estrangular.

- Ah! cão! - bradou Cocunás - estás certo de que dizes, La =Mole?

O quê! pois esse príncipe desbotado, esse fraldiqueiro, esse

=gosmento, atreveu-se a querer estrangular o meu amigo? Com mil

diabos! =prometo-te que amanhã ele há-de saber o que eu penso duma

tal =acção.

- Estás doido?

- Tens razão, poderia fazer outra. Mas não importa, isso não

=há-de ficar assim!

- Basta, Cocunás; sossega, e lembra-te de que já deram onze horas

=e meia, e que estás de serviço esta noite.

- Bem me importa a mim o serviço dele! Conte com isso, que está

=aviado! O meu serviço!. Eu, servir um homem que trazia corda?

Tu =estás brincando! Não. isto foi mesmo a Providência. Estava

=escrito que eu devia achar-te para te não largar mais. Fico aqui.

- Mas reflecte um pouco, desgraçado, pois creio que não estás =ébrio.

- Felizmente! porque se o estivesse, lançava fogo ao Louvre.

- Aníbal - tornou La Mole -, atende a razão. Volta para o paço.

=O serviço é uma coisa sagrada.

- Voltas tu comigo?

- Isso é impossível.

- Querer-te-iam ainda matar?

- Creio que não. Não tenho tanta importância para que haja um

=trama concertado contra mim, ou uma resolução seguida. Quiseram

=matar-me num momento de capricho, e nisso ficou tudo: eram os

=príncipes que se queriam divertir aquela noite.

- Que fazes agora?

- Eu? nada: vagueio por aí, passeio.

- Pois passearei como tu. É uma bela ocupação. E daí, se te

=atacarm, somos dois, havemos de lhes dar que fazer. Que venha

para =cá o insecto do teu duque: hei-de pregá-lo como uma

borboleta na =parede!

- Mas pede-lhe licença.

- Licença sem limite.

- Nesse caso, previne-o de que te separas dele.

- É muito justo. Concordo. Vou escrever- lhe.

- Escrever-lhe? isso é muita sem- cerimónia, Cocunás; a um

=príncipe de sangue!.

- De sangue? do sangue do meu amigo. Pois cuidas - bradou Cocunás,

=volvendo os seus grandes olhos trágicos - que eu faço caso de

=etiquetas?.

Com efeito - disse La Mole consigo - daqui a alguns dias não

=precisará nem do príncipe nem de ninguém, porque irá =connosco

se quiser.

Cocunás pegou portanto na pena sem mais oposição da parte do =seu

amigo, e escreveu expeditamente o seguinte:

Senhor Duque:

Não é crível que Vossa Alteza, versado como é nos autores da

=Antiguidade não saiba a história tocante de Orestes e de Pilades,

=que eram dois heróis famigerados pelas suas desventuras epela

=amizade

300

que os unia. O meu amigo la Mole não é menos desditoso do gue

=Orestes e eu não sou menos terno do que Pilades. Ele tem neste

=momento grandes ocupações que exigem o meu auxilio; portanto,

=é-me impossível separar-me dele. Isto me obriga a tomar por algum

=tempo uma dispensa de serviço, se Vossa Alteza não mandar o

=contrário, pois estou resolvido a ligar-me à fortuna dele, seja

=onde for que a sorte me conduza. Por aqui fará Vossa Alteza ideia

de =quão grande é a violência que me arranca do seu serviço, em

=virtude da qual não desespere de alcançar o meu perdão, e ousou
=continuar a considerar-me com o maior respeito, de Vossa Alteza
Real =humilíssimo e obediente criado, Anibal conde de Cocunás,
amigo =inseparável do Sr de La Mole.

Terminada esta obra-prima, leu-a Cocunás em voz alta a La Mole,
que =encolheu os ombros.

- Então? que te parece? - perguntou Cocunás, que não vira o
=movimento, ou que afectava não o ver.

- Digo - respondeu La Mole - que o Sr. de Alençon se vai rir de
=nós.

- De nós?

- Conjuntamente.

- Antes isso do que nos estrangular separadamente.

- Oh! - disse La Mole, rindo - uma coisa não embaraçará talvez
=a outra.

- Pois suceda o que suceder, amanhã de manhã mando a carta. Onde
=vamos nós ficar quando sairmos daqui?

- À hospedaria de mestre La Hurière, no pequeno quarto onde tu
me =quiseste apunhalar quando não éramos ainda Orestes e Pilades;
=creio que te lembras.

- Bem, mandarei a minha carta ao Louvre pelo nosso estalajadeiro.

Neste momento abriu-se a porta de correição.

- Então? - perguntaram as duas princesas ao mesmo tempo - em que

=ponto estão Orestes e Pilades?

- Estão morrendo de fome e de amor, minhas Senhoras - respondeu

=Cocunás. Foi com efeito mestre La Hurière quem, no dia seguinte,

=às nove horas da manhã, levou a respeitosa carta do Sr. Aníbal

=de Cocunás.

301

XLV

ORTHON

A amizade de Henrique para com o duque de Alençon, mesmo depois da =recusa deste, que se fundava, além de tudo, no perigo que corria a =sua própria vida, tornara-se ainda maior, se era possível, do que =fora até então.

Catarina concluiu dessa intimidade que não só os dois príncipes =se entendiam, mas que até conspiravam juntos. Interrogou Margarida a =este respeito; porém Margarida era sua digna filha; e a rainha de =Navarra, que sabia como ninguém evitar uma explicação =arriscada, livrou-se de tal modo das perguntas da mãe, que, depois de =responder a todas, deixou-a mais embaraçada do que nunca.

A florentina não teve pois outro fio que a dirigisse senão esse =instinto de enredadora que trouxera da Toscana, que era o mais enredador =dos pequenos Estados dessa época, e esse sentimento de rancor que =bebera na corte de França, que era nesse tempo a corte mais dividida =em interesses e opiniões.

Ela viu logo que uma parte da força do Bearnês provinha da =aliança dele com o duque de Alençon; por conseguinte resolveu =isolá- lo. Desde o dia em que tomou essa resolução, empregou, para pôr o =filho em estado de sítio, toda a paciência e habilidade do =pescador que, lançando a rede longe do peixe, a vem arrastando

=insensivelmente até que o envolve por todos os lados.

O duque Francisco percebeu esta reduplicação de carinhos, e pela
=sua parte voltou-se um tanto para a mãe. Henrique fingiu, porém,
=que nada via, e vigiou o seu aliado de mais perto do que o fizera
até =então.

Cada um esperava um acontecimento.

Ora, enquanto estavam na expectativa desse acontecimento, certo
para uns =e provável para outros, uma manhã em que o Sol nascera
rosado e =destilando o brando calor e doce perfume que são
prenúncios dum =belo dia, um homem pálido, encostado a uma bengala
e andando a custo, =saiu duma pequena casa situada por detrás do
Arsenal e tomou pela Rua =do Petit-Musc.

Junto à Porta de Santo António, e depois de ter torneado o passeio
=que rodeava os fossos da Bastilha como um prado pantanoso, deixou
o =baluarte grande à esquerda, e entrou no Jardim da Besta, cujo
=porteiro o recebeu com grandes cortesias.

Não havia ninguém no jardim, o qual, como se depreendia do seu
=nome, pertencia a uma sociedade particular, a dos besteiros.

Mas, se por =ali estivessem alguns espectadores, o homem pálido
despertar-lhes-ia =decerto algum interesse, porque, pelos
compridos bigodes, pelo passo, =que conservava uma cadência
militar, posto que um tanto frouxo em =virtude do seu padecimento,
bem se via que era algum oficial =recém-ferido que procurava

fortalecer-se com um passeio moderado, e =recobrava a vida ao calor do Sol.

302

Não obstante (que singularidade!), quando sucedia abrir-se o capote =com que esse homem estava coberto, apesar do calor que começava a =sentir-se, viam-se-lhe duas compridas pistolas pendentes dos fechos de =prata do cinturão, o qual prendia, além disso, um grande punhal, e =sustinha uma espada que ninguém diria que ele pudesse desembainhar, =por colossal que era, e que, completando este arsenal ambulante, lhe =batia com a bainha pelas pernas descarnadas e trémulas. Ainda mais: =como adição a todas estas precauções, posto que =solitário, lançava a cada passo em torno de si um olhar =perscrutador, como se quisesse inquirir cada uma das alamedas, as cercas =e os fossos.

Foi assim que esse homem se entranhou no jardim, e que a custo chegou a =uma espécie de caramanchão que dava para os baluartes,

dos quais =estava apenas separado por uma cerca espessa e por um pequeno fosso. =Ali, estendeu-se sobre um banco de relva próximo duma pequena mesa, =para onde o guarda do estabelecimento, que reunia o título de =porteiro e a indústria do taberneiro, lhe trouxe daí a um instante =uma espécie de cordial.

Havia dez minutos que o doente estava ali; e já por vezes levava à =boca a tigela de louça, cujo conteúdo ia bebendo aos goles, =quando, apesar da extraordinária palidez de que estava coberto,

o =rosto lhe tomou repentinamente uma expressão medonha. Acabava de =descobrir um cavaleiro embuçado num grande capote, que, vindo do lado =da Cruz Faubin por uma vereda, que é hoje a Rua de Nápoles, parou =junto do baluarte e esperou.

Cinco minutos depois, e quando o homem pálido, em quem o leitor já =deve ter reconhecido o capitão Maurevel, apenas tivera tempo de =sossegar um pouco do abalo que sofrera, chegou pelo caminho chamado =depois Rua dos Fossos de S. Nicolau um mancebo vestido com um sobretudo =de pajem, e reuniu-se ao cavaleiro.

Oculto no caramanchão, Maurevel observava e mesmo ouvia sem custo uma =conversação que não podia deixar de ser da maior importância =para ele, visto que o cavaleiro era de Mouy e o mancebo de sobretudo era =Orthon.

Ambos olharam em torno de si com minuciosa atenção; Maurevel =sustinha o fôlego.

- Pode falar, Senhor - disse Orthon, que, sendo o mais moço, era dos =dois o que tinha menos receio -, ninguém nos vê nem ouve.

- Bem - disse de Mouy -, hás-de ir a casa da Sr. de Sauve entregar =lhe este bilhete; se a não achares, põe-no atrás do espelho =onde o rei costuma pôr os seus, e depois espera no Louvre. Se te =derem resposta, leva-a para onde sabes; senão, vem procurar-me esta =noite ao lugar que te mostrei e donde saí há pouco.

- Bem sei - disse Orthon.

- Eu vou-me embora, porque tenho muito que fazer todo o dia. Tu não =te apresses, porque não é necessário; basta que chegues ao =Louvre antes que ele lá chegue, e eu creio que ele está dando hoje =lição de volataria. Vai, e não pareças acanhado. Se te =perguntarem alguma coisa, diz que, como já estás bom, procuravas a =Sr de Sauve para lhe agradecer o cuidado que teve por ti durante a tua =convalescença. Vai, rapaz, vai.

Maurevel escutava de olhos fixos, cabelos eriçados e banhado em suor. =No primeiro ímpeto tirou uma pistola e apontou-a para de Mouy; mas um =movimento deste, que lhe entreabriria o capote, deixara-lhe ver por baixo =uma cota bem segura e bem sólida. Era portanto provável que a bala =se achatasse em cima da couraça, ou que batesse em algum lugar do =corpo onde a ferida que fizesse não fosse mortal. Demais, lembrou-se =que de Mouy, robusto e bem armado, poderia facilmente dar cabo dele, =ferido como estava. Exalando, pois, um suspiro, tornou a pôr no seu =lugar a pistola já apontada para o huguenote.

Que pena - disse ele consigo - não poder dar cabo dele aqui, sem mais =testemunhas do que esse ladrãozinho, em quem o meu segundo tiro =ficaria tão bem empregado!

Mas neste momento Maurevel lembrou-se de que talvez o bilhete dado a =Orthon, e que este devia entregar à Sr. de Sauve, fosse mais =importante do que a própria vida do chefe huguenote.

Ah! - tornou ele - escapas-me ainda esta manhã. Vai-te são e =salvo; há-de chegar a minha vez amanhã, ainda que tenha de te =seguir até ao Inferno, donde saíste para me perder, se eu te =não perco.

Neste momento cruzou de Mouy o capote sobre o rosto, e afastou-se =rapidamente na direcção dos paus do Templo. Orthon tornou a tomar =o caminho dos fossos que conduziam à margem do rio. Maurevel levantou-se então, com mais vigor e agilidade do que se =podia esperar, voltou à Rua do Cerejal, entrou em casa, mandou selar =um cavalo e, mesmo assim fraco, em risco de se lhe tornarem a abrir as =feridas, tomou a galope pela Rua de Santo António, ganhou o cais e =entrou no Louvre.

Cinco minutos depois de ele ter desaparecido por debaixo do =passadiço, Catarina sabia tudo quanto acabava de se passar, e =Maurevel recebia os mil escudos de ouro que lhe haviam sido prometidos =pela imediata prisão do rei de Navarra.

Oh! - disse então Catarina - ou eu me engano muito, ou é de Mouy a =tal mancha negra que Renato achou no horóscopo desse maldito =Bearnês.

Um quarto de hora depois de Maurevel, Orthon entrava no Louvre, =apresentando-se como de Mouy lhe recomendara, e entrava no quarto da Sr. =de Sauve, depois de ter falado com muitos comensais

do palácio.

Só Darióle é que estava no quarto da baronesa. Catarina tinha-a
=mandado chamar para lhe copiar umas cartas de importância e havia
=cinco minutos que ela estava no quarto da rainha.

- Bem - disse Orthon -, esperarei.

E, aproveitando-se da familiaridade que tinha na casa, o mancebo
entrou =no quarto de dormir da baronesa e, depois de se certificar
que estava =só, pôs o bilhete atrás do espelho.

No momento em que retirava a mão, entrou Catarina.

Orthon sobressaltou-se e empalideceu, por lhe parecer que o olhar
=rápido e penetrante da rainha-mãe se havia logo dirigido para
o =espelho com certa preocupação.

- Que fazes aí, pequeno? - perguntou Catarina - não procuras a
Sr. =de Sauve?

- Sim, minha Senhora; há muito tempo que a não vejo e, se me
=demorasse mais em vir agradecer-lhe, recearia passar por um ingrato.

- Amas então muito a boa Carlota?

- De todo o meu coração. minha Senhora.

- E és fiel, segundo dizem.

- Vossa Majestade não estranhará decerto isso, sabendo que a Sr.
=de Sauve teve por mim um cuidado que eu não merecia sendo apenas
um =fiel famulo.

- E quando foi que ela teve esse cuidado por tí? - perguntou

Catarina, = fingindo ignorar o que acontecera ao rapazito.

- Quando fui ferido, minha Senhora.

- Oh! pobre pequeno! - disse Catarina - pois foste ferido?

- Sim, minha Senhora.

- E quando foi isso?

- Na mesma noite em que iam prender o rei de Navarra. Vendo soldados, =tive tanto medo que gritei e chamei; um deles deu-me uma pancada na =cabeça que me fez cair desmaiado.

- Pobre rapaz! Mas agora estás inteiramente bom, não estás?

- Estou, sim, minha Senhora.

- E procuras então o rei de Navarra para o tornares a servir?

- Não, minha Senhora, o rei de Navarra, sabendo que eu me atrevera a =resistir às ordens de Vossa Majestade, despediu-me sem piedade.

- Deveras? - disse Catarina com uma intenção cheia de interesse,

- =pois eu tomo a mim

304

esse negócio. Se, porém, esperas pela Sr. de Sauve, esperas =inutilmente, porque ela está no meu gabinete, por cima deste quarto, =e não te pode falar agora.

E Catarina, pensando que Orthon não tivera tempo de esconder o =bilhete atrás do espelho, entrou no gabinete da Sr. de Sauve para dar =toda a liberdade ao mancebo.

No mesmo instante, e quando Orthon, receoso por essa vinda inesperada da rainha-mãe, combinava as suas ideias para ver se aquilo não encobriria alguma trama contra o seu amo, ouviu bater três pancadinhas no tecto; era o sinal que ele devia dar ao amo em caso de perigo, quando este estava no quarto da Sr. de Sauve, e quando ele, Orthon, estava de vigia.

Essas três pancadas fizeram-no estremecer; uma revelação misteriosa o iluminou; pensou que desta vez era para ele o aviso; correu, pois, ao espelho e tirou o bilhete que lá tinha posto.

Catarina seguia por entre uma abertura de tapeçarias todos os movimentos de Orthon; viu-o correr para o espelho, mas não soube se era para pôr o bilhete ou para tirar.

Que demora será esta? - disse consigo a impaciente florentina - porque se não irá ele embora. E tornou a entrar na câmara, com o semblante risonho.

- Ainda estás aqui, pequeno? - disse ela - porque é que esperas?

=Não te disse já que ficava por minha conta a tua colocação?

=Duvidas duma coisa que eu te digo?

- Deus me livre disso, minha Senhora! - respondeu Orthon.

E aproximando-se da rainha, pôs Orthon um joelho em terra, beijou-lhe a barra do vestido e saiu rapidamente.

Ao passar pela antecâmara, viu o capitão das guardas, que esperava Catarina. Esta vista, que não era muito própria para lhe

=desvanecer as suspeitas, não fez mais do que aumentar-lhas.

Apenas caiu o reposteiro da porta por onde saíra Orthon, Catarina

=voou ao espelho; mas foi sem resultado, porque a sua mão, trémula

=de impaciência, procurou e tornou a procurar, não achando

bilhete =algum.

E contudo estava ela certa de que vira o rapaz aproximar-se do

espelho. =Fora pois para o tirar, e não para o pôr. A fatalidade

dava uma =força igual aos seus adversários. Uma criança

convertia-se num =homem desde o momento em que tinha de lutar com

ela.

Remexeu, olhou, sondou: nada!.

Oh! desgraçado! - bradou ela - entretanto, eu não lhe queria mal,

=é ele que, tirando o bilhete, acarreta a sua desgraça. Eh! Sr.

de =Nancey, chegue aqui!

A voz vibrante da rainha-mãe atravessou a sala e penetrou na

=antecâmara, onde estava o capitão das guardas.

O Sr. de Nancey acudiu ao chamamento.

- Que determina Vossa Majestade? - disse ele.

- Estava na antecâmara?

- Sim, minha Senhora.

- Viu sair um pequeno, um rapazinho?

- Haverá um instante.

- Não poderá ainda estar muito longe.

- Irá, quando muito, no meio da escada.

- Chame-o.

- Como se chama ele?

- Orthon. Se não quiser vir, traga-o à força. Não o assuste =porém, se não resistir. Preciso falar-lhe imediatamente.

O capitão das guardas saiu correndo.

Orthon ainda ia com efeito no meio da escada, porque descia devagar na =esperança de encontrar ali ou de descobrir em algum corredor o rei de =Navarra ou a Sr de Sauve.

Ouviu chamarem-no e sobressaltou-se.

305

O seu primeiro movimento foi o de fugir; porém, compreendeu logo, com =uma força de reflexão superior à sua idade, que se fugisse =deitava tudo a perder.

Portanto parou.

- Quem me chama?

- Eu, o Sr. de Nancey - respondeu o capitão das guardas saltando os =degraus.

- Mas eu tenho muita pressa - disse Orthon.

- Da parte de Sua Majestade a Rainha-mãe - tornou o Sr. de Nancey, =chegando ao pé dele. O mancebo enxugou o suor que lhe corria pela =testa e tornou a subir. O capitão seguiu-o.

O primeiro plano que Catarina havia formado consistia em prender Orthon, =mandá-lo revis tar e apossar-se do bilhete de que sabia

ser ele o =portador; por consequência, lembrou-se de acusá-lo de roubo, e =já tinha tirado de cima do toilette um broche de diamantes, de cuja =subtração queria fazer carga ao rapazito; mas reflectiu que o =meio era arriscado, pois despertava as suspeitas de Orthon, que não =deixaria de prevenir o amo; Henrique desconfiaria então, e uma vez =desconfiado não se atreveria a dar um passo em que se expusesse.

Ela podia, sem dificuldade, mandá-lo levar para algum calabouço; =mas, por mais em segredo que a prisão se fizesse, a notícia não =deixaria de se espalhar no Louvre, e uma só palavra a tal respeito =faria com que Henrique tratasse de precaver-se.

Contudo, Catarina precisava do bilhete, porque um bilhete do Sr. de =Mouy para o rei de Navarra, um bilhete mandado com tantas =recomendações, devia conter uma conspiração completa.

Tornou portanto a pôr a jóia no seu lugar.

Não, não - disse ela - isto seria astúcia de esbirro; má =ideia.

Mas por um bilhete. que talvez não tenha valor algum - =continuou ela, franzindo a testa, e falando tão baixo que mal podia =ela mesma ouvir o som das suas palavras. - E Entretanto, não é por =minha culpa. a culpa é dele. Porque não pôs esse diabinho o =bilhete onde o devia pôr?. E eu quero o bilhete.

Neste momento tornava a entrar Orthon.

O aspecto de Catarina era, sem dúvida, terrível, porque o mancebo

=parou no limiar empalidecendo. Era ainda muito novo para ser
=perfeitamente senhor de si.

- Minha Senhora - disse ele -, Vossa Majestade fez-me a honra de
me =mandar chamar; em que poderei servi-la?

O semblante de Catarina iluminou-se como se acabasse de receber
um raio =de Sol.

- Mandei-te chamar porque gosto do teu modo, e como te prometi
tratar da =tua fortuna, quero cumprir sem demora a minha promessa.

Nós, as =rainhas, somos geralmente classificadas de esquecidas.

O nosso =coração não tem culpa se o somos, mas sim o espírito,
que =nos é constantemente arrebatado pelos acontecimentos. Isto
posto, =lembrei-me de que os reis têm em suas mãos a fortuna dos
homens e =chamei-te. Vem, pequeno, segue-me.

O Sr. de Nancey que tomava esta cena ao sério, contemplava
=grandemente admirado essa excessiva ternura de Catarina.

- Sabes montar a cavalo? - perguntou Catarina ao pequeno.

- Sei, sim, minha Senhora.

- Então vem ao meu gabinete. Vou dar-te um recado para lebares
a =São Germano. - Estou às ordens de Vossa Majestade.

- Mande-me aprontar um cavalo, de Nancey.

O Sr. de Nancey saiu.

- Vamos, menino - disse Catarina.

E foi andando seguida de Orthon.

A rainha-mãe desceu um andar; depois entranhou-se no corredor dos
=quartos do rei e do duque de Alençon, ganhou a escada de caracol,
=abriu uma porta que dava para uma galeria circular,
306

cuja chave ninguém tinha senão ela e o rei, mandou a Orthon que
=passasse para diante, entrou
depois dele e fechou a porta. Essa galeria cercava, como um
reparo, =certa porção dos quartos do
rei e da rainha-mãe. Era como o corredor do Castelo de Santo
=Ângelo, em Roma, e do Palácio
Pitti, em Florença, um asilo disposto para caso de perigo.
Fechada a porta, achou-se Catarina encerrada com o mancebo nesse
=corredor escuro. Ambos
deram uns vinte passos, Catarina andando adiante, Orthon seguindo
=Catarina.

Esta voltou-se subitamente, e Orthon tornou a ver-lhe no rosto
a mesma =expressão sombria
que lhe notara dez minutos antes. Os olhos, redondos como os dum
gato ou =duma pantera, i
pareciam flamejar-lhe na escuridão.

- Pára! - disse ela.

Orthon sentiu correr um arrepio pelos ombros; um frio mortal,
semelhante =ao dum manto

de gelo, caía dessa abóbada. O pavimento estava sombrio como a
=lousa dum sepulcro. O olhar de Catarina era agudo, se nos podemos
servir =dessa expressão, e penetrava no peito do pequeno.

Este recuou, e postou-se todo trémulo de encontro à parede. - Onde
=está o bilhete que te mandaram entregar ao rei de Navarra?

- O =bilhete? - balbuciou Orthon.

=760- Sim. Ou pôr atrás do espelho, se =o rei não estivesse no
quarto.

- Eu minha Senhora? - disse Orthon - não sei o que =Vossa Majestade
quer dizer.

- O bilhete que de Mouy te entregou há uma hora por detrás do
=Jardim da Besta.

- Não tenho bilhete algum - disse Orthon - afirmo a Vossa Majestade
=que está enganada.

- Mentese! - disse Catarina -, dá-me o bilhete e cumprirei a
promessa =que te fiz.

- Qual, minha Senhora? =

- Far-te-ei rico.

- Não tenho bilhete algum, minha Senhora - tornou o =rapazito.

Catarina deixou ouvir um rangido de dentes, que terminou com =um
sorriso.

- Se mo deres receberás mil escudos de ouro.

=328 - Não tenho bilhete nenhum, minha Senhora.

- Dois mil escudos.

=760- É impossível; se o não tenho, não posso dar- =lho.

- Dez mil escudos, Orthon.

Orthon, que via a cólera subir, como a maré do coração, para =a

fronte da rainha, lembrou-se

de que não havia senão um meio de salvar o seu amo, que era =engolir

o bilhete. Levou, pois,

a mão à algibeira. =

Catarina adivinhou-lhe o intento e susteve-lhe a =mão.

- Está bem, rapazinho - disse ela rindo. - Basta; vejo que és

=fiel. Quando os reis querem

dar a sua confiança a um servo, é justo que experimentem se ele

a =merece. Agora já sei em que

devo ficar a teu respeito. Toma aqui tens a minha bolsa como

primeira =recompensa. Vai levar

esse bilhete ao teu amo, e dá-lhe parte de que me ficas servindo

de =hoje por diante. Vai; podes

=760sair sem mim pela porta por onde =entrámos, que se abre por

dentro.

E Catarina, depondo a bolsa na mão do pequeno, que =ficara

espantado ouvindo-a, deu alguns

passos para diante e encostou a mão à parede.

Orthon não sabia, porém, que fazer. Não podia crer que já

=estivesse longe o perigo que tão

iminente se apresentara.

- Vamos, não tremas assim - disse Catarina -, não te disse já =que

te podias ir e que, se quisesses voltar, eu faria a tua

=fortuna?...

- Muito obrigado, minha Senhora - disse Orthon. - Então Vossa

=Majestade perdoa-me?

- Ainda mais; recompenso-te; tu és um bom portador de cartinhas

de =amor, um belo mensageiro de Cupido; esqueces-te, porém, de

que teu =amo está à tua espera.

307

- Ah! é verdade - disse o mancebo, correndo para a porta.

Mas apenas deu três passos, faltou-lhe o chão debaixo dos pés.

=Escorregou, estendeu as duas mãos, soltou um grito horrível e

=desapareceu submergindo-se num subterrâneo do Louvre, que a

=rainha-mãe acabava de abrir por meio duma mola disposta para esse

=fim.

Que maçada! - disse Catarina por entre os dentes - tenho agora que =descer
cento e cinquenta degraus, graças ao emperramento

deste =menino.

Catarina foi ao seu quarto e acendeu uma lanterna de furta-fogo.

Tornou =ao corredor, puxou ao seu lugar a mola que fizera abrir

o alçapão =do subterrâneo, abriu a porta duma escada de caracol

que parecia ir =até às entranhas da terra e, sedenta duma

curiosidade que lhe ministrava o seu ódio, chegou a uma porta girante toda de ferro, que dava entrada para o fundo do subterrâneo.

Era ali que jazia o pobre Orthon, todo ensanguentado, moído e esmagado por uma queda de cem pés de altura, mas palpitando ainda. Por detrás da muralha ouvia-se o rolar das águas do Sena, que, por infiltração subterrânea, vinham tocar no fim da escada. Catarina entrou nessa cova húmida e nauseativa, testemunha, sem dúvida, desde que existia, de muitas quedas semelhantes a esta; deu busca ao corpo, tomou a carta, certificou-se de que era realmente a que desejava possuir, empurrou o cadáver com o pé e aplicou o dedo polegar a uma outra mola; parte do fundo cedeu, abrindo-se em forma de tampa, e o cadáver, escorregando em virtude do seu próprio peso, desapareceu na direcção do rio.

Feito isto, fechou a porta, subiu, fechou-se na sua câmara e leu o bilhete, que dizia assim:

Esta noite às dez horas na Rua da Árvore Seca, Hospedaria da Estrela Brillhante. Se vier não responda nada; se não vier diga não ao portador - De Mouy Saint-Phale.

Catarina sorriu ao ler o bilhete; só pensava na vitória que ia alcançar, esquecendo-se completamente do preço por que a comprava.

Mas também, que era Orthon? Um coração fiel, uma alma dedicada,

=um belo rapazinho, nada mais.

É bem de crer que isto não podia fazer pender por um instante a

=concha da fria balança em que se pesam os destinos dos =impérios.

Lido o bilhete, Catarina subiu imediatamente ao quarto da Sr. a

de Sauve =e pô-lo atrás do espelho.

Ao descer, achou o capitão das guardas à entrada do corredor.

- Minha Senhora - disse o Sr. de Nancey -, o cavalo está pronto

=segundo as ordens de Vossa Majestade.

- Meu caro barão - disse Catarina -, já não é preciso. O =rapaz

é muito simples, não me atrevo a confiar dele o que queria. =Supus

que fosse laçao e é, quando muito, um palafreheiro. Portanto,

=dei-lhe algum dinheiro e mandei-o sair pelo passadiço pequeno.

- E o recado? - disse o Sr. de Nancey.

- Qual recado? - repetiu Catarina.

- Sim, o recado que ele tinha de levar? Vossa Majestade quer que

o leve =eu, ou alguém da minha gente?

- Não, não - disse Catarina -, o senhor e a sua gente hão-de =ter

esta noite outra coisa que fazer.

E Catarina entrou para a sua câmara, contando ter nessa noite em

suas =mãos a sorte do maldito rei de Navarra.

XLVI

A HOSPEDARIA DA ESTRELA BRILHANTE

Duas horas depois do acontecimento que referimos, e do qual não
=ficara vestígio algum,
nem mesmo no semblante de Catarina, a Sr de Sauve, que tinha
acabado o =seu trabalho na câmara da rainha-mãe, subiu para o seu
quarto. =Henrique entrou após ela e, sabendo por Darióle
que Orthon o tinha procurado, foi direito ao espelho e tirou o
=bilhete.

Era ele concebido nos termos que já dissemos e não trazia
=sobrescrito.

Henrique não deixará de ir - dissera Catarina - porque, ainda que
=deseje fazer o contrário, não encontrará o portador para lhe
=dizer não.

E Catarina não se havia enganado sobre este ponto. Henrique
perguntou =por Orthon, Darióle disse-lhe que ele tinha saído com
a =rainha-mãe; mas como achou o bilhete no seu lugar,
e sabia não ser o pobre pequeno capaz duma traição, não teve =o
menor receio.

Jantou pois, como costumava, à mesa do rei, que gracejou muito
com =Henrique sobre os
=760descuidos que tivera pela manhã na caçada =ao voo.

Henrique desculpou-se com o ser homem de montanhas e =não de

planícies, prometeu a Carlos que havia de estudar a =volataria.

Catarina estava encantadora e, ao levantar-se da mesa, pediu =a

Margarida que lhe fizesse

companhia =todo o serão.

=760Às oito horas chamou Henrique =dois fidalgos e saiu com eles

pela Porta de Santo Honorato; fez um longo =rodeio, tornou a

entrar pela Torre de Madeira, passou o Sena na barca de =Nesle,

subiu à Rua de Saint Jacques e ali despediu-os, como se se

=tratasse duma entrevista amorosa.

No canto da Rua dos Maturinos, achou um homem a =cavalo, embuçado

num capote; aproximou-se dele.

- Mantes - disse o homem.

- Pau - respondeu o rei.

O homem apeou-se; Henrique embuçou-se no capote, que estava todo

=enlameado, montou

no cavalo, que estava alagado de suor, voltou pela Rua da Harpa,

=atravessou a Ponte de S. Miguel,

enfiou pela Rua Bartolomeu, passou novamente o rio na Ponte dos

=Moleiros, desceu o cais, tomou

=760pela Rua da Árvore Seca e foi =esbarrar na porta de mestre

La Hurière.

La Mole estava na sala nossa conhecida, e escrevia uma =longa

carta de amores, já se sabe a quem.

Cocunás estava na cozinha com La Hurière, vendo assar seis
=perdigotos e discutindo com
o seu amigo estalajadeiro sobre o grau de cozedura em que convinha
=tirá- los do espeto.

Foi nesse momento que Henrique bateu. Gregório foi abrir, e levou
o =cavalo para a estrebaria;
o suposto viajante entrou, batendo com as botas no soalho como
para =esquentar os pés adormecidos.

309

- Olá, mestre La Hurière! - disse La Mole sem interromper a sua
=escrita - está aqui um fidalgo que o procura.

La Hurière acudiu ao chamado, mediu Henrique dos pés até à
=cabeça, e como o seu capote de pano grosso não lhe inspirava
=grande veneração:

- Quem é o senhor? - perguntou ele ao rei.

- Este senhor não lho disse já? - observou Henrique apontando para
=La Mole. - Sou um fidalgo da Gasconha e venho a Paris para me
apresentar =na corte.

- Que quer então?

- Quarto e ceia.

- Hum!. - disse La Hurière - traz criado? Era esta, como se sabe,
a =pergunta do costume.

- Não trago - respondeu Henrique -, mas espero tomar um logo que

=faça fortuna.

- Não alugo quarto de amo sem quarto de criado - disse La Hurière.

- Nem se eu lhe der já uma peça pelo quarto e pela ceia, além =do que lhe pagar amanhã?

- Como é generoso, meu fidalgo! - disse La Hurière, olhando com ar =desconfiado para Henrique.

- Não; é que eu, na crença de que passaria a noite na sua =hospedaria, que me foi recomendada por um fidalgo da minha terra, =convidei um amigo para vir comigo. Tem bom vinho de Arbois?

- Nem o Bearnês o bebe melhor.

- Bem, pagá-lo-ei à parte. Ah! justamente: aí está o meu =convidado.

A porta acabava com efeito de abrir-se e de dar passagem a outro =fidalgo, um tanto mais idoso do que o primeiro, que vinha arrastando um =grande espadão.

- Olá. Como é pontual, meu amigo! Isso é bem raro em quem acaba =de fazer uma jornada de duzentas léguas.

- É o seu convidado? - perguntou La Hurière.

- Ele mesmo - disse o que chegou primeiro, dirigindo-se para o mancebo =do espadão e apertando-lhe a mão. - Mande pôr a ceia na =mesa.

- Aqui mesmo ou no seu quarto?

- Onde quiser.

- Mestre - disse La Mole chamando La Hurière -, livre-nos destas
=caras de huguenotes; nem eu nem Cocunás poderíamos dizer uma
=palavra diante deles, e temos que falar de negócios que nos
=interessam.

- Ponham a ceia no quarto n. 2 do terceiro andar - disse La
Hurière. =- Subam, meus Senhores.

Os dois viajantes seguiram Gregório, que foi adiante alumiando.

La Mole acompanhou-os com os olhos até que desapareceram e,

=voltando-se então, viu Cocunás, cuja cabeça saía da cozinha.

=Grandes olhos fixos e uma boca escancarada davam a essa cabeça
um ar =notável de espanto.

La Mole aproximou-se dele.

- Com mil demónios! - disse-lhe Cocunás - viste?.

- O quê?

- Aqueles dois fidalgos.

- E então?

- Seria capaz de jurar que são.

- Quem?

- O rei de Navarra e o homem da capa vermelha.

- Jura se quiseres, mas não muito alto.

- Também os conheceste?

310

- Também.

- E que vêm eles aqui fazer?

- Pois não adivinhas?

- Tratar de algum namorico?

- Decerto.

- Julgas isso?

- Tenho a certeza.

- La Mole, eu antes quero cutiladas do que esses namoricos. Há pouco =juraria, agora aposto.

- O quê?

- Que se trata dalguma conspiração.

- Qual! estás doido!

- E eu digo-te.

- Digo-te que, se conspiram, isso é lá com eles.

- Também tens razão. Com efeito - disse Cocunás -, já não =estou ao serviço do Sr. de Alençon; arranjem-se como puderem.

E como os perdigotos pareciam ter chegado ao grau de cozedura em que =Cocunás gostava deles, o piemontês, que contava que fossem o =melhor prato do seu jantar, chamou por mestre La Hurière para os =tirar do espeto.

Neste intervalo, Henrique e de Mouy estabeleceram-se no quarto que La =Hurière lhes destinara.

- Então, meu Senhor - disse de Mouy logo que La Hurière acabou de =pôr a mesa -, falou a Orthon?

- Não; mas li o bilhete que ele pôs no espelho. Creio que o =pequeno teve medo, porque a rainha-mãe chegou quando ele estava no =quarto, e que por isso se foi embora sem esperar por mim. Fiquei um =tanto inquieto, porque disse-me Darióle que a rainha-mãe o fizera =falar muito.

- Oh! não há perigo, ele é esperto; apesar de a rainha-mãe =saber o que faz, estou certo de que ele lhe há-de dar que =entender.

- E você, de Mouy, já o viu? - perguntou Henrique.

- Não, mas hei-de tornar a estar com ele esta noite: à meia-noite =há- de vir buscar-me aqui, e contar-me-á o que se passou quando =sairmos.

- E o homem que estava no canto da Rua dos Maturinos?

- Que homem?

- O homem que me emprestou o cavalo e o capote; podem o-nos fiar =nele?

- É um dos mais seguros que temos. Demais, ele não conhece Vossa =Majestade e ignora com quem teve de entender-se.

- Podemos então conversar sobre o que nos importa com todo o =sossego?

- Sem dúvida. Além de que La Mole está sempre de vigia.

- Bom.

- Então, Senhor, que lhe disse o duque de Alençon?

- O Sr. de Alençon não quer partir. Explicou-se claramente a esse

=respeito. A eleição do duque de Anjou para o trono da Polónia

e =a indisposição do rei mudaram todos os seus desígnios.

- Foi ele portanto que fez abortar o nosso plano?

- Decerto.

- Então atraíça-nos?

- Ainda não, mas há-de atraíçoar-nos na primeira ocasião que

=tiver.

- Que coração tão fraco! que espírito tão pérfido! =Porque não

respondeu às cartas que eu lhe escrevi?

311

- Para ter provas contra nós e não as dar contra si. No entanto,

=está tudo perdido, não é assim

de Mouy?

- Pelo contrário, meu Senhor, tudo está ganho. Vossa Majestade

bem =sabe que todo o partido, excepto a fracção do príncipe de

=Condé, era por Vossa Majestade, e não se servia do duque, com

quem =afectava pôr-se em relações, senão como duma salvaguarda.

=Isto posto, desde o dia da recepção dos embaixadores, dispus tudo

=a favor de Vossa Majestade. Bastavam a Vossa Majestade cem homens

para =fugir com o duque de Alençon; eu fiz uma leva de mil e

quinhentos, =que dentro de oito dias estarão prontos, e

reunir-se-ão pela =estrada de Pau. Não será fuga, e sim retirada.

Bastar-lhe-ão =mil e quinhentos homens, meu Senhor, e julgar-se-á

Vossa Majestade =seguro com um exército?

Henrique sorriu, e bateu-lhe no ombro.

- Tu bem sabes, de Mouy - disse ele -, e és o único que o sabes,
=que o rei de Navarra não é por natureza tão assustado como o
=julgam.

- Bem sei, meu Senhor; e espero que dentro em pouco toda a França
o =saberá como eu. Mas quando se conspira cumpre ser bem sucedido.

A =primeira condição para um bom êxito é a decisão; e para =que
a decisão seja rápida, franca, incisiva, é preciso ter a
=convicção de que o resultado será tal como se deseja. Diga-me
=agora, meu Senhor - continuou de Mouy -, em que dias é que vão
=caçar?

- De oito em oito, ou de dez em dez dias, tanto de montaria como
de =alcanaria.

- Quando foi a última caçada?

- Hoje mesmo.

- Então, de hoje a oito ou dez dias haverá outra, não é =assim?

- Com toda a certeza, e talvez ainda antes.

- Ouça então. Parece-me que tudo está agora perfeitamente
=tranquilo; o duque de Anjou partiu, já se não pensa nele; o rei
=melhora diariamente da sua doença; as perseguições contra =nós
quase que acabaram. Olhe com ternura para a rainha-mãe, trate =com
bastante agrado o duque de Alençon, diga-lhe sempre que não =pode

partir sem ele; faça especialmente com que ele o acredite, o que
=é mais difícil.

- Fica descansado, há-de acreditar-me.

- E pensa que ele confia em Vossa Majestade?

- Creio que não; mas acredita em tudo quanto lhe diz a rainha.

- E a rainha servir-nos-á francamente?

- Oh decerto; tenho provas disso. Demais, ela é ambiciosa; e essa
=coroa de Navarra que ainda não possuí, já lhe abrasa a fronte.

- Bem; três dias antes dessa caçada mande-me dizer onde é que

=ela se realiza; se é em Bondy, em São Germano ou em Rambouillet,

=dizendo-me também que está pronto a partir; e quando vir o Sr.

de =la Mole dar de esporas, siga-o e nada de afrouxar. Uma vez

fora do =bosque, se a rainha-mãe quiser havê-los às mãos, há-de

=correr em sua perseguição, mas eu conto que os seus cavalos

=normandos nem ao menos verão as ferraduras dos nossos cavalos

da =Berberia e dos nossos ginetes de Espanha.

- Está dito, de Mouy.

- Tem dinheiro, meu Senhor?

Henrique fez a careta que em toda a sua vida fizera a esta
pergunta.

- Não tenho muito; mas julgo que Margot tem.

- Bem: ou seja de Vossa Majestade ou dela, leve o mais que puder.

- E tu, que vais fazer entretanto?

- Agora, depois de me haver ocupado com os negócios de Vossa
=Majestade, tão activamente, como vê, permitir-me-á que trate um
=pouco dos meus?

312

- Como quiseses, de Mouy; mas que negócios são esses?

- Ouça, meu Senhor. Orthon, que é um rapaz muito inteligente que
=eu recomendo a Vossa Majestade, disse-me ontem que encontrou ao
pé do =Arsenal esse malvado Maurevel, que está restabelecido,
graças aos =cuidados de Renato, e que se aquece ao sol como uma
serpente que =é.

- Ah, sim! compreendo - disse Henrique.

- Ah compreende?. Bom. Vossa Majestade há-de ser algum dia rei,
e se =tiver alguma vingança do género da minha a satisfazer, há-de
=satisfazê-la como rei. Eu sou soldado, devo vingar-me como
soldado. =Portanto, quando todos os nossos pequenos negócios
estiverem =arranjados, o que dará a esse facínora mais cinco ou
seis dias =para se restabelecer, hei-de também dar um passeio para
os lados do =Arsenal, e prometo-lhe estendê-lo na relva com quatro
boas cutiladas; =feito isso, deixarei Paris com o coração mais
aliviado.

- Arranja os teus negócios, meu amigo, arranja os teus negócios.

A =propósito, estás satisfeito com la Mole, não é assim?

- Oh! é um mancebo admirável, que é dedicado a Vossa Majestade

=de corpo e alma, e com o qual pode contar como se fosse eu; bravo.

- E principalmente discreto; há-de pois acompanhar-nos para a

=Navarra; logo que lá estivermos, acordaremos no que se há-de
fazer =para o recompensar.

Mal acabara Henrique de dizer estas palavras, acompanhando-as dum

=sorriso maligno, abriu-se a porta, ou, para melhor dizer,

arrombaram- =na; e aquele de quem nesse mesmo momento se tecia
o elogio, apareceu =pálido e agitado.

- Alerta, Senhor! - bradou ele - alerta! A casa está cercada!

- Cercada? - exclamou Henrique levantando-se - por quem?

- Pela guarda de el-rei.

- Oh! - disse de Mouy tirando as pistolas do cinto - temos batalha,
ao =que parece.

- Pois não! é mesmo uma bela ocasião para pegar em pistolas e
=falar de batalhas. Que quer fazer contra cinquenta homens?

- Ele tem razão - disse o rei -, e se houvesse qualquer meio de
=retirada.

- Há um que já me serviu a mim, e se Vossa Majestade quer
=seguir-me.

- E de Mouy?

- O Sr. de Mouy pode seguir-nos também se quiser; mas cumpre que
=ambos se apressem. Ouviram-se passos na escada.

- É muito tarde - disse Henrique.

- Ah! se pudéssemos entretê-los ao menos por cinco minutos -

=bradou La Mole -, eu responderia pelo rei!

- Então encarregue-se de o salvar, Sr. de La Mole - disse de Mouy

-, =que eu os entretereí. Vá, Senhor, vá.

- E que há-de ser de tí?

- Não tenha receio, Senhor, vá.

E de Mouy tratou, primeiro que tudo, de esconder o prato, o guardanapo e =o copo do rei, para afectar que estava sozinho à mesa.

- Venha, meu Senhor, venha! - bradou La Mole, tomando o rei pelo =braço e puxando-o para a escada.

- De Mouy! meu bravo de Mouy! - disse Henrique enternecido, estendendo a =mão ao mancebo.

De Mouy beijou-lhe a mão, fê-lo sair do quarto e fechou a porta =com o ferrolho.

- Sim, sim, entendo - disse Henrique -, vai entregar-se à prisão, =enquanto nós nos vamos pôr a salvo!. Mas quem diabo nos =atraçoaria!

- Venha, meu Senhor, venha, que eles já sobem.

313

Com efeito, a luz dos archotes começava a mostrar-se já ao longo =das paredes da estreita escada, e ouvia-se em baixo uma espécie de =tinido de espadas.

- Cuidado, meu Senhor! cuidado! - disse La Mole.

E guiando o rei na escuridão, fez-lhe subir dois andares, empurrou a =porta dum quarto, que tornou a fechar com o ferrolho, e, abrindo a =janela dum gabinete, disse ao rei:

- Vossa Majestade tem medo de excursões por cima de telhados?

- Eu? um caçador de camurças?. - disse o rei.

- Bem; então siga-me Vossa Majestade; eu sei o caminho, e vou =guiá-lo.

- Vá andando, vá andando - disse Henrique -, que eu o sigo.

E La Mole saltou da janela para o telhado, seguiu por uma borda larga, =donde partiam as goteiras, chegou a um côncavo formando dois =telhados, e aí encontrou uma trapeira sem portas que dava claridade a =um celeiro vazio.

- Senhor - disse La Mole -, estamos em terra firme.

- Ah! - disse Henrique - ainda bem.

E enxugou o pálido rosto, em que gotejava o suor.

- Agora - disse La Mole - as coisas vão caminhar por si; o celeiro =dá para uma escada que vai ter a um corredor, e este corredor conduz =à rua. Já andei todo este caminho, Senhor, numa noite muito mais =horrível do que esta.

- Vamos, vamos! para diante! - disse Henrique.

La Mole entrou pela trapeira, ganhou a porta mal fechada, abriu-a, =achou-se no alto duma escada e, pondo na mão do rei a corda que

=servia de corrimão, disse-lhe:

- Venha, meu Senhor.

Henrique parou no meio da escada; tinha chegado de frente para a janela que dava para o pátio da hospedaria da Estrela Brilhante.

Na escada de frente viam-se soldados correndo, uns com espadas, outros com archotes.

De repente, no meio do grupo, o rei de Navarra viu aparecer de Mouy. Tinha entregado a espada e descia tranquilamente.

- Pobre rapaz! - disse Henrique - bravo e dedicado coração!

- Veja Vossa Majestade - disse La Mole - que ar sossegado que ele mostra, e repare que até ri! Medita decerto alguma boa peça, porque Vossa Majestade bem sabe que ele ri muito poucas vezes.

- E o mancebo que estava com o senhor?

- O Sr. de Cocunás? - perguntou La Mole.

- Sim, o Sr. de Cocunás, que é feito dele?

- Nesse não tenho cuidado algum. Ao ver os soldados, só me disse estas palavras:

- Corremos algum risco?

- De perder a cabeça - respondi-lhe eu.

- E contas salvar-te?

- Conto.

- Pois eu também.

- E juro-lhe que se há-de salvar, meu Senhor. Se Cocunás for

=alguma vez agarrado, pode Vossa Majestade ficar certo de que é porque =lhe conveio deixar-se agarrar.

- Então - disse Henrique - tudo vai bem; tratemos de chegar ao =Louvre.

- Nada há mais fácil, meu Senhor; embucemo-nos nos capotes e =saíamos. A rua está cheia de povo, que acudiu ao barulho; julgarão que também somos =curiosos.

E, realmente, Henrique e La Mole não acharam outra dificuldade =senão a onda de povo que obstruía a rua.

Ambos conseguiram escapar-se pela Rua de Averon; mas, ao chegarem à =Rua dos Polés, viram

315

de Mouy e a escolta, comandada pelo Sr. de Nancey que atravessavam a =Praça de São Germano L'Auxerrois.

- Ah! - disse Henrique - conduzem-no para o Louvre, segundo parece. =Diabo! hão-de fechar as grades. e hão-de tomar decerto os nomes =dos que entrarem; e se me vêem entrar depois dele, será uma =probabilidade de que eu estava na sua companhia.

- Nesse caso, meu Senhor, entre no Louvre sem ser pela porta.

- E como diabo quer que eu entre?

- Vossa Majestade não tem a janela da rainha de Navarra?

- Tem razão, Sr. de La Mole - disse Henrique. - E eu que nem me

=lembrava disso!. Mas como hei-de eu prevenir a rainha?

- Oh! - respondeu La Mole, inclinando-se com respeitoso

reconhecimento - =Vossa Majestade é tão bom atirador de pedras!.

XLVII

DE MOUY DE SAINT PHALE

Catarina tomara desta vez tão bem as suas medidas, que julgava
=impossível falhar-lhe o resultado.

Tinha, portanto, despedido Margarida por volta das dez horas, bem
=convencida, o que realmente era verdade, de que a rainha de
Navarra =ignorava o que se tramava contra o marido, e dirigira-se
ao quarto do =rei para lhe pedir que se deitasse mais tarde essa
noite.

Intrigado pelo ar de triunfo que, não obstante a costumada
=dissimulação, tornava sumamente alegre o semblante da mãe,
=Carlos fez perguntas a Catarina, que lhe respondeu somente estas
=palavras:

- Só uma coisa posso dizer a Vossa Majestade, e é que esta noite
=se há- de ver livre dos seus dois mais cruéis inimigos.

Carlos fez o movimento de franzir a testa que faz o homem que diz
=consigo: Pois sim: veremos, e chamando com um assobio o seu
grande =galgo, que correu para ele de rastos, sobre o ventre como
uma cobra, e =que pôs a cabeça viva e inteligente no joelho do
seu senhor, =esperou.

Ao cabo de alguns minutos, que Catarina passou com os olhos fixos
e o =ouvido atento, ouviu-se um tiro de pistola no pátio do Louvre.

- Que estrondo é este? - perguntou Carlos franzindo a testa, ao

mesmo =tempo que o galgo se levantou dum salto arrebitando as orelhas.

- Não é nada - disse Catarina -, não passa dum sinal.

- E que quer dizer esse sinal?

- Quer dizer que desde este momento, já o único, o verdadeiro

=inimigo de Vossa Majestade, não lhe pode fazer mal.

- Então acabaram de matar um homem? - perguntou Carlos, olhando

para =a mãe com aquele olhar de senhor que quer dizer que o

assassinato e o =perdão são dois atributos inerentes ao poder

real.

- Não senhor; acabam unicamente de prender dois.

- Oh! - bradou Carlos a meia voz - sempre ocultos, sempre

=conjurações, sem que o rei seja ouvido! Irra! eu creio, minha

=mãe, que já não sou nenhuma criança, que já estou em =idade de

saber tomar conta de mim, que não preciso de andadeiras, nem =de

testeira, para não quebrar a cabeça. Vá para a Polónia =com o seu

filho Henrique, se quer reinar! Mas aqui, digo-lhe que faz mal

=se continua deste modo.

- Meu filho - disse Catarina -, é a última vez que me intrometo

=nos seus negócios. Se agora o fiz, foi para concluir uma empresa

=começada há muito, na qual Vossa Majestade nunca me deu razão,

=e eu estava empenhada em mostrar-lhe que a tinha.

Neste momento pararam muitos homens no vestibulo, e ouviu-se o
=descansar de alguns mosquetes no lajedo.

Instantes depois mandou o Sr. de Nancey pedir licença ao rei para
=entrar na sua câmara.

- Que entre - disse Carlos vivamente.

O Sr. de Nancey entrou, fez uma reverência ao rei e, voltando-se
para =Catarina, disse-lhe:

- Minha Senhora, foram cumpridas as ordens de Vossa Majestade:
está =preso.

- Está. - bradou Catarina muito perturbada - pois não prendeu
=senão um?

- Ele estava só, minha Senhora.

- E resistiu?

- Não, minha Senhora; ceava com muito sossego num quarto, e
entregou =a espada à primeira intimação.

- Quem? - perguntou o rei.

- Vai já ver - disse Catarina. - Sr. de Nancey, mande entrar o
preso. =Cinco minutos depois entrou de Mouy.

- De Mouy! - bradou o rei - então que quer isto dizer, Senhor?

- Se Vossa Majestade mo permite - respondeu de Mouy com perfeita
=tranquilidade -, far-lhe-ei a mesma pergunta.

- Em vez de fazer essa pergunta ao rei - disse Catarina -, tenha
a =bondade de dizer a meu filho, Sr. de Mouy, quem era esse homem

que =estava certa noite no quarto do rei de Navarra, e que nessa mesma noite, =resistindo às ordens de Sua Majestade como um rebelde que é, matou =dois soldados da guarda e feriu o Sr. de Maurevel.

- Sim - disse Carlos carregando o sobrolho -, poderá dizer-me o nome =desse homem, Sr. de Mouy?

- Sim, meu Senhor; Vossa Majestade deseja sabê-lo?

- Confesso que teria nisso muito gosto.

- Pois bem, eu lho digo: chama-se de Mouy de Saint-Phale.

- Era o senhor?

- Eu mesmo.

Catarina, admirada desta audácia, recuou um passo.

- E como - disse Carlos IX - se atreveu a resistir às ordens do =rei?

- Primeiramente, meu Senhor, eu ignorava que existisse uma ordem de =Vossa Majestade; depois, não vi senão uma coisa, ou, para melhor =dizer, um homem: o Sr. de Maurevel, o assassino de meu pai e do Senhor =Almirante. Lembrei-me então de que havia ano e meio que Vossa =Majestade, nesta mesma câmara, durante a noite de 24 de Agosto, e =falando comigo, me prometera a punição do matador; ora, como de =então para cá se tinham passado graves acontecimentos, assentei =que o rei fora desviado, sem o querer, do cumprimento dos seus desejos, =e, vendo Maurevel tão perto de

mim, não pude deixar de crer que =era o Céu que mo enviava; caí, pois, sobre ele como sobre um =assassino, e atirei aos soldados da sua escolta como a salteadores.

Carlos não respondeu nada; a sua amizade para com Henrique havia-lhe =feito ver bastantes coisas sob um aspecto diverso daquele com que as =encarara de princípio, e por mais duma vez com terror.

A rainha-mãe havia registado na memória proposições emitidas =por seu filho a respeito dos acontecimentos de S. Bartolomeu, e que =pareciam remorsos.

- Mas - disse ela - que ia fazer a semelhante hora ao quarto do rei de =Navarra?

- Oh! - disse de Mouy - isso é uma história comprida; mas se Sua =Majestade quer ter a paciência de ouvi-la.

- Quero - disse Carlos -, fale.

- Obedecerei, meu Senhor - respondeu de Mouy inclinando-se.

318

Catarina sentou-se, fixando no jovem chefe um olhar inquieto.

- Vamos a ouvir - disse Carlos. - Para aqui, Actéon.

O cão tomou de novo o lugar que ocupava antes da chegada do =preso.

- Meu Senhor - disse de Mouy -, eu fui ao aposento de Sua Majestade

o =Rei de Navarra como deputado dos nossos irmãos, os fiéis

=súbditos de Vossa Majestade que professam a religião

=protestante.

Catarina fez um sinal a Carlos IX.

- Sossegue, minha mãe - disse este -, não perco uma palavra.

=Continue, Sr. de Mouy continue.

- Para prevenir o rei de Navarra - continuou de Mouy - de que a

sua =abjuração lhe fizera perder a confiança do partido

huguenote; =mas que, não obstante, em memória de seu pai António

de =Bourbon, e especialmente da magnânima Joana d'Albret, cujo

nome é =caro entre nós, os da religião assentavam que deviam

dar-lhe uma =prova da sua deferência, rogando-lhe que houvesse

de desistir dos =seus direitos à coroa de Navarra.

- Que diz ele! - bradou Catarina, que não podia, mau grado todo

o =poder que tinha sobre si, receber, sem clamar, o golpe

inopinado que a =feria.

- Bravo! - disse Carlos - com que então, não é mais do que =fazer

voejar essa coroa de Navarra por cima de todas as cabeças, como

=se eu não tivesse nada com ela!.

- Os huguenotes, meu Senhor, reconhecem mais do que ninguém esse

=princípio de suserania que o rei acaba de emitir. E por isso

contavam =eles convidar Vossa Majestade para fixá-la numa cabeça

que lhe =é cara.

- A mim? - disse Carlos - numa cabeça que me é cara?. Por Deus!

de =que cabeça quer o senhor falar? Não o entendo.

- Da cabeça do Sr. de Alençon.

Catarina fez-se pálida como a morte, e devorou de Mouy com um olhar =flamejante.

- E meu irmão de Alençon sabia-o?

- Sim, meu Senhor.

- E aceitava essa coroa?

- A não ser que houvesse oposição da parte de Vossa Majestade,
=para quem ele nos remetia.

- Oh! - disse Carlos - realmente é uma coroa que assentaria muito bem =em nosso irmão de Alençon. E eu que não tinha pensado nisso!
=Obrigado, de Mouy obrigado; sempre que tiver lembranças semelhantes, =hei-de vê-lo com muito prazer no paço.

- Meu Senhor, Vossa Majestade estaria há muito informado de todo este =projecto, se não fosse esse desgraçado acontecimento do Louvre, em =virtude do qual receei ter caído no desagrado de Vossa Majestade.

- Bem; mas que dizia o rei de Navarra desse projecto? - perguntou =Catarina.

- O rei, minha Senhora, submetia-se ao desejo de seus irmãos, e a sua =renúncia estava pronta.

- Nesse caso - observou Catarina -, deve o senhor possuir essa =renúncia.

- Não há dúvida, minha Senhora: trago-a comigo por acaso,

=assinada por ele e datada.

- Com data anterior à cena do Louvre? - disse Catarina.

- Sim, minha Senhora; julgo que da véspera.

E de Mouy tirou da algibeira uma renúncia do duque de Alençon,

=escrita e assinada por Henrique, e com a data indicada.

- E está tudo em forma - disse Carlos depois de ler.

- Que pedia então Henrique em troca desta renúncia?

- Nada, minha Senhora; a amizade de el-rei Carlos, disse-nos ele,

=indemnizá-lo-ia amplamente da perda dum coroa.

Catarina mordeu os beiços de cólera e torceu as suas belas =mãos.

319

- Tudo isso é perfeitamente exacto, de Mouy - acrescentou o rei.

- Então - tornou a rainha-mãe -, se tudo estava concertado entre

o =senhor e o rei de Navarra, para que foi a entrevista que teve

esta noite =com ele?

- Eu, minha Senhora? com o rei de Navarra? - disse de Mouy. - O

oficial =que me prendeu é testemunha de que eu estava só. Vossa

Majestade =pode chamá-lo.

- Sr. de Nancey! - bradou o rei.

O capitão das guardas tornou a entrar.

- Sr. de Nancey - disse vivamente Catarina -, o Sr. de Mouy estava

=absolutamente só na hospedaria da Estrela Brilhante?

- No quarto, sim, minha Senhora; mas na hospedaria, não.

- Ah! - disse Catarina - e quem era o seu companheiro?

- Não sei quem era o companheiro do Sr. de Mouy minha Senhora, mas =sei que se evadiu por uma porta do fundo, depois de estirar dois guardas =da escolta.

- Conheceu certamente esse fidalgo?

- Eu não, minha Senhora; mas os meus fiéis guardas =conheceram-no.

- E quem era? - perguntou Carlos IX.

- O Senhor Conde Aníbal de Cocunás.

- Aníbal de Cocunás! - repetiu o rei pensativo - aquele que fez =tão horrorosa matança nos huguenotes pelo S. Bartolomeu?.

- O Sr. de Cocunás, gentil-homem do Senhor Duque de Alençon - =disse o Sr. de Nancy.

- Bem, bem - disse Carlos IX. - E para outra vez lembre-se duma =coisa.

- De quê, meu Senhor?

- De que está ao meu serviço, e de que só deve obedecer a =mim.

O Sr. de Nancy retirou-se andando para trás, e cumprimentando =respeitosamente. De Mouy sorriu com ironia para Catarina.

Houve um instante de silêncio. A rainha torcia o colar. Carlos =afagava o cão.

- Mas qual era o seu fim, Sr. de Mouy? - continuou Carlos. -

Tencionava =levar as coisas pela violência?

- Contra quem, meu Senhor?

- Contra Henrique, contra Francisco, ou contra mim.

- Meu Senhor, nós tínhamos a renúncia de seu cunhado, o acordo =de seu irmão, e estávamos a ponto de solicitar a autorização =de Vossa Majestade, quando se passou esse desgraçado sucesso com o =Sr. de Maurevel.

- Que lhe parece, minha mãe? - disse Carlos. - Não vejo mal em =tudo isto. O Sr. de Mouy estava no seu direito pedindo um rei.

Sim, a =Navarra pode e deve ser um reino separado. Ainda mais: esse reino parece =feito expressamente para dotar meu irmão de Alençon, o qual teve =sempre tanto desejo de possuir uma coroa, que quando trazemos a nossa =não tira os olhos dela. O único obstáculo a essa =entronização era o direito de Henriquinho; visto, porém, que =Henriquinho renuncia voluntariamente.

- Voluntariamente, Senhor.

- Parece que é essa a vontade de Deus! Sr. de Mouy, pode voltar para =os seus irmãos, a quem castiguei talvez um pouco. asperamente; mas =isso é negócio entre Deus e mim; e diga-lhes que, visto desejarem =para rei de Navarra a meu irmão, o duque de Alençon, o rei de =França cede aos seus desejos. Desde este momento a Navarra é um =reino, e o seu soberano chama-se Francisco. Peço unicamente oito dias =para que meu irmão possa sair de Paris com a pompa e esplendor =próprios dum rei. Vá, Sr. de Mouy vá. Sr. de Nancey deixe =passar o Sr. de Mouy; está solto.

- Senhor - disse de Mouy dando um passo para diante -, permita-me
Vossa =Majestade.

- Sim - disse o rei.

320

E estendeu a mão ao jovem huguenote.

De Mouy pôs um joelho no chão e beijou respeitosamente a mão do
=rei.

- Espere - disse Carlos, retendo-o quando ele ia a levantar-se
-, não =me pediu o castigo desse facínora do Maurevel?.

- Sim, meu Senhor.

- Não sei onde ele está, para lhe fazer a vontade, Sr. de Mouy,
=porque anda oculto; mas, se o encontrar, faça justiça por suas
=mãos: autorizo-o para isso, e de muito boa vontade.

- Ah! meu Senhor! - bradou de Mouy - eis o que põe o remate a todos
=os meus desejos. Deixe Vossa Majestade o negócio por minha conta;
=também não sei onde ele está, mas hei-de achá-lo, fique
=descansado.

E de Mouy, depois de cortejar respeitosamente o rei Carlos e a
rainha =Catarina, retirou-se, sem que os guardas que o haviam
conduzido lhe =impedissem a passagem. Atravessou os corredores,
ganhou rapidamente o =passadiço, e, mal se viu fora do Louvre,
foi num pulo da Praça de =São Germano L'Auxerrois à hospedaria
da Estrela Brillante onde =achou o seu cavalo, graças ao qual,

três horas depois de sair de =Paris, o mancebo respirava em
segurança, abrigado pelas muralhas de =Mantes.

Catarina, devorando a sua cólera, voltou à sua câmara, da qual
=passou para a de Margarida. Aí achou Henrique em trajo caseiro,
e com =ar de quem se vai enfiar na cama. Satanás - disse ela consigo
- acode =a uma pobre rainha em favor de quem já Deus não quer fazer
=nada.

XLVIII

DUAS CABEÇAS PARA UMA COROA

- Vá dizer ao Sr. de Alençon que me venha falar - disse Carlos

ao =capitão das guardas despediu a mãe.

O Sr. de Nancey disposto, conforme a observação que o rei lhe

=fizera, a não obedecer daí por diante senão a ele, foi num pulo

=do quarto de Carlos ao do irmão, e transmitiu-lhe simplesmente

a =ordem que acabava de receber.

O duque de Alençon sobressaltou-se: tinha sempre tremido diante

de =Carlos, e principalmente depois que pelos seus passos para

uma =conspiração criara motivos para o temer.

Mas nem por isso deixou de ir à presença do irmão com uma

=prontidão calculada. Carlos estava de pé, assobiando uma

=cançoneta de caçador.

Ao entrar, o duque de Alençon surpreendeu nos olhos envidraçados

=de Carlos um desses olhares rancorosos que eram tão seus

=conhecidos.

- Recebi ordem para lhe vir falar Senhor; que deseja Vossa

=Majestade?

- Dizer-lhe, meu bom irmão, que, para recompensar a grande amizade

=que me tem, estou decidido a conceder-lhe hoje aquilo que mais

=deseja.

- A mim?

- Sim, ao senhor. Lembre-se de qual é a coisa em que mais pensa de =certo tempo para cá, e conte com ela.

- Meu Senhor - disse Francisco -, juro a meu irmão que nada mais =desejo do que a continuação da boa saúde do rei.

- Então deve estar satisfeito, de Alençon: a indisposição =que tive quando os polacos chegaram, desapareceu. Escapei, graças a =Henriquinho, dum javali furioso que me ia dilacerando, e passo de =maneira tal, que não tenho inveja ao mais sadio do meu reino. Pode, =pois, de Alençon, sem ser mau irmão, desejar outra coisa além =da continuação da minha saúde, que é excelente.

- Não desejo nada, Senhor.

- Deseja, deseja, Francisco - tornou Carlos impacientando-se -, deseja a =coroa de Navarra, visto que se entendeu com Henriquinho e de Mouy; com o =primeiro para que a renunciasse, com o segundo para que lha obtivesse. =Pois bem, que mais quer? Henriquinho renuncia, de Mouy transmitiu-me a =sua súplica, e essa coroa que ambicionava.

- E que mais? - perguntou de Alençon com voz trémula.

- Ora! que mais. É sua.

De Alençon empalideceu horrivelmente; depois, o sangue que lhe =acudira ao coração e que quase lho despedaçara, refluíu de =repente para as extremidades, e uma ardente vermelhidão veio =queimar-lhe as faces; o favor que o rei lhe fazia desesperava-o

num tal =momento.

322

- Mas, Senhor - tornou ele, palpitando de emoção, e buscando
=serenar- se sem o conseguir

-, eu não desejei, nem tão-pouco pedi, nada que se assemelhe a
=isso.

- É possível - disse o rei -, porque meu irmão é muito =discreto:
mas houve quem desejasse e pedisse por ele.

- Senhor, juro-lhe que nunca.

- Não jure.

- Mas, Senhor, Vossa Majestade quer desterrar-me?.

- Pois chama a isso um desterro, Francisco? Que tal!. é bem
=difícil de contentar. Que esperava então mais?

De Alençon mordeu os beijos de desesperação.

- Por minha fé! - continuou Carlos, afectando bondade - julgava-o
=menos popular, e principalmente entre os huguenotes; porém,
visto que =eles o pedem, devo confessar que me enganava. Demais,
eu nada podia =desejar tanto como ter uma pessoa minha, meu irmão,
que me ama, e que =é incapaz de me trair, à testa dum partido que
nos guerreia há =trinta anos. Isto vai como por encanto
tranquilizar tudo; além de que =seremos todos reis na família.

Só o pobre Henriquinho é que =não será mais do que meu amigo. Mas
ele não é ambicioso, e =esse título, que ninguém reclama,

tomá-lo-á ele.

- Oh, Senhor! Vossa Majestade engana-se. Esse título reclamo-o eu; =ninguém tem mais direito a ele. Henrique é apenas seu cunhado, =isto é, irmão por aliança; eu sou irmão de Vossa Majestade =pelo sangue, e ainda mais pelo coração. Senhor, rogo-lhe =encarecidamente que me deixe ficar ao pé de si.

- Isso não, Francisco - respondeu Carlos -, seria fazer a sua =desgraça.

- Como assim!

- Por mil razões.

- Vossa Majestade nunca achará um companheiro tão fiel como eu. =Desde a minha infância nunca me separei de Vossa Majestade.

- Sei isso, sei isso, e também que não tenho deixado de o desejar =algumas vezes mais longe de mim.

- Que quer dizer Vossa Majestade?

- Nada, nada!. eu cá me entendo. Oh! que belas caçadas que vai =fazer, Francisco, que inveja que lhe tenho! Não sabe que se caçam =os ursos nessas diabólicas montanhas como aqui os javalis?. Que belas =peles que nos há-de mandar! Há-de saber que essa caça é =morta a punhal; esperam o animal, excitam-no, desesperam-no, ele vem =direito ao caçador, empina-se nos pés, e nesse momento =crava-se-lhe o ferro no coração, assim como fez Henrique ao javali =na última caçada. É perigoso, mas como meu irmão é

=valente, esse perigo dar-lhe-á um verdadeiro prazer.

- Ah! Vossa Majestade redobra o meu pesar, porque nunca mais terei o =gosto de caçar na sua companhia.

- Oh! lá por isso não - disse o rei -, tanto melhor: não nos =convém muito caçarmos juntos.

- Que quer Vossa Majestade dizer?

- Que é tal o gosto que tem em caçar comigo, e tanta a sua =emoção, que, não obstante chegar a sua destreza ao ponto de =matar uma pega a cem passos, isto com qualquer arcabuz, teve a

=infelicidade, a última vez que caçámos juntos, de errar, com =uma arma com que está acostumado, um javali que passou a vinte =passos, e de, ainda por cima, quebrar uma perna ao meu melhor cavalo. =Que diabo, Francisco! olhe que isto dá que cismar!

- Oh, Senhor! perdoe à emoção - disse Francisco, que se tornara =lívido.

- Sim, sim - tornou Carlos -, sei bem o que é a emoção; e é =mesmo por causa dessa emoção, que eu aprecio pelo seu justo valor, =que lhe digo agora: Francisco, é melhor caçarmos um

323

longe do outro, especialmente quando há tais emoções. Reflecta =nisto, meu irmão, não na minha presença, porque bem vejo que o =perturba, mas quando estiver só, e há-de convir que tenho toda a =razão para temer que na outra caçada lhe sobrevenha uma nova

=emoção; ora, não há nada que faça levantar o braço =como é a
emoção, e então mataria o cavaleiro em vez do =cavalo, o rei em vez do animal.
Cos diabos! uma bala cravada mais acima =ou mais

abaixo pode mudar muito a face dum governo, do que temos um
=exemplo na nossa família. Quando Montgomery matou nosso pai
Henrique =II por acidente, por emoção talvez, o golpe levou nosso
irmão =Francisco II para o trono, e nosso pai Henrique para S.
Dinis. Deus =tirou o mundo do nada; basta-lhe portanto muito pouca
coisa para fazer =muito.

O duque sentiu correr-lhe o suor pela testa durante esse choque
tão =terrível como imprevisto. Era impossível que o rei pudesse
mais =claramente dizer que se adivinhara tudo. Carlos, encobrendo
a sua =cólera com um ar de galanteio, estava ainda talvez mais
terrível =do que se tivesse deixado trasbordar a fervente lava
rancorosa que lhe =devorava o coração; a sua vingança parecia
proporcionada ao =rancor. À medida que este se exacerbava,
engrandecia aquela, e pela =primeira vez sentiu de Alençon o
remorso, ou antes, o pesar de ter =concebido um crime que não
pudera consumir.

Sustentara ele a luta enquanto o pôde fazer, mas, recebendo esse
=último choque, dobrou a cabeça, e Carlos viu assomar-lhe aos
olhos =essa chama devoradora, que nas pessoas de natureza terna
solta os diques =ao pranto. Mas de Alençon era daqueles que só
choram de raiva.

Carlos tinha fixado nele os seus olhos de águia, aspirando por assim =dizer cada uma das sensações que se sucediam no coração do =mancebo. E todas essas sensações se lhe manifestavam com tanta =precisão, graças ao estudo aprofundado que tinha feito da sua =família, como se o coração fosse um livro aberto.

Deixou-o assim por um instante, esmagado, imóvel e mudo; e depois, =com uma voz toda impregnada de rancorosa firmeza:

- Meu irmão - disse ele -, demos-lhe conta da nossa resolução, =e a nossa resolução é imutável: há-de partir.

De Alençon fez um movimento. Carlos pareceu não o perceber, e =continuou:

- Quero que a Navarra se ufane de ter por príncipe um irmão do rei =de França. Poder, honras, nada lhe há-de faltar, meu irmão; =cerá tudo o que convém ao seu nascimento, como teve seu irmão; =e assim como ele, também me há-de bendizer de longe. Mas não =importa: para as bênçãos não há distâncias.

- Senhor.

- Aceite, ou, para melhor dizer, resigne- se. Logo que for rei, =achar-se-lhe-á uma mulher digna dum filho de França, e talvez =mesmo lhe traga um trono.

- Mas - disse de Alençon - Vossa Majestade esquece-se do seu bom =amigo Henrique.

- Henrique? pois não lhe disse já que ele não queria nada do =trono

de Navarra? Não lhe disse que lho cedia?. Henrique é um =mancebo

jovial, e não uma carinha pálida como Francisco. Ele quer =rir, divertir-se a seu gosto, e não definhar, como nós estamos

=condenados, sob o peso das coroas.

De Alençon suspirou.

- Então - disse ele - Vossa Majestade manda que eu trate.

- Não, não. Não se embarace com coisa alguma, Francisco; eu =mesmo arranjarei tudo; descanse em mim como num bom irmão. E agora, =que tudo está combinado, pode retirar-se; quer diga quer não aos =seus amigos o que se acaba de passar entre nós, hei-de tratar de =fazer com que a coisa se torne pública quanto antes. Pode retirar-se, =Francisco.

Não havia nada que responder a isto. O duque cumprimentou, e partiu =ardendo em raiva. Ele fervia por encontrar Henrique, para conversar com =ele sobre o que acabava de se passar,

324

mas não encontrou senão Catarina; com efeito, Henrique fugia de =conversar com ele, e a rainha-mãe procurava-o.

O duque, ao ver Catarina, sufocou imediatamente as suas dores e tentou =sorrir. Menos feliz

do que Henrique de Anjou, não era a mãe que ele buscava em =Catarina, mas simplesmente uma

aliada. Começava, pois, por dissimular com ela, porque para fazer =boas alianças cumpre empregar-se mutuamente uma boa e variada

dose de =engano.

Aproximou-se portanto de Catarina com um semblante em que apenas havia =um leve vestígio de desassossego.

- Então, minha Senhora, não sabe as grandes notícias que =há?

- Sei que se trata de fazê-lo rei.

- É uma grande bondade da parte de meu irmão, minha Senhora.

- Assim parece, =não é verdade?

- E sou quase levado a crer que devo repartir com =Vossa Majestade uma parte do meu reconhecimento, porque, enfim, se fosse =Vossa Majestade quem lhe tivesse dado o conselho de me fazer presente dum trono, era a Vossa Majestade que o deveria; posto =que, na realidade, contristou-me ter que despojar deste modo o rei de =Navarra.

- Então, pelo que parece, meu filho tem muita amizade a =Henriquinho...

=760- Decerto; há algum tempo que estamos =intimamente ligados.

=760- E crê que ele corresponda verdadeiramente =à sua amizade?

- Creio, pois não!

- Semelhante amizade, meu filho, especialmente entre =príncipes, é decerto bem edificante.

=760As amizades de corte passam por =pouco sólidas, meu querido Francisco.

- Mas deve lembrar-se, minha mãe, que nós não =só somos príncipes, mas até

quase irmãos.

Catarina deixou escapar um esquisito sorriso.

=760- Qual! - disse ela - há porventura irmãos entre =reis?

- Nós não éramos reis, minha mãe, quando =nos ligámos assim, nem tínhamos mesmo probabilidades de o vir a =ser; eis por que nos amávamos.

- Sim, mas as coisas estão bem mudadas actualmente.

- Bem mudadas?

- Sim, decerto; quem lhes diz agora que não serão ambos reis?

Pelo sobressalto nervoso do duque, pela vermelhidão que lhe invadiu o =rosto, viu Catarina que

a seta que disparara fora bater em cheio no coração.

- Ele? - disse Francisco - Henriquinho rei? e de que reino?

=760- Dum dos mais magníficos da cristandade, meu =filho.

- Oh! - bradou de Alençon empalidecendo - que é =que está dizendo?

- Aquilo que uma boa mãe deve dizer a seu filho, e em que o meu filho =Francisco tem pensado por mais duma vez.

- Eu - disse o duque - não tenho pensado em nada, minha Senhora, =juro-lho.

- Quero acreditá-lo, porque o seu amigo, porque seu irmão =Henrique, como lhe chama,

debaixo da sua aparência de franqueza, é um senhor muito fino e

=muito astucioso, que guarda

os seus segredos muito melhor do que Francisco. Disse-lhe ele, por exemplo, alguma vez, que de Mouy era o seu procurador?...

E dizendo =estas palavras, Catarina cravou o seu olhar como um estilete na alma de =Francisco.

- De Mouy? - disse ele com surpresa, e como se fora a primeira vez que =ouvira pronunciar este nome em tal circunstância.

- Sim, o huguenote de Mouy de Saint-Phale, aquele mesmo que quase matou =o Sr. de Maurevel e que clandestinamente, e correndo a França e a =capital em diferentes trajos, trama e levanta um exército para sustentar Henrique contra a nossa =família.

325

Catarina, que ignorava que seu filho Francisco soubesse a este respeito =tanto e até mais do que ela, levantou-se ao dizer estas palavras, =dispondo-se a fazer uma saída majestosa.

Francisco reteve-a.

- Minha mãe - disse ele -, responda-me ainda a uma coisa. Visto que =Vossa Majestade se digna iniciar-me na sua política, diga-me: como =é que com tão fracos recursos, e sendo tão pouco conhecido, =poderá Henrique fazer uma guerra bastante séria para inquietar a =minha família?

- Criança - disse a rainha sorrindo - saiba que ele é sustentado =por talvez mais de trinta mil homens; saiba que no dia em que ele disser =uma palavra, aparecerão subitamente esses trinta mil

homens como se =saissem debaixo da terra, e esses trinta mil
homens são =huguenotes, isto é, os mais bravos soldados do mundo.
E depois, ele =tem uma protecção que Francisco não tem percebido
ou não tem =podido conciliar.

- E qual é?

- Tem o rei; o rei, que o ama, que o impele; o rei, que por ciúme
de =seu irmão da Polónia, e por despeito de Francisco, procura
=sucessores em torno de si. Mas estes sucessores - que cego que
é =Francisco se o não vê! - quer achá-los fora da sua =família.

- O rei? pois crê nisso, minha mãe?.

- Pois não tem percebido que ele adora Henriquinho, o seu
=Henriquinho?

- Decerto, minha mãe, decerto.

- E que é correspondido por ele?. Porque esse mesmo Henriquinho,
=esquecendo-se de que seu cunhado o queria arcabuzar no dia de
S. =Bartolomeu, põe-se de rastos como um cão que lambe a mão que
o =castigou!

- Sim, sim - disse Francisco por entre dentes -, já o tenho notado:
=meu irmão Henrique é bastante humilde com meu irmão Carlos.

- Engenhoso em agradar-lhe em tudo.

- Tanto que, despeitado pela zombaria que o rei faz constantemente
da =sua ignorância das caçadas com falcões, quer tratar de estudar
=a volataria. E foi por isso que me perguntou. (sim, foi ontem)

se eu =não tinha alguns livros bons que tratassem desta arte.

- Espere. - disse Catarina, cujos olhos luziram como se uma ideia

=súbita lhe tivesse atravessado o espírito - espere. E que lhe

=respondeu, Francisco?

- Que eu o procuraria na minha biblioteca.

- Bem - disse Catarina -, bem; é preciso dar-lhe esse livro.

- Mas eu procurei e não achei.

- Pois hei-de achá-lo eu, deixe estar, hei-de achá-lo. e há-de

=dar-lho depois como coisa sua.

- E que resultará daí?

- Confia em mim, de Alençon?

- Confio, minha mãe.

- Quer-me obedecer cegamente a respeito de Henrique, a quem não ama, =por mais que me diga?

De Alençon sorriu.

- E a quem eu detesto - continuou Catarina.

- Obedecerei.

- Na manhã da próxima caçada venha aqui buscar o livro;

=dar-lho-ei para o levar ao Henrique.

-E...

- Deus, a Providência ou o acaso, fará o resto.

Francisco conhecia bastante a mãe, e por isso sabia que não era

a =Deus, à Providência ou ao acaso que ela costumava ceder a tarefa

=de satisfazer as suas amigas ou os seus rancores; mas não se
=atreveu a acrescentar uma palavra; e fazendo uma cortesia, como
homem =que aceita a comissão de que o encarregaram, retirou-se
para o seu =quarto.

326

Que quererá ela dizer? - ia ele pensando ao subir a escada - não
=entendo. É porém claro para mim que ela trabalha em tudo isto
=contra um inimigo comum. Deixemo-la, pois, haver-se como
entender.

Neste intervalo, recebia Margarida, por intermédio de La Mole,
uma =carta de de Mouy com sobrescrito para o rei de Navarra. Como
os dois =ilustres cônjuges não tinham, em objectos políticos,
segredo =algum entre si, abriu ela a carta e leu-a.

Julgou-a decerto interessante, porque, no mesmo instante,
=aproveitando-se da escuridão que começava a cobrir as paredes
do =Louvre, introduziu-se Margarida pela passagem secreta, subiu
a escada de =caracol e, depois de ter olhado com atenção para todos
os lados, =correu com a rapidez duma sombra e introduziu-se na
antecâmara do rei =de Navarra.

Essa antecâmara não era guardada por pessoa alguma depois da
=desaparição de Orthon.

Essa desaparição, de que não tornámos a falar desde o =momento
em que o leitor a viu efectuar-se tão tragicamente para o =pobre

Orthon, havia inquietado muito Henrique. Abria-se ele a esse respeito com a Sr. de Sauve e com a esposa; mas nenhuma delas sabia mais do que ele; apenas a Sr. de Sauve lhe dera alguns esclarecimentos, em virtude dos quais estava Henrique perfeitamente convencido de que o pobre rapazito fora vítima dalguma maquinação da rainha-mãe, e que era em consequência dessa maquinação que ele estivera a ponto de ser preso com de Mouy na hospedaria da Estrela Brilhante.

Outro que não fosse Henrique guardaria silêncio a este respeito, porque teria tido medo de falar; mas Henrique calculava tudo: viu que seu silêncio poderia atraí-lo; não se perde ordinariamente assim um Famulo, um confidente, sem que se proceda a indagações, sem que se trate de procurá-lo. Foi o que Henrique fez, à vista mesmo do rei e da rainha-mãe: perguntou por Orthon a toda a gente, desde a sentinela do passadiço do Louvre até ao capitão das guardas que velava na antecâmara do rei; mas todas as perguntas e todos os passos foram infrutíferos; e Henrique mostrou-se tão ostensivamente afectado por esse acontecimento, e tão afeiçoado ao pobre famulo ausente, que declarou expressamente que não substituissem enquanto não adquirisse a certeza de que havia desaparecido para sempre. Não estava pois ninguém na antecâmara, como dissemos, quando Margarida se apresentou no quarto de Henrique.

Por mais leves que fossem os passos da rainha, Henrique ouviu-os e =voltou-se.

- Vossa Majestade aqui? - exclamou ele.

- Eu, sim - respondeu Margarida. - Leia depressa.

E apresentou-lhe o papel aberto.

Continha as seguintes linhas:

Senhor: chegou o momento de dar execução ao nosso projecto de

=fuga. Por estes cinco dias haverá

caçada com falcões ao longo do Sena desde São Germano até =Maisons.

Isto é em toda a extensão

da floresta.

Vá a essa caçada, posto que seja de altanaria; vista por baixo

do =gibão uma boa cota de malha; cinja a sua melhor espada e monte

no =cavalo mais fino que tiver. Por volta do meio-dia, isto e no

maior calor =da caçada, e quando o rei largar atrás do falcão,

afaste-se =sozinho, se for só; com a rainha de Navarra, se ela

o acompanhar.

Cinquenta dos nossos estarão escondidos no Pavilhão de Francisco

=I, do qual temos a chave; ninguém saberá que eles ali estão,

=porque hão-de entrar de noite e as janelas hão-de estar

=fechadas.

Passe pela Alameda das Violetas, na qual hei-de estar eu de vigia;

à =direita dessa alameda, numa pequena quebrada, estarão os Srs.

de La =Mole e de Cocunás, com dois cavalos à mão

para muda, se os seus estiverem cansados.

Adeus, meu Senhor Não se descuide: esteja pronto, que nós o
=estaremos também.

327

- E há-de estar - disse Margarida, proferindo, depois de mil e
=seiscentos anos, as mesmas palavras que César pronunciou nas
margens =do Rubicão.

- Seja, minha Senhora - respondeu Henrique -, não serei eu quem
a =desminta.

- Vamos, Senhor, torne-se herói; não é difícil; não tem =mais do
que seguir o seu caminho; arranje-me um bom trono - disse a =filha
de Henrique.

Um imperceptível sorriso correu pelos finos lábios do Bearnês,
=que beijou a mão de Margarida, e saiu primeiro do que ela para
=explorar a passagem.

A precaução fora boa: no momento em que ele abria a porta da
=câmara de dormir o duque de Alençon abria a da sua antecâmara;
=Henrique fez um sinal com a mão a Margarida, e disse depois em
voz =alta:

- Ah, é Vossa Alteza, meu irmão. Seja muito bem-vindo.

Ao sinal do marido, a rainha compreendera tudo, e correrá para
um =gabinete de toucador, cuja porta estava coberta por uma
espessa =tapeçaria.

O duque de Alençon entrou com passos temerosos e mirando tudo em roda =de si.

- Estamos sós, meu irmão? - perguntou a meia voz.

- Perfeitamente sós. Que há de novo? Parece-me muito =perturbado.

- Que há de novo? Há que estamos descobertos, Henrique!

- Como? descobertos?.

- Sim; de Mouy foi preso.

- Já sei.

- E disse tudo ao rei.

- Disse o quê?

- Disse que eu desejava o trono de Navarra, e que conspirava para o =alcançar.

- Ah! cos diabos! - disse Henrique - de sorte que aí o temos =comprometido, meu pobre irmão! E como é que ainda não foi =preso?

- Eu mesmo não o sei; o rei gracejou comigo, ao mesmo tempo que =afectou oferecer-me o trono de Navarra. Contava decerto arrancar-me uma =confissão, mas eu não disse nada.

- E, por Deus! fez bem! - disse o Bearnês. - Conservemo-nos duros; a =nossa vida depende disso.

- Sim - tornou Francisco -, o caso é grave; por este motivo, vim =pedir-lhe o seu parecer, meu irmão. Que julga que devo fazer, fugir =ou ficar?

- Esteve decerto com o rei, visto que foi a Vossa Alteza que ele falou, =não é assim?

- Estive.

- Então deve ter-lhe lido o pensamento. Siga a sua =inspiração.

- Eu antes queria ficar - respondeu Francisco.

Apesar de ser tão senhor de si, Henrique deixou escapar um movimento =de alegria; e posto que imperceptível, Francisco surpreendeu-o na =passagem.

- Então fique - disse Henrique.

- E Vossa Majestade?

- Pois se Vossa Alteza fica, não tenho eu motivo nenhum que me =obrigue a sair. Eu só partia para o acompanhar, por dedicação, =para não ficar separado dum irmão a quem amo.

- Portanto - disse de Alençon -, estão perdidos todos os nossos =planos; Vossa Majestade cede, sem resistir, ao primeiro revés da =fortuna.

- Eu por mim não considero um revés da fortuna ficar aqui; =graças ao meu carácter pachorrento, estou bem em toda a parte.

- Bem, como quiser - disse de Alençon -, não falemos mais nisso; =só o que lhe peço é que, se tomar alguma nova resolução, =não deixe de ma comunicar.

- Oh! pois não! fique certo disso - respondeu Henrique. - Pois não =conviemos em que não haveria segredos?.

houve =um momento em que julgou ver mexer a tapeçaria do gabinete do =tocado. Com efeito, apenas saiu de Alençon, levantou-se

essa =tapeçaria e Margarida tornou a aparecer.

- Que pensa desta visita? - perguntou Henrique.

- Que há alguma coisa de novo e importante.

- E que julga que haverá?

- Ainda não sei, mas hei-de sabê-lo.

- E entretanto?.

- Entretanto, não deixe de vir à minha câmara amanhã à =noite.

- Conto não faltar, minha Senhora - disse Henrique, beijando com

=amabilidade a mão da mulher.

E Margarida entrou para a câmara com as mesmas precauções com =que saíra.

O TRATADO DE MONTARIA

Tinham-se passado trinta e seis horas depois dos acontecimentos que acabámos de narrar. Começava a romper o dia, mas já tudo estava acordado no Louvre, como era costume nos dias de caçada, quando o duque de Alençon se dirigiu ao aposento da mãe, conforme haviam concordado.

A rainha-mãe não estava na sua câmara; mas tinha deixado ordem para que o filho a esperasse, caso fosse procurá-la.

Passados alguns instantes, saiu ela dum gabinete onde ninguém mais entrava, e que era destinado às suas operações químicas.

Ou fosse pela porta entreaberta, ou viesse impregnado no fato, entrou ao mesmo tempo que a rainha-mãe o cheiro penetrante dum acre perfume; e pela abertura dessa porta notou de Alençon um denso vapor, como o que produz qualquer aroma queimado, que flutuava como uma nuvem branca no laboratório donde a rainha saía.

O duque não pôde reprimir um olhar de curiosidade.

- É verdade - disse Catarina -, queimei alguns pergaminhos velhos, e exalaram tão mau cheiro, que tive de lançar um pouco de zimbro no braseiro.

De Alençon inclinou-se.

- Então? - disse Catarina, escondendo nas largas mangas do roupão as mãos cobertas de pintas amareladas - que há de novo desde

=ontem?

- Nada, minha mãe.

- Tornou a ver Henrique?

- Tornei.

- Ainda recusa partir?

- Absolutamente.

- Que velhaco!

- Que diz, minha Senhora?

- Digo que parte.

- Crê que sim?

- Tenho a certeza.

- Então abandona-nos?

- Exactamente - disse Catarina.

- E Vossa Majestade deixa-o partir?

- Não só o deixo partir, mas, ainda digo mais: é necessário =que parta.

- Não a entendo, minha mãe.

330

- Ouça bem o que lhe vou dizer, Francisco. Um médico muito =hábil, o mesmo que me deu o tratado de caça que o meu filho lhe =vai levar, asseverou-me que o rei de Navarra estava para ser atacado =duma tísica, dum dessas doenças inexoráveis para as quais =não há remédio algum; ora, bem vê que, se ele tem de morrer =de tão cruel

enfermidade, é melhor que seja longe de nós do que =à nossa vista,
na corte.

- Realmente - disse o duque -, isso contristar-nos-ia bastante.

- E principalmente a seu irmão Carlos - disse Catarina. - Se,
=porém, Henrique morrer depois de o haver atraído, o rei
=considerará essa morte como um castigo do Céu.

- Tem razão, minha mãe - disse Francisco com admiração -, =ele
deve partir. Mas, está bem certa de que partirá?

- Já tomou todas as medidas para o fazer. A reunião é na =floresta
de São Germano. Cinquenta huguenotes devem servir-lhe de =escolta
até Fontainebleau, onde o esperam outros quinhentos.

- Oh! - exclamou de Alençon com uma breve hesitação e uma =palidez
visível - minha irmã Margot parte com ele?

- Parte - respondeu Catarina -, está isso acordado. Porém, logo
=que Henrique morrer, Margot voltará para a corte, viúva e =livre.

- E Henrique morrerá, minha Senhora? Está certa disso?

- Pelo menos assim mo asseverou o médico que me deu o livro de
que =falámos.

- E onde está esse livro, minha Senhora?

Catarina voltou com passos vagarosos ao gabinete misterioso,
abriu a =porta, entrou e tornou a sair daí a um instante com o
livro na =mão.

- Está aqui - disse ela.

De Alençon olhou com algum terror para o livro que a mãe lhe
=apresentava.

- Que livro é esse, minha Senhora? - perguntou o duque
=estremecendo.

- Já lhe disse, meu filho, que é um tratado para aprender a criar
=e adestrar os açores, falcões e gerifaltes, feito por um homem
=muito sábio, pelo Sr. Castruccio Castracani, tirano de Luca.

- E que devo fazer dele?

- Levá-lo ao quarto do seu bom amigo Henriquinho, que lho pediu,
=segundo me disse (este ou outro semelhante), para se instruir
na =volataria. Como ele vai hoje à caça com o rei, não deixará
=de ler algumas páginas, a fim de lhe provar que segue os seus
=conselhos tomando lições. O principal é entregá-lo a ele =mesmo.

- Oh! não me atrevo a isso - disse de Alençon estremecendo.

- Porquê? - disse Catarina - é um livro como todos os livros; a
=única diferença é ter as páginas quase todas pegadas umas =às
outras, provavelmente por estar fechado há muito tempo. Não =o
procure ler, Francisco, porque não é possível fazê-lo =senão
molhando o dedo para abrir folha por folha, o que gasta muito e
=dá muito trabalho.

- Também, só um homem que tiver grande desejo de se instruir é
=que poderá perder esse tempo e tomar esse trabalho.

- Exactamente, meu filho; vejo que compreende.

- Oh! - disse de Alençon - lá está já Henriquinho no =pátio. Dê-me cá o livro, minha Senhora; vou aproveitar-me da =sua ausência para lho pôr no quarto; quando voltar, lá o =encontrará.

- Eu estimaria mais que lho desse em mão própria, Francisco; era =mais seguro - disse Catarina.

- Já lhe disse que não me atrevo, minha Senhora.

- Pois vá, mas ponha-o bem à vista.

- Pô-lo-ei no lugar mais visível, e faz mal que esteja aberto?

331

- Não faz.

- Então dê-mo cá.

De Alençon pegou com a mão trémula no livro que Catarina lhe =entregou com mão firme.

- Tome, tome - disse Catarina -, não há perigo algum, uma vez que =eu lhe pego; demais, o meu filho está com luvas.

Esta precaução não bastou para de Alençon, que embrulhou o =livro na sua capa. - Não se demore - disse Catarina -, não se =demore; Henrique pode subir dum momento para outro.

- Tem razão, minha Senhora, vou já. E o duque saiu, titubeando de =emoção.

Já introduzimos algumas vezes o leitor nos aposentos do rei de =Navarra, e fizemo-lo assistir às sessões que ali se passaram, =festivais ou terríveis, conforme o estado risonho ou ameaçador

do =génio protector do futuro rei de França.

Mas talvez que nunca essas paredes salpicadas de sangue pelo
=assassínio, regadas de vinho pela orgia, embalsamadas de aromas
pelo =amor, nunca esse canto do Louvre, enfim, tivesse visto
aparecer um rosto =mais pálido do que o do duque de Alençon, com
o livro na mão =à porta da câmara do rei de Navarra.

E, não obstante, segundo contara o duque, não estava lá =ninguém
para inquirir com vistas curiosas ou indiscretas a =acção que ele
ia cometer. Os primeiros raios do dia alumiam o =quarto, que
estava completamente só.

Na parede estava dependurada a espada que de Mouy aconselhara a
Henrique =que levasse. Pelo chão estavam dispersos alguns anéis
duma cota de =malha. Em cima numa mesa estava uma bolsa bem recheada e
um pequeno =punhal, e algumas cinzas espalhadas pela
lareira, juntas a esses outros =indícios, diziam claramente a de
Alençon que o rei de Navarra =tinha vestido uma cota de malha,
pedira dinheiro ao seu tesoureiro e =queimara papéis que o podiam
comprometer.

Minha mãe não se enganou - disse de Alençon -, o velhaco
=atraioava-me. Esta convicção deu por certo uma nova força =ao
mancebo, por isso que, depois de haver sondado com o olhar todos
os =cantos da câmara, depois de haver levantado os reposteiros,
depois =que a grande bulha que havia nos pátios e o profundo
silêncio que =reinava nos aposentos, lhe provaram que ninguém o

espiava, tirou o livro de baixo da capa, colocou-o rapidamente em cima da mesa em que estava a bolsa, encostando-o a uma estante de carvalho; depois afastou-se, estendeu o braço, e, com uma hesitação que lhe traía o susto, com a luva calçada, abriu o livro no lugar em que havia uma estampa de caça.

Aberto o livro, de Alençon recuou imediatamente uns três passos, e, descalçando a luva, lançou-a no braseiro, que ainda ardia, e que acabava de devorar os papéis. A pele branda crepitou sobre as brasas, torceu-se e estendeu-se como o cadáver dum grande réptil, e em pouco tempo não ficou dela mais do que um resíduo negro e eriçado.

De Alençon esteve ali até que o fogo consumiu inteiramente a luva, enrolou depois a capa em que havia embrulhado o livro, meteu-a debaixo do braço, e voltou apressado para o seu quarto. Ao entrar nele, profundamente alterado, palpitando-lhe muito o coração, sentiu passos na escada de caracol, e não duvidando que fosse Henrique que voltava, fechou precipitadamente a porta.

Correu depois para a janela; mas da janela apenas se via uma parte do átrio do Louvre. Henrique não estava nessa parte do átrio; tornou-se-lhe portanto mais firme a convicção de que era ele que tinha subido e entrado.

O duque sentou-se, abriu um livro e tentou ler. Era uma história de França, desde Faraó até Henrique II, para cuja publicação

=el-rei Carlos havia concedido privilégio logo que subira ao
=trono.

333

Mas o espírito do duque não estava ali; a febre da espera
=queimava-lhe as artérias. A pancada das fontes retinia- lhe no
=cérebro; como sucede num sonho ou num êxtase magnético,
=parecia-lhe que estava vendo através das paredes o que se
passava; o =seu olhar penetrava no quarto de Henrique não obstante
o tríplice =obstáculo que o separava dele.

Para desviar o objecto trágico que julgava estar vendo com os
olhos =do pensamento, o duque procurou fixar os seus noutra coisa
que não =fosse o livro terrível, aberto, sobre a estante de
carvalho, no lugar =da estampa; mas foi de balde que pegou, uma por uma, em
todas as suas =armas, em todas as suas jóias, que

contou cem vezes; todos os =pormenores daquela gravura, para que
o duque apenas olhara, tinham-lhe =ficado impressos no espírito.

Era um fidalgo a cavalo que, fazendo o =serviço dum simples
falcoeiro, atirava a negaça, chamando o =falcão e correndo a toda
a brida por cima dum pantanal. Por mais =violento que fosse o
desejo do duque, a lembrança dominava-o contra =sua vontade.

E demais, não era só o livro que ele via, era o rei de Navarra
=aproximando-se do livro, olhando para a estampa, tentando voltar
as =folhas e, embaraçado pelo obstáculo que elas opunham,
triunfando =do obstáculo molhando o dedo e obrigando-as a

separar-se.

E a essa vista, fictícia e fantástica como era, de Alençon, =titubeando, via-se obrigado a segurar-se com uma das mãos a uma mesa, =enquanto com a outra cobria os olhos, como se com os olhos cobertos =não visse ainda melhor o espectáculo de que queria fugir.

Esse espectáculo era o seu próprio pensamento.

De repente, de Alençon viu Henrique atravessar o pátio; o =Bearnês parou um instante ao pé dos criados, que estavam =carregando duas mulas com as provisões para a caça, que não =eram mais do que o dinheiro e os aprestos para a jornada; depois de dar =algumas ordens, cortou diagonalmente o átrio, e dirigiu-se =visivelmente para a porta da entrada.

De Alençon estava imóvel no seu lugar. Não era pois Henrique =quem tinha subido pela escada secreta. Tinha portanto o duque sofrido =inutilmente todas essas agonias por que passava havia um quarto de hora. =O que ele julgava acabado, ou quase a acabar, ia começar agora.

De Alençon abriu a porta da sua câmara, e foi pôr-se à =escuta na do corredor. Desta vez não se enganava, era com efeito =Henrique. De Alençon reconheceu-lhe os passos e até o tinido =particular das rosetas das esporas.

A porta da câmara de Henrique abriu-se, e tornou-se a fechar. De

=Alençon entrou para a sua e atirou-se para uma poltrona.

Bem - disse ele - eis o que se passa agora: atravessou a antecâmara, =a primeira sala, e chegou ao quarto de dormir; ali procurou com os olhos =a espada, depois a bolsa, depois o punhal, e depois, finalmente, achou o =livro aberto na estante.

Que livro é este? - terá ele dito consigo. - Quem me traria este =livro? Depois, ter-se-á aproximado, terá visto essa estampa que =representa um cavaleiro chamando o seu falcão, e há-de ter querido =ler, procurando virar as folhas.

Um suor frio passou pelo rosto de Francisco.

Irá ele chamar por alguém? - disse consigo. - Será acaso um =veneno de rápido efeito? Não, decerto que não, visto que minha =mãe me disse que ele havia de ir definhando lentamente até =morrer.

Este pensamento tranquilizou-o um pouco.

Assim se passaram dez minutos: um século de agonias, gasto segundo =por segundo, e fornecendo cada um desses segundos todos os terrores =insensatos que inventa a imaginação, um mundo de visões.

De Alençon não pôde conter-se mais; levantou-se e atravessou a =antecâmara, que começara a encher-se de fidalgos.

- Bom dia, meus Senhores - disse ele -, vou à câmara de =el-rei.

E, para iludir a inquietação que o devorava, para preparar talvez =um alívio, de Alençon desceu

efectivamente à câmara do irmão. Mas que ia lá fazer? Não =o sabia.

Que tinha a dizer-lhe? Nada! Não procurava Carlos, fugia de

=Henrique.

Os guardas deixaram entrar o duque sem dificuldade; nos dias de

=caçada não havia nem etiqueta nem ordens especiais para vigiar

os =que entravam.

Francisco atravessou sucessivamente a antecâmara, a sala e a

=câmara de dormir sem encontrar ninguém; pensou, finalmente, que

=Carlos estivesse na sala de armas, e empurrou a porta que dava

para =ela.

Carlos estava sentado a uma mesa, numa grande poltrona; tinha as

costas =voltadas para a porta por onde Francisco entrara.

Parecia embebido num trabalho que o preocupava.

O duque aproximou-se na ponta dos pés; Carlos estava lendo.

- Cos demónios! - exclamou subitamente o rei - que livro

=admirável! Tinha ouvido falar muito nele, mas não julgava que

o =houvesse em França.

De Alençon aplicou o ouvido e deu mais um passo.

- Malditas folhas! - disse o rei, levando o dedo aos beiços, e

=procurando com ele assim molhado separar a folha que tinha lido

da que =se lhe seguia - parece que lhe colaram as folhas para

esconder aos olhos =dos homens as maravilhas que contém.

De Alençon deu um pulo para diante.

O livro sobre que o rei estava inclinado era o mesmo que de Alençon
=tinha ido pôr na câmara de Henrique.

Escapou-lhe um grito surdo.

- Ah, é o senhor, de Alençon? - disse Carlos - seja muito

=bem-vindo, e venha ver o mais belo livro de montaria que já saiu
da =pena dum homem.

O primeiro movimento de Alençon foi arrancar o livro das mãos do
=irmão; mas um pensamento infernal pregou-o no seu lugar, um
sorriso =medonho assomou-lhe aos lábios descorados; passou a mão
pelos =olhos como se tivera a vista turva.

Tornando depois pouco a pouco a si, mas sem dar um passo nem para
diante =nem para trás, disse:

- Como veio ter este livro às mãos de Vossa Majestade?

- Não há nada mais simples. Subi há pouco à câmara de =Henriquinho
para ver se ele estava pronto; já o não achei no =quarto; andava
decerto pelos canis e estrebarias; mas em lugar de o =encontrar
a ele, encontrei este tesouro, e desci para o vir ler à =minha
vontade.

E o rei tornou a levar o dedo aos lábios, e virou outra vez uma
folha =rebelde.

- Senhor. - balbuciou de Alençon, cujos cabelos se eriçavam, e
que =sentiu por todo o corpo uma agonia terrível - Senhor, eu vinha

dizer- =lhe.

- Deixe-me acabar este capítulo, Francisco - disse Carlos -, e depois =diga-me tudo quanto quiser. Já li, ou para melhor dizer, já =devorei, cinquenta páginas!

Já tomou vinte e cinco doses de veneno! - disse Francisco consigo.

- =Meu irmão vai morrer!

Veio-Lhe então ao pensamento a existência dum Deus no Céu que =não era talvez o acaso. Francisco enxugou com a mão trémula o =frio orvalho que lhe filtrava pela testa, e esperou silencioso, como o =irmão lhe ordenara, que ele acabasse de ler o capítulo.

335

Carlos continuava a ler. Na sua curiosidade, devorava as folhas do =livro, e cada uma delas, ou por causa da humidade a que haviam estado =muito tempo expostas, ou por qualquer outro motivo, adería à folha =seguinte.

De Alençon acompanhava com os olhos espantados esse terrível =espectáculo, cujo desfecho fatal só ele podia entrever.

Oh! - dizia ele consigo - que coisas aqui se vão passar! Como! pois =eu hei-de partir, hei-de desterrar-me, hei-de ir em busca dum trono =imaginário, enquanto Henrique, à primeira notícia da =enfermidade de Carlos, não deixará de vir para alguma praça =forte a vinte léguas de Paris, espreitando a presa que o acaso nos =entrega, e podendo num pulo estar na capital, de sorte que,

ainda antes =de o rei da Polónia saber da morte de meu irmão, já
estará =mudada a dinastia? É impossível!

Tais eram os pensamentos que haviam dominado o primeiro
sentimento de =horror involuntário que levava Francisco a deter
Carlos. Era essa =fatalidade perseverante que parecia guardar
Henrique e perseguir os =Valois, e contra a qual o duque ainda
queria outra vez lutar.

Todo o seu plano acabava de mudar num instante a respeito de
Henrique. =Era Carlos e não Henrique quem tinha lido o livro
envenenado. =Henrique devia partir, condenado. Desde o mo mento
em que a fatalidade =acabava de o salvar outra vez, cumpria que
Henrique ficasse; porque =Henrique era menos de temer preso em
Vincenas ou na Bastilha, do que o =rei de Navarra à frente de
trinta mil homens.

O duque de Alençon esperou, portanto, que Carlos acabasse o seu
=capítulo, e logo que o rei levantou a cabeça, disse-lhe:

- Meu irmão, eu esperei, porque Vossa Majestade mo ordenou, mas
foi =com pesar, porque tenho coisas da mais alta importância a
=dizer-lhe.

- Ah! cos diabos! - disse Carlos, cujas faces pálidas se iam
fazendo =rubras a pouco e pouco ou pelo grande ardor que tinha
empregado na =leitura, ou porque o veneno começasse a produzir
efeito - cos diabos! =não venhas outra vez falar-me na mesma

coisa. Há-de partir, como =partiu o rei da Polónia. Livrei-me dele, hei-de livrar-me de ti; e =nem mais uma palavra a tal respeito!

- Porém, meu irmão - disse Francisco -, não é da minha =partida que eu lhe quero falar mas da partida de outrem. Vossa Majestade =feriu-me no meu sentimento mais profundo e mais delicado, que é a =minha dedicação a Vossa Majestade como irmão, e a minha =fidelidade como súbdito, e tomo muito a peito provar-lhe que não =sou traidor.

- Vamos - disse Carlos, pondo os cotovelos sobre o livro, cruzando as =pernas e olhando para de Alençon como quem, contra o seu costume, se =arma de paciência -, algum novo boato? Alguma acusação =matinal?

336

- Não senhor. Uma certeza, uma conspiração, que só a minha =ridícula delicadeza é que me não tinha deixado comunicar-lhe.

- Uma conspiração? - disse Carlos. - Vejamos a =conspiração.

- Senhor - continuou Francisco -, enquanto Vossa Majestade estiver =caçando com os falcões junto do rio, na planície do Vesinet, o rei de Navarra =ganhará a floresta de São Germano.

Um corpo de amigos espera-o aí, e há-de fugir com eles.

- Isso já eu esperava - disse Carlos. - Mais uma boa caluniazinha
=contra o meu pobre Henriquinho!... Então ainda não acham que é
=tempo de o deixar sossegado?

- Vossa Majestade não precisará de esperar muito tempo, ao menos
=para se certificar se o que
tenho a honra de lhe dizer é ou não uma calúnia.

- Como assim!

- Porque, quando chegar a noite, já o nosso cunhado terá =partido.

Carlos levantou-se.

- Ouça - disse ele -, quero ainda uma vez a afectar que acredito
nas =suas invenções; mas
advirto-os, a si e a minha mãe, de que esta vez há-de ser a =última.

Depois, levantando a voz:

- Chamem o rei de Navarra!

Um guarda fez um movimento para obedecer; mas Francisco reteve-o
com um =gesto.

- Mau expediente, meu irmão - disse ele -, desse modo não =saberá
nada. Henrique nefará, dará um sinal: os seus =cúmplices serão
avisados e desaparecerão; depois seremos =nós, eu
e minha mãe, acusados não só de visionários, mas até de
=caluniadores.

- Que é que pede então?

- Que em nome da nossa fraternidade Vossa Majestade me escute;

que em =nome da minha dedicação, que vai reconhecer, não precipite
as =coisas. Proceda de sorte, senhor, que o verdadeiro criminoso,
que há =dois anos atraiçoa com intenção a Vossa Majestade,
enquanto o =não tem podido
atraiçoar por obras, seja finalmente reconhecido culpado por uma
=prova infalível, e castigado como
merece.

Carlos não respondeu nada; foi a uma janela e abriu-a; o sangue
=invadia-lhe o cérebro.

Voltando-se por fim vivamente, disse:

- Então que é que faria? Fale, Francisco.

- Eu, Senhor - disse de Alençon -, mandaria cercar a floresta de
=São Germano por três

destacamentos de cavalaria ligeira, os quais, a uma hora ajustada
(às =onze, por exemplo) se poriam

em marcha e bateriam toda a floresta até ao Pavilhão de Francisco
=I, que eu, como por acaso,

designaria para ponto de reunião ao jantar. Depois, affectando que
=seguia o meu falcão, veria afastar-se Henrique, e daria de
esporas =para o ponto designado, onde o apanharia com todos os
seus =cúmplices.

- A ideia é boa - disse o rei. - Chamem o meu capitão das =guardas.

De Alençon tirou do seu gibão um apito de prata pendurado num

=grilhão de ouro, e apitou.

Entrou o Sr. de Nancey.

=760Carlos dirigiu-se a ele, e deu-lhe as =suas ordens em voz baixa.

Neste intervalo, o seu grande galgo Actéon achara =uma presa com que se entreter, e pôs-se a arrastá-la pelo quarto, despedaçando-a às dentadas e dando =saltos de contente.

Carlos voltou-se e rogou uma praga terrível. Essa presa era nada =menos do que o precioso livro de montaria, do qual não existiam no mundo, como já =dissemos, senão três exemplares.

O castigo foi proporcional ao delito. Carlos pegou num chicote e deu-lhe =de modo que o animal ficou por vezes enrolado no açoite. Actéon =gritou com a dor, e refugiou-se debaixo duma mesa coberta com um pano, que lhe serviu de abrigo.

337

Carlos apanhou o livro, e viu com prazer que só lhe faltava uma =folha, e esta mesma não era do texto, mas duma estampa. Fechou-o cauteloso num armário onde Actéon não podia chegar. De =Alençon estava vendo com inquietação o que ele fazia. Bem =desejara ele que esse livro, visto que já tinha cumprido a sua =terrível missão, sáisse quanto antes do poder de Carlos.

Deram seis horas.

Era a hora em que o rei devia descer para o pátio, que estava cheio =de cavalos ricamente ajaezados, de homens e de senhoras magnificamente =vestidos. Os monteiros tinham nos punhos os falcões encapuzados; =alguns picadores levavam trombetas a tiracolo para o caso em que o rei, =cansado da altanaria, como às vezes lhe sucedia, quisesse correr um =veado ou um cabrito-montês.

O rei desceu, tendo primeiro fechado o seu gabinete de armas.

De Alençon, que lhe seguia todos os movimentos com um olhar, viu-o =meter a chave na algibeira.

Enquanto descia a escada, parou e levou a mão à testa.

- Não sei que tenho - disse Carlos -, mas acho-me fraco.

As pernas do duque de Alençon tremiam não menos do que as do =rei.

- Isso é do tempo - balbuciou o duque -, creio que teremos =tempestade.

- Tempestade, em Março? - disse Carlos - está doido!. Não: =tenho vertigens; sinto a pele seca; estou cansado, nada mais.

Depois, a meia voz:

Hão-de acabar por matar-me com os seus ódios e as suas =conspirações. Mas ao chegar ao pátio, o ar fresco da manhã, =os gritos dos caçadores, as estrondosas saudações de cem =pessoas reunidas, produziram em Carlos o efeito costumado.

Respirou mais livre e satisfeito.

O seu primeiro olhar fora para procurar Henrique. Este estava ao pé =de Margarida. Os dois excelentes esposos pareciam que se não podiam =separar, tanto se amavam.

Ao ver Carlos, Henrique chegou as esporas ao cavalo, e em três =galopes achou-se ao pé do cunhado.

- Oh Henriquinho! - disse Carlos -, está montado como para correr =veados. Pois não sabe que hoje só temos altanaria?

E sem esperar a resposta:

- Partamos, meus Senhores, partamos - continuou o rei com o sobrolho =carregado, e com um tom quase ameaçador. - Cumpre que a caçada =comece às nove horas!

Catarina via tudo isto por uma janela do Louvre. Uma cortina levantada =deixava ver esse rosto lívido; mas o corpo, vestido de preto, =desaparecia na penumbra.

À ordem de Carlos, toda essa multidão deslumbrante de =magnificência desfilou do pátio, passando por entre a gradaria do =Louvre, e seguiu pela estrada de São Germano, no meio das =aclamações do povo, que saudava o jovem rei, inquieto e pensativo =no seu cavalo mais branco que a neve.

- Que lhe disse ele? - perguntou Margarida a Henrique.

- Admirou a finura do meu cavalo.

- Nada mais?

- Nada mais.
- Então sabe dalguma coisa.
- Receio.
- Sejam prudentes.

Henrique desanuviou o semblante com um desses sorrisos finos que costumava empregar, e que queria dizer, principalmente para Margarida: =Sossegue, minha amiga.

338

Quanto a Catarina, logo que a comitiva saiu do pátio do Louvre, =deixou cair a cortina. Mas não lhe escaparam a palidez de Henrique, =os seus estremecimentos nervosos e as suas conferências em voz baixa =com Margarida.

Henrique estava pálido porque, não tendo o ânimo sanguíneo, =todo o sangue, nas diferentes circunstâncias em que a sua vida estava =em risco, lhe refluía ao coração em vez de lhe subir ao =cérebro. Sofria estremecimentos nervosos porque a maneira por que Carlos o havia =recebido, tão diferente do acolhimento costumeiro, o impressionara =vivamente.

Tinha, finalmente, conferenciado com Margarida, porque, como sabemos, a =mulher e o marido haviam formado uma aliança ofensiva e defensiva, =sobretudo no que respeitava a política.

Mas Catarina interpretava as coisas de modo inteiramente diverso. Desta vez - disse ela por entre dentes com o seu sorriso florentino

- =creio que está aviado esse querido Henriquinho.

E para se certificar se tudo se passara como desejava, depois de ter =esperado um quarto de hora para dar tempo a que toda a comitiva =saísse de Paris, saiu ela da sua câmara, seguiu pelo corredor, e =com a sua chave abriu o aposento do rei de Navarra.

Mas foi em vão que procurou o livro por toda a casa. Foi inutilmente =que, com o olhar penetrante, passou das mesas para as estantes, das =estantes para as prateleiras, e destas para os armários: em parte =nenhuma descobriu o que buscava.

Naturalmente de Alençon já o levou - disse ela consigo - Foi =prudente.

E desceu, quase certa de que o seu projecto não tinha falhado desta =vez.

Entretanto prosseguia o rei o seu caminho para São Germano, onde =chegou hora e meia depois de rápida carreira; nem mesmo subiram ao =velho castelo, que se erguia sombrio e majestoso no meio das casas =dispersas pelas montanhas. Atravessaram a ponte de madeira

situada nessa =época defronte da árvore chamada ainda hoje o carvalho de Sully". =Depois deu-se o sinal para que se pusessem em movimento as barcas =destinadas a facilitar a passagem do

rei e das pessoas da =comitiva.

No mesmo instante, toda essa mocidade alegre, animada por interesses =tão diversos, pôs-se em marcha, com o rei à frente, por esse =magnífico prado que pende do cume selvoso de São

Germano, e que =tomou subitamente o aspecto dum grande pano de Arrás, coberto de =personagens matizadas de mil cores, cuja franja prateada era =representada pelo rio espumante sobre as margens.

Na frente do rei, sempre no seu cavalo branco e com o seu falcão =favorito no punho, iam os monteiros, com os seus casacos verdes muito =justos e calçados com grandes botas, os quais, detendo com a voz uma =meia dúzia de perdigueiros, batiam os canaviais que bordavam o =rio.

Nesse momento, o Sol, até então coberto de nuvens, surgiu =repentinamente do sombrio oceano em que se havia mergulhado. Um dos seus =raios fez resplandecer todo aquele ouro, todas aquelas jóias, todos =aqueles olhos ardentes, e de toda essa luz fez uma torrente de fogo.

Então, e como se apenas tivesse esperado por esse momento para que um =belo sol viesse alumiar a sua derrota, levantou-se uma garça de entre =os canaviais, dando um pio prolongado e lamentoso.

- Hawhaw- bradou Carlos, tirando o caparão ao seu falcão e =soltando-o atrás da fugitiva.

- Haw haw! - bradaram todos para animar o pássaro.

O falcão, deslumbrado um instante pela luz, girou sobre si mesmo, =descrevendo um círculo sem avançar nem recuar; descobrindo depois =subitamente a garça, voou rapidamente para ela.

Entretanto, a garça, que, como pássaro prudente, se havia
=levantado a mais de cem passos dos monteiros, aproveitou o tempo
que o =rei gastara em descobrir os olhos do falcão, e o que este
precisara =para se habituar à luz, ganhando espaço, ou antes,
altura. Daí =resultou estar já ela a mais de

339

quinhentos pés quando o seu inimigo a descobriu; e tendo achado
nas =regiões elevadas o ar necessário para as suas potentes asas,
subia =rapidamente.

- Hawhaw Bico de Ferro! - bradou Carlos, animando o seu falcão
=prova-nos que és de raça!

E como se tivesse percebido que a excitavam, a ave partiu como
uma seta, =percorrendo uma
linha diagonal que devia encontrar a vertical seguida pela garça,
que =continuava sempre a subir,
como se quisesse desaparecer no éter.

- Ah, tu foges! - bradou Carlos, como se a fugitiva pudesse ouvi-
lo, =largando o seu cavalo a galope, seguindo a caça tanto quanto
podia, =com a cabeça deitada para trás, a fim de não perder um instante de vista
os dois pássaros - ah tu foges! Mas Bico de
=Ferro é de raça; espera, espera!... Haw Bico de Ferro... A luta
=era realmente curiosa. A distância entre os dois pássaros
=encontrava-se rapidamente.

O ponto era saber qual ficaria de melhor partido nesse primeiro

=ataque.

O falcão, ferido como se levara uma punhalada, deu três voltas =sobre si, inteiramente atordoado; julgou-se por um instante que ia =descer. Mas, semelhante ao guerreiro que se levanta mais terrível =depois de ter provado o ferro do inimigo, deu um pio agudo e =ameaçador e tornou a voar para a garça.

Esta tirara partido da vantagem obtida e, mudando a direcção do =voo, fizera um ângulo para o lado da floresta, tentando desta vez ganhar espaço e escapar pela =distância em vez de escapar pela altura.

Mas o falcão era uma ave de raça nobre que tinha um voo de =gerifalte. Repetiu a mesma

manobra, partiu diagonalmente sobre a garça, que deu dois

ou =três pios em sinal de aflicção e tentou subir

=perpendicularmente, como já antes tinha feito. No fim de dez segundos =dessa du licada luta, os dois pássaros como que

desapareciam nas =nuvens. A

garça não fazia maior vulto do

que uma cotovia, e o Falcão parecia um ponto negro =que cada vez se tornava mais imperceptível.

Carlos e a sua comitiva já não seguiam as duas aves senão com a

=vista. Todos se haviam conservado nos seus lugares, com os olhos

=pregados na fugitiva e no seu perseguidor.

Bravo. bravo, Bico de Ferro. bradou subitamente Carlos. - Vejam!

vejam, =meus Senhores:

- Por mim, confesso que os não vejo, nem um nem outro - disse

=Henrique.

- Nem eu também - disse Margarida.

- Mas, se os não vês, Henriquinho, podes ouvi-los - disse Carlos.

=Ouves? ouves? Com efeito, dois ou três pios lamentosos, que só

=ouvidos muito afeitos poderiam aperceber,

desceram do céu à terra.

- Olha! olha! - bradou Carlos - vais vê-los descer mais depressa

do =que subiram.

E realmente, mal o rei pronunciara estas palavras, começaram-se

a =descobrir os dois pássaros.

Eram dois pontos negros unicamente; mas pela diferença de volume

que =havia entre eles era fácil

de ver que o falcão vinha vitorioso.

- Vejam! vejam! - bradou Carlos. - Bico de Ferro está senhor =dela!

A garça, dominada, com efeito, pela ave de rapina, nem mesmo tentava
=defender-se. Descia

rapidamente; o falcão feria-a sem cessar e ela só respondia com

=pios. De repente, fechou as asas

e deixou-se cair como uma pedra; mas o seu adversário fez o mesmo

e =quando a fugitiva quis tornar a voar, atordoou-a com uma última

=bicada. Continuou a queda rolando sobre si, e no 340 momento em que chegou ao chão, o falcão caiu-lhe em cima, dando um =pio em sinal de vitória que cobriu o pio de derrota do vencido.

- Ao falcão! ao falcão! - bradou Carlos.

E lançou o cavalo a galope na direção do lugar em que os dois =pássaros haviam descido. Mas quando ninguém o esperava, parou, deu =um grito, largou as rédeas, agarrou-se com uma das mãos às =crinas do cavalo, e com a outra agarrou o estômago, como se quisesse =rasgar as entranhas.

A esse grito acudiram todos os cortesãos.

- Não é nada, não é nada - disse Carlos, com o rosto =inflamado e com os olhos espantados -, mas parecia que me atravessavam o =estômago com um ferro em brasa. Vamos, vamos; não é nada.

E tornou a meter o cavalo a galope.

De Alençon empalideceu.

- Que temos ainda de novo? - perguntou Henrique a Margarida.

- Nada sei - respondeu esta - mas, não viu meu irmão? Estava =escarlata.

- Não é, todavia, costumado a isso - disse Henrique.

Os cortesãos olharam espantados uns para os outros e seguiram o =rei.

Chegaram todos ao lugar em que os dois pássaros tinham pousado.

O =falcão já estava devorando os miolos da garça.

Ao chegar, Carlos saltou do cavalo para ver o combate de mais perto.

Mas, ao tocar com os pés no chão, teve de segurar-se ao selim; a terra andava-lhe à roda. Sentiu grande vontade de vomitar.

- Meu irmão! meu irmão! - bradou Margarida - que tem!

- Tenho - disse Carlos - o que devia ter Pórcia quando engoliu as brasas: estou ardendo, parece-me que respiro fogo!

E ao mesmo tempo soltou Carlos a respiração, e pareceu admirado de não ver sair fogo de entre os lábios.

No entanto, tinham pegado e encapuzado novamente o falcão, e todos se haviam reunido em torno de Carlos.

- Então, então! que quer dizer isto? Meu Deus! não é nada; ou se é alguma cousa, é o sol que me racha a cabeça e que me cega.

Vamos, vamos à caça, meus Senhores. Soltem, soltem tudo! Bravo! temos divertimento!

Tiraram-se, com efeito, os caparões, e no mesmo instante cinco ou seis falcões partiram na direcção da caça, enquanto toda a comitiva tornava a seguir para a margem do rio.

- Então que diz, minha Senhora? - perguntou Henrique a Margarida.

- Que a ocasião é boa - disse Margarida -, e que se o rei não voltar, podemos daqui mesmo alcançar a floresta com muita facilidade.

Henrique chamou o monteiro que levava a garça e, enquanto toda

essa =multidão dourada e ruidosa descia ao vale, ficou ele só para
=trás, como se examinasse o corpo do vencido.

Nesse momento, e como para lhe vir em auxílio, levantou-se um
=faisão.

Henrique largou-lhe o falcão; para se apartar da caçada geral,
=tinha o pretexto duma caçada particular.

LI

O PAVILHÃO DE FRANCISCO I

Era uma bela coisa a caçada feita pelos reis, quando os reis eram =quase semideuses, e o caçar não era já um simples divertimento, =mas uma arte.

Devemos, entretanto, deixar esse régio espectáculo, para penetrar =num lugar da floresta em que todos os actores da cena que acabámos de =contar vão em breve reunir-se.

À direita da Alameda das Violetas, comprida arcaria de folhagem, =retiro opaco em que entre os tojos e alfazemas uma lebre inquieta =levanta de vez em quando as orelhas, enquanto o gamo erradio levanta a =cabeça coroada de aspás, abre as ventas e escuta, há uma clareira, =bem distante para que da estrada a possam ver, mas não tanto que dela =não se veja a estrada.

No meio dessa clareira, dois homens deitados sobre a relva, tendo por =baixo do corpo um capote de viagem, e cada um, ao pé de si, uma =comprida espada e um mosquete de grande boca, a que então davam o =nome de peitrial, pareciam-se de longe, pela elegância do traje, com =esses alegres conversadores dos contos do Decâmeron; de perto, pela =ameaça das suas armas, com esses bandidos que, cem anos depois, =Salvador Rosa copiava nas suas paisagens.

Um deles estava apoiado sobre um joelho e numa das mãos e, como

uma =das lebres ou um dos gamos de que ainda agora falámos,
=espreitava.

- Parece-me - disse ele - que a caçada se aproximou, ainda há
=pouco, extraordinariamente daqui. Cheguei a ouvir os gritos dos
=caçadores que animavam o falcão.

- E agora - disse o outro, que parecia esperar os acontecimentos
com =muito mais filosofia do que o seu colega - não ouço nada;
=afastaram-se decerto. Bem te havia eu dito que era péssimo o
lugar =para a observação. Não se é visto, é certo, mas também =não
se vê.

- Repara, meu caro Aníbal, que nos era preciso pôr a recato os
=nossos dois cavalos e mais as nossas duas mulas, tão carregadas
que =não sei como nos hão-de acompanhar. Ora eu só conheço as
=velhas faias e os seculares carvalhos como os únicos capazes de
=satisfazer convenientemente essa difícil tarefa.

Atrever-me-ei, pois, =a declarar que não censuro tanto como tu
o Sr. de Mouy, quando até =reconheço em todos os preparativos
desta empresa, por ele dirigida, a =profunda inteligência dum
verdadeiro conspirador.

- Bom - disse o outro -, eis aí proferida a palavra; por ela
esperava =eu. Visto isso, estamos conspirando.

- Não conspiramos; servimos o rei e a rainha.

- Que conspiram, o que vem a dar na mesma coisa.

- Cocunás, já to disse - tornou La Mole -, não te obrigo por =forma nenhuma a acompanhar-me numa aventura que me faz ter a peito um =sentimento particular, que tu nem partilhas, nem podes partilhar.

342

- E quem é que te diz que tu me obrigas? Primeiro que tudo, não =conheço homem algum capaz de obrigar Cocunás a fazer o que ele =não quiser. Mas pensas que te deixarei ir sem te acompanhar, =especialmente vendo que é o Diabo que te leva?.

- Aníbal! Aníbal! - disse La Mole - julgo que vejo lá ao longe =a sua égua branca. Oh! é singular que assim me palpita o =coração só com a lembrança de que ela vem aí!

- Pois olha, é singular - disse Cocunás abrindo a boca -, a mim o =coração não me palpita nem muito nem pouco.

- Não é ela - disse La Mole. - Que aconteceria? Parece-me que tudo =estava ajustado para o meio-dia.

- Aconteceu que ainda não é meio-dia, e mais nada; e que temos =ainda tempo para dormir um sono.

E falando assim, Cocunás, como quem vai juntar o exemplo à =palavra, estendeu-se sobre o seu capote; mas logo que o ouvido se =encostou ao chão, levantou o dedo, fazendo a La Mole sinal de que se =calasse.

- Que é? - perguntou este.

- Silêncio!. desta vez oiço alguma coisa, e não me engano.

- É singular! por mais que escute, não oiço nada.

- Não ouves nada?

- Nada.

- Pois - disse Cocunás, levantando-se e pondo a mão no braço de

=La Mole - olha para aquele gamo.

- Aonde?

- Acolá.

E Cocunás mostrou-o com o dedo.

- E então?

- Espera.

La Mole olhou para o gamo. Com a cabeça inclinada como se fosse

=pastar, escutava atento. Em breve ergueu a cabeça, carregada de

=soberbos galhos, e voltou os ouvidos para o lado donde vinha a bulha; =depois, de repente, sem causa aparente, partiu rápido

como um =relâmpago.

- Oh! oh! - disse La Mole - julgo que tens razão, porque o gamo

=deitou a fugir.

- Logo, se ele deita a fugir - disse Cocunás -, é porque ouve o

=que tu não ouves. Com efeito, um rumor abafado e quase

=imperceptível corria incerto pela relva; para ouvidos menos

=experimentados teria sido vento; para cavaleiros, era um

longínquo =galopar de cavalos.

La Mole levantou-se logo.

- São eles! - disse - alerta!

Cocunás levantou-se também, porém mais tranquilamente; a =vivacidade do piemontês parecia ter passado para o coração de =La Mole, enquanto, pelo contrário, a inconsciência deste como que =tomava conta do seu amigo. Sim, que nesta conjuntura, um era levado pelo =entusiasmo, o outro arrastado contra vontade.

Em breve chegou aos ouvidos dos dois amigos um rumor igual e cadenciado. =O relinchar dum cavalo fez que arrebitassem as orelhas os cavalos que =estavam a dez passos deles, e pela alameda passou, como um alvo =fantasma, uma mulher, que, voltando-se para eles, fez-lhes um sinal =inteligível e desapareceu.

- A rainha! - exclamaram ambos.

- Que quer aquilo dizer? - perguntou Cocunás.

- Ela fez assim com o braço - disse La Mole - o que quer dizer:

Daqui =a pouco.

- Ela fez assim - disse Cocunás - o que quer dizer: Retirem-se.

- O sinal quer dizer: Esperem-me.

343

- O sinal quer dizer: Fujám.

- Pois então - disse La Mole -, proceda cada qual como entende em sua =convicção: retira-te tu, que eu fico.

Cocunás levantou os ombros e tornou a deitar-se.

No mesmo instante, em sentido inverso do caminho por onde seguia

a =rainha, mas pela mesma estrada, passou, com a rédea solta, um bando =de cavaleiros, que os dois amigos viram ser protestantes, ardentes, =quase furiosos. Os seus cavalos saltavam como os gafanhotos de que fala =Job: apareceram e desapareceram.

- Oh! oh! o caso vai-me parecendo sério - disse Cocunás, =levantando-se. - Vamos ao Pavilhão de Francisco I.

- Pelo contrário, não devemos lá ir - disse La Mole. - Se =estamos descobertos, para esse pavilhão, especialmente, =dirigir-se á a atenção do rei, pois que é o ponto marcado =para a reunião de todos.

- Desta vez parece que tens muita razão - disse Cocunás.

Mal havia Cocunás proferido estas palavras, quando um cavaleiro =passou como um raio por entre as árvores; e, saltando fossos, sebes e =barreiras, chegou ao pé dos dois fidalgos. Tinha em cada uma das =mãos uma pistola, e só com os joelhos guiava o ginete nessa =frenética carreira.

- O Sr. de Mouy! - exclamou Cocunás inquieto, e agora mais apressado =do que La Mole.

- O Sr. de Mouy fugindo!. Então? há perigo?

- Depressa! depressa! - gritou o huguenote - fujam, que tudo está =perdido! Desviei-me do meu caminho para lhes dar esta notícia. Vamos! =a galope!

E como não havia deixado de correr enquanto proferia estas palavras, =já estava longe quando acabou e, por consequência,

quando La Mole =e Cocunás compreenderam perfeitamente o sentido delas.

- E a rainha? - disse La Mole.

Mas a voz do mancebo perdeu-se no espaço: de Mouy já estava a tal =distância que não podia ouvir, e menos ainda responder-lhe.

Cocunás tinha-se decidido. Enquanto La Mole ficava imóvel, a =acompanhar com os olhos de Mouy desaparecendo por entre os galhos, que =se abriam para o deixar passar e depois se fechavam por detrás dele, =correu aos cavalos, puxou-os, montou no seu, atirou as rédeas do =outro a La Mole e preparou-se para galopar.

- Vamos, vamos! repetirei o que disse de Mouy: A galope!. E de Mouy é =homem que sabe o que diz. A galope, a galope, La Mole!

- Espera - disse La Mole -, viemos aqui para alguma coisa.

- Se não foi para nos fazermos enforcar - respondeu Cocunás -, =aconselho-te que não percas tempo. Adivinho: queres fazer discursos =de retórica sobre a palavra fugir: - falar de Horácio, que atira =fora o escudo, de Epaminondas, que volta morto no seu.

Pois eu só =darei uma palavra: Quando Foge o Sr. de Mouy de Saint-Phale, todos podem =fugir.

- O Sr. de Mouy de Saint-Phale não ama a rainha Margarida - disse La =Mole.

- E bem faz ele, se esse amor deve ser causa de loucuras como as que te =vejo estar pensando. Levem quinhentos mil diabos para o

fundo do Inferno =um amor que pode custar a cabeça de
dois bravos fidalgos. os Pelo rabo do tihoso como diz o rei Carlos
=nós conspiramos, meu caro; e quem erra em conSPIrações, foge.
A =galope, La Mole!

- Foge tu, meu caro: não me oponho e até te convido a que o =faças.

A tua vida é mais preciosa do que a minha. Salva a tua =vida.

- É melhor dizeres: Cocunás, façamos com que nos enforquem a
=ambos; e não: Cocunás, salva-te a ti somente.

- Qual quê, meu caro! - disse La Mole - a forca é só para a =plebe,
não é para fidalgos como o nós.

344

- Começo a ver - disse Cocunás com um suspiro - que não foi =má
precaução que tomei.

- Qual?

- A de ter por amigo o carrasco.

- Estás sinistro, meu caro Cocunás.

- Mas, em suma: que fazemos aqui? - exclamou este com
=impaciência.

- Vamos ter com a rainha.

- Aonde?

- Não sei. Vamos ter com o rei.

- Aonde?

- Não sei; mas decerto. mas decerto havemos de encontrá-los, e

=faremos nós dois o que cinquenta homens não se atreveram a
=fazer.

- Despertas o meu amor-próprio, Jacinto; é mau sinal.

- Vamos; a cavalo, e partamos.

- Ora até que enfim!

La Mole voltou-se para segurar na sela; quando, porém, punha o pé =no estribo, uma voz imperiosa bradou:

- Façam alto! entreguem-se!

Ao mesmo tempo, por detrás dum carvalho, apareceu um vulto, e depois =outro, e outro, até trinta. Eram soldados da cavalaria, que, tendo-se =apeado, haviam vindo de gatinhas por entre as sebes batendo a mata.

- Que tinha eu dito?. - exclamou Cocunás.

Um como rugido abafado foi a resposta de La Mole.

Os soldados estavam ainda a trinta passos dos dois amigos.

- Que é? - disse o piemontês, falando em voz alta para o tenente e =em voz baixa para La Mole. - Que querem os senhores? - continuou.

O tenente mandou fazer pontaria sobre os dois amigos. Cocunás =prosseguiu baixinho:

- Monta depressa, La Mole! cos diabos! ainda é tempo; mostra-te como =tantas vezes te vi, e partamos.

E, voltando-se para os soldados:

- Ora, Senhores, não disparem as armas: arriscam-se a matar
=amigos.

E depois a La Mole:

- Por entre as árvores é difícil fazer pontaria; não nos =hão-de
acertar.

- Não pode ser! - disse La Mole - não podemos levar conosco o
=cavalo de Margarida e as mulas; esse cavalo e essas mulas
=comprometê-la-iam; enquanto que, com as minhas respostas,
desviarei =todas as suspeitas. Foge tu, meu amigo, foge!

- Meus Senhores - disse Cocunás, desembainhando a espada e
=levantando- a -, entregámo-nos. Os soldados levantaram os
=mosquetes.

- Mas antes digam-nos: porque é que nos prendem?

- Perguntem-no ao rei de Navarra.

- Que crime cometemos?

- O Sr. de Alençon o dirá.

Cocunás e La Mole olharam um para o outro: o nome do seu inimigo,
=nesse momento, não era muito para os tranquilizar.

Entretanto, nenhum dos dois opôs resistência. Cocunás,
=convidado a apelar-se, obedeceu sem a menor observação. Depois,
=foram ambos colocados no meio dos soldados e dirigiram-se todos
para o =Pavilhão de Francisco I.

- Não querias ver o Pavilhão de Francisco I? - disse Cocunás a

=La Mole, descobrindo por entre as árvores as paredes do lindo
=edifício gótico. - Parece que o vais ver agora.

345

La Mole nada respondeu, e só estendeu a mão a Cocunás.

Ao lado deste lindo pavilhão, edificado no tempo de Luís XII, e
=chamado de Francisco I porque este sempre o escolhia para ponto
de =reunião nas caçadas, havia uma espécie de cabana para os
=monteiros, e esta como que se sumia escondida por um montão de
=mosquetes, de partasanas, de espadas, como um covil de toupeiras
por =baixo da seara amarelenta.

Para essa cabana tinham levado os presos.

Agora esclareçamos a situação tão nebulosa, especialmente =para
os dois amigos, contando o que havia ocorrido.

Os fidalgos protestantes tinham-se reunido, como fora ajustado,
no =pavilhão de Francisco I, cuja chave, como é sabido, havia de
Mouy =arranjado.

Senhores da floresta, ao menos segundo julgavam, tinham espalhado
=algumas sentinelas, as quais haviam sido sem resistência
=surpreendidas pela cavalaria ligeira do rei, mediante a mu dança
das =suas faixas brancas por faixas vermelhas, precaução devida
ao zelo =engenhoso do Sr. de Nancey.

Os soldados tinham continuado os seus varejos, rodeando o
pavilhão; =mas de Mouy, que, como dissemos, esperava o rei na

extremidade da =Alameda das Violetas, tinha visto essas faixas vermelhas caminhando =sorradeiras, e logo se lhe tornaram suspeitas. Escondeu-se, pois, para =não ser visto; e havia reparado que o vasto círculo cada vez mais =se apertava de modo a envolver o lugar do encontro ajustado.

Depois, ao mesmo tempo, no fundo da alameda principal, viu despontarem =os penachos brancos e brilharem os arcabuzes da guarda do rei. Enfim, =reconhecera o rei Carlos, enquanto do lado oposto vira Henrique de =Navarra.

Cortara então o ar em cruz com o chapéu, o que era o sinal =ajustado para dizer que tudo estava perdido.

A este sinal, o rei tinha voltado para trás e desaparecera.

Sem esperar por mais nada, de Mouy cravando as largas esporas no ventre =do seu ginete, deitara a fugir, e na fuga mandara a La Mole e a =Cocunás as palavras de aviso de que demos conta.

Ora, o rei, que reparara no desaparecimento de Henrique e de Margarida, =chegava, escoltado por de Alençon, para os ver sair ambos da cabana =em que mandara guardar todos quantos se achassem, não só no =pavilhão, como também na floresta.

Cheio de confiança, de Alençon galopava ao pé do rei, cujo mau =humor era ainda aumentado pelas dores agudas que sofria. Duas ou três =vezes estivera a ponto de desmaiar, e uma vez até lançara =sangue.

- Vamos, vamos! - disse o rei ao chegar - despachemo-nos com isto;

tenho =pressa de voltar para o Louvre; tirem-me todos esses
parpalhotes do =covil: é hoje dia de S. Brás, primo de S.

Bartolomeu.

A estas palavras do rei, todo esse formigueiro de chuços e
arcabuzes =se pôs em movimento, e obrigaram a sair da cabana um
por um todos os =huguenotes que tinham sido presos. Mas o rei de
Navarra, Margarida e de =Mouy não estavam lá.

- Então? - disse o rei - onde está Henrique, onde está Margot?

=O senhor prometeu entregar-mos, de Alençon, e, com o demo! quero
que =mos descubra.

- O rei e a rainha de Navarra? - disse o Sr. de Nancey - Nem se
quer os =vimos, meu Senhor.

- Mas, eles ali estão! - disse a Sr. de Nevers.

Com efeito, naquele mesmo instante, na extremidade duma alameda
que dava =para o rio, apareceram Henrique e Margarida, tão
sossegados como se =nada houvesse; ambos com o falcão em punho,
e chegados amorosamente =um ao outro com tanta arte, que os seus
cavalos, não menos unidos do =que eles, embora viessem a galope,
pareciam estar-se afagando.

346

Foi então que de Alençon, enfurecido, mandou examinar os
arredores =e conseguiu que descobrissem La Mole e Cocunás no
esconderijo em que =se achavam.

Também eles, fraternalmente unidos, deram a sua entrada no círculo = formado pelos guardas; somente, como não eram reis, não tinham = podido tomar tão boa posição como Henrique e Margarida. La Mole = estava muito pálido, Cocunás muito vermelho.

LII

INVESTIGAÇÕES

O espectáculo que chamou a atenção dos dois mancebos ao =entrarem no círculo foi daqueles que nunca se esquecem, mesmo quando =uma só vez, um só momento, tenham sido vistos.

Carlos IX tinha visto, como dissemos, desfilar todos os fidalgos =encerrados na cabana, e que os guardas foram tirando para fora cada um =por sua vez.

Ele e de Alençon acompanhavam com ávido olhar cada movimento, =esperando ver também sair o rei de Navarra.

Fora porém frustrada a sua expectativa.

Isso, porém, era pouco; cumpria saber o que havia sido feito =dele.

Por isso, quando na extremidade da alameda viram aparecer Henrique e =Margarida, de Alençon empalideceu e Carlos sentiu dilatar-se-lhe o =coração, pois instintivamente desejava que tudo quanto o irmão =o obrigara a fazer recaísse sobre ele.

Pois ainda escapará!

disse a meia voz de Alençon, empalidecendo.

Neste momento, sentiu o rei tão fortes dores nas entranhas, que =largou as rédeas e, apertando o ventre com ambas as mãos, deu =gritos iguais aos do homem que delira.

Henrique chegou-se pressuroso; mas enquanto percorrera os

duzentos =passos que o separavam do rei, já Carlos se havia restabelecido.

- Donde vem o senhor? - perguntou-lhe o rei com voz tão áspera que =Margarida estre meceu.

- Donde?. da caçada, meu irmão - disse ele.

- Mas a caçada era à beira do rio, e não pela mata dentro.

- O meu falcão tomou voo sobre um faisão, Senhor, no momento em =que ficávamos para trás a ver a garça.

- E aonde está o faisão?

- Está aqui; é um belo macho, não acha?

E Henrique, com a maior ingenuidade, apresentou a Carlos o pássaro de =púrpura, azul e ouro.

- Hum, hum. E logo que caçou o faisão, porque não veio ter =connosco?

- Porque ele tomara o voo para a coutada, de modo que, quando descemos =à beira do rio vimos Vossa Majestade a meia légua de distância, =tomando já para a floresta; pusemo-nos então a galopar para onde =estava Vossa Majestade, porque, fazendo parte da caçada, não a =queríamos perder.

- E todos esses fidalgos - tornou Carlos - haviam também sido =convidados para ela?

- Que fidalgos - perguntou Henrique, lançando em redor de si um olhar =interrogador.

- Ora! Os huguenotes!

- Se alguém os convidou não fui eu.

348

- Talvez fosse o Sr. de Alençon. - tornou Henrique.

- O Sr. de Alençon? E como assim!

- Eu? - exclamou o duque.

- Sim, meu irmão - tornou Henrique -, não anunciou ontem que =estava rei de Navarra? Pois os huguenotes, que o pediram para rei, =vieram naturalmente agradecer-lhe o haver aceitado a coroa, e ao rei o =haver-lha dado. Há-de sem dúvida ser isso.

- Sim! sim! - bradaram vinte vozes. - Viva o duque de Alençon!

Viva o =rei Carlos IX!

- Não sou rei dos huguenotes - disse Francisco, empalidecendo de =cólera. E depois, lançando a furto os olhos para Carlos:

- E espero - acrescentou - que nunca o hei-de ser.

- Não obstante, dir-lhe-ei, Henrique - tornou Carlos -, que me parece =tudo isto singularíssimo.

- Senhor - disse o rei de Navarra com firmeza -, dir-se-ia (perdoe-me =Deus) que estou passando por um interrogatório.

- E se lhe dissesse que é realmente um interrogatório, que =responderia?

- Que sou rei como Vossa Majestade, Senhor - disse com altivez Henrique =-, pois é o nascimento e não a coroa que constitui a

realeza; que responderia ao meu irmão e ao meu amigo, mas nunca ao meu juiz.

- Bem quisera, entretanto, saber uma vez na minha vida em que devo ficar - disse Carlos a meia voz.

- Tragam o Sr. de Mouy - disse de Alençon -, e ficá-lo-á sabendo Vossa Majestade.

- Está entre os presos o Sr. de Mouy? - perguntou o rei.

Henrique teve um momento de inquietação e trocou um olhar com Margarida; mas esse momento durou pouco.

- Nenhuma voz respondeu.

- O Sr de Mouy não está entre os presos - disse o Sr. de Nancey

-, alguns soldados julgam tê-lo visto, mas não têm a certeza.

De Alençon proferiu a meia voz uma blasfêmia.

- Ah, Senhor! - disse Margarida, mostrando La Mole e Cocunás, que

tinham assistido a esse diálogo, e com cuja penetração julgava

poder contar - aqui estão dois fidalgos do Sr. de Alençon;

interrogue-os Vossa Majestade, eles hão-de responder.

O duque sentiu o golpe.

- Mandei-os positivamente prender para provar que não são meus

- disse o duque. O rei olhou para os dois amigos e estremeceu

ao ver La Mole.

- Oh! oh! ainda esse provençal! Cocunás inclinou-se com graça.

- Que faziam quando foram presos?

- Conversávamos, Senhor, sobre proezas de guerra e de amor.
- A cavalo, armados, prestes a fugir?
- Não, meu Senhor, Vossa Majestade está mal informado: =estávamos deitados à sombra duma faia.
- Ah! estavam deitados à sombra duma faia.
- E até poderíamos ter fugido, se houvéssemos receado ter de =algum modo incorrido no desagrado de Vossa Majestade. Digam, meus =Senhores, pela vossa palavra de soldados - disse Cocunás, voltando-se =para os que o haviam prendido -, não acham que, se tivéssemos =querido, poderíamos ter fugido?
- É certo que esses senhores - disse o tenente - não fizeram o =menor movimento para fugir.

349

- Por terem longe os cavalos - disse de Alençon.
- Peço humildemente perdão a Vossa Alteza: eu estava montado no =meu, e o meu amigo La Mole tinha na mão as rédeas do seu.
- É assim, Senhores? - perguntou o rei.
- Sim, meu Senhor - respondeu o tenente. - Foi ao ver-nos que o Sr. de =Cocunás se apeou.
- Mas esses dois cavalos de muda, essas duas mulas carregadas? - =perguntou Francisco.
- E que temos nós com elas? - disse Cocunás. - Toma-nos Vossa =Majestade por alguns criados de estrebaria? Mande procurar o

criado que =tomava conta disso.

- Não se encontrou mais ninguém - disse o duque furioso.

- Então, é que talvez se assustasse e fugisse; não se pode =exigir dessa gente a presença de espírito dum fidalgo.

- Sempre o mesmo sistema - disse Alençon, rangendo os dentes -, =felizmente já disse a Vossa Majestade que há alguns dias que estes =fidalgos não estavam ao meu serviço.

- Como! - disse Cocunás - pois tenho a desgraça de não =pertencer mais à casa de Vossa Alteza?

- Por certo; e melhor do que ninguém o sabe o senhor, pois deu-me a =sua demissão numa carta assaz impertinente, que conservo, graças a =Deus e que por fortuna minha aqui trago.

- Ah! - disse Cocunás - esperava que Vossa Alteza me houvesse =perdoado uma carta escrita no primeiro impulso de mau humor, quando =soube que Vossa Alteza havia querido, num corredor do Louvre, enforcar o =meu amigo La Mole.

- Que é que ele está a dizer? - atalhou o rei.

- Julguei a princípio que Vossa Alteza estava só - continuou =ingenuamente Cocunás - soube, porém, depois, que mais três =pessoas.

- Silêncio! - disse o rei - estamos suficientemente informados. =Henrique - disse ele ao rei de Navarra -, dá-me a sua palavra que =não foge?

- Dou-a a Vossa Majestade.

- Então volte para Paris com o Sr. de Nancey, e recolha-se preso aos seus aposentos. Os senhores - prosseguiu, dirigindo-se aos dois fidalgos - entreguem as vossas espadas.

La Mole olhou para Margarida; esta sorriu. Imediatamente o mancebo entregou a espada ao capitão que lhe ficava mais próximo.

Cocunás fez outro tanto.

- E o Sr. de Mouy, acharam-no? - perguntou o rei.

- Não, meu Senhor - disse o Sr. de Nancey -, ou não estava na floresta, ou fugiu.

- Tanto pior - disse o rei. - Voltemos. Estou com frio e tenho vertigens.

- Senhor, há-de ser por se ter encolerizado - disse Francisco.

- Talvez seja; a vista ofusca-se-me. Onde estão os presos?. Já não vejo. Pois já é noite? Ah! misericórdia! estou ardendo!

=Acudam-me!. acudam-me!

E o mísero rei, largando as rédeas do cavalo e estendendo os braços, caiu para trás, sustentado pelos cortesãos espavoridos com esse novo ataque.

Francisco, desviado dos mais, enxugava o suor da testa, pois era o único que sabia qual a causa do mal que torturava o irmão.

Por outro lado, o rei de Navarra, já entregue à guarda do Sr. de Nancey, considerava toda aquela cena com a maior curiosidade.

Ah! ah! - disse consigo, com a poderosa intuição que às vezes o

=tornava por assim dizer iluminado - quem sabe se me não vai resultar =alguma felicidade de não ter podido fugir.

E olhou para Margarida, cujos olhos, dilatados pela surpresa, iam =sucessivamente dele para o rei e do rei para ele.

350

Desta vez estava o rei sem sentidos. Mandaram buscar uma maca, em que o =deitaram. Cobriram-no com um capote que um dos cavaleiros tirou dos =ombros, e o cortejo tomou tranquilamente o caminho de Paris, donde, pela =manhã, se tinha visto sair um rei alegre e conspiradores diligentes, =e em que se via agora entrar um rei moribundo e rebeldes presos.

Margarida, que em tudo isso não perdera a sua liberdade de corpo nem =a sua liberdade de espírito, fez um pequeno sinal de inteligência =ao marido, e depois passou tão perto de La Mole que este pôde =colher estas duas palavras gregas que ela proferiu:

- Mê déidé.

O que queria dizer: - Não receies nada.

- Que te disse ela? - perguntou Cocunás.

- Disse-me que nada receasse - respondeu La Mole.

- Tanto pior - murmurou o piemontês -, tanto pior; isso quer dizer =que a coisa não vai bem para nós. Todas as vezes que alguém me =tem dirigido essas palavras em tom de animação, recebi logo ou um =tiro em qualquer parte, ou uma estocada no corpo, ou um vaso

de flores =na cabeça. Nada receies, quer seja em hebreu, quer em grego, quer em =latim ou em francês, sempre tem significado para mim: toma =cuidado!

- A caminho, meus Senhores! - disse o tenente.

- Sem ser indiscreto, Senhor - tornou Cocunás -, poderei saber para =onde nos levam?

- Julgo que para Vincenas - disse o tenente.

- Preferiria qualquer outro destino, mas, enfim! nem sempre a gente vai =para onde quer. No caminho, o rei tinha voltado a si do desmaio e =recuperado alguma força. Em Nanterre até quis montar a cavalo, =porém não lhe consentiram.

- Mandem chamar mestre Ambrósio Paré - disse Carlos ao chegar ao =Louvre. Apeou-se da liteira, subiu a escada descansado no braço de =Tavannes e recolheu-se à sua câmara, onde não quis que =ninguém entrasse.

Notaram todos que ele estava muito sério; pelo caminho havia =profundamente reflectido, não falando com pessoa alguma, não se =ocupando nem da conspiração nem dos conspiradores. Era evidente =que não o preocupava senão a doença, doença tão =repentina, tão singular e tão aguda, e cujos sintomas eram em =parte os mesmos que se observaram em seu irmão Francisco II algum =tempo antes de morrer.

Assim, a proibição a quem quer que fosse, menos a mestre Paré,

=de entrar no quarto do rei, não causou espanto a ninguém. A

=misantropia era a base do carácter deste príncipe.

Carlos entrou na câmara de dormir, sentou-se numa espécie de

=canapé, encostou a cabeça nas almofadas, e, reflectindo que

mestre =Paré talvez não estivesse em casa e tardasse a chegar,

quis =aproveitar o tempo da espera.

Por consequência bateu as palmas; apareceu um guarda.

- Vão dizer ao rei de Navarra que lhe quero falar - disse Carlos.

O guarda inclinou-se e obedeceu.

Carlos voltou-se para trás; um peso horrível de cabeça mal lhe

=deixava a faculdade de ligar as ideias umas às outras; uma

espécie =de nuvem sanguinolenta flutuava-lhe diante dos olhos;

a boca estava =árida e já tinha, sem matar a sede, bebido uma

garrafa de =água.

No meio desta sonolência, abriu-se a porta e apareceu Henrique.

O Sr. =de Nancey tinha-o acompanhado; ficara porém na antecâmara.

O rei de Navarra esperou que se fechasse a porta. Depois

aproximou-se do =rei.

- Meu Senhor - disse ele -, Vossa Majestade mandou-me chamar: aqui

=estou. O rei estremeceu ao ouvir aquela voz, e fez o movimento

maquinal =de estender a mão.

- Senhor - disse Henrique deixando cair os dois braços -, Vossa

=Majestade esquece-se de que já não sou seu irmão, mas seu

=prisioneiro.

351

- Ah! é verdade - disse Carlos -, obrigado por mo haver recordado;
e =até agora me lembro que me prometeu, quando estivéssemos sós,
=de me responder com franqueza.

- Estou pronto para cumprir a promessa; queira pois
interrogar-me, =Senhor. O rei deitou água fria na mão e levou-a
à testa.

- Que verdade há na acusação do duque de Alençon? Vamos,
=responda, Henrique.

- Metade somente, Senhor: era o Sr. de Alençon quem devia fugir,
e eu =acompanhá- lo.

- E porque o acompanhava? - perguntou Carlos. - Pois está
descontente =comigo, Henrique?

- Não senhor; pelo contrário, só tenho que me louvar de Vossa
=Majestade; e Deus, que lê nos corações, vê no meu quão =profunda
afeição tenho para com o meu irmão e meu rei.

- Parece-me - disse Carlos - que não é natural fugir de quem se
=ama e de quem nos ama.

- Eu também não fugia dos que me amam, porém dos que me =detestam.
Consente Vossa Majestade que lhe fale com o coração nas =mãos?

- Fale, Henrique.

- Os que aqui me detestam são o Sr. de Alençon e a =rainha-mãe.

- O Sr. de Alençon, não o nego; mas a rainha-mãe presta-lhe =todas as atenções.

- É justamente por isso que desconfio dela, meu Senhor; e bem fiz em =desconfiar.

- Dela?

- Sim, dela e dos que a cercam. Bem sabe Vossa Majestade que a =desgraça dos reis não é tanto serem muito mal, mas muito bem =servidos.

- Explique-se, pois prometeu dizer-me tudo.

- E Vossa Majestade bem vê que estou cumprindo o que prometi.

- Continue.

- Vossa Majestade ama-me, já me disse; não é assim?

- Isto é, amava-o antes da sua traição, Henriquinho.

- Suponha que ainda me ama, meu Senhor.

- Pois sim.

- Amando-me, deve desejar que eu viva.

- Ficaria no auge da desesperação se te acontecesse alguma =desgraça.

- Pois, Senhor, duas vezes estive Vossa Majestade em risco de chegar a =esse auge de desesperação.

- Como assim?

- Duas vezes só à Providência devo o ter ficado com vida. É =verdade que da segunda vez a Providência tomou as feições de

=Vossa Majestade.

- E da primeira, que feições tomou?

- As dum homem que bem admirado ficaria de se ver confundido com ela: de =Renato. Vossa Majestade salvou-me do ferro.

Carlos carregou o sobrolho, pois lembrou-se de noite em que levara

=Henrique à Rua das Barras.

- E Renato? - perguntou o rei.

- Renato salvou-me do veneno.

- Apre! és feliz, Henriquinho - disse o rei com um sorriso, que uma =dor aguda veio transformar em contracção nervosa. - Não é =esse o seu ofício.

- Dois milagres, pois, me salvaram, meu Senhor: um milagre de =arrependimento da parte do florentino, um milagre de bondade da parte de =Vossa Majestade. Pois bem: confesso que tenho medo que se canse o Céu =de fazer milagres, e quis fugir, por motivo deste axioma: - Ajuda-te, =que Deus te ajudará.

- E porque não me disseste isso tudo há mais tempo?

352

- Se eu dissesse estas minhas palavras ontem, seria um denunciante.

- E dizendo-mas hoje?

- Hoje, é outra coisa: sou acusado e defendo-me.

- Estás certo dessa primeira tentativa, Henrique?

- Tão certo como da segunda.
- Quiseram envenenar-te?
- Quiseram.
- Com quê?
- Com um opiato.
- E como é que se envenena com opiatos?
- Ora, meu Senhor, pergunte-o Vossa Majestade a Renato; até envenenam =com luvas. Carlos franziu a testa; pouco a pouco, porém, =desanuviou-se-lhe o rosto.
- Sim, sim - disse como se falasse consigo mesmo -, é da nature-za de =todo o ente criado fugir da morte. Porque não fará pois a =inteligência o que faz o instinto?
- E agora, Senhor, está Vossa Majestade satisfeito com a minha =franqueza e acha que lhe disse tudo?
- Estou, Henriquinho, estou; és um bom rapaz. E então julgas que =os que te queriam mal ainda se não cansaram, e que ainda fazem novas =tentativas?
- Meu Senhor, todas as noites me admiro de ainda estar vivo!
- É porque sabem que te amo, ouves, Henriquinho? que te querem matar. =Sossega, porém, que hão-de ser punidos os que te querem mal. =Entretanto, estás livre.
- Livre para sair de Paris, meu Senhor? - perguntou Henrique.
- Não; bem sabes que não posso dispensar-te. Oh! com todos os

=milhões de diabos! preciso de ter ao pé de mim alguém que me =ame.

- Então, Senhor, se Vossa Majestade me quer junto de si, queira

=conceder-me uma graça.

- Qual?

- A de não me conservar a título de amigo, mas de preso.

- Como assim! preso?

- Oh! pois não vê Vossa Majestade que é a sua amizade que me =perde?

- Pois queres antes o meu ódio?

- Um ódio aparente, Senhor. Esse ódio salvar-me-á; enquanto me

=julgarem mal-aceite de Vossa Majestade, menos pressa terão de me ver =morto.

- Henriquinho - disse Carlos -, não sei o que desejas, não sei

=qual é o teu fim; mas se os teus desejos não se cumprirem, se

=não alcançares o teu fim, muito me hei-de admirar.

- Posso então contar com a severidade do rei?

- Podes.

- Então estou mais sossegado. Agora, que ordena Vossa Majestade?

- Volta para a tua câmara, Henriquinho: eu estou sofrendo

bastante; =vou ver a matilha e meter-me na cama.

- Senhor, Vossa Majestade devia ter mandado chamar o médico: esse

=incómodo pode ser mais grave do que pensa.

- Já mandei chamar mestre Ambrósio Paré.

- Então retiro-me mais sossegado.

- Por minha alma! - disse o rei - julgo que de toda a minha família

=és o único que realmente me ama.

- É essa a opinião de Vossa Majestade?

- À fé de fidalgo.

353

- Pois então, recomende-me ao Sr. de Nancey como um homem a quem

a =sua cólera não deixa um mês de vida: é o meio de eu o poder

=amar mais tempo.

- Senhor de Nancey! - bradou Carlos.

O capitão das guardas entrou.

- Entrego às suas mãos o maior criminoso do reino - disse o rei

-, =a sua cabeça responde-me por ele.

E Henrique, com ar consternado, saiu atrás do Sr. de Nancey.

354

LIII

ACTÉON

Carlos, tendo ficado só, admirava-se de não ter visto chegar
=nenhum dos seus fiéis: esses dois fiéis eram a ama Madalena e
o =cão Actéon.

A ama foi naturalmente cantar os seus salmos com algum huguenote
=conhecido - disse consigo o rei - e Actéon está ainda amuado por
=causa da chicotada que lhe dei esta manhã.

Então Carlos pegou numa vela e entrou no quarto da ama.

A boa velha não estava lá. Como o leitor se há-de lembrar, uma
=porta do quarto de Madalena dava para a sala de armas. O rei
=aproximou-se desta porta.

Mas, no trajecto, invadiu-o outra vez uma dessas crises que já
o =haviam acometido. O rei sofria como se lhe revolvessem as
entranhas com =um ferro em brasa. Devorava-o uma sede
inextinguível. Viu em cima da =mesa um vaso de leite; bebeu-o dum
trago e achou-se um pouco =aliviado.

Depois, pegou outra vez na vela, que pusera em cima duma mesa,
e entrou =no gabinete. Com grande espanto seu, Actéon não veio
ao seu =encontro. Tê-lo-iam fechado? Nesse caso, sentiria que o
seu dono =tinha voltado da caça e latiria para o chamar.

Carlos assobiou, chamou-o; mas ele não apareceu.

Deu quatro passos para diante e, como a luz da vela alumiaava um

dos =cantos do gabinete, viu nesse canto uma massa inerte deitada
no =chão.

- Oh! Actéon! Actéon! - disse o rei.

E de novo assobiou; mas o cão não se moveu.

Carlos correu para ele e apalpou-o; o mísero estava frio e
=inteiriçado. Da boca, contraída pela dor, tinham-lhe corrido
=algumas gotas de fel misturadas com uma baba espumosa e
sanguinolenta. O =cão tinha achado no gabinete um barrete do seu
dono, e havia querido =morrer com a cabeça apoiada nesse objecto
que lhe representava um =amigo.

Este espectáculo fez-lhe esquecer as suas próprias dores e
=restituiu-lhe toda a energia; a cólera ferveu-lhe nas veias;
quis =gritar; porém, presos como o estão nas suas grandezas, os reis
=têm a liberdade desse primeiro impulso que os mais homens
proveitam =para a sua paixão ou para a sua defesa. Carlos
reflectiu que talvez =houvesse alguma traição e calou-se.

Então ajoelhou-se diante do cão e examinou-lhe o cadáver com
=olhar de homem experimentado: viu-lhe a língua coberta de
pústulas =e vermelha, os olhos vidrados. Era uma doença singular
e que fez com =que o rei estremecesse.

Tornou a calçar as luvas, que tinha tirado e enfiado na cinta,
=levantou os beiços lívidos do cão para lhe examinar os dentes
e =viu nos interstícios alguns fragmentos esbranquiçados.

Tirou esses fragmentos e viu que era papel.

355

Ao pé desse papel a inflamação era mais violenta; as gengivas

=estavam ingurgitadas, e a pele como queimada por vitriolo.

Carlos olhou atento em torno de si. No chão havia duas ou três

=parcelas de papel semelhante ao que reconhecera na boca do cão:

uma =dessas parcelas, maior do que as outras, mostrava ser uma

estampa.

Os cabelos de Carlos eriçaram-se-lhe, pois essa estampa

representava =um fidalgo caçando, e Actéon havia-a arrancado do

seu livro de =caça.

Ah! - disse empalidecendo - o livro estava envenenado.

Depois, reunindo todas as suas recordações:

- Com mil demónios! - exclamou - toquei com o dedo em cada página,

=e de todas as vezes levei-o à boca para o molhar. Estes desmaios,

=estas dores, estes vómitos!. Estou morto!

Carlos ficou algum tempo vergado ao peso dessa pavorosa ideia.

Depois, =erguendo-se com um bramido abafado, dirigiu-se para a

porta do =gabinete.

- Mestre Renato! - bradou - mestre Renato!. Corram à Ponte de S.

=Miguel e tragam-me o florentino; quero que nestes dez minutos

esteja =aqui! Monte um dos meus guardas a cavalo, e leve outra

à mão, para =mais depressa estar de volta. Quanto a Ambrósio Paré,

se chegar, =que

espere.

Um guarda partiu a galope em cumprimento da ordem recebida.

Ah! - murmurou Carlos - quando mesmo me fosse preciso pôr todos

a =tormento, hei-de saber quem deu esse livro a Henriquinho!

E, com o suor na testa, com as mãos trémulas e o peito arfando,

=Carlos ficou com os olhos fixos no cadáver do cão.

Daí a dez minutos, o florentino bateu timidamente, e não sem

=inquietação, à porta do rei. Há certas consciências para =quem

nunca está puro o céu.

- Entre! - disse Carlos.

O perfumista entrou. Carlos dirigiu-se para ele com ar imperioso

e os =lábios trémulos.

- Vossa Majestade mandou-me chamar? - disse Renato todo a tremer.

- Mandeí. Você é um hábil químico, não é?

- Senhor.

- E sabe o que sabem os médicos mais doutos?

- Vossa Majestade exagera.

- Não, minha mãe tem-mo dito. Além de que, confio no seu saber,

=e antes quis consultá-lo que a qualquer outro. Olhe - continuou,

=descobrimo o cadáver do cão -, examine o que ele tem entre os

=dentes e diga-me de que morreu.

Enquanto, com a vela na mão, Renato se abaixava até ao chão, =tanto

para dissimular o seu abalo como para obedecer ao rei, Carlos, em pé, com os olhos fixos nesse homem, esperava com impaciência, fácil de compreender, a palavra que devia ser a sentença da sua morte ou o penhor da sua salvação.

Renato tirou da algibeira uma espécie de escalpelo, abriu-o, e com a ponta extraiu da boca do cão as parcelas de papel aderentes às gengivas, pondo-se a examinar durante algum tempo, muito atento, o sangue e o fel que destilavam de cada ferida.

- Senhor - disse a tremor -, são tristes sintomas.

Carlos sentiu um calafrio correr-lhe pelas veias e penetrar-lhe no coração.

- Sim - disse -, este cão foi envenenado, não é assim?

- Assim o receio, meu Senhor.

- E com que veneno?

- Suponho que com algum veneno mineral. - Pode ter a certeza de que foi envenenado?

- Sem dúvida: abrindo-o e examinando-lhe o estômago.

- Pois abra; não quero ficar com a menor dúvida.

- É preciso chamar alguém que me ajude.

- Ajudá-lo-ei eu - disse Carlos.

- Vossa Majestade?

- Eu, sim. E se estiver envenenado, que sintomas acharemos?

- Manchas rubras e herborizações no estômago.

- Pois comecemos.

Renato, com o escalpelo, abriu dum golpe o peito do cão, afastou com =força os lados, en quanto Carlos, com um joelho no chão, alumiaava =com a mão convulsa e trémula.

- Veja, Senhor - disse Renato -, veja: aqui estão sinais

evidentes. =Estas manchas rubras são as que lhe anunciei, e quanto a estas veias =sanguinolentas, que me parecem raízes duma planta,

é o que eu =designava pelo nome de herborizações. Acho tudo quanto =procurava.

- Visto isso, o cão foi envenenado?

- Sim senhor.

- Com veneno mineral?

- Mui provavelmente.

- E que sentiria o homem que, por casualidade, tivesse bebido do mesmo =veneno?

- Grande dor de cabeça, ardores internos, como se houvesse comido =brasas, dores de entranhas e vômitos.

- E teria sede? - perguntou o rei.

- Sede inextinguível.

É isso, é isso mesmo disse consigo o rei.

- Senhor, de balde procuro qual o motivo dessas perguntas.

- Nem lhe é preciso sabê-lo; responda somente.

- Interrogue-me Vossa Majestade.

- Que contraveneno deve ser administrado a quem houver bebido a

mesma =substância que o meu cão?

Renato reflectiu um momento.

- Há muitos venenos minerais - disse. - Quisera, antes de responder, =saber de qual deles se trata. Vossa Majestade tem alguma ideia do modo =por que foi o cão envenenado?

- Sim - disse Carlos -, rasgou com os dentes uma folha dum livro.

- Uma folha dum livro?

- Sim.

- E Vossa Majestade tem esse livro?

- Está aqui - disse Carlos, tirando o livro de caça da estante em =que o colocara e mostrando-o a Renato.

Renato fez um movimento de surpresa, que não escapou ao rei.

- Comeu uma folha deste livro?. - balbuciou Renato.

- Esta - disse o rei, mostrando a folha rota.

- Consinta Vossa Majestade que eu rasgue outra.

- Rasgue.

Renato rasgou uma folha, chegou-a à vela; o papel inflamou-se, e um =forte cheiro a alho espalhou-se no gabinete.

- Foi envenenado com um misto de arsénio.

- Está certo disso?

- Como se eu próprio o houvesse preparado.

- E o contraveneno?

Renato sacudiu a cabeça.

- Como! - disse Carlos, com voz rouca - não lhe conhece =remédio?

- O melhor e o mais eficaz são claras de ovo batidas em leite;

=mas.

- Mas o quê?

- Seria preciso que fosse administrado logo; caso contrário.

- Caso contrário.

- Senhor, é um veneno terrível!

- Mas não mata imediatamente - disse o rei.

- Não; porém mata infalivelmente; às vezes até há =cálculo no tempo que leva a matar.

Carlos encostou-se à mesa de mármore.

- Bem - disse, pondo a mão no ombro de Renato -, conheces esse =livro?

- Eu, Senhor? - disse Renato empalidecendo.

- Sim, tu; ao vê-lo, atraçoaste-te.

- Senhor, juro.

- Renato - disse Carlos -, ouve bem isto: tu envenenaste a rainha de =Navarra com luvas; envenenaste o príncipe de Porciano com o fumo dum =candeeiro; tentaste envenenar o Sr. de Condé com uma maçã de =cheiro. Far-te-ei arrancar a carne, lanho por lanho, com uma tenaz em =brasa, se não me disseres de quem é este livro.

O florentino viu que não podia brincar com a cólera de Carlos IX,

=e resolveu recorrer à audácia.

- Se eu disser a verdade, quem me afiança que não serei mais

=cruelmente castigado do que se me calar?

- Eu.

- Dá-me Vossa Majestade a sua régia palavra?

- À fé de gentil-homem, terás salva a vida.

- O livro pertence-me, Senhor.

- É teu! - disse Carlos, recuando e olhando alucinado para o

=envenenador.

- Sim, é meu.

- E como saiu das tuas mãos?

- Sua Majestade a Rainha-mãe tirou-mo de casa.

- A rainha-mãe? - exclamou Carlos.

- Sim, meu Senhor.

- Mas com que intenção?

- Julgo que pretendia mandá-lo ao rei de Navarra, que pedira ao

Sr. =de Alençon algum livro em que aprendesse a arte da montaria.

- Oh! - exclamou Carlos - é isso mesmo. Agora percebo tudo. Com

=efeito, o livro estava na câmara de Henrique. Há uma fatalidade,

e =sou eu a vítima dela.

Nesse momento Carlos teve uma tosse violenta e seca, a que

sucederam =novas dores de entranhas; deu dois ou três gritos

sufocados e caiu =sobre uma cadeira.

- Que tem, meu Senhor? - disse Renato com voz espavorida.

- Nada - disse Carlos -, só tenho sede; dá-me de beber.

Renato encheu um copo de água e apresentou-o com mão trêmula a

=Carlos, que o esgotou dum trago.

- Agora - disse Carlos, tomando uma pena e molhando-a na tinta

-, =escreve neste livro.

- O quê, Senhor?

- O que te vou ditar:

Este manual de montaria foi por mim dado à rainha-mãe, Catarina

de =Médicis. Renato tomou a pena e escreveu.

- E agora assina.

359

O florentino assinou.

- Vossa Majestade prometeu salvar-me a vida.

- Pela minha parte, cumprirei a palavra.

- Mas - disse Renato -, por parte da rainha-mãe?

- Oh! por aí nada tenho que ver: se te atacarem, defende-te.

- Senhor, poderei sair de França quando julgar ameaçada a minha

=vida?

- A isso responder-te-ei daqui a quinze dias. Entretanto.

Carlos, carregando a sobancelha, encostou o dedo aos lábios

=lívidos.

- Oh! pode ficar descansado, meu Senhor.

E, dando-se por feliz por se ver livre por tão pouco preço, o
=florentino inclinou-se e saiu. Por detrás dele apareceu a ama
à =porta do quarto.

- Que tens, meu Carlinhos?

- É que andei em lugar molhado e fez-me mal.

- Com efeito, estás muito amarelo, meu Carlinhos.

- É porque estou muito fraco. Dá-me o braço, ama, quero ir para
=a cama. A ama chegou-se com vivacidade. Carlos encostou-se a
ela e =entrou na câmara.

- Agora - disse o rei -, deitar-me-ei sozinho.

- E se vier mestre Ambrósio Paré?

- Dir-lhe-ás que estou melhor e que não preciso dele.

- Entretanto, que queres tomar?

- Um remédio muito simples - disse Carlos -, claras de ovo batidas
em =leite. A propósito, ama - prosseguiu -, o pobre Actéon morreu;
=amanhã de manhã manda-o enterrar num canto do jardim do Louvre.
=Era um dos meus melhores amigos; mandar-lhe-ei fazer um túmulo,
se =tiver tempo.

LIV

VINCENAS

Como fora determinado por Carlos IX, Henrique foi nessa mesma noite =levado para o bosque de Vincenas. Era assim que então se chamava o =famoso castelo, do qual só resta um pedaço colossal, fragmento que =basta para dar uma ideia da sua grandeza passada. A viagem fez-se em liteira; iam quatro guardas de cada lado; o Sr. de =Nancey, portador da ordem que devia abrir a Henrique as portas da =prisão protectora, caminhava adiante.

À entrada do torreão pararam. O Sr. de Nancey apeou-se, abriu a =liteira, fechada a cadeado, e convidou respeitoso o rei a que =descesse.

Henrique obedeceu sem fazer a menor observação. Qualquer =residência lhe era mais segura do que o Louvre, e dez portas que, =para prendê-lo, se fechassem, fechavam-se entre ele e Catarina de =Médicis.

O real prisioneiro atravessou a ponte levadiça entre dois soldados; =passou as três portas inferiores do torreão e as três portas =inferiores da escada; depois, sempre precedido pelo Sr. de Nancey, subiu =um andar. Chegados aí, o capitão das guardas, vendo que ele se =dispunha a subir outra escada, disse-lhe:

- Senhor, queira Vossa Majestade parar aí.

- Ah. Ah, disse Henrique parando - parece que me fazem as honras

do =primeiro andar.

- Senhor - respondeu o Sr. de Nancey -, tratam-no como cabeça =coroadá. Cos diabos! - disse Henrique consigo - mais dois ou três =andares não me teriam por forma alguma humilhado. Ficarei aqui muito =bem, ninguém suspeitará de nada.

- Quer Vossa Majestade acompanhar-me? - disse Nancey

- Com a breca! - disse o rei de Navarra - o senhor bem sabe que aqui =não se trata do que quero nem do que não quero, porém do que =manda meu irmão Carlos. Manda ele que o acompanhe?

- Sim senhor.

- Nesse caso, acompanho-o.

Meteram-se por uma espécie de corredor, em cuja extremidade havia uma =sala bastante vasta, de paredes escuras e de aspecto perfeitamente =lúgubre.

Henrique lançou em torno de si um olhar não isento de =inquietação.

- Onde estamos?

- Atravessamos a sala dos tormentos, meu Senhor.

- Ah! - exclamou o rei.

E olhou atento. Havia toda a casta de instrumentos nesta sala: cavaletes =e potes para o tormento

361

da água, cunhas e malhos para o dos borzequins; além disso,

=assentos de pedra, para os míseros que esperavam pelo suplício,
=corriam em redor da sala; e por cima desses assentos, aos pés
desses =assentos, e até nos próprios assentos, havia argolas de
ferro =seguras à parede com a simetria imposta pela arte
torcionária. Mas =a sua proximidade dos assentos bem indicava que
aí estavam para =esperar os membros dos que se sentassem.

Henrique continuou o seu caminho sem dar uma palavra, mas sem
perder =nenhum dos por menores desse hediondo aparato, que, por
assim dizer, =escrevia nas paredes a história da dor.

A atenção com que olhou em torno de si fez que Henrique não
=olhasse para o chão, e troçou.

- Ah! - disse - que é isto?

E apontou para uma espécie de sulco escavado na pedra húmida que
=ladrihava o chão.

- É a goteira, meu Senhor.

- Pois aqui chove?

- Sim, chove sangue.

- Ah! - disse Henrique - muito bem. Ainda nos falta muito para
chegar ao =meu quarto?

- Não senhor; já chegámos - disse uma sombra que se desenhava =no
escuro, e que mais visível e palpável se tornava à medida =que
dela se aproximavam.

Henrique, que julgava ter reconhecido a voz, deu alguns passos

e =reconheceu o vulto.

- Ah é você, Beaulieu - disse ele -, e que diabo está aqui =fazendo?

- Senhor, acabo de receber a minha nomeação de governador da
=Fortaleza de Vincenas.

- Ah, meu caro amigo, a sua estreia faz-lhe honra; por primeiro
preso um =rei! Não começa mal.

- Perdoe, meu Senhor - tornou Beaulieu -, mas antes de Vossa
Majestade =já recebi dois fidalgos.

- Quais?. Oh! desculpe, talvez seja indiscrição.

- Não me recomendaram segredo: são os Srs. de La Mole e de
=Cocunás.

- Oh! sim, vi-os prender. Pobres mancebos!. E como suportam essa
=desgraça?

- De modo em tudo oposto: um alegre, o outro triste; um canta,
o outro =geme.

- Qual é o que geme?

- O Sr. de La Mole.

- Por minha alma! entendo melhor o que geme do que o que canta.
Pelo que =vejo, a prisão não é coisa muito alegre. E em que andar
=ficaram?

- Por cima de todos, no quarto andar.

Henrique deu um suspiro; nesse quarto andar queria ele estar.

- Vamos, Sr. de Beaulieu, tenha a bondade de me indicar o meu

quarto; =pois, cansado como estou das tribulações deste dia,

tenho pressa =de me ver nele.

- Está aqui, Senhor - disse Beaulieu, mostrando a Henrique uma porta =aberta.

- Número 2 - disse Henrique -, e porque não é o número =1?

- Porque está tomado.

- Ah! parece então que espera algum preso de maior nobreza do que =eu.

- Eu não disse, Senhor, que era um preso.

- Então quem é?

- Não insista Vossa Majestade, pois serei obrigado, calando-me, a =faltar-lhe à obediência que lhe devo.

- Isso agora é outro caso - disse Henrique.

E tornou-se mais pensativo do que estava; esse =número 1 evidentemente que o preocupava. Quanto ao mais, o governador =não desmentiu a sua primeira polidez. Com mil precauções oratórias, introduziu Henrique no quarto, deu-lhe =todas as desculpas pela falta de cómodos, pôs dois soldados à =porta e saiu.

362

- Agora - disse o governador ao chaveiro - vamos aos outros.

O chaveiro pôs-se a caminho. Atravessaram outra vez a sala dos =tormentos, passaram o corredor, chegaram à escada e subiram três

=andares.

Ao chegar a esse quarto andar, o chaveiro abriu sucessivamente três =portas, cada qual enfeitada com duas fechaduras e três enormes =argolas.

Mal chegaram à terceira porta, ouviram uma voz alegre que =gritava:

- Com mil diabos!. abram, quando não seja senão para entrar ar =fresco! Este forno está tão quente, que quase se fica =sufocado!

E Cocunás, que o leitor sem dúvida já reconheceu pelo seu modo =jovial, deu um salto do lugar em que estava para a porta.

- Espere, meu fidalgo - disse o chaveiro -, não venho para o tirar =daqui, venho para entrar com o Senhor Governador.

- O Senhor Governador? - disse Cocunás. - E que vem ele cá =fazer?

- Visitá-lo.

- É fazer-me muita honra; seja bem-vindo o Senhor Governador.

O Sr. de Beaulieu entrou, efectivamente, e logo comprimiu o cordial =sorriso de Cocunás com um desses cortejos glaciais que pertencem =exclusivamente aos governadores de fortalezas, aos carcereiros e aos =carrascos.

- O senhor tem dinheiro? - perguntou ele ao preso.

- Não senhor - disse Cocunás.

- Tem jóias?

- Tenho um anel.

- Dá licença que o apalpem?

- Com mil diabos! - exclamou Cocunás, vermelho de raiva - o que

lhe =vale é estar na cadeia e eu também.

- Sofrerá tudo a bem do serviço de el-rei.

- Então - disse o piemontês - os homens de bem que limpam a gente

=na Ponte Nova estão ao serviço de el-rei? Injustíssimo era eu

=para com eles, pois até agora tomava-os por ladrões.

- Boa noite - disse Beaulieu. - Chaveiro, feche a porta.

O governador retirou-se, levando o anel de Cocunás, que era uma

=belíssima esmeralda que, para lhe lembrar a cor dos seus olhos,

lhe =dera a Sr. de Nevers.

- Vamos ao outro - disse saindo.

Atravessaram uma câmara vazia, e o jogo das três portas, das seis

=chaves e dos nove ferrolhos foi repetido.

A última porta abriu-se, e um suspiro foi o primeiro rumor ouvido

=pelos visitantes. O quarto era de aspecto ainda mais lúgubre que

=aquele donde acabavam de sair. Quatro frestas compridas e

estreitas, que =iam diminuindo do interior, fracamente alumiam

essa triste morada. =Demais, barras de ferro, cruzadas com tal

arte que a vista fosse de =contínuo detida por uma linha opaca,

impediam que por essas frestas =pudesse o preso ao menos ver o

céu.

Filetes ogivais partiam de cada canto da sala e iam reunir-se no

meio do =tecto, em que se abriam em florão.

La Mole estava sentado a um canto, e apesar da visita, aí continuou, =como se nada tivesse ouvido.

O governador parou no limiar, e olhou um momento para o preso, que =ficara imóvel com a cabeça nas mãos.

- Boa tarde, Sr. de La Mole - disse Beaulieu.

O mancebo levantou lentamente a cabeça.

- Boa tarde.

363

- Senhor - continuou o governador -, venho apalpá-lo.

- É inútil - disse La Mole -, pois vou entregar-lhe tudo que =tenho.

- E que tem?

- Cerca de trezentos escudos e as minhas jóias.

- Dê cá.

- Aqui tem.

La Mole voltou para fora o forro dos bolsos, tirou os anéis dos dedos =e arrancou a fivela do chapéu.

- Não tem mais nada?

- Nada mais, que eu saiba.

- E essa fita que lhe passa pelo pescoço?

- Isto não é uma jóia, é uma relíquia.

- Dê cá.

- Como! exige.

- Tenho ordem de somente lhe deixar a roupa do corpo; ora uma =reliquia não é roupa. la Mole fez um movimento de cólera =que, no meio do sossego doloroso e digno que o distinguiu, pareceu ainda =mais terrível a essas pessoas acostumadas a comoções =violentas.

Mas quase imediatamente acalmou-se.

- Bem, Senhor, vou dar-lhe o que pede.

Então, desviando-se como para se aproximar da luz, desatou a suposta =reliquia, a qual não era mais do que um medalhão com um =retrato, tirou-o do medalhão e levou-o aos lábios; mas, depois de =o ter por diversas vezes beijado, fingiu deixá-lo cair e, apoiando =com força a bota em cima dele, fê-lo em mil pedaços.

- Senhor! - disse o governador.

E abaixou-se para ver se podia livrar da destruição o objecto =desconhecido que La Mole queria subtrair-lhe; mas a miniatura estava =literalmente reduzida a pó.

- O rei queria ter essa jóia - disse La Mole -, não tinha porém =nenhum direito ao retrato que encerrava. Ai tem agora o medalhão, =pode levá-lo.

- Senhor - disse Beaulieu -, queixar-me-ei ao rei.

E sem se despedir do preso com uma única palavra, retirou-se tão =irado que deixou ao chaveiro o cuidado de fechar as portas sem presidir =a essa operação.

O chaveiro deu alguns passos para sair e, vendo que o Sr. de

Beaulieu =já descia os primeiros degraus de escada, disse:

- Por minha alma, Senhor! bem avisado fui quando pedi que me desse

=adiantados os cem escudos, mediante os quais lhe deixo falar ao

seu =companheiro; pois se mos não tivesse dado, o governador

=levá-los-ia agora com essoutros trezentos; e a minha consciência

=não me consentiria servi-lo mais; mas, como me pagou adiantado

e lhe =prometi que havia de estar com o seu camarada. venha. a

palavra do homem =de bem é sagrada. Somente, se lhe for possível,

tanto para seu =como para meu bem, não conversem em política.

La Mole saiu do quarto e achou-se diante de Cocunás, que contava

as =lajes do seu. Os dois amigos lançaram-se nos braços um do

=outro.

O chaveiro fez como se enxugasse o canto dos olhos, e saiu para

vigiar =que não fossem os presos surpreendidos, ou antes, que não

fosse =ele próprio surpreendido.

- Ah! eis-te aqui! - disse Cocunás. - Então, já te fez a sua =visita

esse abominável governador?

- Como a ti, segundo presumo.

- E tirou-te tudo?

- Como a ti também.

364

- Oh! eu pouco tinha: um anel de Henriqueta e nada mais.

- E dinheiro?
- Tinha dado todo o que possuía a esse bom chaveiro, para nos reunir =um momento.
- Ah! ah! - disse La Mole - parece que recebe dos dois lados.
- Pois também lhe pagaste?
- Tanto melhor que o nosso chaveiro seja um miserável.
- Decerto; com dinheiro conseguiremos tudo que quisermos dele, e devemos =esperar que dinheiro não nos há-de faltar.
- Compreendes agora o que se está passando?
- Perfeitamente: fomos atraídos.
- Por quem?
- Pelo abominável duque de Alençon. Razão tinha eu de lhe =querer torcer o pescoço.
- E julgas que a nossa situação é grave?
- Tenho medo.
- Eu do que tenho medo é dos tormentos.
- Não te nego que já me lembrei disso.
- Que dirás tu se chegarmos a esse ponto?
- E tu?
- Eu guardarei silêncio - respondeu La Mole, com rubor febril.
- Calar-te-ás? - exclamou Cocunás.
- Sim, se Deus me der força.
- Pois eu - disse Cocunás -, se praticarem tal infamia, afianço-te

=que hei-de dizer muitas coisas...

- Que dirás então? - perguntou assustado La Mole.

- Oh! deixa estar; coisinhas que hão-de tirar por algum tempo ao Sr. =de Alençon a vontade de dormir.

La Mole ia replicar, quando o carcereiro, que sem dúvida ouvira =alguma bulha, chegou apressado, empurrou os dois amigos cada qual para o =seu quarto e fechou-lhes as portas.

365

Havia oito dias que Carlos se conservava de cama com uma febre que o =prostrava, entrecortada por acessos violentos semelhantes a ataques de =epilepsia. Nesses ataques dava às vezes berros que eram ouvidos com =terror pelos guardas que estavam na antecâmara, e que os ecos do

Louvre, despertados de há muito tempo por tantos rumores

sinistros, =repetiam espavoridos nas

suas profundidades. Passados esses acessos, prostrado de

cansaço, com =os olhos amortecidos, caía

nos braços da ama com profundo silêncio que denunciava espanto

e =terror.

Dizer o que Catarina de Médicis e o duque de Alençon, cada um por

=seu lado sem comunicar os seus pensamentos, pois a mãe e o filho

mais =se evitavam do que se procuravam; dizer

o que um e outro revolviam no fundo do coração, seria querer

=pintar esse fervilhar hediondo que incessantemente se agita no fundo dum ninho de víboras. Henrique tinha sido encerrado no seu quarto e, pela recomendação =que ele próprio fizera a Carlos, ninguém, nem sequer Margarida, tivera licença de o =visitar. Aos olhos de todos tinha caído em completo desfavor. Catarina e de Alençon respiravam, e =julgavam-no perdido; e Henrique comia e bebia, esperando ser =esquecido.

Na corte ninguém suspeitava a causa da enfermidade do rei. Mestre =Ambrósio Paré e o seu colega Mazille tinham reconhecido uma inflamação de estômago, =tomando por causa o que era apenas o seu efeito. Tinham, pois, prescrito um régimen calmante, que =não podia senão ajudar a bebida particular receitada pelo perfumista. =Carlos recebia-a três vezes por dia da mão da ama, e era esse o seu único alimento.

La Mole e Cocunás estavam em Vimcenas no mais rigoroso segredo. =Margarida e a Sr. de Nevers tudo haviam tentado para ir ter com eles, ou =pelo menos para lhes mandar um bilhetinho, e nada haviam conseguido.

Uma manhã, no meio das eternas alternativas da doença que

=experimentava, ou para melhor,
ou para pior, Carlos sentiu-se mais forte e quis que deixassem
entrar =toda a corte, que, como
era o costume, continuava, apesar da doença do rei, a
apresentar-se =no paço todos os dias à hora
do levantar. Abriram-se, pois, as portas, e pode-se reconhecer,
pela =palidez das faces, pelo amarelado da testa de marfim, pela
chama febril =que lhe saltava dos olhos fundos e rodeados dum
círculo escuro, que =horríveis estragos tinha feito no jovem
monarca a doença =desconhecida que
o atacara.

A régia câmara estava cheia de =cortesãos e interessados.

Catarina, de Allençon e Margarida tiveram aviso de =que Carlos
recebia.

Todos três, com pouco intervalo uns dos outros, se apresentaram.

=Catarina sossegada, de Alençon sorrindo, e Margarida abatida.

Catarina sentou-se à cabeceira da cama do filho sem reparar no
olhar =que ele lhe deitava. O duque de Alençon ficou em pé junto
da =cama.

Margarida encostou-se a uma mesa e, vendo o rosto pálido e
macilento, =e os olhos fundos do rei, não pôde conter um suspiro
e uma =lágrima.

Carlos, a quem nada escapava, ouviu esse suspiro, e fez com a

cabeça =um sinal imperceptível a Margarida.

Por mais imperceptível que fosse esse sinal, alumiou ele o rosto da =pobre rainha de Navarra, a quem Henrique não tinha tido tempo de =dizer coisa alguma, ou talvez mesmo nada houvesse querido dizer; ela =receava pelo marido, tremia pelo amante.

Por si nada temia; conhecia muito bem o carácter de La Mole para =saber que podia contar com o maior segredo.

- Então, meu caro filho - disse Catarina -, como se acha?

- Melhor, minha mãe, melhor.

- E que dizem os médicos?

- Os médicos? oh! são grandes doutores, minha mãe - disse =Carlos desatando a rir. Confesso-lhe que tenho supremo prazer ouvindo-os =discutir acerca da minha doença. Ama, dá-me de beber.

A ama trouxe a Carlos uma xícara da sua bebida usual.

- E que lhe mandam tomar, meu filho?

- Ora quem é que lhes entende as preparações? - respondeu o =rei, bebendo com vivacidade o remédio.

- O que seria bom, meu irmão - disse Francisco -, era poder levantar- =se e aproveitar o belo sol; a caça, de que tanto gosta, também lhe =havia de fazer bem.

- Havia - disse Carlos com um sorriso cuja expressão o duque não =pôde penetrar. A última, porém, fez-me muito mal.

Carlos havia dito estas palavras de modo tão extraordinário, que a =conversação ficou suspensa. Depois fez um sinal de cabeça; os

=fidalgos perceberam que estava acabado o recebimento, e retiraram-se uns =após outros.

De Alençon fez um movimento para se aproximar do irmão; =suspendeu-o, porém, um sentimento interior; cumprimentou-o e =saiu.

Margarida pegou na mão descarnada que o irmão lhe apresentava, =apertou-a, beijou-a e depois retirou-se.

Boa Margot! - disse consigo Carlos.

Só ficou Catarina, conservando o seu lugar à cabeceira da cama. =Carlos, vendo-se a sós com ela, recuou para a extremidade da cama, =com o sentimento de terror com que se recua diante duma serpente.

É que, inteirado pelas confissões de Renato, e depois ainda talvez =melhor, pelo silêncio e pela meditação, Carlos nem tinha já =ao menos a felicidade de duvidar.

Sabia perfeitamente a quem e a que atribuir a sua morte. Por isso, =quando Catarina se chegou para a cama, e estendeu para o filho a mão =fria como o seu olhar, ele estremeceu e teve medo.

- Pois fica, minha Senhora? - disse-lhe ele.

- Fico, meu filho - respondeu Catarina -, tenho que lhe falar sobre =objectos importantes.

- Fale, minha Senhora - disse Carlos, recuando ainda mais.

- Senhor, ouvi Vossa Majestade afirmar ainda há pouco que os seus

=médicos eram grandes doutores.

- E ainda afirmo, minha Senhora.

- Entretanto, que fizeram eles depois da sua doença?

367

- Nada, na verdade. mas se a senhora tivesse ouvido o que disseram.

=Realmente, vale a pena estar doente só para ouvir tão sábias

=dissertações!

- Pois, meu caro filho, quer que eu lhe diga uma coisa?

- Pois não! diga, minha mãe.

- Parece-me que esses doutores todos não compreendem a sua

=doença.

- Deveras?

- Vêem talvez um resultado, mas não lhe penetram a causa.

- Pode ser - disse Carlos, não compreendendo ao que a mãe

=pretendia chegar.

- De modo que tratam o sintoma, em vez de tratarem o mal.

- Por minha alma! - tornou Carlos atônito - julgo que tem =razão.

- Pois eu, meu filho - disse Catarina -, como não convém ao meu

=coração nem ao bem do Estado que fique tanto tempo doente, pois

=que o moral poderia por fim alterar-se, reuni os mais sábios

=doutores.

- Na arte médica?

- Não, na arte mais profumada; na arte que permite ler não só =nos

corpos, senão também nos corações.

- Oh! que arte sublime! - exclamou Carlos. - E como fazem bem em não =a ensinarem aos reis!. E as suas consultas tiveram algum resultado?

- Tiveram.

- Qual?

- O que eu esperava; e trago a Vossa Majestade o remédio que lhe deve =curar o corpo e o espírito.

Carlos estremeceu. Julgou que a mãe, pensando que ele ainda vivesse =muito, tivesse resolvido acabar conscientemente o que começara sem o =saber.

- E onde está esse remédio? - disse ele, levantando-se sobre o =cotovelo e olhando para a mãe.

- Está na própria doença - respondeu Catarina.

- Mas que é a doença?

- Escute, meu filho - disse Catarina. - Tem, sem dúvida, ouvido dizer =que há inimigos secretos cuja vingança de longe assassina a =vítima.

- Com ferro ou com veneno? - perguntou Carlos, sem perder um instante de =vista a fisionomia impassível da mãe.

- Com meios muito mais certos, muito mais terríveis - disse

Catarin =a.

- Explique-se.

- Meu filho - perguntou a florentina -, tem fé nas práticas da
=cabala e da magia?

Carlos comprimiu um sorriso de desprezo e de incredulidade.

- Muita - disse ele.

- Pois daí vêm os seus sofrimentos - disse com vivacidade

=Catarina. - Um inimigo de Vossa Majestade, que não se teria

atrevido =a atacá-lo de frente, conspirou na sombra. Dirigiu

contra a pessoa de =Vossa Majestade uma conspiração, tanto mais

terrível quanto =não tinha cúmplices, e quanto eram invisíveis

os fios dessa =misteriosa conspiração.

- Oh! oh! - disse Carlos, indignado com tamanha astúcia.

- Procure bem, meu filho - disse Catarina - lembre-se de certos

=projectos de fuga que deviam assegurar a impunidade do

assassino.

- Do assassino? - exclamou Carlos - do assassino, diz? Então

tentaram =assassinar- me, minha mãe?

O olhar de Catarina revolveu-se hipocritamente debaixo das

=pálpebras.

- Talvez que meu filho duvide; eu não, que tenho toda a certeza.

368

- Nunca duvido do que minha mãe me diz - respondeu com acrimónia

o =rei. - Mas como tentaram matar-me? Tenho curiosidade de saber.

- Por mágica, meu filho.

- Explique-se, minha Senhora - disse Carlos, levado pelo asco que já =lhe causava o seu papel de observador.

- Se esse conspirador que quero designar, e que no fundo do seu =coração já Vossa Majestade designou, tendo tudo disposto, e =estando certo do bom resultado, tivesse conseguido fugir, ninguém =talvez houvesse penetrado a causa dos sofrimentos de Vossa Majestade; =mas, felizmente, seu irmão estava vigilante.

- Qual irmão? - perguntou Carlos.

- O seu irmão de Alençon.

- Ah!. sim! é verdade; esqueço-me sempre de que tenho irmão - =disse, sorrindo com amargura. - Depois, minha Senhora?

- Que, felizmente, ele revelou a Vossa Majestade o lado material da =conspiração. Enquanto, porém, ele, mancebo inexperiente, só =procurava os vestígios duma conspiração ordinária, as provas =duma travessura de rapaz, procurava eu provas duma acção mais =importante, pois conheço o alcance do espírito do culpado.

- Ah sim? Mas dir-se-ia, minha mãe, que está falando do rei de =Navarra. - disse Carlos, querendo ver até onde ia a =dissimulação da florentina.

Catarina abaixou com hipocrisia os olhos.

- Mandei-o prender e levar para Vincenas por causa da travessura de que =se trata; dar-se-á porém o caso que ele seja ainda mais culpado do =que eu o julgava?

- Sente a febre que o devora? - perguntou Catarina.

- Sinto, é exacto, minha Senhora - disse Carlos, franzindo a
=testa.

- Sente o fogo que lhe abrasa o coração e as entranhas?

- Também sinto, minha Senhora - tornou Carlos, cada vez mais
=terrível.

- E as dores agudas de cabeça que lhe passam pelos olhos para lhe
=chegarem ao cérebro como outras tantas setas?

- Sim, sim. oh! sinto tudo isso!. Mas, como sabe a senhora
descrever =todo o meu sofrimento?

- Ora, é simplicíssimo - disse a florentina -, olhe.

E tirou debaixo do corpete um objecto que apresentou ao rei.

Era uma estatuazinha de cera amarelada, da altura de seis
polegadas, =pouco mais ou menos. Este boneco trajava um vestido
com estrelas de =ouro, também de cera, e, por cima, um régio manto
da mesma =matéria.

- Bem; e que significa essa estatuazinha? - perguntou Carlos.

- Veja o que tem na cabeça - disse Catarina.

- É uma coroa.

- no coração?

- Uma agulha. E então?

- Então, Senhor, não se reconhece?

- Sou eu?

- Sim, é Vossa Majestade com a sua coroa e o seu manto!

- E quem foi que fez esse boneco? - disse Carlos, cansado com toda essa =comédia. - Foi sem dúvida o rei de Navarra?

- Não senhor.

- Não? então já não a entendo.

- Digo não - tornou Catarina - porque Vossa Majestade quer saber do =facto positivo. Diria sim se Vossa Majestade me tivesse feito a pergunta =por outro modo.

369

Carlos não respondeu; procurava penetrar todos os pensamentos dessa =alma tenebrosa, que se fechava constantemente sempre que julgava que se =podia ler nela.

- Senhor - continuou Catarina -, esta estátua foi descoberta pelos =cuidados do seu procurador-geral Laguesle, em casa do homem que no dia =da última caçada tinha as rédeas dum cavalo seguras na mão, =pronto para o rei de Navarra.

- Em casa do Sr. de La Mole? - disse Carlos.

- Exactamente; e se quiser, olhe mais para a agulha de aço que =atravessa o coração; veja que letra está escrita no papelzinho =que tem na extremidade.

- Vejo um - disse Carlos.

- Isto é, MORTE, é a fórmula mágica; o encantador escreve =assim o seu voto na própria chaga que faz. Se tivesse querido =torná-lo

louco, como ao rei Carlos VI fez o duque de Bretanha, teria

=cravado na cabeça o alfinete com a letra L, em vez de M.

- Assim, pois - disse Carlos -, acha, minha Senhora, que quem ameaça =a minha vida é o Sr. de La Mole?

- Sim senhor; com o punhal ameaça o coração; mas além do =punhal, há o braço que o impele.

- E é essa a causa da minha doença? Mas que devo fazer então? -
=disse Carlos. - A senhora conhece tudo isso perfeitamente, mas eu, ao =contrário da senhora, que toda a sua vida se ocupou disto, ignoro =tudo que diz respeito a mágicas e cabalas.

- A morte do inventor destrói o encantamento. No dia em que o
=encantamento for destruído, acabará a sua doença - disse
=Catarina.

- Deveras? - disse Carlos atônito.

- Pois não sabia isto?

- Ora! bem vê que não sou mágico - disse o rei.

- E agora, está Vossa Majestade convencido?

- Decerto.

- E a convicção vai expelir a inquietação?

- Completamente.

- Não é por condescendência que está falando?

- Não, minha mãe, é do fundo do coração.

O rosto de Catarina desenrugou-se.

- Louvado seja Deus! - exclamou ela, como se alguma vez tivesse
=acreditado em tal.

- Sim, louvado seja Deus! - tornou Carlos ironicamente. - Sei
agora, =como a senhora sabe, a quem atribuir o estado em que me
encontro, e =portanto a quem devo punir.

- E havemos de punir.

- O Sr. de La Mole; não me disse que era ele o culpado?

- Disse que era o instrumento.

- Pois sim, o Sr. de La Mole primeiro; é o mais importante. Todas
=essas crises que me acometem podem fazer nascer em torno de nós
=perigosas suspeitas. É urgente que se faça luz, e que ao clarão
=dela se descubra a verdade.

- Assim, o Sr. de La Mole.

- Serve-me admiravelmente como culpado; comecemos por ele; e se
tiver =cúmplices, há-de falar.

Sim - disse a meia voz Catarina - e se não falar, faz-se com que
=fale; temos para isso meios infalíveis.

Depois, em voz alta e levantando-se:

- Dá pois licença que comece o processo?

- Desejo-o, minha Senhora - respondeu Carlos -, e quanto antes
=melhor.

=nervoso que agitou essa mão quando tocou na sua, e saiu sem ouvir a =risada sardónica do rei e a terrível e abafada imprecação =que acompanhou essa risada.

O rei perguntou a si mesmo se não haveria perigo em deixar assim essa =mulher, que em poucas horas poderia fazer tanto mal que não fosse =possível depois remediá-lo.

Neste momento, estando a olhar para a porta pela qual saíra Catarina, =ouviu por detrás de si um leve roçar e, voltando-se, viu =Margarida, que erguia o reposteiro da porta que dava para o quarto da =ama. Margarida, cuja palidez, olhos alucinados e peito oprimido mostravam =a mais violenta comoção:

- Ah! Senhor! Senhor! - exclamou, precipitando-se para a cama do =irmão - bem sabe que ela mente.

- Ela quem? - perguntou Carlos.

- Ouça, Carlos, é por certo terrível uma filha acusar a mãe; =mas logo desconfiei de que ela ficava aqui para ainda os perseguir.

Mas, =pela minha vida, pela sua, pelas almas de nós ambos! digo-lhe que ela =mente.

- Persegui-los? quem persegue ela?

Ambos falavam baixo por instinto; ter-se-ia dito que tinham medo até =de se escutarem.

- Primeiro Henrique, o seu querido Henriquinho, que o ama, que é o =seu verdadeiro amigo, que lhe é dedicado mais do que ninguém neste =mundo.

- Julgas isso, Margot?
- Oh! Senhor, estou certíssima.
- Pois eu também - disse Carlos.
- Então, se está certo disso, meu irmão - disse Margarida =atónita
-, como o mandou prender e levar para Vincenas?
- Porque ele próprio mo pediu.
- Ele que lho pediu?
- Sim; tem ideias extravagantes esse Henriquinho. Talvez esteja
=enganado, talvez tenha razão; mas, enfim, uma das suas ideias
é =que está mais seguro no meu desfavor do que na minha amizade,
longe =do que perto de mim, em Vincenas do que no Louvre.
- Ah! compreendo agora - disse Margarida. - Então ele está em
=segurança?
- Ora, em tanta segurança quanto aquela em que pode estar um homem
=por quem Beaulieu me responde com a cabeça.
- Obrigado, meu irmão, quanto a Henrique. Mas.
- Que mais? - perguntou Carlos.
- Há outra pessoa, Senhor, por quem talvez faça mal em
=interessar-me, mas por quem, todavia, me interessa.
- Que pessoa é essa?
- Senhor, poupe-me. mal me atreveria a dizer o seu nome a meu
irmão, =não me atrevo porém a dizê-lo ao meu rei.
- É o senhor de La Mole, não é? - disse Carlos.

- Ah! - disse Margarida - Vossa Majestade já o quis matar uma vez, e só por milagre escapou à sua vingança.

- E foi isso, Margarida, quando era culpado só dum crime, porém, =que cometeu dois.

- Senhor, ele não é o culpado do segundo.

- Mas - disse Carlos -, não ouviste, pobre Margot, o que disse a =nossa boa mãe?

- Oh! já lhe disse, Carlos - tornou Margarida, abaixando a voz -, =já lhe disse que ela mentia!

- Não sabes que foi achada uma estatuazinha de cera no quarto do Sr. =de La Mole?

- Sei, meu irmão, sei.

371

- Que essa estatuazinha tem o coração varado por uma agulha, e que =esta agulha tem uma bandeirazinha com a letra M?

- Também sei isso.

- Pois então, que tens que dizer?

- Que essa estatuazinha, que tem um manto régio nos ombros e uma =coroa na cabeça, representa uma mulher e não um homem.

- Sim - disse Carlos -, e a agulha que lhe atravessa o =coração?

- É um encanto para se fazer amar por essa mulher, e não um =malefício para matar um homem.

- Mas esse M?

- Não quer dizer morte Senhor, como pretende a rainha-mãe.

- Então que quer dizer?

- Quer dizer. quer dizer o nome da mulher amada pelo Sr. de La Mole.

- E essa mulher chama-se.

- Chama-se Margarida - disse a rainha de Navarra, ajoelhando aos pés =do rei, tomando-lhe a mão nas suas e encostando nessa mão o seu =rosto lavado em pranto.

- Minha irmã, silêncio! - disse Carlos, olhando para todos os =lados com a vista chamejante e com aspecto carregado - silêncio!
que =assim como ouviu, pode também ser ouvida.

- E isso que me importa! - disse Margarida, levantando a cabeça.

- =Oh! que não esteja aqui o mundo inteiro para me ouvir! Diante do =mundo inteiro eu declararia que é infame abusar do amor dum homem =para nodoar a sua reputação com a suspeita dum assassinato.

- Margot! e se eu te dissesse que sei, tanto como tu sabes, o que é =verdade e o que é falso?.

- Meu irmão!

- Se eu te dissesse que sei que o Sr. de La Mole está inocente?.

- Sabe-o?

- Se te dissesse que conheço o verdadeiro criminoso?.

- O verdadeiro criminoso? - exclamou Margarida. - Pois então houve um =crime?

- Sim; voluntário ou involuntário, um crime foi cometido.

- Contra Vossa Majestade?

- Contra mim.

- Impossível!

- Impossível?. Olha para mim, Margot.

A rainha olhou para o irmão e estremeceu, vendo-o tão =pálido.

- Margot, não poderei durar mais de três meses.

- O senhor, meu irmão? tu, meu Carlos? - exclamou ela.

- Margot, estou envenenado!

Margarida deu um grito.

- Cala-te! - disse Carlos - é necessário que acreditem que morro

=por arte mágica.

- E conhece Vossa Majestade o criminoso?

- Conheço-o.

- Vossa Majestade disse que não era o Sr. de La Mole.

- Não; não é ele.

- Nem por certo Henrique.

- Também não.

- Meu Deus! seria então.

- Quem?

- Meu irmão. de Alençon?. - disse a meia voz Margarida.

- Talvez.

- Ou então. então.

Margarida abaixou a voz como espavorida do que ia dizer:

- Ou então. nossa mãe?.

Carlos calou-se.

Margarida olhou para ele e, lendo-lhe nos olhos tudo quanto neles

=procurava, caiu prostrada.

- Oh! meu Deus! meu Deus! - exclamou ela - isto é impossível!

- Impossível? - disse Carlos, com um riso estridente. - É pena que =não esteja aqui Renato para te contar a minha história.

- Renato?

- Sim. Contar-te-ia, por exemplo, que uma mulher, a quem ele nada pode =negar, foi pedir-lhe um livro de montaria que ele tinha na biblioteca; =que um veneno subtil foi deitado em cada página desse livro; que o =veneno, destinado não sei a quem, caiu, por casualidade ou por =castigo do Céu, nas mãos doutra pessoa que não eram as daquela =a quem fora destinado. Mas, na falta de Renato, se queres ver o livro, =ali está no meu gabinete, e escrito pela mão do florentino; e =verás que esse livro, que contém ainda nas suas folhas a morte de =vinte pessoas, foi por ele dado a uma sua patricia.

- Silêncio, Carlos! silêncio! - disse Margarida.

- Bem vêz agora que devem acreditar que morro por arte mágica.

- Mas é iníquo! é abominável!. Perdão, perdão! bem =sabe então

que ele está inocente.

- Sim, bem sei; mas é necessário que o julguem culpado. Sofre,
=pois, a morte do teu amante; é pouco, para salvar a honra da casa
de =França; bem vêes que eu sofro a morte, para que o segredo morra
=comigo.

Margarida curvou a cabeça, compreendendo que nada havia a fazer
para =salvar La Mole por esse lado, e retirou-se toda chorosa,
não tendo =mais esperança senão nos seus próprios recursos.
Entretanto, como Carlos tinha previsto, Catarina não perdia um
só =minuto, e escrevia ao procurador Laguesle uma carta que a
História =conservou integralmente, e que lança em todo esse
negócio =sanguinolento muita luz. Ei-la:

Senhor Procurador: deram-me esta tarde como certo que La Mole
cometeu um =sacrilégio. Em sua casa, em Paris acharam muitas
coisas que o =comprometem, como livros e papéis. Rogo-llhe que
comunique isto ao =primeiro presidente e que organize, o mais
depressa possível o processo =da estatuazinha de cera à qual
traspassaram o coração, e isso =contra o rei.

Catarina.

Textual.

LVI

OS ESCUDOS INVISÍVEIS

No dia seguinte àquele em que Catarina havia escrito a carta que se acaba de ler, o governador entrou no quarto de Cocunás com

aparato mais respeitável: ia acompanhado de dois alabardeiros

e de quatro homens de togas negras.

Cocunás foi convidado a descer à sala em que o procurador Laguesle

e dois juizes o esperavam para o interrogatório, conforme as

instruções de Catarina.

Nos oito dias decorridos depois da prisão, Cocunás havia

reflectido muito; sem contar que, todos os dias, La Mole e ele,

reunidos um momento por mercê do chaveiro, que sem nada lhes

haver dito lhes havia outorgado essa mercê, não por certo devido

exclusivamente à sua filantropia; sem contar, dizemos, que La

Mole e ele tinham ajustado como haviam de proceder, e assentado

na mais absoluta negativa; estava persuadido que, com alguma

destreza, o processo tomaria bom caminho: a acusação não era mais

concludente contra eles do que contra os mais. Henrique e

Margarida não tinham feito tentativa alguma de fuga; não podiam

eles, pois, ficar muito comprometidos em negócios em que ficavam

livres os principais culpados. Cocunás ignorava que Henrique

estava na mesma fortaleza que ele, e a condescendência do seu

chaveiro dizia-lhe que por cima da sua cabeça adejavam

protecções a que chamavam escudos invisíveis.

Até então, os interrogatórios tinham versado sobre os =designios do rei de Navarra, sobre os projectos de fuga e sobre a =parte que nela podiam ter os dois amigos. Cocunás tinha respondido =constantemente com profunda sagacidade; dispunha-se ainda para responder =do mesmo modo, e de antemão tinha preparado todas as suas =explicações, quando viu que de súbito tomava o =interrogatório outra direcção.

Tratava-se de uma ou de muitas visitas feitas a Renato, de um ou de =muitos bonecos de cera mandados fazer por La Mole.

Embora preparado, Cocunás julgou que a acusação muito perdia da =sua intensidade, pois, em vez de ser uma traição ao rei, já =não se tratava senão duma estátua de rainha, e ainda por cima =essa estátua tinha apenas oito a dez polegadas de altura.

Respondeu, pois, muito alegremente, que de há muito nem ele nem o seu =amigo brincavam com bonecos, e com prazer observou que muitas das suas =respostas tiveram o privilégio de fazer rir os juizes.

Ainda não se tinha dito em verso: Ri, estou desarmado; mas em prosa =já se haviam repetido muito essas palavras; e Cocunás pôde =capacitar-se que tinha meio desarmado os juizes, pois eles tinham =sorrido.

Concluído o interrogatório, subiu para o seu quarto tão alegre, =e fazendo tanta bulha, que La Mole, para quem ele fazia todo esse

=espalhafato, teve de tirar as mais felizes conjecturas.

374

Fizeram-no então descer. La Mole, como Cocunás, viu, com espanto, =a acusação abandonar a sua primeira direção. =Interrogaram-no sobre as suas visitas a Renato: respondeu que uma =única vez tinha ido à casa do florentino. Perguntaram-lhe se dessa =vez não havia encomendado uma estatuazinha de cera; respondeu que =Renato lhe havia mostrado essa estátua já pronta. Perguntaram-lhe =se não representava ela um homem: respondeu que representava uma =mulher. Perguntaram-lhe se o encantamento não tinha por fim matar =esse homem: respondeu que tinha por fim fazer-se amar por essa =mulher.

Essas perguntas foram feitas, repetidas e revolidas, de mil modos =diferentes; a resposta, porém, a todas as perguntas, por mais que se =repetissem, foi constantemente a mesma.

Os juízes olharam uns para os outros como indecisos, não sabendo =bem o que dissessem ou que fizessem, diante de tal simplicidade, quando =um bilhete, entregue ao procurador-geral, cortou a dificuldade.

O bilhete dizia assim:

Se o acusado negar recorram aos tormentos. - C.

O procurador meteu na algibeira o bilhete, sorriu para La Mole e =despediu-o com polidez. La Mole voltou para a masmorra quase

tão =alegre como Cocunás.

Julgo que tudo vai bem" disse consigo.

Daí a uma hora ouviu passos, e viu um bilhete, que se introduzia

por =baixo da porta, sem ver que mão lhe dava movimento.

Apanhou-o, bem =capacitado de que o mensageiro não podia ser senão o chaveiro.

Vendo o bilhete, veio-lhe ao coração uma esperança, quase =tão

dolorosa como uma decepção: esperava que o bilhete fosse de

=Margarida, de quem não tinha notícia desde que estava preso.

=Apanhou-o todo trémulo; a letra quase que o fez morrer de

=alegria.

Ânimo! (dizia o bilhete) estou vigiando.

Ah! se ela está vigilante. - exclamou La Mole, cobrindo de beijos

o =papel em que tocara tão querida mão - se está vigilante, estou

=salvo!

É necessário, para que La Mole compreenda esse bilhete, e para

=que, como Cocunás, tenha fé no que o piemontês chamava os seus

=escudos invisíveis que levamos o leitor a essa casinha, a esse

=quarto, em que tantos perfumes mal evaporados, tantas doces

=recordações, transformadas em angústias, faziam estalar o

=coração duma mulher meio reclinada sobre almofadas de veludo.

Ser rainha, forte, rica, mesmo formosa e sofrer o que sofre -

exclamava =essa mulher - oh, é impossível!

Depois, no meio da sua agitação, levantava-se, andava, parava de repente, encostava a testa abrasada ao mármore frio dos trenós, levantava-se pálida e, com o rosto lavado em pranto, torcia os braços com gritos de angústia e tornava a cair prostrada sobre alguma cadeira.

De repente, o reposteiro que separava o quarto da Rua do Sino Rachado do quarto da Rua Tizon levantou-se, ouviu-se um roçar de seda e apareceu a duquesa de Nevers.

- Ah! - exclamou Margarida - és tu! com quanta impaciência te esperava! E então, que notícias há?

- Más! más! minha pobre amiga: a própria Catarina preside ao processo, e agora mesmo está ela em Vincenas.

- E Renato?

- Foi preso.

- Antes de lhe poderes falar?

- Antes.

- E os nossos queridos presos?

375

- Tenho notícias deles.

- Pelo chaveiro?

- Como sempre.

- E então?

- Então, estão todos os dias juntos por algum tempo. Anteontem

=foram apalpados. La Mole, em vez de entregar o teu retrato,

=esmigalhou-o.

- Querido La Mole!.

- Aníbal escarneceu dos inquiridores.

- Bom Aníbal! Que mais?

- Interrogaram-nos esta manhã sobre a fuga do rei, sobre os seus

=projectos de rebelião na Navarra, e nada disseram.

- Oh! bem sabia eu que nada diriam; mas esse silêncio mata-os como

se =falassem.

- Pois sim, mas nós havemos de salvá-los.

- E pensaste no nosso projecto?

- De ontem para cá não me ocupei de mais nada.

- E então?

- Acabo de concluir o ajuste com Beaulieu. Oh! minha querida rainha, que =homem ambicioso e difícil! Há-de custar a vida dum homem e =trezentos mil escudos.

- Dizes que é difícil e ambicioso, e só pede a vida dum homem e

=trezentos mil escudos? é de graça!...

- De graça, dizes tu; e trezentos mil escudos?. Todas as tuas

=jóias e todas as minhas não chegam a tanto.

- Oh! isso não obsta. Há-de pagar o rei de Navarra; o duque de

=Alençon há-de pagar também; e há-de pagar meu irmão =Carlos; ou

senão.

- Olha, estás falando como uma louca! Os trezentos mil escudos

já =eu os tenho.

- Tu?

- Sim, eu.

- E como os obtiveste?

- Eu cá sei!

- É segredo?

- Para todos, menos para ti.

- Oh! meu Deus! - disse Margarida sorrindo no meio de lágrimas

- =tê-los-á roubado?

- Vais saber como foi. Lembras-te daquele horrível Nantouillet?

- O ricaço, o usurário?

- Esse mesmo. Ora um dia, vendo passar certa senhora louca, de

olhos =verdes, toucada com três rubis, um na fronte e os outros

sobre as =fontes (ornato que lhe assenta muito bem), e não sabendo

que essa =senhora era uma duquesa, o ricaço, o usurário, exclamou:

Por =três beijos, no lugar em que estão esses rubis, faria eu

nascer =três brilhantes de cem mil escudos cada um!

- E depois, Henriqueta?

- Depois, minha querida. os brilhantes nasceram, e já estão

=vendidos.

- Oh! Henriqueta! Henriqueta! - disse em voz baixa Margarida.

- Boa! - exclamou a duquesa, com um tom ingénuo que dá ideia do

=século e da mulhereu também gosto do meu Aníbal!.

- É verdade - disse Margarida, sorrindo e corando ao mesmo tempo

-, =gostas muito dele e até com excesso.

E apertou-lhe a mão.

- Assim, pois - continuou Henriqueta -, graças aos nossos três

=brilhantes, o dinheiro e o homem estão prontos.

376

- O homem? Que homem?

- O que tem de ser morto. Esqueceste-te de que é necessário que

=haja um homem morto?

- E achaste homem que sirva?

- Perfeitamente.

- Pelo mesmo preço? - perguntou Margarida, sorrindo.

- Por esse preço teria achado mil - respondeu Henriqueta. - Não,

=não; foi simplesmente por quinhentos escudos.

- Por tão pouco achaste quem consentisse ser morto?

- Que queres? É preciso ganhar a vida.

- Minha cara amiga, não te compreendo. Vamos, fala claramente;

=adivinhar enigmas é, há muito tempo, a situação em que nos

=achamos.

- Pois ouve: o chaveiro a quem está confiada a guarda de La Mole

e =Cocunás é um soldado velho que sabe o que é uma ferida.

=Presta-se a salvar os nossos amigos, mas não quer perder o seu

=emprego. Uma punhalada, dada com jeito, arranjará tudo;
dar-lhe-emos =uma recompensa, e o Estado uma indemnização. Deste modo, o nosso =homem receberá dos dois lados e repetirá a fábula do =pelicano.

- Mas - disse Margarida -, uma punhalada!

- Sossega; dar-lha-á Aníbal.

- Sim - disse, rindo, Margarida -, com a espada e com o punhal feriu ele =três vezes La Mole, e La Mole não morreu; assim, pois, não é =coisa para desesperar.

- Má! bem merecias que eu me calasse.

- Oh! não, não! pelo contrário, conta-me o resto, por quem =és.

Como os havemos de salvar?

- Ouve: a capela é o único lugar da fortaleza em que podem entrar =as mulheres que não estão presas. Escondem o-nos atrás do altar; =debaixo da toalha do altar acham-se dois punhais; a porta da sacristia =fica aberta; Cocunás fere o chaveiro, que cai, e finge-se morto; =nós aparecemos; cada uma de nós atira a capa ao seu; fugimos com =eles pela portinhola da sacristia; e, como temos o santo-e-senha, =sairemos sem obstáculo.

- E uma vez fora de lá?

- Esperam-nos à porta dois cavalos; saem da Ilha de França e =vão para Lorena, donde de vez em quando voltarão =disfarçados.

- Oh! tu restituís-me a vida! - disse Margarida. - Desse modo

salvá- =los-emos!

- Quase que o afianço.

- E isso é para breve?

- Ora! daqui a três ou quatro dias; Beaulieu mandar-nos-á dizer
o =dia.

- Mas se te virem nos arredores de Vincenas, pode isso prejudicar
o =nosso projecto.

- Como queres que me reconheçam? Saio vestida de freira, com um
=véu que só me deixa ver a ponta do nariz.

- Olha que todas as cautelas são poucas.

- Oh! bem sei isso.

- E o rei de Navarra, informaste-te dele?

- Por certo; nem podia esquecê-lo.

- E então?

- Então, nunca, ao que parece, esteve mais alegre; ri, canta, come
=bem e só pede uma coisa: que o guardem com cuidado.

- E tem razão; e minha mãe?

- Já te disse que activa quanto pode o processo.

- Mas não desconfia nada a nosso respeito?

377

- Como há-de desconfiar? Todos os que estão na confidência =têm
interesse no segredo. Ah! também soube que ela mandou dizer =aos
juízes de Paris que estivessem prontos.

- Devemos obrar depressa, Henriqueta; se os nossos pobres presos
=mudassem de prisão, teríamos de recomeçar tudo.

- Sossega; eu desejo tanto vê-los fora como tu.

- Oh! bem sei; obrigada! obrigada cem vezes, pelo que tens feito
para =chegar a esse ponco.

- Adeus! Margarida, adeus! Vou continuar.

- E contas com Beaulieu?

- Conto.

- E com o chaveiro?

- Ele prometeu.

- E cavalos?

- Hão-de ser os melhores da estrebaria do duque de Nevers.

- Adoro-te, Henriqueta!

E Margarida lançou-se nos braços da sua amiga, depois do que as
=duas mulheres se separaram, prometendo tornar a ver-se no dia
seguinte, =e sempre à mesma hora e no mesmo lugar.

Eram estas duas criaturas encantadoras e dedicadas que Cocunás
=chamava, com bastante razão, os seus escudos invisíveis.

LVII

OS JUÍZES

- Então, bravo camarada? - disse Cocunás a La Mole, quando
=tornaram a achar-se juntos depois do interrogatório em que pela
=primeira vez se tratara do boneco de cera. - Parece-me que
caminha tudo =que é um gosto e que não tardará muito que nos deixem
os =juízes, o que é muito mais favorável diagnóstico do que ser
=deixado pelos médicos, pois quando o médico deixa o doente é
=porque o não pode salvar; e, pelo contrário, quando o juiz deixa
o =acusado é porque perde a esperança de o mandar à degola.

- Parece-me também - disse La Mole -, pela polidez e facilidade
dos =chaveiros, pela elasticidade das portas, que reconheço as
nossas =nobres amigas; não reconheço, porém, o Sr. de Beaulieu
pelo que =dele me tinham dito.

- Reconheço-o eu muito bem - disse Cocunás -, somente há-de
=custar caro. Mas que tem isso? Uma é princesa, a outra rainha,
ambas =ricas, e nunca tiveram ocasião de fazer tão bom uso do seu
=dinheiro. Agora, recapitulemos bem a nossa lição. Levam-nos à
=capela; deixam-nos aí entregues à guarda do nosso chaveiro;
=achamos no lugar ajustado cada qual o seu punhal; abro um buraco
na =barriga do nosso guarda.

- Oh! na barriga não! seria roubar-lhe os seus quinhentos escudos;
no =braço.

- Pois não! no braço seria perdê-lo, coitado! bem veriam que =ele e eu procedemos amigavelmente. Não, não: no lado direito, =correndo destramente pelas costelas, é ferida verosímil e =inocente.

- Bom, esse está aviado; depois.

- Depois, tu trancas a porta grande com bancos, enquanto as nossas =princesas saem do seu esconderijo e Henriqueta abre a portinhola.

- E depois. - disse La Mole, com a voz trémula que passa pelos =lábios como música suave - depois, metem o-nos pelas matas: um =beijo dado a cada um de nós tornar-nos-á alegres e fortes. =Estás-nos vendo, Aníbal: inclinados sobre os nossos velozes =cavalos, com o coração suavemente opresso! Oh! como é gostoso o =medo! o medo em campo aberto, com uma espada na mão, quando se grita =hurrai ao cavalo provocado com a espora, e que a cada grito salta e =voa.

- Isso sim! - disse Cocunás - porém do medo entre quatro paredes, =que dizes tu, La Mole? Desse posso eu falar, pois já senti coisa =parecida. Quando esse lívido carão do Beaulieu entrou pela =primeira vez no meu quarto, detrás dele reluziam partasanas, retina =o sinistro ressoar do ferro de encontro ao ferro. Juro-te que =imediatamente me lembrei de Alençon, e que esperava ver aparecer a =sua cara hedionda entre as dos soldados. Enganei-me,

e foi essa a minha =consolação; mas não perdi tudo; à noite sonhei com ele.

- Assim - disse La Mole, que seguia o seu risonho pensamento sem =acompanhar o seu amigo

379

nas excursões que fazia pelos campos da fantasia -, elas previram =até o lugar do nosso retiro. Vamos para Lorena, meu caro amigo.

Na =verdade, eu preferia que fôssemos para a Navarra mas a Navarra é =tão longe!. Nancy é melhor, porque só ficamos a cinquenta =léguas de Paris. Sabes que pesar levo daqui, Aníbal?

- Não, por certo. pela minha parte declaro que deixo cá todos os =meus.

- É não poder levar connosco o digno chaveiro, em vez de.

- Ora! ele não havia de querer - disse Cocunás -, pois perderia =muito; vê lá, atende: quinhentos escudos nossos, uma recompensa do =governo. talvez promoção; como vai viver feliz esse maganão =quando eu o matar!. Mas. que tens?

- Nada! uma ideia que me ocorreu.

- Não é divertida, ao que parece, pois estás horrivelmente =pálido.

- Pergunto agora a mim mesmo porque é que nos hão-de levar para a =capela.

- Ora - disse Cocunás - para cumprir o preceito da Quaresma;

=parece-me que é o tempo próprio.

- Mas - disse La Mole - não levam para a capela senão os =condenados à morte ou os que sofrem tormentos.

- Oh! oh! - disse Cocunás, descorando também. - O caso é =sério: interroguemos a esse respeito o pobre homem a quem tenho de =estripar um destes dias. Olá, chaveiro, meu bom amigo!

- O senhor está-me chamando? - disse o chaveiro, que estava de vigia =nos primeiros degraus da escada.

- Estou; vem cá.

- Aqui me tem.

- Está ajustado que fugiremos da capela, não está?

- Caluda! - disse o chaveiro, olhando em torno de si.

- Sossega; ninguém nos ouve.

- Sim senhor, da capela.

- Pois então havemos de ir à capela?

- Por certo, é o costume.

- É o costume?

- Sim senhor: depois da condenação à morte, é costume =consentir que o condenado passe a noite na capela.

Cocunás e La Mole estremeceram e olharam um para o outro.

- Então julgas que seremos condenados à morte?

- Decerto. e os senhores também assim o pensam.

- Como! nós também?

- Decerto; se o não pensassem, não teriam tudo preparado para
=fugir.

- Sabes que é de quem pensa com muito juízo, o que ele nos está
=dizendo? - disse Cocunás a La Mole.

- Pois sim. mas o que também sei, ao menos agora, é que jogamos
=uma grande parada.

- E eu, então?. - disse o chaveiro - julgam que não me arrisco?

Se =nesse momento de comoção o senhor se enganasse e me desse a
=punhalada do lado esquerdo!.

- Ora! bem me quisera eu ver no teu lugar - disse vagorosamente
=Cocunás -, e não ter que me haver com outras mãos senão com =esta,
nem com outro ferro senão com o que te há-de ferir.

- Condenado à morte? - exclamou La Mole - não pode ser!

- Não pode? - disse ingenuamente o chaveiro - e porquê?

- Calem-se! - disse Cocunás - julgo que estão abrindo a porta de
=baixo.

380

- Assim é - disse com vivacidade o chaveiro. - Recolham-se,
Senhores, =recolham-se!

- E quando acha que será proferida a sentença?

- Amanhã, o mais tardar. Sosseguem, porém: as pessoas que devem
=ser prevenidas, hão-de sê-lo.

- Então abracemo-nos, e façamos as nossas despedidas a estes

=muros.

Os dois amigos lançaram-se nos braços um do outro; depois entraram

=para os seus quartos. La Mole ia suspirando; Cocunás

=cantarolando.

Nada de novo ocorreu até às sete horas da tarde. A noite desceu

=escura e chuvosa sobre os torreões de Vincenas; uma verdadeira

noite =de fuga. Trouxeram a ceia de Cocunás, que comeu com o seu

costumado =apetite, lembrando-se do prazer que teria em ser

molhado por essa chuva =que açoitava as paredes; e já se preparava

para dormir ao abafado =e monótono sussuro do vento, quando lhe

pareceu que esse vento, que =escutava às vezes com um sentimento

de melancolia como o nunca sentira =antes de estar preso, assobiava

por modo extraordinário pelas frestas =de todas as portas, e que

o cano do fogão roncava com mais raiva do =que era costume.

Verificava-se esse fenómeno cada vez que se abria =uma das prisões

do andar de cima, e especialmente a que ficava na =frente. Era

por essa bulha que Aníbal reconhecia que vinha ter com =ele o

chaveiro, pois indicava-lhe que saía do quarto de La Mole.

Entretanto, desta vez, ficou Cocunás com o pescoço inutilmente

=estendido e o ouvido atento. Correu o tempo e não veio =ninguém.

É singular! - disse Cocunás - abriram o quarto de La Mole e não

=abrem o meu. Terá La Mole chamado? estará doente? que quererá

=isto dizer?

Para o preso tudo é suspeita e inquietação, como tudo lhe é
=alegria e esperança. Passou meia hora, depois uma hora, depois
hora e =meia.

Cocunás, despeitado, ia adormecendo, quando a bulha da fechadura
o =fez saltar. Oh! oh! - disse - pois já é a hora da partida? E
=vão levar- nos à capela sem sermos condenados! Oh! oh! dar-me-ia
=muito gosto fugir numa noite como esta. Está escuro como um
forno. =mas não sejam os cavalos cegos.

E preparava-se para interrogar alegre o chaveiro, quando lhe viu
pôr =o dedo na boca e volver os olhos com a maior eloquência.
Com efeito, por detrás do chaveiro ouvia-se bulha, viam-se
=sombas.

De súbito, no meio da escuridão distinguiu dois capacetes, em cada
=um dos quais a luz esfumada lançou um reflexo de ouro.
- Oh! oh! - perguntou a meia voz - que sinistro preparativo é este?
=Para onde vamos? O chaveiro respondeu com um suspiro muito
semelhante a =um gemido.

- Cos diabos! que maldito viver! - disse a meia voz Cocunás -
sempre =extremos, nunca chão firme! Ou afogar-se a gente num
charco de cem =pés de altura de lodo, ou pairar por entre as
nuvens: não há =meio termo. Para onde vamos?

- Acompanhe os soldados, Senhor - disse uma voz cíciosa, que lhe
fez =conhecer que os soldados vinham acompanhados por um

meirinho.

- E o Sr. de La Mole - perguntou o piemontés -, onde está? Que
=é feito dele?

- Acompanhe os soldados - repetiu no mesmo tom a mesma voz ciciosa.

Era =necessário obedecer. Cocunás saiu do quarto e viu o homem

de =preto, cuja voz lhe soara tão desagradavelmente. Eca um
escrivão =corcunda e baixo, e que, sem dúvida, tinha tomado o

ofício em que =vestia beca para não verem que também era cambaio.

Desceu vagaroso a escada em espiral. Os guardas pararam no
primeiro =andar.

É descer muito - murmurou Cocunás - mas ainda
não =basta.

A porta abriu-se. Cocunás tinha um olhar de lince e um faro de
galgo; =farejou os juízes, e viu no escuro a sombra dum homem com
os =braços nus que lhe fez subir o suor à testa. Tomou,

381

todavia, o seu ar mais risonho, inclinou a cabeça para a esquerda,
=segundo o preceito do código de bom gosto da época, e com a mão
=na anca entrou na sala.

Levantou-se um cortinado, e Cocunás viu efectivamente os juízes

e =os escrivães. A alguns passos desses juízes e escrivães estava

=La Mole sentado num banco. Cocunás foi apresentado ao tribunal:

=diante dos juízes parou, cumprimentou la Mole inclinando a

cabeça =com um sorriso, e esperou.

- Como se chama? - perguntou-lhe o presidente.

- Marcos Aníbal de Cocunás - respondeu o fidalgo com graça -,
=conde de Montpensier, Chenaux e outros lugares; mas, presumo que
=conhecem os nossos títulos.

- Onde é natural?

- De São Columbano, ao pé de Susa.

- Que idade tem?

- Vinte e sete anos e três meses.

- Muito bem - disse o presidente.

Parece que gostou disse consigo Cocunás.

- Agora - disse o presidente, depois dum momento de silêncio que
deu =tempo ao escrivão para escrever as respostas do réu -, qual
era o =seu fim quando se retirou do serviço do Sr. de Alençon?

- Reunir-me com o meu amigo Sr. de La Mole, que se havia retirado
alguns =dias antes.

- Que estava fazendo na caçada em que foi preso?

- Ora! - respondeu Cocunás - estava caçando.

- O rei também estava nessa caçada, e foi nela que sentiu os
=primeiros sintomas da doença de que está sofrendo.

- A esse respeito, não tendo estado ao pé do rei, nada posso
=dizer: até ignorava que estivesse doente.

Os juízes olharam uns para os outros com um sorriso de

=incredulidade.

- Ah! o senhor ignorava? - disse o presidente.

- Sim senhor; e sinto-o muito; se bem que o rei de França não seja

=o meu rei, tenho-lhe muita afeição.

- Deveras?

- Palavra de honra! Não é como seu irmão, o duque de Este,

=confesso.

- Não se trata aqui do duque de Alençon, mas de Sua Majestade.

- Pois já disse que era seu muito humilde criado - respondeu

=Cocunás, embalando o corpo com adorável indolência.

- Se, como pretende, é realmente seu criado, não me dirá o que

=sabe de certa estátua mágica?

- Bom! voltamos à história do boneco, segundo me parece.

- Sim senhor; e isso desagradou-lhe?

- Não senhor, antes pelo contrário. Continue.

- Porque se achava essa estátua no quarto do Sr. de La Mole?

- No quarto do Sr. de La Mole? Em casa de Renato é que o senhor quer =dizer.

- Então reconhece que ela existe?

- E reconhecê-la-ei, se ma apresentarem.

- Aqui está: é a que conhece?

- Exactamente.

- Escrivão - disse o presidente -, escreva que o réu reconhece

a =estátua por tê-la visto no quarto do Sr. de La Mole.

- Não, não confundamos: por tê-la visto em casa de Renato.

- Pois sim: em casa de Renato. Em que dia?

382

- No único dia em que lá fomos, La Mole e eu.

- Então confessa que foi a casa de Renato com o Sr. de La Mole?

- Pois já alguma vez o neguei?.

- Escrivão, escreva que o réu confessa ter ido a casa de Renato
=para fazer artes mágicas.

- Alto lá! alto lá, Senhor Presidente! modere o seu entusiasmo,
=olhe que eu não disse nada disso.

- Então nega ter ido a casa de Renato para fazer artes =mágicas?

- Nego-o; a magia que lá se fez foi casual e sem =premeditação.

- Mas enfim, fez-se.

- Não posso negar que houve alguma coisa assim à maneira dum
=encantamento.

- Escreva que o acusado confessa ter feito em casa de Renato um
=encantamento contra a vida do rei.

- Como contra a vida do rei? é uma infame mentira! Não se fez
=encantamento algum contra a vida do rei.

- Estão vendo, Senhores? - disse La Mole.

- Silêncio! - disse o presidente.

E voltando-se para o escrivão:

- Contra a vida do rei - continuou. - Já escreveu?

- Não! não! - disse Cocunás. - Além de que a estátua =não é de homem, mas de mulher.

- Então, meus Senhores, não lhes tinha eu dito? - tornou La Mole.

- Sr. de La Mole - disse o presidente -, responda quando for interrogado =e não interrompa o interrogatório dos outros. Diz então que =é uma mulher?

- Sem dúvida que digo.

- Então porque tem uma coroa e um manto real?

- Ora! - disse Cocunás - nada mais simples; porque era.

La Mole levantou-se precipitadamente e encostou o dedo à boca.

- Sim - disse Cocunás -, o que eu ia dizer!. como se isso fosse da =conta destes senhores.

- Persiste em dizer que essa estátua era de mulher?

- Decerto que persisto.

- E nega-se a dizer quem era essa mulher?

- Uma mulher da minha terra, a quem amava, e de quem queria ser amado - =disse La Mole.

- Não é o senhor que está sendo interrogado, Sr. de La Mole! -

=exclamou o presidente - cale-se ou mando-lhe pôr uma mordança.

- Pôr uma mordança? Como diz isso, senhor da beca? Pôr =mordança num fidalgo, num amigo meu? Está brincando!

- Tragam Renato - disse o procurador-geral Laguesle.

- Sim, tragam Renato - disse Cocunás -, vamos ver quem tem razão:

=os senhores três ou nós dois.

Renato entrou, pálido, envelhecido a ponto que mal o puderam

=reconhecer os dois amigos, pois muito mais o acurvava o peso do crime =que ia cometer do que os que já havia cometido.

- Mestre Renato - disse o juiz -, reconhece os dois réus

=presentes?

- Sim senhor - respondeu Renato, com voz que revelava o seu abalo.

- Por tê-los visto onde?

- Em vários lugares, especialmente em minha casa.

- Quantas vezes foram a sua casa?

- Uma única.

À medida que falava Renato, a cara de Cocunás expandia-se; a de La =Mole, porém, tornava-se mais grave, como se tivesse algum =pressentimento.

383

- E em que ocasião foram a sua casa?

Renato mostrou hesitar.

- Para me encomendarem uma figura de cera.

- Desculpe, desculpe, meu Renato - disse Cocunás -, está um tanto =enganado.

- Silêncio! - disse o presidente.

E voltando-se para Renato:

- E essa figura era de homem ou de mulher?

- De homem - respondeu Renato.

Cocunás saltou como se houvesse recebido uma comoção =elétrica.

- De homem?

- De homem - repetiu Renato, porém com voz tão fraca que mal foi
=ouvida.

- E porque tem essa estátua de homem manto nos ombros e coroa na
=cabeça?

- Porque representa um rei.

- Infame mentiroso! - exclamou Cocunás fora de si.

- Cala-te, Cocunás, cala-te - atalhou La Mole -, deixa falar esse
=homem, cada qual é senhor de perder a sua alma.

- Mas não o corpo dos outros, cos demónios!

- E que queria dizer essa agulha que atravessava o coração da
=estátua, com a letra escrita numa bandeirinha?

- A agulha era o punhal ou a espada, e queria dizer mort.

Cocunás fez um movimento para esganar Renato; seguraram-no porém
=quatro guardas.

- Bem - disse o procurador Laguesle -, o tribunal está
=suficientemente esclarecido. Levem os presos para os quartos de
=espera.

- Mas - exclamava Cocunás -, é impossível ouvir semelhantes
=mentiras sem protestar!

- Proteste, Senhor, ninguém lho veda. Guardas, cumpram o que se

=mandou. Os guardas agarraram nos dois réus e fizeram-nos sair,

La =Mole por uma das portas, Cocunás pela outra.

Então o procurador fez sinal a esse homem que Cocunás tinha visto

=no escuro, e disse- lhe:

- Não se retire, mestre; haverá trabalho esta noite.

- Por qual deles hei-de começar, senhor? - perguntou o homem

levando =respeitosamente a mão ao barrete.

- Por aquele - disse o presidente apontando La Mole, que ainda

se via =como uma sombra entre os dois guardas.

Depois, chegando-se para Renato, que tinha ficado em pé e trémulo,

=aguardando que o levassem para o Châtelet, onde estava preso:

- Bem - disse-lhe ele -, o rei e a rainha hão-de saber que lhe

devem =o ter conhecido a verdade.

Em vez, porém, de lhe dar força, essa promessa como que encheu

=Renato de terror, que só respondeu com um profundo suspiro.

LVIII

O TORMENTO DO BORZEGUIM

Cocunás, tendo acabado de lutar com os seus juizes, livre da
=cólera que concebera contra Renato e vendo-se agora numa nova
=masmorra, começou, todo entregue a si mesmo, a série das suas
=tristes reflexões.

Parece-me - disse consigo - que as coisas vão mal, e que já seria
=tempo de ir para a capela. Desconfio das condenações à morte;
=pois incontestavelmente tratam agora de condenar-nos à morte.
=Desconfio ainda mais das condenações à morte proferidas entre
=as quatro paredes duma fortaleza, diante de carões tão feios como
=os que nos rodeiam. Seriamente, querem cortar-nos a cabeça. Oh!
oh! =Repito o que dizia, já era tempo de irmos para a capela.

Estas palavras, proferidas a meia voz, foram acompanhadas por um
=silêncio, e este silêncio foi interrompido por um grito abafado
e =lúgubre, que nada tinha de humano; este grito como que rompeu
a =espessa parede e veio vibrar no ferro das grades.

Cocunás involuntariamente estremeceu; e entretanto era homem tão
=valente, que nele o valor se parecia com o instinto da fera. Ficou
=imóvel no lugar em que ouvira o gemido, duvidando que semelhante
=gemido pudesse ser solto por uma criatura humana, tomando-o pelo
bramido =do vento nas árvores, ou por um desses mil rumores que
à noite =parecem descer ou subir dos dois mundos desconhecidos

entre os quais se =revolve o nosso globo; então, outro gemido mais doloroso, mais =profundo e mais pungente do que o primeiro, chegou aos seus ouvidos, e =desta vez, não só bem positivamente distingui a expressão da =dor na voz humana, como também julgou reconhecer que essa voz era a =de La Mole.

Ouvindo essa voz o piemontês esqueceu-se de que estava encerrado por =duas portas, três grades e uma parede da largura de doze pés, e =precipitou-se com toda a sua força contra ela, como para =desmorná-la e voar em socorro da vítima, bradando:

- Estão degolando alguém!

Encontrou porém no caminho a parede, de que não se recordava, e =caiu esmagado pelo encontrão sobre um banco de pedra.

E ficou ali.

- Mataram-no! oh! - exclamou ele - é abominável!. mas é que =ninguém o pode defender aqui! não há armas, nem nada!

Estendeu a mão a ver o que encontrava.

- Ah! esta argola de ferro. - continuou - arrancá-la-ei, e ai daquele =que se chegar a mim!

Cocunás levantou-se, agarrou na argola de ferro, e com o primeiro =esforço tão fortemente a abalou, que era evidente que, com mais =dois ou três esforços iguais, a arrancaria.

385

Mas de repente a porta abriu-se, e uma luz produzida por duas

tochas =invadiu a masmorra.

- Venha, Senhor - disse a mesma voz ciciosa que já lhe havia sido =tão particularmente desagradável, e que por se fazer ouvir desta =vez três andares mais abaixo não lhe pareceu ter ganho a doçura =que lhe faltava -, o tribunal está-o esperando.

- Bom - disse Cocunás, largando a argola - vou ouvir a minha =sentença, não é assim?

- Sim senhor.

- Ah! já respiro! vamos.

E acompanhou o meirinho, que ia contente adiante dele, tendo erguido a =sua vara preta. Oh! oh! não vejo o meu digno chaveiro

- disse a meia =voz - confesso que me faz falta a sua presença.

Entrou só na sala donde acabavam de sair os juízes, e onde havia =ficado em pé um só homem, em quem Cocunás reconheceu o

=procurador-geral, que mais duma vez, no correr do processo, tinha =falado, e sempre com animosidade fácil de reconhecer.

Com efeito, a ele, já por carta, já verbalmente, havia Catarina =com particularidade recomendado o processo.

Uma cortina levantada deixava ver o fundo da sala; e essa sala; cujas =profundidades se perdiam no escuro, tinha nos lugares que

estavam =alumiados tão terrível aspecto, que Cocunás sentiu =vacilarem-lhe as pernas e exclamou:

- Oh! meu Deus!

Não era sem causa que Cocunás soltara esse grito de terror.

O espectáculo era, com efeito, dos mais lúgubres. A sala, oculta

=durante o interrogatório por uma cortina, agora levantada,

parecia =ser o vestibulo do Inferno. No primeiro plano via-se um cavalete de =pau, guarnecido de cordas, moitões e outros

accessórios =torcionários. Adiante, ardia um braseiro que

reverberava os seus =lúgubres clarões sobre todos os objectos em

redor, e que escurecia =ainda mais a sombra dos que se achavam

entre Cocunás e ele. Encostado =a uma das colunas que sustentavam

a abóbada, um homem, imóvel como =uma estátua, estava de pé com

uma corda na mão. Ter-se-ia dito =que era da mesma pedra que a

coluna a que adería. Nas paredes, por cima =dos bancos de pedra,

entre argolões de ferro, estavam penduradas =correntes e reluziam

ferros.

Oh! - disse consigo Cocunás - a sala dos tormentos preparada e

à =espera de padecente! Que quer isto dizer?

- De joelhos, Marcos Aníbal de Cocunás! - disse uma voz que fez

=erguer a cabeça do fidalgo - de joelhos, para ouvir a sentença

que =acaba de ser proferida!

Era um desses convites contra os quais instintivamente reagiam

o corpo e =a alma de Cocunás. Quando, porém, ia a reagir, dois

homens lhe =apoiaram as mãos sobre os ombros de modo tão

inesperado, e =especialmente tão pesado, que caiu com os dois

joelhos sobre a =laje.

A voz continuou:

Sentença proferida pelo tribunal reunido no torreão de Vincenas,
=contra Marcos Anibal de Cocunás, convicto de crime de
=lesa-majestade, de tentativa de envenenamento, de sortilégio e
=mágica contra a pessoa do rei, de conspiração contra a =segurança
do Estado, como também de ter, pelos seus primeiros =conselhos,
levado à rebelião um príncipe de sangue.

A cada uma dessas imputações havia Cocunás abanado a cabeça,
=batendo o compasso como menino indócil da escola.

O juiz prosseguiu:

Em consequência do que, o dito Marcos Anibal de Cocunás será
=levado da prisão à Praça de S. João de Grève, para aí =ser
degolado; os seus bens deverão ser confiscados, as suas matas
=cortadas à altura de seis pés, os seus castelos arrasados,
ficando =na areia um poste com uma lâmina de cobre que autentique
o crime e o =castigo.

- Quanto à minha cabeça, creio bem que ma cortarão, pois =está
em França, e acé muito arriscada; quanto às minhas =matas e aos
meus castelos, desafio todas as serras e enxadas do Reino
=Cristianíssimo a morderem neles.

- Silêncio! - disse o juiz.

E prosseguiu: E outrossim, será o dito Cocunás.

- Como! - atalhou este - pois ainda me hão-de fazer alguma coisa

mais =depois de cortada a cabeça? Oh! oh! há- de ser engraçado.

- Depois, não - disse o juiz -, porém antes.

E continuou: E outrossim, será o dito Cocunás, antes da =execução da sentença, sujeito à tortura extraordinária de =dez cunhos.

Cocunás saltou, fulminando o juiz com um olhar de =indignação.

- E para quê? - exclamou, não achando outra frase senão essa =ingenuidade para exprimir a multidão de pensamentos que lhe surgiam =na mente.

Com efeito, esse tormento era para Cocunás a completa ruína de =todas as suas esperanças; não seria levado à capela senão =depois de o ter sofrido, e dele, ordinariamente, morria-se; tanto mais =facilmente se morria quanto se era mais valente e robusto, pois então =considerava-se como cobardia fazer declarações, e enquanto não =havia essas declarações os tormentos continuavam, e não só =continuavam como dobravam de intensidade.

O juiz evitou responder a Cocunás, pois o seguimento da sentença =por ele respondia; continuou pois a ler:

A fim de o obrigar a confessar quais são os seus cúmplices, os =seus crimes e maquinações por miúdo.

- Oh! - exclamou Cocunás - isto é que merece o nome de infâmia!
=É mais do que infâmia: a isto é que eu chamo cobardia.

Acostumado às cóleras das vítimas, cóleras que o sofrimento =acalma trocando-as em lágrimas, o juiz, impassível, fez um só

=gesto.

Agarrado pelos pés e pelos ombros, Cocunás foi levado, deitado e =amarrado ao leito dos tormentos, antes de ter visto quais eram os que =assim o violentavam.

- Miseráveis! - uivava Cocunás, sacudindo com um paroxismo de =furo o leito, de maneira a fazer recuar os próprios verdugos.

- =Miseráveis! torturem-me, quebrem-me, façam-me em pedaços: nada =darei! assim lhes juro. Ah! Pensam que é com pedaços de pau e =pedaços de ferro que se faz falar um fidalgo como eu? Não-dever! =desafio-os!

- Prepare-se para escrever - disse o juiz ao escrivão.

- Sim, prepara-te - uivou Cocunás -, e se escreveres tudo quanto vou =dizer-lhes a todos, infames carrascos, terás trabalho.

Escreve, =escreve.

- Quer fazer revelações? - disse o juiz com a sua voz pausada.

- Vai-te com os diabos!

- Senhor, reflecta enquanto duram os preparativos. Vamos, mestre, ajuste =os borzeguins ao réu. Então, o homem que tinha ficado até ali =em pé e imóvel, com cordas na mão, separou-se da coluna, e com =vagaroso passo chegou-se para Cocunás, que se voltou para ele a fim =de lhe fazer uma careta.

Era mestre Caboche, o carrasco de Paris.

Doloroso espanto se debuxou nas feições de Cocunás, que em vez

=de gritar e agitar-se, ficou imóvel, não podendo arredar os olhos
=do rosto desse amigo a quem esquecera, e que em tal momento lhe
tornava =a aparecer.

Caboche, sem que se agitasse um só dos seus músculos, sem que
=desse sinal de ter visto anteriormente Cocunás, colocou-lhe duas
=tábuas nas pernas e amarrou tudo com as cordas que tinha na =mão.

388

Era o aparelho a que chamavam o borzeguim.

Para os tormentos ordinários metiam-se dez cunhos, e então as
=tábuas não só esmigalhavam as carnes mas partiam os ossos.

Acabada a operação preliminar, mestre Caboche introduziu a
=extremidade dum cunho entre as duas tábuas; depois, com o seu
malho =na mão, ajoelhado sobre um só joelho, olhou para o juiz.

- Quer falar? - perguntou este.

- Não - respondeu resolute Cocunás, bem que sentisse o suor
=inundar-lhe a testa e arrepiarem-se-lhe os seus belos cabelos.

- Nesse caso, vamos - disse o juiz. - Primeiro cunho do =ordinário.

Caboche levantou o braço armado do pesado malho, e deu terrível
=pancada no cunho.

O cavalete tremeu.

Cocunás não soltou uma só queixa, bem que normalmente esse
=primeiro cunho fizesse gemer os mais resolutos.

Até houve mais: a única expressão que apareceu no seu rosto foi

=de indizível espanto; olhou estupefacto para Caboche, que, com o braço erguido, meio voltado para o juiz, se preparava para repetir.

- Qual era a sua tenção escondendo-se na mata? - perguntou o juiz.

- Sentar-me à sombra - respondeu Cocunás.

- Continue, mestre - disse o juiz.

Caboche deu segunda pancada, que soou como a primeira.

Mas ainda com essa pancada Cocunás não deu sinal de dor, e os seus

olhos continuaram fitos no carrasco com a mesma expressão.

O juiz franziu a testa.

Isto é que é sujeito valente disse consigo. O cunho entrou até

ao fim, mestre? Caboche abaixou-se como para examinar;

abaixando-se, porém, disse a Cocunás:

- Grite, cos diabos! grite, desgraçado!

E levantando-se:

- Até ao fim, sim senhor - disse.

- Segundo cunho do ordinário - tornou friamente o juiz.

As quatro palavras de Caboche tudo explicavam a Cocunás. O digno

algoz acabava de prestar ao seu amigo o maior serviço que pode

um algoz prestar a um fidalgo.

Poupava-lhe mais do que a dor, poupava-lhe a vergonha de fazer

confissões, cravando-lhe nas pernas cunhos de couro elástico,

cujas partes superior somente era guarnecida de madeira, em vez

de lhe cravar =cunhos de carvalho. Demais, deixava-lhe toda a sua força para não =enfraquecer diante do cadafalso.

Oh! bom e honrado Caboche! - disse consigo Cocunás - sossega, vou =gritar, já que o queres; e se não ficares satisfeito; serás =ruim de contentar.

Neste tempo tinha Caboche metido entre as tábuas a ponta dum cunho =mais grosso do que o primeiro.

- Prossiga - disse o juiz.

Então Caboche deu com tanta força quanta empregaria se tivesse de =desmornar o torreão de Vincenas.

- Ai! ai! ui! ui! - gritou Cocunás. - Com mil diabos! esmigalham-me =os ossos! vejam o que fazem!

- Ah! - disse o juiz sorrindo - o segundo produz o seu efeito; já me =ia admirando. Cocunás respirou como um fole.

- Então, que fazia na mata? - repetiu o juiz.

389

- Ora! já lhe disse que estava tomando fresco.

- Vamos - disse o juiz.

- Confesse - disse-lhe Caboche ao ouvido.

- Mas o quê?

- O que lhe parecer; mas diga alguma coisa.

E deu segunda pancada, não menos forte do que a primeira.

Cocunás quase que se sufocou a poder de gritar.

- Oh! meu Deus, valei-me! Que quer saber, senhor?. por ordem de quem =estava na mata?.

- Sim senhor.

- Estava por ordem do Sr. de Alençon.

- Escreva - disse o juiz.

- Se cometi um crime armando uma cilada ao rei de Navarra, não era eu =mais do que um instrumento, obedecia ao duque a cuja casa pertencia.

O escrivão pôs-se a escrever.

Ah! tu denunciaste-me, cara amarela. - disse consigo o padecente

- =espera, espera! E contou as visitas de Francisco ao rei de

Navarra, as =conferências dele com de Mouy, a história da capa vermelha, tudo =atalhando com urros, por simples reminiscência, e levando de vez em =quando nova martelada.

Enfim: deu tantas informações positivas, verídicas,

=incontestáveis, terríveis contra o duque de Alençon; tão

=perfeitamente mostrou que só a dor lhas extorquia; fez tais

=contorções, tanto gemeu, tanto bramiu, e com tão diversos tons,

=que, por fim, o próprio juiz se assustou de ter de registrar coisas

de =tanto comprometimento para um príncipe de França.

Ora ainda bem! - dizia Caboche - aqui está um fidalgo que não

=carece de segunda recomendação, e que dá que fazer ao =escrivão.

Jesus! o que não seria, se em vez de serem de couro os =cunhos

fossem de pau!.

Por isso perdoaram a Cocunás o último cunho dos =extraordinários; mas, não contando esse, tinha levado nove, o que =era mais que sobejo para lhe pôr as pernas em marmelada.

O juiz encareceu a brandura com que, por amor das suas confissões, =trataram Cocunás, e retirou-se.

O padecente ficou a sós com Caboche.

- Então - disse-lhe este - como estamos, meu querido fidalgo?

- Oh! meu amigo, meu bom amigo, meu caro Caboche! - disse Cocunás.

- =Fica certo que te serei toda a vida agradecido pelo que me acabas de =fazer.

- Deveras tem razão, Senhor; pois se soubessem o que fiz em seu =favor, tomaria eu o seu lugar neste cavalete, e não me tratariam por =certo como eu o tratei.

- Mas como tiveste tão engenhosa lembrança?.

- Ouça - disse Caboche, enquanto enrolava em panos ensanguentados as =pernas de Cocunás -, soube que o senhor estava preso, soube que o =processavam, soube que a rainha Catarina queria que morresse, adivinhei =que o poriam a tormentos, e, nessa conformidade, tomei as minhas =precauções.

- Arriscando-te a todos os perigos?

- O senhor - disse Caboche - foi o único fidalgo que me apertou a =mão; e embora carrasco, ou talvez mesmo por ser carrasco, tenho

=coração e memória. Verá amanhã como o faço devidamente a =minha obrigação.

- Amanhã? - disse Cocunás.

- Sim, amanhã.

- Qual obrigação?

390

Caboche olhou estupefacto para Cocunás.

- Como! pois já não se lembra da sentença?.

- Ah, sim. a sentença - disse Cocunás -, tinha-a esquecido.

O facto é que Cocunás não a tinha esquecido mas não pensava =nela.

Em que pensava era na capela, no punhal oculto no altar, em

Henriqueta e =na rainha, na porta da sacristia, nos dois cavalos

à espera na =floresta; em que pensava era na liberdade, na

carreira ao ar livre, na =segurança além das fronteiras de França.

- Agora - disse Caboche -, trata-se de levá-lo com jeito do

cavalete =para a maca. Não se esqueça de que para todos, até para

os meus =serventes, está com as pernas esmigalhadas e que a cada

movimento =deve dar um grito.

- Ai! - disse Cocunás apenas os serventes chegaram para o pé dele

=a maca.

- Vamos! um pouco de ânimo - disse Caboche -, se já vai gritando,

=o que será logo?.

- Meu caro Caboche - disse Cocunás -, não consinta, por quem é!

=que os seus estimáveis acólitos me toquem, porque talvez não
=tenham a mão tão leve.

- Larguem a maca ao pé do cavalete - disse Caboche.

Os serventes obedeceram; mestre Caboche tomou ao colo o
torturado, como =se fosse uma criança, e deitou-o na maca. Apesar,
porém, dessas =cautelas, deu Cocunás gritos ferozes.

O bom do carcereiro apareceu então com uma lanterna.

- Para a capela.

Os que levavam Cocunás puseram-se a caminho, depois de haver este
=apertado ainda uma vez a mão de Caboche.

A primeira tão útil lhe havia sido, que não devia mais ser =avaro
dessas demonstrações.

LIX

A CAPELA

O lúgubre cortejo atravessou no mais profundo silêncio as duas
=pontes levadiças do torreão e o grande pátio da fortaleza que
=vai ter à capela, em cujos vidros uma pálida luz fazia sobressair
=as lívidas fisionomias dos sujeitos de túnicas vermelhas.

Cocunás aspirava avidamente o ar da noite, embora esse ar
estivesse =carregado de chuva. Olhava para a profunda escuridão,
e felicitava-se =por serem propícias à sua fuga e à do seu
companheiro todas =essas circunstâncias.

Foi-lhe preciso toda a sua vontade, toda a sua prudência e todo
o seu =poder sobre si mesmo para não saltar da maca desde que,
levado à =capela, viu no coro, a três passos do altar, um corpo
estendido =envolto em grande capote branco: era La Mole.

Os dois soldados que acompanhavam a maca tinham ficado da parte
de =fora.

- Já que nos fazem o derradeiro favor de ainda uma vez nos reunirem
- =disse Cocunás com voz lânguida -, levem-me para ao pé do meu
=amigo.

Os que o conduziam, não tendo ordem alguma em contrário, não
=tiveram dúvida em aquiescer da melhor vontade a esse pedido.

La Mole estava reconcentrado e pálido; tinha a cabeça encostada
ao =mármore da parede; e os cabelos pretos, banhados por abundante

suor, =que lhe dava ao rosto a embaciada palidez do mármore, pareciam ter =conservado a flexibilidade natural, depois de se haverem eriçado.

A um sinal do carcereiro, os homens retiraram-se para irem chamar o =padre pedido por Cocunás. Era o sinal ajustado.

Cocunás acompanhou-os ansioso com os olhos; não era, porém, o =único cujo ardente olhar estava cravado neles. Mal

desapareceram, =duas mulheres saíram apressadas de trás do altar e fizeram =irrupção no coro com estremecimentos de alegria que agitavam o ar =como o vento quente e ruidoso que precede o temporal.

Margarida precipitou-se para La Mole e tomou-o nos braços.

La Mole deu um grito terrível, um desses gritos como os havia ouvido =Cocunás na sua masmorra, e que quase o haviam enlouquecido.

- Meu Deus! que é isso, La Mole! - disse Margarida recuando de =terror. La Mole deu um profundo gemido, e levou as mãos aos olhos =para não ver Margarida. Ainda mais espavorida ficou esta com o =silêncio e com o gesto de La Mole do que com o grito que ele =dera.

- Ah! - exclamou - que tens! estás todo ensanguentado!.

Cocunás, que se dirigira para o altar, que tomara o punhal e já =tinha enleada nos braços Henriqueta, voltou-se.

- Levanta-te! - dizia Margarida - levanta-te, por quem és! Bem vês =que é chegado o momento.

Um sorriso pavoroso de tristeza passou pelos lábios lívidos de La =Mole, que pareciam não deverem mais sorrir.

- Cara rainha! - disse o mancebo - sofri os tormentos; os meus ossos =estão quebrados, todo o meu corpo é uma chaga, e o movimento que =ora faço para encostar os lábios na sua mão, causa-me dores =piores que a morte.

Com efeito, com esforço e empalidecendo, La Mole encostou os =lábios na mão da rainha.

- Os tormentos? - exclamou Cocunás - mas eu também os sofri. E =não fez por ti o carrasco o que fez por mim?

E Cocunás tudo contou.

- Ah! - disse La Mole - bem o compreendo: deste-lhe a mão no dia em =que o visitámos eu esqueci-me de que todos os homens são =irmãos; fiz de desdenhoso. Agora Deus castiga-me pelo meu orgulho. =seja feita a Sua vontade.

La Mole pôs as mãos.

Cocunás e as duas mulheres trocaram um olhar de profundo terror.

- Vamos! vamos! - disse o carcereiro, que tinha ido à porta espreitar =e que voltara - não percamos tempo, meu caro Sr.

Cocunás; avie-me =com uma punhalada digna dum fidalgo, pois eles não podem tardar.

Margarida tinha ajoelhado aos pés de La Mole, semelhante a essas =figuras de mármore curvadas para um túmulo, ao pé do simulacro =daquele que nele está encerrado.

- Vamos, amigo! - disse Cocunás - ânimo! eu sou forte:

=levantar-te-ei e pôr-te-ei adiante de mim; partamos; bem ouviste o =que nos diz o nosso carcereiro; trata-se da vida!

La Mole fez um esforço mais que humano, um esforço sublime.

- Sim, trata-se da tua vida.

E procurou levantar-se.

Aníbal tomou-o nos braços e conseguiu levantá-lo. La Mole, =até então, só fizera ouvir como que um bramido abafado; no =momento, porém, em que Cocunás o largou para ir ter com o =carcereiro, e quando o mísero se achou unicamente sustido pelos =braços das duas mulheres, dobraram-se-lhe as pernas e, apesar dos =esforços de Margarida, debulhada em pranto, caiu como uma massa =inerte, e o grito pavoroso que não pôde conter encheu a capela dum =lúgubre eco, que por muito tempo vibrou nas suas abóbadas.

- Está vendo? - disse La Mole com um tom de angústia. - Está =vendo, minha rainha? deixe-me, pois; abandone-me com um derradeiro =adeus. Não falei, Margarida; o seu segredo ficou envolto no meu amor, =e comigo morrerá. Adeus, minha rainha, adeus.

Margarida, quase inanimada, envolveu com os braços essa encantadora =cabeça, e imprimiu nela um derradeiro ósculo.

- Tu, Aníbal - disse La Mole -, tu, que as dores pouparam, que

ainda =és moço e ainda podes viver, foge, foge, meu amigo: dá-me
a =consolação suprema de saber que estás livre!

- O tempo urge! - disse o carcereiro - vamos! depressa!

Henriqueta procurava arrastar consigo Aníbal, enquanto,
ajoelhada =diante de La Mole com os cabelos soltos e os olhos
arrasados de =lágrimas, Margarida parecia uma madalena.

- Foge, Aníbal! - tornou La Mole - foge! não dês aos nossos
=inimigos o divertido espectáculo da morte de dois inocentes.

Cocunás afastou Henriqueta, que o levava para a porta, e com um
gesto =tão solene que era até majestoso, disse:

- Minha Senhora, dê primeiro os quinhentos escudos prometidos a
este =homem.

- Aqui estão - disse Henriqueta.

393

Depois, voltando-se para La Mole e sacudindo tristemente a
=cabeça:

- Quanto a ti, meu bom La Mole, fazes-me injúria pensando um só
=momento que te possa deixar. Não jurei eu viver e morrer contigo?

Mas =sofres tanto, meu pobre amigo, que te perdo.

E chegou-se resolute para o amigo, inclinou- se para ele, e
roçou-lhe =a testa com os lábios. Depois, como faria uma mãe
extremosa para =com um filho, puxou para si com todo o cuidado
a cabeça do seu amigo =até a fazer descansar no seu peito.

Margarida estava reconcentrada na sua dor; tinha apanhado o punhal que =Cocunás deixara cair.

La Mole, que penetrou a sua intenção, disse para ela estendendo os =braços:

- Oh! minha rainha! não se esqueça de que morro para extinguir =até a menor suspeita do nosso amor.

- Mas que posso eu fazer por ti - exclamou Margarida desesperada -, se =nem posso morrer contigo!

- Podes fazer - disse La Mole - que a morte me seja doce, e venha dalgum =modo ao meu encontro com risonho semblante.

Margarida chegou-se para ele pondo as mãos como para lhe pedir que =falasse.

- Lembras-te daquela noite, Margarida, em que em troca da minha vida, =que então te oferecia, e que hoje te dou, me fazias uma promessa =sagrada?.

Margarida estremeceu.

- Ah! lembras-te, porque estremecees.

- Sim, sim, lembra-me - disse Margarida -, e juro-te por minha alma, =Jacinto, que essa promessa há-de ser cumprida.

E estendeu a mão para o altar, como para tomar pela segunda vez a =Deus por testemunha do seu juramento.

O rosto de la Mole iluminou-se como se a abóbada da capela se =houvesse aberto e tivesse descido sobre ele um raio celeste.

- Aí vêm! aí vêm! - disse o carcereiro.

Margarida deu um grito e precipitou-se para La Mole; mas o receio de lhe =aumentar as dores fê-la parar trémula diante dele.

Henriqueta encostou os lábios na testa de Cocunás, e =disse-lhe:

- Compreendo-te, meu Aníbal, e orgulho-me de ti; sei que o teu =heroísmo te mata; mas amo-te por esse heroísmo. Diante de Deus =amar-te-ei sempre mais e mais do que todas as coisas; e o que Margarida =jurou fazer por La Mole, sem eu saber o que é, juro fazê-lo por ti =também.

E estendeu a mão a Margarida.

- Obrigado! obrigado por tão doces palavras! - disse Cocunás.

- Antes de me deixar, minha rainha - disse La Mole -, quero dever-lhe um =derradeiro favor; dê-me uma prenda sua, qualquer que seja, que eu =possa beijar ao subir ao cadafalso.

- Oh, sim! - exclamou Margarida - toma.

E tirou do pescoço um pequeno relicário de ouro sustentado por uma =corrente do mesmo metal.

- Toma - disse -, aqui tens uma santa relíquia que desde a =infância trago comigo; minha mãe pôs-ma no pescoço quando eu =era ainda pequenina e ela me amava; foi dada por meu tio, o papa =Clemente; toma, toma.

La Mole pegou nela e beijou-a avidamente.

- Abrem a porta! - disse o carcereiro - fujam, minhas Senhoras, fujam! =As duas damas esconderam-se por detrás do altar.

No mesmo momento entrava o padre.

394

A PRAÇA DE S. JOÃO DE GRÈVE

Eram sete horas da manhã; a multidão esperava ruidosa nas praças, nas ruas e nos cais.

Às seis horas da manhã, um carro (o mesmo em que, depois do seu duelo, tinham os dois amigos desmaiados sido conduzidos para o Louvre) saía de Vincenas, e vinha atravessando devagar a Rua de Santo Antão; e à sua passagem os espectadores, tão apertados que se esmagavam uns aos outros, pareciam estátuas com os olhos fitos e a boca gelada.

Com efeito, havia nesse dia um pungente espectáculo oferecido pela rainha-mãe a todo o povo de Paris.

Nesse carro de que falamos e que, saído de manhã de Vincenas, vinha percorrendo as ruas, deitados sobre uma pouca de palha, com a cabeça descoberta e vestidos de preto, encostavam-se um no outro Cocunás e La Mole, cuja cabeça excedia as travessas do carro e cujos olhares erravam vagamente dum para outro lado.

Entretanto, o povo, para penetrar com os seus ávidos olhos até ao fundo do carro, apertava-se, levantava-se sobre os frades de pedra, agarrava-se às saliências das paredes e mostrava-se satisfeito quando conseguia não deixar passar virgens dos seus olhos os dois corpos que saíam do sofrimento para irem à destruição.

Tinha-se espalhado que La Mole morria sem ter confessado um só dos =factos que lhe eram imputados, enquanto, pelo contrário, se afirmava =que Cocunás não tinha podido resistir à dor e havia revelado =tudo.

Por isso por toda a parte gritavam:

- Vejam! vejam o corado! foi ele quem falou, quem disse tudo! é um =cobarde! é a causa da morte do outro. O outro, pelo contrário, era =um bravo, nada confessou!

Os dois mancebos bem ouviam, um os louvores, o outro as injúrias, que =acompanhavam a sua marcha fúnebre; e enquanto La Mole apertava as =mãos do seu amigo, sublime desdém aparecia no rosto do =piemontês, que, do alto do carro imundo, olhava para a estúpida =multidão como teria olhado para ela do alto dum carro de triunfo.

O infortúnio tinha feito a sua obra celeste: tinha enobrecido a =fisionomia de Cocunás, bem como a morte ia divinizar a sua alma.

- Falta-nos muito para chegar? - perguntou La Mole. - Já não posso =mais, meu amigo parece-me que vou desmaiar.

- Espera, espera, La Mole; vamos agora passar pela Rua Tizon e pela Rua =do Sino Rachado; olha, olha um pouco.

- Oh! levanta-me, levanta-me! que eu veja ainda pela última vez essa =casa bem-aventurada.

Cocunás estendeu a mão e tocou no ombro do carrasco; este ia =sentado na frente do carro uiando o cavalo.

- Mestre, faz-nos o favor de parar um pouco em =frente da Rua Tizon?

Caboche fez com a cabeça sinal de aquiescência, =e ao chegar em frente da Rua Tizon parou. La Mole levantou com =esforço o corpo, ajudado por Cocunás, e lançou os olhos, =envidrados por uma lágrima, para essa casinha silenciosa e fechada =como um túmulo; rompeu-lhe do peito um suspiro, e com voz baixa =disse:

- Adeus, ó mocidade, ó amor, ó vida!

E inclinou a cabeça sobre o peito.

- Ânimo! - disse Cocunás - talvez que tornemos a achar tudo isso =lá no Céu.

- Crês que sim? - perguntou La Mole.

- Creio, porque o padre mo disse, e mais ainda porque o espero.

Mas =não desmaies, amigo; esses miseráveis que estão olhando para =nós escarnecer-nos-iam.

Caboche ouvia estas últimas palavras e, com uma das mãos dando com =o chicote no cavalo, estndeu com a outra a Cocunás uma esponja =impregnada em tão violento revulsivo, que La Mole, depois de o haver =respirado e esfregado com ele as fontes, achou-se reanimado.

- Ah! agora respiro.

E beijou o relicário que tinha suspenso ao pescoço por uma

=corrente de ouro. Chegando à esquina do cais, e torneando o
=edifício encantador construído por Henrique II, via-se o
cadafalso =como uma plataforma nua e ensanguentada; essa
plataforma dominava todas =as cabeças.

- Amigo - disse La Mole -, quisera ser o primeiro a morrer.

Cocunás tocou outra vez com a mão no ombro do carrasco.

- Que é, meu fidalgo? - perguntou este, voltando-se

=imediatamente.

- Camarada! - disse Cocunás - desejas obsequiar-me, não é

=verdade? Ao menos assim mo disseste.

- Disse e torno a dizê-lo.

- Pois olha: o meu amigo, tendo sofrido mais do que eu, tem agora
menos =forças.

- E que deseja ele?

- Diz-me que muito o incomodaria o ver-me morrer; além de que,
se eu =morresse primeiro, não teria ele quem o levasse para o
cadafalso.

- Bem, bem - disse Caboche, enxugando uma lágrima com as costas
da =mão -, sossegue, farei o que deseja.

- E dum só golpe, sim? - disse em voz baixa o piemontês.

- Dum só.

- Bem. se tiver de dar segundo, seja em mim.

O carro parou, tinham chegado. Cocunás pôs o chapéu na =cabeça.

Um rumor igual ao das ondas do mar chegou aos ouvidos de La Mole.

Quis =levantar-se; faltaram-lhe, porém, as forças; e foi preciso que o =segurassem por baixo dos braços Caboche e Cocunás.

A praça estava cheia de cabeças; os degraus da Casa da Câmara =pareciam um anfiteatro povoado de espectadores. Cada janela dava =passagem a caras animadas, cujos olhares como que chamejavam. Quando viram o belo mancebo, que não podia já suster-se nas pernas =esmigalhadas, fazer um supremo esforço para ir por si mesmo para o =cadafalso, levantou-se um clamor imenso como um grito de universal =desolação: os homens bramiam, as mulheres soltavam profundos =gemidos.

- Era um dos mais delicados da corte - diziam os homens -, não devia =morrer na praça de S. João de Grève, mas sim no =Pré-aux-Clercs.

396

- Como é formoso! como está pálido! - diziam as mulheres. - =Aquele é o que não falou.

- Amigo - disse La Mole -, já não me posso suster, segura-me.

- Espera - disse Cocunás.

E fez um sinal ao carrasco, que se desviou; =depois, abaixando- se, tomou La Mole nos braços como se fosse uma criança, subiu sem vacilar, =carregado com esse peso, a escada da plataforma,

e nela depositou o seu amigo, no meio dos aplausos frenéticos da
=multidão.

Cocunás tirou o chapéu da cabeça e cumprimentou o povo.

- Olha em torno de nós - disse La Mole -, =não as vês em parte
nenhuma?

Cocunás percorreu lentamente com os olhos o =espaço que os
cercava; chegando a um ponto,

parou, e, sem desviar os olhos, estendeu a mão e tocou no ombro
do =seu amigo.

- Olha! - disse-lhe ele - olha para a janela daquela torrezinha.

E com a outra mão mostrava a La Mole o pequeno monumento que ainda
=hoje existe entre

a Rua de Vannerie e as Ruas do Mouton, uma =ruína dos séculos
passados.

Duas mulheres vestidas de preto estavam encostadas uma =à outra,
não à janela, mas um pouco para trás.

- Ah! - disse La Mole - só receava uma coisa, era morrer sem tornar
a =vê-la; já a vi, posso morrer.

E com os olhos avidamente cravados na janela, levou à boca o
=relicário e cobriu-o de beijos.

Cocunás saudava as duas mulheres com toda a graça que teria tido
=numa sala.

Em resposta a este sinal, agitaram elas os seus lenços inundados

de =lágrimas.

Caboche tocou pela sua vez no ombro de Cocunás, e fez um sinal

muito =expressivo.

- Sim, sim - disse o piemontês.

Então, voltando-se para La Mole:

- Abracemo-nos pela última vez; não te há-de isso ser difícil,

=tu que és tão valente.

- Ah! - disse La Mole - não é grande merecimento o morrer com

=valor, mas sofro tanto!...

O padre aproximou-se e apresentou um crucifixo a La Mole; este,

=porém, mostrou-lhe, sorrindo, o relicário que tinha na mão.

- Não obsta - disse o padre -, peça sempre força a Este que =sofreu

o que vai sofrer agora.

La Mole beijou os pés de Cristo.

- Recomende-me - disse ele - às orações das irmãs da bendita

=Virgem Santa.

- Apressa-te, La Mole! - disse Cocunás. - Fazes-me tanto mal que

me =sinto ir enfraquecendo.

- Estou pronto - disse La Mole.

- Pode ter a sua cabeça bem firme? - perguntou Caboche, preparando

a =espada por detrás

de La Mole ajoelhado.

- Espero que sim - disse este.

- Então tudo irá bem.

- Mas não se esqueça - disse La Mole - do que lhe pedi; esse

=relicário abrir-lhe-á as portas.

- Fique descansado: mas veja se pode estar por um pouco com o pescoço =firme.

La Mole entesou o pescoço e voltando os olhos para a torrezinha:

- Adeus, Margarida, sê aben...

Não acabou: com um golpe de espada, rápido e chamejante, Caboche

=cortou-lhe a cabeça,

que foi rolar aos pés de Cocunás.

O corpo estendeu-se devagar, como se se deitasse.

Retumbou um grito imenso, formado de mil gritos, e no meio de todas

=essas vozes de mulher

julgou Cocunás ter percebido um som mais do que os outros doloroso

e =profundo.

- Obrigado, meu amigo, obrigado! - disse Cocunás, que pela

terceira =vez apresentou

a mão ao carrasco.

- Meu filho - disse-lhe o padre -, nada tens que confiar a Deus?

397

- Realmente não, meu padre - disse Cocunás -, tudo quanto tinha

=que lhe dizer já esta noite o disse.

E voltando-se para Caboche:

- Vamos, carrasco, meu derradeiro amigo: mais um serviço.

E antes de se ajoelhar, lançou pelo povo um olhar tão sereno que
=um murmúrio de admiração veio afagar o seu ouvido e fazer =sorrir
o seu orgulho. Então, apertando a cabeça do seu amigo e
=depositando um ósculo nos seus lábios lívidos, lançou um
=derradeiro olhar para a torrezinha e, ajoelhando-se sem largar
das =mãos a cabeça do seu dilecto La Mole, disse:

- Agora eu.

Mal acabara e já Caboche lhe tinha feito voar a cabeça. Então,
=um tremor convulso se apoderou do digno homem.
Era já tempo disto acabar! - murmurou ele - infelizes mancebos!
E tirando a custo das mãos contraídas de La Mole o relicário de
=ouro, cobriu com o seu capote os tristes despojos que o carro
devia =trazer à sua casa.

O espectáculo estava acabado; o povo retirou-se.

LXI

A TORRE DO PELOURINHO

Acabava a noite de descer sobre a cidade, ainda agitada por este suplicio, cujas particularidades iam de boca em boca entristecer em cada casa a hora alegre da ceia da família.

Ao contrário da cidade silenciosa e lúgubre, o Louvre estava ruidoso, alegre e iluminado. Havia grande festa, recomendada por Carlos IX, festa que ele determinara para a noite, na mesma ocasião em que determinara o suplicio para de manhã.

Desde a véspera à tarde, tinha a rainha de Navarra recebido ordem de assistir a essa festa, e, esperando que La Mole e Cocunás seriam salvos à noite, convencida de que todas as medidas estavam para isso bem tomadas, tinha respondido ao irmão que se conformaria com o seu desejo.

Mas desde que viu perdidas todas as suas esperanças pela cena da capela; desde que, num derradeiro movimento de piedade por esse amor, o maior e o mais profundo que sentira na sua vida havia assistido à execução, tinha consigo mesmo assentado que nem súplicas nem ameaças a poderiam obrigar a assistir a um divertimento no Louvre no mesmo dia em que tivera tão lúgubre espectáculo na Praça de Grève.

O rei Carlos IX tinha dado nesse dia outra prova duma força de vontade que ninguém talvez tenha tido em grau tão eminente. De

=cama havia quinze dias, fraco como um moribundo, lívido como um
=cadáver, levantou-se pelas cinco horas e vestiu as suas mais
belas =roupas. É verdade que enquanto se vestiu desmaiou três
vezes.

Pelas oito horas, informou-se do que era feito de sua irmã e
=perguntou se a tinham visto. Ninguém respondeu, pois a rainha
=havia-se recolhido aos seus aposentos pelas onze horas, e
proibiu que =dessem entrada a quem quer que fosse.

Mas não havia para Carlos porta fechada. Apoiando-se no braço do
=Sr. de Nancey dirigiu-se para os aposentos da rainha de Navarra,
e =entrou de súbito pela porta do corredor secreto.

Bem que esperasse um triste espectáculo, para o qual preparara
com =antecedência o seu coração, o que viu era ainda mais
=deplorável do que o que havia imaginado.

Margarida, semimorta, deitada num canapé, com a cabeça afundada
em =almofadas, não estava chorando nem rezando, estava arquejante
como =uma agonizante.

No outro canto do quarto, Henriqueta de Nevers, essa mulher
=intrépida, jazia sem sentidos no chão em cima do tapete. Voltando
=da Praça de Grève com Margarida, tinham-lhe faltado as forças,
=e a pobre Gillonne ia dum a para a outra, sem se atrever a dar-lhes
uma =palavra de consolação.

Nas crises que acompanham as grandes catástrofes, fica-se

avarento de =dor como dum tesouro, e considera-se como inimigo quem quer que pretenda =distrair dela a mínima parte.

Carlos IX empurrou a porta e, deixando Nancey no corredor, entrou =pálido e trémulo.

399

Nenhuma das duas mulheres o tinha visto; somente Gillonne, que então =socorria Henriqueta, se levantou sobre um joelho, e toda assustada olhou =para o rei.

O rei fez um gesto com a mão; ela levantou- se de todo, inclinou-se e =saiu. Então Carlos dirigiu-se para Margarida, olhou para ela um =instante sem falar, e depois, com um tom de que se teria julgado incapaz =essa voz áspera, disse:

- Margot, minha irmã!.

A dama estremeceu e levantou o corpo.

- Vossa Majestade aqui?

- Vamos, minha irmã, coragem!

Margarida levantou os olhos para o Céu.

- Sim, bem sei. - disse Carlos - mas ouve-me. A rainha de Navarra fez um =gesto de quem escutava.

- Prometes-me vir ao baile? - disse o rei.

- Eu? - exclamou Margarida.

- Sim; e, conforme a tua promessa, esperam- te. Tanto mais que, se =não viesses, causaria espanto a tua ausência.

- Desculpe-me, meu irmão - disse Margarida -, bem vê que estou

=sofrendo muito.

- Faz um esforço para te venceres.

Margarida pareceu por um momento querer reunir toda a sua coragem;

=depois, de repente, cedendo e deixando cair a cabeça nas

almofadas, =disse:

- Não posso ir.

Carlos pegou-lhe na mão, sentou-se no canapé e disse-lhe:

- Bem sei, Margot, que acabas de perder um amigo. Olha, porém, para =mim: não tenho eu perdido todos os meus amigos, e até minha =mãe?. Tu sempre pudeste chorar em liberdade, como choras agora, e eu, =na hora das minhas maiores dores, sempre fui obrigado a sorrir. Tu =sofres; pois olha bem para mim: eu estou a morrer!

Margot, vamos! =coragem! Suplico-te, minha irmã, em nome da nossa glória!. =Carreguemos, como uma cruz de angústias, o renome da nossa casa; =levemo- la como o Senhor até ao Calvário; e, se no caminho, como =Ele, cairmos, ergamo-nos animosos e resignados como Ele.

- Oh! meu Deus! meu Deus! - exclamou Margarida.

- Bem sei - disse Carlos, respondendo ao seu pensamento -, bem sei que o =sacrifício é doloroso, minha irmã; mas cada um tem de fazer o seu: =uns, o da honra; outros, o da vida. Julgas que com os meus vinte e cinco =anos e o mais belo trono do mundo não lastimo ter de morrer? Pois =olha para mim: a minha cor, os meus lábios,

os meus olhos, são dum =moribundo; mas o meu sorriso. o meu sorriso não faz acreditar que =tenho esperança? E, entretanto, daqui a oito dias, a um mês, =quando muito, tu hás-de chorar por mim, minha irmã, como estás =chorando pelo que hoje morreu.

- Meu irmão!. - exclamou Margot, passando os braços em torno do =pescoço de Carlos.

- Vamos, veste-te, cara Margarida; disfarça a tua palidez e aparece =no baile. Acabo de dar ordem para te trazerem novos adereços e =jóias dignas da tua beleza.

- Oh! vestidos, jóias, brilhantes! Que me importa tudo isso =agora!

- A vida é longa, Margarida - disse Carlos sorrindo -, ao menos para =ti.

- Nunca! nunca!

- Minha irmã, lembra-te duma coisa: às vezes, sufocando e =dissimulando a dor é que mais se honram os mortos.

- Pois bem, Senhor - disse Margarida estremecendo -, irei.

Uma lágrima, de pronto bebida pela árida pálpebra, humedeceu os =olhos de Carlos.

400

Inclinou-se para a irmã e deu-lhe um beijo na testa; parou depois =diante de Henriqueta, que nem o vira nem ouvira, e disse:

- Coitada!

E retirou-se silencioso.

Depois de o rei sair, vieram alguns pajens trazendo estojos e
=cofres.

Os pajens saíram, Gillonne ficou só.

- Prepara-me todo o necessário para me vestir, Gillonne - disse
=Margarida. A dama olhou para a ama com espanto.

- Sim - disse Margarida com um tom cuja amargura seria impossível
=explicar -, sim: visto-me; vou ao baile. esperam-me lá. Anda,
=apressa-te! o dia será completo: de manhã festa na Grève, de
=noite, festa no Louvre.

- E a Senhora Duquesa? - disse Gillonne.

- Oh! ela é feliz! pode ficar aqui; pode sofrer à sua vontade.

=Não é filha de rei, mulher de rei, irmã de rei; não é =rainha!

Ajuda-me a vestir, Gillonne.

A dama obedeceu. O vestido era esplêndido, os enfeites
magníficos: =nunca Margarida ficara mais bela.

Viu-se a um espelho.

- Meu irmão tem bastante razão - disse ela -, é coisa =miserável
a criatura humana.

Neste momento entrou Gillonne.

- Minha Senhora, procura-a um homem.

- A mim?

- Sim, à senhora.

- Quem é?

- Não sei; mas o seu aspecto é terrível, e a sua vista bastou =para que eu estremecesse.

- Pergunta-lhe como se chama - disse Margarida empalidecendo. Gillonne saiu, e daí a alguns minutos voltou.

- Não quis dizer o nome, minha Senhora; pediu-me, porém, que lhe =entregasse isto.

E Gillonne apresentou a Margarida o relicário que na véspera à =noite havia dado a La Mole.

- Oh! manda entrar - disse com vivacidade a rainha.

E ficou mais pálida e mais fria do que estava.

Um passo pesado abalou o soalho. O eco, sem dúvida indignado de =repetir semelhante bulha, gemeu, e um homem apareceu à porta.

- Quem é? - disse a rainha.

- Aquele que Vossa Majestade uma vez encontrou ao pé de Montfaucon, e =que trouxe para o Louvre no seu carro dois fidalgos feridos.

- Sim, sim, já me lembro; é mestre Caboche.

- Carrasco de Paris, minha Senhora.

Foram as únicas palavras, de quantas havia uma hora se proferiam ao =pé dela, que Henriqueta ouviu. Tirou as mãos do rosto pálido, e =fitou no carrasco os seus olhos de esmeralda, que pareciam despedir uma =dupla chama.

- E a que vem? - perguntou Margarida a tremer.

- Recordar-lhe a promessa feita ao mais moço dos dois fidalgos,
ao =que me incumbiu de lhe entregar esse relicário. Está lembrada,
=minha Senhora?

- Oh! sim, estou! - exclamou a rainha - e jamais nenhum inocente
=condenado terá mais nobre satisfação; onde está ela?

- Em minha casa, com o corpo.

- Em sua casa? Porque não a trouxe?

401

- Podiam vedar-me a entrada do Louvre, abrir-me o capote. E que
teriam =dito, se debaixo desse capote vissem uma cabeça?.

- Bem; guarde-a em sua casa, irei buscá-la amanhã.

- Amanhã, minha Senhora? amanhã, talvez já seja tarde.

- Porquê?

- Porque a rainha-mãe, para experiências mágicas, mandou-me =pôr
de reserva as cabeças dos dois primeiros condenados que eu
=degolasse.

- Oh! profanação! as cabeças dos nossos amantes! Henriqueta! -
=disse Margarida, correndo para a sua amiga, a quem já achou em
pé =como se uma mola a houvesse erguido. - Henriqueta, meu anjo!
Ouves o que =diz esse homem!

- Ouço.

- E que havemos de fazer?

- Precisamos de ir já com ele.

E dando esse grito de dor com que os grandes infortúnios se ligam
=à vida, exclamou:

- Ah! e eu que estava tão sossegada! quase que parecia morta!.

A este tempo, Margarida punha nos ombros, que tinha descobertos,
um =manto de veludo.

- Vem! vem! - disse ela - vamos vê-los ainda uma vez.

Margarida mandou fechar as portas, e que trouxessem uma liteira

à =portinha secreta; depois, tomando Henriqueta pelo braço, desceu pela
=passagem secreta, fazendo sinal a Caboche que as

acompanhasse.

À porta da rua estava a liteira; dentro da grade tinha ficado o

=criado de Caboche com uma lanterna.

Os condutores de Margarida eram homens de confiança, mudos e
surdos, =mais seguros do que se fossem animais de carga.

A liteira caminhou cerca de dez minutos, precedida por mestre

Caboche e =pelo criado que levava a lanterna; depois parou.

O carrasco abriu a portinhola, e o criado foi andando adiante.

Margarida desceu e ajudou a Sr a de Nevers a descer também. Nessa

=grande aflição, que a ambos atormentava, via-se que a duquesa

era =a mais forte por ser dotada de compleição nervosa.

A torre do pelourinho erguia-se diante das duas mulheres como um

gigante =carrancudo e informe, despedindo a sua luz vermelha por

duas sarabatanas =que lhe chamejavam na cúpula.

O criado tornou a aparecer na porta.

- Pode entrar, minha Senhora - disse Caboche -, todos na torre já =estão dormindo. Neste momento apagou-se a luz das duas =sarabatanas.

As duas mulheres, bem juntas uma à outra, passaram por uma pequena =porta em ogiva e pisaram um lajedo húmido e áspero. Viram uma luz =no fundo do corredor, e guiadas pelo dono dessa hedionda morada, =dirigiram-se para ela. A porta da entrada fechou-se.

Caboche, com uma tocha de cera na mão, conduziu-as para uma sala =baixa e enfumaçada. No meio dessa sala havia uma mesa preparada com =os restos duma ceia e três talheres; esses talheres eram, sem =dúvida, para o carrasco, para a mulher dele e para o seu principal =ajudante.

No lugar mais saliente estava pregado à parede um pergaminho selado =com o selo do rei: era o diploma do carrasco.

A um canto estava uma grande espada de cabo comprido. Era a espada =chamejante da justiça. Aqui e ali viam-se grosseiras estampas de =santos martirizados por toda a casta de suplícios. Ao chegar ali, =Caboche inclinou-se profundamente e disse:

- Vossa Majestade desculpar-me-á, se me atrevi a penetrar no Louvre e =a trazê-la aqui; era, porém, a derradeira vontade do fidalgo, e =tive de a cumprir.

- Fez bem, mestre, fez bem - disse Margarida -, e aqui tem, para =recompensar o seu zelo.

Caboche olhou tristemente para a bolsa cheia de ouro que Margarida =acabava de largar em cima da mesa.

- Ouro! sempre ouro! - disse a meia voz. - Ah, minha Senhora! que me =não seja dado a mim mesmo remir a preço de ouro o sangue que hoje =tive que derramar!

- Mestre - disse Margarida com dolorosa hesitação, e olhando em =torno de si - teremos ainda de ir a outro lugar? Aqui não vejo.

- Não, minha Senhora, não; estão aqui mesmo; mas é um triste =espectáculo, e eu poder-lho-ia poupar, trazendo-lhe aqui coberto com =uma capa o que vem buscar.

Margarida e Henriqueta olharam ao mesmo tempo uma para a outra.

- Não - disse Margarida, que tinha lido no olhar da sua amiga a mesma =resolução que acabava de tomar -, não; mostre-nos o caminho e =acompanhá-lo-emos.

Caboche pegou na tocha e abriu uma porta de carvalho que dava para uma =escada dalguns degraus que descia para um subterrâneo. No mesmo =instante passou uma corrente de ar que fez voar algumas faíscas da =tocha e levou às princesas o cheiro nauseabundo de bafo e de =sangue.

Henriqueta encostou-se, branca como uma estátua de alabastro, ao =braço da sua amiga, que parecia mais firme: porém, no primeiro =degrau, ela própria vacilou.

- Oh! não posso.

- Quem ama, Henriqueta - tornou a rainha -, deve amar até na morte.

=Era um espectáculo horrível, e ao mesmo tempo pungente, o que

=representavam essas duas mulheres, resplandcentes de mocidade,

de =beleza, de elegância, curvando-se sob a imunda e ignóbil

=abóbada, a mais fraca encostada ao braço da mais forte, a mais

=forte ao braço do carrasco.

Chegaram ao último degrau.

No fundo da cavidade estavam estendidas duas formas humanas

cobertas com =um pano de sarja preta.

Caboche levantou uma ponta desse véu, chegou a luz, e disse:

- Olhe, Senhora Rainha.

Os dois mancebos estavam, com os seus trajos pretos, deitados um

ao =pé do outro, com a pavorosa simetria da morte. As suas cabeças,

=inclinadas e chegadas aos troncos, pareciam somente separadas

do =pescoço por um círculo vermelho. A morte não lhes havia

=desunido as mãos, pois, ou por casualidade, ou por piedosa

=atenção do carrasco, a mão direita de La Mole descansava na

=esquerda de Cocunás.

Margarida ajoelhou-se ao pé do amante, e com as mãos deslumbrantes

=de anéis levantou essa cabeça que tanto havia amado.

Quanto à duquesa de Nevers, encostada à parede, não podia tirar

=os olhos do rosto de Cocunás, em que tantas vezes procurara amor

e =alegria.

- La Mole! querido La Mole!. - exclamou Margarida.

- Aníbal, Aníbal. tão soberbo, tão gentil, tão valente, =não me respondes. - exclamou a duquesa de Nevers.

E uma torrente de lágrimas rompeu-lhe dos olhos.

Essa mulher tão desdenhosa, tão intrépida, tão insolente na
=felicidade; essa mulher, que levava o cepticismo até à dúvida
=suprema, a paixão até à crueldade; essa mulher nunca havia
=pensado na morte.

Margarida deu-lhe o exemplo.

Fechou num saco bordado de pérolas e perfumado com as mais
delicadas =essências a cabeça de La Mole, ainda mais bela quando
se =aproximava do ouro e do veludo, e à qual uma particular
=preparação, empregada nessa época nos embalsamamentos reais,
=devia conservar a beleza.

Henriqueta aproximou-se também, e envolveu a cabeça de Cocunás
=numa ponta da sua manta.

404

E ambas, vergadas pela dor, mais do que pelo peso, subiram a
escada, =lançando um derradeiro olhar para os restos que deixavam
à =mercê do carrasco nesse triste asilo comum aos criminosos.

- Nada receie, minha Senhora - disse Caboche, que compreendeu esse
olhar =-, os fidalgos não-de ser enterrados santamente,

asseguro-lhe.

- E mandarás dizer missas por eles - disse Henriqueta -, aqui tens
=com que pagar.

E tirou do pescoço e deu ao algoz um magnífico colar de rubis.

Voltaram ao Louvre como haviam saído. Na grade a rainha deu-se

a =conhecer; à porta da sua escada particular desceu da liteira,

entrou =nos seus aposentos e depositou a triste relíquia no

gabinete =contíguo à sua câmara de dormir, desde então destinado

a ser =um oratório, deixou Henriqueta de guarda ao seu quarto

e, mais bela =do que nunca, entrou por volta das dez horas da noite

na grande sala do =baile, na mesma em que vimos abrir-se, dois

anos e meio antes, o =primeiro capítulo da nossa história.

Todos os olhos se dirigiram para ela; e ela suportou esse olhar

=universal com um ar soberbo e quase alegre: havia religiosamente

=cumprido a última vontade do amante.

Ao vê-la Carlos rompeu vacilante a onda dourada que o cercava.

- Minha irmã - disse em voz alta -, agradeço-lhe.

E depois, em voz baixa:

- Cuidado! tens no braço uma nódoa de sangue.

- Que mal faz, meu Senhor - disse Margarida -, se tenho o sorriso

nos =lábios?.

LXII

O SUOR DE SANGUE

Alguns dias depois da terrível cena que acabámos de contar, isto é, em 30 de Maio de 1574, a corte estava em Vincenas; e nesse dia ouviu-se de repente uma grande bulha no quarto do rei, o qual, tendo recaído mais gravemente do que nunca no meio do baile que havia querido dar no mesmo dia da morte dos dois mancebos, por ordem dos médicos tinha vindo buscar ao campo um ar mais puro. Eram oito horas da manhã: um grupo de cortesãos corria pressuroso para a antecâmara, quando de repente se ouviu um grito, e na soleira do quarto apareceu a ama de Carlos com os olhos arrasados de pranto e bradando com voz desesperada:

- Acudam! acudam ao rei!

- Então? agravou-se a enfermidade de Sua Majestade? - perguntou o capitão de Nancey, a quem o rei, como vimos, havia dispensado de estar às ordens de Catarina para o ter ao seu serviço.

- Oh! que quantidade de sangue! que quantidade de sangue! - dizia a ama. - Vão chamar os médicos! os médicos!

Masille e Ambrósio Pará sucediam-se de continuo junto do Augusto enfermo; e Ambrósio Pará, que estava de serviço, tendo visto o rei adormecer, havia aproveitado o tempo para ir descansar alguns minutos.

Entretanto apareceu um suor abundante por todo o corpo do rei e como padecia dum fraqueza nos vasos capilares, e essa fraqueza

produzia uma =hemorragia da pele tinha esse suor sanguinolento
aterrado a ama, que =não podia acostumar-se a esse fenómeno
singular, e que sendo =protestante, como o leitor sabe,
estava-lhe sempre a dizer que era o =sangue huguenote derramado
no dia de S. Bartolomeu que chamava o seu =sangue.

Correram em todas as direcções; o doutor não podia estar longe,
=e por força o haviam de encontrar. A antecâmara ficou, pois,
=vazia, desejando cada qual mostrar o seu zelo e trazer o médico.
Abriu-se então uma porta e viu-se aparecer Catarina. Atravessou
ela =rapidamente a antecâmara, e com vivacidade entrou no quarto
do =filho.

Carlos estava prostrado na cama, com os olhos amortecidos, o peito
=arfando, de todo o corpo lhe saía um suor avermelhado, e a mão
que =tinha estendida caía-lhe para fora da cama; na cabeça de cada
dedo =tinha pendente um rubi líquido.

Era um espectáculo horrível.

Entretanto, com a bulha dos passos da mãe, e como se os
reconhecesse, =Carlos pôs-se direito.

- Desculpe, minha Senhora - disse ele encarando a mãe -, quisera
=morrer em paz.

- Morrer, meu filho? - disse Catarina -, por amor duma crise
passageira =dessa triste enfermidade? Pois quer assim perder a
esperança?.

- Digo-lhe minha Senhora, que sinto que a minha alma vai partir;
=digo-lhe que vem aí a morte, morte de todos os diabos! Sei o que
=sinto, sei o que digo.

- Senhor - disse a rainha -, a imaginação é a sua pior =doença;
depois do bem merecido suplicio desses dois feiticeiros, =desses
dois assassinos, La Mole e Cocunás, os seus sofrimentos deviam
=ter diminuído. Só continua o mal moral; e se pudéssemos
=conversar somente dez minutos, provar-lho-ia.

- Ama - disse Carlos -, vigia bem que ninguém entre; a rainha
=Catarina quer conversar com o seu querido filho Carlos IX.

A ama obedeceu.

- É certo - continuou Carlos - que esta entrevista devia ter lugar
=por força alguma vez; pois antes hoje que amanhã. Além de que
=talvez amanhã já fosse tarde. Mas outra pessoa deve assistir à
=nossa conversação.

- Porquê?

- Porque, torno a dizer-lhe, a morte está a caminho - disse Carlos
=com assombrosa solenidade -, porque, dum momento para o outro,
=entrará ela neste quarto, pálida e muda como a senhora, e sem
ser =anunciada. É pois tempo (já pus esta noite em ordem os meus
=negócios) de pôr esta manhã em ordem os negócios do =reino.

- E que pessoa é que deseja ver? - perguntou Catarina.

- Meu irmão; mande-o chamar, minha Senhora.

- Senhor - disse a rainha -, vejo, com prazer, que as denúncias, =ditadas pelo ódio, mais do que arrancadas pela dor, se apagam do seu =espírito e vão em breve apagar-se do seu coração. Ama! ama! =- exclamou a rainha.

A ama que estava de vigia à porta, abriu-a.

- Ama - disse Catarina -, por ordem de meu filho, quando o Sr. de Nancey =vier, dir-lhe-á que vá chamar o Senhor Duque de Alençon.

Carlos fez um sinal que deteve a velha, prestes a obedecer.

- Eu, minha Senhora, disse meu irmão - tornou Carlos.

Os olhos de Catarina dilataram-se como os do tigre que vai enfurecer- =se, mas Carlos levantou imperativamente a mão.

- Quero falar com meu irmão Henrique, pois Henrique é o meu =único irmão; não o que está reinando na Polónia, mas o =que está aí preso. Henrique receberá as minhas últimas =vontades.

- E eu? - exclamou a florentina com uma insólita audácia, em face =da terrível vontade do filho, pois o ódio que tinha ao Bearnês =fazia-a sair da sua habitual dissimulação. - Se está tão =próximo do túmulo como diz, julga que cederei a alguém, e mais =ainda a um estranho, o meu direito de lhe assistir na sua última =hora, o meu direito de rainha, o meu direito de mãe?

- Minha Senhora - disse Carlos -, ainda sou rei: ainda mando, minha

=Senhora; digo-lhe que quero falar com meu irmão Henrique, e não
=manda vir o meu capitão das guardas? Com mil diabos! tenho força
=bastante para o ir eu próprio buscar!

E fez, para descer da cama, um movimento que lhe descobriu o corpo,
=semelhante ao de Jesus Cristo depois de açoitado.

- Meu Senhor - disse Catarina, detendo-o -, Vossa Majestade
injuria- nos =a todos; esquece as afrontas feitas à nossa família,
repudia o =nosso sangue; só um príncipe de França se deve ajoelhar
ao =pé do leito de morte dum rei de França. Quanto a mim, pelas
leis =da natureza e da etiqueta, tenho aqui designado o meu lugar;
aqui fico, =pois.

- E com que título, minha Senhora? - perguntou Carlos.

- Com o de mãe.

- Já não é minha mãe, minha Senhora, bem como já não =é meu irmão
o duque de Alençon.

407

- Está delirando, Senhor - disse Catarina -, desde quando a que
dá =a luz deixa de ser mãe do que a recebeu?

- Desde que essa mãe desumana tira o que deu - tornou Carlos,
=enxugando a espuma ensanguentada que lhe subia aos lábios.

- Que quer dizer, Carlos? Não o entendo - murmurou Catarina,
fitando =no filho os olhos dilatados pelo espanto.

- Há-de entender-me, minha Senhora - disse Carlos, tirando

debaixo do =travesseiro uma chavinha de prata. - Tome esta chave, minha Senhora, e =abra o meu cofre de viagem; contém alguns papéis que falarão =por mim.

E Carlos estendeu a mão para um cofre magnificamente esculpido =fechado por uma fechadura de prata como a chave que o abria, e que =estava no lugar mais saliente da câmara.

Dominada pela posição suprema que Carlos tomava sobre ela, =Catarina obedeceu; dirigiu-se devagar para o cofre, abriu-o, e olhando =para o interior dele, recuou de repente, como se tivesse visto diante de =si alguma serpente adormecida.

- E então? - disse Carlos, que não perdia de vista a mãe - que =há nesse cofre que a assusta, minha Senhora?

- Nada - disse Catarina.

- Então meta a mão, minha Senhora, e tire um livro; há-de estar =aí dentro um livro, não está?

- acrescentou o rei com um sorriso lívido, mais terrível nele do =que nunca foi em outro a ameaça.

- Está - balbuciou Catarina.

- Um livro de montaria?

- Exactamente.

- Tire-o, e traga-mo.

Catarina, apesar da sua segurança, empalideceu e tremeu toda ao meter =a mão dentro do cofre.

Grande fatalidade! disse a
meia voz = pegando no livro.

- Bem - disse Carlos -, ouça agora. Esse livro de montaria. Era
eu um =louco. mais do que tudo gostava de caçar. li esse livro
de montaria. =li-o de mais. Entende agora, minha Senhora?
Catarina deu um gemido sufocado.

- Foi uma fraqueza, minha Senhora. queime-o; não devem ser sabidas
as =fraquezas dos reis! Catarina aproximou-se da lareira ardente,
deixou =cair o livro no meio das chamas e ficou em pé, imóvel e
muda, =olhando atenta para a chama azulada que devorava as folhas
=envenenadas.

À medida que o livro ia ardendo, um forte cheiro a alho
espalhava-se =pela câmara. Em breve estava queimado o livro.

- E agora, minha Senhora, chame meu irmão - disse Carlos com
=irresistível majestade. Catarina, vencida pelo pasmo, esmagada
pela =múltipla comoção que a sua profunda sagacidade não podia
=analisar, e que a sua força, quase sobre-humana, não podia
=combater, deu um passo para diante e quis falar.

A mãe tinha um remorso, a rainha um terror, a envenenadora um
acesso =de ódio. Este último dominou todos os outros.

- Maldito seja ele! - exclamou saindo do quarto. - É ele que
triunfa, =ele que toca a meta; sim: maldito, maldito seja!.

- Ouve? é a meu irmão, a meu irmão Henrique - bradou Carlos,

=perseguido com a voz a mãe -, é a meu irmão Henrique que quero
=falar, já, já, acerca da regência do reino.

Quase no mesmo instante, mestre Ambrósio Paré entrou pela porta
=oposta à que acabava de dar passagem a Catarina e, parando no
limiar =para aspirar a atmosfera corrupta pelo cheiro de alhos,
disse:

- Quem foi que queimou arsénio?

- Eu - respondeu Carlos.

408

A PLATAFORMA DO TORREÃO DE VINCENAS

Entretanto, Henrique de Navarra passeava só e pensativo pelo
=terraço do torreão; sabia que estava a corte na fortaleza que
via =a cem passos de distância, e por entre as muralhas o seu
penetrante =olhar adivinhava que o rei Carlos estava moribundo.
Fazia um tempo de azul e ouro; um brilhante raio de Sol dardejava
=largamente nas longínquas planícies, enquanto com um ouro fluido
=banhava o cume das árvores da floresta, vaidosas do viço das suas
=primeiras folhas. Até as escuras pedras do torreão pareciam
=embeber-se do suave calor do céu, e florezinhas da Primavera,
=sedutoras pelo sopro do vento do leste nas frestas das muralhas,
abriam =os seus discos de veludo vermelho e amarelo aos beijos
da tépida =brisa.

Mas o olhar de Henrique não se fitava nem nessas verdejantes

=planícies, nem nesses cumes dourados; o seu olhar atravessava os espaços intermediários e ia fixar-se além, ardente de ambição, nessa capital de França destinada a ser um dia a capital do mundo.

Paris - dizia consigo o rei de Navarra - ali está Paris, isto é, a alegria, o triunfo, a glória, o poder e a ventura! Paris, onde está o Louvre, onde está o trono! E ver eu que só uma coisa me separa deste tão desejado Paris: as muralhas que me cercam, e que encerram comigo a minha inimiga!

E correndo a vista de Paris a Vincenas, viu à esquerda, num vale coberto por amendoeiras em flor, um homem em cuja couraça reflectia obstinado um raio de Sol, ponto inflamado que tremia a cada movimento do homem.

Estava montado num ginete cheio de ardor, e segurava as rédeas doutro cavalo não menos impaciente.

O rei de Navarra fitou os olhos no cavaleiro, viu que tirava a espada da bainha e que, depois de atar na ponta dela o lenço, o agitava em forma de sinal.

No mesmo instante, na colina fronteira, repetiu-se o mesmo sinal; depois, em redor da fortaleza, tremulou como uma cinta de lenços.

Era de Mouy com os seus huguenotes, que, sabendo que estava o rei moribundo, e receando alguma tentativa contra Henrique, estava pronto a defender ou a atacar.

Henrique fitou outra vez os olhos no cavaleiro que vira primeiro,
=curvou-se fora da balaustrada, estendeu as mãos sobre os olhos
e, =quebrando assim os raios do Sol que o deslumbravam, reconheceu
o jovem =huguenote.

- De Mouy! - exclamou, como se ele o pudesse ouvir.

E com a alegria de se ver assim rodeado de amigos, tirou ele também
o =chapéu e fez tremular a sua faixa.

Todas as bandeiras brancas se agitaram da novo com uma
vivacidade que =dava testemunho de muita alegria.

409

Ai! esperam-me - disse consigo - e eu não posso ir ter com eles!.
=Porque o não fiz, quando talvez o pudesse?. Agora vejo que me
demorei =de mais.

E fez um gesto de desesperação, a que de Mouy respondeu com um
=sinal que queria dizer: esperarei.

Nesse momento Henrique ouviu passos pela escada de pedra e
retirou-se =imediatamente. Compreenderam os huguenotes a causa
dessa retirada; as =espadas entraram nas bainhas, e os lenços
desapareceram.

Henrique viu aparecer no topo da escada uma mulher, cuja
=respiração anelante denunciava a rapidez com que viera, e
=reconheceu, não sem esse secreto terror que sempre sentia ao
=vê-la, que era Catarina de Médicis.

Atrás dela vinham dois guardas, que pararam no alto da escada.

Oh! oh! - disse consigo Henrique - deve haver grande novidade para que a rainha-mãe venha assim procurar-me à plataforma do torreão de Vincenas.

Catarina sentou-se num banco de pedra encostado às ameias para tomar fôlego. Henrique chegou-se a ela, e com o seu mais gracioso sorriso disse:

- Será a mim que a minha boa mãe procura?

- Sim senhor - respondeu Catarina -, quis dar-lhe uma derradeira prova da minha afeição! Chegámos a um momento de imensa gravidade: o rei está moribundo e quer-lhe falar.

- A mim? - disse Henrique, estremecendo de alegria.

- Sim! disseram-lhe, por certo, que Henrique não só sente a perda do trono de Navarra como até ambiciona o de França.

- Oh! - exclamou Henrique.

- Sei que assim não é; mas ele acredita-o; e não há dúvida de que é uma cilada a conversação que quer ter com o senhor.

- Uma cilada?

- Sim; Carlos, antes de morrer, quer saber o que tem de receber ou de esperar do senhor; e da resposta que der aos seus oferecimentos, atenda bem, dependerão as suas derradeiras ordens, isto é, a sua vida ou a sua morte.

- Mas então que me há-de ele oferecer?

- Como o hei-de eu saber? Provavelmente coisas impossíveis.

- Mas enfim, não conjectura, minha mãe?

- Não, mas suponho, por exemplo.

- O quê?

- Suponho que, acreditando nas suas vistas ambiciosas, queira da sua =própria boca ter a prova dessa ambição. Suponha que ele o =tenta, como outrora se tentavam os culpados, para, sem tormentos, =provocar uma confissão; suponha - continuou Catarina, cravando os =olhos em Henrique - que lhe oferece o governo duma província, até =mesmo a regência.

Indizível alegria se derramou no coração oprimido de Henrique; =adivinhandos, porém, o golpe, essa alma vigorosa e sagaz repeliu o =ataque.

- A mim? - disse ele - a cilada seria por de mais grosseira; a mim, a =regência, quando estão aí a senhora e meu irmão de =Alençon?

Catarina mordeu os beiços para disfarçar a sua =satisfação.

- Então - disse com vivacidade - renuncia à regência?

O rei está morto - disse consigo Henrique - e é ela quem me =está armando uma cilada. Depois, levantando a voz:

- É necessário, antes de tudo, que eu ouça o rei de França - =respondeu - pois, pela sua própria declaração, minha Senhora, =tudo que dissermos não será senão uma suposição.

- Sem dúvida - disse Catarina -, mas sempre pode responder pelas

suas =intenções.

410

- Ora - disse inocentemente Henrique - eu não tenho pretensões,
=não tenho intenções.

- Isso não é responder - disse Catarina, sentindo que o tempo
=urgia e deixando-se levar pela sua cólera. - Sim, ou não? Fale
=claro.

- Não posso responder sim ou não a suposições; uma =resolução
positiva é coisa tão difícil, e sobretudo =tão séria, que, para
tomá-la, cumpre esperar pela =realidade.

- Ouça, Senhor - disse Catarina -, não há tempo a perder e
=perdemo-lo em inúteis discussões, em recíprocas astúcias;
=joguem os nosso jogo como rei e como rainha; se aceitar a
regência, =morre.

O rei ainda vive! disse consigo Henrique.

E, levantando a voz, disse com firmeza:

- Minha Senhora, Deus tem na Sua mão a vida dos homens e dos reis;
=Ele inspirar-me-á. Digam a Sua Majestade que estou pronto a ir
à =sua presença.

- Reflecta, Senhor.

- Há dois anos que estou proscrito, há um mês que estou preso -
=respondeu Henrique com gravidade -, tive tempo de reflectir,
minha =Senhora, e reflecti. Tenha pois a bondade de prevenir

el-rei de que =já desço. Esses dois bravos - acrescentou apontando para as duas =sentinelas - guardar-me-ão para que não fuja; além de que =não tenho semelhante tenção.

Havia tanta firmeza nas palavras de Henrique, que Catarina bem viu que =todas as suas tentativas, debaixo de qualquer forma que as =disfarçasse, nada venceriam; desceu, pois, precipitadamente. Apenas ela desapareceu. Henrique chegou-se ao parapeito e fez a de Mouy =um sinal que queria dizer: Aproximem-se e estejam prontos para qualquer =eventualidade.

De Mouy, que se havia apeado, saltou para a sela e, puxando o segundo =cavalo, veio a galope postar-se a dois alcances de mosquete do =torreão.

Henrique agradeceu-lhe com um gesto e desceu.

No primeiro degrau achou os dois soldados que o esperavam.

À entrada dos pátios estava uma guarda reforçada de =suíços e de cavalaria ligeira; era necessário atravessar uma =fileira dobrada de partasanas para entrar na fortaleza e sair dela.

Catarina tinha parado aí e esperava.

Fez sinal aos dois soldados que acompanhavam Henrique que se retirassem =e, pondo-lhe a mão no braço, disse:

- Este pátio tem duas portas; nesta, que vê detrás do aposento =do rei, se rejeitar a regência, achará um bom cavalo e a =liberdade; nesta, pela qual acaba de passar, achará, se der

ouvidos = à ambição. Que diz?

- Digo que, se o rei me fizer regente, minha Senhora, serei eu quem = dará as ordens aos soldados e não a senhora. Digo que, se sair da = fortaleza à noite, todas essas alabardas, partasanas e mosquetes = abaixar-se-ão diante de mim.

- Louco! - exclamou Catarina desesperadíssima - não jogue com = Catarina o terrível jogo da vida e da morte.

- E porque não? - disse Henrique, cravando os olhos em Catarina.

- E = porque não, se até agora tenho ganho?

- Entre no quarto do rei, Senhor, já que nada quer ouvir, e em nada = quer acreditar - disse Catarina, mostrando-lhe com uma das mãos a = escada, enquanto com a outra pegava num dos punhais envenenados que = sempre trazia nessa bainha de couro preto que se tornou = histórica.

- Passe adiante, minha Senhora - disse Henrique -, enquanto eu não = for regente, pertencem-lhe as honras da precedência.

Adivinhadas todas as suas intenções, Catarina não procurou mais = lutar e passou adiante.

LXIV

A REGÊNCIA

O rei começava a impacientar-se; tinha mandado entrar no quarto o Sr. =de Nancey e ia dar-lhe ordem que fosse buscar Henrique, quando este =apareceu.

Vendo o cunhado aparecer no limiar da porta, Carlos deu um grito de =alegria e Henrique ficou assombrado como se se visse diante dum =cadáver.

Os dois médicos que estavam ao lado do rei retiraram-se; o padre que =vinha exortá-lo a morrer como cristão, seguiu o exemplo deles.

Carlos IX não era amado, e entretanto chorava-se muito nas =antecâmaras. Quando morrem os reis, como quer que tenham sido, há =sempre pessoas que perdem alguma coisa e que receiam não conseguir =essa alguma coisa do seu sucessor.

Esse luto, esses soluços, as palavras de Catarina, o sinistro e =majestoso espectáculo dos últimos momentos dum rei; enfim, a vista =do próprio rei, vítima duma enfermidade que depois se tem =reproduzido, mas de que ainda não tinha exemplos a ciência, =produziram no espírito de Henrique, ainda fácil de receber =impressões, tão terrível efeito que, apesar da sua =resolução de não causar novas inquietações a Carlos =acerca do seu estado, não pôde, como dissemos, reprimir o =sentimento de terror que se

lhe desenhou no rosto ao ver esse moribundo =todo deitando sangue.

Carlos sorriu com tristeza. Não escapam aos moribundos as

=impressões dos que o cercam.

- Venha cá, Henriquinho - disse Carlos, estendendo a mão ao

=cunhado, com uma voz tão meiga que Henrique até então nunca lhe

=conhecera -, venha cá; creia que sofreria muito se o não visse.

=Afligi-o muito na minha vida, meu pobre amigo, e estou agora

=arrependido, pode crer-me. Às vezes prestei as mãos aos que o

=atormentavam; mas um rei não é senhor dos acontecimentos; e,

=além de minha mãe Catarina, além de meu irmão de Anjou, =além

de meu irmão de Alençon, tive sempre acima de mim, =enquanto vivi,

uma coisa extremamente incómoda, que cessa no dia em =que estou

para morrer: a razão de Estado.

- Senhor - balbuciou Henrique -, já de nada me lembro senão do

=amor que sempre tive a meu irmão, do respeito que sempre tributei

ao =meu rei.

- Sim, sim, tens razão - disse Carlos - e agradeço-te o falares

=assim, Henriquinho; pois na verdade sofreste muito no meu

reinado, sem =contar que foi no meu reinado que morreu tua pobre

mãe. Mas havias de =saber que me impeliam. Às vezes resisti; e

também às vezes, =cansado, cedi. Mas tu disseste: não falemos mais

do passado; agora =é o presente que me urge, é o futuro que me assusta.

E falando assim, o mísero rei escondeu com as mãos descarnadas

o =lívido rosto. E depois dum momento de silêncio, sacudindo a testa =como para expelir essas tristes ideias, e orvalhando de sangue tudo que =estava ao pé dele, disse:

412

- É necessário salvar o Estado - continuou com voz baixa,

=inclinando-se para Henrique

-, é preciso evitar que caia nas mãos dos fanáticos e das

=mulheres.

Carlos, como acabámos de dizer, proferiu estas palavras em voz

baixa, =e entretanto Henrique julgou ouvir por detrás da cama uma

como =abafada exclamação de cólera. Talvez alguma aberta feita

na =parede, sem que o soubesse o próprio Carlos, facultasse a

Catarina =ouvir essa importante conversação.

- Das mulheres? - tornou o rei de Navarra, querendo provocar uma

=explicação.

- Sim, Henrique; minha mãe quer a regência enquanto não chega =meu

irmão da Polónia. Ouve, porém, o que te digo: ele não =há-de

voltar.

- Como! não há-de voltar? - exclamou Henrique, cujo coração

=pulava de concentrada alegria.

- Não - prosseguiu Carlos -, os seus súbditos não o deixarão =sair.

- Mas - disse Henrique -, acredita, meu irmão, que a rainha-mãe

=não lhe há-de já ter escrito?

- Decerto; porém Nancey surpreendeu o correio em Château-Thierry e trouxe-me a carta; dizia nessa carta que eu estava para morrer.

Mas eu também escrevi para Varsóvia; e por efeito da minha carta, que decerto há-de lá chegar, meu irmão será vigiado. Muito provavelmente, pois, Henrique, o trono vai ficar vago.

Outro estremecimento, ainda mais sensível do que o primeiro, se fez ouvir na alcova.

Está visto - disse Henrique - ela está

ali escutando e esperando!

Carlos nada ouviu.

- Ora - prosseguiu - eu morro sem herdeiro varão.

Aqui parou o monarca; suave pensamento lhe alumiou o rosto e, pondo a mão no ombro do rei de Navarra, disse:

- Ah! lembras-te, Henriquinho, lembras-te desse pobre menino que mostrei uma noite, dormindo no seu berço de seda, embalado por um anjo? Ai, Henriquinho, não-de matar-mo!

- Oh! Senhor! - exclamou Henrique, cujos olhos se humedeceram de lágrimas - juro-lhe diante de Deus que empregarei os meus dias e as minhas noites em protegê-lo. Ordene, meu rei.

- Obrigado, Henriquinho, obrigado! - disse o rei com uma expansão que estava longe do seu gênio, mas que era devida à situação.

- Aceito a tua palavra. Não faças dele rei; felizmente não nasceu

para o trono. mas faz dele um homem feliz. Deixo-lhe alguma riqueza; tem a nobreza de sua mãe, a do coração. Talvez melhor

lhe seja que =o destinem para o estado eclesiástico: inspiraria
então menos =receio. Oh! parece-me que morreria, senão feliz, ao
menos tranquilo, =se tivesse aqui para me consolar os afagos do
filho e o meigo rosto da =mãe.

- Senhor, pois não pode mandá-los buscar?

- Ah! desgraçados! não sairiam daqui vivos!. Eis a condição =dos
reis, Henriquinho; nem podem viver nem morrer à sua vontade! Mas
=depois da tua promessa estou mais sossegado.

Henrique reflectiu.

- Sim, sem dúvida, meu rei, prometi; mas poderei cumprir?

- Que queres dizer?

- Eu próprio não me verei proscrito, ameaçado como ele, e =até
mais do que ele? Eu sou um huguenote, e ele uma criança.

- Enganas-te - respondeu Carlos -, morrendo eu, serás forte e
=poderoso; e aqui tens o que te dará força e poder.

Então o moribundo tirou da cabeceira um pergaminho.

- Toma - disse-lhe ele.

Henrique percorreu a folha revestida com o selo real.

- A regência a mim, Senhor? - disse empalidecendo de alegria.

413

- Sim, a ti, a regência, até que volte o duque de Anjou; e como
=provavelmente o duque não há-de voltar, não é a regência, =é o
trono que te dá esse documento.

- O trono a mim? - disse Henrique.

- Sim - disse Carlos -, a ti, o único, e, mais ainda, o único =capaz de governar esses fidalgos, essas mulheres perdidas que vivem no =meio do sangue e das lágrimas. Meu irmão de Alençon é um =traidor, e há-de ser traidor a todos. Deixa-o no torreão para onde =o mandei. Minha mãe há-de querer matar-te: desterra-a. Daqui a =três meses ou quatro, ou talvez um ano, deixa Varsóvia meu =irmão de Anjou e vem disputar-te o poder: responde-lhe com um breve =do papa; já arranjei esse negócio pelo meu embaixador, o duque de =Nevers, e daqui a poucos dias receberás o breve.

- Sim, meu rei.

- Receia só uma coisa, Henrique: a guerra civil; mas, permanecendo =converso, evita-la; pois o partido huguenote não tem consistência =senão pondo-te à sua frente; o Sr. de Condé não tem =importância para lutar contigo. A França é um país de =planícies, portanto um país católico. O rei de França deve =ser rei dos católicos e não o rei dos huguenotes, pois o rei de =França deve ser o rei da maioria. Dizem que eu tenho remorsos de =haver ordenado o S. Bartolomeu; dúvidas, sim; remorsos, não. Dizem =que estou pagando o sangue huguenote com o sangue que me sai por todos =os poros; eu sei o que me sai pelos poros: é arsénio, e não =sangue.

- Oh meu rei! que me diz?

- Nada. Se a minha morte deve ser vingada, Henriquinho, só por Deus o =há-de ser. Não falemos mais dela senão para prever as suas =consequências. Deixo-te um bom parlamento e um exército =experimentado; apoia-te no exército contra os teus únicos =inimigos: minha mãe e o duque de Alençon.

Neste momento ouviu-se no vestibulo uma bulha abafada de armas e de =comandos militares.

- Estou morto! - disse a meia voz Henrique.

- Temes? hesitas? - disse Carlos inquieto.

- Eu, senhor? - replicou Henrique. - Não, nem temo nem hesito: =aceito! Carlos apertou-lhe a mão. E como nesse momento se chegava =para ele a ama, trazendo uma beberagem que acabava de preparar no quarto =contíguo, sem atender a que tão ao pé dela se de cidia da sorte =da França:

- Chama minha mãe - disse o rei -, e manda também chamar o Sr. de =Alençon.

LXV

O REI MORREU: VIVA O REI!

Lívidos de susto e trémulos de furor, Catarina e o duque de Alençon entraram alguns minutos depois. Como Henrique havia adivinhado, Catarina sabia tudo e tudo tinha dito em poucas palavras a Francisco. Deram alguns passos e pararam esperando. Henrique estava de pé à cabeceira da cama de Carlos.

O rei, ignorando o que acabava de se passar, declarou-lhes a sua vontade.

- Minha Senhora - disse para a mãe -, se eu tivesse um filho, minha mãe seria regente, e em sua falta o rei da Polónia, e na falta desse, o meu irmão Francisco. Não tenho, porém, filho, e depois de mim pertence o trono a meu irmão o duque de Anjou, que está ausente. Como qualquer destes dias há-de ele vir reclamar este trono, não quero que ache em seu lugar quem possa, com direitos quase iguais, disputar-lhe os seus, e portanto exponha o reino a guerras de pretendentes. Eis por que a não nomeio regente, minha Senhora, pois teria que decidir-se entre os seus dois filhos, o que seria doloroso para o seu coração de mãe. Eis também por que não escolho o meu irmão Francisco, porque pode este dizer ao seu mais velho: Tinhas um trono, porque o deixaste? Por isso escolhi um regente que possa receber em depósito a coroa, que a conserve nas mãos e a não ponha na cabeça. Esse regente -

cumprimente-o, minha Senhora, =cumprimente-o, meu irmão - esse regente é o rei de Navarra!

E com um gesto de mando supremo, saudou Henrique com a mão.

Catarina e de Alençon fizeram um movimento que mais parecia um =estremecimento nervoso do que cumprimento.

- Tome, Senhor Regente - disse Carlos ao rei de Navarra -, aqui

tem o =pergaminho que até à volta do rei da Polónia lhe confere o =comando dos exércitos, as chaves do Tesouro, o direito e o poder

=régio.

Catarina devorava Henrique com os olhos; Francisco estava tão

=trémulo que mal se tinha em pé; mas a fraqueza dum e a firmeza

do =outro, em vez de tranquilizar, mostravam-lhe o perigo

presente, em pé =e ameaçador.

Henrique não fez por isso menos violento esforço, e, subjugando

=todos os seus receios, tomou o pergaminho das mãos do rei, e,

=erguendo-se altivo, fitou em Catarina e em Francisco um olhar

que queria =dizer: Cuidado! sou o seu senhor.

Catarina compreendeu esse olhar.

- Não, não! - disse ela - nunca a minha raça dobrará a =cabeça

ao jugo de raça estranha; nunca, enquanto houver um Valois,

=reinará em França um Bourbon.

- Minha mãe! minha mãe! - exclamou Carlos IX, levantando-se do

=leito ensanguentado mais pavoroso do que nunca - cuidado! sou

ainda rei; =não por muito tempo, bem sei, mas por

tempo bastante para dar uma ordem; nem muito é preciso para castigar =assassinos e envenenadores.

- Pois dê essa ordem se se atreve; eu vou dar as minhas. Venha, =Francisco, venha. E saiu rapidamente, levando consigo o duque de =Alençon.

- Nancey! - exclamou Carlos - Nancey! mando, quero! Nancey, prenda minha =mãe, prenda meu irmão, prenda!.

Uma golfada de sangue cortou a palavra a Carlos no momento em que o =capitão das guardas abria a porta e o rei arfava no leito.

Nancey tinha somente ouvido o seu nome; as ordens que o tinham =acompanhado, proferidas em voz menos distinta, perderam-se na =distância.

- Guarde a porta - disse Henrique -, e não deixa entrar pessoa =alguma. Nancey inclinou-se e saiu.

Henrique fitou os olhos nesse corpo inanimado, que se poderia tomar por =um cadáver se leve sopro não agitasse a franja de espuma que lhe =cobria os lábios.

=760Contemplou-o muito tempo; depois, falando =consigo mesmo:

Eis o momento supremo - disse - devo reinar? devo =viver?

No mesmo instante, o reposteiro da alcova ergueu-se, =uma pálida cabeça apareceu e uma voz vibrou no silêncio de =morte que reinava nessa régia câmara.

- Viva! - disse essa voz.

- Renato! - exclamou Henrique.

- Sim, meu rei.

- A tua predição era então falsa? Não hei-de reinar?

- Há-de reinar; mas ainda não é chegada a hora.

- Como o sabes? Fala, para que eu veja se te devo acreditar.

- Ouça.

- Estou escutando.

- Abaixese.

Henrique inclinou-se por cima do corpo de Carlos; Renato também

se inclinou. Só os separava a largura da cama, e essa distância

ainda tinha diminuído com a inclinação dos dois corpos.

Entre ambos estava deitado, sem voz nem movimento, o corpo do rei

moribundo.

- Escute - disse Renato -, posto aqui pela rainha-mãe para

perdê-lo, antes quero servi-lo, pois tenho confiança no seu

horóscopo, e servindo-o, acho ao mesmo tempo o interesse do meu

corpo e da minha alma.

- Foi a rainha-mãe quem te mandou dizer isso? - perguntou Henrique

cheio de dúvida e de angústia.

- Não - disse Renato -, mas oiça um segredo.

E inclinou-se ainda mais; Henrique fez outro tanto, de modo que

quase se tocavam as suas cabeças.

Essa conversação de dois homens, assim curvados sobre o corpo dum
=rei moribundo, tinha algo de tão sinistro, que os cabelos do
=supersticioso florentino estavam arrepiados, e um suor
abundante =aljofrava o rosto de Henrique.

- Escute - disse Renato -, é um segredo que só eu sei, e que lhe
=revelo se me jurar sobre este moribundo que me perdoa a morte
de sua =mãe.

- Já uma vez to prometi - disse Henrique, cujo rosto se anuviou
de =tristeza.

- Prometeu, mas não jurou - disse Renato, fazendo um movimento
para =trás.

- Pois juro - disse Henrique, estendendo a mão direita sobre a
=cabeça do rei.

- Pois saiba - disse precipitadamente o florentino - que está a
=chegar o rei da Polónia.

- Não pode ser! - disse Henrique. - O correio foi aprisionado pelo
=rei Carlos.

416

- O rei Carlos aprisionou um na estrada de Château-Thierry; porém,
=a rainha-mãe, previdente, tinha mandado três, por três estradas
=diversas.

- Oh! que desgraçado que eu sou! - disse Henrique.

- Um mensageiro chegou esta manhã de Varsóvia. O rei devia-o

=seguir sem que pessoa alguma em Varsóvia o procurasse estorvar,
pois =lá não era sabida a enfermidade do rei. Só vem precedendo
=algumas horas Henrique de Anjou.

- Oh! se eu tivesse uns oito dias!.

- Pois sim, mas não tem nem oito horas. Não ouviu o ruído das =armas
que se carregavam?

- Ouvi.

- Essas armas foram carregadas contra Vossa Majestade. Hão-de vir
=matá-lo aqui, no quarto do rei.

- O rei ainda não morreu.

Renato olhou atento para Carlos.

- Daqui a dez minutos estará morto. Tem, pois, só dez minutos,
ou =ainda menos, de vida.

- Então que devo fazer?

- Fuja sem perder um minuto, um segundo.

- Mas por onde? Se me esperam na antecâmara, matar-me-ão quando
eu =sair!

- Escute; tudo arrisco para o servir, não o esqueça.

- Não o esquecerei.

- Acompanhe-me por aquela passagem secreta, levá-lo-ei até uma
=porta falsa. Depois, para lhe dar tempo, irei dizer à rainha que
=Vossa Majestade descobriu essa passagem secreta e se aproveitou
dela. =Venha, venha depressa.

Henrique inclinou-se para Carlos e beijou-lhe a testa.

- Adeus, meu irmão; nunca me hei-de esquecer de que o teu último =desejo foi que eu te sucedesse; que a tua última vontade foi fazer-me =rei. Morre em paz. Em nome de meus irmãos, perdoo-te o sangue que =derramaste.

- Cuidado! - disse Renato - ele volta a si; Fuja antes que abra os =olhos.

- Ama! - disse Carlos em voz baixa - ama!

Henrique tirou do lado da cabeceira do rei a espada, que já lhe era =inútil, meteu no peito o pergaminho que o constituía regente, =beijou outra vez a testa de Carlos, deu uma volta em torno da cama e =precipitou-se pela abertura, que Renato logo fechou.

- Ama! - chamou o rei com voz mais forte - ama!

A boa velha chegou pressurosa.

- Ama - disse o rei, com as pálpebras abertas e os olhos dilatados =pela terrível fixidade da morte -, deve-se ter passado alguma coisa =enquanto eu dormia. Vejo uma grande luz. vejo Deus Nosso Senhor. vejo =Jesus Cristo. vejo a bendita Virgem Maria. Pedem, suplicam por mim. O =Deus Omnipotente perdoa-me. chama-me. Meu Deus! Meu Deus! recebei-me na =Vossa misericórdia. Meu Deus! esquecei-Vos de que fui rei, pois vou =ter conVosco sem ceptro nem coroa. Meu Deus! esquecei-Vos dos crimes do =rei, para só Vos lembrades dos sofrimentos do homem. Meu Deus! aqui =estou.

E Carlos, que, à medida que ia proferindo estas palavras, se tinha
=levantado mais e mais, como para ir adiante da voz que o chamava,
deu um =suspiro e caiu imóvel e frio nos braços da ama.

A esse tempo, e enquanto os soldados, por ordem de Catarina, se
dirigiam =para a passagem de todos conhecida, pela qual devia sair
Henrique, =Renato levava-o pelo corredor secreto. Chegando à
porta falsa, =Henrique saltou no cavalo que o esperava e
dirigiu-se a galope para o =lugar onde sabia que estava de Mouy.

De repente, ao som do cavalo, cujo galope era atraído pela
=calçada sonora, voltaram-se algumas sentinelas gritando:

417

- Foge! foge!

- Quem? - perguntou a rainha-mãe chegando a uma janela.

- O rei Henrique! o rei de Navarra! - responderam as sentinelas.

- Fogo! - disse Catarina - mandem-lhe uma bala!

As sentinelas obedeceram; mas Henrique já estava longe.

- Foge! - disse a rainha-mãe - portanto, está vencido.

Fogo! - disse consigo o duque de Alençon - portanto, estou rei.

Porém, no mesmo instante, estando ainda à janela Francisco e sua

=mãe, a ponte levadiça estalou sob os passos de cavalos; e,

=precedido por um retinir de armas e grande alarido, um mancebo

a galope, =com o chapéu na mão, entrou no pátio, gritando - França!

- =Acompanhavam-no quatro fidalgos, cobertos como ele de poeira,

de suor e =espuma.

- Meu filho! - exclamou Catarina, estendendo os braços pela janela
=fora.

- Minha mãe! - respondeu o mancebo, apeando-se.

- Meu irmão de Anjou! - exclamou Francisco, assombrado e
=recuando.

- Será tarde? - perguntou Henrique de Anjou à mãe.

- Não; pelo contrário, é tempo, e não terias chegado mais
=oportunamente se Deus te houvesse trazido pela mão; olha e ouve.

Com efeito, o Sr. de Nancey, capitão das guardas, dirigia-se para
a =janela do quarto do rei. Todos os olhares se cravaram nele.

Quebrou uma vara em dois pedaços e, com os braços estendidos,
=tendo em cada mão um desses pedaços, disse:

- O rei Carlos IX morreu! o rei Carlos IX morreu! o rei Carlos
IX =morreu! E deixou cair os dois pedaços da vara.

- Viva o rei Henrique III! - gritou então Catarina, persignando-se
=com piedosa gratidão

- viva o rei Henrique III!

Todas as vozes repetiram esse grito, menos a de Francisco.

Ah! ela zombou de mim! disse ele rasgando o peito com as unhas.

- Venci! - disse Catarina - esse hediondo bearnês não há-de
=reinar!

LXVI

EPÍLOGO

Tinha passado um ano depois da morte do rei Carlos IX e da ascensão =ao trono do sucessor; o rei Henrique III, que felizmente reinava por =graça de Deus e de sua mãe Catarina, tinha ido a uma procissão =em honra de Nossa Senhora de Cléry.

Fora a pé com a rainha sua mulher e toda a corte.

O rei Henrique III podia bem entregar-se a esse passatempo; nenhum =cuidado sério o preocupava nessa ocasião. O rei de Navarra estava =em Navarra, onde por muito tempo tinha desejado ver-se; e, segundo =diziam, ocupava-se muito com uma formosa dama dos

Montmorency, a quem =chamava a Fosseuse. Margarida estava na sua companhia, triste e =melancólica, e achando unicamente nas belas montanhas, não uma =distracção, mas um alívio às duas grandes dores da vida: a =ausência e a morte.

Paris estava muito sossegado, e a rainha-mãe, verdadeira regente =desde que o rei era o seu predilecto Henrique, aí residia, ora no =Louvre, ora no Palácio de Soissons, situado no lugar que é hoje =coberto pelo mercado do trigo, e do qual apenas subsiste a elegante =coluna que ainda hoje lá se vê.

Estava ela uma noite ocupadíssima em estudar os astros com Renato, =cujas traiçõezinhas ela sempre ignorou, e que havia sido bem =acolhido em paga do perjúrio com que mandara à morte Cocunás e =La Mole, quando lhe vieram dizer que a esperava no seu oratório

um =homem que pretendia comunicar-lhe objecto da maior importância.

Desceu precipitada, e achou o Sr. de Maurevel.

- Ele está em Paris! - exclamou o antigo capitão, sem deixar tempo

=a Catarina para lhe dirigir a palavra.

- Ele quem? - perguntou Catarina.

- Quem quer que seja, minha Senhora, senão o rei de Navarra?

- Aqui? - disse Catarina - aqui. ele. Henrique? e que vem fazer?

=imprudente!

- Pelas aparências, vem ver a Sr de Sauve, mais nada. Pelas

=probabilidades, vem conspirar contra o rei.

- Mas como sabes que ele está em Paris?

- Vi-o ontem entrar para uma casa, e daí a pouco veio ter com ele

a =Sr.a de Sauve.

- Estás certo de que era ele?

- Esperei-o até que saísse, isto é, parte da noite. Às =três horas,

os dois amantes retiraram-se, levando o rei a Sr de Sauve =até

às grades do Louvre. Aí, por favor do almoxarife, que sem =dúvida

lhes dá as mãos, recolheu-se ela sem obstáculo, e o =rei voltou,

cantarolando uma ária, e com tanto desembaraço como se =estivesse

nas suas montanhas.

419

- E para onde foi?

- Para a Rua da Árvore Seca, hospedaria da Estrela Brilhante, a mesma =em que residiam os dois feiticeiros que Vossa Majestade mandou castigar =no ano passado.

- Porque me não vieste dizer isso imediatamente?

- Porque ainda não estava bem certo.

- E agora?.

- Agora, estou.

- Viste-o?

- Perfeitamente. Estava emboscado numa taberna vizinha; vi-o

primeiro =entrar na mesma casa que na véspera; depois, como a Sr.a de Sauve se =demorasse, chegou imprudentemente a cara à vidraça

duma janela do =primeiro andar; desta vez não tive mais dúvida.

Daí a um =momento, chegou a Sr.a de Sauve.

- Julgas que ficarão, como a noite passada, até às três =horas da manhã?

- É provável.

- E onde é essa casa?

- Perto da Cruz dos Pequenos Campos, próximo a Santo Honorato.

- Bem - disse Catarina. - O Sr. de Sauve não conhece a tua letra?

- Não.

- Senta-te aqui e escreve.

Maurevel obedeceu, e tomando uma pena, disse:

- Estou pronto, minha Senhora.

Catarina ditou:

Enquanto o barão de Sauve está de serviço no Louvre, a baronesa
=está com um dos seus amantes numa casa próxima da Cruz dos
=Pequenos Campos perto de Santo Honorato. O barão reconhecerá a
=casa por uma cruz vermelha que há-de estar na parede.

- E agora? - perguntou Maurevel.

- Tira uma cópia dessa carta.

Maurevel obedeceu passivamente.

- Agora - disse a rainha -, manda uma dessas cartas por homem
jeitoso ao =barão, e que esse homem deixe cair a outra nos
corredores do =Louvre.

- Não compreendo - disse Maurevel.

Catarina levantou os ombros.

- Então não compreendes que um marido que recebe semelhante carta
=se há-de exaltar?

- Parece-me que no tempo do rei de Navarra ele não se exaltava.

- Podem-se consentir certas coisas a um rei, e não a outra pessoa.

=Além de que, se ele se não exaltar, exaltas-te tu em lugar =dele.

- Eu?

- Sim, tu; arranja quatro homens (seis se forem precisos); põe
=máscara, arromba a porta, como se fosses mandado pelo barão,
=surpreende os amantes a sós, procede em nome do marido; e amanhã,
=o bilhete perdido no corredor do Louvre e achado por alguma alma
=caridosa, que já o teria feito circular, atestará que foi o

marido =quem se vingou. Somente o acaso fez que, em vez dum qualquer, fosse o =amante o rei de Navarra; mas quem podia adivinhá-lo, quando todos o =julgam em Pau?.

Maurevel, olhando com admiração para Catarina, inclinou-se e =saiu.

Ao mesmo tempo que Maurevel saía do Palácio de Soissons, entrava a =Sr.a de Sauve na casinha da Cruz dos Pequenos Campos.

421

Esperava-a Henrique com a porta entreaberta.

Logo que a viu na escada, disse-lhe:

- Não foi acompanhada?

- Não, ao menos que eu saiba - disse Carlota.

- É que eu julgo que o fui - disse Henrique -, não só a noite =passada como esta tarde toda.

- Oh! meu Deus! - disse Carlota - quem seria? Como fico assustada!.

Se =uma prova de amizade dada por Vossa Majestade à sua velha amiga =tivesse de vir a ser-lhe nociva, não me consolaria por certo.

- Sossegue, minha amiga - disse o Bearnês -, temos três espadas =que nos defendem e que estão vigilantes.

- Três? é bem pouco, meu Senhor.

- Bastam, quando estão nas mãos de de Mouy, Saucourt e =Bartolomeu.

- Então de Mouy veio com Vossa Majestade a Paris?

- Por certo.

- Ateveu-se a voltar à capital? Então tem ele também, como =Vossa Majestade, alguma pobre mulher louca de amores?

- Não; mas tem um inimigo cuja morte jurou. Só o ódio, minha =cara, pode levar-nos a fazer tantas loucuras como o amor.

- Obrigada, meu Senhor.

- Oh! não digo isto pelas actuais loucuras: falo em atenção =às loucuras passadas e futuras. Mas não discutamos, pois não =temos tempo a perder.

- Então está decidido a partir?

- Esta mesma noite.

- Os negócios que o trouxeram a Paris já estão =concluídos?

- Só vim vê-la; não tenho negócios.

- Mentiroso!

- Juro-lho, minha amiga: digo-lhe a pura verdade; mas, esqueçamos =essas recordações; tenho ainda duas ou três horas de =felicidade, e depois a eterna separação.

- Ah! meu Senhor! eterno, só o meu amor.

Henrique acabava de dizer que não tinha tempo para discutir; e por =isso não discutiu; acreditou, ou, céptico como era, fingiu =acreditar.

Entretanto, como o havia dito o rei de Navarra, de Mouy e os seus dois =companheiros estavam ocultos nas proximidades da casa.

Estava ajustado =que em vez de sair às três horas sairia à meia-noite; que =iriam, como na véspera, acompanhar a Sr.a de Sauve ao Louvre; e que =daí se dirigiriam à Rua do Cerejal, onde morava Maurevel.

Só na manhã deste mesmo dia tinha tido de Mouy notícia certa da =casa em que morava o seu inimigo.

Estavam pois de vigia havia cerca de uma hora, quando viram um homem, =acompanhado a pouca distância por outros cinco, aproximar-se da porta =da casinha e experimentar na fechadura diversas chaves.

Ao vê-lo, de Mouy, escondido no vão duma porta próxima, deu um =salto do seu esconderijo para esse homem e agarrou-lhe no braço.

- Espere um pouco, aqui não se entra.

O homem deu um salto para trás, e no salto caiu-lhe o chapéu.

- De Mouy de Saint-Phale! - exclamou.

- Maurevel! - uivou o huguenote levantando a espada. - Eu procurava-te; =vieste ter comigo: obrigado!

422

Mas a cólera não lhe fez esquecer Henrique; e voltando-se para a =janela, deu um assobio à moda dos pastores bearneses.

- Basta isto - disse para Saucourt. - Agora é comigo, assassino!

é =comigo! E lançou-se sobre Maurevel.

Este teve tempo de tirar do cinto uma pistola.

- Ah! desta vez - disse o matador do rei, preparando a arma -
desta vez =estás morto. E desfechou o tiro. De Mouy desviou-se
para a esquerda, =e a bala passou sem lhe tocar.

- Agora eu! - disse o mancebo.

E deu-lhe tão violento golpe com a espada, que, embora encontrasse
o =cinto de couro, a aguda ponta atravessou o obstáculo e
embebeu-se nas =carnes.

O assassino deu um grito feroz arrancado por tão profunda dor,
que os =esbirros que o acompanhavam, julgando-o ferido de morte,
fugiram =espavoridos pela Rua de Santo Honorato.

Maurevel não era valente; vendo-se abandonado pelos seus, e tendo
=diante de si um adversário como de Mouy, procurou também fugir
=pelo mesmo caminho que eles tinham seguido, gritando:

- Quem me acode!

Levados pelo seu ardor, de Mouy, Saucourt e Bartolomeu correram
sobre =ele. Ao entrarem na Rua de Grenelle, que tinham tomado para
lhe cortar o =caminho, abria-se uma janela, e um homem saltava
do primeiro andar à =rua, regada de fresco pela chuva.

Era Henrique.

O assobio de de Mouy tinha-o avisado da presença do perigo, e o
tiro =de pistola, indicando-lhe que era grave o perigo, chamara-o
em =auxílio dos seus amigos.

Ardente e vigoroso, correu para o lado deles com a espada na mão.

Um grito o guiou: vinha da barreira dos Sargentos. Era de Maurevel, que, =sentindo-se perseguido por de Mouy, chamava outra vez em seu socorro os =seus homens, a quem o terror fazia fugir.

Ou havia de voltar-se, ou ser apunhalado pelas costas.

Maurevel voltou-se, encontrou o ferro do seu inimigo e deu-lhe golpe =tão pronto e tão hábil que lhe atravessou a faixa; de Mouy =respondeu-lhe rapidamente, cravando-lhe a espada de novo nas carnes que =já ferira; então, por dupla chaga, rompeu dobrado jorro de =sangue.

- Está ferido! - gritou Henrique aproximando-se. - A ele, de Mouy! De =Mouy não carecia de exortações; acometeu de novo Maurevel; =porém este não esperou. Pondo a mão esquerda sobre a ferida, =continuou a correr desesperado.

- Mata-o depressa! mata-o! - gritou o rei. - Lá parou a gente dele. e =o desespero dos cobardes não faz muita conta aos bravos.

Maurevel, cujos bofes arrebatavam, cuja respiração assobiava e =que, a cada momento, ia perdendo mais sangue, caiu de súbito exausto; =imediatamente, porém, levantou-se, apresentou a de Mouy a ponta da =espada e bradou aos seus:

- Amigos! amigos! são somente dois; fogo, fogo!

Com efeito, Saucourt e Bartolomeu tinham-se desviado pela Rua dos =Moitões, correndo atrás dos esbirros; e o rei e de Mouy achavam-se =a sós contra quatro homens.

- Fogo! - continuava a bradar Maurevel, enquanto um dos soldados
=preparava o mosquete.

- Sim; mas antes, morre tu, traidor! morre, miserável! vil
=assassino!

E segurando com a mão esquerda no ferro da espada de Maurevel,
com a =direita cravou-lhe a sua de alto a baixo no peito com tanta
força que =o deitou no chão.

- Cuidado! cuidado! - bradou Henrique.

De Mouy deu um pulo para trás, e deixou a espada no corpo de
=Maurevel; um dos esbirros apontava-lhe o mosquete, e ia matá-lo
à =queima-roupa quando Henrique o enfiou com a espada e o fez cair
morto ao =pé de Maurevel, dando um grito agudo.

423

Os outros dois fugiram.

- Vamos, de Mouy, vamos! - gritou Henrique. - Não percamos tempo;
se =formos reconhecidos, estamos completamente perdidos.

- Espere, meu Senhor - disse de Mouy -, pois acha que devo deixar
a =minha espada no corpo deste miserável, deste assassino?

E aproximou-se de Maurevel, que jazia sem movimento; no momento,
=porém, em que o mancebo punha a mão na sua espada, Maurevel
=levantou-se, armado com o mosquete que o esbirro largara ao cair,
e, =à queima-roupa, desfechou-o no peito de de Mouy.

O mancebo caiu sem dar um grito.

Henrique correu sobre Maurevel; mas este tinha também caído, e a espada apenas feriu um cadáver; Cumpria fugir; a bulha tinha atraído grande número de pessoas; a guarda nocturna podia chegar. Henrique procurou entre os curiosos uma cara conhecida, e deu um grito de alegria.

Acabava de reconhecer mestre La Hurière.

Como a cena se passava ao pé da de Trahoir, isto é, defronte da Rua da Árvore Seca, o nosso antigo conhecido, cujo génio naturalmente taciturno ainda mais singularmente se entristecera depois do suplício de La Mole e de Cocunás, os seus dois queridos fregueses, tinha deixado as fomalhas e as caçarolas em que estava preparando a ceia do rei de Navarra e viera ver.

- Meu caro La Hurière, recomendo-lhe de Mouy, bem que receie que nada haja a fazer. Leve-o para sua casa, e se ainda vive, não poupe nada; aqui tem a minha bolsa; quanto ao outro, deixe-o na lama e que apodreça aí como um perro.

- E Vossa Majestade? - disse La Hurière.

- Eu tenho que me despedir duma pessoa; daqui a dez minutos tenha prontos os cavalos. E Henrique pôs-se a correr na direcção da casinha da Cruz dos Pequenos Campos; mas, ao sair da Rua de Grenelle, parou cheio de terror.

Numerosa multidão estava reunida diante da porta.

- Que aconteceu nesta casa? - perguntou Henrique.

- Uma grande desgraça, meu Senhor! - responderam-lhe. - Acaba uma

=linda dama de ser apunhalada pelo marido, a quem haviam mandado um =bilhete em que lhe diziam que a mulher estava com o amante.

- E o marido? - perguntou Henrique.

- Fugiu.

- E a mulher?

- Está lá em cima.

- Morta?

- Ainda não, mas pouco lhe falta.

Oh! que horror! - exclamou Henrique - estou então amaldiçoado!

E =entrou na casa.

O quarto estava cheio de gente; todos cercavam a cama em que jazia a =miserável Carlota, atravessada por duas punhaladas.

O marido, que durante dois anos tinha dissimulado o seu ciúme contra =Henrique, havia aproveitado essa ocasião de se vingar dela.

- Carlota! Carlota! - gritou Henrique, passando por entre a multidão =e caíndo de joelhos ao pé da cama.

Carlota abriu os seus belos olhos já amortecidos e deu um grito que =lhe fez jorrar o sangue pelas duas feridas; depois, fazendo um =esforço para se levantar, disse:

- Oh! bem sabia eu que não havia de morrer sem tornar a vê-lo.

E com efeito, como se somente houvesse esperado por Henrique para lhe =dar essa alma que tanto o amara, encostou-lhe os lábios na

testa e =disse-lhe ainda uma vez:

424

- Amo-te!

E caiu morta.

Toda a demora de Henrique nesta casa inevitavelmente o perdia; tirou o =punhal, cortou um anel dos seus belos cabelos louros, que tantas vezes =desatara para lhes admirar o comprimento, e saiu soluçando no meio =dos soluços dos assistentes, que não podiam ser insensíveis a =tamanhos infortúnios.

- Amigo, e amor! - exclamou Henrique - tudo me deixa, tudo me desampara =ao mesmo tempo!.

- Sim senhor - disse-lhe baixinho um homem que se destacara dos curiosos =reunidos diante da casinha e que o havia acompanhado -; resta-lhe =porém o trono.

- Renato! - exclamou Henrique.

- Sim, meu Senhor: Renato vigilante para o proteger. Deve saber que o =miserável assassino, ao expirar, declarou o nome de Vossa Majestade: =os archeiros procuram-no. Fuja, fuja!

- E dizes que hei-de reinar, Renato? eu, que fujo?

- Olhe, meu Senhor - disse o florentino mostrando ao rei uma estrela que =saía brilhante das dobras duma nuvem negra -, não sou eu que lho =digo, é aquela.

Henrique deu um suspiro e desapareceu na escuridão da noite.

